This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

056.8
R45

STANFORD·VNIVERSITY·LIBRARY
BRANNER BRAZILIAN COLLECTION

RING.

1.° ANNO—TOMO I 1.° FASCICULO 1 DE JANEIRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

		PAG.
I.	**A Revista Brazileira**	1
II.	**Pedro Barqueiro** conto por **AFFONSO ARINOS**	4
III.	**Federação e Republica** por **MEDEIROS E ALBUQUERQUE**, deputado federal	13
IV.	**Machado de Assis** por **ARARIPE JUNIOR**	22
V.	**Historia do Direito Nacional** por **SYLVIO ROMERO**, professor nas faculdades livres de direito	29
VI.	**Estudos de linguistica — I. Os verbos sem sujeito** por **M. SAID ALI**, do Gymnasio Nacional	39
VII.	**A Exposição de Bellas Artes** por **CARLOS PARLAGRECO**, da Escola Nacional de Bellas Artes	47
VIII.	**Bibliographia**	56
IX.	**Noticias de sciencias, letras e artes**	62
X.	**Notas e Observações**	64

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em Janeiro e Julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos Estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Ramiro M. Costa & C., F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** Germano Goeldner—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade

Estados Unidos

REVISTA

BRAZILEIRA

REVISTA

BRAZILEIRA

PRIMEIRO ANNO

TOMO PRIMEIRO

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

1895

Companhia Typographica do Brazil Rua dos Invalidos. 93.

325032

STANFORD LIBRARY

REVISTA BRAZILEIRA

E' esta a terceira publicação que com igual titulo de *Revista Brazileira* vem a lume. E' agradavel acreditar que a insistencia no tentamen de fazer viver um periodico desta especie e com este titulo corresponde a uma necessidade e satisfaz uma aspiração : a necessidade de dar um orgão á vida espiritual brazileira e a aspiração de ser esse orgão, cujos intuitos o titulo repetidamente escolhido por si só define.

A primeira *Revista Brazileira* teve por fundador e principal collaborador um scientista de quem justamente nos podemos desvanecer, Candido Baptista de Oliveira, versadissimo nas sciencias physico-mathematicas e dellas professor notavel. Saío com este titulo : *Revista Brazileira, Jornal de Sciencias Letras e Artes* dirigido por Candido Baptista de Oliveira. Publicação trimensal, Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, Rua dos Invalidos 61 B » Della existem quatro grossos volumes in 8° gr. de 445 paginas em media cada um, sendo o primeiro de 1857 e o 4° de 1861. Esta primeira *Revista Brazileira* foi, como o declara o «Prospecto» do seu director «a transformação de outro jornal do mesmo genero, o *Guanabara*, tomando maiores proporções e passando a ser trimensal.» Comprehendia «em materia de sciencias, letras e artes, tanto os trabalhos de lavra propria como a transcripção de artigos tirados de publicações nacionaes e estrangeiras da mesma indole» cuja leitura pudesse interessar o publico. Teve uma feição talvez demasiado scientifica e technica, que lhe devia certamente estorvar o accesso ao publico. Abundam os seus quatro tomos de artigos de sciencia

pura, que não seriam bemvindos sinão a uma porção de leitores forçosamente escassa. Collaboraram nella os homens do tempo que mais honra fazem á incipiente sciencia nacional: Candido Baptista de Oliveira, F. Burlamaqui, Freire Allemão, Capanema, G. R. Gabaglia, F. A. de Varnhagen. A parte literaria era feita por J. Soares de Azevedo, Porto Alegre, Fernandes Pinheiro e J. Norberto de Souza e Silva.

Em 1879 um grupo de jornalistas, escriptores ou simples amadores das boas letras, composto dos Srs. Nicoláu Midosi, Balduino Coelho, Moreira Sampaio, Franklin Tavora, Borges Carneiro e Candido Rosa, reviveu sinão a publicação desapparecida havia dezoito annos, ao menos o titulo e com elle as intenções de servir á causa do nosso desenvolvimento espiritual. Ainda nos lembramos todos do que foi esta segunda *Revista Brazileira*, do brilho com que se desempenhou da sua tarefa e do muito que fez pelas nossas letras. Durou de 1879 a 1881, deixando dez grossos volumes, que são um attestado da nossa vitalidade mental naquelle periodo. Ha ahi notaveis trabalhos, sempre lidos com prazer e vantagem, dos Srs. Machado de Assis, Sylvio Roméro, Franklin Tavora, R. H. de Souza Bandeira, Luiz Couty, Ramiz Galvão, Manoel de Mello, Alfredo Taunay, Baptista Caetano, Beaurepaire Rohan, Carlos de Laet, Araripe Junior, Macedo Soares e outros. Por um momento, pode-se dizer sem erro, congregou ella o que de melhor havia no Brazil de homens de letras, despertando generosas emulações, provocando vocações, suscitando o apparecimento de escriptores que de todo o paiz lhe traziam a sua collaboração. De suas paginas sairam livros como o *Braz Cubas* do Sr. Machado de Assis, o *José de Alencar* do Sr. Araripe Junior, o *Lourenço* do mallogrado Franklin Tavora, grande parte da *Historia da Literatura Brazileira* do Sr. Sylvio Roméro, o que basta para dizer a influencia benefica desta segunda *Revista Brazileira*, cuja existencia é uma gloria para os que a crearam e com tanta distincção a dirigiram. Infelizmente ao cabo de tres annos suspendeu a publicação.

Saí agora pela terceira vez a *Revista Brazileira*. Não tem com as suas gloriosas antecessoras sinão o laço dos mesmos ideiaes. Como ellas pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Aos seus fundadores parece que é propicia occasião

de dar ao pensamento brazileiro, em todas as suas variadas formas, um meio de expansão. Mais facilmente que o jornal ou o livro, póde a revista recolher de todo o paiz e por todo elle disseminar as manifestações da sua vida espiritual, sendo ao mesmo tempo um centro de convergencia e de irradiação de todas ellas. E assim, sem sair da sua esphera, viria, em a nossa federação nascente, exercer uma funcção social cujo alcance não precisa encarecido, qual a de crear e estreitar entre os estudiosos e escriptores de todo o paiz relações de confraternidade espiritual e de levar por todo elle as vozes daquelles que nas letras, nas sciencias, nas artes são os orgãos do sentir e do pensar nacionaes.

A nova revista tratará todos os assumptos e questões que possam interessar á maioria do publico. O Brazil e as cousas brazileiras merecer-lhe-ão carinhosa preferencia, sem sacrificio, entretanto da indagação e estudo de quanto do estrangeiro nos possa tambem interessar. Este periodo é em a nossa vida nacional de reorganisação politica e social. A *Revista Brazileira* não lhe póde ficar alheia e extranha. As questões constitucionaes. juridicas, economicas, politicas e sociaes em summa, que nos occupam e preoccupam a todos, terão um lugar nas suas paginas. Republicana, mas profundamente liberal, aceita e admitte todas as controversias que não se achem em completo antagonismo com a inspiração da sua direcção. Em Politica, em Philosophia, em Arte não pertence a nenhum partido, a nenhum systema, a nenhuma escola. Pretende simplesmente ser uma tribuna onde todos os que tenham alguma cousa que dizer e saibam dizel-a, possam livremente manifestar-se.

PEDRO BARQUEIRO

(TYPO DO SERTÃO)

A Coelho Netto

« Eu lhe conto » — dizia-me o Flor, quasi ao chegarmos á Cruz de Pedra. « Naquelle tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentoado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma *meia legua*, trochada de aço, que era meu osso da correia. » E, concertando o corpo sobre o lombilho, soltou as redeas á mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sobre a coxa, e apertou na unha do pollegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

« Estavamos um dia divertindo-nos com os ponteados do Adão, á viola. Eu estava recostado sobre os pellegos do lombilho, estendidos no chão. A rapaziada toda em roda. Pouco tinhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

« Eis si não quando entra o patrão, com aquelles modos decididos, e voltando-se para um moço que o acompanhava, disse : « Para o Pedro Barqueiro bastam estes meninos ! » apontando-me e ao Paschoal com o indicador « não preciso bolir nos meus *peitos largos*. O Flor e o Paschoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho. »

«Para que mentir, patrãozinho? o coração me pulou cá dentro e eu disse commigo — estou na unha! O Paschoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Eramos os mais novos dos camaradas, e nunca tinhamos servido sinão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia apparecera na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecel-o e falámo-nos. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, truncudo, pouco falante e desempenado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de aroeira.

«Estou com elle diante dos olhos com aquella roupa azuleja, tingida no Barro Preto; atravessado á cinta um ferro comprido, afiado, alumiando sempre, maior que um facão e menorzinho do que uma espada.

«Esse negro mettia medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguem bolia com elle, mas elle não mexia com os outros. Vivia seu quieto, em seu canto. Um dia pegaram a dizer que elle era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de proa. Queria que lhe tirassem o chapéu e lhe tomassem a benção.

«D'ahi, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puzeram por ter vindo dos lados do rio S. Francisco. Essas historias esquentavam mais o patrão, que eu estava vendo de uma hora para outra extripado no meio da rua, porque era homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

«Tanto eu como Paschoal tinhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

«Subiu de ponto esse nosso receio e a ira do patrão quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abbadia.

«Chegára uma precatoria da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cerco á casa onde elle estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! o crioulo mostrou ahi que canella de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado

nem por isso : só tinha o tal ferro, alumiando sempre; e com esse ferro deu pancas.

«Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarello. Deu frente á porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que elle cochichou uma oração, apertando nos dedos um *bentinho* que branquejava na pelle negra de sua peitaria lustrosa.

«Chegaram a entrar a casa tres homens da escolta, e todos tres ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, escancarou no negro o pinguélo de um clavinote e fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre elle na fumaça da polvora e quando clareou a sala José Pequeno estava escornado no chão como um boi sangrado.

«Dous rapazinhos quizeram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descadeirou um e poz as tripas de fora a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

«D'ahi para cá Pedro evitava andar pela cidade, onde só apparecia de longe em longe, e á noite. Mas, todo o mundo tinha medo delle e vivia adulando-o.

«Um dia, como já lhe contei, appareceu lá em casa um moço pedindo auxilio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro : mas, ha muitos annos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete ao valentão e para isso escolheu a pobre de mim e ao Paschoal.

— Que dizes, Flor? fallou o patrão, rindo-se.

— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

— Quero ver isso.

— Vamos embora, Paschoal!

«Quando iamos a sair, o patrão bateu-me no hombro e, voltando-se para o moço, disse muito firme : «Póde previnir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Hão de dar duzentos mil réis a estes meninos.»

«Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na *meia legua* e no facão e apertei a correia á cinta.

«Paschoal já estava na porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de aperto, assobiar sempre uma trova, que diz assim :

« Na matta de Josué
Ouvi o mutum *gemê* :
Elle geme assim :
Ai-rê-uê, hum! ai-rê! »

Quando Paschoal me viu, soltou uma risada.

— Estás doido, rapaz! gritou-me.

— Porque ?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro ?... Elle faz de nós passoca. A cousa se ha de fazer de outro modo.

«Paschoal tinha tento e eu sempre tive fé nelle. Era um cabritozinho mitrado. Saia-lhe cada ideia... Mandou-me guardar a *meia legua* e o facão. Depois foi á venda, escolheu anzóes de pesca e veiu para casa encastoal-os. Eu nem bico! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Paschoal tinha alguma na mente.

— Deixa a cousa commigo, ajuntava elle.

«Isso ainda era cedo; o sol estava umas tres braças de fora, no tempo dos dias grandes. Lá por casa madrugavamos sempre para ir ao pasto e trazer os animaes de trato.

— «Vamos fazer uma pescaria,» disse-me o Paschoal. «Ali para os lados do Baptista, perto de um baruzeiro grande, ha um poço onde as curumatans e os piáus são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Elle mora só e eu conheço bem o lugar. Pela astucia havemos de prendel-o. Quando eu gritar—segura, Flor! — tu agarras o negro, mas segura rente.

«E fomos. Nessa hora me veiu bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear, porque, tinha como certo succeder-nos alguma. «Que é lá, Flor!» — disse de mim para mim : «Um homem é para outro.» E depois o Paschoal não me deixava nas embiras. Quando descemos o Gorgulho e fomos virando para o lado do corrego fiquei meio serumbatico. Nesse tempo eu andava arrastando a aza á Emilia, filha do José Carapina. Era uma roxa bonita devéras, e não estava muito longe de me querer. Posso dizer mesmo que na vespera olhou muito para mim, ao passar com a saia de chita sarapintada de vermelho, uma chinellas novas de cordovão amarello.

Ah! que peitinho de jaó, patrãozinho! empinado, redondo, macio como um couro de lontra. Com o devido respeito, patrãozinho, eu estava na peia, enrabichado, e foi nesse mesmo dia que ella me deu esta cinta de lan, tecida por suas mãos, que guardo até hoje. Ai! roxa da minha paixão — pensava eu — como hei de morrer assim, fazendo cruz na bocca? O diabo da ideia me atarantou pelo caminho e cheguei a dar tremenda topada numa pedra, no meio da estrada. Curvei-me sobre a perna, agarrei o pé com as mãos e estive assim dansando sem querer, um pedacinho de tempo. Depois, levantei a cabeça. Paschoal sentara num barranco e encarava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima, assumptando. No céo galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo.

«Um vento aspero passava, arrancando do genipapeiro as frutas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãozinhos. Duas seriemas guinchavam, esguelavam. Depois vi que estavam brigando — me lembra como si fosse hoje — e uma avançava para outra dando pulinhos, sacudindo as azas, com o cocuruto arripiado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez — «olha, Flor, o que vais fazer.» Nesse entretanto, o Paschoal, que me encarava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me:

— «Esqueceste a cabeça nalgum lugar? Vamos embora que vai tardando já.»

«Fiquei descochado; caí em mim e fui marchando disposto. D'ahi em diante fui brincando com o Paschoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar. Chegando em baixo, arregaçámos as calças e descemos o corrego, cada um com seu anzól na vara, ao hombro.

«Era preciso que ninguem desconfiasse do nosso conluio para prender o Pedro Barqueiro.

«Ahi, quasi que tinhamos esquecido o perigoso mandado, tão differente andava a conversa com as caçoadas do Paschoal.

«Para encurtar a historia, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha tres divisões: a sala, o quarto delle e a cozinha.

«Quando chegámos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto.

— Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão ali áquelle poço, para baixo da cachoeira. Tem lá uma lage grande e de cima della vocês podem fazer bichas com os piáus.

— «Louvado seja Christo, meu tio!» havia dito o Paschoal, e nisto o imitei.

— Si quizerem comer uma carne assada ao espeto, tirem um naco; está na fumaça, por cima do fogão, uma boa manta. Olhem a faca ahi na sala, si vocês não têm algum caxerenguengue.

«Paschoal entrou e viu recostado a um canto da parede o ferro alumiando. Pegou nelle, saiu pela porta da cozinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois, me assobiou, eu acudi e fui procurar a *lazarina* de Pedro — boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeira.

— Ha alguma jaó por aqui, tio Pedro? perguntou Paschoal.

— Nem uma, nem duas, um lote dellas. Si você quer experimentar minha arma, vá lá dentro e tira-a. Não errando a pontaria você traz agora mesmo uma jaó.

— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

— Pois vá, menino.

«E Paschoal descarregou a arma.

«Pedro tinha se levantado e falava com Paschoal do vão da porta de entrada.

«Era a hora.

«Paschoal me fez um sinalzinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era essa. Emquanto Paschoal o foi entretendo, eu fui chegando soturno, e quando elle gritou — «segura!» — eu pulei como uma onça sobre o negro desprevenido.

«Conheci o que era homem, patrãozinho! Saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoço. Mas o negro não pateteou, e mergulhando commigo para dentro da sala, gritou:

— Nem dez de vocês, meninos! Ah! si eu soubesse....»

«Patrãozinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma garrocha. Mas eu via que si o argasse estava morto, e arrochei os braços. «Chega Paschoal! gritei. — Eu quero manobrar de fora. Animo! Segura bem que nós amarramos o negro.»

«Que tirada de tempo! O negro ás vezes abaixava a cabeça, dando de pópa, e minhas pernas dansavam no ar, tocando quasi o tecto do rancho. Lutámos, lutámos, até que Paschoal poude metter um tolete de pau entre as canellas do Pedro, de modo que elle cambaleou e caiu de bruços. Nós dois pulámos sobre elle. Eu, triumphante, gritava: «Conheceu, crioulo? Negro é homem?» Elle era teimoso, porque dizia ainda: «Nem dez de vocês, meninos! Ah! si eu soubesse...»

«Paschoal trazia á bandoleira um embornal para carregar peixe e veiu dentro delle escondida uma corda de sedenho, cumprida e forte.

«O Barqueiro estava no chão: e foi preciso ainda fazermos bonito para amarral-o.

«Agora, puxe na frente, seu negro! — gritou-lhe o Paschoal.

«Haviamos juntado os braços delle nas costas e apertámos com vontade. Ficou completamente tolhido.

«Eu ia segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que elle me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por seguro a corda estava-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante Paschoal tinha corrido atraz delle e lhe descarregado na nuca um tremendo murro que o fez bambear um pouco e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda.

«O Barqueiro depois que saiu do rancho não piou.

«Chegámos á casa de tarde e o negro ia no sedenho.

«Eu não disse,» gritava o patrão muito contente, «que só bastavam esses dous meninos para o Barqueiro? Está ahi o negro.»

«E o povo corria para ver, e a frente da casa do patrão estava estivada de gente.

«Recebemos os duzentos mil réis.

«Tinha-me esquecido contar-lhe que eu fizera uma promessa á Senhora da Abbadia, de levar-lhe ao altar uma vela, si voltasse são e salvo. Cumpri a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queria um pé para estar com a Emilia.

Comprei um trancelim de ouro para aquella roxa de meus pecados e um chale azul. Ella era esquiva. Fez muito momo nessa noite, e não me quiz dar nem uma boquinha, com o devido respeito ao patrãozinho.

« Saí da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os gallos estavam amiudando.

« A estrella d'Alva, do céo escuro, parecia uma garça lavando-se na lagôa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremeci um bocadinho. Entrei num becco que ia sair na rua de Traz, onde eu então morava.

«Ia meio avexado e peguei a banzar. Emilia! Emilia do coração! porque me amofinas com esse pouco caso? E desandei a cantar, bem chorada, esta cantiga:

Tá trepado no páu.
De cabeça p'ra baixo.
Com as azas caidas
Gavião de pennacho!
Todo o mundo tem seu bem.
Só pobre de mim não tem!
Ai! gavião de pennacho!

« De repente, pulou um vulto diante de mim. Quem havia de ser, patrãozinho? Era o Pedro Barqueiro em carne e osso. Tinha não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolta em cujas mãos o patrão o havia entregado.

« O ladrão do negro tinha oração até contra sedenho!

« Sem me dar tempo de nada, o Barqueiro me agarrou pela gola e me sugigou. Levantou-me no ar tres vezes, de braço teso, e gritou-me:

« Pede perdão, cabrito, desvergonhado, do que fizestes hontem, que te vou mandar para o inferno! Pede perdão já! »

« A gente precisa de ter um bocado de sangue nas veias, patrãozinho, e um homem é um homem! Eu não lhe disse páu nem pedra. Vi que morria, criei animo e disse commigo que o negro não me havia de pôr o pé no pescoço.

« Exigiu-me elle ainda muitas vezes que lhe pedisse perdão, mas eu não respondi. Então, elle foi me levando nos braços até uma pontezinha que atravessava uma perambeira medonha. A bocca do buraco estava escura como breu e parecia uma boca de sucuryú querendo me engulir. Suspendeu-me arriba do guarda-mão da ponte e balançou meu corpo no ar. Nessa hora subiu-me um frio pelos pés e um como formigueiro me passeou pela regueira das costas até a nuca; mas, minha boca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levantando-me de novo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

«O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo. depois disse: « Vai-te embora, cabritinho, tu és o unico homem que tenho encontrado nesta vida! »

«Eu olhei para elle pasmado.

«Aquelle pedaço de crioulo cresceu-me diante dos olhos. e vi não sei si era o dia que vinha raiando — mas eu vi uma luz esturdia na cabeça de Pedro.

«Desempenado, robusto, grande, de braço estendido, me pareceu mal comparando, o archanjo São Miguel sugigando o *maligno*. Até claro elle ficou nessa hora!

«Tirei o chapéu e fui andando de costas, olhando sempre para elle.

«Veiu-me uma cousa na garganta e penso que me ia faltando o ar.

«Insensivelmente estendi a mão. As lagrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse:

«— Louvado seja Christo, tio Pedro!»

«Quando caí em mim, elle tinha desapparecido.»

APPONSO ARINOS.

FEDERAÇÃO E REPUBLICA

Aquelle dos oradores do Congresso Nacional cuja eloquencia se póde dizer «castellariana», não como simples gentileza, mas como exacto parallelo com a palavra do tribuno hespanhol, quer pela rara belleza da frase, quer pela copiosa erudição historica, teve em dias da sessão que acaba de passar, occasião de dizer em um discurso que, *si a Republica se podia considerar uma aspiração historica do Brazil, a Federação não passava de uma doação constitucional.*

Será exacto? Não é de crêr. Por pouco que se queira forçar a reacção em sentido opposto, póde-se inverter a frase: fica-se assim mais perto da verdade. O certo, porém, é que, ora consciente, ora inconscientemente, as duas tendencias sempre se ampararam reciprocamente. Nem podia ser de outra forma: governo local autonomo, implicava federação (ou separatismo) e republica e, quasi todos, sinão todos, os tentamens revolucionarios não levaram muito longe a sua ambição, circumscrevendo-se sempre a pequena parte do paiz. Mas para julgar da inevitavel tendencia federalista no Brazil não é preciso conhecer-lhe a historia; basta olhar-lhe o mappa. Vastidão tamanha com todos os climas e todas as culturas do mundo, com rios immensos, immensas montanhas, não podia, fosse qual fosse a vontade dos governantes, deixar de tender para a federação E isto se deu desde o primeiro momento da colonisação.

E' certo, dir-se-á, que paizes pequenos, de clima mais ou menos igual, chegaram tambem á forma federal. Sem falar na Suissa, cuja formação historica e diversidade de raças tudo explica, ha na antiguidade a Grecia, que foi de facto uma federação, e junto de

nós, a Republica Argentina. Mas para a Grecia, o seu grande historiador, que demonstra minuciosamente o caracter do seu governo, explica o facto pelo aspecto territorial. Não havia a vastidão, havia, porém, as difficuldades naturaes á livre communicação, difficuldades que eram então insuperaveis. « A Grecia é um dos territorios mais montanhosos da Europa: os picos elevadissimos e as multiplas ramificações das montanhas são outras tantas cortinas que occultam e dividem as comarcas e os povos. Não parece, sinão, diz Grote, que a natureza quiz desde o principio manter a povoação da Grecia desunida debaixo do ponto de vista social e politico, estabelecendo tanto muro de separação e tantos limites, geralmente difficeis e mesmo ás vezes impossiveis de serem transpostos. »

Quanto á Republica Argentina, Ramos Mejia, que estudou o assumpto em um livro bellissimo, indica a herança das instituições patrias e, sobretudo, o meio pelo qual se fez a colonisação do seu solo, iniciada por tres pontos diversos.

O primeiro factor é mais efficaz do que geralmente se pensa. Quando a hereditariedade affeiçôa de determinado modo qualquer individuo ou qualquer nação, a tendencia uma vez firmada persiste quasi indefinidamente. Que as circumstancias a consigam abafar por longo tempo, é possivel. Seculos depois, basta, porém, o minimo incitamento, para que as condições de momento se achem favorecidas pelo impulso latente e formidavel que lhe vem de outros seculos passados, tão prompto a reviver, como aquelle grão de trigo que, achado no sepulchro de um *pharaó*, onde jazia ha mais de 2.000 annos, poude brotar, florir e frutificar! Não vai nisto simples ornato de estylo. Para provar a permanencia dessas virtudes fundamentaes da raça, um sabio economista [1] emprehendeu calcular de quantos homens do anno mil um homem de hoje descende: e viu que, em média, cada um de nós tem nas veias o sangue de vinte milhões de contemporaneos dessa época. Ha ahi um pouco mais que uma distracção mathematica: ha o principio verdadeiro de que os vivos são cada vez mais dirigidos pelos mortos.

No caso da Republica Argentina, que nos interessa, quer pela origem commum, quer pelo allegado sobre a colonisação, Mejia indica em breves traços a formação politica da peninsula iberica, de onde

[1] V. G. Le Bon — *Lois psychologiques de l'evolution des peuples.*

vieram os povoadores sul-americanos. Mostra, ao começar, quaes os primeiros conquistadores do que foi mais tarde Hespanha e Portugal: gregos e phenicios, povos de instituições liberrimas, individualistas até a desaggregação, que, ao emigrarem para ahi, levaram os seus habitos politicos, semeando aqui e ali cidades livres, com independencia de verdadeiros estados. A isso, além do mais, os convidava — factor constante — o aspecto da mesma peninsula, extremamente montanhoso. E tanto essas instituições prosperaram, achando terreno proprio, que nem a dominação romana poude apagal-as: antes ahi a organisação municipal, ou como a entendiam esses dominadores do mundo, arraigou-se e avigorou-se por forma tal, que a Iberia foi em liberdades publicas a precursora da Inglaterra.

Não ha nas manifestações de livre governo parlamentar uma só que não tenha nascido lá, muito antes de apparecer na terra que hoje se considera a patria do direito publico moderno. Os *senados* populares, chegaram a ter attribuições bem mais altas do que as que hoje possue o poder legislativo em muitas nações democraticas: e «cartas de fôro» houve bem mais livres do que a maioria das constituições modernas.

E' certo que veio depois para a Hespanha o lugubre reinado de Isabel, a Catholica, que Mejia chama melhor Isabel, a Inquisidora. D'ahi data o anniquilamento successivo de todas as liberdades politicas, que, a partir de D. João III, vão tambem desapparecendo de Prtugal. Sabido o que foram esses reinados, não é de espantar o grande abatimento moral das duas nações.

Th. Ribot, estudando a hereditariedade psychologica, mostrou a que terrivel processo de selecção retrograda a Hespanha foi submettida. Durante tres seculos, o exilio ou as fogueiras da inquisição eliminaram cada anno o numero médio de mil pensadores livres! Que podia ficar? O que ficou: o erro, a servidão, o fanatismo. Não ha memoria na humanidade de uma cultura para o abaixamento moral e intellectual, levada seguidamente durante tanto tempo, como essa de que foram victimas os povos da peninsula iberica.

Mas, ao tempo das descobertas da America, esse abatimento não se havia dado. Para só pensar em Portugal e lembrar o vigor das instituições populares, basta evocar a memoria dos reis da dynastia a que pertenceu D. Manoel, em cujo reinado se descobriu o Brazil. Dynastia nascida de uma revolução popular que elevou ao throno o

Mestre de Aviz, seu fundador, ella acabava de ver morrer D. João II, cujo governo, bem semelhante ao de Luiz XI na França, foi uma alliança do rei com o povo, contra a fidalguia. Era, pois, gente acostumada a instituições livres a que vinha colonisar o Brazil. Traziam tradições: encontraram meio propicio. Meio tão propicio, que mesmo aquelles que vieram depois, quando a selecção do Santo Officio e o esmagamento da dominação estrangeira abatiam Portugal e apagavam nos animos as livres aspirações de outr'ora, bastou para despertal-as com todo o vigor.

A primeira colonisação foi por capitanias: regimen federalissimo si é que se lhe póde applicar o termo. Cada donatario tinha «poderes soberanos, salvo o de cunhar moeda». E desde logo differenças se accentuaram no povoamento do paiz. Oliveira Martins, notando-as, diz: «Tal foi a primeira constituição da America portugueza: e as consequencias desse systema imprimiram á colonisação um cunho, ainda hoje evidente por modos diversos. Por um lado a população, especialmente do norte, constituiu-se aristocraticamente: isto é, as *casas* de Portugal enviaram ramos para o ultramar, e desde todo o principio a colonia apresentou um aspecto diverso das turbulentas immigrações dos castelhanos na America central e occidental. Por outro lado, a divisão de tão vastos territorios em capitanias que os abrangiam todos, *deu logar a uma creação sporadica de fócos de colonisação no littoral, sem ligação entre si, sem unidade, cada um dos quaes era como uma colonia independente.* Juntando, a esta circumstancia, a de que os capitães ou donatarios podiam alargar o seu dominio para o sertão, por lh'o consentirem as bacias hydrographicas do interior, cortadas por grandes rios navegaveis: vêem-se claramente as causas dessa colonisação dispersa, que ainda hoje é um dos sérios embaraços ao desenvolvimento da nação.»

Era fatal. Tão fatal, que, mais tarde, quando á colonisação por capitanias, se substituiu a do Governador-Geral, essa autoridade foi sempre mais nominal do que real. De quasi todos os pontos da colonia, os governadores dirigiam-se directamente á côrte de Lisboa, quando, de todo, não prescindiam de qualquer autoridade e agiam por si mesmos, com flagrante violação das leis e ordenações do Reino. Mas, si ainda hoje é mais facil a communicação do Rio para a Europa do que para o Pará ou Amazonas, calcule-se o que não era naquelle tempo! De mais, negocios havia que não podiam soffrer

delongas: eram questão de vida ou de morte; e esses (que afinal eram quasi todos) iam-se decidindo em cada ponto segundo as conveniencias locaes e de occasião.

A *priori*, podia-se ver bem que o pessoal, que constituiu ao principio a materia prima do povoamento colonial, não devia distinguir-se pela submissão e acatamento ás leis: bem pelo contrario. Quando se quiz apressar a colonisação, expediu-se este bello documento: « Attendendo El-Rei a que muitos vassallos, por delictos que commettem, andam foragidos, e se ausentam para reinos estrangeiros sendo aliás de grande conveniencia que fiquem antes no reino e senhorios, e sobretudo que passem *para as capitanias do Brazil*, que se vão de novo povoar, ha por bem declaral-as *couto e homisio para todos os criminosos* que nellas quizerem ir morar, ainda que condemnados por sentença até em pena de morte, exceptuados sómente os crimes de heresia, traição, sodomia e moeda falsa. Por outros quaesquer crimes não serão de modo algum inquietados. »

Que crimes eram esses « outros quaesquer »? Assim os especificava a lei: « *a bestialidade, a malicia, a alcovitice, o abraçar e beijar, o adivinhar lançando sortes, o usar de feitiçaria para querer bem ou mal* », os de *homicidio e roubo*. Comprehende-se bem que os réus desses delictos não podiam constituir, mesmo em uma sociedade sufficientemente policiada, a fina flor da ordem e disciplina. Gente aventurosa e sem escrupulos, não temendo a Deus nem ao Diabo, elles achavam-se immediatamente á vontade nesta livre terra vastissima. Organisavam *bandeiras*, partiam para o interior e, si uma circumstancia qualquer os fazia ficarem-se no centro, ahi estava um novo nucleo, em torno do qual se agrupavam outros, formando fócos de civilisação, estranhos, independentes entre si. Cada um desses pontos, perdidos aqui e ali, era mais livre que a mais livre das cidades da Grecia, dos varios reinos em que se dividia a Hespanha ou — sem comparação — do que os mais bem aquinhoados municipios a que Roma conferia *cartas de foro*. Aqui, a sancção dessas cartas não estava na magnanimidade da um dominador: vinha da floresta virgem por cujos atalhos era difficil penetrar; vinha dos rios caudalosos, juntos dos quaes o Tejo ou o Douro valiam regatos; vinha da terra e do céo, do ar e da luz, de tudo quanto circumdava os aventureiros ousados. Tudo se dirá que houvesse nesse tempo, menos essa cousa extravagante que nem então se poderia siquer comprehender: *centralisação*.

Que o Governador-Geral, residindo na Bahia, quizesse dominar de muito perto os povos do Pará havia para fazel-o desistir da pretenção, este argumento, não citado nas leis do Reino, mas de grande valor: o *Amazonas!*

Não vale a pena insistir na demonstração por este lado. A sua evidencia transparece. A alguem mais bem provido de illustração historica que o autor deste artigo, haveria um campo vastissimo na analyse das multiplas peripecias da historia colonial do Brazil. Os episodios não faltam, cheios de ensinamentos. No trecho citado de Oliveira Martins, já se indicou a differença de colonisação do sul e do norte: esta mais e aquella menos nobre. Era uma base de differenciação. Circumstancias posteriores só a fizeram aggravar, desde então até os nossos dias, — até hoje mesmo em que essa rivalidade se patenteia de dia em dia mais claramente.

Momentos houve em que foi a colonia, sem auxilio do reino, que se bateu, que lutou, que venceu inimigos. O episodio hollandez é um exemplo. Portugal desanimou: foi o Brazil, por conta propria, quem tomou a empreitada de repellir os invasores. Ora, ha em psychologia uma verdade aceita: o *eu* só se manifesta pelo contacto com o *não-eu*; por outras palavras: para que nós existamos e tenhamos consciencia disso é preciso soffrer a resistencia do meio externo, ver, ouvir e sentir, ter em summa a noção da existencia de outros seres. — Na vida das nações occorre a mesma cousa. Emquanto a vida é facil, emquanto tudo se encontra ao alcance da mão, simples e descuidosamente, os povos têm a vida dos fetos: vegetam instinctivamente. Mas, que uma occasião de luta se apresente tudo mudará. A consciencia da existencia propria surgirá desse contacto com os extranhos; e a consciencia dos povos é a liberdade, a força, o impeto dominador. Os que vinham para o Brazil, na luta constante com os naturaes, aguerriam o animo; davam tempera á alma e ao braço. Aos poucos, porém, subjugados os indigenas, os que delles restavam foram se fundindo com os que vinham de além mar, os *reinóes*. Que viesse, porém, depois disso um inimigo externo: inglez, hollandez ou francez — e as condições reappareciam do reapparecimento daquelle nobre instincto de independencia. Era uma escola, uma lição de virilidade.

Facto curioso, que demonstra que não ha nisto exagero: onde houve luta contra o estrangeiro para repellil-o, houve mais tarde

— tanto a semente ficára vivida! — revolução ou guerra civil, em prol da republica ou da separação. Pernambuco: que formoso exemplo! Para apreciar o facto em bruto, em conjunto, que se veja o Norte, mais trabalhado por essas lutas, quer contra extranhos quer contra indigenas, e, por isso mesmo, mais altivo, mais livre, e, até, póde-se bem dizer, mais fidalgo. Fidalgo nos sentimentos e nas inclinações más: indolente para o trabalho regular, prompto e activo para as lides de guerra, para as insurreições politicas; — altivez e preguiça, virtudes senhoris. O Sul, ao contrario, laborioso e docil, industrioso e manso.

A Inconfidencia vale pouco para fazer excepção: a sua origem tão directamente economica diminue-lhe o valor, que aliás não é muito grande. Exemplo e não excepção é S. Paulo: a actividade de hoje, o ardor de emprehendimento, o *bairrismo* (termo amesquinhador de bom e solido patriotismo): tudo isto tem raizes profundas. Os bandeirantes ousados, que se foram aos sertões domar indios, escravisal-os, e aconselhados pelos jesuitas resistirem a governadores e outros funccionarios, deviam ter descendentes assim, laboriosos e tenazes. Quanto ao Rio Grande do Sul os elementos foram outros que não é preciso analysar aqui. Mas, de um relance, o quadro da colonisação é este: centros esporadicos de civilisação, vivendo com a maxima independencia, embora sob o dominio quasi nullo, de facto, de uma autoridade central, raro ouvida, mais raro obedecida. O solo e as contingencias da colonisação, a materia prima do povoamento buscada entre os mais rebeldes ás leis sociaes, a influencia dos jesuitas constituindo-se por sua vez centros de organisação especial sem subordinação ás autoridades do Reino, tudo isso era e não podia deixar de ser um conjunto de elementos encaminhadores para uma radical heterogeneidade entre as partes constituintes da futura nacionalidade brazileira. E foi. Os que viram os ultimos annos do Imperio, negam ás vezes, falando na centralisação absorvente. Tudo isso durou um momento apenas: um erro de perspectiva fal-o crer maior porque está mais perto de nós; mas não ha duvida que é erro.

Corram a historia dos dois reinados até a Guerra do Paraguay: luta aqui, luta ali, a nação nunca se poude dizer em momento algum inteiramente calma. Em regra, cada revolução tinha este programma: libertar a sua provincia ou, quando muito, as provincias

limitrophes e declarar-se em republica. A ideia de separação e federação sempre se associou á de republica. E como não ser assim? Libertada uma provincia, como inventar dynastia para pensar em forma monarchica? Mas o essencial era a libertação, o separatismo, a constituição independente. E isso porque cada um desses pontos sentia uma vida propria, necessidades não satisfeitas e o desprezo, o esquecimento do centro. Esse desprezo não era apenas deleixo; antes se devia relevar como a prova inconcussa de quanto a federação era uma necessidade nacional. Do centro era impossivel ir a vida até aos extremos do organismo nacional; d'ahi, a independencia de facto que elles tinham, quando não fosse para a acção, ao menos para a inacção. Desta abusavam: era a *anarchia passiva* de Tolstoi realisada por uma sociedade; em vez de agir, abster-se.

Mas isso é o curto periodo que vem da guerra do Paraguay até 89: vinte e poucos annos; na vida de uma nação se conta por segundos. A guerra anemiou o paiz; enfraqueceu principalmente os pontos mais vivazes, mais sequiosos de independencia. Que o diga o Rio Grande e que o diga todo o Norte. Pois que ahi havia mais energia, mais coragem, mais impetos de liberdade e amor á luta — ahi precisamente se deu a sangria mais forte. O que foram as levas de voluntarios nesse tempo, todos sabem: o Norte foi o fornecedor da *chair à canon*. Foi e é. Assim se fez a sua fraqueza. Outros se pouparam, ficaram nos labores calmos da sua lavoura, das plantações de café: elle deu o braço forte para vencer o inimigo, deu o sangue — e, quando a luta se achou vencida, estava exhausto.

O factor mais poderoso contra o federalismo foi na realidade essa guerra. Não fosse ella, e as revoluções teriam continuado, até a republica, até a federação. Mas nos momentos de luta a força toda, toda a tensão dos organismos se resume e concentra num só ponto: é a salvação que o exige, é o soberano instincto de conservação a que tudo obedece. Por isso a monarchia agiu no seu interesse, favorecendo essa luta ingloria. Foi ella que lhe deu a união nacional e a estabilidade do throno nos ultimos vinte annos — o que, ao menos pela união, foi um bem. Fraca para vencer certas revoluções de caracter separatista, a monarchia teria com certeza o egoismo de preferir o desmembramento á abdicação do seu poderio, á proclamação da republica. E assim, póde-se dizer, a republica teve de esperar que a tendencia federal tornasse a crear alento novo para

impôr-se. Que essa tendencia estava já em pleno vigor em 89 prova-o a questão abolicionista. Norte e Sul tinham interesses e sentimentos diversos e o Norte acabou por impôr ao Sul a libertação dos escravos.

Para achar a irremissivel necessidade da federação, haveria mil outros factos a apontar, alguns dos quaes parecem minimos, mas têm importancia maior do que a que se lhe suppõe.

Todos conhecem o valor psychologico profundissimo do que constitue o *folk-lore* popular: rifões, cantos e narrativas. Isso vem das camadas mais intimas do sentimento do povo. Pois bem: que se veja o que pensa o rio-grandense do «bahiano» — termo geral, que designa o homem do Norte. Elle é o alvo de todos os remoques, da mais formal antipathia. O bairrismo paulista, de que já se falou, rivalidades de provincia a provincia, como as havia e ha, com a competente expressão popular, não raro pittoresca, como a que chama aos catharinenses *barrigas-verdes* — tudo isto não são sinaes de uma grande differenciação?

E a raça? Entre alguem na Camara dos Deputados e distinguirá, sem duvida, com pequeno erro, mesmo nessa sociedade de homens mais cultos e refinados, os do Sul e os do Norte. A deputação que certos Estados—o Ceará, por exemplo—têm nessa corporação é, póde-se dizer, além de representação politica, representação ethnographica. Que o *typo cearense* existe não ha duvida. As modificações de meio e raça que crearam a differenciação tão profunda, como fazendo o mais, não fariam o menos?

Si a federação fosse uma doação artificial na nossa Constituição, não se teria radicado tão facilmente. E por tal forma o fez que desde a Constituinte o Dr. Ubaldino do Amaral pedia com razão que se nomeasse um curador para defender as prerogativas da União. Deu-se tudo aos Estados. E esse sentimento, que continúa a preponderar, ameaça converter-se em perigo.

Si este artigo, mal esboçado rapidamente, fosse escripto por alguem de alto saber, conhecedor erudito de toda a nossa historia, o assumpto daria para a bellissima dissertação, de que eu não sou capaz. Eu nem a deixo indicada — deixo estragada. Mas a verdade da these opposta á do grande parlamentar brazileiro, enunciada talvez no descuido de um surto de eloquencia, me parece tão evidente, que, para tel-a como provada, basta enuncial-a.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

MACHADO DE ASSIS

Typo acabado do homem de letras, benidictino da arte, Machado de Assis constitue no Brazil um dos raros exemplos de poeta e romancista, que, resistindo ao meio e vencendo as hostilidades do proprio temperamento, fiel á vocação, conseguiu completar a sua carreira. Filho das proprias obras, elle não deve o que é nem o nome que tem, sinão ao trabalho e a uma continua preoccupação de cultura literaria.

Nascido aos 21 de junho de 1839, nesta capital, do consorcio de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, o autor do *Quincas Borba*, filho de operario, foi destinado em principio ao commercio, onde apenas permaneceu tres dias como caixeiro de uma loja de papel. Dedicando-se logo depois á arte typographica, parece que ahi as suas aptidões naturaes se desenvolveram rapidamente, já pelo contacto com a imprensa, esse poderoso instrumento de irradiação literaria, já pela aproximação dos jornalistas que naquella época brilhavam no mundo politico ou se ensaiavam na prosa e na poesia. Affirma-se que nesta situação, animado por um grupo de rapazes, pela maior parte mortos, entre elles Casimiro de Abreu, Macedo Junior, Caetano Filgueiras e Gonçalves Braga, começou a versejar, e em 1860 entrou para o *Diario do Rio de Janeiro*, a convite de Quintino Bocayuva, o qual fazia parte da respectiva redacção ao lado de Henrique Cezar Muzzio, um prosador de muito talento, e de Manoel Antonio de Almeida, autor das *Memorias de um sargento de milicias*, o romancista de costumes, talvez de mais talento, que tem nascido entre nós. Em 1867 transferiram-o para o

Diario Official, na qualidade de ajudante do Director, e ahi o encontramos ainda em 31 de Dezembro de 1873, época em que foi nomeado 1.º official da secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, por occasião de reformar-se essa repartição, na qual, conservando-se até hoje, foram os seus serviços galardoados com a promoção, em 7 de Dezembro de 1876, a chefe de secção, e em 30 de Março de 1889, a Director da Directoria do Commercio.

Eis em rapidos traços a vida official do poeta, que ao primeiro lance d'olhos se nos afigura destituida de accidentes, sem lutas, e semelhante na tranquillidade á daquellas matronas romanas, em cujas sepulturas os coevos epigraphavam o celebre distico: *foi honesta e fiou lan*. O segredo, porém, desta tranquillidade, observada na carreira burocratica de Machado de Assis, encontra-se na correcção do funccionario e no mais decidido horror á vida politica activa, cortezan desbragada que ás letras brazileiras tem arrebatado os seus mais bellos talentos. Não tendo a politica conseguido seduzil-o, volveu-se o seu espirito inteiro para a arte e para o bello. Nas suas producções, nos seus livros, pois, é que se poderá encontrar a sua verdadeira historia, a historia das suas lutas pelo ideial, que não devem ter sido pequenas, attenta a circumstancia de que o poeta tem assistido ao advento de tres revoluções ou escolas literarias.

I

Como todos os escriptores do seu tempo Machado de Assis formou-se, educou-se e recebeu as suas melhores armas de combate das mãos dos poetas e prosadores romanticos.

Pertencente ao grupo de literatos, que surgiu immediatamente depois do movimento imprimido ás letras patrias, em varias direcções, por Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Alvares de Azevedo, por muito tempo o autor das *Memorias posthumas de Braz Cubas* vagou entre o classismo de Antonio de Castilho e o arrojo da forma romantica representada em Portugal principalmente por Alexandre Herculano. O tempo, porém,

encarregou-se de convencel-o de que ao seu temperamento não convinha nem a aridez do primeiro, nem as violencias de imaginação do segundo.

Dados os primeiros passos, adquirida a forma clara e nitida que o namorava desde a publicação das *Chrisalidas* e que logo depois se estereotypou nas *Phalenas*, elle ensaiou-se no conto, e é nesse terreno que gradualmente vê-se despontar o broto, de onde rebentaram mais tarde as concepções que hão de affirmar no futuro a sua passagem pelas letras brazileiras.

Aos amigos já de ha muito revelara-se Machado de Assis um *causeur* arguto e original. Espirito excentrico, apaixonado dos livros, philosopho sem systema, mas sempre prompto a estacar com um ponto de admiração nos labios diante de todas as singularidades que a vida nos apresenta, e com o espanto nos olhos diante de todos os typos originaes que a historia nos transmittiu, esse *causeur* inesgotavel precisava antes de tudo apparelhar-se no genero literario mais apropriado a resumir o genio da divagação e as excentricidades de um autor independente e sem pretenções a director de um movimento.

Machado de Assis não chegou, entretanto, de um salto, á sua obra verdadeira. Embora as *Memorias posthumas de Braz Cubas* e *Quincas Borba* não sejam sinão o desenvolvimento do *humour* dos contos denominados *Luiz Soares* e *Miss Dolar*, que se encontram no seu primeiro livro de historias, elle por espaço de muitos annos confundiu essa aptidão com a do psychologo analysta objectivo ; e por essa razão o vemos dando successivamente á estampa os romances *Ressurreição*, *Yayá Garcia* e *Helena*, livros em que a influencia de Octave Feuillet é tão visivel, como o é nas formas do seu humorismo a de Laurence Sterne, o grande creador do *Tristan Shandy*. A ascendencia deste, comtudo sobrepujou a daquelle, não só porque achava terreno apropriado para frutificar, mas tambem porque só os espiritos superiores e originaes conseguem abrir sulcos e semeiar na imaginação dos que se occupam com as suas obras ; e o autor do *Romance de um moço pobre* é escriptor para se copiar, mas nunca para se estudar como elemento de fecundação. Machado de Assis, portanto, entregando-se definitivamente a Sterne, entregou-se a si mesmo, e fortaleceu o seu verdadeiro talento. Cultivando a propria nevrose, desenvolvendo *secundum artem* as excentricidades nativas de seu espirito, objectivando-as

com franqueza nos personagens dos seus romances, em vez de procurar traduzir observações feitas sobre personagens da vida real, que no relato teriam forçosamente de transfigurar-se nos fantasmas doentios creados pela imaginação do romancista, elle abriu ao proprio talento um campo vasto e original de actividade, no qual, sem offensa a direitos adquiridos, póde se dizer que na literatura brazileira não encontra rival, nem escriptor que ao menos procure acompanhal-o. De facto as *Memorias posthumas de Braz Cubas* e o *Quincas Borba* são livros unicos na lingua portugueza.

II

O portuguez não tem o temperamento humorista. O genio da raça não conseguiu até hoje pôr nos versos dos seus poetas e nas divagações dos seus prosadores sinão a alacridade tosca do jogral ou a ironia rebuscada do voltaireano. Dizem que o Padre Antonio Vieira em muitos dos seus sermões e na *Arte de furtar* distinguiu-se por essa rara qualidade; mas, a ser isso exacto, é certo tambem que o celebre jesuita está tão longe dos verdadeiros humoristas, como as satyras de Nicoláu Tolentino estão das de Juvenal. A critica jamais poderá descobrir na alma portugueza o *quid* constitutivo dos caracteres, que tornam salientes os genios de Shakespeare, de Swift, de Sterne, de Lamb e mesmo de Thackeray.

Producto exclusivo da raça anglo-saxonia, o *humour*, que não é outra cousa mais do que a galhofa da tristeza, a ironia da loucura, o motejo da morte, o riso tirado da caveira de Yorik, o sentimento da inanidade da vida humana expressada pelo genio do clown-escriba, a sabedoria e os segredos da natureza revelados pelo espirito dos Falstaff e dos Uncle-Toby: o *humour* nada tem de commum com a alegria grotesca de Panurgio, nem mesmo com a satisfação ridicula de Sancho Pansa; porque o pantagruelismo, segundo Rabelais, é simplesmente *une gayeté d'esprit confite en mespris des choses fortuites*, e o sanchismo, segundo Miguel Cervantes, uma tranquillidade de animo resultante da renuncia decidida e firme de tudo quanto constitue o ideial em proveito da exploração da vida tal como ella se

manifesta neste mundo sublunar. E' obvio, portanto, que as literaturas neo-latinas não comportam o *humour* com a intensidade de desenvolvimento, que lhe deram os povos que o inventaram; e si os escribas dessas literaturas chegam a experimental-o, caminham rapidamente para a loucura, sendo raros os que têm desvirtuado impunemente esse poderoso ORGÃO DE REVELAÇÃO DO LADO NOCTURNO DAS COUSAS HUMANAS. Não obstante tudo isto, a imaginação dos ramos neo-latinos não deve ser condemnada como incapaz do paradoxo literario — a forma exterior do humorismo. E si é verdade que em Portugal são dignos de lastima os dislates de um Guerra Junqueiro (*A Velhice do Padre Eterno*), não acontece assim no Brazil, onde a vivacidade oriunda de novas condições mesologicas e ethnicas, naturalmente inclinou o espirito dos seus escriptores para o arguto, para o brilhante e para o imprevisto.

Machado de Assis acha-se no numero dos escriptores dessa especie. O seu estylo paradoxal, a disposição grotesca das suas ultimas composições, a attitude truncada dos personagens que ahi figuram, os discursos e as reflexões antitheticas que se encontram em muitos dos seus capitulos de philosophia excentrica, emfim a originalidade e os tics ou manias dos seus heroes dão-lhe um logar especial na historia da literatura brazileira, e o que é mais, o direito de considerar-se creador de um genero, até certo ponto desconhecido no meio em que nos desenvolvemos.

III

O autor do *Quincas Borba* foi successivamente critico, poeta archaico, poeta romantico, romancista de salão e contista; e por ultimo affirmou-se escriptor humorista de primeira ordem. Exercendo toda a sua actividade literaria na composição de obras pertencentes a varios generos literarios, de 1851 até esta data, elle tem atravessado phases diversas, em que, ora por influencias das correntes literarias produzidas na Europa, ora por effeito de reacção indigena sobre essas mesmas influencias, o gosto assumiu-lhe formas antagonicas. Foi assim que Machado de Assis

assistiu aos adventos, do indianismo de José de Alencar, do neo-romantismo e das tentativas dramaticas de Quintino Bocayuva e Pinheiro Guimarães, da escola condoreira de Tobias e Castro Alves, do naturalismo personificado na geração que despontou em 1878 com José do Patrocinio, Thomaz Filho, A. Celso Junior, Assis Brazil, Lucio de Mendonça, V. de Magalhães, e do parnasianismo representado por O. Bilac. Raymundo Correia e outros. Estas oscillações da esthetica nacional, si não influiram profundamente na marcha do espirito de Machado de Assis, todavia deram-lhe forças para retemperar o seu caracter de artista e enriqueceram-lhe o estylo, porque elle não só não hostilisou os novos, mas até buscou comprehendel-os e estudou-os com sympathia. Semelhante facto, evitando o desapreço do mestre, teve uma grande vantagem para o romancista: saturou-o dos progressos deste fim de seculo, e ao mesmo tempo manteve a sua individualidade ao abrigo da decomposição, que sempre acompanha os autores faceis em aceitar e imitar a primeira novidade que apparece no mercado literario.

Em synthese, Machado de Assis significa um poeta classico-romantico, que, em caminho, matizando a sua imaginação com a variedade das cores e dos aspectos das oppostas paizagens que foi atravessando, descobriu a existencia em sua alma de uma região excentrica e nella firmou as tendas do seu estylo. Tal segurança de esthetica poderia ser ainda perturbada pelos exageros do realismo, pelo zolismo, ou antes pelo *Medanismo*, si, como affirmam Paul Adam e outros occultistas, essa escola não estivesse em vesperas de descer ao tumulo da historia. Felizmente, porém, para os excentricos ahi vêm o simbolismo, o magismo, o egotismo o ipseismo, o neo-catholicismo, o tolstoismo, o ibsenismo, todas as nuanças, emfim, do mysticismo moderno com os seus respectivos credos de destruição da CARNE e purificação da IDEIA; e si bem que as tendencias dos reaccionarios, ultimamente postos em evidencia, apenas se relacionem entre si por um vago anceio religioso, uma necessidade de volver ás formas archaicas de todos os tempos e a um hieratismo literario quasi attingindo o fakirismo, é bem provavel que dessa luta por novos ideiaes comecem a surgir produtos capazes de rivalizar com os primores dos mestres de todas as épocas, logo que os novos revolucionarios consigam explicar os seus desaccordos com os progressos scientificos do seculo XIX.

Acredito que esse movimento, como os anteriores, não será hostil á musa de Machado de Assis, antes pelo contrario, o autor das *Memorias posthumas de Braz Cubas*, que ainda tem diante de si largo espaço para trabalhar, poderá das novas concepções estheticas extrahir elementos de inspiração immensamente favoraveis á producção dos seus livros paradoxaes.

A introducção da chiromancia, do hypnotismo, da kabala, da graphologia, das influencias hyperphysicas, na literatura não deve trazer sinão vantagens ao autor de certos capitulos da philosophia de Braz Cubas e da psychologia lunatica de Rubião-*Humanitas*.

ARARIPE JUNIOR.

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL

I

A nacionalidade portugueza: seus factores pre-historicos e historicos

I. — OS HOMENS DA ÉPOCA DA PEDRA E DOS METAES

E' mister começar pelo principio. Escrever hoje uma historia qualquer da cultura portugueza, por limitada que seja a uma só das manifestações espirituaes desse povo illustre, sem partir das mais afastadas populações que iniciaram ali a vida humana, seria um absurdo. Na historia, como em a natureza, tudo se prende, tudo obedece ao principio phylogenetico da evolução. A' primeira vista, a espiritos superficiaes, parecerá que nada têm a vêr com o direito os habitantes das cavernas, os homens da pedra lascada e da pedra polida; nem talvez os homens da época do bronze e mesmo do periodo do ferro em seus inicios. Quem, porém, attender que, numa região dada, as populações nunca desapparecem, antes se misturam e se transformam; que no portuguez de hoje corre sem duvida o sangue dos mais antigos habitadores da peninsula, o absurdo não parecerá tamanho. Ainda mais: quem attentar que muitos dos costumes, lendas, superstições, habitos inveterados, industrias, cousas todas estas de que o direito tem obrigação de se occupar, são em Portugal oriundos das primitivas raças que povoaram aquelle

bello paiz, verá que razão temos em vir de bem longe. Claro é, infelizmente, que num simples resumo da historia do direito portuguez, que servirá apenas de prologo obrigatorio a uma historia mais individuada do direito brazileiro, não nos poderemos estender, como fôra para desejar e como seria deleitoso pela curiosidade do assumpto.

A pre-historia portugueza é já agora depois dos luminosos trabalhos de Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Pereira da Costa, Felippe Simões, Sá Villela, Gabriel Pereira, Martins Sarmento, Possidonio da Silva, Pereira Cabral, Leite de Vasconcellos e outros terreno em que se póde pizar com certa firmeza. Ali, como por toda a parte, admitte ella a dupla divisão em época da *pedra* e época dos *metaes;* seriadas as duas nas quatro seguintes: periodo da pedra lascada ou *paleolithico*, da pedra polida ou *neolithico:* do *bronze* e do *ferro*. Os archeologos em parte são inclinados a admittir o precursor do homem em Portugal desde a phase geologica, conhecida na sciencia com o nome de periodo terciario. Mortillet, em honra ao sabio portuguez, que primeiro se bateu por essa ideia — Carlos Ribeiro, chamou-o — *Antropopithecus Ribeiroii*. Não está isto tirado a limpo. Como quer que seja, porém, o homem quaternario aproximava-se acolá do typo conhecido em pre-historia com a denominação de raça de Furfoor, e mais tarde da de Canstadt. Desde as mais remotas éras, porém, encontram-se já craneos brachicephalos e dolichocephalos, sub-brachicephalos e sub-dolichocephalos, além de se notarem vestigios de uma raça demasiado pequena e outra que deveria ter um porte gigantesco. Evidente sinal de que a ethnographia do paiz é desde os primordios por demais complexa.

Os habitantes das cavernas (*troglodytas*) não passaram do periodo paleolithico. Nas tres idades seguintes o homem fez maiores progressos; iniciou-se a civilisação. Eis como o Sr. Leite de Vasconcellos resume o primeiro periodo da pedra:

«Mal distinctos ainda da animalidade, os nossos antepassados achavam-se nas mais miseraveis condições. Cercados de feras que os acossavam (o mastodonte, o urso, a hyena), possuiam apenas, para lhes oppôr, a propria robustez physica, toscas armas de pedra lascada que a sua intelligencia não sabia ainda polir e aperfeiçoar, e grossas pernadas de freixo ou de pinheiro, que, nos extremos do desespero, aguçado pelo instincto da conservação,

elles arrancavam aos frondosos matos, onde viviam, como os lobos, em covas frias e humidas. A temperatura contribue porventura para os immobilizar nesse estado social verdadeiramente rudimentar. A agricultura não se conhece ainda, mas em compensação a caça tem um grande desenvolvimento. Faltam as grandes industrias, que só mais tarde, com o avanço da civilisação, appareceram. O amor cifra-se unicamente na satisfação das necessidades physicas, exaltadas pelo clima sub tropical. O rude selvagem das grutas de Peniche decerto não podia ainda ver tambem nos olhos da mulher um céo ideial, mas uma chamma voraz que elle precisava de apagar violentamente nos impetos da paixão brutal.» [1]

A phase neolithica é assim resumida pelo mesmo autor:

« A vida neolithica passou-se em melhores condições que a paleolithica. O clima devia differir muito pouco do actual. O homem caçava ainda e pescava, mas já sabia tambem extrahir alguns productos da terra, essa fecunda mãi sempre prompta a dar. Differentes raças habitaram o nosso solo,— raças que em parte seriam representantes das do periodo precedente em parte representantes de raças novas, vindas de longe. De feito, os caracteres anatomicos estabelecem analogias entre os habitantes neolithicos de Portugal e os de outros pontos, como os de Canstadt (raça representada no cabeço da Arruda), os Mongoes, os Bascos. A analyse dos productos da civilisação leva a resultados similhantes. As antas enxameavam por toda a terra, e não póde deixar de se estabelecer uma relação tal ou qual, si não de parentesco biologico, pelo menos de communicação, entre os constructores dellas. O mesmo direi para as enigmaticas *covinhas*. Muitas *machadinhas* da Furninha são feitas de differentes rochas que não existem na localidade, o que mostra que os troglodytas de Peniche communicavam com tribus de regiões afastadas. Em Liceia appareceram muitos instrumentos de substancias que não só não têm jazigo ali, mas nem mesmo no paiz, como o silex negro, o que confirma o raciocinio precedente. As construcções e a ceramica liceienses não deixam igualmente de abonar, segundo

---

[1] *Portugal pre-historico*, pag. 21.

Carlos Ribeiro, a existencia de duas civilisações nesse territorio da Extremadura.

« Além das raças pequenas, viveram tambem (ao que parece) em Portugal raças de talho gigantesco (ou pelo menos, pouco commum), e que não deixariam porventura de se relacionar com os homens grandes, fortes, musculosos, osseos, de nariz ás vezes aquilino, que Henri Martin observou em Castella, e que, na opinião delle, representarão talvez uma raça pre-historica. Destes homens, uns extinguir-se-ão na luta pela existencia, outros perpetuar-se-ão ligados com os que provieram das invasões e communicações subsequentes. Apezar de toda a vantagem sobre o periodo precedente, que costumes os do periodo neolithico!... O homem era anthropophago, pintalgava o seu corpo com drogas, e envolvia o pescoço em collares de contas, porque (como Spencer nota) a humanidade tratou primeiro de se adornar do que de se vestir! Por toda a parte esculpia hieroglyphos e levantava monumentos. Quando a morte vinha bater-lhe á porta da gruta de terra, o seu corpo era arrastado para uma anta, sobre a qual depois os parentes e os amigos celebravam festins cruentos e faziam libações barbaras por grosseiras taças de barro, á maneira dos selvagens modernos, — costumes que em parte se conservaram nas tradições populares. A eternidade era acaso um longo mundo, de luta e de acção onde a vida terrestre se continuava; por isso se depositavam junto do morto armas e utensilios para elle proseguir lá nos seus habitos guerreiros ou laboriosos. »[1]

Pelo que toca ao periodo do *bronze* e do *ferro*, é nas Hespanhas singularmente notavel a sua importancia; porquanto, ou si admitta que a primitiva raça historica da peninsula — a dos *Iberos* — é oriunda d'Asia e pertencente ao grupo de populações pre-semiticas e pre-aryanas a que é de costume baptisar com o nome de raça *turana*, habil no amanho dos metaes; ou se supponha que é proveniente aquella gente da desapparecida Atlantida, e já de posse da industria metallurgica; ou que, saida de patria ignota a tenha aprendido das proprias populações anteriores, que já estacionavam na região post-pyrenaica ao tempo de sua chegada,

---

[1] *Idem*, pags. 54 e 55.

é sempre certo que tudo denuncia então um rapido surto de progresso.

O meio fertil em minerios de toda a ordem, a raça habil para extrahil-os e manipulal-os, o momento proprio para essa evolução, tudo devia contribuir para iniciar as gentes hespanicas num ramo de trabalho e d'arte em que ellas tinham de vir a ser eximias no decorrer dos tempos e da historia. E eis como a pre-historia é naturalmente o élo primitivo a que se vai prender todo o desenvolvimento posterior do povo, cujo direito vamos rapidamente historiar.

Na época dos metaes, talvez desde os fins da phase anterior, os portuguezes já têm deixado de habitar as cavernas; já constroem habitações regulares; já são grandemente affeitos á domesticação dos animaes e á agricultura. Tem desapparecido a promiscuidade primitiva, a tribu já é regular, a familia entra em franca formação, a propriedade já existe. O direito tem despontado como disciplina da desordem social. O genesis de uma das creações fundamentaes da humanidade, como é o direito, não se determina num dia certo; não se encerra numa data precisa, como um phenomeno mesquinhamente limitado á vida individual.

Tem o berço guardado pelo indefinido do tempo e docemente velado pelas sombras da historia.

II. — OS IBEROS

A vida dos Iberos, como em geral a das primitivas populações da Europa na época proto-historica, é ainda muito obscura. Podemos aceitar a seu respeito a doutrina exposta por D'Arbois de Jubainville em sua bella obra, *Os Primeiros Habitantes da Europa*. O illustre celticista é de opinião, fundada nos mais antigos textos da literatura classica, que os primeiros povos que senhorearam o sul da Europa, no alvorecer da historia, foram os Iberos ao occidente, vindos talvez da famosa Attlantida, continente desapparecido, e os Pelasgos ou Tursânes, ao oriente, oriundos tambem de patria ignota. Pelo que toca aos primeiros e sua acção na Hespanha e Portugal, serve-lhe de guia o famoso poema *Ora Maritima* de Festus

Avienus, poeta do IV seculo depois de Christo, que escreveu, porém tendo em vista um periplo phenicio do VI seculo antes de nossa éra. — O interesse dramatico da historia da Hespanha e Portugal está, já se o disse, na luta sustentada pelas tres civilisações fundamentaes dos turanios, semitas e aryanos, desde as mais remotas épocas para o predominio de uma sobre as outras. Rompem a marcha os Iberos, que podemos chamar turanios; seguem os Phenicios e Carthaginezes, que são semitas: surgem após os Ligurios e Celtas, que são aryanos. Mais tarde Carthaginezes de novo, dando força ao semitismo: depois os Romanos, reanimando o aryanismo, no que são mais adiante ajudados pelos Wisigodos.

Finalmente, os Arabes fazem lembrar que as pretenções semiticas não estão de todo esquecidas, até que a reconquista christan faz recuar de novo o terrivel adversario, dando ganho de causa ao factor mais progressivo.

Estes são os povos historicos que teremos de passar em revista para estudar as origens do direito portuguez. A acção dos assyrios e dos persas, quando a Phenicia lhes cahio em poder e consequentemente as suas colonias hespanholas, e a acção dos gregos pouco após dos ligurios, constituem acontecimentos episodicos de valor problematico em que a critica tem pouco a restolhar. O mesmo se póde dizer da conquista liguria, de pouca duração e pouco extensa. Iberos, phenicios, celtas, carthaginezes, romanos, godos e arabes, além da gente pre-historica, são a grande arvore frondosa d'onde sairam—o povo, o genio, o caracter, toda a historia, em summa, da civilisação peninsular. E si alguma raça, sobre todas as outras, deve merecer peculiar disvelo do analysta, essa é a dos Iberos, o ponto de partida da cultura hespanhola e portugueza. Desgraçadamente os documentos não são muito abundantes e a sciencia ainda tacteia em muita tréva. O que melhor podemos aqui fazer é assimilar o que na questão precipua dos Iberos se nos depara na grandiosa obra do sabio francez, que deixamos lembrado e cuja theoria dissemos abraçar, por nos parecer a mais lucida e a mais autorisada.

Vamos reproduzir pois quasi literalmente um dos capitulos de Jubainville. « De todos os paizes occupados pela raça Iberica, pondera este escriptor, foi a Hespanha aquelle onde ella conservou mais duradouramente o predominio do numero e da lingua Os Iberos

dividiam-se ali em diversos povos, cujos mais conhecidos no VI e no V seculos, antes de J. C., eram os *Tartessios* e os *Cunêtas*, mencionados por Stesichoro, Festus Avienus, Hecateo, Herodoro, Herodoto, Phérécydes e Theopompo. Avienus attribue aos *Tartessios* grandes riquezas e forte marinha, habituada a frequentar as ilhas Estrymnides ou Cassiterides, habitadas pela mesma raça. Segundo Solin foram os *Tartessios* que colonisaram a Sardenha. Quando os Phenicios, onze seculos antes da nossa éra, vieram no paiz daquelles fundar a cidade de Gadeira, encontraram ahi, segundo a tradição carthagineza, uma fortaleza cercada de muralhas e só a puderam destruir com o emprego do ariete, inventado então. Os *Tartessios* habitavam as margens de um rio que tinha o seu nome, chamando-se depois Betis, e hoje Guadalquivir. Possuiam as costas européas, do estreito de Gibraltar, Calpe, a columna hespanica d'Hercules, e se estenderam primitivamente até o ribeiro chamado por Avienus *Theodoras*, por Plinio *Tuders*, por Ptolomeu *Taberos*, e hoje *Segura*, ao norte de Carthagena. Colonias phenicias estabeleceram-se, mais tarde, em uma parte do seu territorio, e, desde o VI seculo, os *Mastianoi* ou *Mastiênoi*, que eram os *Tartessios* de léste, separados dos de oeste pelos colonos phenicios, vieram a formar um povo a parte. No tempo de Polybio, nos meiados do segundo seculo antes da nossa éra, o nome dos *Tartessios* tinha caido em esquecimentos.

O povo que havia usado deste nome celebre tinha se dividido em dous ramos, os *Turdetanos* e os *Turdulos*, nomes que parece têm a mesma raiz do dos *Tartessios*, destinguindo-se apenas por um suffixo. Pouco mais de seculo e meio depois Strabão diz que os nomes de *Turdetanos* e *Turdulos* são synonimos e servem para significar o mesmo povo. Por este tempo tinha essa gente uma literatura versificada, que remontava a seis mil annos ou, segundo outra lição, consistia em seis mil versos. Os *Mastiânoi* ou *Mastiênoi* parecem ter sido um grupo separado dos *Tartessios*, e occupavam a parte oriental do territorio que lhes é consignado por Avienus. Habitavam entre as columnas d'Hercules e o Segura. Hecateo os colloca perto das columnas d'Hercules, e Avienus, que os denomina por corrupção *Massieni*, colloca a descripção do seu paiz entre a menção da cidade de *Menaké* (hoje Almunecar, a léste de Malaga) e a indicação do ribeiro que elle chama Theodorus, e que parece ser, como dissemos, o Segura ao norte de Carthagena. Ora, este ribeiro era antigamente o

limite septentrional dos *Tartessios*. Hecateo, no anno de 500, menciona uma cidade dos *Mastiânoi*, e Herodoro, meio seculo depois põe este povo na lista dos Iberos. *Mastia*, sua terra, figura duas vezes no tratado concluido entre Roma e Carthago no anno de 306 antes de J.C. Polybio ensina que Annibal, por occasião de passar á Italia, no anno de 219 antes de J. C., enviou para a Africa soldados recrutados na Iberia entre os *Mastiânoi*. O nome deste povo desapparece depois, em consequencia das revoluções que soffreu a Hespanha, e Strabão no principio do primeiro seculo da nossa éra parece não o ter conhecido. Os *Cunétas*, visinhos occidentaes dos *Tartessios*, habitavam as margens do Anas, hoje Guadiana, e occupavam as costas do oceano até o Cabo Sagrado, hoje S. Vicente, ponto extremo de Portugal ao sudoeste. Uma tradição conservada por Justino attribue a Gargoris, o mais antigo rei dos *Cunétas*, a primeira colheita de mel. Seu neto Habis ensinou ao povo a atrellar os bois á charrúa e a cultivar fructuosamente os campos. Ao norte dos *Cunétas* estendiam-se os *Kempses*, até os Pyrinéos, cuja porção occidental possuiam nas cercanias da provincia actual da Guipuscoa. Os *Kempses*, que haviam antigamente attingido á costa do oceano, entre os *Cunétas* e os *Tartessios*, tinham, dest'arte, occupado um territorio muito extenso e parece ter sido mais tarde um dos povos, vencidos pelos *Gaulezes*, conquistadores da Hespanha, onde elles fizeram o seu principal estabelecimento. O nome dos *Kempses* desappareceu e os destroços subsistentes apparecem, mais tarde, na historia com os nomes de *Lusitanos*, *Asturos*, *Cantabros*, etc. A léste dos *Kempses* estavam os *Gletas*, estabelecidos entre os Pyrinéos e o Ebro, segundo Asclepiades de Myrléa, escriptor da primeira metade do segundo seculo — antes de nossa éra, que os chama *Igletas*. Herodoro, que escrevia dous seculos antes, dá os *Gletas* como visinhos dos *Cunétas* e estabelecidos ao norte destes. Quanto á contiguidade do seu territorio com o dos *Kempses* parece estabelecida por duas passagens corrompidas da *Ora maritima*, de Festus Avienus : numa, *Gletas* tornou-se *Sæphes*: na outra, a variante *Igletas* foi desfigurada em *Ileates*.

Perto dos *Gletas*, no interior das terras, achavam-se os *Vasconcios* no Ebro, os *Keretas* ao pé dos Pyrinéos. Nas margens do Mediterraneo, ao sul dos Pyrinéos, habitavam os *Indiketas*. No interior das terras, entre os *Tartessios* ao meio dia, os *Gletas* ao norte, e os *Kempses* ao oeste, habitava o povo, cujo nome é escripto *Etmanei*

na *Ora maritima*, e que é, provavelmente, identico aos *Edetani* de Strabão. As subsequentes revoluções de Hespanha forçaram o *Edetani* a estabelecerem-se nas margens do Mediterraneo.

Os antigos nos apresentam alguns vestigios dum systema em que os *Iberos*, ou habitantes das margens do Ebro, teriam sido um povo distincto dos *Tartessios*, dos *Cunétas*, e dos *Kempses*. Os *Iberos* se teriam estendido pela orla do Mediterraneo, do Segura aos Pyrinéos. Entre os diversos povos que temos enumerado, sómente os *Gletas*, os *Keretas*, os *Vasconcios* e os *Indiketas* deveriam ser comprehendidos na designação geral de *Iberos*. A unidade, porém, da raça Iberica, desde o territorio inclusive dos *Cunétas* na orla do oceano até o rio Rhodano, é desde o V seculo antes da nossa éra, a doutrina ensinada por Herodoro de Heracléa. O nome de *Iberos* terá sido applicado desde a origem ás populações desta raça que habitavam as margens do Ibero ou Ebro; como o nome de *Tartessios* aos ribeirinhos do Tartesse ou Guadalquivir: como o nome de *Sordonios* ou *Sardonios* aos ribeirinhos do Sordo: como o nome de *Sicanios* aos ribeirinhos do Sicano, que poderia bem ser o Sena; e, quando se fez sentir a necessidade de um termo ethnographico para designar o complexo da raça, foi o de *Ibero* que foi adoptado pelos sabios gregos. Assim o nome de *Allemão*, a principio especial a uma pequena subdivisão da raça germanica, serve hoje, no francez e noutras linguas, para designar um grupo muito maior. O quadro, prosegue Jubainville ao terminar a sua descripção dos Iberos na Hespanha, o quadro que acabámos de traçar das divisões politicas daquelle paiz, nos transporta ao VI seculo antes de nossa éra, ou aos primeiros annos do V. Os *Gaulezes* não puzeram ainda o pé no sólo da peninsula. Não se trata delles na descripção da Hespanha, compilada por Festus Avienus, que serviu de base á nossa exposição. Só dous povos estranhos á raça Iberica penetraram na peninsula então: os *Phenicios* e os *Ligurios*.[1]

Até aqui o celticista francez. Transcrevemos tão extensa enumeração dos povos de raça iberica na peninsula hespanica pelo que existe de mais moderno na sciencia, como uma especie de preito sentido a esses immorredouros antepassados de nossa propria

[1] *Les Premiers Habitants de l'Europe*, tomo I, pag. 47.

raça, e porque estamos convencidos de serem elles os que maior influencia exerceram na população daquella região como numero e como grupo ethnographico. — O hespanhol e o portuguez são iberos muito mais do que celtas, do que latinos, do que godos e do que arabes.

Qual foi, porém, a acção daquellas gentes no direito? Eis o ponto a elucidar, e sem o que seria uma burla passar adiante.— Infelizmente ainda não poude, ou não tentou a sciencia uma reconstrucção da cultura e do direito ibericos como já o fez para os phenicios, gregos, celtas, romanos, godos, arabes e outros povos. Estamos condemnados a conjecturas e hypotheses mais ou menos plausiveis.— Temos, porém, um meio de sair da difficuldade: e induzir o que seria a organisação juridica e social entre os Iberos do que se sabe della entre os berberes: ou porque uns e outros eram a mesma raça, como ensinam muitos anthropologistas modernos e é particularmente repetido por Ch. Letourneau nos seus diversos livros sobre a evolução do direito, da moral, da politica, da propriedade e da familia, e por Oliveira Martins na sua *Historia da civilisação iberica*; ou, como parece mais provavel, porque a civilisação dos iberos, que tambem foram invasores e colonisadores da Africa do norte até o Egypto exclusive, conservou-se melhor ali, por não ter tido occasião de ser destruida pela sutura superior dos semitas e aryanos, como se deu na Hespanha. Que os iberos tivessem conquistado a Africa do norte, é facto que resulta das narrativas de Platão, Marcellus e Possidonius, habilmente combinadas por Jubainville e A. Maury e outros. A raça berbere, sobrevindo depois, e, sendo menos culta, ficou em posição identica á dos godos, em face dos romanos pensamos nós. Esta hypothese, fazemol-a, por julgarmol-a apta a dar conta de bom numero de factos.

SYLVIO ROMÉRO.

(Continúa).

ESTUDOS DE LINGUISTICA

VERBOS SEM SUJEITO

SEGUNDO PUBLICAÇÕES RECENTES

Em 1888 o notavel professor de Iena B. Delbrück publicou o quinto volume das suas *Investigações Syntacticas*,[1] em cujas primeiras paginas o autor se occupa com o estudo das formas mais rudimentares da proposição. Conhecedor profundo das linguas indo-européas em geral, e especialmente do sanscrito e do grego, o eminente sabio, tratando daquella forma elementar em que a oração se reduz a verbo só, sem differenciação dos dois termos que constituem o typo mais perfeito da proposição, exprime-se desta maneira: «Na minha opinião houve no indo-germanico e ha no indico-antigo expressões verbaes que são realmente pensadas como destituidas de sujeito, isto é, que, segundo a intenção da pessoa que fala, nada mais exprimem do que phenonemos, e correspondem portanto a uma intuição na qual absolutamente não se procedeu a uma distincção entre o agente da acção de um lado, e a acção do outro. O suffixo da terceira pessoa apparece nesses verbos, simplesmente porque toda terceira pessoa, depois que a flexão se desenvolveu, tem sempre um suffixo. Pertencem esses verbos na maior parte á esphera das intuições da natureza e das sensações.»

[1] B. Delbrück, *Syntaktische Forschungen*, 5 Bde. Halle a—S. 1871-1888

Convidado por K. Brugmann para escrever a syntaxe da grammatica comparativa das linguas indogermanicas, essa obra colossal que dá uma nova orientação á toda a linguistica,[1] Delbrück em 1893 accentúa de novo o facto de existirem verbos sem sujeito e sustenta que nas linguas modernas encontramos varios exemplos, onde a analyse, isto é, a analyse positiva e scientifica, não consegue descobrir mais que um unico termo (einheitliche oder eingliedliche Sätze). Nesses casos qualquer outra explicação só é possivel, quando abandonamos o terreno positivo e firme da observação, para nos lançarmos nas regiões nebulosas da metaphysica e da fantasia.

Antes de Delbrück outros sabios, como Marty e Miklosich, tambem se haviam occupado da questão dos verbos destituidos de de sujeito. Miklosich particularmente, que já era conhecido na sciencia pela sua extensa grammatica comparativa das linguas slavas, em um trabalho posterior intitulado *Orações sem sujeito*,[2] estuda o assumpto sob os seus multiplos aspectos, já fazendo o historico das varias doutrinas desde os tempos mais remotos até os nossos dias, e, ao mesmo tempo, a critica severa mas judiciosa das velhas theorias, bem como dos preconceitos que em virtude dellas se implantaram em espiritos mais modernos, já expondo com toda a minuciosidade os innumeros factos dos verbos sem sujeito não só nas varias linguas indogermanicas, mais trazendo mesmo á comparação outros idiomas, como o magyar, o finnico, o khasia e até o chinez.

Muitos desses factos são de pouco ou nenhum interesse para a lingua portugueza. Entre elles, porém, vem especificados no livro de Miklosich tres casos que se referem particularmente ao nosso idioma, e têm sido considerados como pontos obscuros da nossa syntaxe:

---

[1] *Brugmann und Delbrück, Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. Strassburg. O primeiro volume desta obra foi publicado em 1886. O notavel philologo francez, Victor Henry, referindo-se a elle em um numero da Revue Critique, exprime-se assim: Parmi les innovations heureuses dues à M. Brugmann, je ne dois point passer sous silence l'introduction définitive de l'arménen et même de l'albanais dans la comparaison des Formes. On voit que son *Grundriss*, dès à présent classique, marque une étape de la science du Langage au même titre que la Grammaire de Bopp et le Compendium de Schleicher. Sa place est marquée dans toutes les bibliothèques de linguistes, auprès de ces vénérables monuments, qui ont droit à tous nos respects, mais ne répondent plus à nos besoins.

[2] Franz Miklosich. *Subjectlose Sätze*. Zweite Auflage, Wien, 1883.

a) os verbos impessoaes que exprimem phenomenos da natureza; b) as orações existenciaes em que se emprega o verbo *haver*; c) as orações em que para indicar um agente indeterminado empregamos o verbo acompanhado do reflexivo *se*.

As difficuldades na analyse desses casos nascem entre nós não dos factos em si, mas por estarmos sempre propensos a subordinar e amoldar á força os factos reaes a certas doutrinas tradicionaes estabelecidas *a priori*. Em vez de aceitarmos os phenomenos linguisticos taes quaes se apresentam, andamos geralmente a procurar fóra da linguagem um termo reclamado por um principio aprioristico, fingindo portanto um sujeito, ou então substituindo uma frase por outra, linguisticamente differente, em vez de analysar a primeira, analysamos a segunda. Em outras palavras: nós não analysamos: sophismamos a analyse.

I

Mephistopheles, querendo ridicularizar a metaphysica, diz com ar muito serio ao ingenuo rapaz que quer saber tudo: para aquillo que entra no cerebro humano, como para aquillo que lá não entra, nunca falta uma palavra pomposa. Si o ironico Mephisto quizesse exemplificar, bem podia citar a ellipse, o famigerado *scilicet negotium*, essa cerebrina invenção tão commoda para explicar todas as difficuldades e justificar todas as sandices tambem, para explicar o que existe e o que nunca existiu. Com essa vara magica, descoberta ha mais de tres seculos por Sanchez ou Sanctius, professor de Salamanca, se justificam, por exemplo, como mui correctas as frases *ego amo Dei* e *ego amo Deus*, bastando subentender para ellas qualquer palavra ou frase: na primeira haveria ellipse de *praeceptum*, na segunda de *quae praecepit*. Neste gosto os sanchistas tambem devem admittir como acertadissimos certos modos de dizer taes como: *nós vai, mim tem dinheiro*; porquanto, batendo com aquella varinha de condão, teremos por exemplo: *nós somos a gente que vai, quanto a mim, o meu bolso tem dinheiro*.

Não se jactem de possuir o raro talento de resolver difficuldades aquelles estudantes de latim que tem a sagacidade de farejar um *negotium* em todas as grandes emergencias, e que assim conseguem

conquistar os louros sonegados a aquelles infelizes a cujo bom senso repugna dar explicações de tal ordem. Não se jactem disso os latinistas, já em 1587 o autor da celebre *Minerva* havia ensinado como e quando se deve fazer uso dessa panacéa universal. Este trecho de Terencio, por exemplo — *vel me monere hoc, vel percontari, puta. Rectum est, ego ut faciam, non ut deterream* — é analysado grammaticalmente por Sanchez assim: *O Menedeme vel tu puta me monere tibi hoc negotium, vel tu puta me a te hoc negotium percontari: quia si hoc negotium, quod negotium ego abs te rogo, rectum negotium est, ideo te illud ego negotium rogo, ut ego idem negotium faciam: at vero si hoc negotium, quod negotium tu facis, rectum negotium non est, hac quoque de causa illud negotium ego a te rogo, ut ego te ab illo negotio deterream.*

Nós não devemos a Sanchez a descoberta da figura ellipse; já muito antes delle a conheciam os gregos. Mas foi esse grammatico quem teve a audacia de fazer desapparecer completamente a distincção entre uso e abuso daquelle recurso para explicar os pontos difficeis de um texto qualquer e, com uma metaphysica desenfreiada, reconstruir ou, melhor, construir uma linguagem que não existe, nem nunca existiu. Em certos casos effectivamente não se póde deixar de admittir a ellipse; isto é, quando intencionalmente omittimos uma palavra que o interlocutor facilmente poderá completar; quando em virtude da lei do menor esforço, deixamos de enunciar uma idéa que se acha na nossa mente, certos de que somos comprehendidos. Ellipse quer dizer falta, e indica que em certa oração, já por si intelligivel, se poderia empregar ainda uma palavra sem prejudicar o sentido e sem offender a linguagem *usual*. Ninguem por exemplo negará a ellipse nos gritos «jornal,» «gazeta» etc. com que os vendedores apregoam nas nossas ruas as folhas diarias; porquanto, se não quizessem ser tão concisos, diriam em linguagem vulgar: «quem quer comprar o jornal, a gazeta?» Podemos tambem admittir a mesma figura em expressões como «o homem nasce e morre»; porque os nossos ouvidos não se chocam, quando alguem diz «o homem nasce e o homem morre». Considerada deste ponto de vista, a ellipse é um facto positivo, indiscutivel; porém, quando tomamos como ponto de partida um typo de proposição, meramente ideial, arbitrario, e forcejamos por collocar de accordo com elle certos typos tradicionaes de linguagem corrente, precisando portanto de procurar um termo, uma palavra totalmente desconhecida do uso, então a

nossa analyse assume um caracter todo especulativo e apparece a ellipse metaphysica da escola de Sanchez, de sorte que se consegue descobrir para um trecho latino de quinze palavras, como no exemplo citado, nada menos do que doze vezes a ausencia do celebre *negotium*.

Ante essas considerações, comprehende-se que para sabios da estatura de Miklosich e Delbrück, para os quaes a linguistica é uma sciencia de observação e, como tal, limita-se a registrar os factos, para esses sabios os verbos impessoaes e o verbo haver nas orações existenciaes são evidentemente destituidos de sujeito. As expressões «chove», «troveja», «ha homens» são perfeitos typos de orações completas, não lhes falta termo algum para completar o sentido e são assim usadas por todo o mundo; ao passo que as pseudo-integralizações *a chuva chove*, *Deus troveja*, *o mundo ha homens*, ou outras semelhantes, são inteiramente desconhecidas da linguagem corrente, que é o verdadeiro criterio para julgar si ha ou não ellipse.

Muito curioso é o sujeito ficticio outorgado ao verbo *haver* por aquelles que ainda não se libertaram das doutrinas aprioristicas. Escolheram substantivos que indicam exactamente o *logar onde* ha ou existe alguma cousa. Si o sujeito é, como pretendem, o mundo, a sociedade, ou cousa que o valha, era o caso de perguntarmos, de que maneira se arranjam para analysar frases perfeitamente portuguezas, como: *no mundo ha homens*, *na sociedade ha homens?*

II

Na sciencia da linguagem todas as vezes que queremos dirigir a nossa attenção para uma palavra qualquer, temos duas cousas bem distinctas a considerar: 1º um som ou agrupamento de sons: 2º a ideia ou significação da palavra. E' como si dissessemos: os vocabulos são como os seres vivos: possuem uma parte material ou corpo, e uma parte vital, que se póde chamar o espirito ou alma. Uma e outra cousa estão sujeitas a transformações, mas as alterações que em virtude de certas leis physiologicas soffre o corpo do vocabulo, quer seja d'uma época para outra, quer seja d'uma para

outra região, podem ser, e o são quasi sempre, absolutamente independentes das alterações que por effeito de leis de ordem psychologica soffre nas mesmas condições de mudança de tempo e de espaço a alma da palavra. Exemplifiquemos. A palavra *candidatus* empregou-se primitivamente para designar um homem vestido de branco (*candidus*, branco), hoje o vocabulo *candidato*, que nos sons ainda é identico ao latino, abstracção feita do *s* final, designa um pretendente a um encargo, que, si o caso for de cerimona, se apresentará vestido de preto. *Habere* significava *ter, possuir*; hoje o verbo *haver*, alem dessa accepção tem ainda varias outras significações: suggere-nos a noção de existencia, quando empregado sem sujeito na 3ª pessoa e acompanhado de um substantivo; indica futuridade, dever, necessidade, quando seguido da preposição *de* (*hei-de partir* certamente não significa *possuo de partir*): degradou-se á mera categoria de auxiliar de tempo, quando seguido de participio passado (*haver perdido dinheiro* inquestionavelmente não é mais o mesmo que *possuir dinheiro perdido*).

Reciprocamente, a palavra latina *aqua* n'uma das linguas romanicas, o francez, acha-se totalmente alterada em *eau*; isto é, aquelles quatro sons primitivos transformaram-se n'um som unico *ô*, que não existia na palavra latina; e, apezar disso, o vocabulo continúa a manter exactissimamente a significação primitiva.

Sendo cousas bem differentes a parte material, ou corpo, e a parte vital, ou alma, da palavra; e sendo estes factores independentes entre si tambem quanto ao desenvolvimento, tambem os processos a seguir nos estudos que se referem aos sons e naquelles que se occupam principalmente com as significações, não devem ser os mesmos. A razão historica, que para o primeiro ponto de vista representa tão grande papel nas grammaticas modernas póde induzir a graves erros quando applicado na mesma extensão para o segundo. Assim por exemplo, tratando-se da classificação de uma palavra da nossa lingua, para saber si é um substantivo, o nosso unico criterio é a significação *actual*, e a razão historica só nos poderia levar a absurdos, como o de classificar os vocabulos *lente, tenente, estante, agente*, não como substantivos, mas como participios.

Tratando-se da analyse synctatica de uma proposição ou de um trecho, devemos igualmente considerar antes de tudo a significação actual, isto é, a significação na época a que o trecho pertence. Logo

que se começa a analyse, procurando os termos sujeito e predicado, em virtude da propria definição desses termos não se faz outra cousa sinão determinar as palavras que correspondem a duas ideias que existem no espirito da pessoa que fala. A base da analyse é portanto o sentido, a consciencia actual.

O desconhecimento desse principio fundamental, e, de outro lado, o abuso de certo methodo de investigação, levaram alguns grammaticos a estabelecer, para o estudo do verbo *haver* nas orações existenciaes, nada menos que dois absurdos: 1°. uma identidade extravagante, em que *ha = tem = possue*: quer dizer, assim como se diz *Pedro tem ou possue uma casa*, assim tambem, segundo elles, quem diz *ha homens*, poderia igualmente dizer *possue homens, possue momentos solemnes na vida*; 2°. como a noção de posse suppõe sempre um possuidor, tiram das profundezas do nada o celebre sujeito occulto. Deslembrados de que, do ponto de vista linguistico, o sujeito e o predicado são apenas os symbolos phonicos reaes de duas noções igualmente reaes para a pessoa que fala, esses grammaticos, para admittirem a ideia de posse n'uma frase que na consciencia de todo o mundo indica simplesmente que *existe* certo ente, admittem forçosamente duas cousas impossiveis: inconsciencia da pessoa ou cousa a respeito da qual eu quero dizer alguma cousa; inconsciencia daquillo que eu quero dizer dessa pessoa ou cousa.

Si houvesse algum criterio nesse processo analytico, que parteja um sujeito que não foi concebido, seria interessante saber como se deve portar o operador quando tenha de produzir á luz do dia o sujeito de duas proposições francezas de sentido equivalente: *il y a des hommes, il est des hommes*. A analyse da primeira assimila-se com facilidade á da expressão portugueza «ha homens,» e recorrendo então á razão historica, teriamos «habet homines» e fantasiariamos o sujeito. Para o segundo exemplo, porém, esse forceps maravilhoso deve manifestar-se impotente. O verbo *être* vem do latim *esse*, ser, existir; logo nada tem que ver com *habere*, ter, possuir. Como é, pois, que dois verbos tendo significações tão differentes servem para representar uma mesma ideia? E, dada a indentidade de pensamento nos dois exemplos francezes, não deverão tambem ser identicos os sujeitos, no caso de existirem?

Para saber si nos exemplos citados os verbos têm ou não sujeito, é necessario fixar bem o ponto de vista do qual queremos encarar a

questão, attendendo a que os termos de uma proposição podem ser considerados como psychologicos e como grammaticaes. O sujeito psychologico é a «ideia,» a cousa que tenho no espirito e a respeito da qual quero communicar uma novidade, ao passo que o sujeito grammatical ou syntactico é uma «palavra» realmente usada que a syntaxe exige seja um nome no nominativo, quando o predicado é um verbo finito. Si esta palavra representar exactamente o sujeito psychologico, dizemos então que ha coincidencia de sujeito psychologico e sujeito grammatical, como nestes exemplos: *Pedro morreu, o menino caíu.*

Essa coincidencia verifica-se naturalmente na maioria dos casos: mas isto não impede que haja ás vezes verdadeiro antagonismo, como muito bem demonstra Hermann Paul [1] e Gabelentz. [2] ou que certas expressões appareçam destituidas do sujeito syntactico, embora elle psychologicamente não possa ser negado. Este caso particular observa-se nas orações existenciaes *ha homens, il y a des maisons, il est des hommes*, ou no allemão *es gibt Menschen* (litteralmente: elle dá homens). Para a analyse psychologica semelhantes proposições tem effectivamente os dois termos sujeito e predicado, pois que contém a noção de «existir» simbolizada pelas expressões *ha, il y a, il est, etc.* e a noção de «entre» que existe: [3] para a analyse grammatical ou syntactica, a linguagem como facto positivo só nos apresenta nesses exemplos predicados ou verbos sem sujeito, e o substantivo que se segue ao verbo existencial, «haver,» achando-se no accusativo, nada mais é do que o respectivo objecto directo.

M. Said Ali.

(Continúa).

---

[1] Hermann Paul. *Principien der Sprachgeschichte.* Halle 1886.

[2] Georg v. d. Gabelentz. *Die Sprachwissenschaft, ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse.* Leipzig 1891.

[3] Nessas frases a analyse psychologica distingue perfeitamente os dois termos; emquanto que os verbos impessoaes que exprimem phenomenos da natureza constituem uma phase mais elementar, em que o espirito não procede a essa differenciação.

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES

Si a vitalidade de um povo se revela nos productos da intelligencia, si quanto uma nação possue de nobre, de generoso, de altamente ideial acha a synthese nas concepções da arte, a Escola de Bellas Artes ha de estimar-se feliz por ter offerecido ao paiz, na primeira das suas exposições, uma imagem, pallida embora, do valor moral e ideial, que adquirio o genio brazileiro entre os fastigios do mundo civilisado.

Não se trata de parciaes manifestações de escolas ou de corrilhos nem de obras ideiadas e executadas nos limites e com os elementos do ensino official, mas de um conjuncto de quantos pintores, aqui ou nos recantos mais longinquos desta terra, receberam vida ou inspirações, de quantos artistas, na escola ou fóra della, no paiz ou longe delle, trabalham para construir o edificio da grandeza nacional e vão cumulando a contribuição com que esta patria ha de entrar na historia da arte contemporanea.

*
* *

Difficil é no caso presente a tarefa do critico. Esta exposição póde-se chamar o primeiro fructo de uma revolução artistica, que se realizou á sombra da revolução politica de 1889; e si de um lado se vê nella evidentemente uma divergencia profunda com as da antiga Academia, de outro não se póde deixar de reconhecer que quasi todos os principaes artistas, que nella figuram foram discipulos daquelles mesmos, cujos quadros enchem ainda as salas da nossa pinacotheca.

Para os adoradores de outros tempos, *laudatores temporis acti*, é necessario dar uma explicação a este respeito.

Si todos os homens que alcançaram no mundo um certo renome tivessem obrigação de reconhecer como mestres e superiores a si mesmos os que lhe ensinaram a ler e a escrever, o primeiro homem do mundo seria só quem traçou, pela primeira vez, um rasgosinho qualquer para indicar um som da voz humana, e a humanidade não seria mais do que uma perenne reproducção de discipulos cada qual inferior ao mestre: quer dizer uma degeneração perpetua.

Assim, julgando sem preconceitos e sem paixão, é preciso confessar que os nossos melhores artistas de hoje representam uma educação intellectual e esthetica opposta á dos antigos mestres da velha academia, porque comparticiparam da evolução artistica que se desenvolveu nestes ultimos trinta annos na Europa, e que triumphava no nome do *realismo*, emquanto os protegidos do paço experimentavam os gostos e o idealismo esthetico de Cesar com systemas de trabalho, que eram a degeneração da arte antiga e a negação da arte de todos os tempos.

Não sou suspeito de querer levantar a arte moderna acima da antiga; as minhas idéas a esse respeito são conhecidas; mas o que se dá aqui não entra nas considerações geraes da historia dos grandes periodos artisticos: em poucas palavras, faltando ainda ao Brazil um meio artistico proprio, e seguindo as artes aqui um processo de assimilação dos elementos do velho mundo, nota-se que os mestres da velha academia se acharam a assimilar uma arte que estava moribunda: a arte do convencionalismo e do manequim; os novos, ao contrario, respiraram a valer numa corrente nova de ar puro e conseguiram fazer uma arte joven, cheia de vida com todas as qualidades e todos os defeitos da mocidade.

Quem quizer convencer-se faça uma comparação criteriosa entre a *Batalha dos Guararapes* e os *Bandeirantes*, entre o *João Caetano* e a *Faceira*, entre a estatua de Pedro I e a de Ozorio. E achará prova a valer.

*
* *

A physionomia predominante desta primeira exposição é o realismo; poucas excepções embora destoem, não alteram o conjuncto.

O estudo da natureza, mais ou menos feliz, mais ou menos brilhante, conforme o talento dos diversos artistas, constitue a orientação esthetica dos expositores. Falta ou é muito rara a composição; não apparece de forma alguma a ousadia dos grandes assumptos, em que um homem de genio póde fixar o caracter de uma nação e perpetuar-lhe as glorias e as aspirações mais elevadas.

Falta; e não porque haja deficiencia de talento ou de conhecimentos nos nossos melhores artistas; mas porque esta primeira exposição ficou prejudicada por muitas causas, que afastaram todos do trabalho ordinario, tornando impossivel aquella concentração, aquelle abandono á uma inspiração fixa, que constitue a *conditio sine qua non* das grandes concepções.

A exposição de Chicago, a crise politica e financeira, a revolta, com todas as suas consequencias, foram mais do que sufficientes para manter no espirito publico um estado de preoccupações que são contrarias aos processos mais intimos e mais fecundos do trabalho artistico. Accrescente-se que dadas as circumstancias expostas, ninguem ou bem pouca gente contava com a realização dessa exposição, e por ultimo argumento não devemos deixar de notar que a alimentação da grande arte é difficil aos nossos dias, quer na esphera dos estados, quer na dos particulares. Não ha nos orçamentos da economia publica, verba sufficiente para recompensar dois ou tres annos do trabalho de um artista sobre um assumpto de interesse nacional, e os poucos amadores de arte, por mais intelligentes, não podem gastar na acquisição de um quadro o que poderia habilital-os para a compra de uma galeria inteira de pequenos trabalhos.

E após tudo onde é que o collocariam? Ha, nas casas particulares salas *ad hoc?* Duvido; em todo o caso cabe ao governo federal, cabe ao dos estados a tarefa de cuidar no desenvolvimento da grande arte.

Os *patres conscripti* hão de estar convencidos do que na vida moderna as nações tanto valem por quanto produzem, e que só a superioridade da producção intellectual determina a superioridade politica e civil.

Sem Darwin e sem Spencer, sem Stuart Mill e sem os grandes politicos literatos que, de Disraeli a Gladstone, a collocaram na vanguarda, a Inglaterra não seria hoje a primeira nação da Europa.

*
* *

O conteúdo dos quadros mais notaveis que podemos apreciar como verdadeiras obras de arte, em pequena parte pertence á vida e á natureza brazileira. Nesse genero sobresaem Brocos, Weingartner e Almeida Junior entre os mestres, e Visconti, Alexandrino Borges, Santos Ollala, Baptista da Costa entre os que encetam com felizes auspicios a carreira artistica.

Brocos, apezar da sua origem hespanhola e da sua educação italo-iberica, é, entre os artistas, o que mais se apaixonou pela natureza e pelos costumes brazileiros. Já numa exposição privada o anno passado deu bastantes e valiosas provas dessa sua tendencia e o quadro da *Mandioca*, que foi premiado em Chicago, mereceu favoraveis apreciações dos entendidos de arte. Uma collecção de quadros feitos em Diamantina mostra hoje que elle vai seguindo louvavelmente no mesmo caminho e apresenta com evidencia verdadeiramente zoliana as scenas que encerram as maiores riquezas do solo, as pedras rijas e tristes, que dão a medida exacta da energia brutal que deve empregar o homem no momento de exploral-os. Aqui certamente não para a actividade de Brocos: provavelmente para o anno elle, sahindo dos pequenos assumptos de quadros de salas particulares dará uma verdadeira obra de arte, em que será personificado, com applicação ao nosso meio, um dos principios mais irrefutaveis da Ethnologia americana. Almeida Junior deu sempre provas da sua predilecção pelos assumptos nacionaes e nesta exposição entre os quadros que apresentou, ha um que merece ser lembrado: *O picador de fumo.*

O typo, o costume, é o que de mais caracteristico se encontra no povo paulista, entre os trabalhadores da roça a quem a natureza fecunda e benigna dá um ar de robustez sadia, e de satisfação intima, que indicam o pleno e equilibrado goso da vida. Weingartner, que estudou sempre felizmente os costumes da colonia alleman no Rio Grande do Sul aproveitou uma viagem no estado de Santa Catharina, onde ficou quasi bloqueado seis mezes pelos movimentos das forças combatentes da ultima revolução, e trouxe para aqui avultado numero de quadros quasi todos pequenos, alguns dos quaes animados por grupos de patriotas, caracteristico pela mistura a mais variada de traje e de fardamento.

A preoccupação de reproduzir com a maxima fidelidade a realidade prejudica um pouco estes trabalhos de Weingartner: ha um certo predominio de processos photographicos que mostra o escrupulo e a correcção do artista, mas não sae do commum e faz lembrar o celebre verso de Horacio: *Serpit humi, nimium timidus, timidusque procellæ.*

O unico quadro em que Weingartner fixou o caracter magestoso da natureza fecunda do sertão catharinense, não foi exposto e está na esplendida galeria do Barão de Quartim: ali é que se revela o artista verdadeiro e completo.

Visconti mostra-se nas suas paizagens e nas suas figuras, um pintor de grande futuro: a primeira qualidade de um artista, a de apanhar e reproduzir os caracteres mais salientes da vida e da realidade, domina nos quadros expostos; mais ou menos trabalhados, mais ou menos acabados, mostram que dentro das telas o ar circula e as figuras representam um sentimento: ainda está no começo e já em Chicago, em Paris e aqui foi premiado e apreciado. Oxalá que os faceis successos não lhe cortem as azas e não lhe enfraqueçam o espirito!

Muito felizes Santos Ollala no *Pescador* em que a vegetação brazileira rica e luxuosa está bem representada; Baptista da Costa no seu *Lago do jardim botanico* notavel pela frescura e vivacidade de colorido, e Alexandrino Borges na *Cozinha na roça*, que revela as boas aptidões que elle possue para a reproducção da realidade e que é uma bella promessa.

As marinhas que Castagnetto expoz não estão entre os trabalhos mais notaveis desse sympathico e apreciado artista; elle acabava de fazer uma exposição quando se annunciou a entrega dos trabalhos para o primeiro Salão da Escola; e não teve tempo de fazer obras *ad hoc*: esperal-o-emos para o anno.

* * *

Da arte de genero e sem caracter nacional, cabe o primeiro lugar a Henrique Bernardelli. Artista na verdadeira accepção da palavra, trabalhador como poucos ha, não teve nestes ultimos annos, tempo, nem occasião de preparar novos quadros do valor e da importancia dos *Bandeirantes*: mas não deixa de se affirmar o que vale até nas pequenas telas. A *Feiticeira* e a *Volta do trabalho* são quasi os

phosphoros retrata, com expressão invejavel, um dos typos mais interessantes e mais communs da Italia comteporanea.

Precisa ter viajado pelas cidades mais populosas daquelle paiz, ter vivido, nas noites do inverno, naquelles *cafés*, naquelles *Restaurants*, onde se aventuram esses pequenos, quasi nús e sem sexo, aquem todos dizem um gracejo e dão um vintem, e cujo estoicismo é resistente a todos os rigores dos elementos; para poder avaliar-se do valor desse quadro.

O professor Amoedo apresentou-se com um bonito retrato de sua senhora: trabalho fino e minucioso que foi merecidamentepre miado em Chicago e com uma *Cabeça de Oriental* que é um sympathico specimen de pintura a fortes effeitos.

Bom e caracteristico o *Sans souci* de Lopes Rodrigues, bem desenhadas as cabeças de velhos e o *Velho bretão*, mas com um colorido pouco feliz e sem frescura.

Merecem a attenção dos visitantes o *Copo d'agua* e o *Pateo* de Aurelio de Figueiredo, pintura ligeira, mas graciosa e de bom gosto.

Fiuza Guimarães é um bom discipulo que promette, mas tem que estudar muito ainda.

Entre os estrangeiros especial menção merecem o Sr. Fabbi com a sua *Algeriana*, o Sr. Souza Pinto com os seus cinco quadros que dão prova do bello talento e do fino gosto dum dos melhores artistas do Portugal contemporaneo, e a Sra. Diana Cid, que quiz lançar num meio virgem e são, uns specimens de arte que a nevropathia moderna poderá decantar, mas que a historia hade registrar ente os documentos mais significativos da decadencia européa.

Ha nesses quadros, nessas figuras diaphanas, nessas paizagens azues ou cinzentas, alguma cousa de sympathico, não ha vulgaridade emfim, mas o equilibrio da visão está profundamente alterada, e uma especie de anemia physica e intellectual vai progressivamente rasgando da tela o fim e o objectivo da arte.

Bonitas algumas aquarellas do alumno Treidler e interessantes os dois quadros de gravuras apresentados pelo professor Girardet, mas estes pertencem mais á arte industrial, não aquella que tem botica no mercado, mas aquella que póde contar entre os seus mestres um Benevenuto Cellini.

Na secção de architectura digno de consideração é o *Projecto de um hotel* do professor Cordoville (planta e fachada), mas os projectos do Sr. Berna, que são o que de mais desigual e de mais irracional se póde imaginar, não merecem menção sinão para fazer saber que o jury os julgou dignos de premio.

A esculptura era representada por uma obra só, que vale bem uma legião de estatuas e estatuetas: o retrato de Miguez — factura de Rodolpho Bernardelli. Não é o chefe da Escola de Bellas Artes, não é o director do ensino official que considero e aprecio naquelle busto é o grande, o genialissimo esculptor que impressionou os artistas e os criticos da Italia na Exposição de Turim em 1894, com o seu *Christo*, e que plasmou na *Faceira* uma das mais bellas e das mais perfeitas estatuas do mundo moderno.

O typo de Miguez, com aquelle ar modesto de bonachão que o distingue, revive no bronze que aliás esta tratado plasticamente com aquella largueza que é dote invejavel da arte de Bernardelli.

E com o nome de Rodolpho Bernardelli entendo fechar com chave de ouro esta humilde revista. No nome delle a arte brazileira colliga-se com a arte moderna e entra francamente na evolução do gosto e dos ideiaes contemporanos.

Elle deu o exemplo da grande arte: primeiro a tomar um lugar estavel na historia da arte brazileira do seculo XIX, d'aqui a poucos annos terá doado o seu paiz de uma meia duzia de monumentos, que todos os paizes apreciarão e que muitas nações americanas hão de nos invejar. Mas a grande arte não se improvisa: é filha do genio, sim, mas custa a leval-a a fim, custa trabalho, sacrificios, dores, illusões e desillusões, innumeraveis, custa um drama glorioso que poucos entendem, que se tenta conspurcar, mas que a consciencia publica pouco a pouco transforma numa lenda nacional.

A grande arte não é só questão de fantasia: é questão de methodo e de sentimento. Sentimento singelo e methodo natural.

Cada grupo de figuras que não tenham base sinão na imaginação do artista não educado na observação e na reproducção da realidade, acaba por cair no ridiculo e na caricatura. Nem é questão de dimensões: quadros e estatuas não se medem com metro.

Seja qual fôr o tamanho duma tela, seja qual fôr o assumpto e a imaginação que levou o artista ao trabalho, si o methodo da inspiração e da reproducção não vem da identificação do artista com a grande mestra, a natureza, não haverá arte grande e arte duradoura, mas arte de moda e de corrilhos que segue a fortuna da politica e morre antes do cerebro que tentou produzir organismos viventes e saio-se com os abortos.

Amphora coepit... currente rota, cur urceus exiit? E a interrogação horaciana vae aos queixosos que trocam a arte pela politica e a vida pelas apparencias da vida; aos quaes não será inutil lembrar outra vez Horacio.

Vane finguntur species.

C. PARLAGRECO.

BIBLIOGRAPHIA

1. — **Nova grammatica alleman**, por M. Said Ali, lente do Gymnasio Nacional e professor da Escola Militar. Laemmert & C., Rio de Janeiro e S. Paulo, 1894, in-8º, XIV — 1[illegible] p.

« O Sr. professor M. Said Ali, que ha pouco fez ao ensino a preciosa dadiva de uma grammatica franceza traduzida de Ploetz, acaba de prestar ao estudo da lingua de que é professor official, um grande serviço com a publicação de sua grammatica alleman. Deixando de parte o systema prolixo e fatigante de Ollendorf, Jacotot e Robertson, os quaes, por meio de frases desconexas e o mais das vezes de rara applicação, não attingem ao fim a que se propõem, offerece o Sr. Said Ali um methodo simples e essencialmente pratico. Segundo declara o A. no seu prefacio, tem em vista o seu livro não preparar o alumno a falar, porém a ler e escrever o allemão. Esse intuito é seguramente alcançado pelo illustre professor. Seu processo, baseado em autoridades de justa nomeada, é inteiramente novo entre nós no estudo da lingua alleman. Assim, no ponto relativo ás declinações, em que a arbitrariedade dos grammaticos sujeita o estudante a continuas duvidas; na parte attinente aos verbos, que a nova grammatica muito desenvolve; o A. procura reunir nas regras o maior numero possivel de exemplos, evitando, ao contrario de Otto, as extensas listas de excepções. Outros pontos, entre os quaes particularmente o que concerne ás particulas de composição, em que em geral são pouco explicitas as grammaticas, apresentam-se claramente explicados no recente trabalho do Sr. Said Ali.

Não nos parece, entretanto, muito razoavel o estudo separado dos «casos», que o estudante só vem a conhecer integralmente, tanto em relação aos pronomes pessoaes quanto aos substantivos, depois de muitas lições. Seria, talvez, preferivel que o alumno desde o começo se habituasse á declinação completa das palavras, nomes ou pronomes, que com frequencia apparecem nos exercicios. Termina a grammatica por uma relação de verbos fortes e fracos anomalos, de accordo com o philologo Whitney. E' um meio de consulta para o estudante, mais facil e de uma organisação mais racional do que a lista identica que se encontra na conhecida grammatica de Otto. Em seguida, um vocabulario de palavras de uso commum, ordenadas systematicamente, proporciona um pequeno diccionario de muita utilidade. Nos exemplos teve o cuidado o professor, de offerecer sempre trechos de prosa escolhida de bons autores, poesias ou fragmentos de poetas celebres.

Em vez de traduzir frases inuteis, o alumno vai-se pouco a pouco familiarisando com os escriptores allemães e adquirindo o gosto pela rica literatura germanica. A impressão da casa Laemmert nada deixa a desejar sob o ponto de vista da nitidez.—D. DE C.

2. — **A Nova Escola Penal** pelo Dr. Viveiros de Castro, professor de Direito criminal da Faculdade livre de Direito. Rio de Janeiro, Domingos de Magalhães, editor, 54 rua do Ouvidor, 1894, 409 p. — in-8°.

Este livro, dil-o o A. na sua *Explicação preliminar*, «é uma vulgarisação das ideias e dos principios da nova escola penal, obra de propaganda e de combate». Quem elle combate é a escola classica, a cada passo taxada no livro, com intencional menospreso, de metaphysica. Methaphysica na accepção pejorativa, é apodo que mutuamente se atiram hoje as diversas escolas que entre si disputam o monopolio da verdade. Para os positivistas por exemplo, toda a concepção que não for a de Comte é metaphysica, sem exclusão da propria nova escola penal. Ha tambem pensadores que falam na metaphysica positivista, e não sem razão. Este termo, portanto, nada significa: é um mero epitheto de desprezo que, com igual razão reciprocamente se podem enviar as varias escolas philosophicas. Livro feito de artigos soltos publicados em jornaes, não tem este a unidade que faz suppor o titulo: essa unidade dá-lh'a, porém, a mesma inspiração ou antes a mesma adhesão ás ideias — e por ora são apenas ideias — da nova escola penal que segundo o A (pag. 249) «tem em Lombroso, seu chefe, em Ferri seu orador e seu polemista, em Garofalo o magistrado perspicaz e vigilante». — Sem contestar o que possa haver de verdade e de fecundo nesse movimento provocado e propagado principalmente pelos criminaliatas anthropologistas italianos, parece-nos que metaphysica por metaphysica, a escola classica tem ainda a seu favor, no ponto de vista pratico das applicações sociaes ao menos, a vantagem da unidade do seu criterio e da geral aceitação dos seus principios e conceitos. A concepção do crime, o criterium da penalidade, como a applicação das penas não estão nellas sujeitas ao arbitrario e ás profundas divergencias dos conceitos da nova escola — Do mesmo livro do Sr. V. de C. resaltam essas divergencias e contradicções mostrando que se não trata realmente de uma nova escola penal, unida e systematisada, sinão de tendencias mais ou menos homogeneas, si podemos dizer assim, para uma nova concepção do crime e da pena. Quanto aos factores do crime. Tarde preconisa a instrucção superior como causa repressiva delles e o Dr. Corre pensa justamente o contrario (p. 177); Garofalo contesta a theoria de Turati, (p. 188): Tarde e Garofalo criticam vivamente a lei de Poletti, de que o crime é o resultado da actividade do homem, como o commercio e a industria são o resultado da sua actividade. (p. 197.)—

E assim, a cada passo, e sobre as differentes questões da criminologia ha profundas divergencias entre as sequases da nova escola. Sobre esta contenda de escolas dizia ha pouco a autoridade competente o Sr. E. Glaukler, professor na faculdade de direito de Caen, que a escola anthropologica não tem mais direito a existencia e que somente duas escolas, a positiva e a classica, acham-se frente a frente. Embora julgue elle que entre ellas não ha logar para uma terceira, essa terceira escola se formou na Italia, tendo a testa os Srs. Carnevale e Alimena. Do primeiro já ha uma brochura manifesto com o significativo titulo de *Una terza scuola de diritto penale*. Quanto a celebre theoria do typo do criminoso que o Sr. V. de C. parece ainda ter como verdadeira e seguir, póde-se julgar como definitivamente morta. Vencida no congresso de Anthropologia criminal de Pariz, e discutida de novo no de Bruxellas em

1892, chegaram unanimemente os criminalistas a conclusão — e é tudo o que concedem a Lombroso — o que muitos criminosos são degenerados e como tal apresentam stygmas de degenerescencia mais ou menos frequentes; sem nisso haver nada que caracterise um typo anatomico. É portanto, mais prudente falar em «novas tendencias do direito penal» como disse atraz e como fez o Sr. Glaukler resumindo os trabalhos daquelle congresso, do que em nova escola penal contrapondo-a á escola classica — Uma, sem duvida, merece melhor o epitheto de positiva que se da, porque quaesquer que sejam os seus desvios e exageros, procura no estudo scientifico dos factos sociaes, sem preoccupações theologicas ou philosophicas, deduzir as leis da criminalidade e as regras para a sua repressão. Frequentemente, porem, as suas generalisações são precipitadas, e carecem absolutamente do caracter de universalidade que deve ter toda lei scientifica. — Tudo isto não tira ao livro do Sr. V. de C. o seu valor de livro de vulgarisação dessas modernas tendencias, que certamente encerram elementos que, bem apurados, deverão modificar profundamente os conceitos do crime e da penalidade. — De parte alguns cochillos como «[illegible] de todas as civilisações» [illegible] a sciencia com a sua «luz [illegible] e viva de um [illegible]» [illegible] 167) que é de mau gosto, e outros pequenos senões, o livro é escripto com elegante simplicidade.

Não faltam tambem citadas em [illegible] que tanto se fala de sciencia e methodo scientifico frases e generalisações como estas: «Comem (os criminosos) com o appetite [illegible] de um [illegible] e dormem o somno [illegible] de um [illegible]» (pag. 148) «mais adiante: «A vaidade é na [illegible] mais forte dos seus sentimentos, a sorda sensivel que nunca deixa [illegible] que [illegible] a depravar as mais honestas e corromper as mais puras» (p. 158) «A [illegible] de recordar commosco que ha [illegible] que preferem [illegible] a uma [illegible] a um galanteio [illegible] bem [illegible]». Estes e quantos senões não tiram ao livro do Sr. V. de C. o merito [illegible] entre nos questões da maxima importancia e [illegible]. V.

OS LIVROS DE 1894

[illegible]

ALVES & C. — [illegible] S. Paulo. [illegible] leitura para [illegible] Felix Ferreira, [illegible] impresso, bem [illegible] um bom indice [illegible] por Alfredo [illegible] programma official. [illegible] — [illegible] Illustrada. [illegible] e uma [illegible] costumes. [illegible] luz das [illegible] em summa. [illegible] literatura [illegible] NACIONAES.

livro approvado pelo Conselho Superior da Instrucção publica do Districto federal. 2ª edição correcta, 4º milheiro, por Rodrigo Octavio, 242 pgs.-in-8º (Da dedicatoria do A. á mocidade brazileira, sabe-se que este livro foi feito «para que ella aprenda a significação dos dias que a Republica manda guardar.» Talvez um pouco erudito de mais para o fim: em todo o caso, util e bem feito). — NOÇÕES DE CHIMICA INORGANICA, pelo Dr. João Martins Teixeira, lente de physica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com mais de 100 figuras no texto, 2ª edição inteiramente refundida, 707 pgs. in-8º. — (Não precisa elogiado este livro de um dos nossos melhores professores do ensino superior. Pena é que a impressão e todo o aspecto material do volume não corresponda ao real merito da obra). — GEOGRAPHIA PRIMARIA, composta para uso das escolas primarias pelo Dr. Carlos de Novaes, lente de geographia e cosmographia do Lyceu Paraense, 2ª edição, 142 pgs. in-16. Comquanto ainda um pouco atrazado no modo de conceber e expor os factos geographicos, é um progresso sobre os nossos antigos compendios. Nitidamente impresso e illustrado em Pariz.) — DIURNAL DA MOCIDADE CHRISTÃ, dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz por Monsenhor Carlos Couturier, approvado pelo Exm. Sr. Bispo do Rio de Janeiro, 6ª edição, 542 pgs. in-32. — GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA, para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes por Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade, 2ª edição, completamente refundida e augmentada, com annotações historicas e comparativas, principalmente na parte relativa á syntaxe no sec. XV ao XIX. in-8º. 737 pgs. (E' de lastimar que livro de tanto valor tenha saido inçado de incorrecções typographicas, serio defeito em obra didactica como esta). — AS AVES DO BRAZIL. Primeira parte, pelo Dr. Emilio Augusto Goeldi, director do Museu paraense, in-16. 311 pgs. (Faz parte da bibliotheca que com o titulo de «Monographias brazileiras» começou a publicar a casa Alves & C., sob a direcção do erudito Sr. Capistrano de Abreu. E' o segundo volume dessas monographias, das quaes a primeira foi os MAMIFEROS DO BRAZIL do mesmo A. e o terceiro, a sair do prélo, será A PESCA NA AMAZONIA do nosso director, o Sr. José Verissimo).

DOMINGOS DE MAGALHÃES, Livraria Moderna, 54, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. — NO PAIZ DOS YANKEES, por Adolpho Caminha, 179 pgs. in-16. — RIMAS DE OUTR'ORA, por Affonso Celso, 190 pgs. in-16. (Reunião em um só volume, delicado e elegante, dos versos antigos e novos do autor das *Telas sonantes*, tambem aqui juntas. Ha ahi alguns poemas deliciosos). — BALLADILHAS, por Coelho Netto, 286 pgs. in-16-gr. (Fantazias, contos, poemas rapidos e fugidios, na prosa alada, trabalhada em arabescos, segundo a maneira do A.). — NOTAS E FICÇÕES, por Affonso Celso, 296 pgs. (Narrativas bem contadas no estylo simples, mas por vezes prosaico, si podemos dizer assim do A., estylo em que com a imaginação poetica se mistura um pouco da seccura juridica). — A DONA DE CASA, contendo guia de hygiene privada e conselhos, hygiene da alimentação e do vestuario, principios de economia domestica, hygiene das crianças e da meninice, prejuisos a corrigir, por Sylvinio Junior, in-16, 250 pgs.

LAEMMERT & C., Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor 66, S. Paulo, Rua do Commercio 25. — CONTOS PARA FILHOS E NETOS, colleccionados e adaptados ao nosso meio, por Carlos Jansen. Edição ornada com oito chromos, in-8º, 158 pgs. (E' o sexto dos excellentes livros que o mallogrado professor Jansen adaptou, segundo o methodo de um educacionista allemão, de obras primas das literaturas estrangeiras ao nosso meio dando aos nossos rapazes aquillo que absolutamente não tinham: bons livros accommodados á sua idade e aos seus gostos. Os outros, todos

editados com esmero pela mesma casa, são *Mil e uma noites*, *Robinson Crusoé*, *D. Quixote*, *Viagens de Gulliver* e *Aventuras de Munkausen*, constituindo na nossa lingua, cuja literatura aqui e do outro lado do Atlantico é tão pobre de livros para a juventude, uma excellente e unica bibliotheca, que só precisa augmentada no mesmo espirito). — BOTANICA DE J. D. HOOCKER, versão do inglez pelo professor R. Villa Lobos, com 72 gravuras, in-16, IX-170 pgs. (E' o sexto volume da util «Bibliotheca do ensino intuitivo» publicada pela livraria Laemmert). GEOGRAPHIA PHYSICA, de A. Geikie, adaptada ao portuguez por Carlos Jansen, in-16, XV-128 pgs. (E' a 2ª edição, «correcta e melhorada» do 1º volume da mesma «Bibliotheca» acima, composta de bons livrinhos muito recommendaveis no ensino primario e adoptados nas nossas escolas publicas). — NOVA GRAMMATICA ALLEMAN por M. Said Ali, lente do Gymnasio Nacional e professor da Escola Militar, in-8º, XIV — 164 pgs. — NOTAS CLINICAS SOBRE O TRATAMENTO DA TUBERCULOSE PULMONAR pelas injecções hypodermicas de creosoto. Extracto dos artigos publicados na *Revue Medico Chirurgicale du Brésil* pelo Dr. A. Renaldy, folh. de 35 pgs. — O MEDICO DOS POBRES OU A HOMŒOPATHIA AO ALCANCE DE TODOS pelo major Braulio Jayme Muniz Cordeiro, 6ª edição revista, melhorada e muito augmentada, in-16, XX — 170 pgs. — DO CASAMENTO CIVIL SEGUNDO O DECRETO N. 181 DE 24 DE JANEIRO DE 1890, annotado e seguido do respectivo formulario de accordo com as determinações do governo por Manoel Godofredo de Alencastro Autran, 2ª edição in-16, 180 pgs. — DECREPITUDE METROMANIACA, decimo terceiro livro de versos do padre José Joaquim Correia de Almeida, in-16, 155 pgs. (Livrinho elegantemente impresso das pequices graciosas de um septuagenario a quem as musas bemfazejas continuam a visitar para raiva dos jacobinos e gaudio dos sebastianistas). — ESTUDOS BRAZILEIROS, 2ª série, 1889 — 1893, por José Verissimo, in-8º gr. XIX — 275 pgs. (Estudos sobre o nosso movimento literario naquelle periodo e sobre homens e cousas do Brazil, D. Pedro II, José de Alencar, Machado de Assis, A vida literaria, etc.) — CONCEPÇÃO MONISTICA DO UNIVERSO. INTRODUCÇÃO AO COSMOS DO DIREITO E DA MORAL, por Fausto A. Cardoso, in-8º gr., XXXVII — 293 pgs. (Tentativa digna de apreço de instituir a philosophia do direito, ou antes o mesmo direito, sobre a concepção monistica do universo, qual a ensina a moderna philosophia alleman. Infelizmente toda ella é baseada nas theorias como quer que seja fantasistas de um scientista cujo valor tem singularmente baixado nos circulos scientificos de melhor nome, Ernesto Hœckel.)

FAUCHON & C. livreiros editores, 125 Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. FLORIANO PEIXOTO, traços biographicos por Luiz José Pereira da Silva, in-4º, 78 pgs. (Biographia ou antes panegyrico do ex-presidente da Republica. Edição de luxo. O trabalho de impressão e gravura honra as officinas da Casa da Moeda). — PLANISPHERIO TERRESTRE indicando as novas descobertas, as colonias européas e as linhas maritimas dos navios de vapor que fazem escala nos principaes portos de commercio, traçado por A. Vuillemain, revisto e correcto por E. Zerolo (E' o unico trabalho deste genero, dizem os editores, que existe, em portuguez.) — A GUARDA NACIONAL DA CAPITAL FEDERAL E A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO DE 1893 A 1894, 1º vol. por Castro Soromenho, in-4º, com retratos, 289 pgs. — O ESTRANGEIRO E O CAMBIO pelo engenheiro militar Alberto Wilkens, folh. in-8º de 15 pgs. — PELO DIVORCIO! por Pardal Mallet, folh. de 95 pgs. in-8º. — INTERMEZZO por Heinrich Heine, traducção brazileira da *Semana*, in-16, XXII — 90 pgs. (Delicioso livrinho em que em trasladar para o nosso idioma o verso alado do grande lyrico allemão, puzeram todo o seu estro diversos poetas nossos. As versões, muitas das quaes feitas do francez, si não são todas

exactas e correctas, são quasi todas elegantes e verdadeiramente poeticas. Escragnolle Doria, da *Semana*, pôz um curto prefacio á esta traducção). — LITERATURA BRAZILEIRA JOSÉ DE ALENCAR, por T. A. Araripe Junior. 2ª edicção, in-8º. 204 pgs. (A primeira edição deste livro, um dos melhores da critica nacional, é de 1882. Esta segunda a sobreleva em correcção e nitidez).—LITERATURA BRAZILEIRA GREGORIO DE MATTOS por T. A. Araripe Junior, in-16. VII - 147 pgs. (Com o *José de Alencar* e o *Dircen*, é este o terceiro estudo critico que sob o titulo geral de « literatura brazileira » publica o A. acerca dos typos que se lhe afiguram principaes da nossa literatura. E' um livro de real valor, que merece apreciado mais demoradamente. Pena é que saisse em typo tão miudo, o que não só lhe difficulta a leitura, como reduz a quasi um folheto uma obra que tem a materia - - e excellente - - de um grosso volume).

J. G. DE AZEVEDO, editor, 33, rua da Uruguayana. — SEGUNDO LIVRO DE LEITURA reorganisado de accordo com o programma das escolas publicas primarias pelos professores J. dos Santos Sabino e A. E. Costa e Cunha, 3ª edição inteiramente refundida e augmentada.

JOAQUIM DA CUNHA & C., editores, 116 rua de S. José. — SCENARIOS, fantasias sobre Historia Antiga, in-16, 197 pgs. — PRAGA por Coelho Netto, in-16, 115 pags.

IMPRENSA NACIONAL. — A AMAZONIA EM 1893. Estudos economico-financeiros, por Luiz R. Cavalcanti de Albuquerque, in-8º gr., com um mappa demonstrando a navegação regular a vapor da Amazonia. 207 pgs. (Livro cheio de dados e informações uteis sobre o commercio, a navegação, a producção, o clima, etc. daquella região brazileira). — HISTORIA DOS TRES GRANDES CAPITÃES DA ANTIGUIDADE ALEXANDRE, ANNIBAL E CESAR, pelo Dr. Cesar Zama, deputado federal, in-8º, 447 pgs. — O NOVO GOVERNO DA REPUBLICA, in-16, 350 pgs. (Este livro, contendo as biographias dos Srs. Prudente de Moraes e Manoel Victorino, presidente e vice-presidente da Republica e os seus retratos, não traz nome de autor. Cremos saber que os Srs. Feliciano Gonzaga e Alvares de Azevedo Sobrinho, jornalistas, são os seus autores. Merece lido).

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

— Em 24 de Novembro falleceu em Caxambú (Minas-Geraes) João Carlos Pardal Mallet, bacharel em letras e em direito, jornalista e escriptor. Entre os nossos homens de letras foi um dos que mais enthusiasticamente receberam a idéa da fundação desta revista, á qual promettera a sua collaboração. Annunciou-a com os encomios do seu coração generoso na chronica literaria que ainda então fazia na *Noticia*. Como jornalista Pardal Mallet deixou artigos de critica, de polemica literaria e politica na *Gazeta de Noticias*, na *Cidade do Rio*, no *Combate* e na *Noticia*. Em volume ha delle o romance o *Lar* e o estudo sobre o *Divorcio*, recentemente publicado. Foi aqui entre os annos de 80 e 90 o chefe do movimento literario dos chamados *Novos* contra os que chamavam *Velhos*.

— Foi restaurado no anno findo com a denominação de « Museu paraense de historia natural e ethnographia » o antigo museu do estado do Pará e a sua direcção confiada ao Dr. Emilio A. Goeldi, cuja reputação scientifica é bem conhecida. Como prova da sua actividade logo em Setembro publicou o novo director o primeiro numero do *Boletim do Museu Paraense*, contendo além de uma parte administrativa os seguintes artigos: *Archeologia e Ethnographia do Brazil* por Ferreira Penna — *Estudos arachnologicos relativos ao Brazil* — *Breve noticia* sobre *alguns vermes interessantes do Brazil* e *Observações e impressões durante a viagem costeira do Rio de Janeiro ao Pará*, todos pelo Dr. E. Goeldi. — Este primeiro numero tem 56 pags. in-8º, excellentemente impresso, a fazer honra á typographia paraense. Traz como homenagem do Museu a seu restaurador, o retrato do Sr. Lauro Sodré, governador daquelle estado. Sabemos que serão contractados no estrangeiro para o Museu paraense mais dois especialistas em diversos ramos das sciencias naturaes, e que os poderes publicos locaes mostram o mais intelligente interesse por aquella instituição, chamada a prestar ao conhecimento da Amazonia inestimaveis serviços.

— Na mesma cidade do Pará foi criada a 12 de Outubro de 94, uma sociedade de estudos paraenses com o fim, dizem os seus estatutos, « de desenvolver o estudo da Amazonia, particularmente do Estado do Pará, sob os seus diversos aspectos, com especialidade o da geographia, historia, ethnographia, historia natural e archeologia ». A nova sociedade já publicou tres fasciculos, em dois folhetos, da sua *Revista*, contendo *Actas, estatutos e listas de socios*, *O Brazil na exposição de Chicago* pelo Barão de Marajó — *Vocabulario dos Aruans* por Ferreira Penna (Extr.

dos *Arch. do Museu do Rio de Janeiro*) *Crancos dos indios da Guyana brazileira* (idem) *Um capitulo da historia colonial do Pará* pelo Barão de Guajará — *A fortaleza de Macapá* por Alvares da Costa — *A Muyrapuama* pelo Sr. Rebourgeon. — *O Padre Antonio Vieira no Pará* por Cyriaco Alves da Cunha — *Documentos para a historia do Pará* por Gonçalves Tocantins — *Limites com a Guyana franceza* pelo Barão de Marajó — *As Guyanas* pelo conego Muniz (Trad. de E. Reclus) — *Viagem ao Cuminá Grande*, pelo Padre Nicolino — *Algumas noticias sobre a vida de Alexandre Rodrigues Ferreira* pelo Dr. Goeldi — *Rio Cuminá*, por Gonçalves Tocantins — *Estudos geographicos e astronomicos relativos ao Pará*, por Severiano Bezerra de Albuquerque. - Estes tres fasciculos chegam á pag. 148 do Tomo 1º, in-8º gr. bem impresso.

— Foi inaugurada a 12 de Novembro, na praça 15 de Novembro, antigo largo do Paço, a estatua equestre do general Osorio, obra do esculptor nacional Rodolpho Bernardelli. A estatua é de bronze sobre um pedestal de granito alpino, aos lados do qual dois baixos relevos, cheios de vida e animação, recontam, em bronze tambem, episodios da vida guerreira de Osorio. O mesmo esculptor tem já prompta a estatua do Duque de Caxias, e trabalha nas de José de Alencar e Benjamin Constant.

— Saiu ha pouco dos prélos da Companhia Typographica do Brazil um grosso volume in-8º gr. de CXXXIX — 803 pags. com o titulo *Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro á memoria de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II*. E' a collecção de artigos, telegrammas, opiniões da imprensa, demonstrações de pezar e outras manifestações de apreço feitas ao ex-imperador por occasião de sua morte. Organisou-a, precedendo-a de um interessante prefacio sobre aquelle instituto e o imperante que tão desveladamente o protegeu, o Sr. Henrique Raffard, secretario da mesma associação.

— Na Bahia e em S. Paulo fundaram-se com o titulo de *Instituto Historico e Geographico*, sociedades com o fim de estudar a historia e a geographia daquelles dois estados. Muito podem fazer pela nossa historia e geographia taes institutos, cuja criação, por outro lado revela um auspicioso despertar da vida espiritual na provincia. Politica e intellectualmente é da reacção deste centro sobre os estados e delles sobre elle que se fará o nosso progresso.

— Annunciam-se para breve os seguintes livros: FAUCHON & C., Mello Moraes Filho, *Festas e tradicções populares do Brazil*; Araripe Junior, *O Brazil Litterario*; Ferreira da Rosa, *Izabel a Redemptora*; A. Caminha, *A Normalista* (nova edição) Leonidas e Sá, *Bella* (romance) Alberto de Oliveira, *Versos e Rimas*. — ALVES & C., Dr. Menezes Vieira, *Noções de hygiene*; Olavo Freire, *Noções de geometria pratica*; *Noções de sciencias physicas e naturaes* e *Noções de agricultura e horticultura praticas*; José Verissimo, *A Pesca na Amazonia*; Goeldi, *As aves do Brazil*, (2º vol.) Berquó, *Historia Universal* (nova edição) MAGALHÃES & C. Visconde de Ouro-Preto, *A marinha de outr'ora*; LAEMMERT & C. Orlando, *Codigo Commercial*, 5ª edição; V. de T. *Como me tornei kneippista*; J. CUNHA & C. Henrique de Magalhães, *Sonetos de toda a cor*; Carlos de Laet, *Em Minas*; Olavo Bilac, *Chronicas e novellas*; Magalhães de Azeredo, *Alma primitiva* (contos); Virgilio Varzea, *Mares e campos* (contos); Figueiredo Pimentel, *Lenda de Santa Amanda*.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

Escreve-nos um dos nossos collaboradores:

— «E' facto de observação geral nas fazendas de café que a formiga saúva poupa as arvores do cafesal que crescem no formigueiro ou na vizinhança immediata delle. Nisto assemelha-se o insecto á raposa européa que evita commetter depredações nos gallinheiros que se acham perto da sua toca. E' duvidoso, porém, que a saúva assim proceda por astucia, sendo muito mais provavel que, apreciadora da sombra que lançam os cafeeiros sempre frondosos que estendem as raizes por entre as galerias do formigueiro, procure conserval-as, despojando sómente as arvores que lhe não fornecem protecção. No sertão a saúva nem toca nos cafeeiros, nem no milho, preferindo exclusivamente as arvores florestaes. Na região da mata, ou falta-lhe o pabulo predilecto do sertão, ou adquire novos appetites mais damnosos para o homem.

Em Copacabana presenciei um facto curioso illustrativo da intelligencia do mesmo insecto. Numa cocheira de taboas havia um rocinante, que diariamente se achava defraudado de uma parte de sua ração pelas saúvas. Apenas se botava o milho no mangedouro, davam intelligencia do facto as formigas batedores e estabelecia-se logo um cordão de obreiros, que, penetrando por entre as frestas das taboas, saíam cada uma carregada de um bago de milho com o qual descia verticalmente pelo lado de fóra. Na descida havia um angulo que entrava, de passagem difficil, e ali estacionára, na occasião em que as observei, solitaria obreira, que se incumbira de ajudar as outras na travessia. Isto effectuava chamando a si parte do peso do bago e recuando diante da companheira até pol-a em caminho seguro. Auxiliada uma, voltava ao encontro de outra, continuando na sua tarefa, apparentemente voluntaria, durante todo o tempo que durou esta ladroeira systematisada». — A. A.

A *Revista Brasileira* acceitará e publicará com muito prazer communicações originaes, breves e exactas, como esta, sobre toda a ordem de factos que possam esclarecer ou interessar, questões de historia natural ou politica, pontos duvidosos de historia literaria nacional, biographia, etc.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APÓLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da **MAGNESIA** sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que, animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica*, para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos*, etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo*, indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

[illegible]

Este incomparavel [illegible] pelos resfriamentos, [illegible] do tempo ou [illegible] **Xarope Anti-catarrhal,** [illegible] [illegible] [illegible]

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que, animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas á de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica*, para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos*, etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo*, indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose, nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta e em todos os estados morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

do

Pharmaceutico GRANADO

APROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicamento [illegible], *depurativo* e *expectorante*, [illegible] indispensavel para o tratamento [illegible] das [illegible] *recentes*, *rebeldes*, *dolorosas* da *laringe*, *dor e aperto do peito*, *tosse*, *catarrho pulmonar* e *outras affecções* das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são agravados pelos resfriamentos, mudanças repentinas de temperatura, [illegible] das vias [illegible], [illegible]; [illegible] casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como poderosissimo [illegible] e expectorante das necessidades que se accumulam nos brônchios. Vide prospecto para seu uso.

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

do

Pharmaceutico GRANADO

APROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação deste [illegible], o Pharmaceutico Granado, o empregando o particular cuidado, importado directamente de acreditados centros productores.

As [illegible] propriedades medicamentosas dos [illegible] que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o torna preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade*, *anemia*, *chlorose*, *lymphatismo*, *escrophulose*, *rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente*. O frasco é seguido de [illegible] para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

BANCO DA REPUBLICA DO BRAZIL

9, Rua da Alfandega, 9

ESQUINA DA DA CANDELARIA

TELEPHONE N.

CAPITAL	**150.000:000$000**
FUNDO DE RESERVA, c/ especial	**67.537:350$325**
FUNDO DE RESERVA	**2.774:957$090**
LUCROS SUSPENSOS	**3.882:700$894**
ULTIMO DIVIDENDO, distribuido por acção	**6$000**

PRESIDENTE

Francisco Rangel Pestana, Dr., r. D. Marianna, 9.

VICE-PRESIDENTE

Fernando Lobo Leite Pereira, Dr., trav. Senador Vergueiro, 9.

DIRECTORES

Antonio José de Lima Castello Branco, Dr., trav. do S. Salvador, 32.
Luiz Alves da Silva Porto, Commendador, r. Marquez de Olinda, 14 V
Thomaz José Coelho de Almeida, Cons., r. Larangeiras, 21.
Frederico Duval, Commendador, praia de Botafogo, 186.
Camillo de Andrade, r. Riachuelo, 254.
José de Paiva Magalhães Calvet, Dr., r. Voluntarios da Patria, 84.
Ignacio Pimentel, praia de Botafogo, 298.

CONSELHO FISCAL

João Manoel Pereira da Silva, Cons., r. Conselheiro Bento Lisboa, 85.
João Capistrano Bandeira de Mello, Cons., r. Haddock Lobo, 181.
Barão de Quartim, r. Benedictinos, 16 e Rezende.
Francisco Ramos Paz, Commendador.
Visconde S. Luiz do Maranhão, Larangeiras.
José Marques de Carvalho, Cons., Catete.

EDIFICIO PROPRIO

9, RUA DA ALFANDEGA, 9

Esquina da da Candelaria

ARMSTRONG, PAULINO & C.

TELEPHONE 355. Endereço telegraphico — ARAMPO-RIO

RUAS DE D. PEDRO, 84, THEOPHILO OTTONI, 73,
SAUDE, 107

DEPOSITO DE MACHINAS PARA A LAVOURA E INDUSTRIA

Fornecedores de estradas de ferro e artigos para mineração

Machinas de vapor e caldeiras, rodas d'agua, engenhos de moer canna, ditos de serrar madeira, bombas, pulsometros, moinhos de fubá, encanamentos para agua, gaz e vapor. Ferro galvanisado e fundido e fabricantes de canos de chumbo de agua e gaz, machinas para mandioca e fumo, transmissões, polias, mancaes, luvas e todas as mindezas que pertencem a este ramo de negocio.

ENGENHO CENTRAL

Para descascar e beneficiar café

Têm sempre grande sortimento de correias de couro, algodão e borracha,

ENCARREGAM-SE DA CONSTRUCÇÃO E MONTAGEM DE QUALQUER MACHINISMO

LIVRARIA INTERNACIONAL

F. Briguiet & C.

16 e 18, Rua Nova do Ouvidor, 16 e 18

LIVROS E MATERIAL DE ENSINO

Comte (Auguste) Geométrie analytique, précédé de la Géométrie de Descartes, 1 vol. 4to., 10$000.

(Os compradores desta obra receberão um exemplar do opúsculo: Notice sur la place de la Géométrie analytique dans l'ensemble de la vie et de l'œuvre d'Auguste Comte par R. Teixeira Mendes).

Museu Escolar Brazileiro, adaptado do «Musée Scolaire», Bruxelles, pelo **Dr. Menezes Vieira** (ex-director do Pedagogium).

(Estão à venda desde já os seguintes quadros):

1.º O apparelho circulatório, 2.º Apparelho digestivo, 3.º Apparelho respiratorio e circulatorio, 4.º Orgãos dos sentidos, 5.º Aves, 6.º Reptis, 7.º Peixes, 8.º Mammaes, 9.º Crustaceos, 10.º Insectos uteis, nocivos e medios de tomar.

Preço dos 11 quadros em uma caixa com dobradiças 25$000.

(Os compradores desta collecção receberão um mappa escolar do Brazil).

No prelo, para apparecer em 1 de Janeiro de 1896:

Dr. Pires de Almeida – Analyse clinico-clinica das urinas e exame dos centros (jornal de urina) 8$000.

A receber brevemente de Portugal:

Miss Martineau– Resumo de o philosophia positiva de Auguste Comte, traducção de d'Avezac-Lavigne, 2 vol. 4to., 30$000.

Temos sempre em nossa casa um bem escolhido sortimento de livros de direito, encadernação em todos os seus ramos, artistica, etc., etc. **Encommendas da Europa com a maior brevidade. Especialidades em material escolar** (Mappas geographicos, cosmographicos, de systema metrico, de geometria, de sciencias physicas e naturaes, etc., etc. Globos, esferas, apparelhos de systema metrico, sólidos, geometricos, ardoisas (quadros pretos), pedras ardosianas, ardoisas esquadradas, etc., etc.

GRANDE

ARMAZEM DE VINHOS

DE

João Antonio da Costa Carvalho

Recebidos directamente das primeiras casas e fabricas da Europa como vinhos de Bordeaux, Bourgogne, Champagne da Viuva Clicquot e outros vinhos do Rheno e do Porto, licôres de todas as qualidades, conservas alimentares, e todos os numerosos artigos pertencentes ao seu commercio.

COMPLETAMENTE SORTIDO COM GENEROS DE PRIMEIRA QUALIDADE

POR ATACADO E A VAREJO

40 RUA DO HOSPICIO 40

LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C.

RUA GONÇALVES DIAS, 46 — RIO DE JANEIRO

RUA DA QUITANDA, 8 — S. PAULO

PACHECO DA SILVA JUNIOR e LAMEIRA DE ANDRADE—Grammatica portugueza, 2ª edição completamente refundida e posta de accôrdo com os trabalhos congeneres mais recentes. 1 vol. cart. 3$000

E. GOELDI—Aves do Brazil (2º volume das monographias brazileiras) 1$500

H. SPENCER, da Educação moral, intellectual e physica. 1 vol. br. 1$000

TRATADO DE METHODOLOGIA, por Valdevino de Carvalho. 1 vol. . . . . 2$000

A EDUCAÇÃO NACIONAL, por José Verissimo. 1 vol. br. . . 3$000

GLOBO GEOGRAPHICO EM PORTUGUEZ, executado em Paris, segundo o desenho fornecido pelo Pedagogium do Brazil, revisto pelo Sr. Dr. Ramiz Galvão, Director do Ensino do Districto Federal, adoptado nas escolas da Capital Federal do Brazil; 45 c. de diametro apparelhado em pé de metal fundido. . . . . [illegible]

Dr. E. GOELDI, Os mamiferos do Brazil (1º volume das monographias brazileiras) br. . . . . 1$[illegible]

NOÇÕES DE CHIMICA GERAL, pelo Dr. Martins Teixeira. 1 vol. . . . . 1$000

NOÇÕES DE CHIMICA INORGANICA, pelo Dr. Martins Teixeira. 1 vol. enc. 1/2 chagrin com nervos . . . . . 2$000

MATTOSO MAIA, Lições de Historia do Brazil. 1 vol. . . . . 1$000

NOÇÕES DA VIDA PRATICA, (Lições de mulher), 9ª edição, por Felix Ferreira. 1 vol. de 507 paginas, impresso e illustrado em Paris com 200 gravuras . . . . . 2$000

DICCIONARIO GRAMMATICAL, contendo em resumo todas as materias que se referem ao estudo historico comparativo da lingua portugueza, por João Ribeiro. 1 vol. cart. . . . . 1$000

HISTORIA DO ORIENTE E DA GRECIA, por João Ribeiro. 2ª edição illustrada. 1 vol. cart. 3$. enc. em porcellina . . . . 4$000

NOÇÕES DE HISTORIA UNIVERSAL, adaptada ao ultimo programma, pelo Dr. Moreira Pinto. 2ª edição, 1 vol. in 16 cart. 2$000

CHOROGRAPHIA DO BRAZIL, (curso superior). Antigamente publicada com o titulo de *Geographia das Provincias do Brazil* contendo uma carta geographica de cada Estado do Brazil desenhadas por Olavo Freire, taxa pelo Dr. Moreira Pinto, obra premiada pelo jury da exposição pedagogica, quarta edição muito augmentada. Adoptada na Escola Normal da Capital Federal, no Gymnasio Nacional, na Escola Normal do Estado do Rio de Janeiro, na de S. Paulo, etc. 1 grande volume . . . . . 10$000

LIVROS E ROMANCES HESPANHÓES

ULTIMAMENTE CHEGADOS E A VENDA NA

Livraria Laemmert & C.

MOURELLAN (D. R) **JERUSALEM.** Viaje pintoresco, histórico y arqueológico por Oriente. Alta mentor. Tierra santa. Egipto y Grecia, con extensas y críticas narraciones de paisajes, types, trajes y costumbres de grupos, ciudades y pueblos, afectos y bellezas del desierto; reflexiones de amenos pasajes con bellísimos y oportunos narrativos útiles y entretenidos de la vida íntima y social de las razas orientales. 2 vol. Ilustrado por Rosello Planas, con el juicio crítico, del eminente literato y académico D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe que se reparte al final de la obra..... 20$000

D. THEODORO BARO', Un drama en la aldea, Novela con preciosas láminas por el reputado artista D. Rosello Planas. 2 vols. 10$000

D. MANUEL FERNANDEZ Y GONZALEZ. El pastelero de madrigal (Memorias del tiempo de Felippe II). con grabados. 2 vols. 20$000

ALEXANDRE DUMAS (pahre) **La reina Margarita.** Novela histórica original, con grabados..... 10$000

J. R. DEL VALLE: La Mascota. Novela espiritual ilustrada con grabados de mimos y grabados. 2 vols..... 20$000

D. FELIPE DE BURGOS: La campana de la Almudaina. Novela histórica basada sobre el drama de igual nombre, con grabados, 1 vol..... 10$000

D. IGNACIO GARCIA MALO: La voz de la naturaleza o el espejo de la juventud. Colección de ejemplos prácticos de virtud, moralidad, y honradez; 2 grandes vols. con grabados..... 20$000

EL CAMARADA. Semanario infantil, ilustrado por artistas habilísimos y adornado de 1 grande vol..... 20$000

SWIFT: Viajes del capitan Guliver continuados con los de su hijo Juan Guliver, 2 vols. con grabados..... 10$000

D. FERNANDEZ Y GONZALEZ: Los mártires de la familia (Memorias de un sacristan) 2 grandes vols. con grabados..... 20$000

HERNANDEZ Y FERNANDEZ: Los maravillosos del nuevo mundo. Aventuras de una expedicion científica por el Atlántico, las Pampas Argentinas, los Andes, Chile, el Océano Pacífico, las Tierras Australes, la Tierra del Fuego, la Patagonia, el Paraguay y el Gran Chaco. Costumbres y pueblos interesantes, carácter y costumbres de los indígenas, etc. etc. 2 vols. con bellos grabados..... 40$000

VICTOR BALAGUER: D. Juan de Serrallonga. Novela original ilustrada con otras muchas estampadas en litografía. 2 vols. ..... 10$000

D. S. DE MOURELLAN: El paraíso humano, ilustrado por D. Eusebio Planas. 2 gruesos vols. ..... 20$000

ARDON DE PAZ: La biblia de las mujeres, 1 vol. Ilustrado con muchos grabados ..... 10$000

FREDERICO SOLES: La batalla de la vida, obra ilustrada con profusión de magníficas láminas del renombrado artista D. Eusebio Planas. 2 gruesos vols. ..... 20$000

D. RAMON ORTEGA Y FRIAS: Las dos reinas. Memorias de un paje, y un desterrado. Novela histórica original. 2 gruesos vols. Ilustrada con muchos grabados ..... 20$000

EUGENIO SUE: Memorias de un maniático. Reproducción exacta. Ilustrada con otras láminas. 1 grueso vol. ..... 10$000

EUGENIO SUE: Los siete pecados capitales. Obra ilustrada con magníficas láminas 2 vols. ..... 20$000

FERNANDEZ Y GONZALEZ: Las buenas y las malas madres. Novela de costumbres ilustrada con magníficas láminas del renombrado artista D. Eusebio Planas. 2 vols. ..... 20$000

FERNANDEZ Y GONZALEZ: Los amantes de Teruel: (Tradición de la edad media) ilustrada con magníficas láminas. 1 vol. ..... 10$000

D. ANTONIO DE TRUEBA: Obras populares.—Cuentos de color de rosa.—Cuentos populares.—Cuentos campesinos.—Cuentos de vivos y muertos.—Cuentos del hogar.—Cuentos de varios colores.—El libro de los cantares.—Capitanes de sin libro. 2 gruesos vols. ilustrados ..... 20$000

D. JUAN CORTADA: La voz de la conciencia ó el libro de la familia. Colección de ejemplos morales. 2 gruesos vols. Ilustrados con magníficos grabados ..... 20$000

ENRIQUE PEREZ ESCRICH: Los elegidos. Novela de costumbres magníficamente ilustrada. 2 vols. ..... 20$000

DUPANLOUP (Mgr.) **La educacion** de las hijas de familia y estudios que convienen á las mujeres en el mundo. 1 vol. ..... 6$000

HISTORIAS EXTRAORDINARIAS. Gran colección de historias, novelas, cuentos é leyendas fantásticas por Hoffmann, Edgard Poe, Alejandro Dumas, Lord Byron, Washington Irving, E. Ducharme, Samuel Warren, Adrian Ribert, J. Lepelle, etc., etc. Vertidas al castellano. Ilustradas con magníficas láminas. 2 vols. ..... 20$000

EL MUSEO DE LA JUVENTUD. Publicacion dedicada á la infancia—adolescencia—familia, por Manuel Aranda y Sanlizar. 2 tomos (cómodos) con grande profusion de grabados ..... 20$000

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,

UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

DO

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas)
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas na capa. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição, duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral da nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

COLLABORADORES

Acauã Ribeiro — Affonso Arinos — Affonso Celso — Alberto de Oliveira — Alcindo Guanabara — Alfredo Alexander — Alonso Adjuto — Araripe Junior — Arthur Azevedo — Aureliano Portugal — Barão do Rio Branco — Barão de Alencar — Barão Homem de Mello — Barbosa Rodrigues — Borges Carneiro — Capistrano de Abreu — Carlos de Carvalho — Carlos França — Carlos de Laet — Carlos Parlagreco — Carlos Seidl — Castro Rebello Junior — Coelho Netto — Constancio Alves — Domicio da Gama — Delgado de Carvalho — Ed. Chapot Prevost — Emilio Goeldi — Erico Coelho — Eugenio Gabaglia — Fausto Barreto — Fausto Cardoso — Francisco de Castro — F. Fajardo — Fortunato Duarte — Getulio das Neves — Graça Aranha — Herculano de Freitas — Henrique de Sá — Hilario Peixoto — Joakim Catunda — Joaquim Caminhoá — Joaquim Nabuco — J. Caldas Vianna — José Hygino — Julio de Moura — Leonidas de Sá — Leopoldo Miguez — Lucio de Azevedo — Lucio de Mendonça — Luiz de Albuquerque — Luiz Detzi — Macedo Soares — Machado de Assis — Magalhães de Azeredo — Manoel Victorino — Marcio Nery — Medeiros e Albuquerque — Olavo Bilac — Orville Derby — Paula Lopes — Paulo de Frontin — Pedro Tavares — Ramiz Galvão — Raymundo Corrêa — Rodrigues Peixoto — Rodrigo Octavio — Rodrigues Barbosa — R. von Ihering — Said Ali-Ida — Sylvio Roméro — Souza Bandeira — Teixeira Brandão — Teixeira de Mello — Teixeira de Souza — Thomaz Delfino — Thomaz Cavalcanti — Torquato Tapajoz — Ubaldino do Amaral — Urbano Duarte — Vicente de Souza — Virgilio Damazio — Virgilio Varzea — Visconde de Taunay — Viveiros de Castro, etc., etc.

AVISO

Pedimos ás pessoas que nos fizeram a fineza de aceitar listas de assignantes o favor de as devolverem ao Sr. Paulo Tavares, gerente da *Revista Brazileira*, rua do Ouvidor 66, Rio de Janeiro.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO—TOMO I 2.° FASCICULO 15 DE JANEIRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **Sonhos Funestos**, tragedia colonial, por **R. OCTAVIO**. . . . 65

II. **A Fabrica de Ferro de S. João de Ipanema** por **J. PANDIA' CALOGERAS**, engenheiro do Estado de Minas 83

III. **A Divida**, conto por **ARTHUR AZEVEDO**. 96

IV. **Estudos de linguistica — I. Verbos sem sujeito** (*Continuação*) por **M. SAID ALI**, do Gymnasio Nacional . . . 108

V. **A Orographia brazileira** pelo **BARÃO HOMEM DE MELLO**, do Collegio Militar. 116

VI. **Bibliographia** 124

VII. **Notas e Observações** 127

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000 - Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

I

SONHOS FUNESTOS

DRAMA COLONIAL EM TRES ACTOS E QUATRO QUADROS

DUAS PALAVRAS

O trabalho que venho agora apresentar á grande luz da publicidade não é novo e não é completamente meu.

Não é completamente meu, porque as scenas que os alexandrinos, que vão ser lidos, vestem e animam, foram enredadas em torno de um episodio lendario que foi uma das primeiras leituras romanticas da minha meninice. A graciosa e primitiva figura dessa que nos meus versos se chama Luzia, viveu por muitos annos, nitida e pertinaz, no meu espirito através da evolução de sua cultura, graças á commovedora impressão que me ficou dessa historia simples de sonhos e de crendices. O leitor curioso encontrará nas paginas do livro das *Lendas e Narrativas*, de Bernardo Guimarães, o illustre poeta e romancista mineiro, as primeiras linhas deste meu trabalho, que assim não é completamente meu.

Não é novo o meu drama, porque tive-o na gaveta por tempo que ultrapassou o do preceito horaciano. Somente, todo esse tempo não gastei-o eu no esforço de o aperfeiçoar e de o tornar digno da leitura do proximo, como o recommenda o velho mestre. Preoccupações e estudos de outra natureza desviaram-me completamente dos estudos e preoccupações literarias e artisticas. Este drama dos *Sonhos Funestos* apparece hoje quasi como foi composto em dezembro de 1887 ao tempo em que me bailavam no espirito as fantasias dos 21 annos e as esperanças dos primeiros dias de vida official. Eu era a esse tempo promotor publico em Santa Barbara, pitoresca cidade de Minas, situada no já depauperado coração da zona aurifera.

A triste contemplação daquelles campos sáfaros e daquellas collinas devastadas, revestidas de pequenos montões de cascalho e pedras numa argamassa indestructivelmente consolidada pelo suor e pelo sangue dos submissos escravos e dos exploradores gananciosos, abriu em minha imaginação trabalhada pela saudade dos que me ficaram longe e pela poesia de um isolamento quasi monastico, a paizagem opportuna para a composição das scenas cujos personagens eram antigos companheiros da minha insomnia romantica.

Em algumas noites de vigilia os versos dos *Sonhos Funestos* ficaram escriptos, quasi como eu os apresento agora, esperando da generosidade dos leitores a desculpa das incorrecções do trabalho.

PERSONAGENS

D. ALIPIO MANOEL DE VILHENA, moço fidalgo, grande proprietario de minas de ouro.

MILITÃO, velho escudeiro.

LUZIA,

MARIANNA, sua mãe.

FERNANDO, primo e noivo de Luzia.

TIO ANTONIO, frade.

JACINTHA, velha escrava.

MINEIROS E CAMPONIOS

A acção desenvolve-se em principios do seculo passado, na Capitania de Minas Geraes proximidades da antiga Villa Rica (Ouro Preto).

ACTO PRIMEIRO

Paizagem agreste. Ao fundo, escarpadas serranias. A' direita uma ponta de bosque e um amontoado de grandes pedras. Crepusculo.

SCENA I

D. ALIPIO E MILITÃO

D. Alipio

Descancemos aqui nesta pedra. Declina
O sol e eu amo ver esta alegre campina
Mergulhar-se na luz de um crepusculo triste!
Pouco a pouco adormece a terra! Não existe
Espectaculo assim tão bello na cidade!
Possa eu nos campos ter essa felicidade
Que não tenho encontrado ainda neste mundo.
Tanta gente é feliz, sem conforto, no fundo
De um albergue e entretanto, em palacio opulento
Eu não tenho o que goza esse que dorme ao vento,
A' chuva, ao temporal sob humidas folhagens
E tendo unicamente estas bellas paizagens
E a luz de um meigo olhar como encantos da vida...
A alma sente-se bem nestes ermos perdida
E dorme, dentro em nós, como uma ave no ninho...
O gorgeio é um consolo, o perfume é um carinho,
E emquanto a alma descança o nosso olhar de poeta
A adejar, a adejar como uma ave inquieta,
Paira ali, paira além, contemplando esta bella,
E prodiga natura em que Deus se revela...

Militão

Que dizeis, D. Alipio?

D. Alipio

Eu contemplo a belleza
Que a meus olhos ostenta a rica natureza...
Que mortal não se inspira ante este panorama?

Militão

E' bello realmente....

D. Alipio

E minha alma se inflamma
Quando ás tardes alcanço esta collina agreste...
Lá em baixo um manto verde a pradaria veste,
E surgem os perfis das negras serranias...
Tu tambem, Militão,

Militão

Senhor!

D. Alipio

Não aprecias
A belleza sem par, destas paizagens?

Militão

Certo,
Muito aprecio, sim! Mas o viver deserto,
Solitario que aqui vós levais, D. Alipio,
E' o que extranho somente; eu pensava a principio
Que essa resolução que tomastes não era
Mais que uma fantasia, um sonho, uma chimera...

D. Alipio

Não me suppunhas tu, capaz?...

Militão

Mas creio agora...
O rapaz mais gentil que em Vila-Rica mora,
Quasi um principe...

D. Alipio

Olá!

Militão

Resolver de repente
Abandonar a Villa, a festança frequente,
As morenas, o amor, os companheiros, tudo
Para se vir metter nesse retiro mudo
E viver solitario uma vida de monge...

D. Alipio

Que achas nisso de mais, Militão?

Militão

Eu bem longe
Estava de suppor que tal acontecesse...
E em vosso pai tambem o espanto, ao que parece,
Não foi pequeno.

D. Alipio

Sim? Falou-te a tal respeito?...

Militão

Falou-me vosso pai que não achava geito
De realizardes vós o desejo exquisito...

D. Alipio

Hão de ver! Para aqui me mudei... Tenho dito!
Estou farto da vida ephemera das salas,
Tenho tédio da côrte, abomino estas gallas,
Detesto os imbecis que me cercam e illudem,
De cujos labios vis só lisonjas expludem...
Ennoja-me esse amor das mulheres perdidas,
Sem pudor, cujo beijo abre o corpo em feridas...
Fiz eu mal em deixar essa existencia abjecta?...

Militão

Pondes negro de mais nas cores da palheta...
Carregais muito a mão no que pintaes, porquanto
Nem tão mal vae o mundo...

D. Alipio

E' o que pensas...

Militão

Entanto
Em breve voltareis á vida primitiva...
Num ermo assim não ha mortal que muito viva,
Sem seria distracção que o preoccupe.

D. Alipio

Creio
Que te enganas, verás...

Militão

Disso não me arreceio.
Cedo virá pôr termo a esse desterro triste
A inconstancia feliz do vosso genio.

(ouve-se ao longe um sino)

D. Alipio

Ouviste?
Ao toque deste sino o trabalho termina:
E' o descanço que vem... Por hoje, aquella mina
Não me dará mais ouro... Olha, surgem agora
Os mineiros da guela horrorosa...

Militão

Apavora
Esta scena... parece uma visão do inferno...
Legião condemnada a um soffrimento eterno...

(passam ao fundo, aos grupos, trabalhadores que voltam da mineração)

D. Alipio

Eil-os! vão repousar! que inveja! Satisfeitos
Caminham dois a dois! Ferve amor nesses peitos!
E em mim como em deserto onde essa flor não medra
Tudo parece ser do que é feita esta pedra!

Sou nobre! Meus avós vêm de remota idade,...
A origem de meu nome está na antiguidade
Da historia portugueza! Um meu antepassado
Em Africa morreu do joven Rei ao lado...
Em cem batalhas, cem dos meus avós lutaram
E para Portugal a gloria conquistaram!...
Sou fidalgo!... Sou rico!... estas serras fecundas,
O ouro todo que está nestas entranhas fundas,
E' meu, sómente meu! Isto que em roda vejo,
Tudo! para ser meu basta um simples desejo...
Muito perto d'aqui, no meu palacio, dorme
A collossal fortuna, o meu thesouro, enorme!
E estes homens que vão contentes, trabalharam
Para mim! Para mim seus corpos se cançaram!
Tiram ouro da terra? ouro tiram do lodo
Dos corregos? E' meu esse ouro todo, todo...
Sou rico e entretanto, eu invejo o que é pobre...

Militão

Mas se fosseis plebeu, quererieis ser nobre!
Esta é a lei fatal dos homens; com a sorte
Nunca se está contente e assim nos chega a morte...

D. Alipio

Quantos em Villa-Rica invejavam-me os amores,
Tem ciumes de mim... e os negros dissabores
Que me affligem não têm...

Militão

Vossos dotes são tantos,
Rico, moço e gentil... todo cheio de encantos
E do capitão-mór descendente, em verdade
Um ente mais feliz não pisa na cidade!

D. Alipio

E a minha alma de tedio emtanto vive presa...
E eu venho procurar na grande natureza
Para o corpo descanço e conforto para a alma...
Como repousa agora a natureza calma...
Que aprazivel a vida entre estas serranias...
Ceu azul! sei que tu pesares allivias!
Sei que o ar da manhan dá vida e revigora!
Eu quero allivio, ceus! eu quero, luz da aurora!
Mais forças e mais vida! E' preciso que eu ame!
Que dentro do meu peito uma paixão se inflamme...
Que eu sinta palpitar meu coração, que eu sinta
Palpitar junto a mim um peito que não minta...
Do ephemero prazer estou já saciado...
Quero amar! quero amar! porque em vão tenho amado...

Militão

Eu não vejo razão para tanta agonia!
No que dizeis, senhor, ha muita poesia...

D. Alipio

Não conheces o tedio, é por isso...

Militão

Sou velho
E vosso amigo.

D. Alipio

Eu sei.

Militão

Permitti-me um conselho.
Fiel a vossa casa eu sou desde criança
E amor a vossos pais me veio como herança.

D. Alipio

Eu sei, meu velho amigo!

Militão

Attendei-me um minuto:
Nenhum cultivo tem meu espirito bruto,
Mas comprehendo, senhor, que é máo esse caminho...
Nada vos falta, é certo: opulencia, carinho
Na familia e ante vós um futuro risonho...
E viveis triste emtanto, é que viveis num sonho...
Quereis um outro mundo? o tedio vos tormenta?...
Contentai-vos com este... Um mundo não se inventa!...
Não dura eternamente a vossa juventude,
Alegrai-vos, mancebo! Alegria é saude...

D. Alipio

Aos teus olhos então, que tenho eu?

Militão

Sois um doente...

D. Alipio

E o remedio?

Militão

E' sorrir, é brincar, é contente
Levar avante a vida entre risos e festas.
O espirito entregai a occupações honestas...
Eis o remedio...

D. Alipio (*com ironia*)

Bravo!... Ah!... Ah!... Ah!... Não sabia
Que eras assim versado em san philosophia...
Que grande professor está perdendo o mundo...

Militão

Gracejaes?!... (*desconcertado*).

D. Alipio (*ironico*)

Não gracejo!... E's um sabio... e profundo...
Respeito voto agora á tua sapiencia...
Mestre...

Militão

Vós gracejaes, meu senhor, paciencia...
(afasta-se ao fundo)

D. Alipio (*ironico*)

Não gracejo, por Deus! admiro e tenho pena,
O' mestre que a lição fosse hoje tão pequena...
Não queres continuar? Pois apenas lamento
Que negues á minha alma um tão forte alimento...
(Estende-se na relva)
E que fazer agora? E' cedo, reflictamos
Desta aroeira em flor sob os doirados ramos...
(Reclina-se na relva e depois olha como quem procura distinguir alguma cousa).
Não me engano... Não vês, Militão, lá em baixo
Um vulto de mulher á margem do riacho?

Militão

Sim, vejo. Quem será que tão longe vagueia?...
Acaso existirá por perto alguma aldeia?..

Alipio (*levantando-se*)

Caminha o vulto...

Militão

E' moça...

D. Alipio

E graciosa, parece...
E' a primeira vez que tal cousa acontece,
Encontrarmos assim a horas taes, passeiando,
Um vulto solitario a scismar, caminhando...
Para cá se dirige agora...

Militão

Cousa extranha...
E' quasi uma criança...

D. Alipio

E só, nesta montanha...
Farejo, Militão, uma aventura nisto...
Colloca-te em lugar onde não sejas visto
E ao primeiro sinal vem a mim com presteza.
(Militão sai. D. Alipio occulta-se entre umas pedras que formam uma gruta).
O dia não perdi... cá tenho a minha presa...

SCENA II

LUZIA e depois D. ALIPIO

Luzia (*entrando*)

Deve ser por aqui minha gruta encantada...
Nesta escarpa talvez... talvez nesta quebrada...
Minha estrella bemdita ha de mostrar-m'a ainda...
Tenho fé... Que não mente uma visão tão linda
Que não me engana o sonho eterno que me prende
Que brilha dentro em mim como uma estrella explende
Na infinita savana azul do firmamento...
Tenho fé... Minha mãi! talvez neste momento
Estejas a chorar, pensando-me perdida...
Tenho fé que hei de achar minha gruta escondida
Entre as vegetações destes serros agrestes...
Hei de achal-a... Meus pés, mensageiros celestes
Guiam sobre a extensão destas negras montanhas...
Descerei ás da terra uberrimas entranhas...
Aos cumes subirei mais altos e escarpados
E hei de a gruta encontrar dos meus sonhos doirados...
E dentro o meu thesouro e guardando o thesouro
O principe ideial de longa coma de ouro,
Que em meus sonhos eu vi, formosissimo e nobre...
Espera, minha mãi!... vais deixar de ser pobre,
Espera um pouco ainda... em breve serei tua...
Vai o sol na agonia, antes que nasça a lua
Serei comtigo, ó mãi! e para sempre, agora
Vou seguir a visão que minh'alma devora...
(procurando)
Talvez neste alcantil... nesta escarpa... Uma gruta!...
Meu Deus! mas o que vejo?... um homem que me escuta...
Minha mãi! minha mãi!

D. Alipio

Porque foges, menina?...
Conta-me antes porque nesta longe collina
Vagueias a scismar como uma fada errante...
Quem buscas?.. que lugar incognito e distante
Procuras? Fala! Eu sou, como bem vês, amigo...
Si te perdeste, vêm! confortavel abrigo
Acharás muito perto e amanhan o almocreve
Levar-te-á onde tu quizeres que te leve...

Luzia

Senhor, não me perdi...

D. Alipio

Mas que fazes?

Luzia

Passeio ..
Vim de casa seguindo o tortuoso veio
De um corrego...

D. Alipio

Ah! Então muito longe não moras?

Luzia (*ingenuamente*)

Não sei; tão distrahida eu vinha...

D. Alipio

Pois ignoras
A distancia em que estás do lugar em que vives?

Luzia (*confusa*)

Tantas grutas entrei, desci tantos declives ...

D. Alipio

Onde moras?

Luzia

Senhor, na Aldeia-Nova...

D. Alipio

Onde?...
Na Aldeia-Nova? Tu? e passeias?... Responde!...
Essa aldeia d'aqui duas leguas já dista...
A serra em que ella está já se perdeu de vista...
E é quasi noite já...

Luzia

E o caminho é medonho...

D. Alipio

Mas onde ias?

Luzia

Senhor, em busca do meu sonho...

D. Alipio (*surpreso*)

De um sonho?

Luzia

Sim, de um sonho e de uma gruta de ouro
Onde escondido dorme encantado thesouro!

D. Alipio (*á parte*)

Que galante aventura!

Luzia

Oh! de mim não se ria!
Muito criança eu sou! Minha mãi bem dizia!
Quem dá credito mais aos sonhos! no entretanto
Acreditei nos meus, querida mãi! e o pranto
Te deve estar banhando as faces enrugadas...
Que horas de acerba dôr essas horas passadas
Na minha ausencia, ó Deus! Perdão!..

D. Alipio

Porém, escuta...
Não desesperes já; conta-me o sonho, a gruta,
O thesouro...

Luzia

Senhor! eu sou muito criança...
Muito, muito...

D. Alipio

Porém, tu perdes a esperança?
Conversemos, recita a tua historia; é cedo:
Inda ha luz pelo ceu e aves pelo arvoredo...

Luzia

Minha historia senhor, é uma historia bem triste...
Meu pai, meu pobre pai que, ha muito, não existe,
Ao morrer nos deixou em extrema pobreza:
Uma casa de palha, a pequena deveza
E umas vaccas sómente... era tudo o que tinha...
Minha mãi, desgraçada e misera velhinha!
No trabalho passava o dia todo e eu via
Ella aos poucos morrer, definhar dia a dia...
Eu me desesperava e que fazer? Fiava
Todo o dia na roca o algodão que a abrigava
Do frio e quando vinha a tarde, uma tristeza
Infinita inda mais lhe augmentava a fraqueza...
Sempre a tarde meu pai tirava da viola
Voz mais doce que a voz da triste pomba rola...
E cantava, de casa á porta, horas inteiras
Ou sentidas canções ou cantigas ligeiras...
Era um doce viver, esse viver de outr'ora
E minha mãi, de tarde, a recordar-se, chóra...
— Tive um sonho uma noite, um sonho estravagante:
Sonhei que a passear de casa não distante
Descobrira uma gruta entre flores mettida,
E que entrando lá dentro, uma enorme jazida
De ouro encontrára; logo os meus olhos brilharam
De prazer e de pronto, á mente me assaltaram
Mil ideias... Deixar de ser pobre... a fortuna...
E bem longe, bem longe a miseria importuna...
E minha mãi gozando o resto da existencia...
A miseria trocada em excelsa opulencia...
Minha gruta occultava um collossal thesouro:
Ouro por toda a parte; em cima, aos lados, ouro...
Ouro no chão: sómente ouro dentro se via...
Ajoelhei-me e oração fervorosa á Maria,
A' Santa Virgem Mãi dirigi, soluçando...
Eu de prazer chorava e, de repente, quando
Me ia embora, ante mim surge um dragão horrendo,
Do fabuloso olhar chammas arremettendo...
Despertei a chorar e á minha mãi, bem cedo,
O sonho narrei todo: ella tremeu de medo...
Que eram artes do inferno e que eu rezasse, para
Que o diabo deixasse o meu corpo onde entrára...

Todo o dia rezei, mas á noite, entretanto,
Vi-me de novo lá, no escondido recanto
Em que dormia a gruta: o sonho me voltava...
Entrei, tudo era o mesmo... o thesouro lá estava...
A' saida, porém, em vez do monstro horrente,
Meu attonito olhar viu surgir de repente
Um mancebo ideial, um principe formoso
Que muito me falou: com tal modo amoroso,
Com tão suave fala e gesto commovido
Que eu ainda tenho a voz do principe no ouvido...

D. Alipio

E' singular...

Luzia

Contei á minha mãi o sonho...
Ella poz-se a chorar de modo tão tristonho...
Que eu estava perdida e o diabo do inferno
Era o proprio a falar desse modo assim terno...
Que eu rezasse e rezou por mim tambem, coitada!..
Mas á noite, de novo, a visão costumada!...
O mesmo sonho tive e o principe formoso
Lá estava e me falou com gesto carinhoso...
Nada a mamãi contei: era affligil-a apenas...
E eu não podia crer que expressões tão serenas,
Que um tão bello dizer, que um porte tão risonho
Fossem obra do inferno:... acreditei no sonho...
E em passeios, á tarde, a gruta eu procurava,
As montanhas subia, os abysmos sondava,
Certa de que acharia a minha gruta de ouro,
Toda a minha fortuna e o meu principe louro...
De tarde andava em busca e, logo que dormia,
A encantada visão meu espirito enchia...
Comecei a alongar meus passeios, primeiro
Pouco a pouco, depois, passei um dia inteiro
Nas serras a vagar: tinha na alma a certeza
De encontrar minha gruta em escusa deveza...
Um dia demorei demais o meu passeio,
Minha mãi, assustada, ao meu encontro veio
E perguntou-me de onde é que a taes horas vinha...
— Que eu não tinha juizo: andar assim sosinha
Pelas serras além, era grande loucura...
Eu lhe disse, a sorrir, que estivera á procura
Da gruta do meu sonho, ella clamou, chorando,
Que por amor de Deus, sempre eu rezasse quando
Me voltasse á memoria este sonho maldito...
Rezei... porém debalde... assim estava escripto...
Contive-me algum tempo; hoje, porém, bem cedo
Atirei-me a correr pelas serras, sem medo,
Firme de não voltar á minha casa emquanto
Não achasse o lugar do meu sonhado encanto...
(pausa)
Vim aqui na intenção de ir ver aquellas grotas
Abertas no pendor destas serras remotas...
Porém...

D. Alipio

Queres saber uma grande verdade?

Luzia

A gruta?! A gruta!?...

D. Alipio

Sim!... Antes que a claridade
Do sol se apague, tu has de entrar nessa gruta....

Luzia (*apontando-o*)

E o principe?!...

D. Alipio

Sou eu!...

Luzia

Vamos!

D. Alipio

Primeiro escuta!...
Tambem me traz aqui um sonho...

Luzia

Sim!...

D. Alipio

Criança!
Mas um sonho de amor! um sonho de esperança!

Luzia

De amor?!...

D. Alipio

De amor! Sonhei que tendo repousado
Dos ardores do sol sobre uma pedra, ao lado
Surgiu-me de repente uma visão formosa,
Uma fada gentil de faces cor de rosa,
Que me fez com amor adormecer sorrindo...
Sonhei, e a fada tinha o teu rosto, anjo lindo,
Eras tu que em meu sonho a cada instante eu via...
Como te chamas tu?

Luzia

Eu me chamo Luzia...

D. Alipio

Luzia!.. era esse mesmo o nome que eu te dava!
Tu buscavas a mim, eu a ti te buscava...
Vamos, meu doce amor!

Luzia

E a gruta?..

D. Alipio (*apontando o horisonte*)

Olha, querida!
Morre o sol! para nós agora nasce a vida!
(Saem, mãos dadas)

SCENA III

MARIANNA, CAMPONIAS, MINEIROS

1ª Camponia

Vamos!

Marianna

Não posso mais!

1º Mineiro

Talvez por este lado...

Marianna

Eu morro de fadiga...

2º Mineiro

Olha aquelle vallado
Estenso, vamos lá?

2ª Camponia

Senta-te, Marianna!
Descança! Tua filha ha-de em tua cabana
Passar comtigo a noite!

Marianna

Amiga, que me dizes?
E' dos bons consolar os tristes infelizes...
Minha filha, porém, para sempre eu perdi-a...

1º Mineiro

Não desespere assim!

Marianna

O' Luzia, Luzia!
Nunca mais te verei!

1ª Camponia

Mas não perca a esperança!

2ª Camponia

Ella ha de apparecer...

Marianna

Qual, amiga! a criança
Ha muito quo não tinha o juizo assentado...
Sei que espiritos máos lhe tinham penetrado
O corpo, ultimamente e que ella, coitadinha!
O minimo poder sobre si já não tinha...

1ª Camponia

Santo Deus!

Marianna

Era um sonho...

2ª Camponia

Um sonho?

Marianna

Sim, um sonho
De uma gruta encantada e de um bicho medonho
De olhos de fogo!...

1ª Camponia

Cruz! Credo!

1º Mineiro

Santa Maria!
E depois?

Marianna

E depois andava todo o dia
Estas lavras alem, esta serra em procura
Da gruta cheia de ouro...

2º Mineiro

O' meu Deus! que loucura...
Em risco de rolar nestes despenhadeiros...
E hoje, como saíu?...

Marianna

Hoje, logo aos primeiro
Momentos da manhan, ella saíu dizendo
Que ia dar um passeio ao campo: foi correndo
A saltar, a cantar e eu fiquei distrahida,
A' janella, a pensar nas cousas desta vida...
Quando senti assim como um presentimento
O peito me apertando e um triste pensamento
Tomou-me o coração, encheu toda a minha alma...
Não sei no que pensava... abandonou-me a calma.
Chamei por minha filha: ella, porém, já estava
Longe e não mais ouviu o meu grito. Eu chorava
De desespero, afflicta!... Alguma cousa havia
Dentro em mim a dizer que eu não mais a veria...

Triste á casa voltei: puz-me a esperar por ella.
De balde horas passei olhando na janella...
Minha filha não vinha e eu, já desesperada,
Atirei-me a correr como uma allucinada...
Era já meio dia e eu, de cançaço morta,
Para casa voltei: estava aberta a porta...
Tinha-a deixado aberta! Olhei todos os cantos,
Procurei e afinal, aos meus queridos santos
Volvi, supplice, o olhar.. Rezei... Rezei... De joelhos
Pedi a Nossa Mãi que lhe désse conselhos...
Que fizesse com que de novo ella voltasse...
Mais calma eu esperava antes que o sol entrasse,
Tel-a contra o meu peito! e é quasi noite e della
Nem um sinal, meu Deus!

1ª Camponia

Ha-de tornar a vel-a,
Marianna.

1º Mineiro

Onde então se metteu a pequena?

Marianna

Sei eu lá?

2ª Camponia

Santo Deus!...

2º Mineiro

Que tristeza!

1.ª Camponia

Que pena!..

Marianna

Foi minha culpa!.. Sim...

1.ª Camponia

Ora essa!

Marianna

Ha muitos dias
Que ella andava a correr por estas serranias
Para ver se encontrava essa gruta encantada,
Que em sonhos ella via: andava tão mudada
Estes tempos! vivia outr'ora trabalhando
E, em vez de trabalhar, passava horas scismando,
Scismando e, pela tarde, ella ia campos fóra
A procura da tal maldita gruta... Agora

Vejo bem que era o inferno e que minha Luzia
Para lá foi levada. .
(perguntando)
Onde se metteria?..
Temos tudo corrido, olhado essas campinas...
Entrámos nos capões, subimos as collinas...
Fomos a toda a parte e não achámos... Certo
Ella foi para aquelle immenso fojo aberto...

1.º Mineiro

A Garganta do Inferno?

Marianna

Oh! com toda a certeza!
Que lá mora o diabo e ella era sua presa...
Tudo era tentação aquillo que ella via...
Falei-lhe tanta vez, já a reza não valia...
Era tarde.
(cái sentada, em soluços)
Porém, não póde ser! eu quero
Minha filha querida! Eu morro! eu desespero!...
Onde ella está, meu Deus? Santo Deus?!..

SCENA IV

OS MESMOS E FERNANDO

Fernando (*com afflicção entrando*)

Minha tia...

Marianna

Ah! Fernando! meu Deus!

Fernando

Onde é que está Luzia?...

Marianna

Tua noiva, Fernando...

Fernando

Onde ella está responde...

Marianna

Já a temos procurado em tudo...

Fernando

Porém, onde
Pode Luzia estar? Si a não tragou a terra.
Certamente a infeliz por estes sitios erra.
E a esta hora, talvez, perdida e fatigada.
Se encontre a soluçar sobre as pedras da estrada...
Minha tia, é melhor que volte para casa.
E' quasi noite, irei lá ter... Adeus!

Marianna

O' praza
Aos céos que vá comtigo a minha filha amada...

Fernando

Mil esforços farei...

Marianna (*sáe com as camponias*)

Adeus!

Fernando

Vai descançada!
(Aos mineiros)
Fiquem vocês commigo e vamos procural-a:
Ella está por aqui, viva ou morta hei de achal-a!..
(Saem)

FIM DO 1.º ACTO

RODRIGO OCTAVIO.

(*Continúa*).

A FABRICA DE FERRO

DE

S. JOÃO DE IPANEMA

Corre sobre Ipanema uma lenda de inexgotavel riqueza mineral que tem levado o governo a dispender ali rios de dinheiro sem que esse inutil derramamento do producto dos impostos tenha conseguido tonificar aquelle rachitico estabelecimento. Ignorancia ou cegueira proposital, o facto é que ninguem até hoje poude ou quiz dizer o que era e o que poderá ser tal usina; é firme proposito nosso demonstrar que Ipanema nunca passou de improficuo sorvedouro dos dinheiros publicos e que, infelizmente, por falta de competente direcção essa fabrica nunca rendeu o que poderia ter produzido; mais mesmo... nem conheciam os seus directores os materiaes diariamente empregados nos altos fornos, a ponto de não terem siquer um laboratorio chimico junto ao estabelecimento, tendo se dado o curiosissimo facto de ter sido denunciada no minerio a presença de phosphoro e do titanio por pessoas extranhas á fabrica, pois o pessoal superior, apezar de ter ás suas ordens os numerosos laboratorios existentes no Rio de Janeiro, nunca tinha cogitado de mandar analyzar minerio e fundentes, ignorando totalmente qual os materiaes com que diariamente lidava. Os proprios principios theoricos da metallurgia eram desconhecidos ás directorias de Ipanema e para isto basta dizer que um alto forno para 10 toneladas de fonte, começado em 1878 até hoje espera o seccamento de sua camisa exterior!...

Poderiamos ainda dizer que sendo de duas a tres toneladas a producção diaria do forno alto, foi construido um forno de cimentação e foi começada a installação de acierias Bessemer !...

Para podermos fazer o estudo critico de Ipanema apresentaremos um relatorio do modo de trabalhar ali empregado em todas as minucias que o assumpto comporta, feito o que tiraremos as nossas conclusões. *Faciant meliora potentes*. O orçamento da União está sobrecarregado de muitos serviços que, como este, pesam sobre os cofres publicos sem proveito algum para o Estado; cremos ser obra de patriotismo denuncial-os e propôr os remedios convenientes. Os dados em que nos fundamos são relativos ao anno de 1889, durante a administração do coronel Mursa, que apezar de se prestar a muitas criticas, ainda é a melhor phase que tenha tido Ipanema.

I

Dos archivos da Camara Municipal de São Paulo consta que em 1590 Affonso Sardinha fundou no Morro Araçoyaba uma fabrica de ferro composta de dous pequenos fornos; destes foi um dado pelo proprietario a D. Francisco de Souza, de S. Paulo, que em 1600 foi pessoalmente visitar a fabrica. Quando em 1602 voltou elle para Portugal, ficou o seu filho D. Antonio de Souza na posse da forja, como desde o inicio tinha planejado Sardinha. A este succedeu Francisco Lopes Pinto, fidalgo e cavalleiro de Christo; morrendo elle porém, a 26 de fevereiro de 1629, cessaram todos os trabalhos da forja apezar de ser co-proprietario o seu cunhado Diogo de Quadros.

A partir de 1629 nenhuma noticia temos sobre Ipanema sinão em 1760, data em que foi construido um novo forno com um foles de couro e um martello caudal; rezam antigas tradicções que poucos annos durou a nova installação, pois dentro em pouco tempo elevou-se demasiado o preço do carvão empregado, para o qual era exigida uma variedade de madeira relativamente rara. Depois de certo tempo comprou uma associação a usina e as suas dependencias, não conseguindo, entretanto melhorar as condições da fabricação roiu por terra a fabrica que foi pouco depois transformada em engenho de assucar; a seu turno pouco durou a tentativa.

Quarenta annos decorreram sem que se tivesse fabricado ferro, quando, em 1801, do governo recebeu um mulato chamado João Manso a incumbencia de restaurar a antiga fabrica : julgavam-n'o capaz esse preto por ter elle alguns conhecimentos de chimica, porém deram-lhe como auxiliar technico o irmão do Inspector das minas Andrade que é conhecido dos mineralogistas por ter traduzido em portuguez o tratado de Bergmann. Construiram elles um alto forno com um apparelho de insufflação tocado á mão e julgaram ter tudo prompto para começar a fundir. Espalharam-se convites e á hora aprazada reuniram-se na fabrica as principaes personagens dos arredores : como era facil de prever, apezar de todo o trabalho e de toda a insufflação, nenhum ferro foi fundido ; João Manso e o Inspector se esgueiraram e o publico teve de voltar para a casa completamente burlado em sua espectativa. Novamente tentaram concertar a obra, mais em vão e d'ahi a pouco tempo cessaram todos os esforços.

Em 1810 foi Varnhagen enviado a Ipanema afim de planejar uma grande mina que não chegou a ser feita, por causa da chegada dum director de usina metallurgica, sueco, que em 1811 se apresentou naquella localidade com 18 operarios e machinas de todo o genero. Os suecos queriam construir a fabrica a seu modo promettendo estabelecer quatro *stückofen* capazes de dar 10.000 arrobas de ferro em barra por anno. Ignorancia ou má fé de sua parte, não se apurou a questão, pois no governo não havia ninguem em condições de poder julgar, e entre as opiniões de Varnhagen e Eschwege e as dos suecos, preferiu o governo seguir as destes ultimos, que já lhe tinham custado boas quantias. Assim é que sómente em 1814 se ergueu uma pequena forja em 4 pequenos fornos suecos e um malho, tendo custado essa installação 900.000 cruzados e produzindo em vez das 40.000 arrobas promettidas apenas 200. O governo tornado experiente pelo desastre desta tentativa, viu-se obrigado a demittir todos os suecos, pois estava claro que nem o director tinha os necessarios conhecimentos da materia, nem siquer tratava com lisura os negocios a elle confiados. Esta demissão foi dada por carta regia de 27 de setembro de 1814, dirigida ao conde de Palma, Governador e capitão-general de S. Paulo, nessa carta mandava o principe regente que assumisse a direcção da fabrica o sargento-mór do real corpo

de engenheiros Frederico Luiz Guilherme Varnhagen, auxiliado no futuro pelo tenente-coronel do mesmo corpo Guilherme, barão de Eschwege, mandava elle ainda que se proseguissem os trabalhos encetados, e providenciando quanto aos fundos necessarios para esse desideratum.

Começada a fabricação nos fornos construidos pelos suecos, durou ella pouco tempo por ter verificado Varnhagen que cada arroba de ferro produzido exigia 41 de carvão: custava cada arroba de ferro 2$460 réis em combustivel tão sómente, sendo que o valor mercante do metal era apenas de 1$600. Esse primeiro resultado economico induziu Varnhagen a edificar dous altos fornos. Começou a sua construcção em fevereiro ou março de 1816: a 3 de outubro de 1818 começou o aquecimento de um dos fornos e o 1º de novembro do mesmo anno correu a fonte pela primeira vez em S. Paulo. Estes dados que extraimos de Eschwege (*Pluto Brazi-liensis*) são completados pelo Dr. Dupré em sua « Memoria sobre a fabrica de ferro de S. João d'Ipanema », por esta sabemos que foi ella successivamente dirigida por Varnhagen (1814 — 1822), pelo capitão Rufino José Felizardo e Costa (1822 — 1824), Antonio Xavier Ferreira (1824 — 1834), pelo coronel João Florencio Peréa e major João Bloem (1834 — 1836), por João Bloem (1836 — 1842), seguiram-se então o coronel Antonio Manoel de Mello, o barão de Itapicurú-mirim, o major Dr. Joaquim José de Oliveira, o general Ricardo José Gomes Jardim, o conselheiro Dr. Francisco Antonio Rapozo e o major João Pedro de Lima da Fonseca Guttierres. Dissolvido em 1860 por ordem do Governo foi ella em 1865 reorganisada pelo então capitão de engenheiros Dr. Joaquim de Souza Mursa que a dirigio até 1889. Até 1878 pertencia a fabrica ao Ministerio da Guerra: nesta data foi ella transferida para o Ministerio d'Agricultura, voltando em 1891 a pertencer ao primeiro.

II

A fabrica de S. João de Ipanema está situada á margem do rio Ipanema, no municipio de Sorocaba, estado de S. Paulo, por 23°5' lat. S e 4°22'25" long. O do Rio de Janeiro. Os motores empregados na fabrica são a agua e o vapor. Para obter o primeiro foram

reprezadas as aguas do rio Ipanema, formando-se um largo açude de perto de 90.000 metros quadrados de superficie. Constituindo uma divisão entre esse açude e um canal de derivação que se lhe segue existe um registro que, por meio de tres portas suspensas em hastes rosqueadas, permitte regular a entrada d'agua no canal. Esta primeira derivação serve para pôr em andamento os diversos apparelhos existentes nas antigas officinas. Tem o canal 347^{m} de extensão; sua secção é rectangular e tem 4^{m},60 de largura sobre 4^{m} de profundidade, as paredes são de alvenaria e o fundo de rocha ou ladrilhado. Os receptores empregados são rodas de cubos de que falaremos mais detalhadamente a medida que tratarmos dos apparelhos sobre os quaes ellas actuam. Em todas a altura de quéda aproveitada é de 3^{m}. Uma segunda derivação serve a fornecer a agua necessaria para tocar os differentes apparelhos installados nas novas officinas. Este novo canal tem perto de 490^{m} de comprimento com a mesma secção que a derivação precedente; um registro com duas portas serve a regular a entrada d'agua neste canal. Os receptores são rodas de cubos e turbinas das quaes mais tarde falaremos com mais vagar. A altura de quéda é de 2^{m} para todas. Uma terceira derivação põe em movimento as diversas machinas do engenho de serrar madeira; esta ultima derivação tem 64^{m} de comprimento, 3^{m} de largura sobre 4 de fundo. O receptor é uma roda de cubos. Como meio de protecção contra as seccas, elevou-se de 2^{m} o nivel do açude por meio de uma comporta estabelecida no ladrão do açude. Esta com 22^{m} de largura tem 10 portas de 2^{m} cada uma. A provisão d'agua assim obtida é geralmente sufficiente para atravessar o periodo da secca. Nas grandes enchentes dous vertedouros lateraes e as portas do registro, que se acham então completamente abertas, permittem o escoamento natural da agua excedente á quantidade necessaria para pôr em marcha os diversos machinismos da fabrica. Tenciona-se abrir um canal de maiores dimensões de que os precedentes para derivar as aguas do rio Sorocaba, afim de obviar-se ás difficuldades resultantes da carencia deste elemento durante as seccas, ás vezes fortissimas, a que está sujeita esta região.

Os geradores de vapor existentes na fabrica são duas caldeiras, das quaes uma trabalha continuamente e a outra nos casos de interrupção no funccionamento do compressor do ar da forja

de refino da fonte. O primeiro desses geradores é uma caldeira vertical de 90 cavallos que aproveita as chammas perdidas da forja de refino e que serve a pôr em jogo os diversos apparelhos (martellos-pilões, martinetes, tesouras mecanicas, etc.) das officinas recentemente construidas. O segundo é uma machina semifixa de potencia de 6 cavallos, a caldeira horizontal tubular, e que serve a pôr em movimento um ventilador de construcção ingleza (systema Hoppe.) Em casos de parada fortuita no funccionamento das machinas soprantes da forja de refino, esse segundo motor actuando sobre o ventilador fal-o trabalhar e por essa forma fornece o ar necessario ás reacções que se dão no forno baixo, para a transformação da fonte em ferro. Naturalmente ambos os geradores são providos dos apparelhos de segurança exigidos pela lei; quanto ás peças componentes de cada um nada ha de particularmente notavel. A agua de alimentação de ambas as caldeiras não é a do rio Ipanema: fez-se um encanamento que tem mais de dous kilometros de extensão, e a agua captada é recebida em um reservatorio collocado a 6^m acima do chão da officina e cuja capacidade é de 100 metros cubicos.

Este estabelecimento metallurgico tem por fim a obtenção dos tres productos: fonte, ferro, aço.

Estudaremos successivamente essas tres divisões; trataremos em seguida dos annexos da fabrica e concluiremos com um estudo comparativo de Ipanema como centro metallurgico, analysando as medidas tomadas até hoje.

Estudaremos successivamente a carga, os apparelhos e os productos obtidos da fonte. Na carga temos tres cousas a considerar: *a*) substancias componentes: *b*) sua dosagem: *c*) carregamento. Vamos successivamente tratar destes diversos capitulos.

Substancias componentes. — São essas: o material donde se extrae o metal; o combustivel necessario á obtenção das altas temperaturas exigidas pelas reacções e tambem indispensavel ás mesmas reacções: finalmente corpos que actuam chimica e physicamente abaixando o ponto de fusão da massa e intervindo nas reacções para purificar o producto que se quer obter. Teremos, pois, que examinar o minerio, o combustivel e os fundentes: o primeiro e o ultimo desses tres termos constituem o leito de fusão. Estudos do

Dr. Scheerer fixaram a natureza do minerio de Ipanema: segundo este professor seria composto de magnetita e limonito com cristaes de pyroxenio e amphibolio, raramente apatita em pequenas agulhas. O teor em enxofre é nullo e o de ferro a eleva a 67, 6 %. O minerio se encontra em meio duma terra argillosa contendo acido phosphorico e escamas de mica hydratada; a espessura dessa camada de argilla é de $0^m,70$ a $1^m,50$. As partes superior e inferior a essa massa compoem-se de argillas ferruginosas provenientes da decomposição de rochas basicas privadas de acido phosphorico. O minerio apresenta-se em blocos arredondados de tamanhos diversos: essa forma fez a principio pensar na origem rolada de taes blocos, apezar das impossibilidades resultantes para explicarem a ausencia do acido phosphorico na terra argillosa, e a posição elevada de taes depositos. Estudos posteriores, pacientemente levados a cabo pelo professor Derby e pelos drs. Gonzaga de Campos, Hussak e Bazer em pontos diversos do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, derruiram totalmente essa theoria e permittiram reconstruir a historia geologica de Ipanema em bases solidas e verdadeiramente scientificas. Como em Jacupiranga trata-se de segregações nodulares contendo elevada proporção de titanio em meio duma rocha basica: o jacupiranquito (rocha holocristallina, a nephelina e pyronenio) passando a minerio de ferro observado naquella localidade, foi aqui encontrado sob a forma dum dike, com apparencia de brecha nas beiradas, atravessando uma rocha decomposta identica á angito-syenita de Jacupiranga, e na qual se encontram substituições muito curiosas de apatita ao orthoclase. A terra argillosa e micosa onde se acha o minerio provem de rocha micacea e a gran grossa, provavelmente alguma occurrencia particular de nephelinito ou de angito-syenita. A idade da rocha é provavelmente o carbonifero superior ou mesmo o post carbonifero.[1]

A extracção do minerio é muito simples em vista da disposição da sua jazida. Atacado em seus afloramentos vai-se desmontando a terra que fica por cima e tiram-se os blocos de minerio: a medida que vão sendo extraidos são empilhados em montes de formas geometricas de modo a poder-se-lhes medir o volume. Este trabalho é feito

---

[1] O Derby. *Consanguinity of eruptive rocks* (1893).

por empreitada a razão de 2$500 o metro cubico. Uma estrada liga as minas ao forno de calcinação e por ella transitam os carros cheios de minerio. Embora relativamente puro soffre o minerio umo operação que antes serve a calcinal-o do que a ustulal-o: por essa forma torna-se elle mais secco e mais poroso. Existem dois modos de effectuar essa operação: no forno de cuba e em caieiras; o primeiro methodo tem sido abandonado por ser caro e por não convir a altura da cuba ao minerio em questão. Reserva-se este forno para o fabrico da cal. As caieiras são constituidas por uma camada de lenha secca snpportando o minerio vindo da mina, os pedaços grossos em baixo e os mais finos na parte superior. Segundo dados do dr. L. Dupré, as menores teriam 25^{m} cubicos; a que vimos teria, quando muito 15^{mc}: dura a calcinação de 24 a 36 horas, sendo o gasto de combustivel de 0^{mc}. 400 a 0^{mc}, 500 por metro cubico de minerio. O minerio calcinado é agora fragmentado num engenho de pilões, onde se o esmaga a secco: este engenho construido nas proprias officinas da fabrica é tocado por uma roda de cima de 5^{m},25 de diametro, recebendo aproximadamente 100 litros d'agua por minuto e fornecendo 4 a 5 cavallos de potencia. O eixo da roda prolongado tem 6 anneis com 3 tangedeiras cada um, por meio das quaes são elevadas as seis hastes que compõem o engenho. Cada pilão, inteiramente metallico, compõe-se de uma haste de ferro presa a uma sapata de fonte endurecida pela moldagem em concha; tem as hastes 0^{m}, 04×0^{m},08 de secção e 2^{m},10 de altura, a altura de queda maxima é de 0^{m}, 35; o peso de cada pilão é de 90 kgs· e a sua duração de 25 a 30 dias; trabalham 10 horas por dia e quebram 12 a 14 toneladas de minerio, reduzindo-o á grossura de uma avellan ou, quando muito, de uma noz.

A tonelada de minerio calcinado custa á fabrica menos de 2$ como se deduz do seguinte quadro:

Extracção.....	2$500	por metro cubico
Transporte.....	2$500	» » »
Calcinação.....	3$000	» » »
Somma.....	8$000	

A densidade do minerio, em vista da sua composição não é inferior a 4 (Magnetita D=4,96—5,20: Limonito D=3,4—3,95): portanto

custa o minerio calcinado menos de 2$000. O transporte para o forno alto, faz-se por meio duma via ferrea de 0m,60 de bitola, cujo desenvolvimento é de 4200 metros; é pago a razão de 300 reis a tonelada kilometro e 400 réis para a carga e descarga do vagonete; pode-se calcular que sai a razão de 1$900 a 1$400 o custo do transporte por tonelada do minerio calcinado. Na bocca do forno fica pois a tonelada de minerio em 3$200 a 3$300.

As madeiras mais commummente empregadas no preparo do carvão que serve de combustivel são: Aroeira, (*Terebinthaceas, Schinus aroeira*), Cambará (*Verbenaceas, Lantana Camara*), Cambuhy (*Myrtaceas, Eugenia tenella*), Cangerana (*Meliaceas, Cabralea cangerana*), Canella (*Laurineas, Nectandra polyphylla*). Guabiroba (*Myrtaceas, Pridium corymbosum*), Peroba (*Apocynaceas. Aspidopermum peroba.*)

O methodo posto em pratica é o das medas: mas são em geral pequenas, não dando as maiores mais de 8 a 10 toneladas de carvão; para estas ultimas dura o preparo cerca de 21 dias entre preparo da area, empilhamento etc., como se vê no quadro seguinte:

Preparo da area.....	1/2	dia
Empilhamento.....	1	»
Carbonização.....	16	dias
Resfriamento, retirada do carvão	2 1/2—3	»
	20—20 1/2	dias.

Essas medas não são frequentes; são mais communs as de 5 a 6 toneladas. O carvão obtido é duro, sonoro, compacto, a fractura é brilhante em pedaços grossos, não suja os dedos, não dá muito miudo pelo transporte. O córte sendo feito sem methodo, deixa-se este serviço a cargo da natureza e calcula-se que o periodo de 20 a 22 annos é sufficiente para reformar de novo as florestas e dar novamente madeiras em ponto de serem utilisadas. O carvão é transportado até á beira da estrada de ferro das minas por meio de animaes que levam de cada vez uma carga de 50 a 60 kilogrammas. E' em seguida transportado até um deposito junto á bocca do forno alto pela via ferrea de que falámos. O trabalho de carbonização e transporte é feito por empreitada, dando a fabrica as matas (reservando-se a fiscalização dos trabalhos) e pagando o carvão a razão de carvão de 1ª qualidade 16$. de 2ª 14$ e de 3ª 12$. As

entradas diarias são na média de 9 toneladas, repartidas do modo seguinte:

1ª Qualidade	4,'5	custando.....		72$000
2ª »	2,'5	»		35$000
3ª »	2,'0	»		24$000
	9,'0	»		131$000

ou em media, 14$555 por tonelada de carvão.

As entradas durante o anno de 1888 foram:

1ª Qualidade.....	1315 tons.
2 »	780 tons.
3 »	703 tons.
	2798 tons.

Durante o 1º trimestre de 1889, foram:

1 Qualidade.....	339 tons.
2ª »	205 tons.
3ª »	177 tons.
	721 tons.

Póde-se calcular que a entrada media annual é agora de 2800 toneladas.

Para o fornecimento do carvão tem actualmente a fabrica mais ou menos 6000 hectares de terras, cobertas de matas. Para garantir o seu aprisionamento de combustivel, autorisou o governo que a fabrica demarcasse nas matas Juquiá, a 70 k.m de Ipanema, a superficie exigida pelo seu desenvolvimento. Embora não figure nas cargas, não nos devemos esquecer de que a lenha entra em diversas operações soffridas pelo minerio, além de outros requisitos a que ella satisfaz; nestas condições vamos dar alguns apontamentos sobre esse combustivel. A lenha é empregada em Ipanema para a calcinação do calcareo, calcinação do minerio, como combustivel em um motor a vapor, etc.; provém das mesmas madeiras de que falámos ha pouco e o unico trabalho que dá é cortal-a e fazel-a seccar. Custa 300 rs. o córte de cada stereo de lenha; o transporte é feito sempre nas mesmas condições a razão de 300 rs. por tonelada kilometro e 400 rs. para carregar e descarregar o vagonete.

Em 1888 cortou-se.....	3152	stereos
No 1º trimestre de 1889.....	161	»

Como o fundente não se compõe duma substancia unica teremos de considerar aqui as substancias que o constituem, a sua dosagem e a sua mistura. Actualmente quatro corpos constituem o fundente: a mina pobre, cal, argilla e areia. Trataremos em separado de cada uma dessas substancias.

A natureza do minerio, de teôr em silica quasi nullo, obriga a procurar este acido nas addições feitas para augmentar a fluidez da massa; por essa razão é que achamos na composição do fundente duas substancias, no minimo, ricas em silica: a areia e a mina pobre. Esta ultima denominação pertence a uma rocha cuja composição é a seguinte

Silica	90.40
Oxydo de ferro	8.10
Agua	1.77
Manganez	traços
Alumina	»
	99.97

(Dr. Bennewitz.)

Sua densidade é de 2,5.

Este material parece provir de vieiros que se encontram nas proximidades da mina; junto a elles foi encontrado pelo professor Derby um verdadeiro vieiro de substancias phosphatadas (apatita e outras) que explicam perfeitamente a presença do phosphoro na fonte do Ipanema. O desmonte da mina pobre é difficil em vista da tenacidade da rocha; mesmo após calcinação, offerece grande resistencia ao esmagamento sob os pilões. Custa á fabrica 3$200 a tonelada desta rocha posta no deposito já mencionado. O calcareo que a fornece é escuro com veias de calcita branca, muito compacto e de densidade igual a 2,84 (mais elevada do que a densidade do calcareo puro, visto como o de Ipanema é ligeiramente dolomitico). O residuo fixo é de 61,2% como se vê da analyse seguinte:

Silica	12.4
Oxydo de ferro e aluminio	0.9
Cal	45.0
Magnesia	2.9
	61.2

O complemento a 100 é de acido carbonico e materias volateis.

A jazida está situada a 6 k.m da fabrica; da pedreira até a officina de preparação mecanica o transporte é feito por meio de

animaes de carga. A pedra é desmontada por meio da polvora. Chegado junto da officina de preparação mecanica, vai ser enfornado o calcareo. O forno de calcinação pertence ao typo dos fornos continuos; o seu volume é de 19 m. cubicos; é aquecido por meio de focos collocados por baixo da sala; a chamma atravessa a abobada da sala por canaes na alvenaria e passa pelo interior do forno aquecendo o calcareo; o descarregamento é lateral. Uma fornada dá 5,000 litros de cal; dura 8 dias a calcinação do calcareo e consome 80 stereos de lenha o que corresponde a 1,6 stereos por metro cubico de cal ou 0,7 stereos por tonelada. A cal obtida é branca, gorda e presta-se muito ás construcções. No deposito custa ella á fabrica aproximadamente 38260 rs. E' este serviço tambem feito por meio de empreitada, sendo o forno e o calcareo propriedades da fabrica.

A argilla é retirada das immediações das officinas. Provem da alteração dos schistos argillosos superficiaes. A areia provem de decomposição dum grez molle que existe perto da fabrica; é amarella por ser o grez um pouco ferruginoso. A dosagem varia naturalmente com a marcha do forno, que a seu turno depende de muitas outras causas (dimensões dos fragmentos de minerio a reduzir, pressão e humidade do vento, etc. Ahi está um exemplo da composição elementar do fundente.

Mina pobre	30.1
Argilla	11.1
Areia	22.7
Cal	35.5
	100

A composição é derivada do modo de compôr-se o fundente.

Mina pobre (30 caixões × 8 kg.)	210 kg.
Argilla (30 caixões × 3 kg.)	90 »
Areia (10 caixões × 18 kg.)	180 »
Cal (20 caixões × 14 kg.)	280 »
	790 kg.

Estas substancias se acham todas collocadas sob um grande telheiro que serve de deposito e se acha diante da bocca de cima do forno alto. Ahi o proprio servente da bocca de cima prepara de manhan o fundente necessario; para impedir que as particulas mais

ou menos seccas sejam levadas pelo vento do forno, despeja elle sobre a mistura a agua necessaria para augmentar a cohesão entre as particulas do fundente.

Já passámos succintamente em revista as substancias componentes duma carga; vamos ver agora em que proporção cada uma das tres unidades: minerio, carvão e fundente, figura na composição das cargas. O peso do carvão é invariavel e igual a 100 kg. As formulas adoptadas variam conforme as condições de marcha do forno; as seguintes são relativas a 1888 (I), 1889 (II e III) 1892 (IV) e 1893 (V)

	I	II	III	IV	V
Minerio ustullado e quebrado	72,3 kg.	72,3 kg.	81 kg.	72 kg.	62,2 kg.
Fundente.....	17,6 kg.	16,5 kg.	21 kg.	25 kg.	13 kg.
Carvão.....	100 kg.	100 kg.	100 kg.	100 kg.	100 kg.

Passam diariamente no forno cerca de 50 cargas; o teor medio em ferro é de 52,5 — 53 de ferro metallico por 100 de minerio e fundente. O carregamento é feito á mão, supportando o carvão o leite de fusão correspondente: com mais detalhes trataremos desta questão quando estudarmos a marcha das operações.

J. P. Calogeras.

(Continúa).

A DIVIDA

I

Montenegro e Velloso formaram-se no mesmo dia, na Faculdade de Direito de São Paulo. Depois da cerimonia da collação do grau, foram ambos enterrar a vida academica num restaurante, em companhia de outros collegas, e era noite fechada quando se recolheram ao quarto que, havia dois annos, occupavam juntos em casa de umas velhotas, na rua de S. José. Ahi se entregaram á recordação da sua vida escolastica, e enterneceram-se defronte um do outro, vendo aproximar-se a hora em que deviam separar-se, talvez para sempre. Montenegro era de Santa Catharina e Velloso do Rio de Janeiro; no dia seguinte aquelle partiria para Santos e este para a capital do Imperio. As malas estavam feitas.

— Talvez ainda nos encontremos, disse Montenegro. O mundo dá tantas voltas!

— Não creio, respondeu Velloso. Vais para a tua provincia, casas-te e era uma vez o Montenegro!

— Caso-me?! Ahi vens tu! Bem conheces as minhas ideias a respeito do casamento, ideias que são, aliás, as mesmas que tu professas. Afianço-te que hei de morrer solteiro!

— Isso dizem todos...

— Velloso, tu conheces-me ha muito tempo; já deves estar farto de saber que eu quando digo, digo.

— Pois, sim, mas ha de ser difficil que em Santa Catharina te possas livrar do *conjungo vobis*. Na provincia ninguem toma a serio um advogado solteiro.

— Enganas-te. Os medicos, sim; os medicos é que devem ser casados.

— Não me engano tal. Na provincia o homem solteiro, seja qual for a posição que occupe, só é bem recebido nas casas em que haja moças casadeiras.

— Quem te metteu essa caraminhola na cabeça?

— Si fosses, como eu, para a Côrte, acredito que nunca te casasses, mas vais para o Desterro: estás aqui estás com uma ninhada de filhos! Queres fazer uma aposta?

— Como assim?

— O primeiro de nós que se casar pagará ao outro... Quanto?

— Vê tu lá.

— Deve ser uma quantia gorda!

— Um conto de réis!

— Upa! Um conto de réis não é dinheiro! E' preciso que a aposta seja de vinte contos pelo menos!

— O' Velloso, tu estás doido? Onde vamos nós arranjar vinte contos de réis?

— O diabo nos leve si aquelles canudos não nos enriquecerem!

— Está dito! Aceito! Mas olha que é serio!

— Muito serio. Vai preparando papel e tinta emquanto vou comprar duas estampilhas.

— Estampilhas?

— Sim, senhor! Eu quero o preto no branco! Ha-de ser uma obrigação reciproca, passada com todos os éfes e érres!

Velloso sahio e logo voltou com as estampilhas.

— Senta-te, e escreve o que te vou ditar.

Montenegro sentou-se, tomou a penna, mergulhou-a no tinteiro, e disse:

— Prompto.

Eis o que o outro ditou e elle escreveu:

«Devo ao bacharel Jayme Velloso a quantia de vinte contos de réis, que lhe pagarei no dia do meu casamento, offerecendo como garantia desse pagamento, alem da presente declaração, a minha palavra de honra.»

— Bom! disse Velloso sentando-se, agora eu:

«Devo ao bacharel Gustavo Montenegro a quantia de vinte contos de réis... etc.»

As declarações foram estampilhadas, datadas e assinadas, ficando cada um com a sua.

No dia seguinte Montenegro embarcava em Santos e seguia para o Sul, emquanto Velloso, arrebatado pelo trem de ferro, se aproximava da Côrte.

II

Montenegro ficou apenas tres annos em Santa Catharina, que lhe pareceu um campo demasiado estreito para as suas aspirações: veio tambem para a Côrte, onde o conselheiro Brito, um velho e conhecido advogado, amigo de sua familia, paternalmente se offereceu para encaminhal-o, offerecendo-lhe um lugar no seu escriptorio. Chegado ao Rio de Janeiro, o catharinense foi desde logo procurar o seu companheiro de estudos, e não encontrou da parte deste a affectuosa recepção que esperava. Velloso estava outro: em tres annos transformara-se completamente. Montenegro veio achal-o satisfeito e feliz, com muitas relações no commercio, encarregado de causas importantes, morando numa bella casa, frequentando o *high-life*, gastando á larga. O catharinense, que tinha uma alma grande, sinceramente estimou que a sorte com tanta liberalidade houvesse favorecido o seu amigo: ficou, porém, deveras magoado pela maneira quasi fria e pelo mal disfarçado ar de protecção com que foi recebido.

Velloso não se demorou muito em fallar-lhe da aposta de São Paulo.

— Olha que aquillo está de pé!

— Certamente. A nossa palavra de honra está empenhada.

— Si te casas não te perdoo a divida!

— Nem eu a ti.

Os dois bachareis separaram-se friamente. Velloso não pagou a visita a Montenegro, e Montenegro nunca mais visitou Velloso.

Encontravam-se ás vezes, fortuitamente, na rua, nos bondes, nos tribunaes, nos theatros, — e Velloso perguntava infallivelmente a Montenegro:

— Então? ainda não és noivo?

— Não.

— Que diabo! estou morto por entrar naquelles vinte contos!

III

Um dia Montenegro foi convidado para jantar em casa do conselheiro Brito. Não podia faltar porque fazia annos o seu venerando mestre, protector e amigo. Lá foi, e encontrou a casa cheia de gente. Passeando os olhos pelas pessoas que se achavam na sala, causou-lhe rapida e agradabilissima impressão uma bonita moça que, pela elegancia do vestuario e pela vivacidade da physionomia, se destacava num grupo de senhoras. Era a primeira vez que Montenegro descobria no mundo real um typo do mulher correspondendo pouco mais ou menos ao ideial que formara. Não ha mulher, por mais inexperiente, a quem escapem os olhares interessados de um homem. A moça immediatamente percebeu a impressão que produzira, e, ou fosse que por seu turno sympathisasse tambem com Montenegro, ou fosse pelo desejo vaidoso de transformar em labareda a fagulha que faiscaram seus olhos, o caso é que ella se deixou vencer pela insistencia com que o bacharel a encarava, e esboçou um desses indefiniveis sorrisos que nas batalhas do amor equivalem a uma capitulação. O accordo tacito e imprevisto daquellas duas sympathias foi celebrado com tanta rapidez, que Montenegro, completamente hospede na arte de namorar, chegou a perguntar a si mesmo si não era tudo aquillo o effeito de uma allucinação. O namoro foi interrompido pela esposa do conselheiro Brito, que entrou na sala e cortou o fio a todas as conversas, dizendo:

— Vamos jantar.

A' mesa, por uma coincidencia que não qualificarei de notavel, collocaram Montenegro ao lado da moça.

Escusado é dizer que ainda não tinham acabado a sopa, e já os dois namorados conversavam um com o outro como si de muito se conhecessem. Na altura do assado Montenegro acabava de ouvir a auto-biographia, desenvolvida e completa, da sua fascinadora visinha! Ella chamava-se Laurentina, mas todas as pessoas do seu conhecimento a tratavam por Lalá, gracioso diminutivo com que desde pequenina lhe haviam desfigurado o nome. Era orphã de pai e mãi. Vivia com uma irman de seu pai, uma senhora bastante idosa e bastante magra, que estava sentada do outro lado da mesa, cravando na sobrinha uns olhares penetrantes e indagadores. Os pais não lhe deixaram absolutamente nada alem da esmeradissima educação que lhe deram: mas a tia, que generosamente a acolheu em sua casa, tinha, graças a Deus, alguma coisa, pouca, o necessario para viverem ambas sem recorrer ao auxilio de estranhos nem de parentes. Para não ser muito pesada á tia, Lalá ganhava algum dinheiro dando lições de piano e canto em casas particulares; eram os seus alfinetes.

— Fui educada um pouco á americana, accrescentou ella; saio sozinha á rua sem receio de que me faltem ao respeito, e sou o homem lá de casa. Quando é preciso, vou eu mesma tratar dos negocios de minha tia.

E elevando a voz:

— Não é assim, titia?

— E', minha filha, respondeu do lado opposto a velha, embora não soubesse do que se tratava.

Lalá era sufficientemente instruida, e tinha algum espirito mais que o commum das senhoras brazileiras. Essas qualidades, realmente apreciaveis, tomaram proporções exageradas na imaginação de Montenegro.

Este disse tambem a Lalá quem era, e contou-lhe os factos mais interessantes de sua vida, excepção feita, já se sabe, da famosa aposta de S. Paulo. Tão entretidos estavam Montenegro e Lalá nas mutuas confidencias que cada vez mais os prendiam, que não prestaram a menor attenção aos incidentes da mesa, inclusive os brindes, que não foram poucos.

Acabado o jantar improvizou-se um concerto e depois dansou-se. Lalá cantou uma romanza de Tosti. Cantou mal, com pouca voz, sem nenhuma expressão, e a Montenegro pareceu aquillo o

on plus ultra da cantoria. Dansou com ella uma valsa, e durante a dansa apertaram-se as mãos com uma força equivalente a um pacto solemne de amor e fidelidade. Elle sentia-se absolutamente apaixonado, quando de madrugada se encaminhou para casa, depois de fechar a portinhola do carro a Lalá e magoar os dedos da moça num ultimo aperto de mão.

Era dia claro quando o bacharel conseguiu adormecer. Sonhou que era quasi marido. Estava na igreja, de braço dado a Lalá, deslumbrante nas suas vestes de noiva. Mas, ao subir com ella, os degraus do altar, reconheceu na figura do sacerdote, que os esperava de braços erguidos, o seu collega Velloso, credor de vinte contos de réis.

IV

Nesse mesmo dia Montenegro estava sosinho no escriptorio, e trabalhava, quando entrou o conselheiro Brito.

— Bom dia, Gustavo.

— Bom dia, conselheiro.

O velho advogado sentou-se e poz-se a folhear distrahidamente uns autos, mas, passados alguns minutos, disse muito naturalmente, sem levantar os olhos:

— Gustavo, aquillo não te serve.

— Aquillo que?

— Faze-te de novas. A Lalá.

— Mas...

— Não negues. Toda a gente viu. Vocês estiveram escandalosos. Si tens em alguma conta os meus conselhos, arripia carreira emquanto é tempo. Tu conhece-la?

— Não, senhor; mas encontrei-a em sua casa, e tanto bastou para formar della o melhor conceito.

— Lá por isso não, meu rapaz, lá por isso não; eu não fumo mas não me importa que fumem ao pé de mim.

— Então ella...?

— Não quero dizer que seja uma mulher perdida, mas recebeu uma educação muito livre, saracoteia sosinha por toda

esta cidade, e não tem podido, por conseguinte, escapar á implacavel maledicencia dos fluminenses. Demais, está habituada ao luxo ao luxo da rua, que é o mais caro: em casa arranjam-se ella e a tia sabe Deus como. Não é mulher com quem a gente se case. Depois, lembra-te que apenas começas e não tens ainda onde cahir morto. Enfim, és um homem: faze o que bem te parecer.

Essas palavras, proferidas com uma franqueza por tantos motivos autorisada calaram no animo do bacharel. Intimamente elle estimava que o velho amigo de seu pai o dissuadisse de requestar a moça, não pelas consequencias moraes do casamento, mas pela obrigação, que este lhe impunha, de satisfazer uma divida de vinte contos de réis, quando, apezar de todos os seus esforços, elle não conseguira até então pôr de parte nem o terço daquella quantia.

Mas o amor contrariado cresce com inaudita violencia. Por mais conselhos que pedisse á razão, por mais que procurasse illudir-se a si proprio, Montenegro não conseguia libertar-se da impressão que lhe causara Lalá. O seu coração estava inteiramente subjugado. Ainda assim, lograria, talvez, vencer-se, si, vinte dias depois do seu encontro com Lalá, esta lhe não escrevesse um bilhete que inutilisou todos os seus elementos de reacção:

« Doutor.— Sinto que o nosso romance o enfastiasse tanto, que o senhor não quizesse ir alem do primeiro capitulo. Entretanto, não imagina como soffro por não saber os motivos que actuaram no seu espirito para interromper tão bruscamente... a leitura. Diga-me alguma coisa, dê-me uma explicação que me tranquilise ou me desengane. Esta incerteza mata-me! Escreva-me sem receio, porque só eu abro as minhas cartas— *Lalá*.»

A primeira ideia de Montenegro foi deixar a carta sem resposta, e empregar todos os meios e modos para esquecer-se da moça e fazer-se esquecer por ella; reflectiu, porém, que não poderia justificar o seu procedimento si recusasse a explicação com tanta delicadeza solicitada. Resolveu, portanto, responder a Lalá com um desengano categorico e formal, e mandou-lhe esta pilula dourada:

« Lalá.—Deus sabe quanto eu a amo e que sacrificio me imponho para renunciar á ventura de pertencer-lhe: mas um motivo imperioso existe que se oppõe inexoravelmente á nossa união.

« Não me pergunte que motivo é esse; si eu lh'o revelasse, a senhora achar-me-ia ridiculo. Basta dizer-lhe que a objecção não parte de nenhuma circumstancia a que esteja ligada a sua pessoa; parte de mim mesmo, ou antes, de minha pobreza.

« Adeus Lalá; creia que ao escrever-lhe estas linhas sinto a penna pesada, como se estivessem fundidos nella todos os meus tormentos.—*G. M.*»

— Que conselho me dá vocemecê? perguntou Lalá á sua tia depois de ler para ella ouvir a carta de Montenegro.

— O conselho que te dou é tratares de arranjar quanto antes uma entrevista com esse moço, e entenderes-te verbalmente com elle. Isto de cartas não vale nada. Elle que te diga francamente qual é o tal motivo... e talvez possamos remover todas as difficuldades. Não percas esse marido, minha filha. O doutor Montenegro é um advogado de muito futuro, que pode fazer a tua felicidade.

No dia seguinte Montenegro recebeu as seguintes linhas:

« Amanhã, quinta-feira, ás duas horas da tarde, tomarei um bonde no largo da Lapa, porque vou dar uma licção na rua do Senador Vergueiro. Esteja alli *por accaso*, e *por accaso* tome o mesmo bonde que eu e sente-se ao pé de mim. Recebi a sua carta; é preciso que nos entendâmos de viva voz.—*Lalá.*»

O tom desse bilhete não agradou a Montenegro. Quem o lesse, diria ter sido escripto por uma mulher habituada a conceder entrevistas. Entretanto, á hora marcada o bacharel achava-se no largo da Lapa. Recuar seria mostrar uma pusilanimidade moral que o envergonharia eternamente. Depois, como elle possuia todas as fraquezas do namorado, deixou-se seduzir pela provavel delicia dessa viagem de bonde. Quando o vehiculo parou no largo do Machado, Lalá sabia já qual o motivo pecuniario que se oppunha ao casamento. Ouvira sem pestanejar a confissão de Montenegro.

— O motivo é grave, disse ella; o doutor Velloso tem a sua palavra de honra, e o senhor não pode mudar de estado sem dispôr de uma somma relativamente consideravel; mas... eu sou mulher e talvez consiga...

— O que? perguntou Montenegro sobresaltado.

— Descance. Sou incapaz de commetter uma acção que nos fique mal. Separemo-nos aqui. Eu lhe escreverei.

Lalá estendeu a mão enluvada que Montenegro apertou, dessa vez sem lhe magoar os dedos.

Elle apeiou-se e galgou o estribo de outro bonde que partia para a cidade.

— Já está pago, disse o conductor a Montenegro quando este lhe quiz dar um nickel.

O bacharel voltou-se para verificar quem tinha pago por elle, e deu com os olhos em Velloso, que lhe disse de longe, rindo-se:

— Foi por conta daquelles vinte, — sabes?

— Reza-lhes por alma! bradou Montenegro, rindo-se tambem.

V

Esse « reza-lhes por alma » quer dizer que Montenegro voltou desencantado do seu passeio de bonde. Lalá parecera-lhe outra, mais desenvolta, mais *americana*, completamente despida do melindroso recato que é o mais precioso requisito da mulher virgem. Elle deixou-se convencer de que a moça, depois de ouvir a exposição franca e leal das suas condições de insolvabilidade, desistira mentalmente de consideral-o um noivo possivel, dizendo por dizer aquellas palavras « talvez eu consiga », palavras á toa, trazidas ali apenas para fornecer do ponto final a um dialogo que se ia tornando penoso e ridiculo.

Montenegro fez sciente do seu desencanto ao conselheiro Brito, que lhe deu parabens, e dahi por diante só se lembrou de Lalá como de uma bonita mulher de quem faria com muito prazer a sua amante mas nunca a sua esposa. Desapparecera completamente aquelle doce enlevo causado pela primeira impressão. O « reza-lhes por alma » saiu-lhe dos labios com a impetuosidade de um grito da consciencia. A desillusão foi tão prompta como prompto havia sido o encanto. Fogo de palha.

VI

Entretanto, mal sabia Montenegro que Lalá concebera um plano extravagante e o punha em pratica emquanto elle, tranquillo e despreoccupado, imaginava que ella o houvesse posto á margem.

Depois de aconselhar-se com a tia, que não primava pelo bom senso, a professora de piano e canto encheu-se de decisão e coragem, foi ter com o doutor Velloso ao seu escriptorio e disse-lhe que desejava fallar-lhe em particular.

A belleza de Lalá deslumbrou o advogado, e, como este era extremamente vaidoso, viu logo ali uma interessante conquista em perspectiva.

— Tenha a bondade de entrar neste gabinete, minha senhora.

Lalá entrou, sentou-se num divan, e contou ao doutor Velloso toda a sua vida, repetindo, palavra por palavra, o que dissera a Montenegro durante o jantar do conselheiro Brito.

Admirado de tanta loquacidade e de tanto espirito, Velloso perguntou-lhe, terminada a historia, em que poderia servil-a.

— Sou amada por um homem que é digno de mim, e o nosso casamento depende exclusivamente do doutor.

— De mim ?!

— A minha felicidade está nas suas mãos. Custa-lhe apenas vinte contos de réis. Não quero crer que o doutor se negue a pagar por essa miseravel quantia a felicidade... de uma orphan.

— Não comprehendo.

— Comprehenderá quando eu lhe disser que o homem por quem sou amada é o seu amigo e collega doutor Gustavo Montenegro.

— Ah! ah!...

— Escusado é dizer que elle ignora absolutamente a resolução que tomei de vir fallar-lhe.

— Acredito.

— Qual é a sua resposta ?

— Minha senhora, balbuciou Velloso sorrindo, vossa excellencia... eu tenho algum dinheiro, tenho... mas perder assim vinte contos de réis...

— Recusa?

— Não, não recuso; mas peço algum tempo para reflectir. Amanhã... depois d'amanhã venha buscar a resposta...

A conversação continuou por algum tempo, e Velloso começou a sentir pela moça a mesmissima impressão que ella causara a Montenegro.

Lalá notou o effeito que produzia, e poz em contribuição todos os seus diabolicos artificios de mulher astuta e avizada.

— Feliz Gustavo!

— Feliz porque?

— E' amado.

— Oh! não vá agora suppor que eu tenha por elle uma paixão desenfreada!

— Ah!

— Era um marido que me convinha, isso era; mas si o doutor não abrir mão da divida, e elle não se puder casar, não creia que eu me suicide!

Ouvindo esta frase, Velloso adiantou-se tanto, tanto, que dois dias depois, quando Lalá foi saber a resposta, elle recebeu-a com estas palavras:

— Não!... Si eu abrisse mão dos vinte contos, elle seria seu marido, e...

— E...?

— E eu... tenho ciumes!

No dia seguinte elle era apresentado á tia, manejo que foi aconselhado pela velha.

— Este é mais rico, mais bonito e mais intelligente do que o outro. Não o deixes escapar minha filha!

A verdade é que Velloso não se introduziu em casa de Lalá com boas intenções; mas a esperteza da moça e as indiscreções do advogado determinaram em breve uma situação de que elle não poude recuar.

VII

Imagine-se a surpreza de Montenegro quando lhe annunciaram o casamento de Lalá com o seu collega, e a indignação que delle se apoderou quando veio ao conhecimento do modo singular por que fôra ajustado esse consorcio imprevisto.

No dia seguinte ao do casamento estava Montenegro no escriptorio, quando recebeu um cheque de vinte contos de réis, mandado pelo marido de Lalá.

— Não acha que devo devolver este dinheiro ? perguntou elle ao conselheiro Guedes.

— Não ; mas não o gastes ; afianço-te que terás occasião mais opportuna para devolvel-o.

E assim foi.

A lua de mel de Velloso e Lalá não durou dois mezes. Os dois esposos desavieram-se e logo se separaram ; elle voltou a sua vida de solteiro, e ella tornou para casa da tia, sem coisa alguma aceitar do marido.

Um dia, pouco mais de um anno depois desse desastrado casamento, Montenegro encontrou-a num armarinho da rua do Ouvidor, e não poude esquivar-se de conversar com ella.

Taes cousas lhe disse a moça, taes protestos fez e tão arrependida se mostrou de o haver trocado pelo outro, que dois dias depois ella entrava furtivamente em casa delle...

Nesse mesmo dia o desleal Velloso recebeu uma carta concebida nos seguintes termos:

« Dr. Velloso.—Devolvo-lhe intacto o incluso cheque de vinte contos de réis, porque a divida que elle representa é uma estudantada immoral, sem nenhum valor juridico.—*Montenegro.* »

ARTHUR AZEVEDO.

ESTUDOS DE LINGUISTICA

VERBOS SEM SUJEITO[1]

SEGUNDO PUBLICAÇÕES RECENTES

III

Do ponto de vista grammatical, nenhum substantivo ou palavra substantivada, pode ser sujeito dos verbos impessoaes que exprimem phenomenos naturaes; nenhum substantivo ou palavra substantivada, póde tão pouco exercer a funcção de sujeito de certas orações que exprimem existencia (como *ha homens, não os ha, il y a des hommes, il n'y en a pas*), a admittirmos, como admittimos, que o sujeito de um verbo finito só pode ser um *nominativo*. Resta, portanto, designar si na falta de nome, não devemos considerar como sujeito um pronome pessoal.

Na realidade esta ultima doutrina tem sido pregada por alguns grammaticos, que, receiosos de romper com uma tradição decrepita, se agarram ainda á derradeira tabua que restou do naufragio de um principio, o qual considerado como absoluto, não se coaduna com a observação scientifica, e não resiste á luz da analyse positiva. A hypothese do pronome pessoal como sujeito, por muito

[1] Veja a *Revista* de 1 de Janeiro.

seductora que pareça á primeira vista, não tarda tambem a ir de encontro a um escolho. E' que o pronome, na opinião dos mesmos grammaticos, é uma palavra que se põe em lugar do nome; logo a admittirmos semelhante sujeito teriamos de admittir tambem um facto que não se verifica: a possibilidade de collocar-se um substantivo em lugar do pronome. Alem disso, attendendo ao genero do pronome, o substantivo seria em francez forçosamente masculino, em inglez e allemão forçosamente neutro. Ora, não se podendo admittir semelhantes absurdos, é licito, antes de quaesquer outras reflexões, considerar semelhante pronome como um mero expletivo, ou, para nos servirmos de um termo de um philologo francez, [1] como uma parte inutil do discurso, tanto mais quanto o uso do pronome antes dos verbos destituidos de sujeito, nas linguas indo-germanicas, é privilegio apenas de alguns idiomas, e de data relativamente moderna.

Como o sanscrito, o grego e o latim, o portuguez não usa o pronome, e é um erro concluir da comparação do francez hodierno que os verbos impessoaes da nossa lingua devam ter sujeito pronominal. Antes de tudo, o portuguez não é proveniente do francez; em segundo lugar, o francez antigo não conhecia semelhante pronome: « Dans les plus anciens monuments de la langue d'oil on ne trouve pas d'exemple du pronom neutre *il* » (A. Horning, 249, na publicação de E. Bochmer *Romanische Studien*, IV). A lingua-mãi, tanto do portuguez, como do francez, a lingua d'onde descendem os idiomas romanicos em geral, empregava *tonat, pluit,* etc., etc., sem pronome algum. Si lançarmos os olhos para um idioma germanico, somos tambem obrigados a acreditar que o uso do pronome neutro junto aos verbos sem sujeito a principio não era conhecido; porquanto si no allemão moderno só em certos casos se pode dispensar o pronome *es*, apparece elle no allemão antigo com muito menos frequencia, e já no gothico falta completamente.

Como é pois que se explica o emprego do pronome tão generalizado mais tarde no francez, no inglez e no allemão? Para comprehender o phenomeno, lembremo-nos em primeiro lugar de que os idiomas em questão são hoje pauperrimos em desinencias

---

[1] B. Bourdon. *L'expression des émotions et des tendances dans le langage*. Paris, 1892.

pessoaes, e na falta de formas synthetica, servem-se hoje necessariamente de formas analyticas para indicar as pessoas do discurso. O processo uma vez em vigor para algumas formas, não tardou a generalizar-se tambem para as outras, e em virtude da lei da analogia encontramol-o tambem em casos onde era completamente desnecessario. As linguas classicas, tendo bem desenvolvidos os suffixos pessoaes não careciam do pronome pessoal para designar as pessoas do discurso, e só o empregavam por emphase. O portuguez póde dispensar ainda os pronomes, porque no nosso verbo se conhecem geralmente as pessoas pelas terminações: nos principaes tempos do indicativo, isto é, no presente, no perfeito e no futuro a distincção ainda é perfeita, embora tenha havido queda de alguns suffixos. Naquellas linguas, porém, onde formas verbaes para pessoas diversas se acham hoje identificadas numa só, o emprego de um pronome pessoal anteposto, é de estricta necessidade para a comprehensão do discurso. No inglez e no allemão são identicas a 1ª e 3ª do plural de qualquer tempo: no inglez, o preterito *loved* pode referir-se a todas as pessoas de qualquer numero, com excepção da 2ª do singular. No francez *chante* (fazendo abstracção da orthographia) pronuncia-se igualmente para as tres pessoas do singular e para a 3ª do plural.

Em todas estas linguas generalizou-se o principio do emprego do verbo finito com sujeito claro. Evidentemente, os verbos impessoaes, não podendo furtar-se á lei da analogia, só podiam adoptar um pronome que excluisse a pessoa que fala e aquella com quem se fala, isto é, o pronome da 3ª pessoa: é claro tambem que na escolha de genero só podiam recorrer ao que menos suggerisse a ideia de personalidade, isto é, o neutro em inglez e allemão, e o masculino em francez, por ter elle absorvido o neutro latino e ser, por conseguinte, mais apto para não representar ente algum.

A analogia é um factor importantissimo na historia das diversas linguas: e só ella póde explicar a presença do pronome *es* em certas frases allemães como: *es sind Leute im Hause* (litteralmente: *elle* estão ou existem pessoas na casa). Ahi o pronome é simplesmente um expletivo, que não está em lugar de nome algum e escapa a toda e qualquer tentativa de analyze logica.

O facto de sempre se acharem os verbos sem sujeito precedidos do pronome neutro no allemão, e do seu substituto, o pronome

masculino, no francez, prova mais uma vez que os sujeitos *Deus, natureza, chuva, mundo, sociedade*, etc., creados pelos sanchistas, pertencem ao dominio da pura fantasia. Poderiam, é verdade, crear um sujeito neutro, como, por exemplo, o infinito dos verbos impessoaes, e então teriamos tautologias como o *chover chove, o trovejar troveja, o haver ha homens, o haver ha erro.* Mas seria repetir duas ideias identicas, enunciar uma mesma acção ou estado com duas palavras, differindo entre si apenas na forma, e não attribuir uma acção a um ente. Alem disso, continuariamos a estar no terreno da fantasia, buscando um sujeito fora da linguagem real, na qual o verbo impessoal represente um pensamento completo, perfeitamente intelligivel para qualquer pessoa. Buscar um sujeito fora da realidade, nós já o dissemos, não compete á grammatica como sciencia que se limita a observar e registrar os factos, taes quaes se apresentam na linguagem.

Depois, se empregassemos semelhante processo analytico, corriamos o risco de arrostar com verdadeiras monstruosidades. Um exemplo colhido duma lingua teutonica patenteia bem o caso. O allemão, para exprimir que lhe falta alguma cousa, usa de uma frase em que o verbo se acha na 3ª pessoa do singular precedido do pronome *es*, o nome da pessoa em dativo, o nome da cousa que falta igualmente no dativo, mas precedido de preposição; e assim nós temos este exemplo: *es mangelt mir an Geld*, litteralmente: elle falta-me em dinheiro. Se analysassemos—o faltar falta-me em dinheiro, teriamos o cumulo do disparate; pois não pode faltar a falta, mas a presença do objecto.

IV

Podemos agora dirigir a nossa attenção para um genero de frases differente quanto ao sentido, da oração existencial, com o verbo haver e mais differente ainda das orações que exprimem um phenomeno da natureza e que são representadas por um simples verbo impessoal. Estudada a analyse de semelhantes proposições, a nossa questão agora será esta: como se devem analyzar as frases em que se emprega o verbo construido com o reflexivo *se* para indicar uma acção e, ao mesmo tempo, um agente indeterminado?

Si fizermos abstracção da grammatica e, procedendo unicamente á analyze psychologica, considerarmos que os termos psychologicos nada tem que ver com as formas grammaticaes [1] dos vocabulos de uma lingua, nem tão pouco com o passado dessa lingua, mas sim com as ideias que as palavras actualmente symbolizam, somos forçados a admittir a palavra *se* como o sujeito. De facto, quando dizemos *aluga-se uma casa, precisa-se de uma casa*, na consciencia de todo o mundo o pronome *se* suggere a ideia de uma pessoa servindo de agente da acção, mas que não conhecemos ou não queremos nomear. [2]

Do ponto de vista grammatical, porém, o caso muda de figura. A palavra *se* em portuguez, como nas outras linguas romanicas, é classificada como pronome reflexivo e, como tal, não pode exercer a funcção de sujeito syntactico. Mas si o reflexivo não é sujeito, ainda menos o pode ser o substantivo que acompanha o verbo em exemplos como *precisa-se de uma casa, morre-se de fome, fala-se do negocio*. Ahi temos por conseguinte verbos destituidos de sujeito.

A essa conclusão chega Miklosich, não só pelas frases em que o verbo é intransitivo, mas tambem pelo estudo de exemplos com verbo transitivo propriamente dito analyzados á luz da grammatica comparativa. O francez diz: *il se trouve des royaumes*, o hespanhol: *muy pocos reynos se halla*; e o italiano não se peja de se exprimir semelhantemente: *del suo legno se fa ottimi pettini; quivi ore e campane non s'udica*. Em todos esses exemplos temos o verbo no singular acompanhado de um substantivo no plural, o qual evidentemente não é sinão o objecto directo. Os grammaticos hespanhoes reconhecem a correcção das frases do reflexivo *se* com o verbo no singular acompanhado de um substantivo no plural: « Quando la sentencia (a 3ª pessoa do singular com *se*) toma el caracter de impersonal, se colloca el verbo en el singular, y lo que es objecto de su accion, va regido de la preposicion *á*, verbi gratia: *se atropella á los desvalidos; se detesta a los malvados*?» Salvá, *Gramática*.

[1] H. Paul, *obra citada* pag. 237 e Gabelentz, *obra citada* pag. 318 a 357.

[2] Esta funcção psychologica de agente indeterminado é innegavel na lingua portugueza, onde empregamos o pronome *se* junto de todo e qualquer verbo: em outros idiomas, porém, como nas linguas slavas, o reflexivo junto ao verbo é empregado para indicar um facto, um estado, sem se cogitar do causador.

Para a lingua portugueza Miklosich cita: *Deus quer que só a elle se ame. Ninguem se deve amar, se não a um senhor tão poderoso* (Paiva, *Sermões*), e o exemplo, já mencionado por Diez, que se encontra nos Luziadas: *se sôa os grandes feitos*. Nós ainda poderemos accrescentar um outro, muito importante por proceder de um escriptor portuguez que timbrava em ser purista: *Por tudo isto se admira a Vieira: a Bernardes admira-se e ama-se* (A. F. de Castilho, *Vida e Obras de M. Bernardes*). E' um exemplo em que absolutamente não podem ser sujeitos *a Vieira, a Bernardes:* pois não existe regra de syntaxe nenhuma que admitta como sujeito um substantivo regido de preposição.

O verbo com o reflexixo *se* apresenta-se, como até agora temos visto, destituido de sujeito syntactico; pode porém, vir acompanhado de objecto, o qual é indirecto em *precisa-se de uma casa*, mas directo em *aluga-se uma casa, ama-se a Deus, estima-se a Bernardes*, no francez *il se trouve des royaumes* e no hespanhol *se detesta a los malvados*. O ponto de vista é legitimo, tanto mais quanto vemos o substantivo collocado normalmente depois do verbo, isto é, occupando o lugar que a syntaxe de construcção das linguas romanicas assigna ao objecto. Não era esta a funcção do nome primitivamente: tornou-se porém a consequencia fatal do desapparecimento da noção de reflexividade do pronome *se*.

E' por isso que no exemplo francez *il se trouve des royaumes* o substantivo no plural *des royaumes* já não é o sujeito do verbo *il se trouve*, como o seria primitivamente em *des royaumes se trouvent*. E' ainda pela mesma razão que nós hoje construimos o pronome *se* com qualquer verbo intransitivo (absurdo evidente si a noção de reflexividade ainda persistisse), e que o povo tende a generalizar o emprego do verbo no singular dizendo *aluga-se casas*, emquanto que na linguagem literaria, nessa força conservadora das formas, ainda usamos o verbo no plural. Na forma popular *aluga-se* (em vez de alugam-se) *casas*, o factor é evidentemente a analogia. Desconhecedor das regras tyrannicas da grammatica, o homem do povo guia-se pelo sentimento de linguagem e emprega o verbo no singular pelo mesmo motivo porque diz: *a gente aluga, alguem aluga*. E' toda natural essa tendencia, porque se baseia em uma razão de ordem psychologica, ao passo que a corrente erudita assenta apenas na razão historica: e, segumdo o que vemos succeder

em outros idiomas, a forma popular, natural do emprego do verbo no singular acompanhado de um nome no plural, talvez um dia tambem acabe por supplantar a nossa forma erudita.

Admittindo essa explicação, é claro que considero fantasiosa aquella que alguns se dão o incommodo de apresentar relativamente ao pronome *on* dos francezes. De facto, a corrente popular não podia nascer da comparação com esse idioma, pela razão simplissima que não é propriamente o povo quem estuda linguas estranhas. Ninguem nos convencerá que seja pela influencia do francez que ás vezes o negociante, o operario, ou o industrial escreve nas suas taboletas: *vende-se taes e taes artigos, aluga-se carros, ferra-se animaes, etc.*

Reciprocamente, as pessoas cultas, aquellas que conhecem perfeitamente o francez, nunca escrevem sinão: *vendem-se jornaes, fazem-se tratados*, etc.

V

O processo sophistico da substituição não é admissivel em uma analyze scientifica. Tomemos um exemplo da chimica. Si apresentarmos a um preparador de chimica um sal para analyzar, e si elle não puder dar conta da tarefa por não possuir no seu laboratorio os reactivos necessarios ou por outra causa qualquer,não irá com certeza substituir o sal por outro e analyzar o corpo B em vez do corpo A. Isto parece intuitivo; em grammatica, porém, em vez de declararmos ás vezes que nos faltam os meios de investigação e de confessarmos a nossa ignorancia, queremos sempre ou por fas ou por nefas dar a explicação de tudo e, o que é mais, sujeitar essa explicação a certos e determinados moldes fixos. Resulta d'ahi que, em lugar de applicarmos os processos da analyze chimica e examinarmos os factos objectivamente, taes quaes se apresentam, somos levados a recorrer a alchimia e a escamotear esses factos, pondo em substituição outros cuja analyze nos parece facil.

Manifesta-se bem essa operação naquella analyze que consiste em retirar o verbo construido com o reflexivo *se* e substituir essa construcção pela voz passiva.

Assim, em vez de analyzar directamente a frase *vende-se uma casa*, costumam autopsiar est'outra: *uma casa é vendida*; em vez da oração *alugam-se predios* collocam debaixo do microscopio a proposição *predios são alugados*. Isto é muito commodo, na verdade, para algumas frases; pena é que a transformação do verbo em voz passiva, e a rehabilitação do nome que se lhe segue á categoria de sujeito não se possam effectuar para tantos e tantos exemplos do mais puro portuguez, como estes: *agora tracta-se de outra cousa* (Herculano); *entrava-se na magnifica Rua-nova* (Herculano) *descia-se ao longo desse muro* (Herculano): *morre-se por tão pouco* (R. da Silva); *fala-se da riqueza do nosso commercio* (R. da Silva); *providenciando-se ao que se julgava necessario* (Herculano): *dir-me-heis que na mesma palavra se responde a este exemplo* (A. Vieira): *faça-se o serviço de Deus, accuda-se a alma* (A. Vieira): *fica-se com tudo* (A. Vieira).

Quer isto dizer que o facto de podermos construir qualquer verbo intransitivo com o pronome *se* prova á saciedade que o methodo da substituição pela voz passiva, não passa de um sophisma, que nem siquer tem o merito de poder ser empregado em todas as occasiões. O mais curioso é que, nos casos em que os sophistas acham possivel a substituição, nem ao menos existe identidade de pensamento entre os dois modos de dizer, tanto que não se diz indifferentemente: *esta casa é alugada* e *aluga-se esta casa*. E depois, mesmo que houvesse essa identidade, seria apenas psychologica; os factos linguisticos, e portanto grammaticaes, são differentes. Si assim não fosse, a frase *a gente* ou *alguem aluga*, synonyma de *aluga-se*, deveria ser considerada como passiva, em virtude do principio de que duas cousas iguaes a uma terceira são iguaes entre si.

Do ponto de vista morphologico, não passa de mera invenção a doutrina do apassivamento por meio do reflexivo; é uma hypothese baseada sobre outra hypothese, que se havia creado para explicar o passivo latino, mas que hoje está por terra, graças a estudos mais completos. Consequentemente, já não tem razão de ser a hypothese do apassivamento pelo reflexivo nas linguas romanicas. Alem disso, sempre manquejou, já porque não havia a menor connexão historica com a formação latina, já porque se cingia só á terceira pessoa.

M. Said Ali.

A OROGRAPHIA BRAZILEIRA

O SYSTEMA OROGRAPHICO DO BRAZIL—O RELEVO DA COSTA—A SERRA DO MAR

I

Na aspera desigualdade, que reveste de tão pitoresco relevo a estructura dos continentes, realiza-se ainda uma vez a lei suprema da harmonia, que a natureza velou sobre as formas as mais variadas e apparentemente as mais irregulares. Ao contemplar essas regiões fechadas por montanhas quasi inaccessiveis, cortadas por correntes nas direcções as mais oppostas e tortuosas, difficilmente se poderia imaginar a existencia das linhas geraes e uniformes, que a sciencia conseguiu fixar através dos terrenos mais accidentados.

Duas series de linhas, invariavelmente lançadas em qualquer trato de terra de alguma extensão, determinam de um modo seguro o relevo de seu solo. A linha inferior apparece representada pelo curso dos rios, e tem o seu ponto obrigado de partida na superficie das aguas do oceano, nivel commum e cosmopolita para todas as medidas de altura, tomadas em nosso globo. A um e outro lado dessa linha, relativamente a mais baixa em todas as terras, radiam linhas de declividade convergente, que são representadas pelos cursos das aguas tributarias, e por si só indicam a direcção geral do terreno em relação ao nivel do mar. Ahi estão as bacias hydrographicas, cujo conhecimento permitte ao geographo, independente do exame local, reconstruir em sua imaginação o relevo geral do terreno e as linhas dominantes, que, através das ondulações as mas caprichosas, o levam até as orlas do oceano.

Alem das cabeceiras desses rios ha ainda terras, e nellas tambem novas correntes de agua, que devem romper o solo e chegar até o mar. Todas encontram o seu lugar, e juxtapoem-se admiravelmente nos contornos das outras bacias, indo confundir as suas aguas com o oceano.

Como a ossamenta desse grande corpo physico, as montanhas erguem-se em direcções diversas, ora assignalando a linha de fastigio das aguas, ora penetrando pelas bacias hydrographicas, e parecendo ir, em plano mais elevado, impedir-lhes o curso até o mar. D'ahi os grandes saltos de agua, e os boqueirões talhados no dorso das serranias: como são, no Brazil, o estreito de Urubutú, no rio Tapajoz: o boqueirão de Lavras, no rio Salgado, no Ceará; o boqueirão da Serra Grande, por onde passa o rio Poty: e o grande talhado á prumo do Portão, sob o qual corre o rio Maranhão, em Goyaz. Nesta mesma provincia, o rio S. Domingos, em vez de contornar ou de rasgar uma saliente elevação que se antepõe ao seu curso, penetra pelo solo á dentro, e vai surgir cerca de 4 kilometros adiante, enriquecido e engrossado por correntes subterraneas.

Esses notaveis accidentes physicos devem advertir-nos de um erro muito commum, quasi convencional em geographia, já assignalado por Malte-Brun, e por outros geographos eminentes: o de collocar sempre serras e montes na divisão das aguas dos rios, quando o dever do geographo é estudar o relevo do solo em sua multipla variedade, e não uniformizal-o por força de ideias preconcebidas.

« As montanhas, diz Malte-Brun, não têm em geral direcção alguma exactamente regular: as cordilheiras serpenteiam sempre e perdem-se muitas vezes em planaltos. Não é, pois, permittido traçar por effeito de imaginação cadeias terrestres e submarinas, e construir uma ossamenta do globo, que não tem existencia na natureza. Não basta verificar sobre a carta, que ha em tal ponto uma divisão de aguas: ha no globo muitas dessas divisões, que aliás não offerecem o menor vestigio de montes, mas sómente extensos planaltos que se elevam em suave declive de um e outro lado, muitas vezes por centenas de kilometros. No centro da Russia européa só ha collinas. Ahi se encontra, entretanto, a divisão das aguas de alguns dos maiores rios da Europa. Na Polonia russa, entre o Niemen e o Duna de um lado, e o Dnieper e Dniester do outro, ha

um ponto de divisão, que não offerece elevação alguma, e onde, em vez das montanhas figuradas por Buarche, os viajantes apenas encontram uma planicie alagadiça, ao passo que, em meio mesmo do curso do Dnieper, eleva-se um terreno montuoso e alcantilado, que este rio atravessa por uma grande fenda. Tambem as collinas da Prussia oriental, atravessadas pelo rio Niemen, são muito mais elevadas do que o terreno que separa as aguas dos mares Baltico e Negro.»

Numerosos exemplos do mesmo facto nos offerece a estructura geral no nosso solo. «Os ultimos affluentes do Amazonas, diz d'Orbigny, confundem-se de tal modo com os primeiros affluentes do Prata, que pode-se, em tempo de chuva, passar pequenas barcas de uma á outra vertente: e um canal de 4.800 metros, cavado em um charco, bastaria para completar um canal natural, que atravessaria todo o centro da America do Sul.» Igual observação fez Castelnau, abundando na mesma ordem de considerações. «A divisão das aguas, informa o Sr. Liais, do rio Paráopeba, valle do S. Francisco, e do Rio Grande, pertencente á bacia do Rio da Prata, não é assinalada por cadeia alguma de montanhas: apenas a separa a linha interrompida da Serra das Vertentes, e ainda em certos pontos, como na Lagôa-Dourada, mal se nota entre as duas vertentes uma suave ondulação de terreno, mui pouco accentuada.»

Effectivamente, o arraial da Lagôa-Dourada, em Minas, situado em uma planicie, é atravessado por dous arroios, cujas aguas quasi se encontram. Um delles corre para o norte, fenecendo no Rio Camaquam, affluente do Paráopeba, pertencendo assim á bacia do S. Francisco: o outro vai ter ao Carandahy, affluente do rio das Mortes que faz parte da bacia do Prata. Quem vai de Barbacena para Ouro Preto, atravessa, proximo de suas nascentes, os dous braços do mesmo rio Carandahy, passando logo adiante o rio Paráopeba, sem nem se aperceber que transpõe a bacia do Prata para a do S. Francisco. Facto igual se dá no Chapadão de S. Marcos, em Goyaz, onde o rio Escuro-Grande, affluente do Paracatú, bacia do S. Francisco, nasce a menos de 1,600 metros de distancia do rio de S. Marcos, que conflue no rio Paranahyba, bacia do Rio do Prata. A linha divisoria, refere o Sr. barão de Melgaço, das aguas do Amazonas das do Paraná e Paraguay não forma a crista de serras, como figuram alguns mappas, corre por um planalto que se estende

desde as immediações do Paraná e Araguaya até um ponto a oeste das fontes do Guaporé, lançando ramificações, que, pelo lado mais meridional, dividem as vertentes do Paraná das do Paraguay e ao norte separam as bacias do Araguaya, Xingú, Tapajoz e outros.» [1]

No mesmo sentido são as observações do Sr. professor Hartt, o qual sobre este assumpto se exprime nos seguintes termos: «Os mappas representam ordinariamente uma cordilheira de montanhas, prolongando-se de léste a oéste em todo o Brazil occidental, separando as aguas do Paraguay e do Guaporé das do Tapajoz. Porém, como já tive occasião de mostrar em minha obra sobre a Geologia do Brazil, tal serra não existe. Os viajantes, que têm visitado essa região, descrevem a parte occidental do planalto do Brazil como uma extensa planicie elevada, sem cordilheira ou systema de montanhas seguido. Chandless diz expressamente desse longo trato de terra, que é elle um alto taboleiro ou chapada, a qual muito pouco varia em sua elevação geral, apezar de ser cortado em valles profundos, e muitas vezes cair em escarpas abruptas sobre a planicie proxima, a qual então se afigura como um mar, com suas bahias e enseadas. Não obstante, esta cordilheira mythica continúa a ser representada nos melhores mappas do Brazil, pelo simples facto de entenderem os seus autores que, entre as grandes bacias do Amazonas e do Paraguay, deve necessariamente haver uma cadeia de montanhas.»

A' esta singular preoccupação, tão contraria á indole dos estudos geographicos, sacrificou o barão de Eschwege as suas investigações sobre o systema orographico brazileiro: e infelizmente a mythica montanha por elle creada sob o nome de Serra das Vertentes, muito tem contribuido para se generalizarem os erros tão magistralmente analyzados pelo professor Hartt. Pela nossa parte, não aceitamos o systema de nomes ficticios, engendrado pelo distincto geographo allemão, para designar as nossas serras: systema que no dizer de Malte-Brun, não tem existencia na natureza, e que foi já repudiado pelo eminente geographo Aug. de Saint Hilaire á luz de uma critica sana, e mais de accordo com os progressos da sciencia geographica.

---

[1] Augusto Leverger, Barão de Melgaço: *Revista do Instituto Historico* 28. 131.

A investigação paciente, que todos os dias penetra nas regiões mais reconditas de nosso territorio, permitte-nos assinalar a extensão e os inesgotaveis thesouros das grandes chapadas, que constituem a feição dominante da estructura do solo brazileiro.

E pois, ahi temos diante de nós a massa grandiosa das montanhas do Brazil, desses gigantes oriundos das convulsões do globo; subamos os seus pincaros elevados, e, inspirando-nos no sentimento profundo da contemplação da natureza, admiremos as magnificencias peregrinas de seu esplendido relevo. E' a nobre preeminencia dos estudos geographicos retemperar-se na observação das grandes obras, que Deus depoz na face da terra, alliando, de um modo suave e fecundo, a severidade dos processos scientificos aos effeitos da arte.

II

A costa do Brazil prolonga-se desde mais de 4 graus de latitude norte até quasi 34 gráos de latitude sul. Sua extensão excede de 3,000 milhas, contando-se desde o Pará a Pernambuco 1,100 milhas, de Pernambcco á Bahia 380, da Bahia ao Rio 730, e do Rio a Montevidéo, já além do territorio brazileiro, 1,000. A principio, na direcção de norte a sul, o solo é raso, offerecendo em suas suaves ondulações o testemunho de que, não ha muito tempo, as ondas do oceano entregaram ao dominio do homem essas terras, deixando-as em secco. Ao observador collocado sobre o oceano apparecem-lhe alem, na extrema occidental do horisonte, ora em grandes massas, ora em serros isolados, terras elevadas, que pertencem ao systema de serras do interior. Entre aquellas avulta o extremo norte da serra de Ibiapaba, no Ceará, a serra de Itabaiana, em Sergipe, e o morro de Mocoratá, no Espirito Santo. As serras da Meruóca, Uruburetama, Maranguape e Aratanha, e o monte Paschoal pertencem á segunda categoria.

No relevo dessa parte da costa, destacam-se: o morro de Itacolomi, no Maranhão com 82^{m} de elevação, o de Jericoaquára, com 110 e o do Cascavel com 180, no Ceará: o Cabo de S. Roque, no Rio Grande do Norte, com 55; a Ponta do Pinto com 128 e o Cabo Branco com 30, na Parahyba do Norte; a Ponta de Pedras com 80, Olinda

com 68 em Pernambuco: o Farol de Maceió com 63 e o morro de Commandatuba com 600 na Bahia.

A partir da margem direita do rio Doce, aos 19°37', o aspecto do solo muda inteiramente, offerecendo ao observador um scenario novo, em que avultam os caprichosos accidentes physicos, com que a natureza aqui esculpiu o relevo do solo. Sustentando as altas terras do interior, ergue-se, como uma muralha gigantesca, a extensa cadeia da Serra do Mar, cujos picos culminantes attingem a mais de 2.000 metros sobre o nivel do oceano, e cuja escarpa prolonga-se d'ahi até aos 29 graus de latitude sul, em uma extensão de mais de 2,000 kilometros.

E' essa a *Serra Geral* ou *Serra do Mar*, que a nenhuma outra cede em importancia quanto ao papel, que na physica do globo está reservado ás montanhas, de individualizar os climas, na bella expressão de Humboldt.

Essa estructura grandiosa, sustentando e dando entrada ás chapadas do interior, a alguns kilometros da costa, imprime á esta região uma feição geologica, das mais caracteristicas na superficie do globo.

Alguns geographos fazem figurar a Serra do Mar, como prolongando-se em sua direcção norte, até aos 6 graus de latitude sul. Outros a dão como estendendo-se sómente até á margem direita do rio Parahyba, em 12 graus no mesmo hemispherio.

Os trabalhos hydrographicos realizados no interesse da navegação do mundo pelas marinhas franceza, ingleza e americana, os estudos geologicos, tão pacientemente executados pelo illustrado professor Hartt, esclareceram de uma vez esta importante questão de geographia physica, a qual de ora em diante pode julgar-se fora do dominio da controversia.

A *Serra Geral*, ou *Serra do Mar* começa na latitude sul de 16° 56'20", a partir do monte Paschoal; e segue para o sul, ora cosendo-se com a costa, ora afastando-se desta em distancia nunca maior de 90 kilometros, até aos 29 graus de latitude sul. Ahi toma para oeste, penetrando pelas terras do Rio Grande do Sul, que ella atravessa em toda a sua extensão, indo acabar á margem oriental do Rio Uruguay. Sobre este importante assumpto são positivos os resultados obtidos pelas observações do barão Roussin, de Alincourt, e de Mouchez. « O aspecto das costas do Brazil, diz aquelle eminente

hydrographo, não é o mesmo em toda a sua extensão. Da ilha de Santa Catharina até 395 kilometros acima de Cabo Frio, as terras são muito elevadas, e com bom tempo avistam-se a 119 kilometros da costa. Em outros pontos, porém, só se descobre terra á pequena distancia. A partir do parallelo do rio Doce, o paiz olhado do mar parece inteiramente raso. Esse aspecto só muda junto ao monte Paschoal, d'ahi a mais de 330 kilometros. [1]

Subindo ao rio Doce, e descrevendo-o na secção superior á ilha do Pau Gigante a 132 kilometros da foz, diz Luiz d'Alincourt:

«D'ahi em diante divizam-se montanhas, umas encadeiadas, outras isoladas, annunciando tudo a proximidade da grande muralha, que, do sul ao norte, sustenta o rico e pujante continente brazileiro pelo oriente.»

Eis ahi está precizamente assinalada a feição caracteristica da estructura geral da Serra do Mar. A depressão da costa d'ahi para o norte apparece indicada com toda a individuação nos trabalhos de Mouchez. «Entre o morro de Commandatuba e as terras altas do Espirito Santo, diz este abalizado hydrographo, só se encontra a elevação isolada do monte Paschoal, e o pico João de Leão, que fica 16 milhas ao sudoeste. O morro Mestre Alvares, junto ao mar, é inteiramente isolado, não pertence a systema algum. O morro de Mocoratá, pico mais elevado da serra dos Aymorés, é o extremo septentrional desta.» [2]

A direcção geral da Serra do Mar, é de nordeste para sudoeste, correndo mais ou menos parallela á costa, em distancia aproximada de 12 kilometros, excepto na serra do Tinguá, estado do Rio de Janeiro, em que ella se afasta do littoral de 60 a 70 kilometros, e ao norte da Laguna em Santa Catharina, aos 29° 45', em que a mesma, internando-se mais, chega a ficar a 99 kilometros da costa.

A partir da margem direita do rio Parahyba, em direcção de norte sul, toma ella differentes denominações locaes:

Serra do Rio Preto, do Imbê, de Macahé, Nova Friburgo, dos Orgãos, da Estrella, do Tinguá, da Viuva, do Pirahy, de Itaguahy, de Mambucaba, Mangaratiba, Paraty, na direcção de NE-SO, no estado do Rio de Janeiro; serra de Ubatuba, Caraguatatuba, S. Sebastião,

[1] Barão Roussin: *Le Pilote du Brésil*. Paris, 1845, pag. 1 e 83.
[2] Mouchez: *Les Côtes du Brésil*. II Paris, 1861, pag. 113.

do Cubatão e de Paranapiacaba, em S. Paulo: serra da Graciosa, no Paraná: de Lages, em Santa Catharina; Geral, de Botucarahy, S. Martinho, S. Xavier, Ygorahy-assá, na direcção de LO. no Rio Grande do Sul.

No relevo geral do solo brazileiro, a *Serra do Mar* é a escarpa oriental da grande chapada meridional do Brazil, longo trato de terras elevadas, onde nascem o Parahyba e a ribeira de Iguape, que vão ter ao mar, o Jacuhy e todos os tributarios do Guahyba que desaguam na lagôa dos Patos, o Tiété e os affluentes meridionaes da margem esquerda do rio Paraná até ao rio Santo Antonio, e ao caudaloso rio Uruguay.

O ponto culminante da cordilheira maritima é a Pedra do Açu, na serra dos Orgãos, com 2,232 metros de altitude, segundo Glaziou. Seguem-se-lhe os Tres Picos do Matheus, com 1,880 metros, o Frade de Macahé, com 1,750; a serra do Tinguá, com 1,650; e o morro do Frade, em Mambucaba, com 1,640. Os demais picos baixam de 1,500 metros. A depressão mais notavel é a da estrada do Rio a S. Paulo, na serra de Itaguahy, cuja altitude é apenas de 555 metros. No ponto atravessado pela estrada de ferro Central do Brazil, a depressão é de 597 metros; na estrada de Petropolis, de 850; na estrada de Cubatão, em S. Paulo, de 800. As demais bocainas excedem de mil metros de altitude. Sobre a Serra do Mar, verificou a Commissão Geologica, em resultado de seus trabalhos em 1877, que a oeste da zona de gneiss e de outras rochas metamorphicas da costa, ao sul do estado do Rio de Janeiro, ha uma grande chapada, formada de rochas sedimentarias pertencentes á formação carbonifera e a outras mais recentes, que conservam em grande parte sua horisontalidade e se acham cobertas de immensas camadas de rochas trappeanas, as quaes revelam um trabalho de actividade volcanica, só comparavel á de algumas regiões das Montanhas Rochosas. Estendem-se estas rochas trappeanas a oeste até além do rio Paraná, onde formam entre outras, a cachoeira do Urubú-Pungá, e ao sul vão até ao Uruguay.

HOMEM DE MELLO.

BIBLIOGRAPHIA

3. — **Gregorio de Mattos**, por T. A. Araripe Junior. Rio de Janeiro, 1894. VII — 170 pags.

Este livro ou antes este «ensaio» como lhe prefere o A. chamar, não é ainda o «Gregorio de Mattos» de que a historia da nossa literatura está precizando para fixar, sinão de vez, ao menos inteira e completa a physionomia em todo o rigor do termo interessante do satyrico bahiano. E este para nós é o seu principal defeito, resgatado não só pelo raro talento com que está escripto como pela sincera confissão do A de que não o considera definitivo, promettendo-nos completal-o um dia. Esta promessa preciza o A. cumpril-a por bem da historia critica da nossa literatura. Este seu estudo é seguramente uma obra d'arte, feita com intelligencia e coração, mas não é ainda a monographia que nos deve dar da personalidade daquelle que não exita qualificar de «o satyrico mais acabado que já produziu a natureza» (p. 2) e cujo livro capitula de «o mais curioso que já saiu de penna humana». (id.) Qualquer que seja o valor, e é grande, do novo trabalho do Sr. A. J. não queremos esconder, que não ha nelle para os que conhecem os que o precederam na apreciação do famoso satyrico, o licenciado Rebello que o biographou, Varnhagen, Valle Cabral, Sylvio Roméro e outros, novidades que mereçam postas em relevo. Elle teve, todavia, a habilidade, mais que a habilidade, o talento de renovar o seu heroe e o seu assumpto, pela maneira e pela maestria com que os tratou. «Adestrado» como elle proprio confessa (pag. VI) nas applicações de Taine, sujeitou aos processos do celebre historiador da literatura ingleza o curioso typo de Gregorio de Mattos, com a felicidade de se prestar esse typo como nenhum aos artificios desse methodo. Producto hybrido de um meio semi selvagem onde nasceu e cresceu e de uma civilização elevada, em que se educou, temperamento, caracter, indole, excepcionaes, meio singular da formação de um povo, e de uma nacionalidade nova em uma região tambem nova, tudo concorre para fazer do assumpto escolhido pelo Sr. A. J. um dos que melhor se prestam ás applicações dos processos de Taine. Esses processos, porém, têm os seus inconvenientes, e direi, têm o immenso inconveniente da sua subjectividade, que lhes tirou grande parte do valor que ao sabor da novidade ao principio deveram. Todos sabem a que incongruencias e disparates levaram elles o proprio Taine, não só no estudo de certos typos da literatura ingleza, Swift e o mesmo Shakspeare, por exemplo, como da Revolução, Robespierre, Danton, Napoleão. O abuso das generalizações, cuja commodidade as

torna queridas de muitos criticos não é dos somenos defeitos deste methodo e dos que modernamente delle derivaram, e veremos como esse abuso prejudica as vezes o livro do Sr. A. J. Não queremos, entretanto, insistir sobre methodo em que principalmente se inspirou o Sr. A. J. Como quer que seja, a elle deve o A. ter dotado a nossa literatura com um livro que nada absolutamente tem de banal. O principal reparo, que lhe queriamos fazer, menos pelo que nos deu do que pelo que nos deixou de dar, é que o seu livro podia e devia ter sido um estudo completo de Gregorio de Mattos. Não sómente um estudo de artista, mas de erudito, não somente um estudo da feição mais conhecida e estudada de Gregorio de Mattos, a satyrica, e a sua vida correlata de capadocio desabusado, mas a parte obscura, quasi desconhecida mesmo dos estudiosos da nossa literatura, da sua obra poetica, a seria, não publicada infelizmente pelo sempre chorado Valle Cabral, e que o A. aliás leu e compulsou nos manuscriptos da Bibliotheca Nacional. Dessa parte, não conhecida nem tratada, não nos dá o Sr. A. J. sinão uma noticia rapida, de passagem, que nos deixa na mesma ignorancia da outra face do seu «fauno». Será essa parte tão somenos que em nada modifique a opinião corrente sobre Gregorio de Mattos, posta de novo em relevo com raro talento pelo Sr. A. J.? Si assim é cumpria ao distincto critico dizel-o e proval-o, estudando as poesias não satyricas do poeta, e deixando definitivamente desenhada, sinão fixada, a figura realmente curiosa do seu heroe. Porque é como heroe e heroe querido que o trata o Sr. A. J., como já o deixam indicar os dois conceitos atraz transcriptos. Estes reparos, porém, enfraquece-os a confissão e a promessa do A., atraz citadas, que não é definitivo o seu livro, e um estudo mais completo virá mais tarde. Nacionalista, porém mais nativista que nacionalista, como si o nativismo pudesse ser um facto nas condições sociaes do nosso tempo, o Sr. A. J. faz de Gregorio de Mattos aquillo que os inglezes chamariam um homem representativo dos seus proprios preconceitos — desculpe-nos o A. a expressão — politicos. E como que quizera resuscitar o genial capadocio para que fosse elle o patrono da ideia. Infelizmente a obra de Gregorio de Mattos é uma obra estreitamente subjectiva, pessoal, local, podemos dizer, impossivel de ser vivificada mesmo por um espirito do vigor do Sr. A. J. Os moldes em que a vasou são os seus versos de uma chateza inverosimil, de uma metrificação detestavel, de uma factura incorretissima, isto em tempo em que a lingua portugueza contava já os grandes mestres da forma poetica, Ferreira, Sá de Miranda, Camões, e muitos outros. Nada ha de verdadeiramente humano nessa obra e, diremos mais, nada ha nella de profunda e sentidamente nacional. Ha o nativismo estreito e desintelligente do vadio contra o forasteiro laborioso. Entretanto, a acção de Gregorio de Mattos, embora, como nota o proprio Sr. A. J., inconsciente, teve uma funcção util e boa. Sendo a satyra a systematisação do espirito destruidor como diz Comte e repete o Sr. A. J., a sua satyra é realmente a primeira manifestação de rebellião da colonia contra a metropole. Somente, por isto, Gregorio de Mattos é o typo curioso e benemerito que é da nossa literatura, sem precisarmos exagerar-lhe a acção e as qualidades. Na literatura essa influencia durou pouco, si é que alguma vez existiu. Não ha um só poeta nacional que proxima ou remotamente revele tel-as experimentado. Mas, como diz o Sr. A. J., a sua rebeldia de bohemio indisciplinado ficou e penetrou no povo que lhe repetia os versos. O facto de elle ser um typo indigno, como é, e não o esconde o Sr. A. J., não tira á sua obra este valor historico. Porem é só como tal, no seu tempo e no seu meio, que nos pode ella interessar, por não ser dessas, pelas razões já ditas, que são por assim dizer sempre contemporaneas. — Nem sempre o entendeu assim o Sr. A. J. e fazendo um livro que bem se póde chamar um livro de these, cái em contradicções. Não vai, certo, como o Sr. Sylvio Roméro, até nos apresentar Gregorio de Mattos, como uma especie de

Catão satyrico, um austero, mas escapam-lhe apreciações em que nol-o mostra em « luta ingloria e desastrada da virtude feroz de um genio satyrico contra o conluio da bandalheira social, politica e domestica » (p. 47) ou como um sujeito seriamente preoccupado com a causa publica (p. 75). E' difficil aceitar taes apreciações de quem o proprio A. qualifica de « alma maligna, caracter rancoroso, relaxado por temperamento e por costumes » (p 2) « bohemio, descuidado, bilontra» (p. 25) « quasi louco » (p. 42) « parasita, assevandijado » (p. 96) e *j'en passe* e do qual nos affirma, e com inteira razão, que « nunca chegou a ter a comprehensão nitida das cousas » (p.72) desinteressado « dos aspectos exteriores » (p. 41) - Entretanto em todo o seu livro o Sr. A. J. costeia, por assim dizer a verdade, e os traços com que nos pinta Gregorio de Mattos são por vezes de uma psychologia subtil, penetrante e, o que mais vale, verdadeira. Infelizmente de vez em quando, como os reparos feitos, mostram, lembra-se que é preciso provar a sua these e o « fauno », o « satyrico », o bohemio infamado por uma porção de baixezas, entre as quaes a mesma rasteira adulação aos poderosos, o parasita desbriado, surge como um precursor de cujas « virtudes » se fala. São os cochilos de Homero, que em nada desmerecem o bello estudo do Sr. A. J. A impressão verdadeira de Gregorio de Mattos elle a tem e a dá em mais de um trecho, notavelmente no § 2 da pag. 108, quando nos diz que não ha comparal-o com nenhum dos grandes espiritos que fizeram da satyra a expressão de uma philosophia, a traducção de uma politica. A sua literatura, diz muito bem ahi, o Sr. A. J., era a « literatura da chalaça ». Muita cousa fica ainda para discutir no livro do Sr. A. J., o que é o seu melhor elogio, entre outras algumas generalizações que, apezar do talento com que são estabelecidas, nos não convenceram.— O Sr. A. J. é seguramente hoje um dos nossos escriptores de mais justa reputação; por isso mesmo não queremos deixar sem reparo o uso que, a despeito do seu bom gosto e sensato espirito, faz de expressões menos condignas de um escriptor do seu valor — e que tambem é um artista. Nos relevará dizer-lhe que « a solemnidade acroceraunia das montanhas do Guanabara » (pag. 32) « a angra de Todos os Santos... um enorme bioterio (id.) » Gregorio de Mattos agglutinar-se e resumir em forma culta tudo quanto de doce e suave existia nessa esthesia demotica ; » (pag. 44) não são precizamente bellezas. — J. V.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

A NOVA CAPITAL

Ao *Jornal do Commercio* escreve o Sr. Dr. Cruls.

« Quando, em meiado do anno proximo passado, seguiu para o Planalto Central o pessoal da Commissão de Estudos da Nova Capital, dividi-o em turmas, incumbidas de percorrer e levantar itinerarios que, partindo de pontos diversos da rede de estradas de ferro já existente, fossem ter á região já demarcada.

Junto encontrará tres desses itinerarios, com as respectivas distancias kilometricas dos principaes pontos, faltando apenas o caminhamento levantado pela turma do Dr. Henrique Morize, a qual subiu o rio S. Francisco, ligando o ultimo ponto do trecho navegavel do rio Urucuia até o Planalto. »

1º itinerario — Chefe de turma : Capitão Hastimphilo de Moura.

Ponto inicial : Ribeirão da Mata, alguns kilometros alem de Santa Luzia (E. F. Central).

		Distancias (em kilometros) parciaes	accumuladas
1.	Ribeirão da Mata	0.0	0.0
2.	Sete Lagôas (cidade)	49.4	49.4
3.	Sebastião (fabrica de tecidos)	62.0	111.4
4.	Humaytá (fazenda)	67.4	178.8
5.	Rio S. Francisco (perto dos Curraes)	89.2	268.0
6.	Canoas (povoado)	66.5	334.5
7.	Agua Fria (povoado)	67.7	402.2
8.	Canna Brava (freguezia)	41.3	443.5
9.	Rio Paracatú (porto da ponte Alta)	75.0	518.5
10.	Brejinho (fazenda)	70.6	589.1
11.	Capim Branco (arraial)	73.9	663.0
12.	Bolivia (fazenda)	51.8	714.8
13.	Formosa (cidade)	73.9	788.7
14.	Rajadinha (fazenda)	50.0	838.7
15.	Rio Torto (fazenda)	32.3	871.0
16.	Rio Descoberto (pouso Giboia)	58.6	929.6
17.	Cachoeira de Ponte Alta	39.4	969.0
18.	Pyrenopolis	51.3	1020.3

2º itinerario — Chefe de turma : Major Celestino Alves Bastos.
Ponto inicial: Itapecerica (E. F. Oeste de Minas).

1.	Itapecerica	0.0	0.0
2.	Carmo dos Arcos (arraial)	61.2	61.2
3.	Porto Real de S. Francisco (arraial)	23.3	84.5
4.	Varginha	38.3	122.8
5.	Prata Velha	36.0	158.8
6.	Pratinha do Araxá (arraial)	33.3	102.1
7.	Cachoeira do Campo	84.3	276.4
8.	Patrocinio (cidade)	61.4	338.8
9.	Fazenda do Cedro	44.7	382.5
10.	Rio Paranahyba (porto do Melchior)	58.1	440.6
11.	Capão da Cangalha	54.0	495.5
12.	Capão do Monjolinho	41.9	537.4
13.	Rio S. Marcos (porto Faustino Leme)	23.0	560.4
14.	Arraial do Almocreve (Serra dos Crystaes)	69.6	630.0
15.	Rio S. Bartholomeu (porto de Ouro Fino)	31.7	661.7
16.	Santa Luzia (cidade)	50.2	711.9

3º itinerario — Chefe de turma 1º tenente Alipio Gama.
Ponto inicial : Paredão (Estação S. Francisco) na E. F. Oeste de Minas.

1.	Paredão	00.0	0.0
2.	Abaeté (cidade)	28.8	28.8
3.	Alto da Serra do Indaiá	53.0	81.8
4.	Moradinha (arraial)	43.4	125.2
5.	S. Gonçalo (fazenda)	40.1	165.3
6.	Riacho d'Areia	54.7	220.0
7.	Alegres (arraial)	47.6	267.6
8.	Rio Paracatú	55.1	322.7
9.	Paracatú (cidade)	52.5	375.2
10.	Rio S. Marcos	56.6	431.8
11.	Olhos d'Agua	80.6	512.4
12.	Santa Luzia (cidade)	73.7	586.1

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que, animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica*, para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos*, etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo*, indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos*.

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal,** como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho* importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado,** o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente.*

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

BANCO DA REPUBLICA DO BRAZIL

9, Rua da Alfandega, 9

ESQUINA DA DA CANDELARIA

TELEPHONE N.

CAPITAL.	**150.000:000$000**
FUNDO DE RESERVA, c/ especial . . .	**67.537:350$325**
FUNDO DE RESERVA	**2.774:957$090**
LUCROS SUSPENSOS	**3.882:700$894**
ULTIMO DIVIDENDO, distribuido por acção.	**6$000**

PRESIDENTE

Francisco Rangel Pestana, Dr., r. D. Marianna, 9.

VICE-PRESIDENTE

Fernando Lobo Leite Pereira, Dr., trav. Senador Vergueiro, 6.

DIRECTORES

Antonio José de Lima Castello Branco, Dr., trav. de S. Salvador, 32.
Luiz Alves da Silva Porto, Commendador, r. Marquez de Olinda, 14 V
Thomaz José Coelho de Almeida, Cons., r. Larangeiras, 21.
Frederico Duval, Commendador, praia de Botafogo, 136.
Camillo de Andrade, r. Riachuelo, 254.
José de Paiva Magalhães Calvet, Dr., r. Voluntarios da Patria, 84.
Ignacio Pimentel, praia de Botafogo, 238.

CONSELHO FISCAL

João Manoel Pereira da Silva, Cons., r. Conselheiro Bento Lisboa, 85.
João Capistrano Bandeira de Mello, Cons., r. Haddock Lobo, 181.
Barão de Quartin, r. Benedictinos, 16 e Rezende.
Francisco Ramos Paz, Commendador.
Visconde S. Luiz do Maranhão, Larangeiras.
José Marques de Carvalho, Cons., Cattete.

EDIFICIO PROPRIO

9, RUA DA ALFANDEGA, 9

Esquina da da Candelaria

ARMSTRONG, PAULINO & C.

TELEPHONE 355, Endereço telegraphico — ARAMPO-RIO

RUAS DE S. PEDRO, 84, THEOPHILO OTTONI, 73,
SAUDE, 107

DEPOSITO DE MACHINAS PARA A LAVOURA E INDUSTRIA

E

Fornecedores de estradas de ferro e artigos para mineração

Machinas de vapor e caldeiras, rodas d'agua, engenhos de moer canna, ditos de serrar madeira, bombas, pulsometros, moinhos de fubá, encanamentos para agua, gaz e vapor. Ferro galvanisado e fundido e fabricantes de canos de chumbo de agua e gaz, machinas para mandioca e fumo, transmissões, polias, mancaes, luvas e todas as miudezas que pertencem a este ramo de negocio.

ENGENHO CENTRAL

Para descascar e beneficiar café

Têm sempre grande sortimento de correias de couro, algodão e borracha.

ENCARREGAM-SE DA CONSTRUCÇÃO E MONTAGEM DE QUALQUER MACHINISMO

LIVRARIA INTERNACIONAL

F. Briguiet & C.

16 e 18, Rua Nova do Ouvidor, 16 e 18

LIVROS E MATERIAL DE ENSINO

Comte (Auguste) Géométrie analytique, précédé de la Géometrie de Descartes, 1 vol. enc. 10$000.

Os compradores desta obra receberão um exemplar do opusculo: Notice sur la place de la Géométrie analytique dans l'ensemble de la vie et de l'œuvre d'Auguste Comte por R. Teixeira Mendes.

Museu Escolar Brazileiro, adaptação do «Musée Scolaire», Deyrolle, pelo **Dr. Menezes Vieira** (ex-director do Pedagogium).

Estão á venda desde já os seguintes quadros:

1.° O esqueleto (quadro duplo), 2.° Apparelho digestivo, 3.° Apparelhos respiratorio e circulatorio, 4.° Orgão dos sentidos, 12° Aves, 13° Reptis, 14.°, Peixes, 15° Molluscos, 16° Crustaceos, 17° Insectos uteis, auxiliares e nocivos ao homem.

Preço dos 11 quadros em uma caixa com dobradiças 35$000.

(Os compradores desta collecção receberão um mappa escolar do Brazil.)

No prélo, para apparecer em 1 de Janeiro de 1895.

Dr. Pires de Almeida—Analyse clinico-chimica das urinas e exame dos escarros (format de poche) 2$000.

A receber brevemente da Europa:

Miss Martineau—Resumé de la philosophie positive de Auguste Comte, traduction de d'Avezac-Lavigne, 2 vol. enc. 20$000.

Temos sempre em nossa casa um bem escolhido sortimento de livros de direito, engenharia em todos os seus ramos, medicina, etc., etc. **Encommendas da Europa com a maior brevidade. Especialidades em material escolar:** Mappas geographicos, cosmographicos, do systema metrico, de geometria, de sciencias physicas e naturaes, etc., etc. Globos, espheras, apparelhos do systema metrico, solidos, geometricos, pedras (quadros pretos), peças anatomicas, animaes empalhados, etc., etc.

GRANDE

ARMAZEM DE VINHOS

DE

João Antonio da Costa Carvalho

Recebidos directamente das primeiras casas e fabricas da Europa como vinhos de Bordeaux, Bourgogne, Champagne da Viuva Clicquot e outros vinhos do Rheno e do Porto, licôres de todas as qualidades, conservas alimentares, e todos os numerosos artigos pertencentes ao seu commercio.

COMPLETAMENTE SORTIDO COM GENEROS DE PRIMEIRA QUALIDADE

POR ATACADO E A VAREJO

40 RUA DO HOSPICIO 40

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C.ª EDITORES

Ultimas publicações:

Lições de politica positiva, professadas na academia de Bellas-Artes por J. V. Lastarria, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Chile nas Republicas do Prata e no Brazil, etc. traduzidas do hespanhol por Lucio de Mendonça, 1 vol. com perto de 500 paginas, nitidamente impresso e bem enc..... 10$000

Manual da justiça federal ou compilação das leis da sua organisação e das que lhes são referentes, annotadas pelo Dr. Alencastro Autran, juiz de direito, 1 vol. brochado 3$, encadernado..... 4$000

Acções de divisão e demarcação de terras particulares, pequeno tratado contendo a consolidação das disposições relativas a materia, um formulario d'estas acções e o Regulamento que baixou com o decreto n. 720 de 5 de Setembro de 1890, pelo advogado Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes, 1 vol. com perto de 200 paginas e bem encadernado..... 6$000

Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brazil, commentada para uso das faculdades de direito e escolas normaes, por Manoel Godofredo de Alencastro Autran, juiz de direito em disponibilidade, 1 vol. nitidamente impresso, brochado 2$, encadernado..... 3$000

Guia eleitoral, contendo na sua integra a lei n. 35 de 27 de Janeiro de 1892, convenientemente annotada e seguida de formularios para todos os actos de alistamento e das eleições, pelo Dr. Alencastro Autran, 1 vol. brochado 2$, enc..... 3$000

Das fallencias e respectivo processo, segundo o decreto n. 917 de 21 de Outubro de 1890, annotado de accordo com a legislação vigente, pelo Dr. Manuel Godofredo de Alencastro Autran, juiz de direito, 1 vol. brochado 3$, encadernado.....

Ensaios juridicos, pelo Dr. Viveiros de Castro (*Ignotus*) volume de 68 paginas, brochado.....

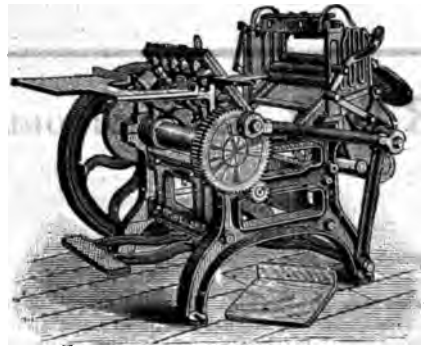
Estudos do direito, pelo Dr. Tobias Barreto, publ' thuma, dirigida pelo Dr. Sylvio Romêro, 1 vol. in-8°. de perto ginas, nitidamente impresso, encadernado.....

Do casamento civil, segundo o decreto n. 181 de 24 1890, annotado e seguido do respectivo formulario, 2ª. ediç pelo Dr. Alencastro Autran, juiz de casamento na cidade da rito Santo, 1 vol. brochado 3$000 encadernado.....

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (Idem).
BERGER & W RTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

A Exposição Typographica Permanente

da

Companhia Typographica do Brazil

Acha-se aberta e franqueada, todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 4 da tarde aos Srs. Proprietarios de Typographias, Editores, Redactores de Jornaes, emfim a todos que se interessam pelas artes graphicas em nosso paiz.

RETRATOS PARA SEREM PUBLICADOS EM JORNAES, ETC.

Preparam-se em zincographia pelo preço de 40$000 ou em xylographia pelo preço de 60$000

PAPEL DE IMPRESSÃO

Remette-se gratis e franco de porte variada collecção de amostras de papel de diversas qualidades á todas as typographias que a pedirem.—Esta Companhia encarrega-se de Remessas periodicas de Papel de Impressão, mediante diminuta commissão e em condições vantajosas.

PRECISA-SE

nesta Companhia de bons Agentes, em todas as localidades, para a venda de **Carimbos de Borracha, Placas e Cartazes dourados, Caixas de Papelão** e outros artigos.

D á-se bôa commissão!

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico: — « TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO — ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA.

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Ramiro M. Costa & C., F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** Germano Goeldner—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição, duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral da nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

COLLABORADORES

Acauã Ribeiro — Affonso Arinos — Affonso Celso — Alberto de Oliveira — Alcindo Guanabara — Alfredo Alexander — Alonso Adjuto — Araripe Junior — Arthur Azevedo — Aureliano Portugal — Barão do Rio Branco — Barão de Alencar — Barão Homem de Mello — Barbosa Rodrigues — Borges Carneiro — Capistrano de Abreu — Carlos de Carvalho — Carlos França — Carlos de Laet — Carlos Parlagreco — Carlos Seidl — Castro Rebello Junior — Coelho Netto — Constancio Alves — Domicio da Gama — Delgado de Carvalho — Ed. Chapot Prevost — Emilio Goeldi — Erico Coelho — Eugenio Gabaglia — Fausto Barreto — Fausto Cardoso — Francisco de Castro — F. Fajardo — Fortunato Duarte — Getulio das Neves — Graça Aranha — Herculano de Freitas — Henrique de Sá — Hilario Peixoto — Joakim Catunda — Joaquim Caminhoá — Joaquim Nabuco — J. Caldas Vianna — José Hygino — Julio de Moura — Leonidas de Sá — Leopoldo Miguez — Lucio de Azevedo — Lucio de Mendonça — Luiz de Albuquerque — Luiz Detzi — Macedo Soares — Machado de Assis — Magalhães de Azeredo — Manoel Victorino — Marcio Nery — Medeiros e Albuquerque — Olavo Bilac — Orville Derby — Paula Lopes — Paulo de Frontin — Pedro Tavares — Ramiz Galvão — Raymundo Corrêa — Rodrigues Peixoto — Rodrigo Octavio — Rodrigues Barbosa — R. von Ihering — Said Ali-Ida — Sylvio Roméro — Souza Bandeira — Teixeira Brandão — Teixeira de Mello — Teixeira de Souza — Thomaz Delfino — Thomaz Cavalcanti — Torquato Tapajoz — Ubaldino do Amaral — Urbano Duarte — Vicente de Souza — Virgilio Damazio — Virgilio Varzea — Visconde de Taunay — Viveiros de Castro, etc., etc.

AVISO

Pedimos ás pessoas que nos fizeram a fineza de aceitar listas de assignantes o favor de as devolverem ao Sr. Paulo Tavares, gerente da *Revista Brazileira*, rua do Ouvidor 66, Rio de Janeiro.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO—TOMO 1 3.° FASCICULO 1 DE FEVEREIRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **Uma escrava**, conto, por **MAGALHÃES DE AZEREDO** . . . 129

II. **O estudo da legislação comparada** por **J. C. DE SOUZA BANDEIRA**, professor da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas do Rio de Janeiro. 137

III. **Sonhos Funestos**, drama colonial, (*continuação*), por **R. OCTAVIO** 145

IV. **A Simulação da loucura por alienados**, pelo **DR. MARCIO NERY**, do Hospicio Nacional de Alienados 162

V. **Historia do Direito Nacional** (*continuação*), por **SYLVIO ROMERO**, professor das faculdades livres de direito.. 169

VI. **A Fabrica de Ferro de S. João de Ipanema**, (*continuação*), por **J. PANDIA' CALOGERAS**, engenheiro do Estado de Minas 179

VII. **Bibliographia** 187

VIII **Noticias de Sciencias, letras e artes**: *O Museu Paulista*, pelo **DR. R. VON IHERING**, director do Museu. 191

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

UMA ESCRAVA

A Carvalho Mourão

I

Sobre a verdura tenra das plantações de canna, sobre a verdura adusta dos cafezaes, pontilhados de bellos grãos escarlates entre a densidão da folhagem, caía um sol abrazador, implacavel, nesse meio dia de setembro. O ar parecia arder num grande incendio; a luz, de intensa, fazia mal aos olhos, reverberando nas pedras dos caminhos e nos lagedos do pateo, que queimavam os pés nús dos negros. Lá andavam elles todos a labutar, uns trabalhando na colheita, que era farta esse anno, sob o olhar vigilante dos capatazes, outros no serviço domestico, entregues á inspecção directa da «senhora», que deixava a perder de vista, em severidade e caprichos ruins o mais intransigente dos feitores. D. Bellarmina estava sentada, quasi deitada, na rede de algodão branco, que atravessava, de um extremo a outro, a larga e extensa varanda. Era mulher de trinta e cinco a quarenta annos; alta e gorda, typo de matrona robusta seios e quadris fartos, cabeça altiva, lindos cabellos castanhos—nada feia, em summa, pode-se até dizer que bonita; mas a expressão dura dos olhos, do rosto corado, e o timbre aspero da voz, a tornavam antipathica. E o seu procedimento despotico, os maus tratos que infligia, sob os mais futeis pretextos, ou sem pretexto nenhum,

aos servos da casa, confirmavam essa primeira impressão. Era uma tyranna assanhada, uma virago terrivel, com que ninguem se atrevia a brincar, nem o proprio marido, o capitão Francisco de Paula—genio bondoso, mas fraco, que não sabia fazer-se respeitar. Quem punha e dispunha ali era D. Bellarmina; trazia todos—mucamas, copeiros, pagens—numa roda viva, azoinando com berros a este, inchando as faces áquelle com bofetadas, condemnando outros ao vergalho e ao tronco; tudo, quasi sempre, sem razão apreciavel, alem da sua mesma extravagancia perversa de temperamento.

Da rede de algodão branco, ella podia, pelas portas e janellas abertas, ver quanto se passava, na casa. Vestia um roupão de chita azul com ramagens amarelladas; e os pés, no balanço da rede, deixavam cair ao chão, de quando em quando, os chinellinhos de marroquim vermelho. A mão direita agitava a espaços um grande leque, por causa do calor insoffrivel; e a outra segurava uma brochura já meio estragada, marcando com um dedo a pagina em que ficara a leitura. D. Bellarmina lia uma vez ou outra romances baratos, preferindo os de episodios tetricos e mysteriosas situações; não era, de certo, instruida; mas fôra moça de cidade, nascera no Rio, e acostumara-se em solteira a acompanhar com interesse os folhetins da *Gazeta* e do *Jornal do Commercio*. Relegada á roça, não perdera de todo esse habito; e assim, entre uma tachada de doce e um sopapo dado á crioula mais proxima, achava tempo para ler um capitulo de sensação. Mas, nesse dia, não pudera ler ainda meia pagina, embora os afazeres da casa não fossem muitos. Justamente, era um sabbado, e a tarefa da semana estava quasi concluida. D. Bellarmina, porém, mostrava-se inquieta, agitada: alguma cousa a preoccupava devéras, e esperava-se a cada instante a explosão da bomba. Que seria? Ninguem podia advinhal-o. Mas já as «tias» velhas a olhavam de esguelha, e os pequeninos «ingenuos» tremiam, com medo, cochichando entre si, muito baixinho: Sinhá não anda boa...

Desde a vespera, o capitão Francisco de Paula se ausentara da fazenda, fôra a S. João d'El-Rey entender-se com um agricultor do lugar sobre a venda de uns terrenos que lá possuia. A «senhora» estava, pois, mais que nunca, na plenitude do seu poder; nem para a intervenção benevola, ainda que pouco efficaz, do patrão havia que appellar, si á D. Bellarmina occorresse uma daquellas venetas furiosas, que entonteciam e atterravam toda a gente...

No pateo, dois negros velhos, curvados, batiam com longas varas o feijão que seccava; um pardo alto, á porta da estribaria, atirava baldes de agua ao lombo dos animaes de sella e de troly, passando-lhes depois a raspadeira, cuidadosamente, pelo ventre e pelo dorso. Ao pé delle, sentado no chão, encostado á parede, um « tio » octogenario, quasi cégo, fumando um cachimbo de barro, trançava palhas, com os dedos tremulos, para os largos chapeus toscos, que os tropeiros dos arredores lhe encommendavam. A' beira do corrego, que a poucos passos ia deslisando por entre seixos alvos, crioulas idosas e moças lavavam roupa, sacudindo-a nas pedras, torcendo-a com as mãos, estendendo-a a córar pelas hervas; e outras raparigas, na sala proxima á varanda, engommavam, trocando, a espaços, remoques e allusões maliciosas; emquanto longe dellas, sentada num escabello raso, a mulatinha Manoela, famosa naquelles sitios pela sua belleza, cosia, cantando a meia voz umas trovas sertanejas. Realmente, era muito bonita a Manoela; tinha dezoito annos, e a sua graça de mulher nova desabrochava esplendidamente; a tez, da verdadeira côr do jambo maduro, e os cabellos, annellados ao de leve, indicavam a progressiva influencia do sangue branco, annullando as imperfeições e rudeza da raça primitiva, através de duas ou tres gerações. Com effeito, ella era filha de um portuguez, antigo marceneiro da fazenda, e de uma «fula», a Marianna, que morrera de peste, numa epidemia calamitosa que por ali grassara, destruindo centenas de vidas; mezes depois, uma faisca electrica fulminara o marcineiro, quando de enxó em punho, aplainava umas tabuas.

As outras escravas tinham certa raiva á Manoela, porque as vencia a todas em dotes physicos, e mais ainda porque a predilecção dos senhores lhe dava um lugar á parte: vingavam-se então com intriguinhas e maldades de toda a sorte. O capitão, entretanto mostrava-lhe um affecto quasi paternal; e a propria D. Bellarmina— caso de pasmar! — a tratava com uma brandura muito avessa aos seus habitos. Mudara, todavia, ultimamente; tornara-se aspera e por vezes brutal, desde que começara a perceber em Manoela symptomas inequivocos de gravidez.—Desavergonhada! cousa á tôa! — rosnava, empurrando-a, beliscando-a nos braços, quando lhe parecia mais lenta no serviço. D. Bellarmina tinha um desgosto profundo, era esteril; e odiava por isso, com todo o odio da inveja, as mulheres fecundas Na Manoela sua serva particular, sua «mucama de

estimação», essa virtude do organismo, que a natureza lhe recusara, doía-lhe como um insulto; e, alem disso, palavras habilmente insinuadas por alguem lhe haviam despertado no espirito uma desconfiança mais séria, que rejeitada talvez a principio, fôra avultando pouco a pouco, até dominal-a completamente...

— De quem é o filho que ella traz comsigo? de quem é?... E' delle! não pode ser de outro! E' delle!...

Bocca maligna, e mentirosa porventura, lh'o dera a entender e D. Bellarmina já não podia libertar-se da suspeita. Sim! — cogitava — não pode ser de outro! Manoela foi criada com muito mimo, e não havia de entregar-se a qualquer... E' delle! Ah! maldita! praga! estupor!...

Manoela cosia, cantando a meia voz; D. Bellarmina, levantando-se da rede, e atirando o leque ao chão, gritou raivosamente: —Cala-te ahi, diabo!

A mulatinha estremeceu, e calou-se; por entre as companheiras correram risinhos abafados. D. Bellarmina, nervosa e phrenetica, media a passos largos a varanda, mordendo os beiços, com um pigarro de mau agouro. Subito, gritou de novo: Manoela! vem cá!

Manoela deixou a costura no escabello, e dirigiu-se para a varanda; tinha, no andar, uma suavidade deliciosa, mas a protuberancia já sensivel do ventre, e o alargamento dos quadris, modificavam muito a gracilidade do seu talhe fino...

A senhora disse, apontando uma enorme talha de barro pousada no extremo da varanda:—Muda aquillo para o lado de lá! Vamos! — e, impellindo-a com a mão, rudemente:—Anda mais depressa, lesma! Uma curiosidade perversa agitou as raparigas, na sala de engommar; varias cabeças chegaram á porta, espreitando. Nos olhos de Manoela, que empallidecera muito, duas lagrimas oscillavam... Não estava affeita a trabalhos pesados; a talha era de grandes dimensões, e mesmo a um homem custaria levantal-a. Comtudo, a mulatinha, depois de esforçar-se em vão por duas vezes, conseguiu erguel-a um pouco; mas, por mau geito ou fraqueza, largando-a de repente, fel-a cair, e a agua, correndo pela varanda toda, foi molhar os chinellinhos de marroquim vermelho da senhora...

Nada mais foi preciso. D. Bellarmina perdeu de todo a paciencia; avançou para a mucama, aos sopapos e aos murros. Manoela, dobrando-se, rompeu em pranto desfeito.

— Ah! cousa ruim! descarada! mulher sem brio! perdida! pensas que é só viver na pandega e na immoralidade, carregando filhos que a gente não sabe de quem são? mas eu hei de saber! arre! hei de saber!...

E, pegando-a pelas orelhas, a arrastava pela casa dentro, até o quarto de dormir. Entrou com ella, e fechou a porta á chave.

As raparigas, intrigadas com o caso, anciosas por ver e escutar tudo, aproximavam-se do quarto pé ante pé. Uma dellas, mais audaz, collou os olhos á fechadura.

Ouviam-se gemidos pungentes da mulatinha, e gritos roucos da senhora, que lhe rompia os beiços a bofetadas...

-- E' delle! — berrava D. Bellarmina. Eu sei que é delle! é de seu Chico de Paula!...

— Não é, sinhá! ai! por amor de Deus!

E uma bofetada estalava.

— Não negue, perversa! fala a verdade! E' delle!

— Não é sinhá! Juro por nosso Pai... pelo Santissimo... Sinhá!...

— Eu sei que é, já disse! Joanna me contou tudo! Confessa, diabo! sinão eu dou cabo de ti!

— Ai! ai! ai!

D. Bellarmina, fora de si, delirante, louca de rancor, excitada pela sua propria violencia, investira contra a mocinha como uma fera, e agarrada a ella, apertando-lhe o pescoço com as mãos, mordendo-a no rosto e nos seios, a empurrava de encontro á parede, ao espaldar do leito, ás quinas do lavatorio.

-- Ah! tu não queres dizer? Espera! Eu te ensino!

Derrubou-a, brutalmente, e abriu a porta; as raparigas, atterradas, recuaram. D. Bellarmina, vermelha, suada, com os cabellos e o vestuario em desalinho, os olhos chammejantes, injectados de sangue, assemelhava-se a uma Erinne infernal. Atravessou rapidamente o corredor, a sala, a varanda, e, chegando ao terreiro, gritou para o pardo alto, que tratava dos animaes:

— Christovão! vai num pulo chamar o feitor! Já!

O rapaz foi a correr.

Dentro em poucos minutos, estava de volta com o feitor—um latagão robusto, que era, no eito e no cafezal, o mesmo que D. Bellarmina no regimen domestico.

— Joaquim, descubra-me dois negros fortes, veja lá! que saibam lidar bem com o relho. E leve-me d'aqui aquella escrava. Para fora, Manoela!

O feitor abriu a bocca, de espantado. A Manoela? que significava aquillo?... E hesitava, cuidando não ter entendido bem.

— Você não ouviu, Joaquim? Leve-me essa mulher para o castigo! Arrume-lhe vergalho até não poder mais! e depois—metta-a no tronco!

Manoela estava já no corredor, calada e inerte; curvava-se toda para a frente, succumbida, tremendo dos pés á cabeça; um soluço abafado lhe sacudia o peito de quando em quando: os labios, arrebentados, gottejavam sangue; e as mangas do corpete, cheias de rasgões, deixavam ver, na pelle morena dos braços, largas echymoses roxas...

— Vá! Siga!

O feitor partiu na frente, ainda tonto de assombro, e, talvez, penalizado no fundo da alma; a infeliz o acompanhava, tropeçando a cada passo, prestes a cair... Dois negros valentes foram chamados. Eram desses que podiam vibrar o açoite uma hora inteira sem a minima fadiga. Mas um delles, rapaz de trinta annos, quando soube que a victima era Manoela, recusou absolutamente pegar no azorrague, e não houve instancias nem ameaças que o pudessem demover de seu proposito.

— Bater nella? nessa coitadinha? Isso eu não faço! não e não! acabou-se!

Quizeram obrigal-o, segural-o á força, elle fugiu pela estrada fora, sumiu-se num relance, e não appareceu mais. Parece que nutria pela mulata uma paixão occulta e muda, humilde e resignada, das que se contentam com o proprio sacrificio, e não pedem retribuição...

O outro escravo — esse não teve escrupulos. Era o peior sujeito da fazenda, capanga mal encarado, facinora a quem se attribuiam varios assassinios... Tinha um gozo intimo em exercer o seu officio de verdugo. Não perdeu tempo em ceremonias; arrancou o corpete da mucama, puxou-lhe a camisa para baixo, até a cintura. Os seios, morenos e redondos, saltaram tremulos, os hombros e os braços desnudaram-se, bellos ainda, apezar das nodoas escuras... Manoela não resistia; abandonava-se, passivamente, como um cadaver. O negro experimentava no ar o relho. Zuniu a primeira vergastada;

fundo vergão rubro cortou o dorso da rapariga e o sangue appareceu em pequeninas gottas. Com a violencia do golpe, ella estorceu-se toda; deu um grito agudissimo, e tombou por terra, de bruços.

— Perdão! perdão!

Nisto, entrava a «senhora»; queria assistir á flagellação; o odio, nascido de um ciume concentrado, subira-lhe ao cerebro, a embriaguez do crime a desvairava, e não se apaziguaria sem esgotar-se em aberrações incriveis.

— Mais! mais! força! Então, de quem é? Fala! E' delle?

— Não é, Sinhá! por Nossa Senhora das Dores! perdão!...

— Dá-lhe de rijo! Has de confessar, diabo!

O relho subia e descia sem treguas, as costas de Manoela estavam já em carne viva; o sangue espadanava a cada investida manchando os muros do estreito cubiculo, e até o vestido da «senhora.»

— E' delle ou não é?

Vencida pelo cansaço, exhausta, perdida, ella balbuciou: — E'... Basta... E'...

Basta! — repetiu D. Bellarmina; e as vergastadas cessaram — Levanta-te!

A mulatinha levantou-se, a muito custo. Em frente della, de pé, D. Bellarmina a fitava com olhar de doida. Era ella, pois que lhe roubava o marido! Ella, mais moça e mais bonita, que obtinha delle um filho — o filho desejado que o ceu lhe negara!...

Não se poude conter. Num delirio de colera, recuou, e deu-lhe um pontapé no ventre. Manoela caiu para traz, como morta.

A noite viera após longas horas de angustia e padecimento; e a desditosa ainda continuava, abandonada, no quarto escuro. D. Bellarmina não se dera por satisfeita; sonhava, por ventura, vinganças novas. A luta, porém, a debilitara, e talvez o remorso — um remorso pungente e irreprimivel — ia começando a roer-lhe o coração. O que ella queria, naquelle momento, era ver-se livre da captiva; que Manoela, detestada e temida, nunca mais lhe apparecesse, nunca mais! Que diria o capitão Francisco de Paula, quando voltasse, á vista de semelhante espectaculo? Certo, ella não costumava temer-lhe as censuras; ria-lhe na cara muitas vezes; mas ahi, o caso era mais serio... Não! o melhor seria mandar embora a Manoela; fosse para onde lhe parecesse, pouco importava, e

facilmente se inventaria um pretexto para justificar diante do marido a expulsão da rapariga.

Como, no seu genio soffrego e impaciente, as resoluções se tornavam logo em actos, D. Bellarmina, acaso sem comprehender que commettia nova crueldade, maior que as outras, ordenou ao feitor que conduzisse a Manoela para fora da fazenda nessa mesma noite, prohibindo-lhe entrar mais lá. Positivamente não poderia dormir, com aquella mulher damnada em sua casa!... Assim, Manoela foi levada até a ultima porteira, através da escuridão que envolvia tudo; e deixaram-na, sosinha, no meio da estrada. Ella aturdida, estupida, mal entendendo ainda as desgraças que a feriam — antes pesadelo monstruoso, que realidade palpavel — sentou-se num tronco de arvore derrubada, e poz-se a chorar, a chorar, como criança que era, tão rudemente iniciada na miseria humana.

O calor ia cada vez mais abafadiço; um sopro lento e morno, prenuncio seguro de tempestade, pejava o ar. No ceu, as nuvens accumulavam-se; relampagos intermittentes aclaravam o horisonte; aproximava-se a trovoada... Manoela não se podia suster, de fraqueza; perdera muito sangue; as costas ardiam-lhe, como si brazas moventes as percorressem; e uma dor aguda lhe constringia o ventre. Ella chorava ainda, e tinha medo; medo das trevas, medo do mato, medo dos relampagos e da trovoada...

Grossas gottas d'agua pingavam sobre a terra sedenta; e, em breve, a chuva era torrencial; fustigava as folhagens rumorosas, e empapava o solo, formando poças na lama flacida. Manoela não tinha onde abrigar-se; não lograva mesmo erguer-se, tão debil estava; sentia-se molhada até os ossos; as costas ardiam-lhe ainda mais, e mais lhe doía o ventre; calefrios febris lhe subiam pelas pernas, pelos flancos, invadindo-lhe o peito... até que, de exhausta, perdeu os sentidos...

Mas, na manhan seguinte, um viajante, que passava a cavallo, vendo-a ali estendida no lodo, e inanimada, tomou-a nos braços, e conseguiu reacordal-a á força de fricções e calices de aguardente. Sabendo depois por ella a historia dos seus martyrios, compadeceu-se de tanta desventura, e levou-a comsigo.

MAGALHÃES DE AZEREDO.

(*Conclúe no proximo numero*).

O ESTUDO

DA

LEGISLAÇÃO COMPARADA

CLOVIS BEVILAQUA — *Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado*, Recife, 1893.

No momento actual da evolução scientifica do direito, a legislação comparada tomou uma importancia tal que o seu estudo é inseparavel de qualquer systematização do ensino juridico, por mais modesta que seja. Não foi portanto sem a mais viva satisfação dos cultores do direito que o recente decreto n. 1232 H de 2 de Janeiro de 1891 introduziu aquella disciplina no plano dos estudos juridicos, entre nós.

Sem embargo da estreiteza de vistas de que se resente o actual Regulamento das Faculdades de Direito, da infelicissima separação dos cursos em social e juridico, da má destribuição das materias pelas differentes series, não regatearemos louvores a reforma dos cursos juridicos por ter feito entrar a legislação comparada no quadro dos estudos legaes. Isto, porém, não nos impede de notar a concepção acanhada da cadeira que foi, como em um circulo de ferro, presa ao titulo estranho de: *legislação comparada sobre o direito privado* (noções).

I

Não podia o direito deixar de resentir-se da fecunda saturação produzida em todo o ambiente scientifico pelo methodo experimental que levou com a analyse a inquirição profunda a todos os recantos do saber humano, graças aos novos processos de investigação systematicamente coordenados, e determinou com a synthese a concatenação de cada ordem de factos á vasta phenomenalidade cosmica considerada como um todo harmonico, cujas manifestações são uniformemente subordinadas as mesmas leis naturaes.

Seja qual for a concepção que se possa ter do mundo e consequentemente o conceito philosophico que se forme do direito, é impossivel deixar de reconhecer o cunho especial e particularissimo que têm neste fim de seculo, não só os estudos juridicos de ordem puramente especulativa, mas tambem as concretizações de ideia do direito na vida real, quer se trate dos trabalhos legislativos concernentes ao *jus constituendum*, quer da luta quotidiana dos interesses perante os tribunaes ou em qualquer manifestação da sancção social. Nesta phase nova, inteiramente incompativel com a velha concepção do direito absoluto e incondiccional, percebe-se claramente a influenciação crescente do methodo experimental, e os proprios juristas que ainda hoje se dizem adeptos da antiga escola, cedendo á inexoravel acção do meio, tornam-se outros tantos instrumentos inconscientes das novas intuições.

E' assim que nesta epoca em que a cultura juridica tem chegado a um grau de incomparavel actividade, todas as nações estão preoccupadas em reformar os seus institutos sociaes e politicos, adaptar suas creações tradicionaes ás novas condicções do meio, applicar os principios juridicos a ramos da actividade social a que até agora elles não tinham chegado, delimitar as respectivas soberanias nos atritos internacionaes, o que tudo constitue a immensa esphera da actividade juridica.

E em todo este ingente trabalho não vê-se outra cousa sinão a applicação constante, persistente dos methodos de observação e experimentação aos dominios do direito.

Como base para a comprehensão do direito actual, a historia das instituições primitivas revela-nos a vida intima dos nossos antepassados e o *fieri* dos institutos juridicos de onde promanam os actuaes. Sumner Maine, Lubbock, Tylor, Fustel de Coulanges, Oliveira Martins, e tantos outros lançam-se resolutamente a este trabalho de paleontologia juridica, mostrando que o direito evolve-se como qualquer outra manifestação da actividade humana e que só é possivel conhecer regularmente os caracteres de um instituto juridico depois de haver sorprehendido as leis de sua evolução.

O conceito do direito deixou de ser o de uma entidade metaphysica e eternamente gravada na razão divina ou na razão humana para ser uma resultante natural de factos sociaes, que só pode ser bem conhecida depois de apreciadas as condicções sob as quaes se deu a sua formação e evolução. Producto da cultura humana segundo uns, accumulação estratificada da força segundo outros, coarctação do instincto natural no pensar destes, supremo alvo da natureza, segundo aquelles, o direito é hoje considerado como um phenomeno que deve ser observado na sociedade e de accordo com as circunstancias em que se produziu. Isto é um principio assente sobre o qual estão de accordo as mais irreconciliaveis escolas.

O direito privado em suas varias manifestações segue positivamente este caminho. Na confecção das leis já os legisladores deixam de lado os *principios eternos* e vão procurar nas estatisticas, nos inqueritos, nas actas dos congressos juridicos as medidas que melhor correspondem as aspirações juridicas dos povos. As prescripções legaes que se relacionam com a vida physica do homem, já pedem auxilio aos dados da biologia e muitas dellas que se resentiam de noções falsas ou erroneas, são postas de accordo com a verdade adquerida pela sciencia. Os institutos juridicos já são estudados pelos seus correlativos no tempo e no espaço e muitas vezes perante os tribunaes o acerto da sentença depende da deducção de principios relativos ao elemento historico ou ao cotejo das legislações similares.

O vertiginoso desenvolvimento da vida commercial introduz institutos inteiramente novos e crêa relações juridicas de que absolutamente não cogitaram as legislações anteriores, provocando serias questões, para as quaes quer o legislador, quer o juiz tem de dar uma solução, a qual se tem de inspirar não em principios

existentes *ab eterno*, mas na comparação dos outros institutos e na elaboração lenta do direito que vai se formando das praxes e usos do commercio.

No direito penal a affirmação do principio experimental chegou a um periodo agudo de luta que a ninguem é desconhecido, e toda a theoria juridica do crime e da pena está atravessando uma crise cujas consequencias não se pode prever. A applicação brusca do determinismo e da psychologia experimental á criminologia causaram o apparecimento de theorias que concluem pela negação do crime e pela sua completa equiparação a um caso pathologico. Grande foi a discussão que provocou tal theoria e este assumpto é um dos de maior actualidade scientifica, sendo possivel que a escola antropologica do direito criminal venha a ser posta de lado ou pelo menos soffra grandes modificações. O que, porém, ficou definitivamente fora de combate foi a velha intuição do crime e da pena, especie de manicheismo juridico em que se via de um lado o criminoso, reprobo social, a praticar um certo numero de actos, aos quaes *a priori* correspondia um castigo, e do outro a sociedade a punir em nome da justiça cujos principios absolutos tinham sido aggravados. Como quer que se considere o crime é elle um facto que apparece naturalmente na sociedade e cujas origens devem ser estudadas para que sejam efficazes os remedios que se lhe oppõe. Todos os moveis possiveis do crime são observados, todas as circumstancias do meio são rigorosamente apreciadas e o criminoso longe de ser um *out-law* que deva ser inexoravelmente esmagado, é um infeliz que tem direito ao respeito devido á pessoa humana e cujo caracter se procura modificar dando-lhe na prisão um regimen que lhe proporcione a volta ao gremio social como um elemento util. Assim se explicam os acurados melhoramentos introduzidos no regimen penitenciario e na disciplina carceraria por todos os paizes civilisados, o patronato das prisões, a soltura condiccional e as varias innovações com que os criminalistas procuram tornar da pena um factor de regeneração do caracter.

O direito internacional, quer publico, quer privado, vasta applicação dos methodos experimentaes, não é mais do que a systematização das varias soluções que aos conflictos entre as nações tem sido dado pela boca dos canhões, por accordos diplomaticos, ou por arbitragens. E o direito novo vai se formando diariamente debaixo

dos nossos olhos, das lutas entre as nações, pelo mesmo processo de elaboração historica, porque durante seculos e seculos formou-se o direito privado.

O campo do direito publico e administrativo como de todas as sciencias economicas e sociaes offerece ainda applicações mais evidentes do methodo experimental. A questão social com as suas multiplas modalidades, as relações entre os varios poderes publicos, as questões de organização administrativa, a creação manutenção e desenvolvimento da força armada, a solução dos problemas financeiros e orçamentarios, são questões constantemente postas em discussão e para cuja solução, ao envez de principios absolutos, são invocadas as legislações dos outros povos, os resultados praticos obtidos e as consequencias que as medidas legislativas possam ter. Todos os governos, todos os parlamentos vivem constantemente a fazer verdadeiras experiencias, e não foi em outra cousa que se baseou Leon Donnat para estabelecer a sua famosa theoria da politica experimental que á parte o que tem de phantasista contem alguma cousa de aproveitavel. Do embate de todas essas paixões, do exito de todas essas experiencias, forma-se o direito que affirma victoriosamente a sua existencia, mau grado todas as prepotencias da tyrannia e todos os desmandos da anarchia.

Assim pois em todas as modalidades da actividade juridica, e no meio da ardua luta que constitue o seu berço, vai-se dando o lento processo de elaboração do direito que sempre novo e sempre transformado é o supremo ideal na evolução dos povos.

II

Dadas as condicções do estado actual do direito como sciencia é notoria a influencia que tem a legislação de cada paiz sobre a dos outros. Isto acontece não só bruscamente pela preponderancia politica que em certos momentos historicos uns paizes exercem sobre os outros, chegando a impôr-lhes sua legislação, mas tambem pela influencia continua que as legislações dos povos mais cultos são

chamados a exercer sobre as demais, já pela superioridade que impõe a sua cultura, já pelo effeito natural das leis da imitação.

Por outro lado as relações internacionaes tomaram uma feição indiscutivel de cosmopolitismo, que as legislações não podem deixar de reflectir. A expansão colonial, as necessidades do commercio, os desenvolvimentos dos meios de communicação e transporte, tornam indispensavel por tal forma esta penetração reciproca das legislações que o direito chega a estabelecer a applicação da lei estrangeira no territorio nacional.

Conclue-se d'ahi que ao jurista de cada paiz é indispensavel o conhecimento das legislações dos demais povos e mais que isto o exame da influencia que as legislações estrangeiras exercem umas sobre as outras. Necessaria para a formação do elemento scientifico pela generalisação das disposições positivas tendentes á construcção de um ideal, indispensavel para a organização do direito concreto pelo conhecimento dos resultados obtidos nos demais paizes, a legislação comparada é ainda preciosa ao proprio conhecimento da legislação nacional, não só para a explicação da origem dos institutos juridicos, mas ainda afim de saber como disposições similares são comprehendidas e applicadas nos outros paizes.

Evidencia-se portanto quão poderoso instrumento é a legislação comparada ao serviço do methodo experimental no exame das questões juridicas e sociaes.

Aos grandes centros da cultura juridica chega hoje o conhecimento exacto de todo o trabalho legislativo dos mais remotos paizes do mundo, e delles se irradia a critica scientifica, que desprezando os detalhes e aproximando as diversas legislações, concorre para formar a doutrina, constituindo o direito sobre bases solidas. Em todos os paizes civilisados formam-se institutos especiaes destinados por assim dizer a joeirar a legislação do mundo inteiro, e apresentar aos estudiosos o que for util para as suas locubrações. A *Société de Legislation Comparée*, de Pariz, o *Institut de Droit International*, de Gand, a *Association for the Reform and Codification of the Law of Nations*, de Liverpool, a *International Vereinigung für vergleichende Rechtswissenschaft und Volkswirthchafstslehre*, de Berlim, para só enumerar os mais afamados de entre os de caracter geral, accumulam diariamente uma messe enorme de dados que vão se tornando a base segura para o estudo da legislação comparada.

Comprehendida de tão alto ponto de vista, a legislação comparada não pode confundir-se como parece a muitos com a esteril concordancia dos textos referentes a legislação nacional. A comparação das legislações é a propria base da nossa sciencia que ultrapassando o arido cotejo dos textos, procura ir ao fundo das legislações, conhecer-lhe as fontes, agrupal-as conforme suas semelhanças e differenças, e notar em summa a influencia reciproca de cada uma dellas. O illustre desembargador Orlando, nas suas preciosas edições do nosso Codigo commercial limitou-se a simples referencia dos artigos dos codigos que continham materia identica a do nosso. Compare-se a obra do nosso provecto jurista, com os trabalhos de Lyon Caen sobre o direito commercial francez ou mesmo com o commentario de Segovia sobre o Codigo commercial argentino, e ver-se-á a enorme differença que ha entre concordancia de codigos e legislação comparada.

Restringir o estudo da legislação comparada ao direito privado, como o fez o Regulamento vigente, é tirar-lhe metade do interesse e cercear-lhe o valor scientifico. A base do estudo das legislações é a organização dos seus poderes, e a formação da sua constituição, em uma palavra o seu direito publico. O direito publico comparado tem absorvido a attenção de publicistas como Gneist, Bluntschili, Erskyne May, Boutmy, e tantos outros, e são corriqueiras hoje as compilações dos textos e constituições, como as de Dareste, Marquardsen, Arosemena, etc. etc. A natureza das proprias constituições politicas de um paiz é por vezes sufficiente para explicar determinadas disposições do direito privado. Como pois restringir a este ultimo a legislação comparada ?

E' tal a influencia reciproca de todos os orgãos do direito que não se pode conceber uns separados dos outros, quando se quer, como o exige o estudo da legislação comparada, reduzil-os a um systema harmonico, e a propria historia do direito nos mostra como instituições de direito publico com o correr dos tempos se convertem em instituições de direito privado e vice-versa.

A propriedade, *ager publicus*, era nos primeiros tempos uma instituição de direito publico, uma forma pela qual se manifestava a soberania, reduzindo o dominio da terra a uma manifestação do poder social, para assegurar o bem estar collectivo. A nossa idade o vê, mero instituto de direito privado, ligado á pessoa do proprietario, e

seguindo a pessoa humana em todas as suas vicissitudes, *ut lepra corpore*. Não se nota porém uma forte corrente que quer fazel-o retrogradar aos primeiros tempos, e fazer do capital uma funcção social?

Taes considerações podiam com proveito ser estendidas á constituição da familia, ao regimen dos contratos, etc., etc., etc.

E' evidente pois que muito mais elevada que o ensino de simples noções sobre o direito privado, a legislação comparada tem uma missão mais alta e um escopo muito mais nobre e civilizador. Collocando-se acima das rivalidades nacionaes e vendo mais longe que a casuistica dos codigos, ella forma os traços geraes pelos quaes se orienta o direito scientifico e pondo em jogo o elemento nacional que representa a tradição e a indole dos povos, como o elemento estrangeiro que representa a sciencia e as exigencias internacionaes, concorre grandemente para que se realize o triumpho definitivo da cultura humana sobre os instinctos egoisticos da humanidade, conseguindo a verdadeira *catholicidade* que nunca foi obtida pela Igreja Romana.

J. C. DE SOUSA BANDEIRA.

(*Continúa*).

SONHOS FUNESTOS[1]

DRAMA COLONIAL EM TRES ACTOS E QUATRO QUADROS

(Continuação)

ACTO SEGUNDO

Uma sala do *retiro* de D. Alipio. Ao fundo, o quarto em que se deposita o ouro, com largas portas escuras, guarnecidas de ferro. Portas e janellas com grades de ferro, á esquerda e á direita. A um lado, uma mesa e tamboretes. Anoitece.

SCENA I

LUZIA E MILITÃO

Luzia *(sentada, perto da mesa)*

Que triste ingenuidade: acreditar num sonho!
Eu pensava seguir por caminho risonho,
E as flores do caminho occultavam-me o abysmo...
Em lagrimas, Deus meu, é que estas cousas scismo...
Falavas a verdade, oh minha mãi! Agora
E' tarde! Si por mim choras ainda, chora...
Chora, que nem teu pranto ha-de tornar-me pura!
Chora por minha vida e por minha ventura...

Militão *(passeiando, ao fundo)*

Acho muita razão na pobre da pequena...
Tanto ouro a cegou: inexperta phalena!..

[1] Veja a *Revista* de 15 de Janeiro.

Luzia

Ha tres mezes que estou nesta casa assombrada
Do impertinente olhar dos homens abrigada...
Estranho não transpoz estas portas durante
Todo o tempo em que sou desta casa habitante!
A principio era amada; era feliz e tanto
Que nunca me lembrei, minha mãi, do teu pranto...
D. Alipio era meu, sua vida era minha,
E, si elle era senhor, me julgava rainha...
Pouco a pouco, porém, esse amor foi morrendo...
Senti perfeitamente elle ir se arrefecendo
E por fim se apagar, se apagar... Longos dias,
Longas noites, entregue ás minhas agonias
Vivo aqui, nesta casa, abandonada; agora
Quando Alipio aqui vem não fica mais de uma hora...
Vivo nesta mansão de tristezas, sosinha...
Mesmo o sonho fugiu-me! Ingenuidade a minha!...
(levanta-se).
Para aqui me trouxe elle!
(abre uma porta, ao fundo;
vê-se um quarto cheio de ouro em saccos e em barras pelo chão e em prateleiras.)
Eis minha gruta de ouro...
Meu principe encontrei: encontrei meu thesouro!
Tudo isso, para mim, era a visão sonhada...
Em minha gruta entrei! Fechou-se á minha entrada
A porta e nunca mais se abriu! sonhava ainda...
Aos meus olhos tudo era uma aventura linda...
Só agora disperto... e, dura realidade!
Vejo em cada janella uma terrivel grade
E uma tranca de ferro em cada escura porta!
E minha mãi, meu Deus! talvez esteja morta!
E si vive, que pensa e diz a meu respeito?
E Fernando, meu noivo?! Oh! estala-me o peito...
Mas eu preciso ir ver minha mãi! eu preciso
Esta casa deixar, onde perco o juizo...

Militão (*compassivo*)

Espera um pouco ainda...

Luzia

A D. Alipio um dia
Eu pedi para ir ver minha mãi, que não via
Ha tanto tempo já... Disse-me que esperasse,
Que queria que eu fosse, alevantada a face,
A cabeça de pé! que elle iria comigo!...
Meu esposo ia ser, que elle era meu amigo
E não tinha affeição nenhuma igual no mundo...
Exultei de prazer! mas, engano profundo!
Foi-se o tempo passando... era outra vez um sonho...
Mas, agora é demais!
(Militão afasta-se, chegando a uma janella;
como que ouve alguma cousa.)
Vejo crescer medonho
O remorso em minh'alma. Hei-de lutar emquanto
Tiver voz no meu peito e nos meus olhos pranto...

Sinto ao fugir de mim a ultima esperança
Como que despertar o genio da vingança!
(ouve-se um tropel, fóra

Militão

Um tropel de animaes ..

Luzia

D. Alipio!... coragem!
(põe as mãos, supplice)
Eu vos peço, meu Deus, que me ajudeis!
(sai)

SCENA II

D. ALIPIO, UM PAGEM E MILITÃO

D. Alipio *entrando*

Meu pagem!
Não solte os animaes.

Pagem

Sim, meu senhor!

D. Alipio

Não sáia
Do pateo, lá me espere; antes que a chuva cáia.
Parto.

Pagem

Sim, meu senhor!

D. Alipio

Vai!
(o pagem sai.
Deixa-me sosinho!
Devo em breve partir, e é bem longo o caminho ..
Não tarda vir a noite e ameaça tempestade.
E eu preciso voltar depressa p'ra cidade.
Esperam lá por mim, companheiros de caça,
D. Lourenço de Almeida, um fidalgo de raça,
Novo governador desta Capitania.
E outros amigos mais para uma grande orgia
Que ha de varar a noite... uma festança enorme!
(a Militão)
Que ha de novo por cá?

Militão

Nada.

D. Alipio

Luzia dorme?...

Militão

Inda não, pois estava ha pouco nesta sala.
Anda triste...

D. Alipio

Bem sei. Desejo despachal-a...
Não sei como o fazer.

Militão

E' boa!.. Tendes medo?.

D. Alipio

Não é isso...

Militão

Amanhan, levo-a daqui bem cedo...

D. Alipio

Sim.

Militão

Que alegrão vai ter aquella pobre alminha!. .

D. Alipio

Achas tu?

Militão

Pois então? que mais a coitadinha
Poderia esperar?

D. Alipio

A historia é o rompimento...
Como hei de eu começar...

Militão

E' questão do momento.
Aquillo que vier á bocca ide falando
Que dá certo no fim.

D. Alipio

Vai-te embora.

Militão

Até quando?

D. Alipio

Si eu precisar de ti, chamar-te-ei...

(Militão sái

E' extranho...
Sinto tal commoção... Tenho um peso tamanho...
Como si fosse o reu de algum delicto enorme...
Emfim! Vamos com isto.

(olha em torno, resoluto; bate á porta do quarto de Luzia, ameigando a voz).

A minha flor já dorme?..

SCENA III

D. ALIPIO E LUZIA

Luzia *saindo do quarto*

Ainda não, meu senhor!

D. Alipio *(tomando-a nos braços)*

Que é então que fazia?

Luzia

Esperava por ti desde as Ave-Maria ..

D. Alipio

E eu, ingrato, tardei...

Luzia

Tardou!... Porém agora
Ficas aqui, não é? não vais tão cedo embora!...

D. Alipio

Por certo.

Luzia

A mim dizia alguma cousa, Alipio.
Que ias de novo ser o que foste ao principio...

D. Alipio

Não te deixei de amar...

Luzia

Já não me amavas tanto...

D. Alipio

Oh Luzia! és injusta!

Luzia

Eu injusta? entretanto
Eu sei do meu viver, do meu triste abandono,
Pois até me deixou meu senhor e meu dono...

D. Alipio

Luzia, meu amor, não por minha vontade...

Luzia

Tu nem sabes de mim... andas pela cidade
A viver, a gosar ..

D. Alipio

Ah! si eu me governasse,
Si eu não tivesse quem as contas me tomasse,
Si meu pai tão cruel não fosse !!...

Luzia

Que haveria?...

D. Alipio

Eu viveria só perto de ti, Luzia!...

Luzia

Então amas-me ainda?..

D. Alipio

Oh! deves confessal-o...
Pode mentir quem fala assim como eu te falo?..
Si eu não vivo a teus pés, si eu não vivo a adorar-te
E' que exige o dever que eu viva noutra parte...
Mas que vida melhor para mim do que a vida
Que a teu lado gosei?..

Luzia

D. Alipio!...

D. Alipio

Querida!
Sob o imperio dos teus dois olhos tentadores?...
Que saudades crueis dessa epocha de amores...
Desse tempo melhor que o homem já tem gosado...
Tu eras minha vida, eras o meu cuidado,
Eras a minha dor, eras minha alegria...
Si um de nós dois não risse, o outro de nós não ria...
Fôi um pouco do ceu gosado neste mundo,
E esse tempo de amor não ha-de ter segundo...
Não te lembras, Luzia?

Luzia

A gente por ventura
Esquece, meu senhor, as horas de ternura?
Alguma cousa mais ha no espirito que ama
Alem desse ideal eterno em que se inflama?
Dessa recordação de um gosado momento
Que eternamente vive em nosso pensamento?
Não me perguntes mais, D. Alipio, se ainda
Tenho na alma o sabor dessa ventura finda!..

D. Alipio

Porque falas assim dessa maneira triste,
Luzia?

Luzia

Falo assim, porque já não existe
Esta felicidade!

D. Alipio

Então, não acreditas
Mais que eu sinta por ti saudades infinitas!

Luzia

Já não creio!...

D. Alipio

Não crês que eu te ame?!

Luzia

Oh! já não creio!...

D. Alipio

Ninguem sabe o que vai por dentro de meu seio...
Luzia!.. já não crês em mim?

Luzia

Pela minha alma,
D. Alipio, que não!..

D. Alipio

Porque?...

Luzia

Vês minha calma?

D. Alipio

Tu me assustas Luzia!...

Luzia

Oh! não receies nada!
Que mal pode provir de minha mão delgada?
Que te posso fazer, eu tão fraca e mesquinha?
Oh! não te culpo, não! toda a culpa foi minha...
Eu era tão feliz antigamente; outr'ora
Nunca me veio achar em lagrimas a aurora...
Nenhum minuto só, carinhos me faltaram...
E, foi entrando aqui, que as maguas começaram.
Minha vida troquei por uma outra existencia...
E minha mãi, meu Deus! durante minha ausencia
Quanto a triste soffreu!

D. Alipio

Nada lhe tem faltado...

Luzia

Falta-lhe tudo. sim. não me achando a seu lado...

D. Alipio

Junto da sua porta uma bolsa com ouro
Todo o sabbado está!

Luzia

Miseravel thesouro!
Juro que minha mãi si acaso desconfia
De onde este ouro provém... joga-o fóra!...

D. Alipio

Luzia!

Luzia

Certo morrer prefere a viver por tal preço...

D. Alipio

Como falas assim! quasi te desconheço!...
Já fugiram de ti o carinho e a brandura?...

Luzia

Sim! tudo isso acabou, acabando a ventura...

D. Alipio

Mas eu te amo Luzia!...

Luzia

Eu é que já não creio
Que haja por mim algum amor nesse teu seio...

D. Alipio

Luzia! e quem t'o disse?...

Luzia

Oh! deu-me esta certeza
O tempo que a chorar tenho passado presa,
Longe de todo o mundo, abandonada e triste...
Pensas que algum tormento igual no mundo existe?
De um lado, minha mãi, que eu deixei, de outro lado
Tu, que me abandonaste...

D. Alipio

Eu sou tão desgraçado!...
Considera tambem um pouco minha vida!

Luzia (*resoluta*)

Quero ir ver minha mãi, quero! estou resolvida!..

D. Alipio

Mas attende, Luzia, iremos juntos...

Luzia

Quando?!...
Pensas acaso tu que eu inda estou sonhando?...

D. Alipio

Acredita, por mim, tudo, tudo eu faria...
Porém, meu pai, cruel, se oppõe, minha Luzia...

Luzia

Quero ir ver minha mãi!

D. Alipio

Si ella fechar-te a porta?

Luzia

Ha-de haver um lugar para mim, viva ou morta ..

D. Alipio

Então, queres partir?...

Luzia

E' todo o meu desejo!..

Alipio

Então, me vais deixar?

Luzia

Meu Deus! agora eu vejo,
Posso agora medir toda a minha loucura...
Que me resta fazer? terminou-se a aventura...
Tenho agora a escolher, depois deste mysterio,
A vergonha na vida ou a paz no cemiterio...

D. Alipio

E' pois, Luzia, então, tua ultima vontade?

Luzia

Certo!

D. Alipio

Vou-te dizer toda inteira a verdade:
Meu pai não só prohibe o nosso casamento
Como exige tambem, agora, o cumprimento
Da promessa que eu fiz de desposar a filha
Mais rica e mais gentil dos condes de Padilha!...
Tinha dado a palavra...

Luzia

E eras só meu! dizias...
Mas eu rica não sou, não tenho fidalguias...
Era justo!...

D. Alipio

Porém, não fales desse modo...

Luzia

Sim, devo tudo ouvir...

D. Alipio

Não te esqueci de todo...
(vai ao quarto do ouro e traz um saquinho cheio)
Ainda podes viver socegada e contente:
Reservei para ti este humilde presente...

Luzia *(ávida, deixando cair aos pés o sacco)*

Não podem supportar as minhas mãos pequenas
O peso dessa bolsa... Ella não pesa apenas
O ouro que dentro tem... pesa ainda...

D. Alipio

Senhora!

Luzia

A agonia sem fim de minha mãi que chora!
Muitas horas de dôr! muito momento escuro!
Minha alma, meu prazer, minha honra, meu futuro,
Minha existencia! emfim, tudo, tudo o que eu tinha,
D. Alipio!....

D. Alipio

Perdão, senhora! mas a minha
Vontade era a mais pura e nobre desse mundo...

Luzia

Era justo!... eu amei com o amor mais profundo,
Fui docil e fiel... mas tanto eu não mereço...
Pagaste-me, senhor, com avultado preço!...
(faz uma mesura e sai)

SCENA IV

D. Alipio *só*)

Está tudo acabado...

(passeia, reflectindo)

Emfim ! era preciso...
Talvez me proviesse immenso prejuizo
Da continuação desta minha aventura. .
Prolongal-a mais tempo era grande loucura...
Luzia é uma criança inoffensiva e fraca...
Nada devo temer... o seu furor se aplaca...
E' um furor semelhante ás tormentas de maio. .
Relampeja, porém, não arremessa o raio...
Ha de tornar ao bem... Mas, aproveito a vasa
E vou mandar leval-a amanhan para casa...
E poderei ficar descançado: ella é pobre...
E os pobres mentem quando ousam falar de um nobre...

(bate com o pé na bolsa de ouro)

O ouro que ella não quiz ! Si o tivesse aceitado...
Teria um proceder muito mais acertado...
Sim... porquanto afinal... Vá ser ella o que queira
Viveria melhor tendo ouro na algibeira...
Não comprehendo este orgulho...

(apanha a bolsa)

Apanhemos este ouro ..

Elle não quiz deixar o meu regio thesouro...

(abre as portas do deposito de ouro e guarda a bolsa : contempla o thesouro amontoado)

Eu só domino aqui ! Todo esse mundo immenso
E' meu só, como é meu este pequeno lenço...
Mande El-Rei, meu senhor, lá fóra !... Eu aqui mando...
Governe Deus nos ceus os astros scintillando...
Eu governo este meu custoso firmamento
Que scintilla tambem de extranho luzimento...
Dormes thesouro meu, teu somno luminoso !
Profana mão não vem perturbar-te o repouso...

(encosta as portas)

SCENA V

MILITÃO E D. ALIPIO

D. Alipio *chamando*)

Militão !

Militão *entrando*

traz uma lampada que deposita sobre a mesa

Meu senhor! Então ?..

D. Alipio

Tudo acabado...

Militão

Muito bem!

D. Alipio

Entretanto. .

Militão

Entretanto?!...

D. Alipio

Ao seu lado,
Sob a forte expressão do seu olhar brilhante,
Fiz bem triste papel, vergonhoso, humilhante...
Por vezes percebi a coragem faltar-me
E para conservar a calma e não rojar-me
A seus pés e pedir perdão... foi-me preciso
Pensar que praticava uma acção de juizo...

Militão

Oh!

D. Alipio

Sim, porque afinal amei esta criança
E desse amor jamais perderei a lembrança...

Militão

Ninguem mais do que eu tem pena de Luzia,
Mas, o que havieis vós de fazer algum dia,
Ou mas tarde ou mais cedo?!...

D. Alipio

E' verdade!...

Militão

Por quanto
Vosso pai, senhor meu! inda que sangue em pranto
Vertesseis vós...

D. Alipio

Bem sei!

Militão

Jamais permittiria
A união desigual da camponia Luzia
Com o nobre senhor seu filho... Tal enxerto
Jamais se plantará na vossa estirpe

D. Alipio

Certo.

Militão

Portanto, o parabem sincero, D. Alipio,
Vos dou... Fôra melhor não tivesse principio
A aventura, porém, uma vez que a fizestes
Era mister dar logo o passo que ora destes...

D. Alipio

Tens razão.

Militão

Amanhan a levarei bem cedo

Para casa.

D. Alipio

Confio em ti.

Militão

Não tenhais medo;

Pois eu dessa missão darei conta.

D. Alipio

Obrigado.

São horas de partir.

Militão

Outra cousa... e o bocado
De ouro da velha mãi?...

D. Alipio

Sim... hoje é sexta-feira,
Deverás ir levar a ração costumeira...
E são horas, adeus... Mas, falando a verdade,
Sinto agora ao partir uma extranha saudade...
Si eu fosse ver Luzia...

Militão

Ora, não!

D. Alipio

Foi preciso!

Não tive coração...

Militão

Mas tivestes juizo...

D. Alipio

Não devo ter remorso, a filha de um mineiro...
Depois... ella não quiz! mas eu lhe dei dinheiro...
Ora, adeus!... ella aqui apenas hoje fica...

Militão

As ordens cumprirei.

D. Alipio

E agora, á Villa-Rica.
(sái)

SCENA VI

Luzia *só*

Eil-o partido já, Santo Deus!... Felizmente...
Pode agora o meu odio explodir livremente...
Tudo está dentro em mim clamando por vingança!
Desperta-te, minha alma! oh! vinga-te e descança!...
Has de ter, D. Alipio, a paga do teu crime...
Não é, fidalgo, assim que aos miseros se opprime!
A cada criminoso ha-de haver uma pena:
Si a lei da terra absolve, a lei do ceu condemna...
Vinga-te e após descança, oh minha alma! E que importa
Que depois da vingança, amanhan, seja eu morta...
Bem caro hão de custar tuas lagrimas, santa,
Idolatrada mãi! a dor não me aquebranta,
Dá-me forças até! Sinto a minha alma enorme...
Eu velo D. Alipio, eu velo, dorme, dorme...
Tu bem sabes, algoz, que eu sou candida e boa...
Conheces-me cordeira?... Has de me ver leôa!...
Has de ver quanto pode, oh meu senhor querido!
Por um homem sem alma um coração ferido...
Gosa, fidalgo, o olhar da tua noiva, gosa...
Preparo para ti noivado côr de rosa...
(passeia, meditando)
Eu preciso arranjar antes de tudo a chave
Desta porta .. Eis aqui uma questão bem grave...
Jacintha não m'a dá... Vou tentar entretanto...
Dinheiro ella não quer... não a commove o pranto...
Depois, devo sair sem que ninguem me veja...
Sempre quem tem razão consegue o que deseja...
Tentemos, pois...
(chamando)
Jacintha!

SCENA VII

LUZIA e JACINTHA

Jacintha *entrando*

Que deseja a senhora ?...

Luzia

Jacintha, supplicar que me deixe ir embora...

Jacintha

Cruzes, Dona Luzia ! O que pede !...

Luzia

Si o nosso
Senhor já permittia...

Jacintha

Mas, senhora, eu não posso
Por nada deste mundo abrir-lhe aquella porta...

Luzia

Eu vou ver minha mãi apenas, que te importa
Que eu saia ou fique aqui?... Tenho muita saudade
De minha pobre mãi; tenho immensa vontade
De ir vel-a! Deixa-me ir...

Jacintha

Ora, Dona Luzia
Bem sabe que eu não posso; e acaso poderia
Com a noite que está caminhar pela serra ?

Luzia

Não sabes o valor que este meu peito encerra ..

Jacintha

A noite é de tormenta e troveja e fuzila...

Luzia

Abre-me aquella porta e eu seguirei, tranquilla,
Em meio a tempestade, estas serras a fóra...

Jacintha

Possivel fôra e certo era livre, senhora !
Mas sua liberdade importa a minha vida
Talvez...

Luzia

Não peço mais... não te quero perdida
Por minha causa. Bem, vamos dormir
(sái)

Jacintha

Louvado
Seja o Nosso Senhor Jesus Christo!
(sái)

SCENA VIII

Luzia

(Apparece á porta com uma lampada na mão)

Pesado
Seja-te teu dormir, terrivel carcereiro!
Espreitemos...
(põe a lampada sobre uma mesa e espia
pela porta por onde entrou Jacintha.)
Lá está... Põe sob o travesseiro
A chave... Reza agora... Anda no quarto... Agora
Deita-se... Oh! que um bom somno até o romper da aurora
Tuas palpebras serre e te conserve morta...
E' preciso que eu tenha a chave desta porta...
Dorme, dorme tranquilla, extranha creatura
Que tem o coração feito de pedra dura...
(passeia lentamente)
Deus me ha de ajudar!
(entra, subtil, no quarto da escrava e volta
com a chave na mão).
Senhor! eu rendo graças
A vós, que tendes sempre a todas as desgraças
Um balsamo, um remedio... obrigada, obrigada...
Tenho a chave commigo... Oh! Deus! estou vingada!..
Descança D. Alipio, em teu tepido ninho
Bem sabes que está preso o pobre passarinho...
(abre as portas do quarto do ouro, ao fundo e põe lá dentro a lampada).
Agora tudo é meu! Abramos a janella:
Deixemos penetrar a luz de alguma estrella...
(abre a janella, ve-se lá fóra, através das
grades de ferro, a noite tempestuosa).
Oh! que noite propicia ao meu lugubre intento...
Tempestades, trovões, relampagos e vento...
Bem, agora, meu Deus! quero forças agora
Vamos tudo lançar pela janella fora...
(começa a jogar por entre as grades da janella
todo o ouro amontoado em saccos, barras, etc.)
O longo trabalhar de muitos longos annos,
Existencias de dor e combates insanos,
Accumularam todo esse ouro incalculavel!
E eu, numa noite só, eu fraca e miseravel,
Hei de o fazer entrar novamente no seio
Uberrimo de onde elle em particulas veio...
(sempre jogando pela janella fóra;
ouvem-se passos e a voz de Jacintha. Luzia fecha as portas do quarto.)

Jacintha

Quem está lá?...

(apparece, com uma lampada)

Pareceu-me ouvir barulho...

(olha em redor)

Nada!

Tudo no seu lugar... A casa socegada...
Ratos, naturalmente... entretanto eu jurava
Ter ouvido falar... Maus ouvidos de escrava...

(sai)

Luzia

(abre a porta e continua sem ruido, o sinistro trabalho, falla baixo)

Ajudai-me, Deus meu! Eu tirito de medo...
Preciso é que termine este trabalho cedo...

(acaba, fecha as janellas, sáe do quarto, fecha as portas)

Finalmente!... não resta um só pedaço de ouro...
Diz adeus, D. Alipio, ao teu regio thesouro....
Agora, para o abysmo!... existe, aqui bem perto,
Uma furna tremenda, um boqueirão aberto,
Cuja profundidade insondavel, ainda
Ninguem pensou medir... parece que não finda...
Todos dizem aqui que ella é mal assombrada
Que o proprio inferno é lá... Vai ser essa a morada,
D. Alipio, do teu thesouro fabuloso...
Antes que a noite esconda o seu veu tenebroso,
Tudo estará lá dentro, e para sempre, amigo.
E junto a Satanaz ha de ter seu jazigo
Derradeiro e tremendo...

(abre uma porta, que dá para fora com a chave que tirou de Jacintha, e, volvendo-se para o interior do [illegible])

Adeus! vivenda triste
Onde eu tanto gosei, onde a minha alma existe
Guarda esta habitação, sob o seu tecto escuro
O que eu tinha de bom, o que eu tinha de puro
Adeus! dias de amor! doces, pequenos dias...
Adeus! dias sem fim, de acerbas agonias...
Meus dias de prazer, meus dias de tortura!
Adeus! minha desgraça! adeus, minha ventura

[illegible]

E agora, ó Senhor, das nuvens no recesso
Faze um astro brilhar para mostrar-me o caminho...

[illegible]

A SIMULAÇÃO DA

LOUCURA POR ALIENADOS

Occupando-nos deste assumpto sentimos que vamos ferir questão que não teve ainda direito de domicilio entre os medico-legistas de nosso paiz.

Aqui é crença geralmente espalhada, e ainda na primeira metade deste seculo em que vivemos o era em toda a parte, que para simular a loucura se tornava mister dispôr de um raro talento, dum poder de attenção e de vontade que se afigurava só haver nas constituições vigorosas e privilegiadas; e o facto da simulação da loucura, no caso de delictos por exemplo, constituia mesmo uma aggravante, desde que se chegava a descobrir que o accusado lançara mão desse expediente para fugir á punição.

Entretanto Grizinger na Allemanha e mais tarde Baillarger em França por primeiro admittem a possibilidade da simulação entre os alienados. O asserto destes dois eminentes psychiatristas foi aceito e confirmado pelos alienistas: mas fóra desse circulo ficou completamente esquecido, si é que chegou a ser conhecido.

Parece um facto extranho e paradoxal affirmar que a alienação pode ser simulada por alienados. Todos sabiam que os loucos são habeis em dissimular a sua perturbação mental, mas ao mesmo tempo parecia uma proposição repugnante a que exprimia a possibilidade de um louco simular a loucura. Não obstante, isto é uma verdade que tem sido nestes ultimos tempos posta inteiramente

fóra de duvida pelos notaveis trabalhos de Pelman, Wille, Krafft-Ebing e Charruel. Foram estes autores que deram um cunho verdadeiramente scientifico ao estudo da simulação da loucura por alienados. Os factos naturalmente existiram em todos os tempos, mas a attenção desprevenida passava por elles sem dar-lhes o seu verdadeiro valor e sem lhes realçar a importancia.

Pensando com Brierre de Boismont e Ray, avançaremos que foi um literato e não um alienista quem primeiro entreviu um caso de simulação de loucura em alienado. Com effeito, todos os medicos que têm estudado com attenção o typo de Hamleto de Shakspeare, são accordes em declarar que o protogonista da tragedia é um louco, e Brierre de Boismont, indo mais alem, affirma que Hamleto é um louco que simula a loucura. Resta apenas determinar si Shakspeare creou Hamleto como um estupendo producto de sua imaginação vivissima, ou si não fez mais do que encarnar naquelle typo observação de caso que se tivesse offerecido ao seu espirito perscrutador. Nesta segunda hypothese a elle caberia o merito de ter primeiro assinalado um facto que só agora nós estamos aprendendo a conhecer e apreciar em sua devida importancia.

Não façamos questão de quem por primeiro viu taes casos: mas assinalemos que não são raros os factos em que o exame do simulador revela typos de alienação mental completamente independentes daquelles que eram o objecto da simulação. Os individuos nos quaes se encontra uma forma de alienação mental differente daquella que elle simula, forma da qual, na maioria dos casos o simulador não tem consciencia, são mesmo mais frequentes do que se pode imaginar á primeira vista. E si levarmos em conta os multiplos casos nos quaes uma forte predisposição á loucura adquirida por herança psychopathica, tem enfraquecido a resistencia cerebral, poderiamos quasi affirmar que bem mesquinho lugar, si é que o ha, será concedido para aquelles outros casos em que a simulação foi posta em pratica por individuos de espirito inteiramente são.

Dest'arte presentemente inverte-se a formula de trinta annos passados: e os alienistas nos ensinam a conhecer como loucos ou habitantes das fronteiras da loucura todos quantos lançam mão da simulação, seja qual fôr o motivo. Eis como sobre o assumpto se exprime um dos mais autorisados professores de medicina legal, o Dr. Wille, de Basiléa: «Em minha vasta pratica medico-legal não

encontrei um só caso de perturbação mental simulada em um homem, cujo estado mental fosse realmente normal. As pessoas que recorrem a este genero de embuste são sempre victimas da epilepsia, hysteria, do alcoolismo ou de predisposições nevropathicas hereditarias, de sorte que seu estado mental confina de um lado com a molestia, de outro com a saude moral. Eu compartilho portanto a opinião da maior parte dos medicos da especialidade, opinião segundo a qual a simulação da loucura por uma pessoa absolutamente san de espirito deve ser considerada como uma raridade completamente excepcional... Por mais paradoxal que possa parecer, é justo considerar a simulação de uma perturbação mental como constituindo uma circumstancia attenuante em favor do accusado: esta maneira de ver se acha justificada por este facto que entre os criminosos, só aquelles que têm o espirito já um tanto desarranjado é que pensam em simular; aquelles, porém, que têm a razão inteiramente san jamais pensam em recorrer a este expediente.»

O Dr. Pelman, em um artigo publicado em 1874, é mais positivo sustentando a mesma opinião. Elle declara que a simulação da loucura é infinitamente mais rara do que se pensa geralmente. Esta maneira de ver, que era admittida pelos alienistas, não é de modo algum compartilhada pelos magistrados e medicos não especialistas, os quaes se acham sempre inclinados a considerar como simuladores todos os criminosos que perdem a razão. O Dr. Pelman pensa que o individuo de espirito normal, que encara com serenidade a somma de energia que é preciso dispensar para representar o papel de louco, desanimará antes de emprehender tão grande commettimento; aquelles que o fazem é que têm por si antes a natureza mesmo do que a arte. Nestas condicções o Dr. Pelman aconselha que se admitta sempre *a priori* a existencia da affecção mental em todos os accusados ou condemnados que simulam a loucura Charruel pensa que a ideia da simulação não pode na maioria dos casos germinar sinão em um espirito muito mal equilibrado para não comprehender o que ha de absurdo em querer representar uma tal comedia. O eminente psychiatrista professor Krafft-Ebing exprime-se da maneira seguinte com relação ao assumpto que emprehendemos estudar:—«Não se deve esquecer que verdadeiros alienados podem muito bem simular symptomas ou uma forma de loucura differente daquella de que realmente estão atacados.»

Occupando-se da responsabilidade dos hystericos, elle volta sobre este assumpto dizendo: —« O perito não perderá de vista que a simulação não exclue de modo algum a loucura e que precisamente muitas formas de perturbações psychicas e em primeiro lugar a hysteria são caracterisadas por uma inclinação instinctiva á astucia, á simulação, á mentira ou sómente á exageração voluntaria de symptomas existindo realmente.»

Amparado na autoridade dos nomes que citamos, os mais notaveis para não alongarmos demasiadamente a lista dos nomes que têm defendido esta questão, vejamos em que condicções se podem encontrar individuos que simulem a alienação mental. Como regra deve-se admittir que a maioria dos simuladores lança mão desta fraude para evitar um constrangimento em sua liberdade, constrangimento determinado por uma accusação ou condemnação por acto delictuoso, ou para fugir ao serviço militar, como se vê frequentemente na Europa. Citam-se ainda casos, porém extremamente excepcionaes, de simulação, para evitar casamentos impostos, e eu me lembro de um individuo que, para não receber ordens sacras, simulou a loucura até o dia em que foi resolvida a sua saida do seminario em que estudou. Na monographia que serviu de these a Charruel, encontramos na Obs. I um monomaniaco, examinado por Lombroso, que commetteu um homicidio e simulou a loucura para não comparecer diante do tribunal; na Obs. II um imbecil que commette um assassinato e confessa ao medico que simulou a loucura para subtrahir-se á condemnação e « lavar-se » diante da opinião de um crime cuja enormidade elle reconhece. (Obs. de Billod).

A III é de um melancolico impulsivo que assassinou o avô paterno e simulou a demencia; (obs. do Dr. Hospital.) A IV é a de um soldado affectado de debilidade mental, inculpado de tentativa de homicidio contra seu superior e que faz-se passar por louco para escapar á condemnação; (obs. do Dr. Dufour). Seguem-se depois observações de Nichols de um delirante mystico, que a conselho de seus defensores simulou a imbecilidade; de Charruel, de demencia simulada por uma louca impulsiva, e de mania simulada por um debil mental; de Mairet, referente a um individuo soffrendo de delirio de perseguição que simula um delirio de grandezas; de S. Garnier, sobre um antigo alienado que simula o delirio systematisado, etc.

Como complemento desta classe de simuladores assinalaremos a desses alienados reclusos em asylo durante muito tempo, que simulam accessos de loucura para obter certas concessões, assim como a desses outros que, tendo observado seus companheiros, manifestam symptomas disparatados com o unico intuito de desviar o medico do diagnostico e attrahir a attenção sobre si.

A ideia de simular a loucura vem aos alienados de duas maneiras differentes: — espontaneamente ou como consequencia de uma suggestão.

Examinemos mais detidamente esta questão, e vejamos si é possivel germinar no cerebro de um alienado a ideia de simulação.

Não cabe nos limites de um artigo esmerilhar em que consiste a alienação mental: mas pode-se acceitar como uma verdade demonstrada que na evolução da alienação mental não entram elementos extranhos áquelles que constituem a vida normal. O que ha a notar é uma perversão na sua maneira de manifestar-se, perversão que consiste em um exagero de sua maneira de processar-se em uma diminuição ou suppressão dos actos psychicos ou finalmente em falta de synergia dos diversos centros nervosos, o que dá a caracteristica especial de cada uma das formas de desordem mental. A degeneração mental diminuindo a força dos centros inhibitorios dá lugar á impulsão dos actos, o que, equivale a dizer, fornece a maior parte dos criminosos alienados. Nesta classe nota-se a facilidade das allucinações e illusões, a frequencia das obsessões, a intensidade e a persistencia das representações que não raras vezes se resolvem em acto e finalmente a fragilidade da resistencia cerebral, que engendra concepções delirantes sob a influencia de causas banaes.

Quer se trate dos degenerados superiores, como os paranoicos, os loucos moraes, etc., quer dos inferiores como os imbecis e idiotas, a simulação se faz espontaneamente ou por suggestão, sendo esta ultima mais particularmente especial á classe dos degenerados inferiores. Nesta classe de alienados a carencia de ideias sendo enorme, elles têm tendencia natural a acceitar tudo sem exame, e d'ahi a credulidade e a passividade que muitas vezes manifestam. Sendo assim, elles não têm opinião propria, mas commungam com a dos outros, donde decorre serem as victimas habituaes das loucuras impostas.

Si é um alienado que lhes incute no espirito sua propria concepção delirante e ahi fal-a germinar, nós temos os casos da *folie á deux*; si elles se acham submettidos á influencia de uma causa maleftica, que affecta ao mesmo tempo muitos individuos nas mesmas circumstancias, poderá dar-se a manifestação de uma loucura epidemica; e si finalmente uma terceira pessoa, em geral o rabula que o defende ou um companheiro de prisão, lhe aconselha e lhe ensina uma loucura, para evitar a condemnação por um crime, teremos o caso de loucura simulada. Ora as observações nos mostram que é grande o numero de imbecis e debeis mentaes que simulam a loucura para escapar á condemnação, e nos mostram outrosim que na maioria dos casos esse expediente lhes foi suggerido por um terceiro, o que está perfeitamente de accordo com o que nos revela o estado mental dos imbecis. Mas alienados que não pertencem a este grupo de degenerados inferiores tambem simulam a loucura. São os paranoicos, os nevrosicos, os loucos-moraes. Nestes individuos predispostos por sua degeneração psychica, o que domina é a falta de inhibição e de ponderação, portanto, de seus actos, o que é eminentemente favoravel á realização de suas ideias. Sob a influencia de uma profunda emoção elles podem receber um profundo abalo em seu equilibrio mental e soffrer, como consequencia, uma desordem psychica que nada tem de simulada, porque decorre do estado constitucional mesmo do individuo. Mas independentemente desta loucura que pode surgir em consequencia de um acto delictuoso, o degenerado superior pode ainda apresentar outras perturbações psychicas alem daquellas que já se acham installadas em seu espirito. A essas novas perturbações assinar-se-á naturalmente a denominação de simuladas, já que ellas não se coadunam com a natureza do conteúdo de seu delirio. Esse novo delirio surge de ordinario espontaneamente, no sentido de que não é suggerido por um terceiro. E' um novo rebento que nasce desse tronco fertilissimo da degeneração psychica.

Finalmente saindo do grupo das degenerações podemos ainda encontrar simuladores no grupo dos cerebro-psychoses. Deste grupo destaca-se em primeira linha a psychose systematisada progressiva. Esta forma clinica é propicia aos attentados contra aquelles que cercam o individuo ou que são objecto de suas ideias delirantes. O individuo conservando intactas as suas funcções sylogisticas

e raciocinando da mesma sorte que um individuo de espirito normal, somente sobre dados falseados pela desordem de seus sentidos. reage do mesmo modo tambem que o homem são. A segunda phase da molestia, isto é, aquella na qual surge o delirio de perseguição, e principalmente naquelle periodo em que de simples perseguido elle passa a perseguidor, o enfermo de psychose systematisada progressiva acha-se sempre na imminencia de commetter um crime.

A consciencia perfeita da responsabilidade que pesa sobre si e a evidencia do crime determinam muitas vezes o recurso da simulação nestes alienados. E dest'arte elles fingem a loucura, de que não tinham consciencia, para escapar a uma condemnação que justamente mereceram.

Outras formas de loucura podem ser desvendadas por traz das simulações, sem, comtudo, a frequencia das que levamos referidas. Estas são em tão grande numero que já deixam claramente demonstrada, como tinham em mente fazel-o, que simulação de alienação mental não exclue de modo algum a existencia de uma verdadeira alienação.

Chamando a attenção dos peritos e dos magistrados sobre este ponto importante de psychiatria forense, temos em vista attenuar o rigor da pena em que possam incorrer os simuladores, que porventura procuram o artificial para encobrir o que lhes coube naturalmente por uma predisposição hereditaria. Não ha necessidade de encarar as outras faces da questão, pois teriamos de repetir o que é já bem conhecido, e refere-se á simulação de loucura em geral.

Dr. Marcio Nery.

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL

I

A nacionalidade portugueza: seus factores pre-historicos e historicos

II. — OS IBEROS [1]

(Continuação)

O direito iberico vamos consideral-o na organização do poder publico e da sociedade, da familia e da propriedade, do crime e da pena, do processo finalmente. A grande raça iberica pertencia ao grupo da raça branca. Representam-na hoje os guanches, os tuaregs, os kabylas e os bascos em estados varios de civilisação. Na epoca preceltica esteve de posse de toda a peninsula pyrenaica, dividida em tribus ou povos diversos, tendo mais ou menos fundamentalmente a mesma organização social e politica, posto que em graus differentes da evolução. Nalguns pontos existiam especies de *clans* republicanos, noutros tribus aristocraticas. As monarchias despoticas tambem tiveram tempo de apparecer, posto que limitadamente. Este era o caso dos guanches das Canarias, ainda em 1402, quando foram descobertos.

[1] Veja a *Revista* de 1 de Janeiro.

« Naquelle tempo, diz Letourneau, repetindo os chronistas antigos, os guanches viviam sob o regimen da tribu monarchica e estavam em pleno periodo neolithico. Cada uma de suas tribus obedecia a um monarcha adorado como uma divindade. A gente se prostrava á sua passagem, limpava a poeira de seus pés, que eram depois devotamente beijados. Quando subia ao poder algum desses potentados muitos guanches disputavam a gloria de se sacrificar em honra sua, precipitando-se de alturas em cima de pontas de rocha, mui anchos por morrerem em glorificação do senhor.» [1]

Tudo leva a crer, pensamos nós, que tal excesso só se tivesse dado naquelle pequeno ramo iberico, confinado em ilhas isoladas porquanto a organização monarchica noutras tribus ou não chegou a formar-se, ou constituiu-se muito mais fracamente. Os tuaregs, por exemplo, são em partes constituidos em tribus monarchicas, com classes varias, nobres, servos e escravos, muito longe, porém, do exagero das Canarias. A transmissão do poder entre elles é ainda hoje um *survival* da filiação feminina: não é o filho do defuncto, mas seu sobrinho, filho mais velho de sua irman, que lhe succede. [2]

Acreditamos que em geral em Hespanha e Portugal predominavam as tribus democraticas ou os *clans* semi-aristocraticos, á maneira dos kabylas, que são agricultores e sedentarios. A organização do poder e da sociedade entre aquellas gentes offerecia algumas particularidades verdadeiramente notaveis. O principio fundamental da vida politica daquelles povos era a associação.

Dava-se esta na familia, na tribu, na confederação das tribus. A assembleia publica, a *djemâa* de hoje, era o poder supremo, a que todos deviam obedecer. Eis o quadro que traçam os antropologistas da vida social kabyla, que foi, *mutatis mutandis*, a vida social dos povos ibericos: «Em geral é muito vivo o espirito de solidariedade na Kabyla. Si alguem constroe ou repara uma casa, tem o direito de fazer passar, sem indemnização, pelas terras dos visinhos as madeiras de que precisa. Os transportes das mós de moinho dá lugar a uma servidão da mesma especie. Todos são obrigados a ajudar o visinho, si elle tem necessidade de braços para um trabalho qualquer e os pede. Vem a ser com o auxilio de taes requisições benevolas

---

[1] *L'Evolution de la propriété*, pag. 339.

[2] *Idem, ibid.* pag. 242.

que o kabylia pobre constroe sua casa, colhe as azeitonas, etc. A proposito duma porção de circumstancias organisam-se banquetes communs, (*thimecheret'*), nos quaes guardam-se as porções que deveriam pertencer ao filho nascituro, ao ausente, ao viajante e até ao morto, si se trata de um enterro. Fazem-se *thimecheret'* por occasião de nascimento, circumcizão, casamentos, antes da prece destinada a conjurar uma epidemia, etc.

Uma parte das multas, dos presentes, dos legados á communhão, das rendas dos moinhos, o excedente dos reditos da aldeia serve para estes festins communistas. A associação, especialmente a associação familial, é a alma da vida kabyla. O trabalho isolado é permittido, porém reprovado. A associação familial, *thadukeli*, é muito antiga. E' uma sociedade, cujos membros poem em commum seus bens e seu trabalho. A communidade fornece a cada um dos associados intrumentos, utensilios, o capital necessario a um commercio ou a uma industria. Todos os salarios e lucros dos associados são entregues ao chefe de familia. Os immoveis herdados ficam propriedade privada quanto ao fundo, porém o uso fructo pertence á familia. O dinheiro, si não se trata de grandes sommas, entra para a communidade. Os socios só possuem como propriedade privada suas roupas; as mulheres, as roupas e joias, por ellas recebidas no dia do casamento. Suas vestes e adereços de luxo são comprados como despezas communs, e ficam propriedade geral. O goso dos rendimentos da associação é tambem commum. Cada mulher é por sua vez encarregada de preparar os alimentos. Si os associados são muito numerosos, partem-se as provisões, contando como uma cabeça a propria criancinha de peito. A direcção do governo da casa é confiada á mulher mais velha, si ainda se acha com forças de a bem desempenhar. Si o chefe de familia é incapaz ou falta a seus deveres, ella o depõe e o substitue. A communhão paga o *thamanth*, preço da mulher, quando um de seus membros se casa; em desforra percebe o preço das moças da familia por occasião de seu casamento. Quando dá-se a morte de um socio, os herdeiros podem sair da familia e então a communhão avalia a sua parte e os embolsa, quasi sempre o pai moribundo recommenda a permanencia na indivisão. E' nestes grupos familiaes, que deviam ser outr'ora muito mais communs e mais estaveis, que os kabylas deviam contrahir seu notavel espirito de solidariedade. Fóra das pequenas

associações fechadas, constituidas pelas familias, o kabyla póde contar em larga escala com a assistencia não só da gente de sua aldeia e de sua tribu, sinão tambem com a de todos os seus congeneres. Si quer, por exemplo, levantar uma construcção qualquer tem direito ao auxilio da aldeia, segundo regras determinadas. Tem de pagar a mão d'obra dos operarios, a compra e o transporte dos materiaes; mas a aldeia deve lhe fornecer serventes de pedreiros, carrear-lhe as madeiras do vigamento, as mós do moinho, etc. O *amîn*, o juiz, convoca os trabalhadores e as vezes regula as turmas do serviço. Neste caso todos os homens validos são requisitados. Alem disto, a maior parte dos trabalhos do campo, a roçagem, o semeio, a limpa, a colheita dos fructos se fazem por assistencia mutua, posto que voluntaria, pondo-se cada familia á disposição das familias que precedentemente a ajudaram. A fóra estes serviços mutuos, a solidariedade geral é obrigatoria. Quem abandona um ferido no campo de batalha incorre no desprezo publico, em multa e exilio. Em terra estranha deve-se, em caso de molestia, de perigo, de qualquer difficuldade, soccorrer o patricio da aldeia ou da tribu, sob pena de multa, de indemnisação pelas perdas que se não impediram, alem de incorrer-se na desconsideração publica. Si a victima de um abandono pertence a outra tribu, a aldeia ou a tribu do abandonado póde dar queixa á *djemâa* do culpado, que sempre é reprehendido e muitas vezes punido. Cada familia considera ponto de honra occorrer ás necessidades de seus membros, velhos ou doentes.

Por isso os mendigos são raros, e os que existem não são desprezados. A miseria é considerada um accidente que póde caber a todo mundo, e não motiva desdem nem vergonha. No momento do repasto o indigente nunca é repellido: toda familia rica tem mesmo muitos pobres habituaes.

Todo acontecimento, feliz ou infausto, é nas familias ensejo para esmolas ou pequenos banquetes á que os indigentes são admittidos. A mór parte das pessoas abastadas tira dos seus rendimentos uma dizima real para os desgraçados e os orphãos em pequena idade são recolhidos pelas familias relativamente ricas. Muitas localidades têm jardins de figueiras destinados exclusivamente aos pobres. E' raro que um homem rico morra sem deixar para este emprego caritativo algumas figueiras ou oliveiras. Os indigentes podem entrar no outono em todos os vergeis e comer fructos a seu bel-prazer,

com a condição unica de não leval-os para casa. Tomam tambem parte nos festins da aldeia (*thimecheret'*), nas distribuições religiosas, etc. Além disso, os bens communaes e os da mesquita são sempre alugados por baixo preço a familias desgraçadas, que têm direito, como todos os habitantes da aldeia á assistencia gratuita por seus trabalhos. Emfim, sendo preciso, recorre-se a um imposto especial; por que a communhão não se desinteressa nunca de seus membros infelizes. O espirito de solidariedade vai mais longe ainda entre os kabylas: exerce-se até em proveito dos estrangeiros. Os pobres, estranhos a aldeia, são alojados na mesquita ou na *djemâa*, debaixo da protecção da aldeia que os recebe. Seja ou não estrangeiro, um indigente cégo, aleijado ou doente é acolhido e todo o dia dois meninos, designados pelo *amîn*, vão esmolar por elles nas casas.» [1]

Este bello quadro da vida kabyla, ingenuo e simples, que doces recordações traz á mente de quem conheceu, ha quarenta ou cincoenta annos passados, a vida da provincia em Portugal e no proprio Brazil. Aquelle costume de ajudarem-se os visinhos no trabalho, temol-o nós ainda hoje no interior. E' o nosso potirão. A obrigação de o fazer coactivamente lembra velhos costumes portuguezes, antigos serviços e impostos, como a *anúdava*. Aquella solicitude pelos pobres recorda o genio caritativo de portuguezes e brazileiros. Aquelle cuidado com os estrangeiros traz á mente a nossa generosa hospitalidade. Aquelle disvelo em amparar nas mesquitas, fazer legados aos pobres, crear impostos especiaes para os proteger e abrigar, não será a origem da bella instituição, sem igual em toda a Europa, das *misericordias* portuguezas? Ha como que um instincto ethnographico que nos faz conhecer o genio de nossos maiores, onde quer que elle se manifeste nas suas obras nativas, originaes, espontaneas. Não sabemos que especie de perfume ignoto e captivante nos está a indicar naquelles costumes kabylas a velha alma da Iberia, que se transportou tambem para o Brazil. Até aquella liberdade de deixar comer a fartar os fructos, comtanto que se os não estrague, nem se os leve para fóra a esperdiçar, como ainda hoje é tão genuinamente portugueza! Do que tem sido dito até aqui podemos formar uma ideia mais ou menos nitida da organização do poder publico e da sociedade entre as

---

[1] Letourneau, *L'Evolution de la propriété*, pag. 253.

tribus ibericas. Passemos á familia e á propriedade. Em algumas tribus ainda se dava a filiação pelas mãis. E' o caso dos guanches. Noutras praticava-se, a *couvade*, que indica um principio de filiação paterna. Era o caso dos cantabros e dos bascos. Por toda a parte, entre todos estes povos, qualquer que fosse o seu grau de civilização, a familia era cercada do maior prestigio. O pai, o chefe, exercia autoridade quasi illimitada. Podia ordenar quasi discricionariamente até grandes castigos. A mulher estava subordinada ao *clan* e á familia; não contribuia para as despezas communs e nada possuia.

Isto nas phases mais antigas do direito iberico. O respeito, porém, pela mulher, o culto cavalheiresco para com ella foi sempre parte integrante do caracter daquellas gentes. Por isso cedo ella começou de ter certa autonomia, até entre tribus cujo desenvolvimento cultural nunca chegou a ser muito consideravel. Sob este aspecto os iberos levavam decidida vantagem a raças mais cultas ou mais progressivas, chamitas, semitas, e aryanas, não esquecendo os proprios gregos e romanos.

Os tuaregs fornecem o exemplo. Ali a evolução da familia sob o ponto de vista da posição da mulher foi demasiado rapida, excedendo, ousamos dizer, quasi o que se passa entre os norte-americanos de hoje. A mulher tuareg herda igualmente com os varões: póde accumular uma fortuna particular e administral-a por si mesma, e não é obrigada aos encargos familiares. Só por seu pleno accordo contribue para as despezas da casa. Com estas grandes vantagens póde enriquecer facilmente, e é por isso que actualmente em Rhât, testemunham os viajantes, a mór parte da propriedade está nas mãos das mulheres. Seu casamento não é uma venda; dispõem de sua vontade, e o poder paterno só intervem para prevenir allianças desiguaes. As mulheres tuaregs gosam da liberdade de andar por onde lhes praz, de darem festas, de instruirem-se. A filiação nessas tribus é ainda materna, a despeito de tão grandes progressos sob outros aspectos, ou mesmo por causa delles. O filho de um escravo ou servo e duma mulher nobre é nobre como sua mãi. Em algumas tribus a mulher, em casando, não deixa sua aldeia, o marido é quem tem de mudar-se para a terra da esposa. Toda esta liberdade, porém, não quer dizer que a mulher tuareg não deva obediencia ao marido. O adulterio é

punido de morte pelo esposo, sem que a familia da culpada possa reclamar.

Tal devia ser o velho direito iberico. Demais, como d'aqui a pouco teremos de ver, a justiça era ainda, nessa antiga organização juridica, uma funcção da vida familiar que era o eixo em torno do qual tudo girava. Ainda hoje, assim é entre os réduces da grande raça. A unidade social, repetindo a bella palavra de S. Maine, sobre os romanos dos bons tempos, era a familia e não o individuo.

O regimen da propriedade gravitava no mesmo systema. A propriedade foi em principio, como aliás entre outros povos, communal. A propriedade individual despertava, porém, em algumas tribus. Os bens immoveis não se vendem entre os tuaregs: mas existem bens moveis de varias proveniencias, como sejam: impostos costumeiros cobrados ás caravanas e aos viajantes, direitos de protecção pagos pelos subditos, direitos sobre as pessoas e os bens dos servos, direitos sobre as aguas. Em alguns lugares existem proprietarios que se contentam com o quinto dos productos das hortas que cultivam. Distinguem-se duas especies de bens transmissiveis por herança: os bens legitimos como dinheiro, escravos, armas, rebanhos, legumes, tudo em summa que é adquirido pelo trabalho pessoal: e os bens illegitimos, chamados *bens de injustiça*, conquistados pelas armas collectivamente pelos membros da familia. Estes ultimos são inalienaveis e cabem por direito de primogenitura ao filho mais velho da irmã mais velha. Os outros são partilhados igualmente por todos os filhos sem distincção de sexo e assim em todas as classes, nobres, servos ou escravos. Os tuaregs possuem servos de sua propria raça e escravos negros. Os primeiros podem ser transmittidos por herança ou doação; mas não podem ser vendidos como os escravos.[1] Na Kabylia a propriedade privada já existe em direito, e luta com o velho regimen. Os kabylas não gostam da indivizão, suas propriedades são bem marcadas e muitas vezes fechadas. O proprietario póde obrigar o seu visinho á delimitação das propriedades contiguas, feitas as despezas em commum. As arvores especialmente, as oliveiras, podem constituir uma propriedade independente do sólo.[2]

---

[1] Letourneau, *op. cit.* pag. 245—246.

[2] *Ibid*, pag. 244—250.

A propriedade se adquire de modos diversos. Em algumas aldeias quem arroteia uma porção de terrenos communaes, torna-se por este facto proprietario della. O direito de propriedade por occupação póde se exercer sobre as cousas *vacantes*. Quem *vivifica* uma propriedade *morta*, torna-se seu proprietario, e um terreno chama-se *morto* quando está por muito tempo inculto. Quem deixa um terceiro dispor de sua propriedade, por venda ou doação, sem protestar em prazo breve, não póde depois reivindical-a. A posse simples e pacifica de um immovel durante dez annos sem interrupção e sem opposição da parte do proprietario presente, basta para constituir presumpção legal em favor do occupante e o antigo proprietario é obrigado a dar prova positiva de seu direito. Quem constroe um edificio em terreno communal sem autorização, porém sem ser obstado antes de finalizar a obra, torna-se proprietario legitimo do edificio e do sólo. Esta regulamentação da propriedade pessoal, observa o autor que estamos a seguir, attesta certa preoccupação superior ao interesse individual, uma tendencia a conter a onda invasora da propriedade privada. Sobrevivencias dum antigo direito de propriedade communista manifestam-se em varias praticas e costumes. E' assim que a venda dos immoveis é subordinada ao direito de perempção, que se estende aos parentes e associados e em geral a todos os habitantes da aldeia, a todos os membros da confederação. [1]

Alem disso, a restricção á liberdade individual é clara no facto de não poder, quem está gravemente doente, vender sinão a *terça* de seus bens, e não poder comprar cousas que excedam a este valor.[2] Em summa, o regimen da propriedade individual já está instituido na Kabylia; mas o espirito collectivista mostra-se ainda nos costumes e dá lugar a muitas especies de propriedades collectivas. O sólo pertence ora aos individuos, ora ás familias, ora ás communas, ora ás aldeias, ás mesquitas, etc.[3]

Na velha Iberia deveria ser igual o regimen dos bens. Deveriam existir tribus collectivistas, e outras em que o exclusivismo individualista começasse a surgir, com maior ou menor intensidade.

---

[1] *Ibid.* pag. 251-52.
[2] *Ibid.* pag. 253.
[3] *Ibid.* pag. 258.

Vejamos rapidamente a organização judiciaria, o direito penal e o processo. Entre os iberos a organização da justiça estava certamente na phase familial. Ainda hoje na mór parte das tribus berberes do Sahara não existem juizes, e onde os ha são pouco procurados. O pai de familia é o juiz natural dos seus e o mesmo acontece com os chefes das tribus, que exercem o direito de condemnar os delinquentes a multas, a ferros, a bastonadas, etc.[1] Assim é tambem na Kabylia, onde ainda hoje a familia, tem sobre seus membros immenso poder; póde, *exempli-gratia*, perdoar um assassino, ou punil-o com a pena ultima; póde agraciar a mulher adultera ou applicar-lhe a pena capital: póde sacrificar um individuo qualquer que lhe macula a honradez...[2] Esta justiça intima, approvada pela opinião, é garantida pela aldeia, pela communa, pela *djemãa* que por sua vez possue tambem attribuições criminaes.[3] Desta dualidade de jurisdicções, originam-se as responsabilidades collectivas da familia e da aldeia.

Numa phase dessas da organização da justiça é evidente que a penalidade devia consistir no *talião*. Em diversas tribus já se havia mais ou menos plenamente entrado no periodo das *composições* por dinheiro.[4] Os dois systemas de penas superpunham-se e lutavam pela existencia. Em varios casos a composição era prohibida e deixava livre o campo ao talião. Era assim nos delictos de morte. O homicidio gerava a *divida de sangue*, que recaia sobre a familia do assassino. A gente do morto era obrigada a exigir-lhe a paga e tal obrigação não podia ser saldada por meio pecuniario. A opinião publica não o consentia. Só a vida de um parente do assassino a podia remir.

As penas mais communs eram: morte, cauterização, banimento, multas.

O processo era, como ainda é hoje nestas raças, o mais simples. Na applicação das penas e em geral no julgamento de quaesquer pleitos a aldeia intervinha ao lado da familia e o caso era decidido sem formalidades, sem gerarchias judiciarias, sem appellação. As

---

[1] *L' Evolution juridique*, pag. 212.
[2] *Ibid.* pag. 215.
[3] *Ibid.* pag. 216.
[4] Letourneau, *Obr. Cit.*: pag. 216.

partes tinham o direito de submetter-se á decisão de arbitros de sua escolha. Na falta destes, a assembleia dos cidadãos maiores julgava o negocio, ou directamente, ou por intermedio de delegados de sua nomeação. A communa se occupava ordinariamente só com as questões de facto, e nos pleitos difficeis delegava seus poderes a juizes-arbitros, escolhidos noutra aldeia e ás vezes noutra tribu. Nos casos de parentesco, inimisade expressa, corrupção, interesse pessoal, o juiz-arbitro podia ser recusado. O implicado não recebia citação; porque tinha o dever de assistir ás assembleias da communhão. Si faltava, era multado e conduzido á força, ou marcava-se-lhe um prazo, findo o qual, si recalcitrava, as conclusões da parte adversa eram aceitas. Os interessados deviam por si mesmos pleiteiar as suas causas; por que os advogados eram prohibidos. Cada parte trazia suas testemunhas, que deviam apresentar-se sob pena de multa. A assembleia ou o juiz-arbitro tinham o direito de ouvir *ex-officio* qualquer individuo que parecesse conveniente. Em materia criminal havia a pratica dos conjuradores.[1]

Alguns destes costumes passaram ao velho direito portuguez, como verdadeiras sobrevivencias. E' o caso da prohibição dos advogados e da admissão dos conjuradores, como em tempo se verá.

Taes as linhas geraes da organização juridica dos iberos, feitas *ad instar* do que se passa hoje entre tuaregs e kabylas, segundo o testemunho de analystas da competencia de Verneau, Duveyrier, Barth, Hanoteau e Letourneux, compendiados por Letourneau, que, neste caso, não fez mais do que condensal-os e repetil-os.

A mésse não é ampla em nosso livro, mas julgamos, com o pouco que ahi fica, ter preenchido sensivel lacuna existente em geral nas parcas historias até hoje escriptas do direito portuguez.[2]

SYLVIO ROMÉRO.

(*Continúa*).

---

[1] *Ibid*, 217.

[2] Nada se encontra aproveitavel sobre os iberos, já não dizemos na — *Historia de Direito Portuguez* — de Mello Freire e no *Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal*, de Coelho da Rocha, porém nos escriptos mais modernos de Alexandre Herculano, Theophilo Braga, Julio de Vilhena e Oliveira Martins.

A FABRICA DE FERRO

DE

S. JOÃO DE IPANEMA[1]

III

Vamos agora estudar: os dois fornos altos, a machina insufladora, os ferros proprios ao trabalho do forno alto: veremos em seguida a marcha das operações, os principaes dados economicos, o forno de segunda fusão, a moldagem, etc. O forno alto é um forno a duas ventaneiras de $8^m,20$ de altura e 2^m de diametro maximo, o que o classifica entre os fornos esguios em que a relação $\frac{H}{D}$ é maior do que 4; o seu perfil dá-lhe um volume de 19 metros cubicos. O buxo tem menos de metade ($^1/_2$) da altura total do forno; o laboratorio tem menos de um nono ($^1/_9$) dessa altura: estão, pois, estas dimensões muito aquem dos limites impostos ás das zonas correspondentes nos fornos de sopramento energico. Como se deduz do perfil do forno, permanecem algum tempo as cargas no laboratorio (cuja altura é de $0,^m85$)—ora nessas condicções o metal chega ao nivel das ventaneiras já carburetado; nessa altura, aproximadamente, funde e demora no cadinho que se acha na zona de fusão. A marcha é pois quente e permitte que o forno tenha andamento para fonte cinzenta

[1] Veja *Revista* de 15 de Janeiro.

De encontro a isso, o vento é soprado frio, o que, para não perturbar o andamento, exige um gasto supplementar de combustivel. O perfil da rampa não é recto; alem do perfil adoptado não ser mais do que aquelle que o trabalho do forno tende a attribuir a este ultimo, visto como as chammas nunca vão aos angulos do forno e ahi ficam substancias mais ou menos coaguladas a fazer a concordancia da rampa com o laboratorio dum lado, e com o buxo do outro; alem disso obteve-se a vantagem de proteger efficazmente contra as degradações uma certa parte da cuba: notou-se que eram fortemente corroidas as partes do forno que correspondiam á intersecção da cuba com o cone do laboratorio prolongado, sendo causa disso o percurso mais ou menos rectilineo das chammas; o novo perfil permittindo-lhes seguir o caminho de menor resistencia, as paredes, tornou-se effectiva a protecção da cuba e mais regular o gasto da camisa interior, antigamente era construida de tijolos refractarios a camisa interna do forno alto; experiencias feitas com tijolos de grez silicoso molle (que após aquecimento se torna duro), provaram dum modo satisfactorio, e hoje em dia é essa rocha o unico material refractario empregado na construcção da camisa interior dos fornos altos. As partes mais corroidas, isto é, o cadinho, o laboratorio e a rampa, são reformados nos fim de cada campanha; o resto da camisa só se muda de 5 em 5 annos. O revestimento interior é separado da camisa externa por meio duma camada má conductora, composta de escoria e grez, a camisa externa é de tijolos bons, o fundo do forno é uma lagea de grez refractario; a base do forno é de excellente grez silicoso que constitue alicerces muito solidos. A parte inferior do forno, á porta de corrida, é fechada pela repreza (chapa de fonte munida de tres orificios de saida das escorias e um para a saida da fonte): esta é mantida por duas chapas, tambem de fonte, providas de dentes que supportam em alturas diversas uma grossa barra do mesmo metal; esta ultima serve de ponto de apoio dos ferros proprios ao trabalho do cadinho. Os gazes desprendidos, embora ricos em oxydo de carbono, não são captados, perdendo-se por esta forma um poderoso combustivel. Os gazes que se escapam fazem-no livremente na atmosphera pela chaminé que cobre o forno.

O vento soprado no forno alto é fornecido por dous cylindros compressores, cujo motor é uma roda de cubos de 6^m de diametro e

1,60 de largura, estabelecida sobre uma derivação do canal que serve ás antigas officinas. São cylindros de fonte, de duplo effeito; o piston tem um embolo americano, onde anneis de ferro ligeiramente excentricos e fundidos sob a acção da elevação da temperatura fazem papel de mola e fecham hermeticamente a communicação entre as duas faces do embolo. As valvulas de admissão e recalque do ar são fechadas por placas de borracha de $0^m,012$ de espessura; as manivellas das biellas dos dois cylindros estão calçadas a angulo recto no mesmo eixo; o vento obtido é frio e humido.

Altura do cylindro.....	$1,^m28$
Diametro.....	$1,^m20$
Percurso do piston.	$1,^m10$
Superficie de cada valvula de admissão (corresponde isso mais ou menos a 1/20 da superficie do piston)	$0,^{mq}0558$ ($0^m,31 \times 0^m18$
Superficie de cada valvula de recalque (corresponde isso a 1/28 da superficie do piston)	$0,^{mq}0100$ ($0^m,25 \times 0^m,16$
Numero de golpes por minuto..... maximo..	24
Numero de golpes por minuto..... commum.	18
Volume de ar em 1' soprado por cylindro.. maximo..	$17,^{mc}850$
Volume de ar em 1' soprado por cylindro.. commum.	$12,^{mc}220$
Pressão absoluta (em atmospheras)..	$1,^{atm}06$
Pressão effectiva (em c/m de mercurio)	4—5 c/m.
Coefficiente economico, supposto de..	0,60

Como já foi dito, o vento é frio e humido; nessas condicções é recolhido num reservatorio de 3^m de comprimento sobre 0^m 9, 20 de secção, contendo portanto 600 litros de ar. Esse reservatorio liga-se ao porta-vento por uma parte conica; esta forma alem de diminuir a perda de carga devida á mudança brusca de secção (do reservatorio e do porta-vento) tem a vantagem de augmentar a velocidade da corrente gazosa e portanto a sua pressão. O porta-vento, todo metallico, vai ter ao forno alto, bifurca-se e termina em duas ventaneiras collocadas em faces oppostas do cadinho; estas ultimas peças têm uma secção semi-elliptica e ligam-se ao porta-vento por um manguito de couro. O porta-vento nas vizinhanças do ponto onde se encurva para o forno tem um pequeno registro. Em geral lançam as duas ventaneiras no forno por minuto $24^{mc},500$ de ar a 4—5 ^{cm} de mercurio de pressão; isto corresponde aproximadamente a 7 metros cubicos de ar por kilogramma de carvão passando no forno por minuto. O material de trabalho consiste em alavancas

compridas para sangrar o cadinho, ferros alimpadores, bica de corrida, hastes, barras, malhos, etc.

Na bocca de carregamento estão dois operarios, um mestre e um ajudante; emquanto o chefe carregador fica vigiando o forno, o ajudante no deposito vai encher as medidas de minerio, carvão e fundente que compoem a carga e faz chegar tudo perto da bocca do forno. Ahi o mestre espera que se tenha abaixado o nivel das materias no forno abaixo da porta; então despeja a carga, o carvão supportando sempre o minerio e o fundente do modo seguinte: 3 cestos de carvão, 1 caixão de fundente, 1 cesto de carvão e 3 caixões de minerio. Após cada despejo elle iguala a superficie das materias, estende o carvão sobre toda a secção, reparte igualmente o fundente e em seguida o minerio; feito isto, marca numa tabua com um traço de carvão que foi introduzida no forno mais uma carga e previne os operarios da bocca inferior de que isto se deu, por meio dum sino que tange. A proporção de carvão é regulada pelas dimensões do buxo no qual o combustivel de uma carga deve formar uma camada uniforme de $0^{m},10$ de espessura. Com o forno de que tratamos corresponde esta quantidade de carvão a 320 litros deste material; já vimos que o peso deste volume é de 100 kgs., fixos na composição da carga.

	1889	1893
Minerio	81 kgs.	62,2 kgs.
Fundente	24 kgs.	13 kgs.
Carvão	100 kgs.	100 kgs.

A relação do carvão para o minerio era em 1889 quasi igual a 1,25:1, e em 1893 elevou-se a 1,60:1. Essa enorme despeza de combustivel se explica pelos seguintes motivos: 1º ignorancia do pessoal 2º andamento do forno, que deve dar fonte cinzenta de moldagem; 3º vento frio; 4º má qualidade do minerio, pouco reductivel em vista do seu elevado teor em titanio. Passam em media 50—52 cargas por 24 horas; pelo calculo verifica-se que uma carga se demora de 20 a 22 horas no forno.

Na porta do trabalho estão dois operarios, um mestre e um ajudante, encarregados das corridas de escoria e de fonte, do serviço das escorias, etc. A repreza tem, normalmente, os orificios de saida das escorias tapados com barro refractario e o orificio de saida da fonte fechada com um tampão tambem refractario; este

é obtido misturando inteiramente argilla, azeite e carvão peneirado e formando com essa massa cones de 10—12 c.m de altura que são postos a seccar numa estufa de que mais tarde falaremos. Quando o fundidor julga opportuno sangrar o cadinho, com uma alavanca fura o barro que fecha os orificios de saida da escoria e remexe o interior do cadinho; em marcha normal, as escorias escoam-se naturalmente, sem difficuldade; são escuras, de fractura conchoidal; a frio tem um matiz azul mais ou menos carregado; a sua formula aproxima-se da dos bisilicatos complexos de cal, magnesia, alumina, ferro, potassa, soda, contendo uma notavel proporção de carvão e quasi todo o titanio do minerio. Quando por desarranjo no funccionamento dos apparelhos, torna-se a marcha anormal, obtem-se um producto mais ou menos pastoso que os operarios a custo retiram do cadinho por meio de ganchos e cuja composição varia da da escoria precedente; a proporção de carvão é mais elevada, o que augmenta a pastosidade e lhe dá uma côr mais escura, e o teor em ferro tambem augmenta. Por vezes, diz o Dr. Dupré (*Memoria sobre a fabrica de ferro de S. João de Ipanema*) apparecem escorias claras, cavernosas, muito friaveis; são devidas á acção de gazes hydro-sulfurados sobre as precedentes. Temos finalmente a corrida da fonte; tres vezes por dia é ella feita: de manhã (8 horas), á tarde (4 horas) e á noite (12 horas); as duas corridas de dia são reservadas á fonte de moldagem de certas peças — a da noite é feita em lingotes no chão da officina. Os operarios durante o intervallo entre a corrida da tarde e a da noite, por meio de um guindaste retiram os lingotes provenientes da operação da vespera e preparam os moldes para a nova corrida. Para isso limpam o chão da officina junto ao forno alto; ahi existe, entre duas reguas parallelas e em declive, um quadro de terreno onde se corre a fonte em lingotes; ahi se acha areia de moldar já servida que é misturada com areia verde; revolve-se bem a massa, iguala-se a sua superficie e então com quatro ou cinco modelos principia-se a fazer os moldes dos lingotes; collocam-se os modelos perto uns dos outros sobre a terra de moldação e nella se os enterram a golpes de malho até uma certa profundidade; em seguida colloca-se sobre cada modelo successivamente uma regua furada na qual penetra o cabo do modelo e que se apoia sobre as duas reguas parallelas e inclinadas de que já tivemos occasião de falar; com o auxilio de pequenas pancadas ficam

os modelos em sua posição definitiva, tomando assim o molde de cada lingote sua forma e sua posição definitiva. Por essa forma obtem-se uma serie de 12 ou 16 moldes parallelos, collocados cada um em nivel inferior ao precedente que está mais proximo ao forno (graças á inclinação das reguas é isso obtido), e tendo cada molde uma ligeira inclinação para facilitar o escoamento da fonte liquida. Para obter o canal de distribuição, dá-se ao modelo uma posição perpendicular á primeira e faz-se por essa forma um sulco ao qual dá-se o comprimento da area occupada pelos moldes: a communicação entre esse rego e os moldes estabelece-se por meio de cunhas de ferro que são o modelo das derivações do canal de distribuição para cada molde; depois de obtida a fenda, deixa-se nella a cunha de modo a fechar a communicação com o rego; cada cunha é provida de um gancho de ferro que permitte a sua retirada facil. Isto feito reveste-se da mesma terra de moldar o interior de uma bica de ferro que liga o furo de corrida ao quadro de moldes e espalha-se moinha (carvão moido peneirado) sobre o conjunto. Agora está tudo prompto para ser feita a corrida.

Para determinar o momento em que deve ser feita pouco antes do instante provavel vai o mestre fundidor visitar as ventaneiras que em marcha normal devem se apresentar sempre claras, brilhantes, sem adherencias ás paredes pelas materias coaguladas, sem cascas, etc. Isto feito abre o registro do porta-vento fazendo parar a passagem da corrente gazosa no forno alto; voltando á porta de trabalho, por um escoamento das escorias verifica qual a altura da fonte no cadinho. Agora, agarrando uma barra de ferro de ponta acierada, encosta a sua extremidade ponteaguda contra o tampão que fecha o orificio da corrida da fonte; a repetidos golpes de malho, o ajudante força a barra a furar a argilla endurecida pelo fogo e a abrir caminho para o metal em fusão. Finalmente eis vencida a ultima barreira, e no orificio de corrida apparecem as primeiras porções da fonte em fusão, illuminando com os seus reflexos e scintillações a vasta officina escura onde se effectua a operação. O mestre fundidor serve-se da mesma alavanca para regular a saida do composto metallico; cai o jorro na bica de corrida que o dirige ao canal de distribuição; este em breve enche-se de fonte liquida; tirando agora successivamente as diversas cunhas, a partir da mais afastada do forno alto, e aproximando-se deste

vão se enchendo a pouco e pouco os moldes. Quando pelo orificio de corrida se escoam as ultimas partes de fonte liquida, vêm de envolta com ellas escorias que sobrenadam; por meio duma pá o ajudante do fundidor retem-n'as sobre a bica de corrida e lança-as de lado. Terminada a operação, o fundidor retira a alavanca e o seu ajudante fecha o orificio hermeticamente com um tampão refractario, que elle colloca na extremidade chata duma haste de ferro. Sobre os moldes cheios de fonte em braza, polvilha-se carvão moido e peneirado; em seguida, quando o resfriamento está mais adiantado, cobre-se com terra de moldar; quando a massa já está solidificada, com uma marreta se a quebra em diversos pedaços que são retirados dos moldes por meio dum guindaste e são depositados num canto da officina. Como já foi dito, alem dessa corrida para lingotes de fonte, fazem-se duas outras para peças moldadas; como o trabalho aqui é mais complicado e admitte algumas minucias na sua exposição, trataremos delle em capitulo especial após os dados economicos relativos a corrida para lingotes.

Comparando as formulas III e V, dadas no quadro da pagina 95 e relativas a 1889 e 1893 vemos que a primeira contem 52.1 de ferro reductivel por 100 de minerio e fundente, gastando-se 1,25 de carvão para 1 de minerio, emquanto a segunda contem 55,9 de ferro reductivel por 100 de minerio e fundente, gastando 1,60 de carvão por 1 de minerio. A isto accresce notar que em 1889 a producção media era de 2750 kg. por dia e em 1893 foi apenas de 1950—2000 kg; no primeiro periodo corriam as escorias fluidas do interior do forno, emquanto em 1893 eram ellas retiradas a gancho de dentro do cadinho. Será preciso dizer mais para affirmar que a direcção do coronel Mursa representa o periodo menos lastimavel de Ipanema? Consome-se mais 27 % de combustivel e produz-se 28 % em menos de fonte.

Para robustecer a nossa argumentação cingir-nos-emos ao periodo aureo da fabrica. As tres corridas diarias davam em média 2.750 kgs. de fonte; vamos calcular o rendimento do forno. Essa quantidade de fonte provinha do minerio introduzido no forno; sejam 4000 kgs. aproximadamente por dia ou 2.700 kgs. de ferro reductivel. Para termos o rendimento do forno precizamos conhecer o teor em ferro da fonte; as analyses feitas até hoje nunca o foram por ordem da usina, pois foram sempre pessoas estranhas a ella

que se deram o trabalho de determinar a composição chimica desse producto; assim é que temos analyses da Commissão Geologica de S. Paulo e da Escola de Minas de Ouro Preto; dellas se deduz a seguinte composição média:

Carbono	2,80	—	3,20
Silicio	0,64	—	1,34
Titanio	0,43	—	0,60
Phosphoro	0,42	—	0,54
Ferro	95,71	—	94,32
	100		

Nesse caso os 2.750 kgs. de fonte contêm (2750×0,95) ou 2.600 kgs. de ferro aproximadamente; o rendimento do forno será pois de $\frac{2.600}{2.700}$ ou 96,3 % e a perda de ferro na escoria é de 3,7 %. Quanto a dados sobre a resistencia da fonte, infelizmente nada ha de feito neste sentido, o que é duplamente para lastimar-se, visto como se trata de uma das poucas usinas metallurgicas, em ponto grande, estabelecidas no Brazil e por pertencer ella ao Estado. A mão de obra é cara, como se pode deduzir do seguinte quadro: ha duas turmas de quatro operarios cada uma, que se rendem de 12 em 12 horas; dura o seu trabalho do meio dia á meia noite, e da meia noite ao meio dia seguinte; alem disso semanalmente as turmas alternam, passando a turma da noite a trabalhar de dia e vice-versa.

Os salarios em 1889 eram os seguintes: bocca de carregamento: 1 chefe carregador 2$700, 1 ajudante 2$100; porta de trabalho: 1 chefe fundidor 3$800, 1 ajudante 3$200.

Esses quatro operarios recebem indistintamente o nome de fundidores.

J. P. Calogeras.

(*Continúa*).

BIBLIOGRAPHIA

4.—**Historia dos tres grandes capitães da antiguidade. Alexandre, Annibal e Cesar,** pelo Dr. Cesar Zama, deputado federal, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1894.

O livro Sr. Dr. Zama destoa muito do commum dos ultimamente publicados no Brazil, em sua maioria contos curtos de leitura facil e amena que podem ser lidos ou de viagem num *bond* ou quasi mesmo entre o jantar e o café e que são atirados a um canto, nos deixando, é verdade, agradaveis impressões. Não succede o mesmo com a « Historia dos tres grandes capitães »— deve ser lida com attenção, no nosso gabinete de estudo, póde mesmo ser relida, e guardada na estante, ha de muita vez ser tirada pelos curiosos da historia antiga. E' um repositorio de quasi tudo quanto autores antigos e modernos escreveram sobre aquelles grandes generaes, e si quanto aos factos e feitos tudo pertence a Polybio, Livio, Quinto Curcio, Cesar, Cornelio, Justino, Plutarcho, Sertorio, é do Sr. Dr. Zama a exposição, a maneira de compendial-os, o confronto dos tres guerreiros e politicos: ainda mais a cada passo se encontram observações originaes e muitas vezes adequadas ás cousas do nosso paiz. As linhas que escreveu sobre o conquistador das Gallias são primorosas e podem figurar ao lado das de Thiers, Mommsen, D. Ricardo. — Da leitura do livro se deprehende que o Sr. Dr. Z. dá preferencia ao Carthaginez. Si Alexandre nos enche de pasmo e assombro pela sua felicidade, pela extensão de suas conquistas, si admiramos em Cesar a actividade e sagacidade politica, em Annibal contemplamos o genio isento de egoismo, animado só por uma paixão — o patriotismo — de que foi martyr glorioso! Estas palavras do autor da Historia do consulado e do imperio, o Sr. Dr. Z. adopta as — *pleno corde*; é isto o que resumbra no seu livro. Investigador paciente o Sr. Dr. Z. joeirou naquelles escriptores tudo quanto se referia aos seus heroes, cuja vida recompoz quasi dia por dia descendo mesmo aos mais minuciosos pormenores. Através das paginas deste livro notemos no seu autor um espirito profundamente religioso e crente na intervenção da Providencia Divina nas cousas humanas, as crueldades muitas vezes inuteis a si proprios, praticadas por aquelles capitães causam-lhe horror, e elle como que se arrecéia de que appareça entre os coevos algum imitador! Em verdade, que fizeram de moralmente util esses afamados generaes? Depois de causarem a morte de milhares e milhares de homens jazem esquecidos no pó do passado, ao passo que o martyr do Golgotha atravessa sereno e venerado dezenove seculos e é adorado na pobre choupana do rustico. Por isso o Sr. Dr. Zama

termina o seu trabalho contemplando o livro-luz — a Biblia — e o seu espirito se robustece com os ensinamentos do Divino Nazareno que nos prometteu que « a obra da iniquidade não prevaleceerá ». — Ao ler estas linhas nos vieram a lembrança as palavras de Silvio Pellico nas *Le mie prigioni* em sua desesperada situação, — *posi la Biblia sopra una sedia, m'inginocchiai in terra a leggere, e quell' io che si difficilmente piango, prorupi in lagrime... Grazie al cielo io sapea leggerla. Non era più il tempo ch'io la giudicava colla meschina critica de Voltaire, vilipendendo espressioni, le quali non sono risibili o false, se non quando, per vera ignoranza o per malizia, non si penetra nel loro senso.*

Eis em traços largos as nossas impressões sobre a *Historia dos tres grandes Capitães*.

Deviamos parar aqui; porém, mais com o fim de dar ao autor uma demonstração de que lemos o seu trabalho com a merecida attenção, confrontando-o com as obras que possuimos, do que no intuito de fazer critica, para a qual nos falta competencia, faremos ainda diversas considerações sobre varios pontos do livro. Diz o Sr. Dr. Z. não ter encontrado em nenhum dos autores que compulsou a descripção do physico de Annibal. Ultimamente vão apparecendo edições de autores latinos com figuras intercaladas no texto, a edição de T. Livio de Benoiste Rieman traz o busto de Annibal copiado de um do museu de Napoles. No tocante a passagem dos Alpes, questões muito interessantes tem sido discutidas modernamente. De que meio se serviu Annibal para talhar a rocha e abrir passagem para o seu exercito? Por que ponto dos Alpes subiu? Uns indicam o Monte Viso, outros o Monte Cenis, o grande S. Bernardo, o pequeno S. Bernardo, o monte Genebra. M. Desjardin na sua *Geographia da Gallia Romana*, t. II, pag. 267 opta pelo monte Genebra (*Mons Janus*) 3686m alt. — Annibal subiu pela margem esquerda do Rhodano até á ilha formada pelos Alpes e o confluente do Rhodano e do Isero, seguiu a margem esquerda do Isero, entrou no valle da Romancha para passar o monte de Latonet, atravessou depois o Durance para Briançon, subiu emfim o monte Genebra para cair no paiz dos *Taurini*. — Andou muito bem o Sr. Dr. Z. affiançando a veracidade da conversa de Scipião e Annibal a respeito dos maiores generaes do mundo, e a par do testemunho de Livio e Sexto Aurelio Victor poderia collocar o de Appiano historiador grego, digno de nota, que narra aquelle episodio com mais graça e elegancia do que aquelles. Para que os leitores do Sr. Dr. Z. confrontem aquelles com o trecho de Appiano, aqui damos a sua traducção. — «Conta-se que estando um dia Scipião e Annibal em familiar colloquio, coincidiu falarem a respeito de generaes illustres na presença de muitas pessoas, e perguntando — o Africano — quem Annibal julgava ser o maior general? Alexandre de Macedonia — respondeu-lhe aquelle. No que concordando Scipião, interrogou de novo qual o segundo depois de Alexandre? O Carthaginez que considerava a audacia a maior virtude de um general, disse-lhe — Pyrro rei do Epiro: ninguem mostrou pois jamais mais audacia do que estes dois reis. Então Scipião já visivelmente contrariado, perguntou-lhe ainda a quem elle daria o terceiro lugar, esperando que ao menos esse lhe seria concedido. A mim de certo, retrucou-lhe Annibal, porquanto muito moço subjuguei a Hespanha, atravessei os Alpes com um exercito, eu o primeiro depois de Hercules, e, entrando na Italia, com pavor geral destrui quatrocentas cidades, e sem ser ajudado em dinheiro ou soldados pelo governo do meu paiz levei o terror á cidade de Roma, reduzida ao extremo perigo. Então Scipião querendo pôr termo a estes rasgos de eloquencia, accrescentou sorrindo, em que lugar tu te collocarias, Annibal, si não tivesses sido vencido por mim? O Carthaginez notando o muito ciume de Scipião respondeu-lhe: «Nesse caso eu me julgaria superior a Alexandre?» Este trecho vem no livro de Appiano, De Rebus Syriacis, cap. X.

Tratando do conquistador das Gallias como guerreiro e como politico o Sr. Dr. Z. julgou-se desobrigado de emittir opinião sobre o escriptor.— Nada nos diz sobre seu estylo, sobre a pureza de sua lingua; ainda mais, historiador de suas proprias acções Cesar é um historiador veridico? seria difficil dar uma resposta a esta questão, para isso ser-nos-ia preciso ter a historia da conquista das Gallias pelos Gaulezes... O que é certo é que elle passa por alto sobre a sua derrota em Gergovia, diminuindo-lhe o effeito, fazendo acreditar que a previra. Quanto ao estylo, Cicero e Suetonio são accordes em fazer-lhe os maiores elogios. Seus commentarios são cheios de clareza e graça, sem falsos ornatos; querendo fornecer aos outros materiaes para escrever a historia, elle tirou a todo homem sensato a vontade de escrever depois delle. Diz o Sr. Dr. Z. que Cicero ouvira muitas vezes Cesar repetir: Nam si violandum estius, regnandi gratia violandum est: aliis rebus pietatem colas. Cic. De Off. LIII.

E' um engano, Cesar pronunciava este pensamento em grego, ou antes repetia as palavras que Euripides poz na bocca de Eteocles nos Phœnissae, 524, 525.[1] Tão bello como o de D. Ricardo é o parallelo entre Alexandre e Cesar feito pelo historiador grego Appiano em 5 grandes capitulos da sua historia «das guerras civis»—Seria fastidioso para os leitores reproduzil-os aqui, podem consultar a edição de Appiano Firmin Didot, LII cap. CXLIX a CLIV.

O Sr. Dr. Z. consagra mais de metade do seu livro ao filho de Philippe da Macedonia, Alexandre Magno. Nesta parte de sua obra elle acompanha *pari-passu* Quinto Cursiu e Justino; infelizmente o autor pouco consultou os historiadores gregos. Em Appiano, Arriano, Atheneu, Diogenes, Laertis, Eupanio, Himmerio, encontraria muito que respigar para o seu assumpto. Comprehende-se, os livros classicos são raros em nossas livrarias, não haveria quem os comprasse, mui poucos são os que se entregam a estes ingratos estudos. Ora o latim, o grego, dizem todos, o latim é para o padre e o grego nem para isso! Ha pouco falámos no parallelo entre Alexandre e Cesar feito por Appiano; é digno de ser lido, é mais veridico do que o de D. Ricardo citado pelo Dr. Z.: — sinão vejamos um ponto importante. D. Ricardo diz que Alexandre apezar dos vicios e actos de crueldades, que mancharam seus ultimos annos, é igualmente pranteado por Persas e Macedonios,[2] pois bem, Justino affirma absolutamente o contrario. Os Macedonios longe de chorar nelle um concidadão, um grande rei, se regosijavam com a sua morte, como si se tivessem libertado de um inimigo, tanto odiavam sua excessiva severidade e suas guerras perigosas e continuas— *verum ut hostem amissum gaudebant, severitatem nimiam et assidua belli pericula exsecrantes.*[3] O Sr. Dr. Z. transcreve no seu livro a carta que Philippe dirigio a Aristoteles convidando-o para mestre de seu filho: não menos interessantes porém são as que Alexandre escreveu a Aristoteles e a resposta deste. Aulu Gellio as copiou do philosopho Andronico, e tanto pela precisão e esquisita elegancia de estylo, como por demonstrarem o caracter egoista de Alexandre merecem ser conhecidas dos leitores. «Alexandre a Aristoteles S. — Tu não fizeste bem em publicar tuas lições *acroaticas*. Em que serei eu superior ao resto dos homens, si a sciencia que recebi de ti fôr do dominio de todo o mundo? Eu quereria vencer pelo saber antes do que pelo poder. Adeus.»— Aristoteles ao rei Alexandre, S. Escreveste-me sobre as minhas lições acroaticas. Pensas

[1] E' isto que diz o proprio Cicero no cap. MIII. De offiels.
... inora semper Graecos versus Euripides de Phoenisis habebat, quos dicam ut potero, in condite fortasse, sed tamen ut res possit intelligi.

[2] Pag. 211 da Historia dos tres grandes capitães.

[3] Justino, LXIII. cap. 1º.

que eu deveria conserval-as secretas. Sabe que ellas foram e não foram publicadas, porquanto só serão intelligiveis para os que me tinham ouvido. Adeus.»

E' bem possivel que os tyrannos antigos pagassem melhor os seus professores que os modernos, achando, porém, exagerada a somma de quatorze mil e tantos contos dada por Alexandre a Aristoteles, quizemos estudar o valor do talento, porquanto foi de oito centos talentos aquella dadiva no dizer de Quinto Curcio, ou antes do autor do L. 1º supplementar cap. III. Entre as muitas e desencontradas opiniões sobre este ponto chegamos a conclusão de que o talento variava de valor já em diversos paizes, já nas differentes épocas do mesmo paiz. Havia o talento attico, o rhodio, o cestophoro, o alexandrino, o syracusano, o rhegino, o euboico. E' o que diz Festus no seu livro—*De significatione verborum*. Isidoro, Bispo de Sevilha, no seu livro *Originum* diz que o valor do talento attico era triplex, *id est minor, medius, summus*. O *Diccionario de antiguidades gregas e romanas* e o *Diccionario latino* de Riche e o grande de Freund dão ao talento o valor de 60 minas ou 6,000 drachmas ou 5,560 frs. 90c. O annotador de Tito Livio da collecção Nisard avalia o grande talento attico em 5.750 fr. e o pequeno 4.312fr. O talento euboico segundo Festus valia 4.000 dinheiros —3280 fr. Herodoto porém lhe assigna valor de 56 minas e 1 2 = 5,666 dinheiros = 4,666 Aulu Gellio nas suas Noites Atticas referindo uma anecdota contada pelo philosopho Sostion sobre a cortesan Lais e Demosthenes dá ao talento o valor de 10 mil drachmas,= 10 mil dinheiros ou 9.300 fr. A corinthia Lais, diz Sostion, mulher de uma belleza e graça arrebatadoras fazia um immenso rendimento. Os homens os mais opulentos de toda a Grecia corriam a sua casa, não eram porém recebidos si não dessem o que ella pedia: e era ella muito exigente, d'ahi o adagio conhecido na Grecia:

Οὐπαντὸς ἀνδρὸς Κόρινθον ἔσθ' ὁ πλοῦς [1]

Porquanto era debalde ir a Corintho em casa de Lais si não se podia dar a somma pedida. Um dia em que foi Demosthenes secretamente a sua casa, e sollicitou seus favores, ella exigiu um talento que vale 10 mil drachmas ou 10 mil dinheiros *τάλαντον ἡ μυρίας δραχμάς, hoc facit nummi nostratis denarium* decem millia, diz Aulu Gellio.

O cynismo desta mulher e a grande quantia assustaram a Demosthenes que se retirou dizendo «não compro tão caro um arrependimento» *ego paenitere tanti non emo*. Sed ipa graeca (diz Gellio) lepidiora sunt. *Οὐ τόσου γχμαι μετανοῆσαι δραχμῶν μυριάδων*. Dando portanto ao talento um valor medio de 6.000 fr. os 800 talentos equivalem a 4.800.000 fr. ou 1.900.000$000 ao par mais ou menos. Claudio Eliano, escriptor do 3º seculo, Premestino em suas *Historias varias* publicadas por Perisonio nos refere uma anecdota interessante de Appelles com Alexandre. Rinchando o cavallo de Alexandre ao aproximar-se de um pintado por Appelles, o qual entretanto Alexandre não elogiara, disse-lhe o celebre pintor: certamente, ó general, teu cavallo parece ser mais conhecedor de pintura do que tu! Atqui, Imperator, videtur equus tuus in arte pingendi esse te intelligentior. Para terminar estas despretenciosas considerações repetiremos o que dissemos acima. Neste livro não ha propriamente novidade, tem, porém, muito merecimento o Sr. Dr. Z. por ter nelle reunido tudo quanto ha esparso em differentes lugares relativo á vida dos tres grandes capitães. Hão de lel-o sempre com prazer os curiosos das cousas antigas, em cujo nome daqui dirigimos agradecimentos a seu autor.— FORTUNATO DUARTE.

---

[1] Non licit omnibus adire Corinthum. Attendendo a origem, pois, deste adagio não foi boa a escolha que delle fizeram os Srs. bachareis em direito do anno passado para seu lemma.

NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

O MUSEU PAULISTA [1]

O museu do estado de S. Paulo será inaugurado este anno. As antigas collecções do Museu Sertorio que o Conselheiro Mayrink comprou e fez presente ao estado, formaram a base deste estabelecimento, que só desde o mez de Maio de 1893, sob a minha direcção começou, a ser dirigido com um espirito scientifico. O mesmo se deu com a maior parte dos museus do mundo, collecções de curiosos, de amadores, que se tornaram estabelecimentos scientificos—No anno de 1893 o Congresso do estado votou a lei reorganisando o museu, separando-o da Commissão geographica e geologica do estado, á qual por alguns mezes estivera junto e outra lei destinando o monumento do Ypiranga para o museu. Este monumento, a obra architectonica mais bella do Brazil, como diz E. Reclus, não foi feito para tal fim, mas serve melhor para um museu que para outro qualquer destino. Dos dois andares do monumento é o superior destinado para as collecções expostas. São 16 salas, sem falar no esplendido salão de honra, onde será collocada a importante téla de Pedro Americo o « Brado da Independencia » e mais outros quadros. Já estão promptas as respectivas salas dos mammiferos, passaros e seus ovos e ninhos, peixes e a collecção numismatica. Em dois a tres mezes estarão concluidas as obras de construcção dos armarios, e mais dois ou tres mezes o museu será inaugurado e aberto ao publico. — O andar terreo é destinado á administração, bibliotheca, collecções de estudos, laboratorios e officinas. E' ponto essencial na organisação do museu o desenvolvimento das collecções de estudo, existindo por exemplo um laboratorio conchyologico como segundo não ha na America do Sul. Seguirá neste sentido o laboratorio entomologico, especialmente no caso do Congresso do estado este anno votar maior verba que no passado, em que as difficuldades creadas pela revolta justificaram a extrema economia. Caberá, pois, ao Congresso completar o pessoal scientifico do museu, que por ora consta apenas do director e do zelador, dr. F. Hilger.—Foi neste sentido grande vantagem para mim já ter dedicado no sul do Brazil quatorze annos ao estudo da historia natural e especialmente da fauna do paiz, de maneira que progrediram rapidamente as determinações scientificas,

[1] Foi correspondendo gentilmente a um pedido nosso que nos enviou esta noticia o eminente Director do Museu Paulista.

N. da R.

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que, animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica,* para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos,* etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo,* indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* aguda ou recente, *rouquidão, inflammação da larynge, dor e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são agravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos, nestes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal,** como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação deste valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *parissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *nutritivas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado,** o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, rachitismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente.*

O frasco é seguro do directorio para seu uso.

BANCO DA REPUBLICA DO BRAZIL

9, Rua da Alfandega, 9

ESQUINA DA DA CANDELARIA

TELEPHONE N.

CAPITAL	**150.000:000$000**
FUNDO DE RESERVA, c/ especial	**67.537:350$325**
FUNDO DE RESERVA	**2.774:957$090**
LUCROS SUSPENSOS	**3.882:700$894**
ULTIMO DIVIDENDO, distribuido por acção	**6$000**

PRESIDENTE

Francisco Rangel Pestana, Dr., r. D. Marianna, 9.

VICE-PRESIDENTE

Fernando Lobo Leite Pereira, Dr., trav. Senador Vergueiro, 6.

DIRECTORES

Antonio José de Lima Castello Branco, Dr., trav. de S. Salvador, 32.
Luiz Alves da Silva Porto, Commendador, r. Marquez de Olinda, 14 V
Thomaz José Coelho do Almeida, Cons., r. Larangeiras, 21.
Frederico Duval, Commendador, praia de Botafogo, 136.
Camillo de Andrade, r. Riachuelo, 254.
José de Paiva Magalhães Calvet, Dr., r. Voluntarios da Patria, 84.
Ignacio Pimentel, praia de Botafogo, 238.

CONSELHO FISCAL

João Manoel Pereira da Silva, Cons., r. Conselheiro Bento Lisboa, 85.
João Capistrano Bandeira de Mello, Cons., r. Haddock Lobo, 181.
Barão de Quartin, r. Benedictinos, 16 e Rezende.
Francisco Ramos Paz, Commendador.
Visconde S. Luiz do Maranhão, Larangeiras.
José Marques de Carvalho, Cons., Cattete.

EDIFICIO PROPRIO

9, RUA DA ALFANDEGA, 9

Esquina da da Candelaria

ARMSTRONG, PAULINO & C.

TELEPHONE 355, Endereço telegraphico—ARAMPO-RIO

RUAS DE S. PEDRO, 84, THEOPHILO OTTONI, 73,
SAUDE, 107

DEPOSITO DE MACHINAS PARA A LAVOURA E INDUSTRIA

E

Fornecedores de estradas de ferro e artigos para mineração

Machinas de vapor e caldeiras, rodas d'agua, engenhos de moer canna, ditos de serrar madeira, bombas, pulsometros, moinhos de fubá, encanamentos para agua, gaz e vapor. Ferro galvanisado e fundido e fabricantes de canos de chumbo de agua e gaz, machinas para mandioca e fumo, transmissões, polias, mancaes, luvas e todas as miudezas que pertencem a este ramo de negocio.

ENGENHO CENTRAL

Para descascar e beneficiar café

Têm sempre grande sortimento de correias de couro, algodão e borracha.

ENCARREGAM-SE DA CONSTRUCÇÃO E MONTAGEM DE QUALQUER MACHINISMO

LIVRARIA INTERNACIONAL

F. Briguiet & C.

16 e 18, Rua Nova do Ouvidor, 16 e 18

LIVROS E MATERIAL DE ENSINO

Comte (Auguste) Géométrie analytique, precédé de la Géometrie de Descartes, 1 vol. enc. 10$000.

Os compradores desta obra receberão um exemplar do opusculo: Notice sur la place de la Géométrie analytique dans l'ensemble de la vie et de l'œuvre d'Auguste Comte por R. Teixeira Mendes.

Museu Escolar Brazileiro, adaptação do «Musée Scolaire» Deyrolle, pelo **Dr. Menezes Vieira** (ex-director do Pedagogium).

Estão á venda desde já os seguintes quadros:

1.° O esqueleto (quadro duplo), 2.° Apparelho digestivo, 3.° Apparelhos respiratorio e circulatorio, 4.° Orgão dos sentidos, 12° Aves, 13 Reptis, 14.°, Peixes, 15° Molluscos, 16° Crustaceos, 17° Insectos uteis, auxiliares e nocivos ao homem.

Preço dos 11 quadros em uma caixa com dobradiças 35$000.

(Os compradores desta collecção receberão um mappa escolar do Brazil.)

No prélo, para apparecer em 1 de Janeiro de 1895.

Dr. Pires de Almeida Analyse clinico-chimica das urinas e exame dos escarros (format de poche) 2$000.

A receber brevemente da Europa:

Miss Martineau - Resume de la philosophie positive de Auguste Comte, traduction de d'Avezac-Lavigne, 2 vol. enc. 20$000).

Temos sempre em nossa casa um bem escolhido sortimento de livros de direito, engenharia em todos os seus ramos, medicina, etc., etc. **Encommendas da Europa com a maior brevidade. Especialidades em material escolar:** Mappas geographicos, cosmographicos, do systema metrico, de geometria, de sciencias physicas e naturaes, etc., etc. Globos, espheras, apparelhos do systema metrico, solidos, geometricos, pedras quadros pretos, peças anatomicas, animaes empalhados, etc., etc.

GRANDE

ARMAZEM DE VINHOS

DE

João Antonio da Costa Carvalho

Recebidos directamente das primeiras casas e fabricas da Europa como vinhos de Bordeaux, Bourgogne, Champagne da Viuva Clicquot e outros vinhos do Rheno e do Porto, licôres de todas as qualidades, conservas alimentares, e todos os numerosos artigos pertencentes ao seu commercio.

COMPLETAMENTE SORTIDO COM GENEROS DE PRIMEIRA QUALIDADE

POR ATACADO E A VAREJO

40 RUA DO HOSPICIO 40

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS. VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

Lições de politica positiva, professadas na academia de Bellas-Artes por J. V. Lastarria, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Chile nas Republicas do Prata e no Brazil, etc. traduzidas do hespanhol por Lucio de Mendonça, 1 vol. com perto de 500 paginas, nitidamente impresso e bem enc..... 10$000

Manual da justiça federal ou compilação das leis da sua organisação e das que lhes são referentes, annotadas pelo Dr. Alencastro Autran, juiz de direito, 1 vol. brochado 3$, encadernado..... 4$000

Acções de divisão e demarcação de terras particulares, pequeno tratado contendo a consolidação das disposições relativas a materia, um formulario d'estas acções e o Regulamento que baixou com o decreto n. 720 de 5 de Setembro de 1890, pelo advogado Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes, 1 vol. com perto de 200 paginas e bem encadernado..... 6$000

Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brazil, commentada para uso das faculdades de direito e escolas normaes, por Manoel Godofredo de Alencastro Autran, juiz de direito em disponibilidade, 1 vol. nitidamente impresso, brochado 2$, encadernado..... 3$000

Guia eleitoral, contendo na sua integra a lei n. 35 de 27 de Janeiro de 1892, convenientemente annotada e seguida de formularios para todos os actos de alistamento e das eleições, pelo Dr. Alencastro Autran, 1 vol. brochado 2$, enc..... 3$000

Das fallencias e respectivo processo, segundo o decreto n. 917 de 24 de Outubro de 1890, annotado de accordo com a legislação vigente, pelo Dr. Manuel Godofredo de Alencastro Autran, juiz de direito, 1 vol. brochado 3$, encadernado..... 4$000

Ensaios juridicos, pelo Dr. Viveiros de Castro (*Ignotus*), 1 nitido volume de 68 paginas, brochado..... 1$500

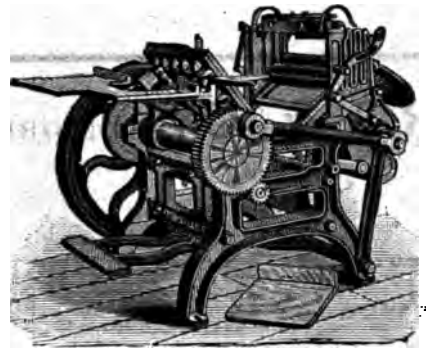
Estudos do direito, pelo Dr. Tobias Barreto, publicação posthuma, dirigida pelo Dr. Sylvio Romêro, 1 vol. in-8°, de perto de 500 paginas, nitidamente impresso, encadernado..... 12$000

Do casamento civil, segundo o decreto n. 181 de 24 de janeiro de 1890, annotado e seguido do respectivo formulario, 2ª edição melhorada pelo Dr. Alencastro Autran, juiz de casamento na cidade da Victoria, Espirito Santo, 1 vol. brochado 3$000 encadernado..... 1$000

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (Idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

A Exposição Typographica Permanente

da

Companhia Typographica do Brazil

Acha-se aberta e franqueada, todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 4 da tarde aos Srs. Proprietarios de Typographias, Editores, Redactores de Jornaes, emfim a todos que se interessam pelas artes graphicas em nosso paiz.

RETRATOS PARA SEREM PUBLICADOS EM JORNAES, ETC.

Preparam-se em zincographia pelo preço de 40$000 ou em xylographia pelo preço de 60$000

PAPEL DE IMPRESSÃO

Remette-se gratis e franco de porte variada collecção de amostras de papel de diversas qualidades á todas as typographias que a pedirem.—Esta Companhia encarrega-se de Remessas periodicas de Papel de Impressão, mediante diminuta commissão e em condições vantajosas.

PRECISA-SE

nesta Companhia de bons Agentes, em todas as localidades, para a venda de **Carimbos de Borracha, Placas e Cartazes dourados, Caixas de Papelão** e outros artigos.

D á-se bôa commissão!

LIVROS E ROMANCES HESPANHÓES

ULTIMAMENTE CHEGADOS E A VENDA NA

Livraria Laemmert & C.

MOUBELLAN (D. S) **JERUSALEM.** Viaje pintoresco, romantico y caprichoso por Grecia, Asia menor, Terra santa, Egipto y España, con curiosas y veridicas narraciones de pueblos, typos, trajes y costumbres de griegos, turcos y judios, arabes, y beduinos del desierto: cerimonias de semana santa em Jerusalem y episodios recreativos utiles y entretenidos de la vida intima y social de las razas orientales. 2 vol. ilustrados por Eusebio Planas, con el juicio critico, del eminente literato y academico D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe que se repartirá al final de la obra..... 20$000

D. THEODORO BARO', Un drama en la aldea, ilustrada con preciosas laminas por el reputado artista D. Eusebio Planas. 2 vols.. 18$000

D. MANUEL FERNANDEZ Y GONZALEZ. El pastelero de madrigal (Memorias del tiempo de Filippe II), com grabados, 2 volumes..... 20$000

ALEXANDRE DUMAS (padre) **La reina Margarita.** Novela historica, original, com grabados..... 10$000

J. R. DEL VALLE: La Mascota. Novela popular ilustrada con profusion de cromos y grabados, 2 vols ..... 20$000

D FELIPE DE BURGOS: La campana de la Almudaina. Novela historica baseada sobre el drama de igual nombre, com grabados. 1 vol..... 10$000

D. IGNACIO GARCIA MALO: La voz de la naturaleza ó el espejo de la juventud. Coleccion de ejemplos praticos de virtud, moralidad, y honradez. 2 gruesos vols. com grabados..... 20$000

EL CAMARADA. Semanario infantil, ilustrado por artistas nacionales y estranjeros 1 grueso vol..... 20$000

SWIFT: Viajes del capitan Guliver continuados com los de su hijo Juan Gulliver 2 vols. com grabados..... 16$000

D. FERNANDEZ Y GONZALEZ: Los mártires de la familia (Memorias de un sacristan) 2 gruesos vols. com grabados..... 20$000

HERNANDEZ Y FERNANDEZ: Las maravilhas del nuevo mundo. Aventuras de una expedicion cientifica por el Atlantico, las Pampas Argentinas, los Andes, Chile, el Océano Pacifico, las Tierras Australes, la Tierra del Fuego, la Patagonia, el Paraguay y el Gran Chaco. Caccerias y pescas interesantes, caracter y costumbres de los indigenas, etc. etc. 2 vols. con muchos grabados..... 20$000

VICTOR BALAGUER: D. Juan de Serralonga. Novela original ilustrada con ocho laminas estampadas en lithografia. 2 vols..... 16$000

D. S DE MOUBELLAN: El paraizo humano, ilustrado por D. Eusebio Planas. 2 gruesos vols ..... 20$000

ABDON DE PAZ: La biblia de las mujeres, 1 vol. ilustrado com muchos grabádos..... 10$000

FREDERICO SOLES: La batalla de la vida. Obra ilustrada con profusion de magnificas laminas del renombrado artista D. Euzebio Planas, 2 gruesos vols..... 20$000

D. RAMON ORTEGA Y FRIAS: Las dos reinas. Memorias de um paje, y un capuchino. Novela historica original. 2 gruesos vols. ilustrados con muchos grabádos..... 20$000

EUGENIO SUE: Memorias de un marido. Esplendida edicion ilustrada con ricas laminas, 1 grueso vol..... 12$000

EUGENIO SUE: Los siete pecados capitales. Obra ilustrada con magnificos laminas 2 vols..... 20$000

FERNANDEZ Y GONZALEZ: Las buenas y las malas madres. Novela de costumbres, ilustrada com magnificas laminas del renombrado artista D. Eusebio Planas. 2 vols..... 20$000

FERNANDEZ Y GONZALEZ: Los amantes de Fernel. (Tradicion de la edad média) ilustrado con magnificas laminas. 2 vols..... 20$000

D. ANTONIO DE TRUEBA: Obras populares.—Cuentos de color de rosa—Cuentos populares—Cuentos campesinos—Cuentos de vivos y muertos—Cuentos del hogar—Cuentos de varios colores—El libro de los cantares—Capitulos de um libro. 2 gruesos vols. ilustrados..... 20$000

D. JUAN CORTADA: La voz de la conciencia ó el libro de la familia. Colecion de ejemplos morales. 2 gruesos vols. ilustrados com magnificos grabádos..... 20$000

ENRIQUE PEREZ ESCRICH: Los elegidos. Novela de costumbres magnificamente ilustrada. 2 vols..... 20$000

DUPANLOUP (Mgr.) **La educacion** de las hijas de familia y estudios que convienen á las mujeres en el mundo, 1 vol..... 5$000

HISTORIAS EXTRAORDINARIAS. Gran colecion de historias, novelas, cuentos e legendas fantásticas por Hoffmann, Edgard Poe, Alejandro Dumas, Lord Byron, Washington, Irving, E. Rochefort, Samuel Warrens, Adrien Robert, J. Laprade, etc., etc. Vertidas al castellano, ilustradas con magnificas laminas, 2 vols..... 20$000

EL MUSEO DE LA JUVENTUD. Publicacion dedicada á la infancia—adolescencia—familia por Manuel Arauda y Sanjuan, 2 ricos volumes con grande profusion de grabádos..... 20$000

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

Rua dos Invalidos, 93 — Rio de Janeiro

(Antigo Estabelecimento Laemmert & C.)

Endereço Telegraphico: — « TYPOS-RIO »

Esta Companhia acaba de reformar todas as suas Officinas graphicas com a acquisição das machinas as mais modernas, as quaes lhe permittem encarregar-se de qualquer trabalho concernente ao seu ramo de negocio:

TYPOGRAPHIA:

Impressão de Obras, Edições de Livros, Theses, Facturas, Notas, Cartões, Circulares, etc.

ENCADERNAÇÃO:

Registros, Livros em branco, Diarios, Brochuras, Cartonagens, etc.

PAUTAÇÃO e RISCAÇÃO — ESTAMPARIA
CARIMBOS DE BORRACHA

LITHOGRAPHIA:

Gravura e Impressão de Acções, Letras, Debentures, Diplomas de Sociedades, Mappas Geographicos e Plantas Topographicas, etc.

ZINCOGRAPHIA:

Gravura e Reproducção de Clichés, Retratos, etc.

STEREOTYPIA E GALVANOPLASTIA
FUNDIÇÃO DE TYPOS

ACABA DE INAUGURAR A

EXPOSIÇÃO TYPOGRAPHICA PERMANENTE

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Ramiro M. Costa & C., F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** Germano Goeldner—**Curytiba:** (Paraná) Companhia Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição, duas vezes intelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral da nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

COLLABORADORES

Acauã Ribeiro — Affonso Arinos — Affonso Celso — Alberto de Oliveira — Alcindo Guanabara — Alfredo Alexander — Alonso Adjuto — Araripe Junior — Arthur Azevedo — Aureliano Portugal — Barão do Rio Branco — Barão de Alencar — Barão Homem de Mello — Barbosa Rodrigues — Borges Carneiro — Capistrano de Abreu — Carlos de Carvalho — Carlos França — Carlos de Laet — Carlos Parlagreco — Carlos Seidl — Castro Rebello Junior — Coelho Netto — Constancio Alves — Domicio da Gama — Delgado de Carvalho — Ed. Chapot Prevost — Emilio Goeldi — Erico Coelho — Eugenio Gabaglia — Fausto Barreto — Fausto Cardoso — Francisco de Castro — F. Fajardo — Fortunato Duarte — Getulio das Neves — Graça Aranha — Herculano de Freitas — Henrique de Sá — Hilario Peixoto — Joakim Catunda — Joaquim Caminhoá — Joaquim Nabuco — J. Caldas Vianna — José Hygino — Julio de Moura — Leonidas de Sá — Leopoldo Miguez — Lucio de Azevedo — Lucio de Mendonça — Luiz de Albuquerque — Luiz Detzi — Macedo Soares — Machado de Assis — Magalhães de Azeredo — Manoel Victorino — Marcio Nery — Medeiros e Albuquerque — Olavo Bilac — Orville Derby — Paula Lopes — Paulo de Frontin — Pedro Tavares — Ramiz Galvão — Raymundo Corrêa — Rodrigues Peixoto — Rodrigo Octavio — Rodrigues Barbosa — R. von Ihering — Said Ali-Ida — Sylvio Roméro — Souza Bandeira — Teixeira Brandão — Teixeira de Mello — Teixeira de Souza — Thomaz Delfino — Thomaz Cavalcanti — Torquato Tapajoz — Ubaldino do Amaral — Urbano Duarte — Vicente de Souza — Virgilio Damazio — Virgilio Varzea — Visconde de Taunay — Viveiros de Castro, etc., etc.

AVISO

Pedimos ás pessoas que nos fizeram a fineza de aceitar listas de assignantes o favor de as devolverem ao Sr. Paulo Tavares, gerente da *Revista Brazileira*, rua do Ouvidor 66, Rio de Janeiro.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO—TOMO I 5.° FASCICULO 1 DE MARÇO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **Sonhos Funestos**, drama colonial, (*Conclusão*), por **R. OCTAVIO** 257

II. **Um Literato argentino—D. M. G. Mérou**, pelo **VISCONDE DE TAUNAY**. 280

III. **A Fabrica de Ferro de S. João de Ipanema** (*Continuação*), por **J. PANDIA' CALOGERAS**, Engenheiro do Estado de Minas 290

IV. **Estudos de linguistica—II. A collocação dos pronomes pessoaes**, por **M. SAID ALI**, do Gymnasio Nacional. 301

V. **O estudo da legislação comparada** (*Conclusão*), por **J. C. DE SOUZA BANDEIRA**, professor da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas do Rio de Janeiro 315

VI. **Bibliographia** 327

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

A TAPERA

I

Foi com tristeza e saudade que perdi de vista, desviando-me para o caminho das tropas, esse limpido riachão da Penitencia cujo murmurio brando me trouxera, suavemente distrahido, desde as ferteis planicies do meu sitio, onde as suas aguas se derramam em rega perenne e fecunda, banhando as raizes dos cajueiros e balouçando as igarités de pesca.

Longo tempo a voz de elegia com que as aguas passavam por entre pedrouços, carreando lyrios, encantou-me como si o riachão me acompanhasse amigamente por esses extensos campos, cantando como os vaqueanos que viajam leguas e leguas pelo sertão bravo a dentro com um clavinote á bandoleira, o largo facão a cinta e uma canção guaiada dolentemente.

Fosse impressão ou porque, em verdade as aguas rolassem perto, só para o meio dia, sol a pino, cessei de ouvir o murmurio do riachão e, causticado pela soalheira abrazante, deixei-me levar ao passo desensoffrido do meu cavallo viageiro que trotava, arquejando, através da campina, até que uma alameda de arvores veneraveis poz em meu caminho, como um oasis remançoso, uma opportuna sombra affavel. Era um carreirinho estreito, forrado de folhas, guizalhante do trillar dos grillos, cheio do aroma sylvestre das resinas que escorriam em fios de ambar pelos troncos robustos.

O animal, em suor, resfolegava, as narinas soffregamente dilatadas, sorvendo, com ancia, a humida frescura dos ramos, baixando,

por vezes, a cabeça para apanhar a herva tenra que crescia, mimosa e abrigada, entre as fortes raizes das grandes arvores.

Curto, porém, foi esse aprazivel caminho e logo o sol flammejante reappareceu sobre um campo silencioso e razo, de herva murcha que brotava dentre pedregulhos, onde um boi apenas vivia, com o focinho enterrado no pasto entanguido e pecco, fustigando a anca ossuda com a cauda pellada de gafeira. Sentindo-me levantou a cabeça e, seus grandes olhos serenos e submissos fitaram-me tranquillamente e, como para saudar-me, deu um passo moroso, alongou o pescoço e mugiu. Passei por elle e fitando-me ficou-se a ruminar, com um fio de baba a escorrer-lhe do focinho escuro.

Não longe era a mata da Penitencia, densa e virgem.

O ar abrazava e. apezar das nuvens que corriam em manadas velando, por vezes, a claridade, o solo tinha a evaporação de um forno e um vapor tenue, translucido, fremia no ar como uma levissima gaze diaphana agitada pelo vento.

Por vezes, acima da minha cabeça, retinia um grito d'ave e alto, no ceu fulgurante, corvos circulavam num halo negro dentro do qual o disco do sol rutilo, luzia.

A' curta distancia da mata, quasi ao chegar ás primeiras arvores, vi surgir um lento animal de cargueiro, fulo, escaveirado, tropego: vinha num trote, balançando as orelhas bambas e, sobre o lombo, as pernas cruzadas á oriental, um tabareu macambuzio, um pito nos beiços, trazia os olhos extasiados como um fakir penitente.

As patas do meu cavallo, resoando nas pedras, despertaram o sertanejo. Levantou os olhos e, dando commigo saudou-me, á maneira religiosa dos serranos, tirando o seu largo chapeirão de couro acabanado:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

— Para sempre seja louvado! E, sem mais, para acertar o itinerario, indaguei: — Onde vai ter este caminho, camarada?

— Indo vosmecê por este carreiro fóra vai ter direitinho na Tapera de Santa Luzia onde vive o *velho*. A' mão direita é o caminho do *Missionario*, onde ha mucambos; é mato bravo, patrãosinho, vai dar na serra.

— Qual é o melhor caminho para o sitio dos *Reis Magos*?

— Beirando o rio. Mas por aqui tambem se vai lá, é até melhor por causa da sombra. O que tem é que se passa nas terras do mal assombrado. Indo por aqui, no seu vagar, vosmecê vai chegar no sitio com a lua.

— E não ha risco em atravessar as terras de Santa Luzia?

— Com Deus no coração eu vou caminhar no inferno, patrãosinho. Ainda si fosse sexta-feira...! Mas hoje é dia de Nossa Senhora... e tocou na aba do chapeirão. Tenha fé e deixe vosmecê andar quem anda. Eu viajo desde que me conheço e ainda não me aconteceu cousa de maior. Tenho o meu breve e não devo nada a ninguem. Um risinho enrugou-lhe o rosto; cuspiu por entre dentes, num pincho, e continuou: — Nunca topei com o damnado... e que topasse!

— E os caminhos?

— Que nem trilha d'onça: é samambaia que Deus manda. Ainda assim ha outros peiores por esse sertão velho. Dentro da mata é fresco e não tem que saber—o caminho é um só que vai num estirão até Santa Luzia...

— Deus lhe pague, camarada.

— Não ha de que, patrãosinho. E que a Virgem acompanhe vosmecê. E apartámo-nos.

O pangaré ganhou o seu trotinho lento. Cravei as esporas no meu cavallo e, em pouco, alcançava a orla da mata.

Era a grande, a inexplorada selva primitiva, a veneravel floresta das eras barbaras, templo angusto das tribus. A alma forte, a alma selvagem e ingenua da raça banida parecia errar, peregrina, pelos meandros obscuros, fazendo com que a selva contasse a sua tradição gloriosa. A principio, com uma leve aragem, era um susurro de mysterio como o canto prophetico do pagé e crescia: era já o côro guerreiro da tribu, cantado, nos tempos cruentos da peleja, antes da marcha heroica contra a taba inimiga; mas um vento forte passava, debatiam-se os galhos convulsivamente e o estridor subia grande, resoante, epico como o de um encontro valido de bravos, ao estrupidar enfurecido das tangapenas brandidas, ao silvo agudo das flechas, através da algazarra, emquanto as inubias, sopradas com furia, espalhavam, uivando soturnamente, de palmar em palmar, o vozeirão tremendo do combate.

Selva augusta, de velhos troncos intactos, jamais feridos pelo gume dos ferros. Galhos caíam, encanecidos de musgos, folhas accumulavam-se no solo macio e fofo, amarellecidas, encarquilhadas, sob a protecção da immensa abobada das ramas sempre verdes e a vida continuava num renovamento perenne, a podridão fecundava a primavera, a folha que se convertia em lama resurgia em seiva; um fluido vital corria ininterrompidamente rejuvenescendo a floresta.

Brotavam flores em arvores centenarias e, pelos troncos vetustos quasi apodrecidos, renovos apontavam de folhas tenras, já abotoando Lianas cruzavam-se em cordoalhas grossas duma arvore a outra, filandras caíam em chuva d'ouro franjando garridamente os galhos e parasitas em flor arrecamavam jequitibás severos. A tona de uma lagôa, coalhada de mururú, insectos voavam em lucido bando subindo e descendo por um raio do sol como por uma teia e nimbus de luz fulguravam n'agua dormente como nelumbos de ouro. Aves penserosas, tristonhas, num pé só, miravam a lagôa immovel; nos altos ramos araçarys chocarreiros taralhavam e, de quando em quando, num vôo pesado, uma arara atravessava o labyrintho da folhagem com um grito agudo que repercutia.

Longo e de enlevo foi todo o tempo da travessia. Vinha caindo suavemente o crepusculo quando surgi em um campo de samambaias e de bertiogas, onde havia ruinas. Era a tapera. Lá estavam os destroços da antiga casa, o indicio dos curraes, restos de senzalas sem tecto, as paredes esburacadas, sem o adobe, mostrando as ripas, num desnudamento de arcabouço; fornos de barros, entre moutas, altos como cupins, a olaria, a moenda primitiva e, tombado sobre um sulco, o carretão carunchoso com os fueiros hirtos cobertos de cogumellos bravos.

A ortiga imperava de extremo a extremo, avassalando tudo, o capim grosso ondulava ao vento num flexuoso oceano de verdura. Ouvia-se o rumor escachoante do rio que rolava perto, saltando as pedras, num estuar perenne, monotono e tristonho, molhando as terras melancholicas da solidão.

Livres, sem encontrarem o embargo humano, as arvores independentes iam, aos poucos, conquistando a terra numa invasão lenta, dia a dia. Nos sulcos do arado antigo resurgiam, para novos florescimentos, troncos de aroeiras abatidas outr'ora; nas ruinas nascia com

exuberancia a parietaria, e as raizes dos jequitibás gigantes, retorcendo-se á flor da terra, repelliam e trituravam as vigas carcomidas e tudo mais que ainda resistia ao tempo attestando a passagem de uma éra de vida humana nesse desamparo que em breve cederia á compressão formidavel dos vegetaes invasores.

O farfalho das arvores era sonoro e grandioso como um hymno de triumpho; sentia-se o orgulho, a alegria da flora altiva e pujante que vinha tomando o sitio, palmo a palmo, coberta de flores e de ninhos, num delirio festival, como um povo que reconquista a patria e entra por ella, em jubilo, agitando palmas, ao som dos velhos hymnos epicos da sua gloriosa raça. Os ramos moviam-se como braços combatentes e, quando uma lufada passava, com o espadanar frenetico dos galhos, tinha-se a visão tragica de um grande movimento de pelotões compactos partindo, cerradamente em arremettida guerreira.

Cada primavera que vinha trazia para as arvores nova provisão de seiva; as chuvas, que contribuiam para a destruição das paredes que ainda resistiam, davam mais vigor aos sitiantes e a floresta marchava heroica para aquelle descalabro com o fragor atordoante das ramarias convulsionadas pelos ventos.

Os animaes desciam do coração da selva para repousar nos velhos bancos de pedra que a hera ia brocando, cobras tranzidas dormiam enroscadas debaixo do antigo altar que se conservava de pé, na basilica florestal, marcando o sitio da capella; e á noite as *ciganas* ribeirinhas vinham perambular na varanda, cantando á lua.

Estaquei o animal e, á meia luz amavel da tarde cheirosa, cheia do canto dos passaros e do chiar das cigarras que ali tinham repouso tranquillo, fiquei a olhar, com enternecida piedade, aquella ruinaria muda. Santa Luzia, famosa em todo o alto sertão, terras ferteis de plantio e de gado, onde os marneis verdejantes de arroz eram vastos como campinas, cannaviaes perdiam-se de vista e, no tempo do algodão, toda uma grande selva ficava como si a neve dos invernos a tivesse coberto de flocos.

Para os pastos uberrimos, caminhavam no tempo da vaquejada, centenas d'homens, cobertos de couro, de aguilhada e laço, como uma horda de guerra, lança em riste seguindo para conquistas, e manadas indomitas dormiam, á luz dos astros, livremente, como bestas bravas,

em torno dos casebres dos campeiros, erguidas sobre giráus feitos de grossos troncos.

A's festas do Natal na capella destruida, acudiam outr'ora romarias de toda a parte—o terreiro enchia-se de palhoças, redes balançavam-se entre duas arvores e era festivo o aspecto desse povoado de romeiros que dia e noite, em molle quebranto, desferiam trovas em desafio aos ponteados vivos nas violas enfeitadas e até Reis, diariamente, um boi nedio era amarrado pelos cornos ao moirão e carneado para repasto dos serranos que vinham cantar em torno do presepio louvando o Menino Deus.

Homens antigos falavam ainda, com saudade, das festas de Santa Luzia, gabando Honorio Silveira, o moço proprietario das terras ricas, senhor da serra e da campina que fizera silvar, pela primeira vez, nessas paragens, o apito das machinas attrahindo os tabareus medrosos para o engenho, onde os rusticos demoravam atterrados, maravilhados, acompanhando o movimento celere das rodas com terror supersticioso. Alguns procuravam descobrir os animaes que punham em movimento o mecanismo e persignavam-se recuando diante do motor abrazado como si o proprio diabo ali estivesse captivo, trabalhando para o senhor famoso.

Mas uma calamidade caiu sobre Santa Luzia devastando-a como uma peste. Honorio Silveira, antes de um anno de casado, perdeu a mulher em circumstancias tão mysteriosas, que logo correu que o diabo a arrebatara, á meia noite de uma sexta-feira aziaga.

Em verdade a crendice tinha, até certo ponto, razão de ser. Logo que se deu pelo desapparecimento da senhora, Honorio Silveira, ajuntando toda a sua gente, escravos e camaradas, despachou-a em procura da desapparecida, e serras e campos foram batidos. Á noite, com fachos, conhecedores das matas penetravam no denso arvoredo, com alarido, chamando a senhora; feras desalojadas galopavam espavoridas e, rio abaixo, eram canôas que singravam com pescadores procurando, nos remansos d'agua, entre o mururú mimoso, o corpo da sumida.

Não houve canto nem grota que fossem esquecidos e, como havia a promessa de uma gratificação farta ao que descobrisse, morta ou viva, a esposa amada, temerarios, açulados pela ambição, penetravam em furnas com risco de morte: e tudo foi baldado entanto. Quando

tornaram ao sitio já Honorio Silveira bramia desvairado, ameaçando com armas quantos se lhe aproximavam. Para uns enlouqueceu de amor, outros, porém, e em maior numero, julgavam-n'o uma victima do demonio. E, a pouco e pouco, como um açude que escôa, a gente foi desertando o sitio, emigrando, para fugir aos gritos lancinantes com que á noite, pela escuridão, o senhor percorria o terreiro, perseguido pelos cães que uivavam lamentosamente fazendo com elle um côro sinistro e macabro. E Santa Luzia, deserta, foi emmudecendo, como um corpo que, lento e lento, esvaindo-se, emmudece e morre.

COELHO NETTO.

(*Continúa*).

A SCIENCIA PSYCHICA

SEGUNDO A THEORIA DE MYERS

Ha uma forma de monismo cuja theoria do mundo se basea nas analogias do nosso proprio espirito e que suppõe para os phenomenos cosmicos, até os mais materiaes, um *substratum* espiritual operando no universo segundo leis da intelligencia. A concepção desta escola, attraente para alguns, curiosa para todos, melhor se apprehenderá com uma comparação tirada da optica. Sejam, pois, duas côres visinhas do arco-iris succedendo-se uma a outra sem solução de continuidade, mas passando por uma terceira côr que resulta da contiguidade dellas. Assim o vermelho de passagem para o amarello confunde-se com a côr de laranja e esta tornando-se cada vez mais clara, acaba no amarello puro. A luminosidade existe nas duas côres principaes e na côr mixta intermediaria, tornando-se porém, cada vez mais intensa na passagem para cima. Da mesma maneira se pode imaginar a juxtaposição dum mundo de phenomenos materiaes e dum mundo de phenomenos intelligentes e a existencia para ambos de uma substancia espiritual, que, a modo da luminosidade no caso das côres, constitue uma essencia commum evidenciando-se cada vez mais na passagem para cima. Do contacto intimo dos dois mundos nascem as manifestações vitaes e sensiveis, intermediarias entre os factos physico-chimicos e os factos intelligentes, havendo entre uns e outros gradações tão imperceptiveis como as da côr de laranja que une o vermelho e o amarello.

Segundo este modo de pensar, o materialismo, que vê tudo vermelho, e o idealismo, que vê tudo amarello, estão igualmente afastados da verdade. A unidade denuncia-se no *substratum* efficiente commum aos dois mundos e não nas suas varias manifestações phenomenaes — por outra, ella não se acha na côr, mas, sim, na luminosidade que produz as côres. E' verdade que esse *substratum*, sendo em si immaterial, esquiva-se ao peso e á medida; mas a sua natureza transparece no apparente emprego de meios para um fim, que se observa na evolução dos seres terrestres. A tendencia é sempre do inferior para o superior, do simples para o complexo, do menos perfeito para o mais perfeito.

Os mineraes, affectando formas regulares—os organismos vivos, adaptando-se no seu desenvolvimento ás condições do meio, parecem no seu progresso ascendente obedecer a uma tenção final. Ao inverso do que muitos apregoam, é só á luz dos aperfeiçoamentos posteriores que podemos nutrir a esperança de explicar os começos da vida e suas relações com a materia.

Com effeito, o methodo ontologico põe em relevo um outro desenvolvimento alem daquelle que é propriamente organico, apontando a significancia dos phenomenos psychicos da região côr de laranja. Na evolução dos seres terrestres surgem como de fontes invisiveis, a vida, a sensibilidade, a consciencia, o raciocinio, que cada vez mais se aproximam da intelligencia pura. E devemos notar que as funcções intelligentes, nascidas assim no decurso evolutivo, não se apresentam como o total de propriedades meramente physico-chimicas, que dariam somente uma somma da mesma especie. A multiplicidade de phenomenos de ordem inferior se acha ao tempo proprio reunida na unidade de um phenomeno superior — de uma funcção que apparece em scena quando as condições materiaes são adequadas e que, sem perder o seu caracter essencial, dirige as actividades inferiores, diffundindo-se por ellas e dando-lhes uma tonalidade differente; assim como o amarello da nossa comparação se funde com o vermelho para produzir a côr intermediaria. Não é sorprehendente, pois, o facto apontado pelo naturalista Wallace que na luta pela existencia têm sido victoriosos os animaes de cerebros mais bem desenvolvidos, visto que, segundo a theoria, os organismos deviam-se adaptar a uma evolução que tem por alvo o aperfeiçoamento da intelligencia com as suas consequencias moraes e intellectuaes.

O espiritualismo monista parte necessariamente da supposta immaterialidade do ser pensante e do facto que as unicas cousas de que temos conhecimento directo são as reacções subjectivas. Formulamos as sciencias do mundo objectivo em termos da nossa consciencia e deduzimos a realidade externa da constancia e uniformidade dos perceptos internos. No que respeita o nosso saber, porém, a luz com as suas varias côres, as harmonias da musica, os barulhos da rua, o sabor das frutas, a resistencia quando tocamos um corpo duro, não são em ultima analyse mais do que factos da consciencia. Exteriorisamos esta percepção attribuindo falsamente a um instrumento de musica a harmonia, a uma laranja a doçura, ao ferro ou marmore a dureza; e tão imbuidos nos achamos nesta impressão de exterioridade que só a reflexão nos lembra de quanto é subjectiva. A unica cousa de que temos sciencia directa é da corrente dos nossos pensamentos e um sceptico que rejeitasse todos os dados de que não tivesse conhecimento immediato seria reduzido ao *cogito ergo sum* de Descartes. Postular, pois, uma causa immaterial inherente nos phenomenos cosmicos é apenas argumentar do conhecido para o desconhecido e os factos da evolução prestam-se, como vimos, a este argumento.

Mas, dirão os psycho-physiologistas, essas mesmas percepções são apenas o producto psychico do estimulo de centros cerebraes por correntes nervosas chegando da peripheria—estimulo material de mudanças moleculares, acompanhado de phenomenos thermicos e de nutrição. Estas, com effeito, são as condições reconhecidas da ideação cerebral; mas só os illogicos confundem a condicção com a causa.

A chamada corrente nervosa, embora a modo dos phenomenos da região intermediaria—coincida numa parte de seu trajecto com um acto da consciencia, dá como resultado unico do trabalho mecanico—não aquelle acto—mas certos productos materiaes desintegrados.

Uma imagem perceptiva é *toto cœlo* differente, não só da realidade do objecto percebido, como da funcção do mecanismo organico que serve para a transmissão. Cada ideia que passa diante da consciencia é essencialmente immaterial e furta-se ao jogo dynamico dos phenomenos de ordem inferior, dos quaes recebe apenas as impressões que admitte a intelligencia. E si as ideias isoladas se

apresentam diante da introspecção como immateriaes em si, com mais forte razão podemos allegar a immaterialidade das faculdades que ponderam e escolhem. Emfim, a relação que une tão estreitamente a psychose e a neurose—a funcção ideal e a funcção nervosa—bem poderia pertencer ao *substratum* espiritual de que falamos — á luminosidade cosmica, base commum em cada individuo da cerebração e dos phenomenos intelligentes.

Outra objecção que se oppõe ás theorias espiritualistas parece á primeira vista bem grave. Com a decadencia cerebral produzida pela molestia ou pela idade a memoria desapparece, as faculdades intellectuaes se embotam e o panorama das ideias dependentes de reacções inter-cellulares empallidece e se extingue. Cessando a causa, cessa tambem o effeito e é, pois, evidente que o pensamento é uma mera funcção do cerebro. Mas, examinado este facto á luz da nossa comparação, só se pode equiparar a uma decomposição effectuada na região côr de laranja, ora lenta, como no caso de molestias cerebraes, ora rapida, como no caso da morte commum. A côr composta é resolvida em seus elementos, que já não exercem uma influencia mutua.

O vermelho continua a existir como vermelho ; o amarello como amarello. Não ha nada, pois, que vede a supposição—aliás apoiada mui directamente pelos factos psychicos—que a intelligencia, assim adormecida para as percepções relativas á vida material, apenas se refugie numa consciencia mais profunda e mais independente dos phenomenos organicos.

Referimo-nos a esta theoria, saida antes do gabinete do philosopho do que do laboratorio, porque se acha, com effeito, summamente fortalecida pelos novos estudos da sciencia psychica. Mas sabemos bem que muitos, que se gabam de ficar dentro dos limites dos dados fornecidos pela experimentação, olham para semelhantes concepções com desfavor e geralmente as rejeitam *in limine*. Quasi todo o progresso intellectual do nosso seculo se acha intimamente ligado aos conhecimentos mais systematisados da natureza objectiva. Têm-se fé nos methodos que obtiveram tão brilhante resultado e aceitam-se como verdades incontestaveis um grande numero de inducções que apenas têm em seu favor uma probabilidade mais ou menos forte. O dogmatismo—sinão do laboratorio, pelo menos da sciencia popular—tende, como que naturalmente, a traçar limites e

a dar como conhecimento extenso e sufficiente aquillo que é sómente provisorio e parcial. Mas na evolução das sciencias passa-se das investigações superficiaes para as profundas e na passagem encontram-se quasi sempre factos que contrariam as conclusões apressadas—factos que, não condizendo com as theorias aceitas, são por isso mesmo preciosos indicios do verdadeiro caminho. Quem sabe, pois, si os dogmaticos que dão como entidade metaphysica a intelligencia desligada da materia não receberão com as descobertas da nascente sciencia psychica bem rude abalo, que os obrigarão, quando menos, a suspender o juizo e a assumir uma attitude mais modesta? Não é no caminho do valle que se descortinam as paizagens visiveis só do alto da montanha e do mesmo modo não é pelo estudo da physica e da chimica que se pode chegar á comprehensão de funcções que possivelmente pertencem á intelligencia immaterial. Si estas de facto existirem, serão distinguidas por um criterio igualmente scientifico—mas por methodos especiaes—do funccionamento meramente cerebral. Si a psyche precede, como cremos, o corpo que habita e sobrevive á dissolução delle, terá qualidades proprias á sua existencia independente, que occasionalmente se deixarão entrever até durante o periodo em que se acha ligada ao organismo.

O facto é que no meio das manifestações usuaes da actividade e do pensamento humano apparecem de longe em longe phenomenos intrusos de ordem intelligente, tão inexplicaveis pelas theorias vigentes que taxam a sciencia actual e a philosophia dominante do seculo de superficiaes e incompletas. Em parte por esta razão e em parte porque em geral são mal evidenciados, esses acontecimentos extraordinarios obtêm a muito custo o reconhecimento a que têm direito. Presenciados commummente por pessoas alheias ao methodo scientifico, as quaes se preoccupam antes com as deducções moraes e religiosas do que com a exacta verificação dos factos, raras vezes são provados tão bem que vençam a incredulidade que naturalmente suscitam. Um curioso, por exemplo, assiste a uma das sessões chamadas espiritas e vê uma mesa levantar-se do chão, apparentemente sem o contacto das pessoas presentes. Ou, sinão, pegando dum lapis, descobre que a sua mão escreve sem esforço consciente cousas em que não pensava. De experiencias semelhantes conclue—não que haja em si ou nos companheiros faculdades até

então insuspeitas — mas, sim, que tem entrado em communicação directa com o mundo dos espiritos. Ao referir o caso põe a emphase na sua conclusão e não no facto do movimento sem contacto ou da escripta automatica, que primeiro convinha provar, e dest'arte chama sobre occurrencias dignas de attenção seria o desprezo dos leigos a quem procura convencer. No entanto alem dessa evidencia popular tão abundante como defeituosa, existe para os factos chamados psychicos alguma evidencia mais ou menos scientifica, que de dia para dia se vai avolumando. Hare, o conhecido engenheiro electrico; De Morgan, o mathematico: Wallace, o naturalista; Crookes, o chimico; Carl du Prel, da Allemanha; Elliott Coues, dos Estados Unidos: Lombroso, da Italia; Charles Richet, de Paris; têm em varias epocas emprehendido neste terreno pesquizas rigorosas, cujos resultados positivos não lhes deixaram mais duvida sobre a realidade dos phenomenos.

Em 1869 reuniram-se em Londres com o fim especial de investigar essas occurrencias anormaes os membros da Sociedade Dialectica e, ouvidos os depoimentos de varias pessoas suppostas competentes e criteriosas e feita com bastante exito uma serie de experiencias de ordem physica, concluiram assinalando a importancia de semelhantes factos e recommendando que fossem submettidos a investigações ainda mais severas. Mas foi somente em 1882 que se estabeleceu definitivamente uma Sociedade para pesquizas psychicas, tendo por fim a exploração systematica deste terreno ainda tão mal conhecido. Sob a habil direcção de homens illustrados, de educação universitaria — alguns delles celebres no mundo das letras e da sciencia — esta corporação tem-se distinguido pelos methodos cautelosos e pacientes. Suas publicações semestraes (*proceedings*) trazem sempre artigos de grande valor, em que a nova materia se sujeita a um tratamento subtilmente perspicaz. Cosmopolita pelas suas extensões, possue uma ramificação importante nos Estados Unidos e correspondentes em todos os paizes mais cultos do mundo. O primeiro volume publicado pela Sociedade traz os nomes de 286 membros. A publicação de Janeiro de 1894 apresenta uma lista de 1400. Parte do trabalho da Sociedade tem consistido em demolir as pretenções de thaumaturgos, desmascarar a fraude e expôr a fraqueza de muito testemunho ás maravilhas espiritas. Mas junto com os trabalhos da critica destruidora vêm resultados mais positivos, taes

como experiencias curiosas em transmissão do pensamento e clarividencia, estudos interessantes de automatismos desligados da consciencia normal, de mudanças da personalidade, de allucinações telepathicas, emfim, de todas aquellas actividades espirituaes que dependem para a prova da observação exacta e da evidencia cumulativa. Alem destes têm saido á luz no « Proceedings » os depoimentos não menos curiosos de pessoas fidedignas, que allegam ter presenciado os raros phenomenos do movimento de objectos ponderaveis, sem contacto das mãos, nem operação manifesta de uma das forças reconhecidas.

Si tantos factos ficam em pé depois do exame escrupuloso de uma collectividade de homens illustrados e scepticos como é a Sociedade para pesquizas psychicas, possivelmente poderemos esperar no proximo futuro a confirmação na experiencia de esperanças que até agora se fundavam principalmente nas intuições da nossa raça. Si a hypothese espiritualista ainda paira na incerteza, não é tanto porque a evidencia que a favorece seja escassa, mas porque esta evidencia apresenta factos complexos e enigmaticos de classificação duvidosa e de analyse difficil. Já não faltam para os phenomenos psychicos tentativas de explicação, formuladas, porém, de um ponto de vista por demais restricto e baseadas em um numero insufficiente de factos. Os pathologistas appellam para aquelle Proteu das molestias nervosas, a hysteria, que se pode definir como uma doença da personalidade influindo nas funcções do organismo. Esta, com effeito, é a attitude assumida pela escola hypnotica da Salpétrière. Mas contra esta opinião ha o facto estabelecido que os phenomenos estudados se dão frequentes vezes em pessoas que gozam reconhecidamente da saude normal. Outros propensos á escola de Nancy e preoccupados tambem mais ou menos exclusivamente com os estudos hypnoticos, vêm em tudo a acção da suggestibilidade, esquecidos de que a palavra « suggestão », nem encerra em si o indicio da causa dos phenomenos observados, e nem siquer explica o *modus operandi* delles. Dest'arte chegam muitas vezes a argumentar em circulo vicioso, fazendo lembrar aquelle famoso doutorando do « Malade Imaginaire » que deduzia a acção soporifica do opio da sua virtude dormitiva. Referir tudo á suggestão como palavra final é attribuir o trabalho mecanico do relogio á chave que dá a corda.

Outra theoria de que se tem abusado muito é a do inconsciente, segundo a qual se effectuam operações mentaes das mais complexas e intelligentes sem o concurso da consciencia. Os defensores desta theoria vêm a acção do inconsciente em toda a parte e apontam como provas della a rectificação por um trabalho interior das percepções imperfeitas dos sentidos, os actos automaticos secundarios que resultam de habitos formados, os instinctos dos animaes inferiores, os problemas solvidos durante o somno e as constantes lacunas no raciocinio commum, que omitte premissas para tirar logo conclusões, ou junta, sem os élos intermediarios, ideias de só remota connexão. Mas estas suppostas provas attribuem a elaborações inconscientes muito que se explica mais plausivelmente pelos lapsos de memoria, pelos muitos atalhos que existem nos tratos cerebraes e pelo facto, hoje provado, que podem existir no mesmo individuo camadas diversas de personalidade, cada uma com a consciencia e memoria desligadas e proprias. Grande é o desejo de applicar á explanação dos factos psychicos os faceis methodos da theoria do inconsciente; mas esperamos mostrar que até aqui a sua intervenção é bem prescindivel.

Quanto ás analogias tiradas das sciencias physicas, servem as vezes para fornecer um certo numero de metaphoras uteis, que concretizam e simplificam materias por demais abstractas ou complexas. São, porém, evidentemente insufficientes quando apresentadas como indicio das verdadeiras causas da telepathia, clarividencia ou telekinese. Os laços que no influxo telepathico costumam unir agente e percipiente são moraes e não materiaes e de modo algum se pode admittir a hypothese de que as sympathias existentes entre os dois abram uma linha de menor resistencia por onde se projecte—ás vezes a enormes distancias—algum impacto vibratorio que affecta o sensorium do percipiente.

Semelhantemente na clarividencia, ha no reconhecimento de pessoas ou scenas distantes uma direcção toda voluntaria da attenção que parece operar — não segundo as leis conhecidas da physica — mais segundo modos desconhecidos de acção espiritual. Por seu turno os phenomenos telekineticos destacam-se dos factos physicos normaes, porque os objectos materiaes submettidos á força psychica niovem-se como se fossem manipulados e servem de meio para manifestações intelligentes.

Restam os dogmas do espiritismo, que na sua forma popular representa, antes uma crença, do que uma sciencia. Da consideração dos numerosos factos psychicos que realmente se dão, chegam os adeptos desta crença a uma só conclusão facil e comprehensivel. Os espiritos se desencarnam — não morrem—e depois de despido « o envolucro mortal» continuam a interessar-se nas scenas que deixaram e nas pessoas que amavam. Actuam nos vivos e communicam-se com elles mediante a mesa, o lapis, o somnambulismo. Acontecimentos mysteriosos dão sinal da sua presença e os medios vêm as suas formas fluidicas e sentem o seu influxo.

Consoladora para uns e aerea para outros, a doutrina enunciada com tanta confiança não descança ainda numa base solida de inducções, a qual certamente não é proporcionada por communicações automaticas de origem assás duvidosa. Demais, o dogmatismo exagerado seja de que escola for constitue no estado actual dos estudos psychicos um verdadeiro obstaculo ao progresso, porque tende a dispensar o exame attento e minucioso dos phenomenos e dá como terminada uma tarefa que ainda está em meio. Nada nos obriga a enunciar a somma total antes de assentadas todas as parcellas e nenhuma investigação pede mais o juizo suspenso do que esta dos factos psychicos.

I

A evolução da consciencia usual da vigilia.—No entanto, depois da collecção de muitas observações vem a classificação e esta suppõe uma hypothese pelo menos provisoria. Com grande plausibilidade, e baseando-se nos numerosos factos averiguados, o Sr. Myers, o engenhoso e illustrado secretario da «Sociedade de Pesquizas Psychicas», tem desenvolvido em uma serie de artigos notaveis uma theoria, bastante lata para abranger todos os phenomenos até agora verificados, e bastante elastica para modificar-se segundo as exigencias de descobertas futuras.

Antes de examinar a allegada agencia de entes espirituaes externos o Sr. Myers entendeu que era preciso estudar nos phenomenos psychicos as possiveis extensões de capacidades puramente

humanas—descobrir os laços que unem as faculdades anormaes ás faculdades normalmente exercidas e notar a gradação que leva destas para aquellas. Era possivel que dentro do homem mesmo se lhe deparasse a alma, ou, por outra, que a intelligencia, inquilina do organismo, fosse mais do que co-extensiva com o funccionamento cerebral. De maxima importancia para a analyse perscrutadora da nossa psychose total são as experimentações hypnoticas, a observação de casos de somnambulismo espontaneo, a provocação artificial de certas formas do automatismo, que concorrem todos tres para pôr em evidencia correntes submergidas de ideação e outros estados de consciencia menos em relação com o mundo externo do que a consciencia normal.

O exame attento destes lança novas luzes sobre a personalidade com que costumamos identificar-nos, habilitando-nos a determinar as *differentiæ* que a limitam e a traçal-a até ás suas origens.

Segundo todas as probabilidades, a consciencia acondicionada pelos reflexos cerebraes, e que constitue o objecto quasi unico das psychologias orthodoxas, é o resultado da adaptação do *ego* ao meio material em que se acha. Em outras palavras, a nossa consciencia normal com as suas impressões sensoriaes é um producto da evolução.

Diffusa e adormecida no principio, ligava-se mais á vida intima funccional e menos aos estimulos provenientes de fora. Um poder directo sobre processos organicos, que se recupera ás vezes no estado hypnotico, podia ter pertencido em alguma epoca remota á nossa volição normal — o mesmo poder de reconstituir tecidos e de rehabilitar orgãos accidentalmente offendidos que presenciamos ainda hoje nos organismos inferiores do reino animal. Mas no seu desenvolvimento a consciencia com a sua vontade se deslocou, afastando-se cada vez mais das funcções meramente somaticas para alargar-se nas actividades e na contemplação do mundo exterior. Os antepassados do homem foram gradualmente dispertados da primitiva lethargia por dois moveis supremos: o instincto da conservação propria e a necessidade de procurar o alimento. Os sentidos essenciaes evoluiram de accordo com as exigencias mesologicas, differençando-se a antiga sensibilidade diffusa em vista, audição, tacto, etc.

Mas, si o meio fôra outro, era licito suppôr que outros tambem teriam sido os sentidos. O nosso olfacto foi outr'ora muito mais desenvolvido do que hoje. Com a inutilidade comparativa deste sentido na vida moderna definhou elle no homem, conservando-se perfeitissimo, porém, nos animaes que por elle presentem os seus inimigos, ou perseguem a sua presa. As pesquizas psychicas descobrem os traços de sentidos rudimentares, cujas manifestações sporadicas não fazem reconhecidamente parte das funcções usuaes da consciencia. No somnambulismo e até no somno commum observa-se uma apreciação assás exacta do lapso do tempo. Certas pessoas parecem perceber a proximidade de veias metallicas ou da agua subterranea: outras se mostram sensiveis talvez ás correntes magneticas e certamente ás aproximações de mudanças meteorologicas. Mas de pouco nos serviria na vida actual a metallesthesia ou um sentido magnetico e a natureza parca sempre, recusou desenvolver tendencias inuteis para a conservação do individuo.

A vivacidade dos perceptos que recebemos do mundo objectivo, mediante os sentidos especializados, caracteriza o estado de vigilia. Podemos dizer que o homem, sobretudo, e em segundo lugar os animaes superiores, vivem acordados; emquanto os organismos inferiores passam a existencia dormindo ou numa especie de somnolencia, ou modorra. No entender do Sr. Myers, o somno é o nosso estado primario de consciencia — a nossa phase primitiva de personalidade — a que voltamos todas as vezes que adormecemos. As condicções physicas que o precedem, predispondo-nos a esta reversão, são imperfeitamente conhecidas. A alternação dos dois estados parece ser condicção importante principalmente para a normalidade das manifestações intellectuaes. Sabe-se que em casos morbidos é possivel que durante semanas e até mezes predomine exclusivamente um destes estados e isto sem perigo directo para a vida nem damno permanente para a saude geral.

Mas sejam quaes forem seus antecedentes physiologicos e o papel que representa na economia vital, o somno é encarado pelo estudante da psychica como uma phase de personalidade e neste aspecto não é mais nem menos enigmatico para a comprehensão do que a personalidade da vigilia. Pode-se objectar, porém, que o somno profundo é a negação de tudo quanto entendemos por uma personalidade e que chamal-o uma phase desta, ou é erroneo, ou

é falsear o sentido das palavras. *Prima facie* a objecção é valida: mas lembremo-nos da que os somnambulos- dotados no seu segundo estado de uma consciencia mais ou menos aberta e continua—se acordam para a vida normal como dispertados dum somno profundo e sem recordação do que lhes aconteceu dormindo. Occorre-lhes, sim, de vez em quando a lembrança de algum facto que se dá nos momentos em que adormecem, ou quando vão dispertando. Ha razões para suppôr que da mesma maneira o espirito exerce actividades até no somno profundo; mas disto raramente tem noticia a consciencia do acordado, visto que a memoria desta vida interior se conserva separada da serie mnesica da vida diaria. Os sonhos de que nos lembramos vacillam entre duas personalidades e, portanto, em geral são insignificantes e confusos. Impressionam-nos depois de dispertados porque nascem na passagem entre o somno e a vigilia e, como no caso do somnambulo, são apenas reminiscencias de fronteira.

A modorra do zoophyto poderá ser uma consciencia obscura de funcções organicas: o nosso somno é bem descripto como uma outra phase de personalidade.

ALFREDO ALEXANDER.

(*Continúa*).

HISTORIA

DO

DIREITO NACIONAL

I

A nacionalidade portugueza: seus factores pre-historicos e historicos

III.— OS PHENICIOS [1]

(*Continuação*)

Alludimos atráz á famosa theoria que faz consistir o interesse dramatico da historia da peninsula hespanica no duello ali travado entre as diversas civilizações, maxime a semitica e a aryana. E' uma pequena ideia vistosa, que se pode aceitar, por ser uma parte da verdade; mas que não se deve elevar á categoria de principio dirigente, por ser mais farfalhante do que profunda.

O fio director da critica da historia peninsular está noutra vista mais vasta e mais comprehensiva. No immenso drama das lutas da civilização, tomando-se cada povo illustre como um factor nessas lutas, o interesse mais palpitante, com relação a cada um, é mostrar em que se differenciou das outras, como se definiu, como se caracterizou, como se distinguiu na turba-multa, como, ao mesmo

[1] Veja *Revista* de 1 de fevereiro.

passo que se afastava e se personalizava, contribuiu por isso mesmo e na medida desse esforço, para os intuitos e para os ideaes communs.

Mais do que em qualquer outra parte nas Hespanhas deve-se applicar essa medida, deve-se verificar esse facto.

Ali levantaram tenda gentes partidas dos quatro pontos do horisonte; ali todas as raças se conheceram e se misturaram. A determinação da resultante desse *mestiçamento* geral, a formação dum typo *novo*, o typo penisular, eis o que é capaz de definir a sua historia dentre todas as historias, o seu genio ethnico dentre todos os genios ethnicos, o seu ideal dentre todos os ideaes.

A mania da pureza de raça, muito commum entre os povos mestiçados, é que levando os portuguezes e hespanhoes, ora a dar-se por godos puros, ou celtas puros, ou latinos puros, conforme as conveniencias ou as preoccupações do momento, tão inveterada mania é que lhes tem obscurecido o criterio historico e obstado a que se definam pelo que são e pelo que realmente valem.

São o povo da Europa em que o mestiçamento é mais profundo e mais completo por ser o mais antigo e mais harmonicamente dirigido pelo inconsciente das causas. E' bastante comparal-o com a França, a Inglaterra e a Italia.

Em França o amalgama dos celtas, romanos e francos não foi até hoje completo. Ainda agora celtas puros estanceiam ao occidente — na Bretanha; as provincias do norte maxime na parte oriental, são terras de populações onde predomina o elemento germanico; as regiões do sul são o theatro do latinismo mais ou menos intenso. Peior ainda é na Inglaterra. Ali quasi toda a Escocia, quasi toda a Irlanda e o paiz de Galles são patrias celticas em absoluto. Na Inglaterra propriamente dita é que o elemento saxonico predomina e ainda hoje, pois, a Gran Bretanha, com ser prospera e poderosa, não possue um povo compacto ethnicamente unitario. Na Italia, a despeito da prolongada e energica, acção dos romanos, a Lombardia é uma terra de allemães que falam italiano, e as provincias do sul são um mistiforio ethnographico quasi inextricavel. E' escusado falar noutros paizes, a Russia, por exemplo, onde sob as apparencias do slavismo, o tartaro campêa indomavel; ou a Austria, onde slavos, magyares e germanicos não se amalgamam e confundem nem mesmo apparentemente.

Nada disto se nota na peninsula ao sul dos Pyrineus. Postos de parte os bascos, como vigias das montanhas, ali collocados pelo velho genio iberico para mostrar eternamente a energia perpetua da sua raça, todas as mais regiões das patrias de Cervantes e Camões, no meio das interessantes differenciações provincianas, mostram-nos um typo ethnico definido, inconfundivel, accentuado. E' o velho mestiço do ibero modificado por phenicios, ligurios, celtas, romanos, godos, arabes, no immenso cadinho dos seculos, desde as mais primitivas eras. Nem todas as raças, porém, influiram igualmente na formação do mestiço peninsular. A maior energia pertence, parece-nos, aos iberos, romanos e visigodos. Si quizessemos mais individuadamente definir a gente hespanica, diriamos: o portuguez e o hespanhol são o ibero modificado principalmente pelo romano e pelo godo, como o francez é o celta alterado pelo romano e pelo franco.

Entretanto peguemos o fio da historia, e, vejamos a acção dos phenicios e daquelles que os seguiram.

As tradições classicas mais antigas são accordes em falar dos homens de Tyro e Sidon na Hespanha. O facto é innegavel, posto que até hoje não se tenha tirado a limpo nem a sua historia ali; nem a extensão dos territorios que conquistaram; nem a importancia das cidades que fundaram; nem o valor de sua achega para os costumes, as crenças, a civilização peninsulares.

Os historiadores, novos e velhos, de Portugal nada adiantam sobre o assumpto. Commettem todos o erro de collocar a invasão celtica anteriormente á phenicia e desta nada escrevem aproveitavel. São sempre as mesmas allegações de se lhes dever ou não, o nome de *Iberia* e o de *Hispania*, de terem contribuido para a formação do genio navegador dos portuguezes e outras affirmativas mais ou menos vagas e insubsistentes. Tomemos outros guias, começando por Jubainville. «Os iberos da Hespanha, escreve este autor, tiveram de lutar contra duas especies de inimigos. Chegaram uns a seu paiz por mar e pelo sul: foram primeiro os phenicios de Tyro, depois os carthaginezes, colonia tyria d'Africa que, cinco seculos antes da era vulgar, supplantou a metropole na parte occidental do Mediterraneo; outros conquistadores chegaram á Hespanha pelo norte e por terra, primeiro os ligurios depois os gaulezes. A mais antiga feitoria phenicia da Hespanha parece ter sido Gadeira,

chamada depois Gades pelos romanos, hoje Cadix. Si adoptarmos a chronologia de Velléius Paterculus, data ella do anno de 1100 antes de J. C. Si seguirmos os calculos de Pomponius Mela, remonta á guerra de Troia. Os phenicios encontraram resistencia; e Macrobio conservou-nos uma legenda que se refere ao facto. Teron, rei da Hespanha septentrional, tinha vindo com sua frota para tomar o templo de Hercules. O nome latino de Hercules designa aqui o Deus phenicio Melkarth, a quem tinham os fundadores de Cadix levantado um templo na parte oriental da pequena ilha onde tinha sido edificada a cidade. Os phenicios de Cadix sairam á frente do inimigo em longos navios O combate durou algum tempo sem vantagem assinalada de parte a parte: depois de repente um terror panico apoderou-se dos iberos, que fugiram e um incendio inexperado reduziu seus navios a cinzas. Tinha-lhes parecido ver leões nas proas dos navios phenicios e esses leões haviam lançado raios de fogo que incendiaram a frota iberica. Cadix estava salva. Os tyrios, tendo por auxiliares os carthaginezes nesta guerra, tomaram a offensiva contra os iberos. Não se contentaram com Cadix na Iberia: multiplicaram seus estabelecimentos na terra hespanica, nomeadamente nas costas meridionaes do Mediterraneo, onde fundaram Abdéra, hoje Almeria, e Malaca, hoje Malaga. Segundo Strabão teriam antes de Homero, isto é, anteriormente a 950, antes de J. C. possuido a mór porção da Hespanha. Varrão collocou seu nome na lista que nos deixou dos povos que senhorearam toda a Hespanha, e sabe-se que reputação de sciencia era a desse romano que escrevia em meados do primeiro seculo antes da nossa era. Colonias formaram a base da supremacia dos phenicios na velha Iberia. Taes colonias foram especialmente os liby-phenicios mescla de africanos e de chananeus, que Avienus nos mostra installados na paiz dos tartecios perto do estreito de Gibraltar. Estes liby-phenicios parecem identicos aos elbestioi que, segundo Philisto de Syracusa, autos do V seculo antes de J. C., teria sido um povo de Libya. El, primeira syllaba deste nome seria o artigo semitico; tirando-o, fica bestioi como nome do povo. Os bestioi parecem dever ser reconhecidos nos bastulhos cognominados phenicios, que, já no tempo do imperio romano, habitavam segundo Ptolomeo, nas margens do Mediterraneo entre os turdulos e o limite septentrional da Betica. Apoiados neste povo e noutras colonias fundadas nas costas, os phenicios exerciam

em toda a Hespanha uma especie de suzerania que parece ter durado seculos.

« Mas estes ousados navegantes, tão poderosos em uma terra longiqua apontada então como a extremidade do mundo, não souberam se defender em seu proprio paiz. Nabukudurussur, rei de Babylonia, poz Tyro debaixo do jugo no anno de 574, antes da era vulgar, e as colonias phenicias da Hespanha passaram como a mãi-patria, ao dominio do grande monarcha do Oriente. Megasthenes que, tres seculos mais tarde, escreveu a historia da India, reproduziu uma lenda segundo a qual Nabukudurussur, senhor da Phenicia, teria ido em pessoa ás columnas de Hercules. O monarcha babylonio não tinha necessidade de deslocar-se para conquistar a Hespanha, que, tomada Tyro, caía, como accessorio, em poder do despota Oriental. » [1]

Eis tudo quanto, com toda a sua sciencia, nos ensina o notavel linguista e historiador. Como se vê, sabe-se ainda menos da acção dos phenicios na Hespanha do que da dos iberos. Em todo caso, parece evidente que o autor invocado, como muitos outros, exagera a influencia das gentes de Tyro na Peninsula. Os phenicios nunca foram um povo de colonisadores, um povo de agricultores e industriaes, organisador, habil na acção politica, no poder de construir e mandar. Uma nação de mercadores, de traficantes e nada mais. Por isso não fundaram uma civilização, nem organizaram uma nacionalidade valida. Neste ponto foram demasiado inferiores aos ramos da mesma raça — judeos e arabes, e ficaram enormemente distanciados dos gregos e romanos, dos aryanos em geral. Nunca chegaram a senhorear, já não dizemos os egypcios, os gregos, os romanos, porém nem mesmo as pequenas nações que, em seu tempo, viviam nas suas visinhanças, ou ainda as que alastravam a Italia, antes da conquista dos latinos. Não padece duvida que seu imperio na Hespanha não poderia ter passado de feitorias, de colonias e de pequenos territorios adjacentes. Não tinham exercitos, nem immigrantes em fortes levas para occupar, subjugar, reduzir populações inteiras, como possuiram os grandes povos conquistadores. A Phenicia nunca foi como o Egypto, a Assyria, a Babylonia, a

[1] D'Arbois de Jubainville. *Les Premiers Habitants de l'Europe*, 2me édition, I. pag. 59.

Persia, Roma ou Arabia. Eram os hollandezes do mundo antigo, menos a gravidade deste povo livre e honrado. Contribuiram pela diffusão do alphabeto para a cultura geral, pela extensão de seu commercio, para o exercicio da hospitalidade no passado remoto, como o demonstrou von Ihering, não resta duvida; porém, como força assimiladora e como acção politica duravel, o mundo nada lhes deveu, e muito menos a Hespanha. Enchem a historia com a sombra de seu nome, e de positivo talvez tenham apenas sentido os povos o rigor de suas depredações. E' por isso que, remexidos os factos, pouco ou quasi nada resta a attribuir-lhes. «Nas tradições maritimas» escreve delles um autor portuguez, é possivel que deixassem alguns vestigios. Costumavam pendurar nas vergas dos navios os deuses denominados *Pidorci*, que tinham a tutela dos mares, e ainda hoje os marinheiros portuguezes e hespanhoes fazem o mesmo com as imagens dos seus santos.» [1] Terá vindo mesmo delles essa usança? Não será um resto de velho feiticismo devido a outras raças, aos proprios iberos? No direito privado e no direito publico que delle se origina, pois, como demonstrou Maine em geral, e, com applicação especial á historia do direito francez, o comprovou Esmein, essa é a verdadeira ordem da evolução juridica, é licito dizer que os povos peninsulares nada devem aos phenicios, e, cumpre desde já acrescentar, nada devem aos seus successores e camaradas, os cartaginezes, que os ajudaram nas feitorias, nas tentativas de colonização e na expoliação geral da terra iberica.

Não é possivel que na Hespanha elles falhassem á sua propria indole e ao seu destino historico. Não havia de fundar ali o Estado, seguro, forte, progressivo, organicamente duravel e desenvolvivel como fautor de cultura, quem o não fundou em parte alguma com esses predicados, os unicos capazes de fazer prosperar as grandes creações politicas.

Folgamos em estar de accôrdo neste ponto com Edmond Demolins, que no seu *Curso de exposição da sciencia social*, na parte que trata dos typos sociaes da bacia do Mediterraneo, assim se exprime: «Os effeitos do commercio não são necessariamente instaveis; só o são quando existe um predominio exclusivo deste genero de trabalho. Bem differente é o caso entre os povos que, exercendo

[1] *As Raças historicas da peninsula iberica* por Julio de Vilhena, pag. 60.

o commercio, concedem todavia, mór esforço á cultura do sólo e recrutam os poderes publicos no pessoal da intelligencia. O trabalho agricola tem por effeito trazer o elemento necessario de estabilidade. Não ha outra explicação para a superioridade dos gregos sobre os phenicios, dos romanos sobre os carthaginezes, dos romanos sobre os proprios gregos. A presença do elemento agricola é ainda necessaria para fixar de um modo duravel o desenvolvimento das culturas intellectuaes, um dos productos do commercio. E' notavel que hajam sido phenicios e carthaginezes os promotores do cultivo espiritual no mundo antigo. As exigencias do grande commercio levaram-nos a inventar e propagar a escripta, a aperfeiçoar as artes manuaes e estheticas, a ser de alguma sorte os phanaes dos conhecimentos geographicos e naturalisticos. E, todavia, este renascimento intellectual, de que foram talvez a origem, proseguiu sem elles, nem por elles foram alcançados os resultados obtidos. Não ligaram o seu nome nem a uma escola artistica, nem a uma escola literaria, nem a uma escola scientifica. Sua lingua mesma, que a escripta devia ter salvado do esquecimento, morreu; é desconhecida. Possuimos apenas delles um punhado de inscripções votivas e funerarias, cujas formulas quasi identicas ministram pouco ensinamento. Não é estranho, exclamam Lenormant e Babelon, verificar que o povo, inventor da escripta alphabetica e seu propagador pelo mundo, não nos tenha quasi deixado monumentos de sua literatura, emquanto os egypcios e os assyrios, dotados de um orgão menos claro, menos commodo, nos transmittiram tantas paginas de seus annaes gravadas na terra cota ou no granito? Os artistas, os literatos, os sabios da antiguidade são gregos ou romanos e não phenicios ou carthaginezes! Parece isto tanto mais estranho, quanto sabe-se que o commercio desenvolve a intelligencia e os conhecimentos actuaes. O phenomeno, porém, se explica, si considerarmos que os negociantes só applicam esta intelligencia e estes conhecimentos no seu proprio negocio, isto é, ao lucro. Ora, é essencialmente curto e fugitivo... Para tirar das culturas intellectuaes applicações duradouras, são precisos outros homens: são necessarias gentes preoccupadas acima de tudo em embellecer e ornar a existencia: isto mesmo não basta: é mister que esta existencia seja estavel, porque o desenvolvimento literario e artistico exige uma longa formação que só pode ser a obra de

gerações successivas. Os *parvenus* podem pagar obras de genio, mas não as podem apreciar. Este sentimento delicado e incommunicavel só poderia caber a seus filhos ou netos. O commercio possue muitos *parvenus*, mas não assegura em seus successores a estabilidade das situações adquiridas. Estas condicções só se encontram nas familias fixadas em um lugar determinado, tendo bastantes lazeres e fixidez para apreciar e desenvolver os gozos espirituaes. Taes foram os gregos e os romanos, graças a um maior desdobramento da cultura.» [1]

Os phenicios devem, porém, ter alem de uma certa influencia geral e duma certa iniciação das gentes hespanicas nas praticas e usanças commerciaes, influido na população materialmente pelo cruzamento. No fertil solo iberico não passaram ás carreiras: exerceram largamente o trafico, sendo disso prova evidente a grande estrada que construiram dos Pyrineos aos Alpes, ligando a Hespanha á Italia, e que tanto foi mais tarde aproveitada na conquista da Gallia. Mas para dar uma prova clarissima de seu pouco valor em face dos iberos e até dos celtas, basta lembrar que, pouco mais de um seculo antes de J. C., por occasião da terrivel invasão dos cimbros, quando estes povos, devastada a Gallia, passaram á Hespanha, que tambem percorreram em larga parte como um flagello, quem encontraram para lhes tomar o passo não foram phenicios ou carthaginezes; foram aquelles dous povos reunidos — os celtiberos, segundo a confissão de T. Livio: «*Ibi multa loca populati, a Celtiberis fugati sunt, reversique in Galliam, bellicosis se Teutonis conjunxerunt.*» E, entretanto, a Hespanha já era nessa epoca uma provincia romana, como veremos a seu tempo.

Qual a consequencia de tudo isto para a historia do direito nacional? E' que é inutil tentar uma reconstrucção do direito phenicio desconhecido, pelo que se sabe do direito israelita ou arabe e doutros ramos da raça semitica. Os phenicios — podemos deixal-os de lado. Vejamos outros.

SYLVIO ROMÉRO

(*Continúa*).

---

[1] *La Science Sociale*, 1.ª année, t. XVIII, 11.ª livraison, pag. 393; Paris, 1894.

UMA ESCRAVA[1]

II

Manoela abriu os olhos attentando em tudo ao redor de si. Onde estava? como viera parar ahi? Via-se deitada numa boa cama, em lençoes alvos e macios; ao pé, sobre a mesa de cabeceira, frascos de tamanho desigual se alinhavam: remedios, de certo. Pela parede, forrada de papel côr de rosa com listras azues, havia oleographias e gravuras, em quadros de madeira dourada; eram imagens de santos; distinguia-se perfeitamente, no meio, Jesus, açoitado pelos judeus, acorrentado a uma columna, vertendo sangue de innumeras chagas... Sobre a scena sacra, pintada grosseiramente, espreguiçava-se, com infinita suavidade de tons, um raio de sol matinal, coado pelos vidros da janella: através desta, se viam, lá fora, os leques de uma palmeira, balouçando-se mollemente, ao sabor da aragem.

Jesus, açoitado, vertendo sangue... Voltava agora, pouco a pouco, á mulata a consciencia do que se passara. Ella tambem fôra açoitada, e vertera sangue, muito sangue... estivera no mato, em noite de tormenta desfeita... um homem a levara comsigo, a cavallo... para onde? Ignorava-o. As reminiscencias vinham confusas, truncadas; e, seguramente, em certo ponto da sua vida, partira-se-lhe o fio da memoria.

---

(1) Veja a *Revista* de 1 de Fevereiro.

A porta da alcova rangeu de manso, e uma senhora entrou: caminhava a passos tão leves e cautelosos, que apenas se percebia o arrastar das saias pelo soalho. Manoela sobresaltou-se, pensando em D. Bellarmina: mas não era ella, nem com ella se parecia em nada a senhora que entrara na alcova. Trazia nas mãos uma chicara de louça, que tremia, tinindo, a cada movimento: ao pé da cama, sentou-se numa cadeira de braços, e curvou-se para a doente, com expressão de compassivo interesse na physionomia avelhentada. Manoela soergueu a cabeça do travesseiro, admirada e commovida.

— Ora viva! — exclamou jovialmente a senhora — Sempre voltou a si! Graças a Deus! olhe que eu cheguei a desanimar... Vai melhor, não vai?

— Oh! Sinhá dona! vou bem, muito obrigada... Mas como é que estou aqui? que casa é esta? Não me lembra...

— Socegue, socegue: é casa de amigos. Pois você esteve muito mal, sabe? Com um febrão a semana inteira, fora de si, a delirar, a delirar... Mas arribou... Agora é tratar de sustentar-se, que a fraqueza é grande. Vamos lá, tome este caldo...

E ajudando a rapariga a sentar-se na cama, apresentava-lhe a chicara. Manoela considerou por alguns minutos a boa velha, procurando coordenar as ideias: depois, gritou, assustada: — E Sinhá?! e Sinhá?! Si ella vem ahi?!...

Como si esse pensamento bastasse para aniquilar de chofre as poucas forças que lhe restavam, caíu para a frente, com a testa quasi a tocar nos joelhos, chorando em arrancos convulsivos. A senhora, penetrada de dó até as entranhas, a sustentava em seus braços, acariciando-a com as mãos e com a voz: — Sua Sinhá não vem, não; fique descançada. Você aqui está segura. Ella não sabe onde você pára... Não foi ella mesmo quem tocou você da fazenda? Sua Sinhá não vem, não...

E continuou, vendo-a mais tranquilla: — Escute; eu me chamo Balbina, D. Bininha, como dizem aqui: sou mãi daquelle moço que trouxe você a cavallo; elle é o boticario da villa — a botica é lá na frente, dá para a rua. Você agora fica em nossa casa, ouviu? Será muito bem tratada, como pessoa da familia; nada lhe faltará. Eu tenho pena de você, coitadinha! parece tão boa, tão docil, e soffreu tanto! Mas, de hoje em diante, Deus ha-de permittir que você seja feliz...

Começou então para Manoela uma existencia calma, ignorada, e docemente monotona. D. Bininha era, de facto, excellente — uma verdadeira santa; o filho, Sr. João da Cruz, que morava na mesma casa, tinha tambem um «coração de ouro», e uns modos tão affaveis e insinuantes, que era impossivel não gostar delle. Manoela acostumara-se logo com essas adoraveis creaturas; devia-lhes a vida, o socego, a saude; era-lhes dedicada até o sacrificio. A principio, andava abstracta, meio estupida, de uma excessiva susceptibilidade nervosa: qualquer ruido imprevisto — um latido de cão, uma palavra mais alta — a sacudia em estremeções, gelava-lhe as veias; de noite, ás vezes, despertava de sonhos funestos, gemendo, louca de pavor: e não raro quedava, immovel, boquiaberta, extranha a tudo, olhando sem ver para um ponto fixo... E' que a impressão dos seus martyrios permanecia ainda, e custava a desvanecer-se; mas desvaneceu-se afinal, como cousa muito antiga, e até duvidosa, da qual não houvesse plena certeza...

A gravidez não lhe causava grande incommodo. Havia muito que não se queixava mais da dor no ventre, consequencia da brutalidade de D. Bellarmina. Um bello dia de madrugada, deu á luz um rapaz, sem padecer muito: o parto foi, disse a «comadre», dos mais regulares e faceis a que tinha assistido. A criança, porém, era miuda e debil, «um pedacinho de gente, que não podia vingar», segundo a mesma «comadre».

Nada importa; era o enlevo da mãi, de D. Bininha, e até do Sr. João da Cruz, que nunca entrava da botica, sem fazer-lhe uns mimos desageitados de solteirão, pouco habituado a brincar com pequerruchos. E ia, crescendo, forte e roliço, contra as previsões da parteira. Manoela passava dias inteiros, sentada na sala de jantar, ninando o filho, e cantando, com toada muito lenta, muito melancolica, modinhas que aprendera na fazenda, em noites de batuque e folgança... Ah! certamente, ella não era mais a mucama alegre e despreoccupada, que vivera tantos annos sem sombra de desgosto; não tinha já aquella belleza tão gabada, que fazia andar a roda muita cabecinha de vento, enlouquecia muito rapaz da roça e da cidade. Conhecia o lado mau da existencia, os excessos da perversidade humana; bebera a grandes tragos o calice da amargura; os soffrimentos a haviam emmagrecido, e ella mostrava muito mais idade do que tinha. Nunca pensara,

entregando-se, por um desvario carnal, ás caricias do Brazilio, que a sua leviandade acarretaria tão funestos resultados... Attendera só á belleza do moço, a sympathia que elle lhe inspirara, ás palavras de paixão que lhe ouvira... E, no dia seguinte, Brazilio voltara para a Côrte, onde era empregado numa casa importadora, e sem duvida a esquecera, nunca mais pensara nella... Mas que valia tudo isso? O seu filhinho ali estava, e sorria-lhe, e erguia para ella as mãozinhas tenras, com tanta graça, com tão adoravel gesto?... O seu José!... chamava-se José, estava já baptisado: e o dia da ceremonia fôra celebrado em casa de D. Bininha, como si se tratasse de um filho do Sr. João da Cruz...

Uma noite, já tarde, bateram a porta. O boticario, na sala de jantar, manuseava um formulario, á cata de uma receita difficil; a velha deitara-se, um pouco achacada do figado, e Manoela, na cozinha, preparava para ella uma infusão calmante. Bateram á porta... Todos se espantaram. Quem podia ser, áquella hora? Na villa, o movimento cessava, desde o crepusculo. Só si era recado de algum doente...

Manoela foi abrir; entrou um homem alto, de chapéo desabado e pala aos hombros, grossas botas de montar: queria falar com o Sr. João da Cruz. Este, sorprehendido, fechou o formulario, e indicou-lhe uma cadeira.

— Sou Pedro Vasques, aggregado da fazenda do capitão Francisco de Paula, em Santa Rita; D. Bellarmina, que é mulher delle, me encarregou de procurar uma escrava fugida...

— E que tenho eu com isso, moço? — Exclamou o boticario, visivelmente perturbado.

— Sei que essa escrava está em sua casa...

— Em minha casa? Não, senhor; é falso!

— Oh! quem me falou sabe, é á tôa negar...

— Aqui não ha escrava nenhuma, já lhe disse.

— Que? — gritou o outro, irritado — Então não está aqui uma escrava de D. Bellarmina?

Ouvindo o nome da sua senhora, Manoela, por um impulso de curiosidade irreflectida, chegou á porta da sala; reconheceu o homem, um capitão do mato, que apparecia muito na fazenda, e não poude reprimir um grito.

O visitante reconheceu-a tambem, apezar de muito mudada; e deu um passo para ella.

— Ora, Sr. João da Cruz! a escrava está aqui, é aquella rapariga, é a Manoela, que eu vi muitas vezes lá, em Santa Rita... O senhor vai entregal-a; trago aqui a ordem ..

— Seja, mas não lh'a entrego: ouça bem; não lh'a entrego! Ella d'aqui não sai!

D. Bininha, percebendo do quarto o rumor da disputa, ergueu-se da cama e veio á sala. Que é isso? que é isso, meu filho? — indagava com voz tremula de medo.

— Não lh'a entrego, entendeu? Hei de protegel-a! E' infamia demais tirar d'aqui esta desgraçada, que já padeceu bastante!

Manoela, comprehendendo que se tratava de sua sorte, e que novos infortunios a ameaçavam, abraçara-se aos joelhos do boticario: — Me salve, seu Joãozinho! me salve pelo amor de Deus!

O capitão do mato, impassivel, atalhou: — Tanto peior para o senhor; não quer que ella vá por bem; irá por mal... E correu á porta da rua, e escancarou-a: Eh! camaradas! Cinco negros possantes precipitaram-se no corredor, dois eram soldados; os outros, via-se pelo traje serem capatazes da fazenda.

Manoela, vendo-os irromper pela casa, levantou-se de um salto, e atirou-se sobre o berço do seu filhinho, que dormia socegado a um canto da sala; tomou-o nos braços, apertou-o de encontro aos seios, molhando-o todo de lagrimas ardentes. D. Bininha apegara-se ao capitão do mato, chorando tambem, tentando commovel-o com supplicas lastimosas.

— Senhor, deixe-a ficar comnosco, a pobresinha! tenha pena della!... deixe-a ficar, pelas almas dos seus defuntos! João da Cruz percebeu logo que, pela violencia, não podia lutar com aquelles cães de fila, e buscou, então, um accordo com o chefe da matilha.

— Venha cá, Pedro Vasques; attenda ao que eu lhe proponho. Faça um preço a esta escrava. Eu lh'a compro. Está dito?

— Qual! O preço é seiscentos mil reis; mas eu não posso cedel-a ao senhor. A ordem expressa e terminante de D. Bellarmina é que ella seja vendida a um lavrador da mata.

— Da mata, meu Deus! onde os captivos morrem de maus tratos?! acudiu D. Bininha, angustiada. Os soluços de Manoela recrudesciam.

— Eu dou setecentos mil reis por ella. Ficam cem, para o senhor. E' um bom negocio! — dizia João da Cruz.

— Não é possivel. Ella vai para a mata. Esta madrugada segue um comboio de escravos.

— Dou oitocentos! Vamos: seja razoavel...

— Não, não! Eu cumpro ordens... sou pago para isso. D. Bellarmina é quem manda!

— E, voltando-se para os camaradas:

— Segurem a rapariga! não ha tempo a perder!

Os cincos capangas agarraram-na de chofre, como avidos da sua presa; e num momento a levaram para a rua, apezar da resistencia que ella fazia, e dos esforços desesperados de D. Bininha e João da Cruz para salval-a.

O grupo afastava-se pouco a pouco, pelo caminho solitario á luz do luar, tragica e phantastica nessa hora de consternação. Os gritos de Manoela perdiam-se lentamente no silencio de em torno. Foi quando D. Bininha, apertando com as mãos a cabeça, bradou, num estertor de agonia: — E a criança? e a criança?!...

III

Pela estrada, arida e pedregosa, vai tristemente, em marcha forçada, o comboio dos captivos. São oitenta ou noventa, homens e mulheres, de todas as idades, seguindo em grupos silenciosos, sob a vigilancia severa dos capatazes, que, ao menor descuido lhes cortam as faces a chicote. Já andaram muitas leguas; o pó afogueado cresta-lhes os pés, os seixos agudos os ferem; arde-lhes a pelle adusta, sob o algodão das camisas grosseiras.

Atraz de todos vai Manoela, nimiamente debil para acompanhal-os: chora ainda, ainda molha de lagrimas ardentes o seu pobre filhinho, queimado do sol e sedento de leite... Manoela... Como está longe da mucama predilecta que era, antes dos seus doidos amores fataes com Brazilio, o caixeiro da Côrte, que de certo não se lembra mais della! Longe ficam os bellos tempos de paz, longe os ocios voluptuosos da sesta, na fazenda antiga que a viu nascer, longe as alegrias da maternidade tranquilla, e a amisade carinhosa dos

seus protectores, D. Bibinha e o Sr. João da Cruz!... Mas ella disse adeus a tudo isso. e convencida que a dor seria d'ora avante o seu destino, resignou-se...Nada mais a sorprehenderia: nem a labuta no eito, nem as intemperies da natureza, nem as duras admoestações dos feitores, nem o proprio azorrague a fustigar-lhe as carnes... Tudo estava previsto, e de antemão aceito...

Mas uma conversa que ouviu por acaso, entre os dois capatazes que vinham a pouca distancia della, trouxe-lhe torturas inesperadas e infinitas.

— Afinal, eu tenho dó da criança — dizia um — Jogar o pequeno da ponte do Inferno abaixo? Mas isso é um peccado que Deus não perdoa...

— Bom ; mas D. Bellarmina quer; ha-de se fazer.

— Eu não me incumbo disso, tenha paciencia...

— Não seja tal a duvida; eu não faço caso dessas ninharias. Deixe a cousa por minha conta... A D. Bellarmina pensa que o rapazinho é do capitão... — E a frase acabou numa gargalhada sonora.

Era evidente que os capatazes se referiam á criança que ella trazia nos braços, ao fructo do seu ventre, ao sangue do seu sangue, á vida da sua alma. E D. Bellarmina — perversa! perversa! — queria ainda que lh'o roubassem o seu unico bem neste mundo! ordenava que matassem um innocente, que ella nunca vira, e que não era, não, filho do seu marido!... Ah! mas isso?! Haviam de ver! Ella tinha sido mansa e humilde até ali como as ovelhas; saberia agora ser valente e bravia como as onças do mato! Defender-se-ia; defenderia o seu anjinho! Arrancarem-lh'o do seio? Nunca!...

E, com a mão convulsa, apertava o cabo de uma faca de cozinha, que levava na cintura.

A estrada fazia ahi uma curva; acerca de trezentos metros, divisava-se, temerosa e negra, entre arvores corpulentas, a ponte do Inferno.— E' a hora—pensou Manoela; e preparou-se para lutar...

Nisto, percebeu-se pelo caminho, um tropel de animaes, e dois cavallos, a toda brida alcançaram o comboio. Um era montado por João da Cruz; o outro, por um dos soldados, que, na vespera, haviam auxiliado a prisão de Manoela. O boticario, aproximando-se, apeou: — Venho buscar aquella criança e apontava para o filho de Manoela— tenho ordem expressa para isso.

— Ordem? de quem?

— Do Pedro Vasques, que foi tirar a rapariga de minha casa. Está aqui — accrescentou, mostrando um papel — Não é exacto, camarada?

— E' exacto, sim, senhor— declarou o soldado.

Effectivamente, o boticario, sabendo por Pedro Vasques, a sorte reservada á desditosa criança, consiguira delle uma ordem para salval-a, mediante duzentos mil réis de premio, e uma promessa de segredo absoluto sobre o facto.

— Não ha duvida — disse o comboeiro em chefe, lendo o papel — Os garranchos estão em regra. Moça, entregue o menino aqui ao senhor!

— A mulata, reconhecendo o seu bemfeitor, correra para elle, e ajoelhara-se-lhe aos pés: — Viver sem meu filho! viver sem meu filho!... gemia.

— Ouça, Manoela; deixe-o commigo, e descanse... Não é melhor assim do que lançarem-no ao rio? Eu e minha mãi cuidaremos delle... Depois, quando elle fôr homem, quem sabe? talvez ainda você o torne a ver!...

— Obrigada! obrigada! Deus lhe pague, seu Joãozinho! Agora, posso morrer em paz! D. Bininha será outra mãi para elle!...

E, febrilmente, o cobria de beijos, o inundava do pranto...

João da Cruz, commovido, abalado, montou de novo a cavallo, carregando o pequeno; e partiu. O comboio poz-se outra vez a caminho. Manoela, parada, immovel como estatua acompanhava com a vista a nuvem de poeira que os animaes levantavam, fugindo pela solidão da estrada.

— Anda para adiante, besta! — rugiu o capataz; e uma vergastada lhe zuniu em pleno rosto. Deus de infinita misericordia! Nem mais lhe era permittido seguir com os olhos o ultimo rasto de seu filho amado, perdido para sempre! Deus de infinita misericordia!

MAGALHÃES DE AZEREDO.

ESTHETICA DE POË

ESCHYLO.—A TRAGEDIA GREGA.—O MUNDO SHAKESPEARIANO.—O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX.—IBSEN.—BJÖRNSON.—MAETERLINCK.

A muita consideração, que merecem os conceitos do autor do artigo bibliographico publicado sobre o meu ensaio *Gregorio de Mattos* no segundo numero da *Revista*, obriga-me a dar a publico este pequeno estudo. O Sr. J. V. assinalou a influencia de Taine como decisiva nos meus processos de critica. Não o nego; e declaro até que, si não existissem os trabalhos do autor da *Historia da literatura ingleza*, é bem provavel que eu ainda hoje estivesse jungido ao systema das causas fortuitas. Essa influencia que me foi extremamente benefica, porquanto corrigiu algo de mystico, que havia no meu temperamento de escriptor, não me avassalou; todavia, por mais enthusiasmos que gerassem no meu espirito, as leis de esthetica, analysadas pelo mestre, encontraram em mim um sobrio e cuidadoso applicador. O methodo fortaleceu-me e ensinou-me, primeiro que tudo, a estudar. Pois bem, esse mesmo methodo habilitou o discipulo a comprehender os proprios defeitos daquelle insigne professor.

Praticamente não tardei, no exercicio da profissão, a reconhecer quão facil ser-me-ia, por meio dos processos de accumulação de provas e documentos, sob qualquer plano preconcebido, crear na imaginação, principalmente do leitor indocto, o mytho literario que me aprouvesse. Nos *a pedidos* do *Jornal do Commercio* poderiamos ver esse processo inconscientemente posto em pratica pelo primeiro habil que se dispuzesse a representar o seu adversario como um scelerado, o que tudo demonstra em como o methodo de Taine basea-se

na logica e no desenvolvimento psychologico natural. A questão, portanto, reduz-se á intensidade do esforço do critico e á perspicacia de cada um.

Para que o methodo do mestre, dizia a mim mesmo, não se torne inutil e banal é indispensavel que haja sinceridade, que se não abuse do instrumento de demonstração, e que finalmente á applicação desse instrumento, que é tão exacto como pode ser exacto o theodolito, preceda um criterio philosophico, como quem affirma uma ontologia positiva e uma ethica clara e de utilidade pratica. Ora, sob esses dois pontos de vista o autor da *Historia da literatura ingleza* estava muito longe de interessar-me. As suas conhecidas tendencias pessimistas, o seu determinismo secco e a sua falta de lyrismo, sem equivalentes de ordem moral e pratica na vida humana, contrariavam a cada instante as tendencias oppostas, que constituem o fundo de minha natureza. D'ahi originou-se para mim um combate continuo no sentido de descobrir outro ponto de apoio, sem comtudo perder a riqueza dos processos taineanos. Reli e repensei o meu Spencer, confrontando-o. sempre que me era possivel, com as categorias phenomenicas de Comte ; e si hoje me é vedado declarar com a impavidez do energumeno :—« estou de posse de uma philosophia ! », posso sem duvida guardar a calma precisa para ver as cousas numa atmosphera menos caliginosa. Através de Spencer, colheu-me a critica transcendental de Kant attenuada pelo jogo da sociologia moderna, e ainda mais seduziu-me o seu horror ao monopolio das escolas. A alegria interior passou a ser para mim um credo ; e obtive-a, graças ao estudo e a reflexão dos textos originaes dos grandes pensadores. Fiz de alguns delles livros de cabeceira.

Applicando, então, esse estado de espirito á critica militante, não me custou muito confessar a mim mesmo que as tres *fatalidades*, preconisadas pelo mestre, não eram tudo no trama da historia humana. A minha actividade, portanto, crescendo no que respeitava a psychologia propriamente dos autores, começou a inclinar-se para a região das influencias de cultura, e comecei a exercer o methodo de Taine buscando as correlações dos estylos e as suas influencias *á distancia*, no tempo e no espaço. Em 1889 no *Novidades* balbuciei a primeira tentativa neste sentido, por occasião de estudar o *Atheneu* de Raul Pompeia; e posteriormente, em contacto mais

estreito com as producções do genio inglez, do russo, e do scandinavo, pensei ter encetado a factura consciente, com ideia nitida do que eu queria, daquillo que antes bruxoleava no meu espirito como uma necessidade ou melhor produzindo a sensação da ausencia de alguma cousa essencial.

O fim principal deste trabalho é mostrar em como o sentimento da tragedia, que nunca deixou de existir na arte, desenvolveu-se modernamente em Shakespeare, creando um mundo novo, e por que caminhos ou em virtude de que leis esse mundo poude a distancia de tresentos annos produzir uma poderosa filiação na alma artistica do seculo XIX, e tudo isto sem embargo de condicções mesologicas, ethnicas e momentaneas.

I

Com razão têm os criticos aproximado Eschylo de Shakespeare. De facto, de todos os genios da antiguidade, embora barbaro na arte como pretendem vulgarmente, Eschylo é o irmão mais velho do grande tragico inglez, e seu aparentado tanto no modo de perceber a natureza, como no modo de traduzil-a.

Em Aristoteles encontramos definida a tragedia de um feitio singular. O stagyrita foi observal-a no theatro, e classificou-a tal qual se tratasse de um phenomeno natural; mas a tragedia, nessa epoca só se deixou examinar na acção technica do artista. D'ahi o que ha de incompleto, com relação aos gregos, na philosophia da arte do grande mestre, que não podia então observal-a como psychologo, na propria alma do homem, na alma do artista. A tragedia, pois, segundo a definição aristotelica, encarada mecanicamente, não passa de uma imitação da natureza no que ella tem de grave. São suas proprias palavras: «A imitação de uma acção grave integral, e de extensão determinada, imitação que se produz por meio do discurso, e cujos ornatos concorrem para o exito do poema, que deve, pelo terror e a piedade, corrigir nossas paixões» [1]

[1] Aristoteles — *Poetica, V.*

Ora, pela simples inspecção desse periodo, vê-se quanto de apoucado existe na theoria do stagyrita, que em ultima analyse, seguindo cegamente a logica dos processos extrahidos da sua philosophia, cingiu-se a estudar na arte aquillo que os modernos chamam leis de imitação (vide Tarde), e que incontestavelmente exercem no trama da vida social um poder immenso. A imitação no artista é de ordinario um meio; e a tragedia não reside no instrumento, existe, sim, no facto da communicação de dois estados d'alma, o do artista e o do espectador ou do leitor; e nem o verdadeiro poeta tragico da antiguidade cogitou essencialmente em corrigir as paixões humanas provocando terror e piedade. Acaso Eschylo poderia conseguir esse prodigio com o *Promethen?* Em que aproveitariam, como exemplo, os soffrimentos atrocissimos de Orestes? Si ambos eram victimas da fatalidade, da vontade inflexivel dos deuses; si por outro lado obedeciam inexoravelmente aos decretos dos oraculos, em que podia ser util aos gregos essa superflua lição do grande tragico, si pelo contrario a audacia do roubador do fogo celeste e a inflexibilidade da vingança filial ali estavam na tragedia conquistando todas as sympathias do auditorio? Não. Na alma de Eschylo os phenomenos se passaram por modo muito differente. A tragedia na rhetorica de Aristoteles era uma, e na alma dos Athenienses, que applaudiam o poeta, outra. A sensação sobreaguda que o *barbaro* conseguia produzir no publico, identificando-o com sua obra, não era propriamente o resultado dos *trucs*, nem das divisões, nem do *ecyclema*, com que os regedores e contraregras preparavam a scena para a representação. O theatro tragico não saira das festas bachicas ou dos mysterios de Eleusis, sinão no que propriamente era forma e predisposição do publico para a receptividade do *choque dramatico*. No que entende com a vibração, a alma inteira da tragedia, a genealogia sómente encontra-se na força dos grandes poetas. Mas acontece que essa sensação aguda, complexa, mysteriosa, o artista não a produzia sinão em condicções especiaes do ambiente historico e quando, pela grandeza de suas faculdades, elle conseguia entrar em contacto com a parte obscura da natureza humana. Ha alguma cousa de plutonico no modo por que se estabelecem essas correlações entre um poeta da envergadura de Eschylo e um povo espirituoso e electrisavel como eram os habitantes de Athenas. Em todo caso observe-se e leia-se a historia literaria geral e verificar-se-a que taes personagens

nunca foram apathicos, nem meditativos, no sentido rigoso da palavra, mas homens de phenomenal actividade, de grande energia para o trabalho, e quasi sempre objecto de perseguições, tendo sido por este modo forçados a viver a vida intensa das sociedades revoltas.

Eschylo, por exemplo, não foi um tragico produzido por estufa. Elle combateu em Marathona, Salamina e Platéa, e foi até ferido na primeira, o que bem claramente significa que o auctor do *Prometheu* evoluiu com a propria patria, sangrou com ella, no momento preciso em que esta cheia de força, de vida, de enthusiasmo, affirmava-se soberana na civilização mediterranea, contrapondo-se, luminosa, ao poder dos persas e á theocracia asiatica. Que não viu elle durante o periodo em que viveu, quiçá o mais solemne de uma nacionalidade que se ergue? A mythologia como um sonho boiava na imaginação dos povos. Longe ia já a epoca titanica dos theseus; a guerra de Troia susurrava aos ouvidos dos homens como uma musica do passado cheia de ensinamentos crueis; e a Hellade sorria e entrava em festa porque sentia-se crescer. No momento, pois, em que surgiu Eschylo, Athenas não era uma cidade por fazer. Organismo completo, ella apenas precisava affirmar que encetava uma epoca de acção, mas de uma acção muito consciente e positiva da sua força e dos meios de empregal-a. Começavam as guerras medicas. A Hellade aguerria-se, pensava, sentia e agia; e todas as claves da intelligencia, da actividade e da sensibilidade humana eram ali postas em vibração.

Eschylo assistia a tudo isto como espectador e como actor. Homero, Anacreonte, Thales, Solon, Pythagoras, Heraclito, Parmenides de Elea e tantos outros sabios e poetas já haviam calcado o solo da peninsula. A cultura do espirito, portanto, desenvolvera no cerebro privilegiado desse tragico todos os dons naturaes e ainda mais lhe afinara as faculdades de observação. O periodo historico era formidavel. Foi assim que o autor da *Orestiada* poude ver e apreciar no espectaculo geral e nos autores cousas magnificas e imponentes. Que impressão não lhe teria causado o incendio de Sardes? a sujeição do Hellesponto e da Propontide? a invasão da Thracia pelos persas? Depois, que sustos e que coleras não lhe devia causar a arrogancia de Dario intimando cidades gregas? Pode-se até certo ponto avalial-as desde que o encontramos logo

adiante em Marathona auxiliando com o braço, simples hoplita, aos athenienses e a Milciades que saçudiam os persas fora daquella nesga de terra.

A infeliz empreza de Milciades depois desta guerra, em Paros, e a sua condemnação, o ostracismo de Aristides; a actividade de Themistocles fazendo de repente de Athenas uma potencia maritima, para cortar a furia de Xerxes; a queda ruidosa do Jupiter asiatico, que, disfarçado em rei, segundo a frase do camponio de Herodoto, e com o nome do filho de Dario, pretendia inundar a Grecia; depois de Salamina e Platéa, a luta pela hegemonia, os ciumes de Sparta, o orgulho dos heroes, a inveja dos injustos, a democratização do governo, o ostracismo de Themistocles, a formação da dictadura de Pericles, o advento de Cimon, ingratidões *post victoriam*, injurias, traições, revoltas sobre revoltas, injustiças, massacres de partidos: tudo emfim quanto constitue a vida de um povo movimentado, Eschylo observou de perto, durante um lapso de tempo relativamente pequeno, porquanto do incendio de Sardes, em que o tragico contava apenas vinte e cinco annos e a revolta de Thasos contra Athenas, que se deu quando elle attingia os cincoenta e nove, vai a parte mais util da vida desse grande homem.

Que reflexões não lhe teriam occorrido, então, sobre factos que tão de perto lhe tocavam? Fatalmente elle foi obrigado a comprehender melhor os segredos da vida social e a psychologia dos actos humanos.

Comprehende-se, agora, dado um pensador da força de Eschylo, desdobrado por uma alma vibrante de artista, como o seu genio poude assimilar cousas extraordinarias, meditando sobre as leis divinas e sobre a posição do homem diante das forças da natureza, e principalmente sobre essas guerras estrondosas, que haviam acarretado a ruina de um povo como os persas, que se lhe afigurava o proprio universo, com todos os seus deuses, os seus heroes, os seus monstros e os seus demonios; comprehende-se digo, que Eschylo não precisava mais do que narrar para commover, espantar, e esmagar o auditorio numa confusão de trevas e de luz. Não narrou; mas a tragedia estava toda armada como Minerva, no cerebro, no coração, nos nervos.

A tripeça, que Aristoteles descreveu depois, seria apenas um vehiculo para os seus effeitos oratorios.

II

Quando os arautos annunciam o começo das *Eumenidas*, logo ás primeiras scenas sente-se viver, através da mythologia, das formas convencionaes da poesia, um mundo inteiro de phenomenos psychicos, de que talvez o tragico não tinha consciencia nitida, mas que eram no seio de sua alma a verdade entrevista pelo sentimento e a vida do homem e da sociedade hellenica palpitante naquella peninsula aurea, no regaço daquellas ilhas afortunadas, daquelle mar esmeraldino, que os compendios de hoje e a rhetorica das escolas nos fazem enxergar no mappa das nações maculadas por uma raça inferior, atrophiada entre as ossadas do Parthenon, das obras de Phidias e dos farrapos de Jupiter e de Minerva.

Basta ler o poeta por extenso para que se experimente o que era essa tragedia nos tempos da Grecia.

Estamos diante do templo de Delphos. A Pythia vai entrar para falar ao Oraculo, quando alguma cousa de terrivel a obriga a recuar espavorida. Um homem com as mãos ensaguentadas, supplice, olha para uns monstros que dormem, as Furias. E' Orestes que, refugiado no templo de Apollo, sai guiado por esse mesmo deus, a cujo decreto elle obedecera commettendo o parricidio, e que não o pode abandonar sinão repousal-o da perseguição inexoravel; e emquanto aquellas dormem, o moço foge para Athenas. Abre-se então o templo, e o espectro de Clytemnestra, ainda com as feridas abertas, exprobra ás Eumenides o crime de se terem deixado adormecer.

> « Dormis, oh Furias, diz Clytemnestra. E assim consumis o tempo! Dormis! e eu, cuja vingança acobardais trahindo o intento, só tenho alma para errar como uma miseravel por entre mortos, só tenho ouvidos para o escandalo das exprobrações, porque tambem assassinei. Brado e bradarei: os meus inimigos punem-me cruelmente, emquanto eu martyrisada pelo mais caro dos mortaes, trucidada pelas mãos de meu proprio filho, não encontro um Deus que se apiade de mim. Onde a indignação divina? Aqui estão ellas; sangram ainda estas feridas: olhai de dentro, com a vista do espirito, porque, quando se dorme é que o espirito luz; cegos somos logo que acordamos. Faltam offrendas?

Quantas vezes vol-as tenho feito abeberadas de libações de vinho, sobrias, mas dulcificantes? Para que falar nos festins nocturnos para os quaes vos tenho implorado a presença, junto do lar, na hora em que nenhum mortal ousa invocar outra divindade? Eis, comtudo, o premio colhido de um culto tão assiduo! (*Orestes afasta-se.*)

E eis como o culpado vos escapa e foge. Vêde: o reprobo livre das cadeias, insulta.

Tende compaixão das minhas queixas, deusas infernaes, abri os olhos; é Clytemnestra quem vos chama em sonho. (*O côro resomna.*) Dormis e elle afasta-se. Só Clytemnestra não tem deuses! De que lhe servem supplicas? (*O côro resomna de novo.*) Basta de dormir: é de mais, porque o que soffro não tem echo. Orestes, o misero matador de sua mãi, lá vai fugindo.

O CÔRO (*solta gemidos inarticulados.*)

CLYTEMNESTRA. Adormecidas e ainda assim gritais! De pé!

E' extranho que só saibais fazer o mal!

O CÔRO (*renova os gritos.*)

CLYTEMNESTRA. O somno e a fadiga, conspirando, entorpeceram as viboras mortiferas com que açoitais os reprobos!

O CÔRO (*ainda meio adormecido*) Pára, segura! Alerta!

CLYTEMNESTRA. Ainda mesmo sonhando perseguis! Do mesmo modo que o cão de raça, sempre preoccupado com a presa, ladrais, desferindo sons inarticulados.....

O CÔRO. Alerta! alerta! E' tempo de despertar. Dormis? Levantai-vos. E' despedir o somno! Vejamos o que foi que deu o alarma.

Ah! Deuses! A verdade é triste, minhas amigas, perdemos todos os nossos trabalhos. Que affronta humilhante! que insupportavel desgraça! Orestes fugiu. Vencidas pelo somno deixámos que a presa se escapasse. (*A Apollo*) -- Filho de Jupiter. Foste tu que nol-o roubaste. Divino mancebo, é bem certo que zombaste illudindo velhas deusas. Para salvar um cliente supplice, um Deus nos arrebata o impio, o assassino parricida e de sua mãi! Onde a Justiça? As exprobrações que nos fizeram em sonho, bem como um aguilhão acerado, penetraram-nos a alma; nem a carrascos se inflinge tormento igual. Frio, frio glacial invade-nos o coração e gela-nos o sangue.

E é assim que se comportam novos deuses?! Reinam sem equidade. Olhai para esse throno posto no centro da terra! está pingando sangue; aquelle que o occupa soffreu que um sacrilegio o inquinasse.

Deus propheta! desrespeitando teu proprio santuario, tu mesmo para seres exortado, conduziste o impuro supplicante! Não acatas sinão deuses injustos e desprezas as parcas por serem antiquissimas.

Ultrajas-nos! Todavia, sem o salvares; porque, ainda mesmo nos planos inferiores da terra, elle não evitará o castigo. O parricidio poz um Demonio vingador a perseguil-o por toda a eternidade.»

Orestes, entretanto, é colhido outra vez em Athenas pelas Furias inexoraveis. Minerva é invocada, e constitue-se em arbitra do conflicto tenebroso. A deusa, comtudo, hesita em decidir a causa, e

[illegible] um tribunal dos mais honrados athenienses, que será o futuro [illegible]. Appollo defende seu cliente; as Furias allegam privilegios. [illegible] meditam e dividem-se; o julgamento empata; só resta o [illegible]fragio de Minerva, e esta resolve-se por Orestes, que surge fulgurante de reconhecimento aos pés da deusa. Não se dão as Furias por vencidas; e despeitadas agridem com palavras acerbas a respeitabilidade da Justiça, que se associa com aquelle acto impensado aos deuses novos para derruir as velhas e titanicas divindades: Minerva procura com prudencia apazigual-as; convence-as, e, dando-lhes o nome de *Eumenides* (benevolas), fal-as reconduzir inoffensivas ao centro da terra por um cortejo de velhos, mulheres e meninas.

ARARIPE JUNIOR.

(*Continúa*)

A SCIENCIA DA HISTORIA

A melhor e a mais segura solução de um problema é, lemos não sei onde, a que se desprende gradual e naturalmente da solução das questões preliminares que formam, por assim dizer, a cadeia logica que precede o problema solvendo.

Neste presupposto, a questão de saber-se si a historia constitue uma sciencia, implica evidentemente a de saber-se «o que é uma sciencia?»

Duvida houvesse em algum espirito sobre a necessidade desta precedencia logica, ahi estaria, para desfazel-a, o principio geral que rege toda classificação, a saber:— que não se pode fazer entrar uma cousa numa categoria determinada, sem, antes de tudo, verificar-se si os traços caracteristicos desta cousa são identicos aos das cousas que compoem a categoria visada.

O conceito de sciencia é, portanto, o estalão por onde se pode verificar si a historia possue a caracteristica scientifica, a medida por onde se pode pesar a sua capacidade logica.

Abordemos por consequencia esta questão preliminar.

Quando se examina, em seu todo, uma sciencia qualquer, percebe-se sem esforço:

a) que ella se compõe de um conjuncto de principios, quer dizer de affirmações categoricas, precisas, breves;

b) que estas affirmações se referem a um certo grupo de phenomenos;

c) que estas sentenças guardam entre si a mais completa correlação, formam uma mesma cadeia, constituem um só tecido,

possuem uma só estructura, um só corpo, e se resolvem numa ideia unica, num principio capital;

d) que estas affirmações se verificam com perfeita exactidão no mundo objectivo.

Tal é a biologia, affirmando, entre outras cousas, que as modificações operadas pela acção do meio na materia organica, tornam-se habitos e se transmittem na descendencia como qualidade organica, por via de hereditariedade; que, pelo mesmo processo, as experiencias tornam-se instinctos, qualidades de espirito; que os animaes superiores são conjunctos organisados de seres elementares; que a historia de cada ser é uma recapitulação summaria do desenvolvimento da serie organica precedente,—e tudo isto se realizando no mundo organico, na ordem vital.

E o mesmo não é o que se dá com a astronomia, com a physica, com a chimica, com todas as sciencias, em summa?

e) que por meio de taes principios se prevê a marcha, a direcção, a transformação dos movimentos naturaes.

Taes são a astronomia predizendo com a certeza da hora, do segundo, innumeros movimentos do cosmos celeste e a biologia, diante da monerula de um embryão humano, prevendo, não só o homem feito e acabado que tem de surgir desta materia amorpha, como assinalando de antemão, forma por forma, as infinitas nuanças de que terá de se revestir o novo ser, durante o desenvolvimento intra-uterino.

Uma sciencia, portanto, pode ser definida: o corpo de doutrina, o conjuncto de principios, a theoria que, em relação a um grupo determinado de phenomenos, é capaz de verificações e previsões certas e indubitaveis.

Resolvida esta preliminar, poderiamos, sem outras preoccupações, abordar immediatamente o nosso problema, verificando si a historia tem os traços que caracterizam a sciencia, quer dizer, si ella é uma theoria capaz de verificações certas e indubitaveis em relação á coexistencia e ao desenvolvimento das forças sociaes. Mas si o fizessemos teriamos de passar por cima de outras questões preliminares, que surgem e se impoem ao estudo como necessarias para a boa comprehensão do problema final; e, neste caso, a confusão e as lacunas, viriam mais tarde perturbar a visão das cousas.

Não as desprezemos, pois.

Porque—eis ahi uma questão que surge apenas tocamos o termo final da questão precedente—porque os principios, estes fios invisiveis que constituem o tecido logico dos conhecimentos humanos, se realizam no mundo real de modo a tornar possivel o duplo processo de verificação e previsão que caracterisa a sciencia?

Não se dirá certamente, que a natureza segue, obediente e passiva, as prescripções da sciencia á guiza da sombra em relação ao corpo que a projecta. E, assim sendo, como comprehender-se o facto, sinão comprehendendo-se a sciencia como o espelho em que se reflecte a natureza, como a natureza vista através do espirito e fixada nas formulas de uma theoria?

Mas, como poderá reflectir-se no pensamento, resumir-se em conceitos logicos, exteriorizar-se e tomar corpo numa theoria, uma natureza que só apparece aos nossos olhos, fragmentada na pluralidade infinita de phenomenos instaveis, moveis, variaveis, agitada, continua e eternamente em mil direcções oppostas, uma natureza, cujo aspecto muda em cada forma, em cada manifestação, sem unidade visivel, sem feição, sem corpo, conjunto monstruoso de elementos distinctos, oppostos, contradictorios, de parcellas que, na sua maioria, *hurlent de se trouver ensemble?*

Como? Onde a unidade, o singular, o laço que prende num só *todo* as partes innumeraveis que divisamos?

Onde, a imagem real, una, indivisivel que o mundo da phenomenalidade reflecte no pensamento e se exterioriza num corpo de doutrina? é, por consequencia, outra.

Uma simples consideração vai nos encaminhar á verdade.

As affirmações scientificas,—perguntamos antes de tudo—se verificariam no mundo objectivo com esta acuidade inexoravel que caracteriza os processos scientificos, as previsões da sciencia seriam precisas, certas, indubitaveis si a esta precisão e a esta certeza, não correspondessem precisão e certeza nos processos naturaes?

Não; inquestionavelmente, não.

Logo haverá necessariamente alguma cousa de immutavel, de permanente, de fixo, no meio da pluralidade infinita deste universo, onde tudo muda, se transforma e passa, onde o phenomeno se affirma hoje e nega-se amanhan, e onde o pensamento, no curso

vertiginoso das cousas que se succedem, não percebe sinão formas, phenomenos que são um instante e deixam logo de ser.

Qual será esta imagem una, indivisivel, no meio da multiplicidade, fixa e inalteravel no meio da mudança universal? Vejamos:

A materia, qualquer que seja a sua categoria — physica, organica ou social — só nos apparece fraccionada em corpos: astros, organismos e sociedades. O que nós chamamos *universo* não é mais do que o vasto circulo que abrange a pluralidade infinita dos corpos de todos os tamanhos e matizes: a nação ingleza tanto como a horda bochimana, o homem tanto como a gastréa, o sol como o meteoro, o astro como a nebulosa. Esta infinita variedade de formas distinctas, visiveis e palpaveis, emergiu, conforme o ensina a intuição monistica, de um fundo unico: a nebulosa primitiva, que, fraccionando-se, evoluiu em corpos separados. Desta sorte a materia em vez de apresentar uma só forma, apresenta um mundo de formas diversas e distinctas. D'ahi, dois factos capitaes: a successão e a coexistencia dos corpos.

Ora, successão e coexistencia nada mais são do que relações necessarias resultantes de pluralização no tempo e no espaço, o facto que se impõe onde mais de um termo se revela.

Si assim é, a relação é um phenomeno universal, porque universal é a existencia da materia em corpos separados.

De facto, onde existe a materia una e indivisivel? No estado gazoso? Em seu primeiro momento de existencia?

Não, porque ahi, existe ella em atomos separados, distinctos e independentes. O estado gazoso é simplesmente a forma, os elementos minimos da materia — o atomo por meio do qual se revelam em existencia livre e independente.

D'est'arte, a relação é um facto que se impõe por toda parte e sempre: — no estado gazoso, entre os atomos que ahi formam corpos separados e distinctos, — no solido, não só entre estes constituindo um só corpo, como entre os corpos diversos. Neste presupposto, podemos concluir: o universo tem duas faces — a das formas, aquella em que se fragmenta a materia e a das relações, a que se deriva do proprio facto desta fragmentação no tempo e no espaço.

Ha, pois, dois mundos differentes constituindo um só facto e uma só verdade: *o mundo das formas e o mundo das relações.*

E não se diga que esta affirmação é methaphysica. O mundo das relações, é tão real quanto o das formas. A unica differença entre elles é que um é visivel e palpavel e o outro invisivel e impalpavel. Em compensação, porém, emquanto o mundo das cousas visiveis muda e transforma-se, tomando, no fluxo e refluxo da mobilidade geral, mil feições, o das relações conserva-se fixo e immutavel.

Quereis a prova?

Envolvei o universo em um olhar de conjunto e tomai os dois termos extremos da materia —o estado diffuso e a forma consciente.

Que vedes?... Nada permanece estavel: os atomos se transformam em meteoros, e estes em formas estellares que vão, successivamente, se elevando na escala astronomica; as plastidias, — atomos da vida, — transformam-se em cellulas, e estas successivamente nos organismos que formam a cadeia animal; os seres humanos — atomos da sociedade, desaggregados na horda matriarchal, como a plastidia o é no *bathibyus huerkelii* e o atomo na nebulosa,— transformam-se em patriarchados e estes successivamente nos corpos politicos superiores. E, assim, as formas, de roupagem em roupagem, vão constantemente se agitando na movel cadeia do *fieri* eterno e universal.

No mundo das relações, porém, dá-se o contrario. O modo porque os atomos resolvem-se em meteoros e estes em astros; as plastidias em cellulas e estas em organismos; os seres humanos em patriarchias, e estas em cidades e successivamente em nações e nacionalidades é invariavelmente o mesmo: a individuação da materia em corpos que se separam e se constituem pela acção combinada de dois movimentos constantes, continuos, eternos: a convergencia e a divergencia atonica, que constituem um só *processus* — o *desenvolvimento continuo*.

Isto quanto ao universo encarado no tempo. Em relação ao espaço, o facto é o mesmo: desigualdade absoluta, variedade infinita.

Observai: no estado gazoso — a pluralidade atonica, o atomo coexistindo separadamente, e, nas varias categorias da evolução geral — a infinidade das formas correspondentes á cada uma destas categorias, coexistindo do mesmo modo.

E não fica ahi. A nebulosa, conjunto de atomos desaggregados, reduce da materia primitiva — move-se ao lado dos corpos solidos, das estrellas fixas, que no fundo não são mais do que estes mesmos

atomos cohesos e compactos, o *bathibyus hæckelii*, verdadeiro reduce da nebulosa organica, si assim me posso exprimir. — vive ao lado dos organismos superiores, os quaes, por sua vez, não são mais do que estas mesmas plastidias unificadas e differenciadas anatomica e physiologicamente; a horda matriarchal barbara, representante actual do momento em que os seres humanos, sem laço algum que os prendesse em corpo politico, oscillavam entre a natureza e a historia, entre o *genero — animal* e a *especie — familia* — agita-se ao lado dos modernos corpos de sociedade que, como sabemos, são grupos de familias constituindo unidades politicas superiores. Dest'arte o mundo das formas tomado no espaço offerece o mesmo aspecto mudavel no tempo.

E, não podia ser de outra forma, porque a coexistencia não é mais do que a successão representada em formas fixas e permanentes. Uma especie de animal qualquer é, exemplificando a affirmação, pura e simplesmente, a forma fixa e limitada de um typo outr'ora generalizado que se reduziu, forçado por outro que o fez sua presa e lhe tomou o caminho.

Mas, no meio desta multiplicidade que perturba o espirito, desta variedade pasmosa, deste monstruoso quadro em que a natureza muda de aspecto, de phenomeno em phenomeno, e, onde, nem mesmo entre os dois formosos olhos do mesmo rosto, existe igualdade completa,—ha um ponto fixo, um facto constante: o modo porque coexistem as formas quaesquer que ellas sejam—atomos, estrellas, organismos, estados—o qual é invariavelmente o mesmo: o equilibrio resultante do conflicto universal em que se empenham todas as cousas, e, á custa do qual, vai, pouco a pouco, se revelando a harmonia crescente do universo, que, digamos de passagem, nada mais é do que o modo porque se revela no espaço o facto do desenvolvimento continuo. O desenvolvimento e a unidade no tempo; o equilibrio, a unidade no espaço. O primeiro conserva a unicidade na uniformidade gradativa das formas, o segundo na harmonia crescente das forças coexistentes.

Desta altura já podemos tentar a resposta da questão acima formulada sobre o que a natureza offerece de fixo no meio da mobilidade e da mudança universal.

Si, fora de nós, nada mais ha que corpos que se succedem e coexistem; si universo é um grande phenomeno collectivo com

duas faces que se distinguem e se completam, a das formas ou das relações — *forma*, tudo aquillo que no tempo e no espaço toma uma figura e uma grandeza, *relação*, tudo o que resulta da existencia e coexistencia das formas e não tem, como estas, existencia palpavel certo é que o objecto da sciencia será aquella face do universo que não muda. E esta é a das relações, tecido invisivel, que, no tempo e no espaço, prende o mundo das formas, esqueleto impalpavel e eterno que, mudando constantemente de carnes e de nervos, e tomando, simultanea e successivamente, uma feição, uma figura e uma grandeza em cada phenomeno, permanece inalteravel em si e se reduz, no fundo, aos dois factos capitaes do *desenvolvimento* e do *equilibrio*. Tal é a imagem fixa e immutavel do universo que o espirito apprehende e dá corpo na sciencia sob a denominação commum de Lei. Lei é a relação necessaria e universal que, no tempo e no espaço, se deriva do mundo das formas, o modo porque estas se succedem, se coordenam e coexistem, a manifestação regular da mesma força, estabelecendo, no meio da multiplicidade geral, a uniformidade gradativa e a harmonia crescente das formas, o facto constante que une no mesmo laço os phenomenos mais differentes e mais distantes, a imagem, em summa, unitaria das formas, a synthese, o monogramma da etiologia universal.

A sciencia é a photographia das leis, o mundo das relações enfeixado em formulas.

Em a nossa *Concepção Monistica do Universo*, estabelecendo os tres aspectos principaes do mundo das relações—a gravitação, a consciencia e o direito, escrevemos:

«Esta triplice forma de relações cabe num só conceito: o de lei. Lei é toda relação formulada. As relações existem lá fóra, no mundo objectivo e independentemente do pensamento que as percebe. A lei, não; só existe quando o espirito entra no conhecimento das relações e formúla as regras do seu movimento. E' um facto que, antes do pensamento entrar no conhecimento das relações entre os corpos physicos, estes giravam em direcções certas em virtude da attracção e da repulsão e se harmonisavam por força do movimento fatal da gravitação. Depois, o espirito penetrou no conhecimento deste facto e formulou-o; — a lei da gravitação começou então a existir. As relações entre as formas mentaes operavam-se do mesmo modo no mundo logico antes do espirito

conhecel-as. Posteriormente, ellas são conhecidas e reduzidas a formulas, isto é, á leis.

Com o mundo moral se dá o mesmo facto. O direito existe fóra como uma relação necessaria derivada da coexistencia das forças sociaes e independentes do conhecimento de nosso espirito. Depois o pensamento entra no conhecimento destas relações e formúla a lei.

A lei, pois, quer se trate do mundo physico quer do moral, da natureza ou da historia, é sempre uma relação formulada. E tanto é isto verdade no mundo social que, quando o arbitrio humano quer crear, impondo como lei o que não exprime as relações sociaes do momento, esta supposta lei não tem valor nem funcção, cai em desprestigio como o attesta a maior parte das leis de que se acham repletos os annaes da legislação humana. »

Estas ideias que, desnecessario é dizel-o, conservam ainda para nós a mesma frescura e o mesmo prestigio do dia em que as escrevemos, acham-se num ponto modificadas. Mas esta modificação que de modo algum, altera em seus fundamentos a verdade enunciada, torna-a todavia, mais clara, e mais comprehensivel.

Ponhamos, pois, em relevo o desaccordo do nosso pensamento de hontem com o de hoje.

Lei é toda relação formulada, dissemos nós.

Pois, não dizemos bem. Lei não é a relação formulada, mas a propria relação, a relação em si. Lei e relação são vocabulos synonimos.

Não é mister que o espirito entre no conhecimento das relações para que a lei tenha existencia. Facto natural, ella existe independentemente do conhecimento, lá fóra, no mundo objectivo, na expansão necessaria e fatal das forças da mecanica universal. Quando, porém, o espirito percebe e formúla taes relações, a lei, phenomeno objectivo, toma posição no espirito, assume o caracter de conceito e, então, chama-se principio. O principio, este sim, é que é a relação formulada, a realidade vista no espirito, o phenomeno natural formulado. Dest'arte, a modificação operada no nosso pensamento, fica bem definida fazendo-se escrever « principio » onde escrevemos « lei ».

E isto não é uma questão de nonada. A clareza das ideias suppõe a precisão das palavras, e, no entretanto ninguem distingue

lei, principio e *regra*, termos que a philosophia usual tanto confunde.

Que é uma lei, que significa um principio, uma regra?

Em geral, emprega-se indistinta e indifferentemente qualquer destes vocabulos para exprimir a mesma ideia; todavia, sem exprimirem ideias antagonicas, têm estes vocabulos significados differentes, como termos que traduzem um facto em posições differentes, em condições distinctas.

Tomemos, para tornar o nosso pensamento bem claro, um exemplo. Seja a nossa lei de historia:—*Cada corpo de sociedade, qualquer que seja a sua posição na escala da civilização, recapitula summariamente em sua evolução particular a historia da humanidade.*

Neste enunciado, distinguem-se duas entidades—o facto que se realiza na mecanica social, com a fatalidade de uma corrente em plano inclinado e o conhecimento deste facto, deste movimento social, expresso no conceito.

Pois bem, o facto em si é a lei, o facto conhecido e formulado é o principio.

E tanto ha ahi duas entidades—uma, si assim me posso exprimir, etiologica e outra logica—que este movimento, desde que existem sociedades sobre a terra, se produz na historia humana, e sómente agora o espirito humano adquiriu a noção do mesmo—noção que dá ao facto outra existencia e outra feição: a de conceito. Ali é a lei, aqui o principio. O principio é a lei conhecida, a lei formulada.

Mas não fica ahi. Conhecido o movimento, formulada a lei, resumidas as relações em principios, o espirito póde, conforme estes, traçar normas de conducta para as suas diversas formas de actividade. Tal é a regra. A regra é o principio assumindo um caracter pratico, obrigatorio, a forma porque os principios se exteriorizam em normas de conducta, coactivas ou não. [1]

---

[1] Cumpre notar que só ha regras para os seres reflexivos, pois ninguem traça regras para os corpos physicos e para os organicos, cujas leis aliás tomam corpo na sciencia.

Fazem-se, porém, regras, para o homem dirigir-se na agricultura, na industria, na arte, nas pesquizas scientificas, na vida social, em todas as direções, em summa, da vida ideal e pratica.

O edito de que fala Fiske, é o principio transformado em normas reguladoras da actividade humana. [1]

O exposto é sufficiente para deixar bem clara a differença entre as ideias que os termos *lei*, *principio* e *regra* exprimem, ou, melhor, que devem exprimir.

O conjunto das leis constitue a mecanica universal, o conjunto dos principios, a sciencia, e o das regras, os methodos e as instituições, verdadeiros corpos de normas que dirigem o espirito. coordenando as ideias e as acções na indagação do verdadeiro, do bello, do util, e na pratica do conveniente e do justo.

Assinalada a differença entre a natureza, o mundo das leis, e a sciencia, o dos principios, resta-nos saber como a natureza, —o mundo das leis,—através do espirito, se exterioriza na sciencia —o mundo dos principios?

Como este mundo de relações de toda sorte, invisivel e impalpavel, póde ser fixado em formulas e tomar corpo numa creação logica, permanente e fixa: a sciencia.

Si a face da natureza que se exterioriza na sciencia, fosse, como acontece á arte a das formas, a questão tornar-se-ia simplissima: a sciencia seria a reproducção mais ou menos exacta do mundo das formas, a natureza tangivel descripta. Mas *sciencia* não é *arte*. Ambas são reflexos exteriorizados do real, mas, nesta, se reflecte o mundo das formas, e, naquella, o das leis. O artista, mesmo aquelle que, como o dramatico, reproduz o que a natureza tem de mais intimo e imperceptivel — as emoções — tem diante de si, para modelo, rodeiando-o por todos os lados, sob formas

---

[1] Isto não implica, de minha parte uma concessão de liberdade aos seres reflexivos.

Não. A execução da regra depende da veracidade do principio, da exactidão da lei, isto é, do movimento natural que ella determina, pois a regra á que se obedece na pratica não é mais do que o movimento real da vida, que, através do espirito que o formulou, toma o caracter de norma.

Obrigai um individuo ou um povo ao cumprimento de uma regra que não seja a expressão da realidade, e a consequencia inevitavel será a do regimen representativo parlamentar no Brazil. A nossa actual constituição não é um conjuncto de regras? Porque não são estas obedecidas?

Certamente, porque não exprimem o movimento real do nosso momento historico, a nossa feição politica: são a expressão de principios que não traduzem as relações necessarias e fataes que se derivam de nossas transformações historicas.

visiveis e apreciaveis, toda sorte de movimentos que agitam a alma humana.

O sabio, porém, não. Si estende o braço indagador, si lança o olhar duvidoso só encontra resistencias, figuras e grandezas, e o que elle busca, não é, certamente, isto, mas o mundo invisivel que se deriva deste mundo palpavel; não é a emoção que elle procura apprehender para imital-a, como o actor, para reproduzil-a nas feições de uma mulher formosa, como o pintor, para descrevel-a em seus mais intimos contornos, como o romancista e o dramaturgo. E' o *como* e o *porque* desta emoção, o *como* e o *porque* da natureza inteira. E isto que o dedo não toca, o olhar não vê, o ouvido não escuta, o pensamento — clava invisivel e eterna, como eternos e invisiveis são os movimentos da natureza que o sabio busca — impellido pela sede inexgotavel de unidade e de harmonia que constitue a sua propria essencia, e attrahido pela duvida, acaba por apprehender e enfeixar em formulas, em principios e dar um corpo logico.

Como?

E' o que nos vai dizer Wundt.

Comprehende o leitor que não poderemos reproduzir neste logar a theoria completa do psychologo allemão, sobre o processo por meio do qual o pensamento unifica as formas mentaes e vai das imagens ás noções.

Ignora o leitor a psychologia wundtiana exposta em grandes e grossos volumes?

Não será, por certo, uma exposição summaria que virá dar-lhe uma ideia exacta. Portanto, limitemo-nos ao necessario para indicar a direcção do nosso caminho e destacar o nosso alvo. E para tanto basta a seguinte exposição de Ribot: [1]

« Si je prends un jugement quelconque, — le lion est un animal, — il est indubitable que, pour se former, ce jugement présuppose un grand nombre d'actes mentaux anterieurs.

Sans entrer dans une analyse que serait très-longue et à laquelle la réflexion du lecteur suppléera, bornons-nous à quelques remarques. Je ne puis savoir ce qu'est un animal, qu'àpres avoir comparé cet objet à une foule d'autres objets, soit semblables, soit

---

[1] Vide Ribot, *Psychologie Allemande*, pags. 236 e seguintes.

differents (des plantes, des pierres, des liquides). Chaque objet est caractérisé par un certain nombre de *marques* ou de qualités qui lui sont propres ; et la comparaison de deux ou de plusieurs objets ne peut avoir lieu qu'a la condition que les marques des objets comparés soient en partie semblables, en partie differentes. C'est de la comparaison de choses diverses, sous le rapport de leurs marques, que résulte le jugement.

Tout jugement qui, comme celui qui nous occupe, est fondé sur une somme considérable d'experiences, nait donc d'un grand nombre de jugements antérieurs, qui sont eux mêmes les uns affirmatifs et les autres négatifs, car nous determinons une chose en disant à la fois ce que'elle est et ce qu'elle n'est pas. Et chacune de ces expériences, qui sert de base au jugement total, est elle-même un jugement ; quisque, dès que je veux exprimer une expérience, il faut que j'exprime un jugement. Mais ces jugements d'expériences que je porte sur un objet determiné, son entre eux sans lien, sans connexion.

Pour qu'ils me conduisent à un jugement final qui comprenne tout entière mon intuition de l'objet, il me faut un lien quelconque qui réunisse toutes ces marques éparses. Comment se produit cette liaison? Mes expériences particulières resteront-elles un agrégat sans ancune unité ? ou y a-t-il quelque chose qui les unisse plus profondément ? Nous ne connaissons qu'une seule forme dans laquelle les jugements soient liés les uns aux autres : cette forme, c'est le raisonnement. La conclusion réunit un certain nombre de jugements donnés pour en tirér un nouveau jugement.....

En sorte qu'on peut dire «que le raisonnement est la connaissance *qui se fait*, le jugement la connaissance *qui est faite*.»

Il nous reste à dire maintenant comment se forme le troisième élément de la pensée : *l'idée*. Si je prends, par exemple, de l'homme j'observe qu'elle presuppose un certain nombre de données expérimentales dont chacune est caracterisée par une marque : il a telle forme, il se meut, il pense, etc., etc. Ce sont ces jugements qui forment notre idée d'un homme. Mais notre idée ne resulte pas d'une simple juxtaposition de tous ces jugements; car si cela était, l'idée ne serait plus q'une simple somme de marques, et une somme de marques ne fait pas plus une idée qu'une tète et des membres sur un tronc ne font un homme. L'idée

consiste dans la fusion de toutes les marques en une unité. Et cette fusion d'où peut elle venir ? Évidemment de la seule forme d'activité mentale à laquelle nous reconnaisons le pouvoir de lier, d'unifier; c'est-à-dire, de raisonnement.

On a sans doute remarqué que, dans cette réduction de toutes formes d'activité mentale à une seule, Mr. Wundt ne s'accorde pas avec l'opinion commune, et c'est ce qu'il fait lui même observer: «Nous avons montré que la série véritable des actes psychiques est tout autre que celle qu'on professe généralement. Nous n'admettons pas d'abord des idées d'où sortent des jugements, puis des raisonnements; mais la pensée pour nous commence par des raisonnements qui conduisent aux jugements, qui eux-mêmes forment des idées.» L'activité de la pensée consiste donc uniquement dans le raisonnement; tout le reste n'est qu'un resultat, un produit. Par là aussi est établie *l'union de composition* de la pensée. Toutes les activités et facultés se réduisent finalement à une forme unique, et cette forme à pour caractère essentiel d'être une *succession*. Tous les phénomènes mentaux se ramenent donc ainsi à une operation *logique* (le raisonnement).

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Com Wundt, pois, podemos concluir: o raciocinio—funcção do pensamento ou, melhor, o proprio pensamento em actividade — é o modo porque se succedem e se coordenam no espirito as formas mentaes. Pensar é unificar, resumindo, por meio de conclusões, as formas mentaes inferiores em superiores.

Passando do dominio psychologico para o da philosophia, temos: —o mundo das formas reflecte-se no espirito sob a forma de imagens. Ao mundo das formas que constitue a natureza, corresponde no espirito um mundo de imagens.

Do mesmo modo que na natureza as formas se distinguem e se assemelham, as imagens se assemelham e se distinguem no espirito. E' no meio do mais variado material que vai o pensamento, conforme as semelhanças e differenças que as imagens apresentam, resumindo-as em juizos, em ideias e, assim, gradativamente, de conclusão em conclusão, vão os juizos e as ideias se reunindo em

conceitos cada vez mais complexos e mais geraes, de modo que o raciocinio acaba por enfeixar o Universo em poucas formulas. E taes são, entre outras, as tres formulas capitaes da philosophia mecanica, a saber:

1.ª *As formas que constituem a cadeia evolutiva universal saem umas das outras, por força de um duplo movimento de convergencia e divergencia.*

2.ª *As formas de que a evolução se reveste no tempo fixam-se no espaço em typos sobreviventes e fixos.*

3.ª *A historia de cada forma é uma recapitulação summaria da historia da categoria a que pertence.*

Não está realmente ahi o universo inteiro?

Não são estas formulas a expressão exacta, a realidade photographica do mundo das relações, no tempo e no espaço?

Inquestionavelmente. E estes conceitos que encerram o mundo invisivel das leis nada mais são do que conclusões que o pensamento foi por meio do raciocinio tirando das imagens que representam no espirito o mundo visivel e palpavel das formas.

A funcção do pensamento é concluir, resumindo, como dissemos, nas formas mentaes superiores — as ideias e os conceitos,— as formas elementares inferiores — as imagens e os juizos. A imagem é o conhecimento do mundo visivel e papavel e o conceito o das relações.

Tal é o processo por meio do qual o mundo logico torna-se o reflexo do real, e a sciencia se faz este reflexo exteriorizado. [1] As formas e as leis da natureza fazem-se imagens e conceitos no espirito, principios na sciencia e regras nos methodos e nos institutos de toda a sorte. O principio é o conceito formulado, e o conceito o conhecimento, a lei conhecida. Isto posto, façamos mais

[1] Convem não deixar passar sem uma consideração embora ligeira, que o pensamento, na escala excedente dos conhecimentos, indo do particular para o geral, do plural para o singular, do mundo das formas, emfim, para o das leis, ou o que equivale ao mesmo, do das imagens para o dos conceitos, a inducção torna-se o methodo unico dos conhecimentos humanos e erram redondamente os que affirmam a existencia de dois methodos—o inductivo e o deductivo, pois toda deducção presuppõe uma inducção preliminar, e, assim sendo, o methodo deductivo não é mais do que uma face do inductivo.

uma consideração no sentido de tornar mais claro o conceito da sciencia.

As sciencias, dissemos, são capazes de verificação e previsão. Porque?

Não é preciso grande esforço para ver a verdade que está agora a entrar pelos olhos, sendo o universo regido por leis fixas e immutaveis, sendo a sciencia a expressão, a photographia destas leis, nada mais natural do que, por meio dos principios que constituem esta, verificar-se e prever-se as relações daquelle.

Como não poderia eu verificar a identidade de alguem tendo diante de mim o retrato e a pessoa! Como não poderia eu prever a vossa direcção si tenho nas mãos o roteiro obrigatorio do vosso destino!

Assim, pois, podemos concluir: as sciencias são corpos de doutrina, conjuntos de principios, theorias capazes de verificações e previsões certas e indubitaveis; é o espelho em que se reflecte o mundo das relações no tempo e no espaço, palingenetica e ontogeneticamente, e o são taes, porque *lei, conceito e principio* exprimem o mesmo facto em condições diversas de existencia, em roupagens differentes.

E' pelo facto da ordem scientifica corresponder á natural e ambas á logica, que os principios se verificam no mundo objectivo, as regras se realizam na vida pratica. Em outros termos: as sciencias se caracterizam por seus processos logicos de verificação e previsão e os methodos e as instituições têm valor pratico.

Isto posto, perguntamos:

Tem a historia esta capacidade? E' ella um corpo de doutrinas, um conjunto de principios por meio dos quaes se pode verificar e prever de um modo certo e indubitavel, a marcha no tempo e no espaço das forças historicas?

FAUSTO CARDOSO.

BIBLIOGRAPHIA

5.— **Concurso litterario,** contos por Agenor de Roure, Rio de Janeiro, Typographia da Empreza Democratica editora, Rua do Hospicio 149, 1894, 239 pags.

Na casa do commendador Estevão, casa ricamente alfaiada de homem de dinheiro, reunem-se uns jornalistas e literatos em palestra pedante como a filha do mesmo commendador. Therezina, uma *bas bleu* pouco respeitavel e pouco respeitada por aquelles homens de letras que pelo tom da conversa com uma senhora não revelam nem aprimorada educação, nem acatamento por ella. Discutem-se os « concursos literarios » da *Gazeta de Noticias*, contra os quaes se pronunciam os frequentadores daquelle Rambouillet do Cattete. Como protesto á injustiça de taes concursos propõe Therezina que façam ali « um concurso literario para estreantes » que será julgado por um jury por ella escolhido, sendo os dois melhores contos publicados em um dos jornaes de grande circulação. Dito e feito. E ao cabo de dias nada menos de quatorze contos eram sujeitos á apreciação do jury de D. Therezina e lidos de uma assentada perante o mesmo jury e conspicua assembléa « de algumas senhoras e diversos cavalheiros. » Ao cabo de cada conto faziam os membros do jury e mais circumstantes considerações, em linguagem aliás que nada tinha de « preciosa » e menos das refinadas elegancias ou escrupulosa delicadeza dos salões literarios presididos por... uma moça solteira. Um dos juizes, o jornalista Lecoq exclama: « No segundo (capitulo do conto lido) desagrada-me unicamente o tal sonho de Emma; aquelle homem nú fazendo-se de Adão nas alturas, é meio estrambolico, com licença do autor: Escangalha a futrica toda, palavra de honra! » (p. 51) E é este em geral o tom da conversa, dos contos e do livro. Descrevendo-nos a sua literata (oh! que horrivel nome!) diz-nos o autor que era bem educada e instruida, sua conversação variada e agradavel e que sabia guial-a á vontade e leval-a para o terreno mais conveniente á indole, aos habitos e « ao gosto do freguez » (p. 11) Um apaixonado dá « para passeiar na rua em que morava a pequena » (p. 43). De um dos seus personagens diz que « terminaria o curso de direito e, zás tráz nó cego, casar-se-ia com Emma » (p. 44). E, para não alongar as citações, este é o tom geral do volume, um tom cuja qualificação é difficil

sem cairmos na mesma indelicadeza dos interlocutores do salão de D. Therezina.—Não repare o leitor na dureza destas observações; devo esta franqueza ao digno moço que escreveu este livro, em que ha sem duvida alguma cousa que promette. A naturalidade, que é uma das suas qualidades, não deve ir até a vulgaridade e a linguagem das republicas de estudantes não póde ser o estylo de uma literatura, nem de um salão. Em vez do silencio ou de dous adjectivos que nada valem, preferi dizer ao amigo que me manda o seu primeiro livro a minha impressão sincera, certo de que não a levará a mal nem o seu espirito nem o seu coração. Creio que nos póde dar outros e melhores.— J. V.

6.—**Nevrose mystica,** por Americo Raposo; Rio de Janeiro, Livraria Moderna, Magalhães & C., 1895.

E' uma pequena monographia em que nos são relatadas as peripecias da vida de uma freira e os factos que deram origem ao culto prestado ao Sagrado Coração de Jesus. Alem do estylo vibrante e conciso, o autor basea quasi toda a sua argumentação em documentos já muito debatidos pelos mais eminentes neuro-pathologistas e cuja natureza e origem não admittem contestação. Ninguem pode pôr em duvida que Maria Alacoque, a freira em questão, foi uma victima da grande hysteria e das mais variadas allucinações: a influencia notoria do frade que se tornara o mentor de sua consciencia, a acção decisiva dos habitos claustraes, a convicção, suggerida ou não, de que ella era realmente a escolhida de Jesus, as provas conscientes a que se submetteu para merecer esta inestimavel honraria, foram outras tantas causas que concorreram para aggravar as condicções de um systema nervoso já de si fraco e doentio, tornando-o apto a receber e a exaltar toda sorte de impressões. Perseguida por uma primeira allucinação, outras se fizeram sentir variando ao infinito, e não é de estranhar que entre ellas figurassem as da sensibilidade genital, tão em harmonia com a idade, com o estado cerebral e com o meio em que se havia desenvolvido a doente. Todas essas desordens contribuiram, não ha duvida, para a creação do culto ao coração de Jesus, mas não nos parece racional estabelecer relações de afinidade entre ellas, e o que se sabe da phallolatria. A maioria dos sociologistas concorda em fazer remontar ao Egypto o inicio das civilizações do velho mundo, e foi certamente no valle do Nilo que teve origem o culto que os povos antigos levantaram ao orgão da virilidade do homem e de outros animaes. D'ahi elle passou ao Oriente e mais tarde veio a Europa onde apparece entre os gregos e mais modernamente entre os romanos. Nunca, porém a presença do phalos nos ritos religiosos traduziu intuitos obscenos, antes era o symbolo consagrado da fecundidade e da multiplicação. Comprehende-se que em uma mulher nas condicções de Maria Alacoque, a paixão religiosa se venha a traduzir em delirio erotico, mas não acho muito logico attribuir-se a este estado morbido o culto prestado a uma divindade numa das partes do seu corpo O contrario melhor se conceberia, isto é, que o erotismo houvesse decorrido da exaltação fanatica. A pags. 100 do livro, tratando de certas epidemias nervosas que outr'ora victimavam os habitantes dos conventos, diz o autor:

« A imitação, porém, não é menos interessante, si bem que algum tanto rebelde á clara e indiscutivel decifração da sua essencia, conhecida apenas por contagio nervoso. Com effeito, entre seres humanos ella dá-se como se fôra a catályse na chimica, simplesmente pela acção de presença; mas como suggestão automatica, si assim podemos dizer do que como pressão volitiva que não ha, de um doente sobre as pessoas que o cercam. A isto chama a sciencia mimetismo» — Creio que houve equivoco no emprego do termo

mimetismo, que exprime um facto inteiramente diverso daquelle a que o A. se refere. No mimetismo ha imitação, é certo, mas com um fim util ao individuo que imita, qual o de poder escapar aos seus perseguidores tomando o aspecto de individuos mais fortes ou mesmo do meio em que vive, confundindo-se com elle Assim succede com certos hymenopteros que adquirem o colorido das vespas, e com muitos nevropteros cujas azas ninguem pode distinguir das folhas meio crestadas das arvores sobre que moram. Em vista disto, ainda quando nas alludidas epidemias se devesse appellar para a imitação, o que é contestavel, nunca o caso poderia figurar nos dominios do mimetismo Estas ligeiras observações que a agradavel leitura da *Nevrose mystica* me suggeriu, não diminuem de modo algum o merito real do livro, cuja publicação em o nosso meio, mesmo patrocinada por dois eminentes medicos, foi uma temeridade digna dos maiores encomios.—JULIO DE MOURA.

7.— **Chronicas e Novellas,** por Olavo Bilac, 1893-1894, Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, Editores, rua de S. José 116 e da Quitanda 24, 1895, 178 pags.

Merece bem este livro, na sua primeira parte ao menos, os mais francos elogios. As «chronicas» que a formam são paginas deliciosas de graça, de emoção, de sentimento delicado, intelligente, temperado sempre por uma doce ironia que evita ao A. o maneirismo e a pieguice. Essas chronicas têm para nós o merito grande de provarem como ha em a nossa terra e em as nossas cousas aspectos e factos que vistos e descriptos por um artista de verdadeiro talento, sabedor dos segredos da forma, como é o Sr. O. B., podem ser objecto de livros como este que, não obstante a exiguidade do seu conteúdo, prova o que nesse campo se poderia fazer. Minas, com as suas feições caracteristicas, com as suas tradições historicas, revive nestas poucas paginas, em que sem duvida, como confessa o A., se sente o artigo de jornal, mas que, sem embargo disso, ou talvez por isso mesmo, trazem fresca e vivida a sensação da terra mineira. As paginas *Marilia*, *Entre ruinas*, *Lazaros*, *S. José d'El Rey*, merecem citadas entre as melhores do genero entre nós.—As *Novellas*, como trechos de escripta artistica, não desmerecem das *Chronicas*, mas a impressão que nos deixaram são a de alguma cousa já lida, já conhecida, um thema um pouco gasto, apenas renovado por um talento que é dos mais originaes que temos, ao menos na visão dos aspectos exteriores. — Não é classica, nem inteiramente pura a linguagem deste livro, mas tem na sua apparente despreoccupação, uma rara elegancia, sem nenhum dos vicios que afeiam a pretendida «escripta artistica» de alguns imitadores sem talento das novissimas escolas. Expressões como «a quando e quando» (p. 68) «terras immaculas da America» (89) e um uso não só menos correcto mas desgracioso da preposição *a* como «um livro que se não lê ás mãos» (p. 67), «um sorriso á bocca» (p. 71) são insignificantes senões que quasi não merecem lembrados.—Não resisto ao prazer de citar ao menos um trecho dessas *Chronicas*. Seja elle este pedaço da descripção da Gruta de pedra de S. João d'El-Rey: «Ha um sitio, de que irrompe, em plena treva, em pleno subterraneo, um tronco de arvore secular. Ha quantas centenas de annos terá ali caido, abandonada e triste, a semente que foi o berço daquelle colosso? Sem ar, sem luz, o pequenino rebento cresceu talvez uma pollegada de dez em dez annos. Subiu a custo, como uma cobra, pelas paredes da immensa caverna. Engrossou, desenvolveu-se, cresceu. E, já tronco, proseguiu a sua viagem desesperada e heroica para a luz, para o ar, para aquelle ceu que adivinhava lá em cima... Hoje é curioso seguir este percurso: o tronco vai de pedra em pedra, confundindo-se com a rocha, subindo sempre, acompanhando aqui

uma anfractuosidade, galgando ali uma cavidade, até que emerge da treva por um buraco aberto no tecto da gruta, e abre-se, e expande-se, e pompeia, e triumpha, e irradia, e canta em plena luz, alastrando em pleno ar a sua gloriosa copa verde, onde garganteiam passaros, onde vivem ninhos, e de onde pendem os grandes reposteiros falsos das *barbas de velho*, como mantos regios... » Merecem todos os louvores os nossos editores e não lh'os regatearemos nunca, entretanto não basta editar, é preciso editar bem e pena é que livro tão delicado e bom como este saisse em tão ruim papel.—J. V.

8.—**Guido** (Paginas de dôr) por Maria do Carmo de Mello Rego, Rio de Janeiro. Typ. Leuzinger 1895.

As quarenta e duas paginas deste folheto são um longo e doloroso soluço. Não se analysam livros destes. Os artificios literarios lhe não emprestam nenhum effeito, todos lh'os dão uma dôr que se sente sinceramente legitima. E' uma historia simples, sem peripecias nem episodios. —A critica si é permittido falar della em uma noticia ligeira, não tem que fazer com taes paginas, aliás não postas á venda. Só tem respeitar os sentimentos que as inspiraram. Não ha aqui siquer as peripecias de uma historia. Uma senhora no mais alto da gerarchia social da antiga provincia de Matto Grosso, adopta um indiosinho boróró, orphão de pai e mãi e ama-o com extremos de mãi, amantissima, ella que jamais tivera filhos. Pindudo, baptisado em Guido, corresponde a esse amor com paixão, a que uma intelligencia precoce dá um relevo singular. Na expressão della seu juvenil coração de selvagem acha accentos que, de parte a diversidade das situações, relembram involuntariamente o Pery de Alencar. Vem o indiosinho para o Rio e morre, deixando profundamente ferido o coração que o fizera seu filho queridissimo e que irrompe no doloroso soluço destas paginas, em que ha destas joias, que são como crystallizações de lagrimas.

« Entre outras (não ha ordem, não ha methodo possivel para quem padece como eu)—uma noite em que da janella do quartinho da Chiquinha, a filha do meu marido então já fallecida, eu contemplava por entre o arvoredo a lua alçar-se bellissima em ceu todo azul, disse-me elle com insinuante imposição :—Mamãi, tu estás lembrando da Chiquinha, não é? —Porque, meu filho ? perguntei-lhe—*Ari ruto quiarigôdorê*, respondeu-me. Ah! que frase e quanto me commoveu, quando elle m'a traduziu. Frase cheia de encanto e poesia, que os boróros intercalam nos seus cantos—A lua quando sóbe faz saudades! »—J. V.

9.—**Archivo do Estado de S. Paulo,** S. Paulo, 1894.—Vol. I. *A Bernarda de Francisco Ignacio em S. Paulo em 23 de Maio de 1822*, 99 pgs.—Vol. II. *Actas das sessões do Governo provisorio de S. Paulo em 1821- 1822*, 159 pgs.—Vol. III, IV, V, VI e VII. *Publicação official de documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo*, 160, 129, 175, 198, 187 pags.

A simples noticia da publicação de documentos e peças historicas, que em geral a nossa desidia deixa estragar e perder nos archivos informes, desconhecidos e como quer que seja inexploraveis dos estados e da mesma capital federal, revela da parte dos poderes publicos do estado de S. Paulo uma intelligente preoccupação, a qual não estamos por tal forma habituados que nos dispensemos de louval-a, encorajal-a e de desejar vel-a por toda a parte imitada. Apreço e louvores vão tambem ao Sr. A. de Toledo Piza que na qualidade de Archivista official do estado dirige, com intelligencia, saber e criterio revelados já nos cinco volumes apparecidos, esta importante publicação. O aspecto material, muito para estimar em todo o

genero de publicações, pela commodidade do formato (in-8º) pela excellencia do papel e pela nitidez da impressão predispõe favoravelmente o leitor. A copia de notas com que a redacção do *Archivo* amplia, completa, corrige ou esclarece o texto, é um precioso auxilio não só para os estudiosos que nos antigos documentos ora publicados procurem materiaes de estudo e trabalho, como para os simples curiosos ou amadores da historia patria. Nessa historia, o episodio paulista é sem duvida dos mais interessantes. Por isso o *Archivo do Estado de S. Paulo* será um precioso subsidio para ella. Do V volume em diante contem o archivo todos os documentos encontrados no archivo paulista sobre as tentativas e esforços feitos na segunda metade do seculo passado para a fundação de uma colonia nas margens do Iguatemy, em territorio fronteiro ao Paraguay cuja posse, contestada sempre pelo governo hespanhol, só foi reconhecida no Brazil pelo Paraguay depois da nossa victoria de 1870, um seculo depois — como informa uma nota da redacção do *Archivo*. Todos esses documentos lançam uma grande luz sobre a vida politica e administrativa, os costumes e factos ainda obscuros daquelle periodo.—J. V.

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companha Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição, duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral da nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

COLLABORADORES

Acauã Ribeiro — Affonso Arinos — Affonso Celso — Alberto de Oliveira — Alcindo Guanabara — Alfredo Alexander — Alonso Adjuto — Araripe Junior — Arthur Azevedo — Aureliano Portugal — Barão do Rio Branco — Barão de Alencar — Barão Homem de Mello — Barbosa Rodrigues — Borges Carneiro — Capistrano de Abreu — Carlos de Carvalho — Carlos França — Carlos de Laet — Carlos Parlagreco — Carlos Seidl — Castro Rebello Junior — Coelho Netto — Constancio Alves — Domicio da Gama — Delgado de Carvalho — Ed. Chapot Prevost — Emilio Goeldi — Erico Coelho — Eugenio Gabaglia — Fausto Barreto — Fausto Cardoso — Francisco de Castro — F. Fajardo — Fortunato Duarte — Getulio das Neves — Graça Aranha — Herculano de Freitas — Henrique de Sá — Hilario Peixoto — Joakim Catunda — Joaquim Caminhoá — Joaquim Nabuco — J. Caldas Vianna — José Hygino — Julio de Moura — Leonidas de Sá — Leopoldo Miguez — Lucio de Azevedo — Lucio de Mendonça — Luiz de Albuquerque — Luiz Detzi — Macedo Soares — Machado de Assis — Magalhães de Azeredo — Manoel Victorino — Marcio Nery — Medeiros e Albuquerque — Olavo Bilac — Orville Derby — Paula Lopes — Paulo de Frontin — Pedro Tavares — Ramiz Galvão — Raymundo Corrêa — Rodrigues Peixoto — Rodrigo Octavio — Rodrigues Barbosa — R. von Ihering — Said Ali-Ida — Sylvio Roméro — Souza Bandeira — Teixeira Brandão — Teixeira de Mello — Teixeira de Souza — Thomaz Delfino — Thomaz Cavalcanti — Torquato Tapajoz — Ubaldino do Amaral — Urbano Duarte — Vicente de Souza — Virgilio Damazio — Virgilio Varzea — Visconde de Taunay — Viveiros de Castro, etc., etc.

AVISO

Pedimos ás pessoas que nos fizeram a fineza de aceitar listas de assignantes o favor de as devolverem ao Sr. Paulo Tavares, gerente da *Revista Brazileira*, rua do Ouvidor 66, Rio de Janeiro.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO—TOMO I 4.° FASCICULO 15 DE FEVEREIRO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **A tapera**, novella, por **COELHO NETTO** 193
II. **A sciencia psychica segundo Myers**, por **A. ALEXANDER**. 200
III. **Historia do Direito Nacional** (*Continuação*), por **SYLVIO ROMERO**, professor das faculdades livres de direito. . 212
IV. **Uma escrava**, conto, (*Conclusão*), por **MAGALHÃES DE AZEREDO**. 220
V. **A Esthetica de Poë**, por **ARARIPE JUNIOR**. 228
VI. **A Sciencia da historia**, por **FAUSTO CARDOSO**. 237
VII. **Bibliographia** 252

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

SONHOS FUNESTOS[1]

DRAMA COLONIAL EM TRES ACTOS E QUATRO QUADROS

ACTO TERCEIRO

1.º QUADRO

O povoado da Aldeia Nova. A casa de Marianna vendo-se-lhe o interior. Uma porta dando para um largo que se vê á direita. Ao fundo uma janella. Um catre pobre a um lado; perto, na parede um crucifixo e uma lamparina acesa.—Uma roca e um fuso a um canto. Tamboretes. Anoitece.

SCENA I

NA PRAÇA ALGUNS MINEIROS E ROCEIRAS

1º Mineiro

Então que dizes tu?

2º Mineiro

Já lá se vão tres mezes!

1ª Roceira

Quem supporia tal...

1º Mineiro

Artes do Diabo

1 Veja a *Revista* de 1 de Fevereiro.

REVISTA BRAZILEIR

Sciencias, letras, artes, historia, philoso
politica, sociologia, viagens, biblio

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1

Os artigos não publicados n

A direcção não é solida
artigos publicados.

Anno.

A
e jul

...ssa maneira

1ª Roceira (*benzendo-se*)

Credo! Cruz! Santa Virgem Maria!

2ª Roceira

Já se viu coisa assim! A pobre da Luzia
De repente sumir deste modo...

1º Mineiro

E' verdade.

2º Mineiro

Fomos por toda a parte!... e mesmo na cidade
Tem-se falado nisso...

1º Mineiro

E' verdade...

2º Mineiro

Entretanto
Nem sinal de Luzia...

1ª Roceira

Anda aqui nisto encanto

2ª Roceira

Ou artes do Diabo...

2ª Roceira

A's vezes
Dá vontade de até descrer da Divindade.
Succede cada coisa...

1ª Roceira

Anna da Soledade!
Que estás a blasphemar! Deus te perdoe! Crédo!

2ª Roceira

Isso mesmo...

1ª Roceira

Ai Jesus! hoje me mettes medo
Com teu palavriado... O cura se te ouvisse...

1º Mineiro

Ora, você Maria, anda a dizer tolice...
Deixa a outra falar o que bem ella queira.

2ª Roceira

Bem de certo, compadre, isso dessa maneira
Brada aos céos.

1ª Roceira (*benzendo-se*)

Credo! Cruz! Santa Virgem Maria!

2ª Roceira

Já se viu coisa assim! A pobre da Luzia
De repente sumir deste modo...

1º Mineiro

E' verdade.

2º Mineiro

Fomos por toda a parte!... e mesmo na cidade
Tem-se falado nisso...

1º Mineiro

E' verdade...

2º Mineiro

Entretanto
Nem sinal de Luzia...

1ª Roceira

Anda aqui nisto encanto

2ª Roceira

Ou artes do Diabo...

2° Mineiro

Ou talvez tratantada
De alguem que lhe puzesse a cabeça virada...

1° Mineiro

Sim! Tudo pode ser que o facto é verdadeiro
E nas Minas-Geraes certamente o primeiro!...
Tens visto Marianna?

1ª Roceira

Oh! não me fale della.

2° Mineiro

Anda como uma louca. .

2ª Roceira

E é p'ra menos?...

1ª Roceira

Aquella
Não leva muito tempo...

2° Mineiro

E o rapaz

1° Mineiro

Quem? Fernando?

2° Mineiro

Sim.

1° Mineiro

Coitado! Anda ahi pelo mundo penando

1ª Roceira

Era uma adoração que elle tinha á Luzia...

2ª Roceira

E era um bello casal...

1ª Roceira

E estava perto o dia...
Era quando chegasse o frade, o tio Antonio.

1° Mineiro

E o dia não chegou!

2° Mineiro

Sim! metteu-se o demonio
De permeio e deu tudo em agua de barrella...
Coitadinho! Perdeu elle a noiva mais bella
Que havia por aqui...

2ª Roceira

E a Rosinha Trigueira...

1ª Roceira

Qual Rosinha!...

2º Mineiro

Mas olha o noivo na porteira...

(todos olham)

Com quem vem elle?

2ª Roceira

Então! Não vês? vem com o frade
Que outro dia chegou.

2º Mineiro

'Stá velho!

2ª Roceira

Então, não ha de?
Caminha p'ra os setenta.

1ª Roceira

Um santo! um homem santo!
O bem que elle tem feito a todos nós é tanto
Que não tem conta já...

(Entram Frei Antonio e Fernando e em silencio atravessam a scena.)

Frei Antonio (*tirando o chapeu*)

Boa noite, senhores.

(Fernando tira apenas o chapeu)

Os Mineiros (*todos cortejando*)

Deus lhes dê boa noite.

(Frei Antonio e Fernando entram na casa de Marianna.)

1º Mineiro (*olhando para Fernando*)

Pobre rapaz...

Frei Antonio (*sentando-se*)

Horrores
Tens-me exposto, Fernando...

2º Mineiro

Vão ver a Marianna.

1ª Roceira

Ella, porém, não veio ainda: na choupana
Muito pouco ella vive agora. Todo o dia
Desde pela manhan ella é vista, erradia,
Pelos campos vagar, como uma alma penada...
Pobre velha...

1° Mineiro

Faz pena...

2ª Roceira

E' verdade

1ª Roceira

A coitada
Só tinha neste mundo aquella creatura;
Como ella resistiu a tanta desventura
Não sei...

2ª Roceira

Tão velha e doente...

1° Mineiro

E' triste na verdade...

2° Mineiro

Mas, amigos, não tarda horrivel tempestade
Já venta e já fuzila.

1° Mineiro

A noite é de tormenta
Vamos nos recolher que a cama já me tenta.
(Saem)

SCENA II

FREI ANTONIO E FERNANDO

Frei Antonio (*depois de uma pausa, erguendo-se*)

Sim, meu filho talvez seja mesmo o que dizes

Fernando

Nestes tempos que vão, meu bom tio, infelizes
Dos que nascem plebeus. Despotica a nobreza
Faz o que quer de nós, pois tem toda a certeza
Que está fóra da lei...

Frei Antonio

Dizes uma verdade!

Fernando

E não é só no campo... além pela cidade
E no reino tambem... por tudo a mesma coisa
Quem é pobre e plebeu, não dorme, nem repousa...

Frei Antonio

Desventuradamente assim é...
(Senta-se de novo)

Fernando

E Luzia
Não morreu como ha pouco o senhor me dizia...
Foi seduzida a pobre... Alma innocente e pura,
Visionaria e exaltada até mesmo á loucura
Deixou-se arrebatar por esse fidalguinho
Opulento e devasso...

Frei Antonio

E, senhor meu sobrinho
Tu não rondaste a casa?

Fernando

Uma porção de noites...

Frei Antonio

Nada ouviste?

Fernando

Sómente o estalar dos açoites...

Frei Antonio

Elle é barbaro assim?

Fernando

Pode ter a certeza:
Não ha senhor peior em toda a redondeza...

Frei Antonio

E nunca interrogaste alguem da casa? Um pagem,
Um escravo, um feitor...

Fernando

Não me faltou coragem,
Faltou-me occasião.

Frei Antonio

Como assim?

Fernando

Porque toda
A fazenda é cercada: um alto muro em roda
A fecha a todo o olhar das gentes indiscretas...
Fazem-se dentro della as coisas mais secretas...
Nunca estranho transpoz suas fechadas portas
Dorme o somno sem fim dessas idades mortas
Das lendas, o castello... A grande porta apenas
Se abre para entrar o senhor de Vilhenas,
D. Alipio Manoel, filho de D. Jacintho,
Devasso commensal de El-Rei D. João V,
Velho capitão-mór de Villa-Rica... Certo,
Ninguem mais poderoso estes ceus têm coberto...

Frei Antonio

Porque não fazes queixa á justiça?

Fernando

De nada
Valeria, senhor... Para tão elevada
Linhagem fecha ouvido a justiça da terra!
Pois um peito tão nobre estes vicios encerra!...
Não é crivel! Depois, que provas apresento?
Poderia accusar não tendo fundamento
Algum? Como lhe digo. Estamos na incerteza
Ha só desconfianças... e que arriscada empreza,
Accusar, senhor, uma pessoa nobre
Quando quem tal fizer fôr plebeu e fôr pobre...

Frei Antonio

E que esperas então?

Fernando

Espero que Luzia
Seja pelo fidalgo abandonada um dia
E que venha de novo encher esta cabana
Da luz que desse olhar que ella possue, dimana...
Acabando a tristeza em que vive esta velha,
Que a loucura desvaira e que a velhice engelha...
Quanto a mim...

Frei Antonio

Quanto a ti

Fernando

Só me resta uma coisa:
Meu corpo repousar, já que a alma não repousa...
Logo que ella chegar... eu partirei...

Frei Antonio

Para onde?

Fernando

A pergunta que fez só o destino responde...
Eu mesmo não n'o sei... é muito grande o mundo...
Irei por elle afóra, a passo vagabundo.
A pensar, a soffrer e por fim a um convento
Talvez que vá pedir socego e isolamento...

Frei Antonio

Então amal-a ainda?...

Fernando

E como não amal-a
Si desde a minha infancia este sonho me embala?..
Si outra coisa não quer minh'alma angustiada
Além daquelle amor?... si nada penso, nada

Vejo em torno de mim que me não fale della?!...
Ouço-a na ave a cantar, vejo-a na luz da estrella...
Tudo que vive, ou canta, ou floresce, ou scintilla,
Uma recordação traz á minha pupilla
De uma quadra feliz de innocentes idyllios...
Ella ia-se toucar de rosas e de lilios...
Eu punha o meu gibão mais cheio de alamares...
E os dois de braço... o mais gentil dos pares!...
Iamos campo em fóra a rir, tagarellando,
Com a nossa alegria as aves invejando...
E olhavamos do pico altissimo da serra
A agonia do sol, o adormecer da terra...
E voltavamos quando as primeiras estrellas
Despertavam e quando as aves tagarellas,
Aos pares, se acoitar vinham nas verdes ramas...

Frei Antonio

E falavam de amor?...

Fernando

De amor nunca falámos...
Eram dois corações os nossos que se abriam...
Duas almas irmans que mudas se entendiam;
Nossa vida era como um molde do futuro,
A mais santa união, o vinculo mais puro...
Um dia precisei partir... fiz meus estudos
Longe... Quando voltei seus labios eram mudos
Como quando parti... porém, minha Luzia
Era a mesma, sómente uma melancolia,
Um sonho interior que nunca se acabava,
Uma visão que a tinha eternamente escrava
Era nella em lugar da antiga ingenuidade...

Frei Antonio

O despertar do sangue, os effeitos da idade...

Fernando

Isso tudo e inda mais... Visionaria e exaltada
Julgava-se talvez uma predestinada,
E acreditava em tudo o que ella em sonhos via...
Foi isso o que perdeu minha pobre Luzia!

Frei Antonio

E esse fidalgo é rico?

Fernando

Immensamente... E' dono
De lavras por favor de El-Rei... Sempre no outomno
A pesagem se faz da immensa quantidade
De ouro que extrae da mina e leva p'ra cidade
Uma grande porção para sustento e goso...
Dizem que ha no castello um quarto fabuloso
Abarrotado de ouro... Ha de haver nisso invento
Sabe-se ao certo só que elle é muito avarento...

Frei Antonio

Avarento?!...

Fernando

Ninguem mais que elle.

Frei Antonio

Com effeito
Então nada de bom encerra aquelle peito?...
Mas, onde está Marianna?

Fernando

Essa?... Misera e triste
Hoje para chorar unicamente existe...
Num estado que é quasi a demencia ou a loucura,
Anda as noites e o dia ás tontas, á procura
Da desgarrada filha...

Frei Antonio

Oh! nesta minha ausencia
Como tudo mudou da primeira existencia...
Vivia nesta casa a gente mais tranquilla
A gente mais feliz desta pequena villa...
Como tudo mudou... como a sorte varía...
Bem, meu Fernando, adeus... a noite está tão fria
E eu me sinto cansado, adeus!

(Fernando beija-lhe a mão)

Deus te proteja!...

(Sai)

SCENA III

Fernando (*passeando, depois de ter ficado a olhar para onde saíra o frade*)

Será possivel, meu Deus, que eu nunca mais a veja?...
Ou que a vendo precise ir para muito longe
Entre estranhos morrer ou viver feito monge?...
Entrega-te, minh'alma á dor que te escrucia...
Já nada tens!... morreu tua doce Luzia,
Tua noiva gentil e meiga companheira,
Já nada resta mais dessa idade fagueira,
Desse ameno existir, dessa gostosa idade...
Terras em que eu gosei tanta felicidade,
Onde eu sonhei passar a vida mais tranquilla
Eu preciso fugir!... já por mim não scintilla
A estrella que os meus pés prendiam neste solo...
O calice de fel sorvi-o, golo a golo...
Já não posso mais ver toda a bella paizagem
De em redor... toda ella a sua doce imagem
Aos meus olhos traduz... e essa imagem me mata...
Tudo que aquelle vulto angelico retrata,

Tudo que lembra della a coisa mais pequena,
Minha vista escurece e minha alma envenena...
(Soluçando, debruça-se á janella)
Oh! como a de minha alma é tambem horrorosa
A tormenta lá fóra!... A noite é pavorosa...
Dir-se-ia que a bramir todo em cóleras, erra
Pelos espaços, Deus, lançando sobre a terra
Como apostrophe ao mal dos pervertidos mundos
O fulminante olhar dos raios iracundos...
Vão-se as grossas legiões das nuvens tenebrosas
Pelos ceus, em tropel, rolando tumultuosas
E eu vendo-as, contemplo, extatico e absorto,
Os tristes funeraes do meu passado morto...
(passeia, lentamente)
Mas, porque recordar toda a minha tristeza?...
Haverá, por ventura. em nossa natureza
Esse estranho prazer de renovar as dores...
De com ancia aspirar o perfume das flores
Já sem cor da saudade... Oh! com certeza existe
Em nós isso, que faz nossa vida mais triste...
Que sangra de continuo essa ferida enorme
Que em nós desperta a dor si a dor acaso dorme...
(vendo Marianna entrar)
Minha tia... Meu Deus, fugir-lhe bem quizera
Essa dor sem igual minha alma dilacera...
(entra Marianna)

SCENA IV

MARIANNA E FERNANDO

Marianna

De balde...

Fernando (*carinhoso*)

Minha tia? então...

Marianna

Fernando!...

Fernando

De onde
Vem, minha tia?... Fala... attenda-me... responde...

Marianna

Fernando!...

Fernando

Minha tia...

Marianna

Escuta, meu Fernando!...
Tudo neste momento está já repousando...
Eu a tarde subi ao alto da collina:
Campos, serras, de lá tudo se descortina...
E eu vi que pouco a pouco as ovelhas, em bando,
Foram com seu pastor as campinas deixando...
Depois, eu vi no espaço azul os passarinhos,
Voarem para o bosque em procura dos ninhos...
E eu vi os bois a passo entrarem na corrente
Do escuro ribeirão mugindo tristemente,
E depois passo a passo, em marcha somnolenta,
Partiram-se, eu os vi, pela estrada barrenta...
Foi tudo pouco a pouco as campinas deixando...
Apenas eu fiquei a esperar, meu Fernando...
Tudo se recolheu a um carinhoso seio.
Tudo dorme, entretanto ella ainda não veio...
Eu debalde esperei: debalde meus olhares
Alonguei procurando em todos os lugares
Da terra, para ver si por ventura a via...
Porém, nada me disse onde é que está Luzia...
Porque chora você, Fernando?.. olha, eu não choro...
Foi vontade de Deus... a sorte eu não deploro.
Depois, espero, oh sim! que ella me volte ainda
E venha mais risonha e carinhosa e linda...
E' mister que você mais paciencia tenha...
Talvez ella amanhan sinta saudade e venha...

(Fernando, que, ha muito soluça com o rosto entre as mãos, sai precipitadamente a estas ultimas palavras, deixando Marianna, extatica, que olha para onde elle saiu, tremula e absorta.)

SCENA V

Marianna

E si ella não vier!... Se amanhan novamente
Eu passar todo o dia á espera inutilmente...
E depois... e depois!... Mata-me esta lembrança
Nem sei si deva ter mais alguma esperança...
O pranto de Fernando... essa angustia sem nome,
Esse chorar sem fim que aos poucos o consome...
Mas eu não posso crer! Não póde ser verdade!
Não seria de um Deus tamanha atrocidade...
E' impossivel que tu não vejas de onde habitas
Do meu triste viver as maguas infinitas!
E' impossivel que tu que me déste uma filha,
Que aqui dentro de mim como uma estrella brilha,
Deixes que Satanaz a conserve comsigo...
Tua crença, meu Deus, é um sacrosanto abrigo.
E eu creio em ti, e attende! ella tambem te adora!...
Tu, que a vês de onde estás, repara que ella chora,
Que ella pede perdão, contricta e arrependida,
Perdão pelo que fez! perdão por minha vida!...
Attende tu que és bom e justiceiro e terno!...

Quem se pode furtar ás tentações do inferno?...
Liberte-a, meu senhor, ella é candida e boa:
Eu que sou sua mãi, já perdoei... perdoa!...

(Olhando em torno)

Ella viveu aqui... Tudo aqui fala della...
Quantas vezes não vi desta minha janella
Quando estava a brincar, minha doce Luzia
Orgulhosa e gentil como uma ave bravia...
Quanta vez?... Dorme ali a roca abandonada...
No balaio a costura ainda não acabada
Mas que ella ha de acabar... tenho toda a esperança...
De esperar que ella chegue a minha alma não cança...
Luzia não morreu... não pode ter morrido...
Este mundo em redor foi por mim percorrido...
Por toda a parte fui, entrei pelos vallados,
Andei a procurar nos proximos povoados...
Todos os barrocaes da longa serrania
Percorri... Tudo olhei. Estes olhos que um dia
A terra ha de comer, tudo olharam e nada!...
Si por ventura via alguma revoada
De cervos pelo ceu, eu, soffrega, tremente,
Corria a ver se achava o seu corpo innocente...
Luzia não morreu... Porém, se uma desgraça
Que a morte inda peior me espera e me ameaça?...
Sim... o Inferno... Satan... pois desde aquelle dia
Que não mais me voltou minha pobre Luzia,
Sempre, aos sabbados, quando eu abro minha porta...
Oh! mil vezes, meu Deus! Luzia esteja morta!...
Sempre aos sabbados acho um saquinho repleto
De ouro... o preço mais vil, o preço mais abjecto
Com que Satan me quer pagar a minha amada,
A minha doce filha... Ah! santa e immaculada,
Mãi de Deus! tu bem vês, tu bem sabes que esse ouro
Vou lançal-o de novo ao mesmo sorvedouro
De onde elle veio... Assim que eu acho á porta, logo
Tomo-o... nas minhas mãos elle arde como fogo!...
Tomo-o, e, antes que alguem me veja, vou correndo
Lançal-o ao boqueirão mal assombrado e horrendo
Onde mora o Diabo... E' de lá com certeza,
E' de lá que me vem essa enorme riqueza...
Não t'a quero, Satan... de ti nada preciso
Ella leva ao Inferno e eu quero o Paraizo...
Dá-me antes minha filha, ella te não faz falta
E eu não posso viver sem ella... Tua malta,
Tua côrte infernal é já grande bastante...
Ao menos uma vez a uma alma supplicante
Attende, Lucifer...

(Recordando-se)

Mas hoje é sexta-feira...
E' sabbado amanhan... e esta noite... Agoureira...
Coruja ouvi cantar seu cantico tristonho.

(Senta-se em uma cadeira)

Faz-me dormir, meu Deus! Dá-me profundo somno
Que me leve do mundo... E' hoje o triste dia...
Vem dar-me ouro, Satan...

(Deitando-se sobre a esteira do leito)

Désse-me antes Luzia...

Militão (*embuçado, trazendo uma pequena lanterna e um saquinho de ouro*)

Eis a casa em que mora a velha Marianna.
Pobre velha!

(Deixa cair o saquinho na soleira da porta. Marianna, no catre, estremece.)

Aqui tens o quinhão da semana...
Espera um pouco ainda... Amanhan... novidade...
Grandes novas, olé...

(Olhando o ceu; relampagos)

Porém a tempestade
Que lá acima se armou não tarda a vir abaixo,
E se desanda, adeus! enche logo o riacho
E o meu burro não corta a correnteza... Agora
Vou buscal-o ao capão e de chicote e espora
Vellejar por ahi como em pleno oceano.
O que não falta é vento...

(Vai saindo, mas volta estupefacto)

Olá! mas não me engano...

(Apparece ao fundo Luzia, como estava no segundo acto, mas em desalinho, as vestes rotas, os cabellos soltos, extremamente pallida.)

A Senhora Luzia!?...

SCENA VI

LUZIA E MILITÃO

Luzia (*estacando, assustada*)

Oh ceus! estou perdida...

Militão (*compassivo*)

Mas, porque?

Luzia (*aproximando-se, agradecida*)

Deus lhe pague...

Militão

Eu nunca em minha vida
Faria tal, senhora! Era uma crueldade
Sem nome, embaraçar tanta felicidade...
Pode entrar...

(Aponta a porta)

Nada vi... nada sei...

Luzia (*tomando-lhe as mãos*)

Obrigada!...

Militão

Mas como conseguiu tão longa caminhada
Fazer com este tempo e só, pelas montanhas?...
Como saiu de casa?

Luzia

Acha por certo estranhas
Estas coisas que fiz?...

Militão

Eu suppunha impossivel
Que alguem tal praticasse... E' realmente incrivel...
Como a menina pôde atravessar a serra
E incolume chegar a este canto da terra...

Luzia

Minha roupa traduz o horror desta viagem...
Mas para aqui vir ter não me faltou coragem...

Militão

Bem eu vejo... Mas como escapou da fazenda?...

Luzia (*perturbada*)

Nem sei como fugi...

Militão

E' uma coisa estupenda...

Luzia

E o senhor que fazia em frente a esta cabana?

Militão (*apontando o ouro*)

Vim trazer a pensão da velha Marianna...

Luzia

Ouro de D. Alipio!

Militão

Ouro de lei...

Luzia

Thesouro
De vergonha... de horror... de lagrimas... esse ouro...
Nem quero mais falar desse ouro...

Militão

E eu prosando
E os raios e os trovões lá em cima arrebentando!
E' tempo de partir; adeus, Dona Luzia!
Quero de coração que inda tenha alegria
Neste mundo e feliz que viva muitos annos...
Console-se. Esta vida é só de desenganos...,
E' viver, é folgar!...
(vai saindo)
E boa noite...

Luzia (*abstracta*)

Obrigada.

Militão (*saindo*)

Que noite, Santo Deus! peste de trovoada...

SCENA VII

Luzia (*só*)

Finalmente, eis-me só junto á casa querida
Em que o tempo melhor passei da minha vida...
Que extranha commoção me domina e entretanto
Se choro é de prazer o copioso pranto...
Abraçar minha mãi! vel-a outra vez! beijal-a...
Nada o mundo possue que a esse prazer iguala!...
Mas tenho de partir, uma outra vez... e agora
E' para não voltar... pr'a sempre vou-me embora...
Eu tenho de morrer... Minha mãi... mas que importa
Si para eu a beijar basta abrir esta porta...
Vou morrer, sim, morrer... porém, morro vingada...
A fortuna do vil fidalgo, arremessada
Por minhas pobres mãos foi do abysmo no fundo...
E no fojo sem luz dorme um somno profundo.
Si não morrer... bem sei... eu serei presa e a paga
Hei de na forca ter do crime que me esmaga...
Não darei tal prazer ás justiças da terra...
Ha de esconder meu corpo o tumulo que encerra
Todo o ouro fatal de meu sonho de louca...
Basta de imprecações... Basta! Cala-te bocca...
Entremos!... Minha mãi!... Vou abraçal-a agora
E beijal-a e beijal-a até raiar a aurora...

(Bate de vagar na porta da casa de Marianna)

SCENA VIII

MARIANNA E DEPOIS LUZIA

Marianna (*adormecida; despertando, ergue-se do leito, lívida de horror*)

Batem á minha porta... Oh! meu Deus... por ventura
Quer elle em minhas mãos... Isto é sonho ou loucura?!...
Nas minhas proprias mãos... depositar esse ouro...
E dizer que eu não vá lançal-o ao sorvedouro!...
Para que, Santo Deus! tão grande penitencia?!...

(Batem de novo. Marianna sai do leito)

Que dura provação... Mas eu morro... oh! clemencia
Meu Deus! clemencia!...

Luzia (*batendo e chamando de fóra*)

Mãi... minha mãi! mãi!...

Marianna (*atirando-se a abrir a porta*)

Luzia!...

(Recuando ao ver Luzia)

Será possivel, tu!...

Luzia

Eu mesma!...

Marianna

Que alegria!...
E como vieste tu, Luzia?... e quem te trouxe?!...

Luzia

Mas, ninguem, minha mãi...

Marianna

Oh! fala... como é doce
Tua fala... si tu não viesses, eu morria...
Fala! quero te ouvir a voz, minha Luzia...
A tua terna voz, a tua meiga fala...

Luzia (*commovida*)

Minha mãi...

Marianna

Fala mais! fala mais... isto emballa
E eu preciso, Luzia, alguma luz, alguma
Claridade que espalhe a impenetravel bruma
Que encheu toda a minha alma... a tua fala brilha,
Canta, faz bem...

Luzia

Mamãi!... minha mãi!...

Marianna

Minha filha!

Luzia

Olha, senta-te aqui, mamãi, nesta cadeira.
Conversemos...

Marianna (*sentando-se*)

Mas tu has de ser a primeira
A falar... Quero ouvir toda a historia, Luzia...

Luzia

Que historia, minha mãi?...

Marianna

A tua... dia a dia...
Porque és tu mesma, não? a minha filha, aquella
Que partiu e deixou-me esperando por ella?...

Luzia

Eu mesma, minha mãi, perdoa!

Marianna

Minha filha!...
Si em meus olhos, Luzia, o pranto acaso brilha
E' tudo do prazer e do contentamento
De te ver novamente em meu collo um momento.
Minha filha, meu Deus! oh! quasi que não creio!...
'Stás cansada? repousa aqui sobre o meu seio,
Como dantes... Assim! e nunca mais, agora
Me deixarás, não é? não te irás mais embora,
Mais nunca! nunca mais! não é minha querida?!...

Luzia (*á parte*)

A mim já não pertence a minha triste vida!...
Pobre mãi!...

Marianna

Sou feliz!... Bem eu dizia... Nada
Me tirou a esperança...

Luzia

Oh mãi!...

Marianna

Estás cansada?...
Teu pobre coração com tal força palpita...
Que temes?

Luzia

Nada, mãi! nada temo...

Marianna

E' infinita
A bondade de Deus! Podes estar tranquilla,
Que estás com tua mãi!... Mas que tens tu? Scintilla
De modo estranho o olhar que me volves... Luzia,
Occultas-me alguma coisa horrivel... Oh! confia
Teu segredo...

Luzia (*caindo de joelhos*)

Perdão!...

Marianna

Oh!... Perdão!... Minha filha!
Ante uma mãi que culpa uma criança humilha?
Levanta-te, Luzia! Oh!... levanta-te e fala...
Fala que eu te ouvirei...

Luzia

Minha mãi! nada iguala
Esta infinita dor que me acabrunha e mata...
Não me trates assim... Sou uma filha ingrata!
Já não sou digna mais de amor e de carinho...
Pensas tu, boa mãi, que eu volte ao bom caminho?...

Marianna (*com afflição*)

Vais de novo partir?

Luzia (*erguendo-se*)

Atirei-me á voragem,
Não me posso deter na horrorosa viagem...

Marianna

Não te comprehendo, fala...

Luzia

Ah! já me não pertence
Minha alma e minha vida... Uma força me vence,
Uma invencivel força attrae-me para o abysmo
E eu corro para lá num doido paroxismo...

Marianna

Ai! meu Deus! Santo Deus! Luzia, enlouqueceste?...

Luzia

Não, minha boa mãi!

Marianna

Conta-me onde estiveste...
E eu tremo de o saber!...

Luzia

Na gruta do meu sonho...
Nessa que em sonhos vi... nesse canto risonho
Todo repleto de ouro!...

Marianna

Oh! terrivel certeza...
Do espirito do mal, tu, Luzia, estás presa...
Estás perdida, oh filha! oh minha doce filha!...
Volta!... Ao Inferno leva essa horrorosa trilha
Em que tu vais andando!...

Luzia

E' tarde, mãi, agora!
Eu preciso voltar antes que nasça a aurora...
Adeus!...

Marianna

Se vais partir, parto comtigo...

Luzia

Fica!...
Eu vou para a mansão que tudo nullifica
Mas onde não é dado entrar ás almas santas...
Não me podes seguir...

Marianna

Tu minh'alma quebrantas...
Eu me sinto morrer...

Luzia

Minha mãi!

Marianna

Si esta porta
Deixares, deixarás tua mãi aqui morta...

Luzia

Oh dura provação! oh tremendo castigo!
Mas porque fazes, Deus! que ella soffra commigo?
Não posso! si ficar a morte vergonhosa
Numa forca, na praça, amanhan... Horrorosa,
Horrorosa visão! Oh castigo, oh tortura!
Sinto as trevas glaciaes da morte e da loucura!...
Não, minha mãi, adeus! Sim, que parta é preciso...
Dar-me-ás teu perdão no dia do juizo!...

(Sái precipitadamente; Marianna, cambaleando sái tambem após ella.)

FIM DO 1º QUADRO DO 3º ACTO

2.° QUADRO

A meio de uma serra. Ao fundo picos de montanhas; ao lado um despenhadeiro. Pedras, vegetação. Primeiros momentos da madrugada.

SCENA I

Fernando (*só*)

Vamos, minha alma! E's pura, anima-te e prosegue...
Implora a escuridão dos ceus que te não segue
O olhar! Avante! avante!
(Caminha para o fundo)
E' tenebroso o espaço...
Desaba o temporal com medonho fracasso
Sobre a terra! Meu Deus! e onde é que ella repousa?
Em cima de uma esteira ou em baixo de uma lousa?
Com o misero raptor ou em misero abandono,
Si é que ella já não dorme o derradeiro somno...
Sondemos todo o horror desta noite medonha!
Feliz o que repousa, o que descança e sonha...
Eu sonhar já não posso: a realidade horrivel
Agarrou-se-me á vida: o sonho é inaccessivel...
Longe, longe de mim este ideal scintilla!
Esquecer, esquecer! Sentir-te, alma, tranquilla...
Ver bem longe de ti, bem longe a dôr enorme...
Sentir que dormes, como um passaro que dorme
Do ninho á calentura... Esquecer um minuto,
E após esse minuto... a noite, o eterno luto,
Na eterna quietitude ou no penar eterno
Da morte... aberto qual um regaço materno
Mas assassino, a terra, a argila, o ultimo leito
Onde irei repousar o coração e o peito
No repouso sem fim que aniquilar-me deve!
Esquecer um instante e nesse instante breve.
E nesse ultimo instante evolar-se a minh'alma
Para a eterna região do supplicio ou da calma...
(Pausa)
Impossivel, emtanto, acalentar-me agora...
E' preciso que eu vá, que eu siga campo afóra
Pela extensão sem fim deste mundo de trevas...
(Caminhando a passo incerto)
Onde me levas, dôr! oh dôr onde me levas...
(Sai)

SCENA II

LUZIA E DEPOIS MARIANNA

Luzia

Eil-o, o fojo tremendo! o tumulo ignorado
Do thesouro real do meu principe amado...
A morte se avizinha... eil-a! O abysmo escancara
Para me devorar a guela hiante...

Marianna *(entrando)*

Oh pára!
Pára, minha Luzia...

Luzia

A morte se avizinha
Oh Santa Mãi de Deus!... Minha mãi...

Marianna

Filha minha!...

Luzia

Toda a côrte dos ceus me assista neste instante...

Marianna

Que queres tu dizer?

Luzia

Que não muito distante
De mim me espera a morte...

Marianna

Estás louca, Luzia?...

Luzia

Oh não! por Deus! oh não! Pudesse eu, não diria
Essa frase de horror que me incendeia a bocca...

Marianna

Mas que fizeste tu? que acção horrenda e louca
Que não podes viver depois que tal fizeste?
Conta-me e eu te perdôo! oh sim!...

Luzia

Anjo celeste!
Tu sabes o meu crime, o meu enorme crime...
Sabes a grande dôr, que a minha vida opprime...
Conheces meu viver inteiro, hora por hora...
Sabes tudo: pois bem... eu vou morrer agora!...
Nada peço por mim... vou ter doce repouso...
Intercede, porém, ao Todo-Poderoso
Em favor desta mãi, desta mãi lacrymosa,
Que inda fica no mundo invalida e saudosa!...
E agora, minha mãi, adeus, o adeus eterno...
Vês este abysmo alem?

Marianna *horrorisada*

A Garganta do Inferno!?...

Luzia

Sim...

Marianna

Oh! bem me dizia o coração... Perdida...
Perdida para sempre!... Oh filha estremecida...
Olha-me... ouve-me... fica...
(Cái de joelhos)

Luzia

E' muito tarde

Marianna

Attende...
Reza... supplica...

Luzia

Não!... impossivel!... já acende
A aurora a tenue chamma alegre da alvorada!
Deve a luz me encontrar no abysmo sepultada...

Marianna (*quasi sem voz*)

E junto do teu corpo um outro corpo, filha.

Luzia

Acalma-se a tormenta... entre as nuvens já brilha
Pelo ceu descoberto alguma estrella... e aquella...
Aquella minha amiga e companheira bella
Que, em prantos, tanta vez de meu carcere via
Eil-a que para mim tão languida irradia
Pela vez derradeira e qual si por ventura
Desta existencia o horror lá na infinita altura
A noticia se tem!... Astro de amor! Carinho
Derradeiro do mundo, adeus! Si no caminho
De alem tumulo é dado um guia ter-se, eu quero
Nos meus olhos sentir teu meigo reverbéro
(A' Marianna que está extatica, abraçada aos pés de Luzia)
Minha mãi!
(Marianna ergue-se)
Minha mãi!
(Beija-a muito e atira-se precipitadamente no abysmo)

Marianna (*querendo seguil-a*)

Ah!...
(Cái de bruços á beira do despenhadeiro)

SCENA III

Fernando *(entra, correndo)*

E' tarde!...

(Apalpa Marianna)

Está fria...

Morta tambem!...

(Olha o despenhadeiro)

E tu... meiga, meiga Luzia,
Minha alma, meu amor, minha unica esperança,
Em teu leito final descança em paz...

(Tira o chapeu, põe um joelho em terra)

Descança!...

FIM

RODRIGO OCTAVIO

UM LITERATO ARGENTINO

D. MARTIN GARCIA MÉROU

RECUERDOS LITERARIOS — CONFIDENCIAS LITERARIAS — ENSAYO SOBRE ECHEVERRIA

I

Eis ahi tres livros, delicada offerta do seu illustre autor, que sinceramente nos deleitaram, proporcionando-nos dessas horas calmas, amenas e bem occupadas, que constituem bons e proveitosos trechos de vida a quantos tratam as letras e deveras as amam. Parece-nos, aliás, esta a feição dominante de quem os escreveu.

D. Martin Garcia Mérou, actualmente enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Argentina entre nós, é cultor enthusiasta da literatura, dedicando-lhe desde muito o melhor dos seus lazeres, lendo, meditando e analysando de continuo e, nas elucubrações criticas a que particularmente se tem nestes ultimos tempos consagrado, travando nellas toda a sinceridade do seu pensamento, toda a fogosidade da sua indole artistica. D'ahi, mui naturalmente, a nota caracteristica nos livros que produz — benevolencia innata, incoercivel, demasiada até para com todos aquelles que manejem a penna e lhe dêm campo e occasião aos tão queridos estudos.

Collima, depois, objectivo do mais alevantado interesse e alcance para nós outros sul-americanos, buscando ligar todos os paizes

desta parte do Novo Mundo pelos laços da confraternidade literaria e falando-nos dos poetas e escriptores que, em cada uma das suas divisões politicas e sociaes, illustram as respectivas patrias.

De certo, as literaturas dos povos cisatlanticos não podem hombrear nem competir com as da velha Europa, cuja hegemonia intellectual é incontrastavel; mas, assim mesmo, na nossa America, simplesmente Meridional, ha muitos nomes já credores do apreço, sinão do mundo inteiro, pelo menos daquelles que habitem o mesmo continente. Porque o isolamento em que temos vivido uns para com os outros? Que justificação tem essa ignorancia radical, esse desconhecimento absoluto dos nossos esforços para, cada qual na sua circumscripção territorial, fazermos alguma cousa honesta e sincera a bem das letras? Eis onde o Sr. Garcia Mérou nos abre inesperados horizontes, narrando-nos em linguagem singela e attrahente o que se passa nos circulos pensantes dos paizes que tem percorrido, no seu giro diplomatico pela America do Sul. Aponta elle o facto, lamenta-o e ao contrario de quasi todos nas suas circumstancias, faz por dar-lhe remedio. Quer-nos parecer, pois, que a sua vinda ao Brazil e permanencia aqui ser-nos-á da maior vantagem, proporcionando-lhe ensejo de apreciar o que já temos feito e conseguido na esphera literaria e apontando com a sua autoridade, repassada sempre de amoravel condescendencia, aos leitores hispano-americanos o que encontrou digno de nota e attenção nesta vasta zona da America do Sul.

E' um novo e valioso livro com que devemos contar do fecundo e tão sympathico escriptor, uma bella esperança em perspectiva. E quão raras são occasiões destas nesta parte do globo, em que as estereis preoccupações politicas e de politica interesseira, tacanha e misera, tudo absorvem, com prejuizo das mais nobilitantes aspirações da alma e da intelligencia! Será, sem duvida, o terminar do cyclo que elle expontaneamente abriu, o fecho á apreciação das literaturas estudadas desde o norte da nossa America e cujas riquezas foram exploradas com tamanho cuidado e carinho, posto o pensamento em fito tão elevado, qual a reciproca cordialidade e a justa estima dos que trabalham e se empenham em dar, na expansão de nobres sentimentos, brilho á terra natal.

Nos *Recuerdos literarios*, trata particularmente D. Martin Mérou, das epocas de sua juventude, da sua entrada nas letras, das

impressões que o dominavam naquelles formosos tempos da *primavera da vida*, das ambições que lhe enchiam o peito e tocavam mil radiosas alvoradas na alma — e tudo isto está tão bem e lealmente narrado e descripto, que cada um de nós se revê naquellas paginas attrahentes e luminosas. Não são tão exactas e vividas as que consagra á sua estréa no mundo literario em um certamen de estudantes? Tudo isso não se deu comnosco, não constitue a historia da nossa mocidade? Quem poderá lel-as frio, indifferente? Nem faltou a homenagem tocante e indizivelmente superior á de quantos ouviam as ardentes estrophes do poeta estreante—a admiração de uma mãi ufana de seu bom, talentoso e estremecido filho.

« Confesso com franqueza, diz elle, compraz-me recordar, após tantos annos, os menores incidentes dessa festa, a que concorreu um publico distincto e numeroso, em cujas fileiras se salientavam, cheias de ternura e orgulho, as mãis dos jovens laureados. Contemplando a minha a derramar lagrimas de enternecimento, quando os applausos estallavam, finda a leitura de cada estrophe, sentia-me eu desfallecer e com a voz embargada na garganta. Ah! naquella immensa concurrencia, ninguem suspeitava o sublime drama de amor e de meiguice que se desenrolava em um dos cantinhos da brilhante sala e o balsamo ineffavel que era para coração tão generoso quão ferido pela sorte aquelle modesto triumpho, insignificante á maioria dos espectadores. »

Eil-o, porém, inscripto no numero dos melhores poetas argentinos. Publicou, em 1885, um volume de versos *Poesias* e, no anno seguinte, um poemeto *Atahualpa*; mas, sem deixar de todo o genero, pois ainda em 1891 deu á estampa *Cuadros épicos*, encetou outras especialidades, em que a imaginação tem de ceder campo a observações e pesquizas de maior vulto, mais exactas e firmadas todas na realidade e na indagação objectiva.

Assim, em 1887, já diplomata em Madrid, fez apparecer *Impressiones (De Buenos Aires a Paris — Recuerdos de Venezuela—Recuerdos de Colombia)* e logo depois *Estudios literarios*. No anno seguinte, *Ley social*, editado em Buenos-Ayres, bem como *Libros y autores (costumbres contemporaneas)*. Após curto espaço de tempo, preenchido sempre por muitos escriptos na imprensa diaria, deu aos prelos, em 1889, *Perfiles y Miniaturas*, reunindo em escolhida collecção varios daquelles trabalhos mais applaudidos.

Tornou-se o livro credor de annotações do punho de S. M. o Sr. D. Pedro II, já então no doloroso exilio em que tanto exaltou o nome brazileiro, — algumas dessas notas da maior finura, todas de grande elevação e demonstrativas do valor dado á obra.

Ao artigo *Uma esmola*, poz o Imperador á margem: *Sinto não conhecer o Sr. Mérou*—o que provocou de abalisado literato a seguinte reflexão: «E' o maior elogio que se póde fazer á penna de um escriptor ou, melhor, constituem verdadeiro triumpho estas simples palavras de pezar de tão augusto leitor.» Em outro, *No más ferétros* — observou o admiravel exilado: Quizéra que o autor não abusasse tanto da fórma; mas, não ha duvida, tem muito talento.

A *Perfiles y Miniaturas* seguiu-se, em 1890, um ensaio critico de grande monta e a obra predilecta até agora de quem a escreveu, *Juan Bautista Alberdi*, minuciosa e alentada biographia desse homem de estado argentino, que, si foi adversario intransigente do Brazil, sem embargo prestou relevantes serviços á sua patria. E' de 1891 *Recuerdos literarios*, cujo contexto devemos de relance examinar, bem como o de *Confidencias* e do *Ensayo sobre Echeverria*, apparecido este nos ultimos mezes do anno recempassado de 1894.

Por esta singela resenha, bem se vê a actividade e força de trabalho do escriptor que actualmente representa entre nós com tanta dignidade e sympathia o seu bello e futuroso paiz e que tem comsigo muitas condições para grangear, em qualquer parte do mundo e nos centros mais adiantados e importantes, o apreço e o respeito de todos.

II

Desfila nos *Recuerdos* rapido mas brilhante cortejo dos poetas e escriptores argentinos mais salientes nestas ultimas epocas, precedidos, quasi todos, de um esboceto physionomico que, em meia duzia de palavras, nos dá a feição caracteristica do homem e do literato. Algumas dessas ligeiras indicações são de extrema felicidade—por exemplo a de José Arnaldo Marques, esse grande bohemio, cuja vida literaria, por vezes scintillante, de repente e como que mysteriosa findou, á maneira dessas caudalosas correntes

perdidas e disseminadas em extenso e vago areal. E Gervasio Mendez, tão sympathico e malaventurado, essa especie de Henrique Heine tambem ferido de paralysia e votado a crudellissimo destino? Com quanta expressão e verdade não define elle o que era a poesia para si, para a sua existencia de continua angustia, misere desde os primeiros annos da meninice?

«Es la dulce armonia arrobadora
Que sobre el ai de mi infortunio vaga,
Levantando mi espiritu abatido
Sobre sus blancas y brillantes alas:
La fresca sombra
La gota de agua
Que la fiebre voraz de mi martirio
En el desierto de mi vida calma.»

Quanto é pungente e commovedor o queixume justo, emanado de mil dores e da desgraça real e não desse soffrer convencional e de pieguice subjectiva que é a nota absorvente e predominante de quasi todos os poetas! Pobre Gervasio Mendez, que aurora de libertação — unica possivel — lhe baila ante os olhos e lhe illumina o pensamento!

Aquellos que comprenden mi martirio
Me llaman infeliz;
No saben que una dicha me sonrie
La dicha de morir!

E' a vida já por si tão cheia de complicações e tristezas que não a devemos prender á sorte dos predestinados á continua desventura e daquelles que o destino fere sem intermittencia nos golpes e com tremendo e inexplicavel encarnecimento. Volvamos as paginas ternamente consagradas ao malsinado poeta, e eis-nos em cheio nas alegrias expansivas e ardentes do *Circulo cientifico e literario* e da *Bohemia*, em que encontramos *«la flor y nata de la nueva generacion; alli se hallaba y discutia de* omni re scibili *con igual audacia y suficiencia; alli se codeaban todas las profesiones y todas las creencias en una confusion pintoresca; alli, por ultimo se vivia vida juvenil, alegre y estudiosa, llena de grandes ideales, de propositos levantados y de aspiraciones sublimes.»*

Lá figuravam Ernesto Quesada, Carlos Monsalve, Lugones, Moutier e outros, que, no dizer do autor dos *Recuerdos*, representavam oradores puros, criticos, novellistas, publicistas ou, pelo menos,

assim eram titulados, presidente Julio Mitre, bellissima esperança tão cedo ceifada, depois, Navarro Viola, ambos, já ha muito, no mundo das trevas ou, em frase mais consoladora, no seio da eternidade.

Muitas paginas consagra D. Martin Mérou a esse Viola, fallecido aos 29 annos de idade, e em todas ellas resumbra a sua admiração por tanto estro e fecundidade e a dor de tão cruel perda; e é prova de bem largo coração esse peregrinar commovido e commovente, essa tarefa que tomou a si de relembrar os companheiros mortos e as bellas amizades vinculadas na amena e nobilitante convivencia das letras.

Após Viola, eis Adolfo Mitre, cujo typo estuda com certa minucia, buscando ligar toda a sympathia do leitor áquelle promettedor mancebo que não poude «terminar o esboço da sua personalidade em caminho de formação.» Adiante, mais outro, Benigno Lugones, valente polemista, modesto e consciencioso empregado publico nas horas do dia, á noite ardente lidador da imprensa diaria, critico desapiedado a distribuir, sob os mais variados pseudonymos, vergastadas de Juvenal, de que não escapou D. Martin Mérou, o que elle tambem nos conta com muita vivacidade e graça, bem como o desenlace de plena e leal reconciliação. Destacados alguns vultos, como esses tres nos *Recordos* se entrelaçam tantos nomes e tantas citações, que si é facil, pela amenidade de estylo, ao leitor acompanhar os devaneios do autor, á critica se torna isso mais difficil, não se apanhando de todas essas graciosas *silhouettes* no seu perpassar fugaz sinão ligeiras impressões.

E exactamente nessa pitoresca exuberancia se nos afigura ficarem bem accentuados a extrema habilidade e o espontaneo talento do escriptor, fazer-nos passear, sem um momento de fadiga e com interesse sempre crescente, por todas essas recordações, á maneira de quem mostra a sympathico hospede florido jardim e o leva por um sem numero de serpeantes caminhos para lhe fazer admirar esta ou aquella flor, e mais esta e mais outra, todas, porém, mais ou menos conhecidas nossas e sem nenhum realce especial, que as assinale na flora universal. «Quanto é bella e peregrina esta, não acha? Quão rara e seductora aquella, não lhe parece? Note, note a vivacidade do colorido, a elegancia da corolla, o brilho das petalas!»

E o fogo e a lealdade que a tudo infunde se nos communicam e com elle facilmente concordamos, quando analyse mais iria e

observação mais serena nos reprimiriam tamanhos e tão seguidos enthusiasmos.

Ha, continuando o simile, muito mais que ver e apreciar no conjunto desse jardim, no todo, na bella ligação dos taboleiros de relva salpicados de floridas cestas, no artistico traçado das aléas e veredazinhas, nos recantos ensombrados e frescos, nos mil incidentes repentinos e originaes — e em tudo isto é que deveras se acha o encanto desse volumoso livro de quatrocentas e muitas paginas, cuja ultima fechei com intimo pungimento de suave saudade, como quem se despede de um bom companheiro em rapida viagem, e com a convicção de que acabara de ler obra san, honesta e de real valor nas suas innumeras digressões e em pormenores de constante e commovedora delicadeza.

III

Têm os *Recuerdos* de D. Martin G. Mérou muito de autobiographia, sem que, nesse borbulhante emergir de copiosas reminiscencias, jamais se sinta o predominio do *egotismo*. O autor, si fala de si é de passagem, ás pressas, buscando logo fugir com a sua personalidade afim de deixar que outrem, um collega, um camarada, se apresente bem em cheio á projecção da luz da publicidade. E então, já o indicámos, não lhe poupa elogios e a mãos cheias lhe atira toda a adjectivação dos seus arroubos. Parece querer dar-lhe generosa compensação ao cruel e entorpecedor indifferentismo que, nos paizes platinos, do mesmo modo que no nosso, acolhe todo o esforço de caracter puramente literario. « Trabalhai, trabalhai: sempre ha-de haver alguem que fará justiça, pelo menos á vossa constancia » eis a synthese, a bella synthese, desse livro, em que o autor poz todo o fogoso impeto de sua fibra impressionista, sem rebuço, nem limitações. E' que elle conhece bem, quão penosa e desanimadora essa luta incessante contra a maré, o subir de encontro á corrente, esbarrando a cada momento com escolhos e mil razões de desalento nesse labutar literario em que nós — sul americanos e bem poucos! — nos temos empenhado. Falta-nos, alem de todos os incentivos que vigorosamente impulsionam os escriptores do Velho Mundo, gloria, honras, ambiente intellectual e

dinheiro — o vil, mas imprescindivel dinheiro, que representa tudo isso junto — falta-nos publico, por modesto que seja, falta-nos quem se digne ler e, acordando do lethargo em que vive, sinta comnosco, comnosco se identifique e nos recompense do muito trabalho vencido com algumas provas de real apreço e viva sympathia.

No Rio da Prata o jornalismo — verdade é, muito adiantado e progressista — realisando o prognostico de Victor Hugo *ceci tuera cela*, tudo absorve, tudo esmaga e nihilifica com as suas exigencias de todos os momentos, seu complicado mecanismo, seu perenne e vertiginoso anhelo por satisfazer o appetite desse minotauro insaciavel, a curiosidade publica. Onde com effeito, impera o simples *reporter*, prompto para desfiar um tropel de noticias de sensação em linguagem telegrammatica, *à la diable* e de accordo com a anciedade banal dos leitores, tem forçosamente que ceder campo e eliminar-se o literato, o cinzelador da frase, aquelle que aprofunda e estuda inquieto, preoccupado, a harmonia das orações e a cadencia dos periodos. E que canseira muitas vezes! Achado, embora, em feliz rapto de inspiração o assumpto original, concebida a ideia nova e fecunda, que difficuldades, não raro, para revestil-os de forma condigna e que a nós mesmos, á propria consciencia, se faça aceitavel, quando não nos contente de todo! Quanto capricho nesse movimento da penna, ora violento e irresistivel a deslisar e correr mais depressa até que o pensamento, ora a se arrastar languido, flacido, impacientante, como instrumento indocil e inimigo nosso! E que luta para dominal-o, vencel-o, dobral-o ao devido jugo, humilde e avassalado?! *De quoi est mort Goncourt?* perguntava Theophilo Gautier num dos seus immortaes folhetins consagrados a Julio, o irmão mais velho dos impeccaveis Goncourt. *Il est mort de la phrase, de la phrase qui tue!* Felizes os que dispõem de penna facil, ductil, amena, ás ordens sempre como leal, prazenteiro e obediente auxiliar! E desta regalia goza, sem duvida, D. Martin Mérou sem jámais cair na banalidade e nas construcções fraseologicas já feitas e de convenção, que se adaptam condescendentes, mas insupportaveis ao gosto e delicadeza verdadeiramente literarios.

Si a imprensa diaria do Rio da Prata tomou tamanha amplitude, que parece não consentir facilmente terreno ás letras, tal razão, comtudo, não serve para o Brazil, onde o jornal não assumiu nem as proporções, nem a importancia e influencia que

o distinguem entre os nossos vizinhos. Aqui, sem contestação possivel, têm ellas particularmente luctado com o deleterio influxo e a formal má vontade do que se chama politica. Em todas as epocas se fez esta de senhora desdenhosa, carrancuda e mal humorada para com aquelles que, no seu entender, desperdiçam tempo e lazeres em materias demasiado futeis e não se dedicam exclusivamente, de corpo e alma, ao interesse dos partidos e ás interminas questões eleitoraes, que tanto têm atrazado este pobre Brazil. ainda quando nem siquer haja simulacro dos suppostos comicios populares, em que a mystificada vontade das massas tem de guindar ás alturas do poder a vulgar ambição dos trefegos, dos protegidos e subservientes.

Foi José de Alencar uma das mais notaveis victimas deste modo de pensar, cujo reflexo se tornou bem sensivel em toda a sociedade culta brazileira, acostumada, de longas éras, ao encarnecimento dessas esterilisadoras discussões. Nos muitos embates que soffreu, já na camara dos deputados, já no senado vitalicio, os seus mais illustres adversarios — e não foram poucos — a todo o transe buscavam feril-o nesse pretendido calcanhar de Achilles, accusando-o acremente por ter feito versos, fazel-os ainda embora ministro de Estado, publicar romances e consagrar-se com amor ás lides literarias.

Lembro-me bem que, um dia, certo deputado fazia da tribuna garbo de não haver escripto o *Guarany*, de que lera distrahidamente um ou outro trecho.

— Não tenho, dizia elle mais ou menos, tempo como S. Ex. para gastal-o a engendrar heróes da feição de...

E faltou-lhe o nome de Pery.

— Como se chama o tal indio? perguntou a meia voz ao vizinho.

— Pery, assoprou-lhe o outro, que para melhor audição repetiu — Pery.

— ... heróes, continuou o orador, como o celebre Peripery.

Imagine-se a gargalhada, que não desmontou, comtudo, o feroz accusador.

A mim mesmo, quantas vezes, não me responderam, do alto da sizudez de ferrenho exclusivismo politico: «Ora, este argumento só mesmo de um romancista!» ou então com perfeito desdem: «Isto não passa de fantasia literaria, sem base nem consistencia» — e outras

quejandas amabilidades? Seja-me licito, fazendo-me agora de intruso para dar, porém, a feição fiel e caracteristica de longa época que ainda não findou e pelo contrario cada vez mais parece dever confirmar-se, trazer aqui á baila uma sentença de politico que então occupava posição preponderante em altas espheras. Acabara de sair dos prélos o meu romance *Innocencia*.

— Folheei com algum interesse o seu novo livro, disse-me amigavel e dogmaticamente; acho, porém que sempre lhe hão de atirar em rosto este peccado da mocidade.

E de cada vez que apparece no estrangeiro uma traducção dessa obra, que tem tido lisongeira carreira no mundo, logo me recordo do *veredictum*, sem ver motivos de arrependimento pelo delicto commetido. Em bellas-artes o mesmo se dava; aliás é tão intima a ligação com as letras!

Em certa occasião, pedia eu, no meio da glacial attitude da camara em peso, apesar de todos os meus esforços oratorios, uma pensão para Carlos Gomes, que produzira já o genial *Guarany* e acabara de fazer cantar no Scala a bellissima *Fosca*.

— Quem é esse Gomes? ouvi perfeitamente de um deputado que conversava com outro a meu lado.

— Lá sei, respondeu o interpellado, algum collega em literatice deste massante.

— Não, observou um terceiro, é um rabequista que estuda ha tempos em Milão. O ministerio está furioso com a inesperada demora na votação.

Quando, um tanto azoinado fui, com effeito, ter com os meus amigos do gabinete e predispol-os á benevolencia para com o maestro, encontrei-os positivamente exasperados. Receberam-me como inqualificavel e desazado ou perigoso obstruccionista e á uma juraram que formalmente se haviam de oppôr a qualquer favor do parlamento ao tal musicante. Venci, porém, com geito e alguma demora a campanha, e Carlos Gomes, uma das maiores e mais puras glorias do Brazil, para honra da nação toda, teve, durante cinco annos, a sua pensão.

Poderia assim accumular provas; mas não quero abusar da paciencia do leitor a falar de mim, a titulo de incidencia, por mais curiosa que seja. *Le moi est haïssable*, diz com razão Pascal.

VISCONDE DE TAUNAY

(*Continúa*)

A FABRICA DE FERRO

DE

S. JOÃO DE IPANEMA[1]

IV

Para tratarmos razoavelmente desta importante parte dos trabalhos da fabrica de Ipanema, devemos estudar successivamente: a officina de modelação, a moldagem e a officina de ajustagem e acabamento das peças.

De preferencia insistiremos na segunda dessas partes.

Na officina de modelação são preparados os modelos das peças fundidas, são aqui applicadas as artes de marceneiro, de entalhador e de torneiro; os modelos são de cedro secco e são numerados afim de facilitar o seu manuseamento e evitar confusões. O seu numero é elevado em relação á producção da fabrica; são principalmente modelos de engrenagens, mancaes, gradis, moendas de canna, cruzes, escadas, etc. Sem detalhar o trabalho dessa officina apenas diremos que, não sendo continuo o trabalho de confecção de modelos, empregam os operarios o tempo sobresalente em fazer as diversas obras de marcenaria, etc., exigidas pela fabrica, como sejam: portas e janellas para os novos edificios em construcção, caixilhos, mesas, etc.

---

[1] Veja *Revista* de 1 de Fevereiro.

Ha quatro operarios nessa officina: 1 mestre, 1 modelador entalhador e 2 aprendizes. Trabalham 12 horas por dia.

Em vista da proporção de phosphoro existente na fonte, sufficiente para permittir boas moldagens e não chegando a comprometter a resistencia ao choque, e tambem para evitar os gastos addicionaes de uma segunda fusão, é a moldagem geralmente feita com fonte directamente corrida do forno alto. Por vezes, para grandes peças ou para obras que exijam uma qualidade de metal excepcional, refunde-se este num forno de que mais tarde falaremos. São empregados em Ipanema tres modos de moldar: moldagem em concha, humida e secca.

Vamos examinal-as successivamente.

A moldagem em concha se faz para obter peças que exijam uma dureza superficial muito grande, que é facilmente obtida pela tempera da fonte corrida em grandes moldes metallicos. Por essa forma são preparados cylindros para laminadores, rodas de wagons, sapatas para pilões, etc. Diz o Dr. Leandro Dupré que as rodas feitas com a fonte de Ipanema têm sido experimentadas com exito satisfactorio na Estrada de Ferro Central do Brazil.

A moldagem humida se faz para as peças ordinarias; a terra em que é feita é composta de:

Areia verde.....	20
Carvão moido.....	1

A areia verde é uma mistura fina de grãos de quartzo e argila, naturalmente ligante.

E' de 5 % o teor em carvão; a sua mistura com a areia é feita intimamente por meio de mós verticaes de fonte, que malaxam e trituram as terras até dar-lhes a homogeneidade necessaria; na moldagem humida mistura-se a areia preparada com areia já servida. Os moldes são feitos no chão da officina ou em caixilhos: ambos compoem-se de duas metades: a inferior pode ser feita no chão ou em caixilho, a superior sempre se faz em caixilho: quanto ao modo de proceder para obter-se um molde, é sempre o mesmo: na terra de moldar previamente socada é collocado o modelo pelo operario, que acaba de encher os lugares vazios e comprime fortemente a terra contra o modelo; nesta primeira metade não se molda angulo reintrante algum que se opponha ao desenmoldeamento (*demoulage*)

do modelo: para terminar esta primeira phase da preparação da metade inferior do molde, alisa-se com uma colher a sua superficie de separação com a metade superior, e polvilha-se bem com areia quartzosa secca (grez pulverisado) que impede a adherencia das duas metades. Por cima da parte feita colloca-se agora um caixilho de modo inabalavel (por meio de cunhas fincadas no chão, ou por meio de cavilhas si forem empregados caixilhos): enche-se o vazio com terra de moldar que se comprime com um soquete. Agora com uma longa agulha faz o moldador uma serie de furos na metade superior do molde, para permittir o escapamento dos gazes na occasião da corrida da fonte.

Finalmente com um cone de madeira abre o operario nas duas extremidades oppostas do molde (sempre na parte superior) dois largos conductos, um para a entrada e outro para a saida da fonte: com uma colher elle os corrige e alisa. Feito isso retira a parte superior do molde e por meio da colher alisa e concerta os pequenos defeitos da sua superficie interna: retira da parte inferior do molde o modelo que nella estava e do mesmo modo que precedentemente alisa e concerta esta parte. Recobre agora a parte inferior do molde com a parte superior, estabelece a perfeita coincidencia das duas metades e está tudo prompto para a corrida. Para esta, recolhe-se a fonte liquida em baldes de ferro revestidos internamente de terra de moldar e seguros por meio de garfos de ferro: dois aprendizes collocam o balde sobre o jacto metallico e, uma vez cheio, levam-n'o até o molde no qual é despejada por um dos conductos a fonte em fusão até apparecer esta no outro conducto, sinal de que o molde está completamente cheio: a fonte estando no balde coberta de escorias, é espumada por meio de facas de ferro que retêm as borras. Por esta forma são fundidos coches para engenhos, ronqueiras, chapas de fogão, etc.: peças, emfim, em que a moldagem se faz facilmente e ás quaes pequenos defeitos não tiram o valor commercial.

A moldagem secca comprehende todas as moldagens em que, estando o molde prompto, é elle seccado ao fogo: é reservado esse processo para as peças mais importantes e de fundição mais delicada. Empregam-se para isto terras bastante gordas para serem bem ligantes, não tendo argila em excesso que possa occasionar a fusão das paredes do molde e o torne demasiado compacto.

Junta-se-lhe 1/2 de bosta moida, cuja presença é util para impedir o fendilhamento do molde pela seccação e facilitar a passagem dos gazes. A composição da terra secca é pois a seguinte:

Areia gorda	2
Bosta moida	1

Os moldes são feitos ou no chão da officina ou em caixilhos. No primeiro caso para seccal-os faz-se sobre elles uma pequena fogueira, no segundo são elles introduzidos numa estufa. Esta é um grande quarto de alvenaria no qual sobre barras de ferro são collocados os caixilhos contendo os moldes, os machos de fundição, as peças sujeitas a um recosimento antes de serem trabalhadas nas officinas de ajustagem, etc., e onde ardem uns carvões, alimentada a combustão por uma corrente de ar, que vem do exterior.

O modo de preparar o molde já foi descripto no processo de moldagem humida e não varia no caso vertente; sómente, após a preparação do molde e antes do seu seccamento na estufa ou no chão, reveste-se a sua superficie duma mão de tinta cujo fim é ligar os grãos de areia, tapar os póros e *décaper* a fonte dando-lhe uma bella côr azulada; sua composição é a seguinte:

Carvão moido	1
Barro branco	1
Agua	q. s.

A tinta é passada no molde com um pincel.

Uma das partes mais delicadas deste methodo de moldagem é a preparação dos machos e a fundição das peças em que elles são necessarios.

Todos são feitos com terra secca; os pequenos fazem-se á mão ou em fôrmas apropriadas; os grandes têm um tubo de ferro por ponto de apoio e sobre esse capim torcido: sobre o capim collocam-se pequenas hastes de ferro e sobre essas terra secca amassada na agua. Não são feitos de uma só vez: posta a primeira camada de barro vão á estufa: depois de seccos levam a segunda e assim por diante até a terceira ou quarta que é a ultima; um gabarito dá-lhes a forma final; levam agora uma mão de tinta de que já falámos e vão definitivamente á estufa para seccar. Quando se fundem peças que tenham machos, a moldagem para ser boa exige que se tire o macho da estufa no *momento mesmo* da corrida; tira-se,

colloca-se em posição e funde-se logo: isso é essencial para obterem-se peças sans, e é a pedra de toque dos operarios moldadores.

Em 1889 fundiam-se em Ipanema granadas para experiencias de artilheria: os moldes eram feitos á machina do modo seguinte: compõe-se a machina dum pé supportando uma placa horizontal furada no centro e podendo subir e descer segundo a vertical, por meio de engrenagens; no eixo da placa e com um diametro igual ao do orificio desta, ergue-se verticalmente o modelo da granada. Estando a placa na extremidade inferior do seu curso, colloca-se sobre ella um tronco de cone de ferro, aberto nas suas bases e com muitos furos praticados na sua superficie lateral; enche-se este de terra de moldar secca, e socca-se bem; feito isto, com uma agulha fura-se a terra nos pontos correspondentes aos furos do tronco de cone, e, dando-se ás engrenagens um movimento de rotação faz-se subir a placa; sendo por esta forma o modelo retirado do molde; neste ultimo colloca-se agora um macho correspondente ao vacuo interior da granada e que foi moldado numa fôrma conveniente. O resto do trabalho é analogo ao que já descrevemos.

Quando o seccamento dos moldes não é sufficiente, a fonte quente produz a vaporização das materias volateis das areias preparadas; os gazes desenvolvidos, ao atravessarem a fonte, não têm por vezes a tensão necessaria para vencer a pressão do metal em via de resfriamento: d'ahi a producção de bolhas no interior das peças.

A explicação deste facto dada pelo Dr. Dupré, basea-se no *andamento frio* do forno que não permitte aos gazes contidos na fonte ter a pressão necessaria para vencer a resistencia do metal. Em primeiro lugar o andamento frio do forno não estaria completamente de accordo com o genero do producto fornecido pelo mesmo apparelho, pois que a marcha é para fonte cinzenta; esta devendo ser empregada no refino, tem granulação grossa, o que exige, como bem faz notar Vathaire (*Construction et conduite des hauts-fourneaux*, pag. 71), um andamento extra-quente. Em seguida faremos notar que a decantação soffrida pela fonte no acto de ser transvasada do cadinho do forno alto para o balde de corrida, é eminentemente propria a facilitar ou mesmo provocar a expulsão dos gazes que pudessem nella existir. Por esses motivos julgamos dever attribuir taes bolhas ao seccamento incompleto dos moldes. Em todo o caso ellas não existem em quantidade sufficiente para comprometter a

solidez e as condições de resistencia das peças. Por este processo de moldagem obtêm-se taxas, engrenagens, turbinas, mancaes, moendas, granadas, gradis, etc.

Este apparelho é por vezes empregado na fundição de grandes peças ou das que exigem uma qualidade de fonte excepcionalmente pura. O seu trabalho não é, pois, continuo.

O perfil interior do forno é cylindrico, tem 6^m de altura e $0^m,60$ de diametro, o que faz um volume de $1^{mc},697$. A camisa interna é feita de grez molle refractario e tem provado dum modo muito satisfactorio; sua espessura varia de $0^m,15$ a $0^m,18$. A camisa interna, cuja secção é um decagono, é inteiramente metallica; placas de fonte revestem completamente o exterior do forno; o lado do decagono é de $0^m,25$. Na parte inferior existe uma porta de trabalho, fechada durante a fusão por uma parede de tijolos refractarios, communicando com uma bica de corrida fixa ao forno. A boca de carregamento está aberta, é a extremidade superior do cylindro; por cima está a chaminé que lança na atmosphera os gazes da combustão. O forno recebe o vento soprado frio da machina insufladora do forno alto; sua admissão no forno faz-se, conforme as condições do funccionamento, em dois ou tres niveis differentes; a ventaneira inferior está a $0^m,40$ acima do fundo do forno, a segunda a $0^m,80$, isto é a $0^m,40$ acima da primeira, e a terceira (quando funcciona) a $1^m,20$ acima do fundo do forno ou $0^m,40$ acima da segunda; as tres ventaneiras superpostas ligam-se a um tubo porta-vento vertical, existindo em cada nivel uma unica ventaneira. Como aqui queremos ter uma simples fusão, o volume de ar soprado é muito grande de modo a que o seu excesso não permitta a formação de oxydo de carbono que reduziria a escoria da operação e introduziria na fonte uma certa quantidade de impurezas. O trabalho do forno não exige operarios especiaes: os moldadores se encarregam da sua direcção, sendo necessarios dois operarios: 1 carregador (que é um menino) e 1 alimpador de algaraviz. De cinco em cinco minutos é introduzido no forno uma carga que se compõe de:

Fonte.....	10 kg.
Carvão.....	25 kg.
Cal.....	q. s.

para escorificar as cinzas do C.

Trabalhando para fonte cinzenta demora-se uma carga no forno durante 3/4 de hora; para fonte branca o tempo da demora é apenas de meia hora. O gasto de combustivel é enorme; como se vê, eleva-se a 62,5 % da fonte introduzida — Ora com o coke já é considerada grande uma despeza de 20 % de combustivel e já se conseguiu, afóra as despezas de accendimento, reduzir a proporção de carvão a 3 % da fonte introduzida (cubilot Greiner & Erpf e outros). Em face desses resultados é de admirar-se que ainda se gaste tanto carvão em Ipanema quando uma pequena modificação no perfil do forno de refundição poderia dar uma economia enorme deste consumo. Funde-se por hora mais ou menos quinhentos kilogrammas de fonte e a perda não se eleva a mais de 6 °/₀, pode-se contar por hora com 450 kgs. de fonte de segunda fusão. O producto obtido resente-se da falta de silicio e nelle sempre fica reduzido o teor em carbono livre, o que constitue desvantagem para as moldagens. Quanto ao trabalho de moldagem, não varia este por causa da segunda fusão da fonte; em geral esta se emprega para turbinas volantes, etc.

Na officina de ajustagem vêm ser acabadas as peças provenientes das moldagens. Um motor hydraulico analogo ao que descrevemos em relação á machina insuffladora do forno alto, põe em movimento esta officina. Estão assentados e funccionam tornos para bronze, para fonte, machinas de furar chapas, aplainar, etc. Outras (como seja uma grande machina de aplainar, por exemplo) ainda estão por ser installadas. A não serem as mais ordinarias e de consumo immediato (ronqueiras, chapas de fogão, etc.,) todos os mais productos moldados da fabrica passam na officina de ajustagem; aqui são alisados, polidos, calibrados e finalmente ajustados na confecção de machinas para a lavoura, escadas em caracol, etc. Existe no deposito de Ipanema um martello-pilão construido inteiramente na fabrica e que vai ser installado na officina de refino para forjar peças de grandes dimensões. Depois de inteiramente terminadas vão as peças ficar no deposito.

Como por diversas vezes temos dito, referimo-nos nesta parte do nosso estudo aos dados economicos colhidos por nós em 1889: os resultados mais recentes serão considerados mais tarde ao fazermos o estudo comparativo das diversas phases de Ipanema.

Na officina de modelação existem 4 operarios trabalhando 12 horas por dia e ganhando: 1 mestre, 4$500; 1 modelador-entalhador, 3$ e 2 aprendizes cada um 1$000.

Na moldagem temos as diarias seguintes: 1 mestre, 7$; 7 officiaes moldadores, 3$500—2$800; 3 serventes 2$ e 10 aprendizes 1$200—200 rs. Ao todo 21 operarios que principiam o seu trabalho ás 5 1/2 horas da manhan e acabam ás 5 1/2 da tarde, tendo 1 hora de descanço para almoçar.

Na officina de ajustagem existiam 16 operarios repartidos como segue: 1 mestre, 7$; 3 ajustadores, 3$500; 3 torneiros, 4$—2$500; 3 ferreiros, 3$500—2$500; 3 malhadores, 2$—1$800 e 3 aprendizes 1$800—1$200. No trabalho de forno alto, fundição e annexos ha pois 49 operarios empregados.

V

Em 1889 era a producção diaria de Ipanema de 2750 kgs. de fonte, em média; reparte-se essa producção de modos diversos conforme a importancia das encommendas de peças moldadas; por vezes duas das tres corridas diarias são destinadas á moldagem; outras vezes duas corridas se fazem para lingotes destinados ao refino e uma para peças moldadas. A divisão:

Fonte em lingotes.....	950 kgs.
» de moldagem....	1800 kgs.

não corresponde ás exigencias da producção de ferro no refino, que por si só consome 1400 kgs. de fonte diariamente; entretanto as variações na procura de peças moldadas, os refugos de fundição, peças falhadas, restos de fonte de moldagem, etc. concorrem para a formação dum stock regular de fonte. Obtem-se assim a classificação seguinte: fonte em lingotes, fonte de moldagem e fonte de refino.—Esta divisão não se basea em differença chimica ou physica das diversas variedades; a fonte é uma e unica, de composição tão constante quanto o permitte a direcção dum forno alto: é uma

fonte quasi negra, fortemente graphitosa. O que divide as tres classes é a differença de serventes de cada uma; assim em 1888 foram obtidos:

Fonte em lingotes	438 t.
» de refino	360 t.
» de moldagem	130 t.
	928 t.

Durante o primeiro trimestre de 1889 obteve a fabrica:

Fonte em lingotes	41 t.
» de refino	99 t.
» de moldagem	25 t.
	165 t.

Os preços de venda da fonte em lingotes e dos productos moldados foram em 1889:

Guza	63$000	a tonelada
Productos moldados (em média)	200$000	» »

O custo da tonelada de fonte em lingotes é facil de se estabelecer por meio da tabella de preços que organisamos para aquelle anno:

Minerio (tonelada)	3$300
Cal »	3$260
Mina pobre »	3$200
Carvão »	11$555
Argila »	$300
Areia »	$500
Fundente »	2$350

Introduzindo esses preços na composição das cargas teremos para despeza diaria:

Materias primas	93$000
Mão de obra	23$600
	116$600

Para levarmos em conta o juro e a amortização do capital, não entraremos com as enormes sommas improficuamente gastas em tentativas etc., e avaliaremos esses juros e amortização em 20 °/₀ do total achado (*L'interêt et l'amortissement du capital engagé...*

peuvent en certains cas majôrer de 15 % et même plus le prix de revient de la matière sortant de l'atelier — Bressón, *Fonte et Fer, Encyclopédie Chimique*).

Teremos então:

Custo á fabrica.....	116$600
Juros e amortização.....	23$320
	139$920

Obtém-se 2.750 kgs. de fonte, o que dá para a tonelada de fonte o preço de 50$880, digamos 51$000.

Quanto ás peças moldadas teremos:

1.800 kgs. de fonte.....	91$800
Mão d'obra.....	42$000
Transporte de terras e preparação.....	3$200
Juro e amortização.....	9$000
	146$000

Admittindo que falhem 20 % das peças moldadas ainda assim seria o custo da tonelada de peças moldadas de 97$500 em media. A estes resultados deveremos accrescer as despezas de administração e o juro do capital em movimento: ora só as primeiras orçam em perto de 24:000$000 por anno, que se repartem sobre as 1.000 toneladas de producção annual, sejam 24$000 por tonelada. Desprezando o juro do capital de movimento, eleva-se o custo da fonte a

Fonte em lingotes.....	75$000
Fonte de moldagem.....	121$500

e si entrar em consideração o factor desprezado teremos approximadamente

Fonte em lingotes.....	78$000
Fonte de moldagem.....	124$500

Convem falarmos agora da natureza dos productos obtidos.

Em geral os objectos moldados em primeira fusão são bons, e são desenmoldeados sem que grandes defeitos se notem nelles; effectivamente existe na fonte o phosphoro em proporções convenientes para a moldagem e em quantidade sufficiente para

comprometter as condições de resistencia das peças. Os objectos provenientes de moldagem em segunda fusão, apezar de serem feitos com fonte menos graphitosa, não são maus. A fonte em lingotes fornecida ao estado parece ter sido bem aceita tanto nas officinas da Central como nos arsenaes. Entretanto, como nenhum estudo serio foi feito nesse sentido, convem dar a este ultimo asserto o valor relativo que elle deve ter. [1]

J. P. CALOGERAS

(*Continúa*)

[1] Em obediencia a um plano estabelecido por occasião da passagem da Usina de Ipanema do Ministerio da Guerra para o da Agricultura, foi em 1878 iniciada a construcção dum alto forno para 10 toneladas, com o competente ascensor, etc.; como até hoje (1894) espera esse apparelho o seccamento de sua camisa interna, julgamo-nos dispensados de dar detalhes sobre elle, tanto mais quanto teremos de alludir mais tarde á competencia technica de quem o projectou nas condições especiaes em que está Ipanema.

ESTUDOS DE LINGUISTICA

A COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES

NA LINGUAGEM CORRENTE

> What is grammatically correct is what is accepted by the great body of those who speak a language, not what is laid down by the grammarian.
>
> A. H. SAYCE.

No estudo da collocação dos pronomes pessoaes complementos em portuguez os grammaticos têm gasto muita tinta e inutilizado muita penna, para nos convencerem afinal de contas de uma só verdade: podem dar as regras que quizerem, no Brazil não se collocam nem jámais se hão-de collocar os pronomes do mesmo modo que em Portugal.

A meu ver, em vez de perderem o tempo a estabelecer essas duvidosas regras, de que por fim vêm a zombar escriptores nossos que nada ficam a dever aos melhores portuguezes, mais avisados andariam os grammaticos, si se contentassem com assinalar o facto da divergencia como um dos traços que distinguem o falar brazileiro do falar lusitano.

Nem sei como possam ser intransigentes, quando o phenomeno ainda está tão mal estudado, que os preceitos existentes se referem apenas a alguns casos isolados. O mais interessante é que, se é erroneo o nosso modo de empregar o pronome, mais erroneo ainda são varias das regras que se crearam para salvar o purismo.

Filhas da fantasia ou de observação pouco escrupulosa, fazem-nos encontrar na linguagem escripta do Brazil não só faltas contra aquelle purismo estacionario, mas até erros... de accordo com milhares de exemplos de classicos portuguezes. E' um paradoxo; mas nas paginas seguintes verá o leitor que não ha exagero na minha asserção.

Antes de entrar na analyse do assumpto, cumpre-me declarar que a questão da collocação dos pronomes foi tambem estudada pelo sempre chorado Baptista Caetano, pelo Dr. Paranhos da Silva, pelo Sr. João Ribeiro e outros, em cujos trabalhos se nota mais largueza de vistas do que nos escriptos dos grammaticos puristas.[1]

I

Ha alguns annos conversava eu com alguns dos nossos mais distinctos professores sobre questões de ensino; tratavamos, si bem me lembro, dos methodos mais racionaes para o estudo das linguas. Eis que de repente um dos collegas acode com esta observação: «Sabem? descobri um erro de collocação de pronome em Antonio Vieira. Num dos seus sermões encontra-se a seguinte cincada: *nós lavamo-nos desta desgraça.*»

Não pude atinar com o erro, porque (confesso-o francamente) desconhecia naquella epoca a subtil regra que ainda hoje figura em alguns compendios. Pedi explicações. O meu collega respondeu: «Pois não sabe que o pronome se colloca antes do verbo quando vier claro o sujeito pronominal? De mais a mais, li ha dias que, em se tratando de verbo pronominal com o sujeito claro, a proclise *sempre* occorre *em todos os escriptores celebres.*»

Eu, que até então julgava indifferente a collocação do pronome complemento, estando claro o pronome sujeito, agradeci a

---

[1] O Dr. Paranhos da Silva entende que não devemos usar, na escripta, de linguagem differente da que *todos* falamos no Brazil; «de accordo com Whitney, diz elle, conformemo-nos com o genio do nosso idioma, isto é, *a resultante das preferencias da sociedade brazileira.*» O Sr. João Ribeiro, numa these de concurso apresentada em 1886, observa: «Muita gente notará talvez como escandaloso o pouco caso em que tenho a conhecidissima questão do purismo na collocação dos pronomes, na linguagem do Brazil.»

lição e disse de mim para mim: sempre quero ver se tambem sou forte em descobrir... *cincadas*. Daquella data em diante sempre que lia um livro de bom escriptor portuguez, não me escapava um exemplo de enclise que não marcasse. Com grande espanto meu consegui reunir até hoje uma collecção tão notavel, que o director da *Revista Brazileira* se recusa a publical-a toda, ponderando que o não permittem os escassos limites do fasciculo. Consente apenas que gema o prélo para a publicidade dos exemplos seguintes tanto de autores antigos como de modernos:

Eu ponho-me a pagar (G. Vicente, *Lusitania*) - *Eu rio-me daquillo* (G. Vicente, *Os fisicos*) - *Vós tendes-me em dois ceitis* (G. Vicente, *Quem tem farellos...*) — *Eu tambem... faço-me com elle um Hercules* (Antonio Ferreira, *Bristo*) — *Eu conheço-a de menina* (Antonio Ferreira, *ib.*) — *Eu vejo-me noite e dia aqui fechada* (*Romanceiro Geral*) — *Elles chamam-me... marinello* (Antonio Ferreira, *Bristo*) — *Elle solicita-nos com sua graça* (Bernardes, *Luz e Calor*) — *Vós... ensinai-me a viver* (D. Francisco M. de Mello, *Sonetos*) — *Elles crucificaram-no, nós adoramol-o* (Vieira, *Sermões*) — *Vós tendel-a por trabalhosa... Vós tendel-a por cansada* (Vieira, *ib.*) — *Mas nós lavamo-nos desta desgraça* (Vieira, *ib.*) — *Ellas foram-se pôr na cabeça* (Vieira, *ib.*) — *Eu encaminhei-me sósinho para o Calpe* (Herculano, *Eurico*) — *Porque eu voltava-me para o ceu* (Herculano, *ib.*) — *Eu amava-te muito* (Herculano, *ib.*) — *Eu precipitei-me nelle* (Herculano, *ib.*) - *Eu despenhei-me* (Herculano, *ib.*) - *Nós habituámo-nos a tel-a em conta de segunda mãi* (Herculano, *Monge de Cister*) — *Eu encostei-me ao pé do lar* (Herculano, *ib.*) *Vós... andais-me comido de peccados* (Herculano, *ib.*) — *Tu vai-te com Allah* (Herculano, *ib.*) — *Eu esquecer-me-hia de tudo* (Herculano, *ib.*) — *Vós esquecestes-vos disso* (Herculano, *Lendas e Narrativas*) - *Elle e eu rimo-nos da simplicidade dos remendões* (Rebello da Silva, *Mocidade de D. João V.*) — *Vossa paternidade e eu enganamo-nos um com o outro* (R. da Silva, *ib.*) — *Eu deito-me a perder com este parasita* (R. da Silva, *ib.*) — *Eu inclino-me a crel-o* (C. Castello Branco, *Bohemia do Espirito.*) — *Eu... volto-me para o verdugo* (C. Castello Branco, *ib.*) - *Nós acercámo-nos de José de Ramatha* (Eça de Queiroz, *Reliquia*) - *Ella erguera-se de um salto* (Eça de Queiroz, *Crime do Padre Amaro.*)

Isto dispensa commentarios, tanto mais quanto a celebre regra foi inferida apenas de quatro ou cinco exemplos respigados aqui e acolá! Mas não falemos em semelhante assumpto; que essas cocegas

na pituitaria dos dogmaticos fazem espirrar, e então podem-nos apresentar, por capricho, uma lista enorme de casos de proclise, a qual, quando muito, provará exactamente o nosso argumento; isto é, pode-se empregar um e outro modo. O leitor sensato, que até agora tem collocado indifferentemente o pronome, continue a proceder assim e não se incommode com as nossas *grammatiquices*. Consulte o seu ouvido: se errar, errará com Herculano, Vieira, Castello-Branco etc, etc. Deus o livre de errar com os grammaticos puristas!

II

Achando-se antes do verbo um adverbio ou locução adverbial, affirmam alguns não sei se diga dictadores que só é admissivel a proclise. Já em 1871 o celebre José Feliciano de Castilho perdeu o seu latim e o seu robusto folego a enumerar-nos os adverbios que, na sua opinião, exigiam semelhante collocação de pronome. Castilho discutia com os defensores de José de Alencar, e infelizmente nas nossas lutas literarias e scientificas dá-se ás vezes o mesmo que nas lutas civis: em tempo de guerra mentira como terra. O preceito de Castilho não era a expressão da verdade e não devia ser generalizado[1], emquanto se não provasse a sua exactidão para os casos particulares a que o polemista alludia. Não é a categoria da palavra que determina esta ou aquella collocação de pronome, mas sim o modo de pronunciar a frase. A prova é que com um mesmo adverbio se encontra ora a proclise, ora a enclise.

Ainda mais, não é preciso empregar grande esforço para encontrar no portuguez corrente numerosissimos exemplos contra a imaginaria regra. Appellemos para o seguinte: *D'uma janella do aposento descortinava-se a bahia do Tejo* (Herculano *Monge de Cister*)— *Por fim veio-me uma boa ideia* (Herculano, *ib.*) —*Ao cair das trevas guiaram-me para o aposento onde devia passar a noite* (Herculano, *ib.*) —*Vasco, proseguiu Fr. Lourenço, voltando-se para o seu companheiro*...

---

[1] Essa generalização apparece englobadamente numa regra da *Grammatica Portugueza* do Dr. Alfredo Gomes. Diz o autor que o pronome pessoal complemento colloca-se antes do verbo «depois das palavras ou expressões condicionaes, dubitativas e circumstanciaes de modo, tempo, quantidade e logar» E' uma regra longa, confusa e erronea.

Depois encaminhou-se para a porta da alcova e disse: Irman! (Herculano, *ib.*) — *Neste momento ouviu-se um suspiro que partia da alcova* (Herculano, *ib.*) *Agora pedimo-lhes cortezmente* (Herculano, *ib.*) — *Então enganaram-me* (Herculano, *ib.*) — *Então, pareceu-me ouvir muito ao longe um choro sentido* (Herculano, *Eurico*) — *Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da coroa... lá faz-se valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos* (Rebello da Silva, *Mocidade de D. João V.*) — *Lá dizia-se que a creadora do mundo havia sido uma enorme e desmedida vacca* (C. Castello-Branco, *Bohemia do Espirito*).

Bem se vê que é de todo impossivel estabelecer regras exactas para a collocação dos pronomes pessoaes complementos, emquanto permanecer a questão no terreno em que até agora tem sido estudada. E' evidente que não basta o facto de se achar a palavra A ou B antes do verbo para produzir a anteposição ou a posposição do pronome.

Deve entrar em linha de conta um outro factor muito importante. Para se obter a solução do problema é indispensavel fazer o que até hoje não se fez: indagar quaes as condições em que a mesma palavra A ou B se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclitico, e quaes as condições em que ella apparece seguida do verbo com o pronome proclitico. Ou melhor ainda: examinemos antes de tudo si ha ou não uma construcção normal e, no caso affirmativo, qual o factor que determina a construcção accidental. Si conseguirmos possuir esses dados, teremos tambem a chave para a investigação da causa pela qual tanto o Portuguez letrado como o homem do povo, que não aprendeu a ler e escrever, empregam, sem saber porque, o pronome do mesmo modo, ao passo que nós os Brazileiros usamos o pronome diversamente.

III

Si tomarmos como criterio o falar lusitano, poderemos aceitar um dos modos de collocar os pronomes *me, te, se, lhe, o, a*, etc., como construcção normal?

Os factos nos autorizam a opinar pela affirmativa. Realmente, si considerarmos que o complemento por via de regra se colloca depois do verbo, os mencionados pronomes, que nada mais são

do que complementos, tambem devem vir depois do verbo. Logo, do ponto de vista theorico os pronomes *me, te, se*, etc., quando pospostos, isto é, quando encliticos, acham-se na ordem directa ou normal.

Si consultarmos a pratica, encontraremos a confirmação desse principio; tanto assim que naquellas frases simples em que o verbo não é precedido de palavra alguma que possa influir sobre a collocação do pronome encontramos invariavelmente a enclise. Basta considerarmos o caso mais simples de todos: quando a oração começa pelo verbo. Ahi tanto o literato portuguez como o lusitano mais inculto empregam, sem excepção, o pronome posposto. Ambos dizem igualmente: *dá-me, conhece-me, zanguei-me*, etc., e não: *me dá, me conhece*, etc. Podemos, portanto, estabelecer a seguinte regra:

— Os pronomes pessoaes complementos são normalmente encliticos, isto é, pospõem-se ao verbo e a elle se encostam.

Si a enclise representa a construcção normal, é claro que a proclise significa construcção accidental, deslocação do pronome devida a causas cujo estudo nos importa conhecer. Mas quando é que occorre essa deslocação? Para estudar o phenomeno convenientemente, torna-se necessario proceder com methodo, e não é colleccionando sem ordem exemplos de autores de epocas diversas, que havemos de chegar ao resultado; porque a lingua não se conserva a mesma em todos os tempos. O mais acertado será começar a investigação por uma phase conhecida, isto é, a linguagem hodierna; que, si o phenomeno for devido á pronuncia, mais facilmente se observará no idioma vivo de hoje do que nas obras de autores dos seculos idos, nas quaes a linguagem talvez não esteja isenta de affectação.

Para que não influam em nosso espirito os preconceitos grammaticaes, tomemos para ponto de partida das nossas operações um dos casos de que menos se occupam os compendios, a saber: o infinito precedido de preposição. Que a deslocação ahi é facto notavel, verifica-se pelo quadro que formei, tomando umas cem paginas de cada um dos tres escriptores A. Herculano, Rebello da Silva e Camillo Castello-Branco e apontando todos os casos que se me deparavam. Para afastar outras causas perturbadoras limitei a observação aos exemplos de infinito simples (presente) e, relativamente á preposição *de*, exclui os casos em que ella dependia do

verbo *haver*. Tambem não se acham contemplados nesta estatistica os exemplos de infinito precedido da preposição *a* por motivos que mais adiante serão explicados.

		Casos de deslocação (proclise)	Casos de collocação normal (enclise)
PARA	Rebello	26	—
	Herculano	20	1
	Camillo	18	1
DE	Rebello	29	1
	Herculano	12	6
	Camillo	17	4
ANTES DE	Rebello	2	—
	Herculano	1	—
	Camillo	—	1
DEPOIS DE	Rebello	1	—
	Herculano	1	—
	Camillo	—	1
EM VEZ DE	Rebello	1	—
	Herculano	3	—
	Camillo	2	—
EM	Rebello	2	—
	Herculano	—	2
	Camillo	2	—
POR	Rebello	—	—
	Herculano	—	2
	Camillo	1	1
SEM	Rebello	10	—
	Herculano	2	—
	Camillo	2	—
ATÉ	Rebello	—	—
	Herculano	1	—
	Camillo	1	1
	Total	151	21

O que quer dizer que dos 175 exemplos encontrados os casos de deslocação representam a grande maioria de 88 por cento.

Antes de aventurar qualquer conclusão, pareceu-me razoavel estudar o que poderia ter determinado os exemplos da minoria. Não tardei a reconhecer que aquelles 12 por cento de casos em que se mantinha a collocação normal eram devidos a principios de euphonia. Assim é que em Herculano lemos: *para metter-me ás vagas, de segurar-se com ambas as mãos;* frases sem duvida mais agradaveis de

ouvir do que se começassem deste modo: *para me metter, de se segurar*. E' sabido que são mais harmoniosos os periodos que acabam por uma syllaba atona do que os terminados por syllaba accentuada; e isto explica-nos o não haver deslocação de pronome complemento nos seguintes trechos da bellissima linguagem do Eurico: *Fiámo-nos em ti, porque não precisavas de trahir-nos. Estavamos nas mãos dos soldados de Pelagio, e foi a um aceno teu que elles cessaram de perseguir-nos.*

A euphonia deu tambem origem á apparente excepção que observamos no infinito precedido da preposição *a*. O concurso dessa preposição com as formas pronominaes *o, a, os, as* produz uma linguagem confusa e intoleravel ao ouvido, como nestes exemplos: *disposto a a comprar*; *inclinado a o vender*, etc. A enclise, a principio preferida, acabou por fixar-se nos casos em que occorriam essas formas pronominaes. A analogia completou a obra; e a enclise veio a generalizar-se para todos os casos em que vinha a preposição *a* com infinito e qualquer pronome pessoal complemento. A linguagem literaria de Portugal confirma plenamente esta explicação. Ao passo que nas obras dos seiscentistas ainda são frequentes os exemplos de deslocação com a preposição *a*, nos escriptores modernos só mui esporadicamente se encontrará semelhante construcção. O que ahi se observa constantemente são frases assim: *a fustigar-me, a enfiel-as, a falar-lhe, a causar-me*, etc.

IV

Todo o mundo sabe o que é uma lei physica. Em virtude da lei da gravidade, por exemplo, os corpos tendem a cair para o centro da terra; e quando um objecto, como o balão, a penna, sobe na atmosphera, em vez de descer, ninguem diz que esse objecto constitue um excepção da lei da gravidade.

O balão cairia exactamente como um pedaço de chumbo, si não interferissem outras causas. Si applicarmos este raciocinio ao que acima observámos relativamente a collocação do pronome junto ao infinito com preposição, seremos levados a acreditar que existe alguma lei em virtude da qual o pronome tende a deslocar-se do

seu lugar de complemento; tanto mais quanto as excepções são apenas apparentes e se explicam perfeitamente pela interferencia de outras causas, como o caso do balão.

Qual será essa lei ? Deve ser de ordem phonetica, por isso que o Portuguez analphabeto desloca o pronome sensivelmente nos mesmos casos que o Portuguez letrado, o qual por sua vez não consegue dar-nos com exactidão a regra grammatical. Para um e outro é uma questão de ouvido, como se costuma dizer. Indaguemos pois qual a particularidade na pronuncia de uma preposição acompanhada de infinito. A primeira cousa que se observa é o pronunciarem-se ligadas as duas palavras. Não se pode fazer ahi essa ligeira pausa que se faz ás vezes entre outras palavras. Será a deslocação devida a semelhante phenomeno? Si assim for, ella deve apparecer regularmente tambem nos outros casos em que o verbo é precedido de qualquer palavra que se pronuncie ligada a elle. Vejamos :

Entre o pronome relativo (bem como o pronome interrogativo) e o verbo o Portuguez não faz pausa. Ahi emprega tambem o pronome deslocado. Depois de negação que modifique immediatamente o verbo seguinte, ha pronuncia ligada. Coincide este facto igualmente com a deslocação do pronome para antes do verbo. O mesmo se observa em geral com as conjuncções subordinativas. Depois de adverbio ou locução adverbial ora faz-se pausa, ora ha pronuncia ligada; tambem ahi se observa ora pronome enclitico no seu lugar normal, ora deslocado. A pausa é evidente nos exemplos anteriormente citados para refutação da regra ampliada de Castilho; basta lembrar os seguintes: *então, pareceu-me ouvir muito ao longe um choro sentido — Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da coroa...lá faz-se valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos.* Entretanto, em exemplos como : *já se vê, cá me tens,* o adverbio pronuncia-se ligado. Entre o auxiliar *ter* e o participio passado não se faz pausa, e o pronome, que normalmente deveria vir depois do participio, desloca-se para antes delle, tornando-se enclitico do auxiliar, e até para antes do auxiliar si este por sua vez for precedido de palavra que a elle se ligue na pronuncia.

Nas formas periphrasticas formadas pelos verbos *ir, vir, estar,* seguidos de gerundio, onde ha pronuncia ligada, observa-se tambem o pronome complemento entre os dois verbos e não depois do gerundio : *vai-se... confundindo* (Herc. *Eur.*) ; *vai-se enfileirando* (Herc.

Monge) *ia-me esquecendo* (Herc. *ib.*); *o sol ia-se pondo* (Herc. *ib.*); ou então para antes do auxiliar, quando este por seu turno ligar-se á palavra anterior; *classe media que se ia organizando* (Herc. *Monge*).

Quando antes do verbo se acha um sujeito substantivo faz-se uma ligeira pausa antes do verbo, conservando-se o pronome enclitico no seu lugar normal, como neste caso: *a misericordia de Deus valeu-me sempre* (Rebello da Silva). Por analogia emprega-se a mesma construcção quando o sujeito é pronome pessoal ou demonstrativo: *porque eu voltava-me para o ceu* (Herculano); *isto passava-se um dia antes* (Rebello da Silva). Quando porém o sujeito substantivo, pronome pessoal ou demonstrativo, é emphatico, pronuncia-se o verbo ligado a elle, e dá-se a deslocação do pronome; como se vê naquelle bello exemplo de Herculano: UMA FEBRE VIOLENTA *o alimentava*, com que se pode confrontar a frase com sujeito commum que vem logo em seguida: *este fatal alimento faltou-lhe por fim e expirou.* Como exemplo de pronome servindo de sujeito emphatico, e portanto com pronuncia ligada, podemos citar este do mesmo autor: *ha entre nós um abysmo:* TU o abriste.

Ora, esses factos todos autorizam-nos a aceitar effectivamente a deslocação do pronome com uma lei phonetica, que se pode formular nos seguintes termos: — Os pronomes pessoaes complementos *me, te, se, lhe, o, a*, etc. deslocam-se para antes do verbo, quando este é precedido de qualquer palavra que não admitte pausa depois de si.

Só em virtude dessa lei phonetica e do principio geral da collocação do complemento é que todos os portuguezes collocam semelhantemente os pronomes. E' essa a celebre questão de ouvido que o analphabeto lusitano não sabe explicar. E' evidente que o facto de pertencer uma palavra a essa ou a aquella categoria não podia determinar essa ou aquella construcção. As categorias grammaticaes são cousas em que entra muita convenção e de todo ignoradas daquelle que não possue algum estudo. Além disso, esse processo de estabelecer preceitos obrigou, como já provei anteriormente, os grammaticos a fazer regras fantasticas em verdadeira contradicção com os factos, mesmo tomando por criterio os escriptores que passam por classicos. Ainda mais, os preceitos, além de erroneos, são incompletos; porque só poderiam servir para alguns

casos. Em summa, as regras dos compendios dão-nos informações em parte fantasticas, em parte deficientes ou vagas, e no emtanto pretendem passar por dogmas.

V

A lei de que ácima falámos não deve ter excepções; isto é, as excepções apparentes explicam-se pela interferencia de outras leis. No caso do infinito com preposição, vimos que os exemplos que pareciam furtar-se ao principio geral eram devidos á euphonia. Outro factor notavel de que dependem os phenomenos da linguagem é sem duvida a analogia.

Nós vimos que o pronome enclitico se desloca para antes do verbo, quando este é precedido de palavra que se pronuncia ligada a elle: e apontámos varias palavras nessas condições, como o pronome relativo, o pronome interrogativo, a negação, ás conjuncções subordinativas, etc. Isto se observa não só quando qualquer dessas palavras vem immediatamente antes do verbo, mas tambem quando entre ella e o verbo houver outra palavra, ou mesmo uma frase ou oração. Dá-se nos ultimos casos a deslocação simplesmente por analogia. As conjuncções coordenativas *e* e *mas* são tambem palavras depois das quaes a voz não descança. Deveriam ellas portanto exigir sempre a deslocação. Entretanto, na linguagem corrente, si estiverem ligando pensamentos principaes, encontra-se (salvo se outra causa determinar a deslocação) a enclise sempre, como nestes exemplos: *e passaram e sorriram-se* (Herc. *Eur. 28*) — *Mas respondestes-me* (Herc. *Monge*) — *Fez-me sentar e disse-me* (Herc. *ib.*) — *Mas divisei-o por fim* (Herc. *ib.*) *mas dize-me* (Herc. *Eurico*). Este phenomeno é tambem devido ao factor de que ha pouco falámos e traduz-se assim: a collocação do pronome não accentuado na coordenação syndetica é por analogia a mesma que na coordenação asyndetica.

A analogia influe finalmente, no caso em que ha ellipse da palavra que provoca a deslocação, e é por isso que se diz: *quem tivesse para dar a teu pai o preço do teu corpo e te comprasse como alfaia*

(Herc. *Eur.*) *Abandonastes um homem que de suas palavras vejo vos amava como irmão* (Herc. *ib.*)

Quando um verbo rege um infinito sem preposição, a collocação do pronome não offerece difficuldade alguma si elle servir de complemento ao verbo regente: *a melancolia fel-o cahir em longa e perigosa enfermidade* (Herc.); *ouvi-o gritar* (Herc.); *até o ver sumir-se* (Herc.); *quando as fazes vibrar* (Herc.). Si porém o pronome for complemento do infinito, encontram-se duas construcções: uma popular e a outra erudita. Segundo a tendencia popular, o pronome desloca-se para antes do infinito, isto é, liga-se ao verbo regente, visto que depois deste não se faz pausa: *queriam-me enganar, pode-me dizer.* Evidentemente, estando o verbo regente por sua vez precedido de palavra ligativa dá-se nova deslocação: *não me queriam enganar, só me póde dizer.* Na construcção erudita, o pronome conserva-se posposto ao infinito a que serve de complemento:

Eu agora posso dizer-vos (Herc. *Monge.*) — *Para poderem livrar-se* (Herc. *ib.*) — *Eu quiz experimentar-te* (Herc. *ib.*) — *Não posso cerral-os* (Herc. *ib.*) *Ella devia dar-se por completamente feliz* (Herc. *ib.*)— *Não póde aguentar-se na lucta* (Cam. *Boh.*)—*A historia que podia chamar-se* (Camillo *ib.*)—*Devia sentir-se perplexo* (Camillo *ib.*) — *Eu não queria impor-lhe a leitura* (Camillo *ib.*) —*Ha-de livral-o da morte* (R. da Silva, *Moc.*) -*O sentimento que ha-de acordal-a* (R. da Silva *ib.*)—*Não poude conter-se* (R. da Silva *ib.*)—*Para ir reunir-se* (Herc. *Monge.*)- -*Veio receber-me* (Herc. *ib.*) —*Parecia trazer-me* (Herc. *ib.*)—*Pretendeu desembaraçar-se* (Herc. *ib.*)

Apezar desses exemplos, é preciso advertir que não são raros os casos de construcção popular nas obras dos escriptores portuguezes, umas vezes por imitação do falar do povo, outras para tornar mais harmoniosa a frase, sobretudo quando antes dos dois verbos existe uma palavra ou locução emphatica:

E, até quando o seu cargo de procurador o obrigava a fulminar.... sabia-o fazer com tal modestia, que o tom das suas palavras ainda lhe dava maior realce (Herc. *Monge*).—*D'aqui a poucas horas me has-de conhecer* (Herc. *ib*).—*A situação moral do desgraçado Asinipes, qualquer a pode avaliar* (Herc. *ib.*).—*Quando com ellas me quizerem pagar* (Herc. *ib*).— *Ordenava-lhe... que não buscasse tornal-o a ver* (Herc. *ib*).— *Mandei-vos chamar* (Herc. *ib*).-- *Queriam-me enganar* (R. da Silva *Moc*).

VI

Até agora estudámos a collocação dos pronomes complementos na linguagem corrente de Portugal. Resta-nos verificar si pode no Brazil existir exactamente a mesma collocação. Já vimos que no falar lusitano é tudo uma questão de pronuncia; logo é impossivel haver entre nós identidade de collocação, si não é identica a pronuncia. Lá os pronomes são atonos; o *e* final em *me, te, se* é tão abafado que mal se ouve. Cá estamos habituados a empregar já certa accentuação, dizendo aproximadamente *mi, ti, si*; para nós Brazileiros seria extremamente difficil pronunciar á portugueza m^e, t^e, s^e, lh^e. O pronome relativo pronunciamol-o com tendencia para *qui*, emquanto que o som lusitano aproxima-se de qu^e. Em Portugal fala-se mais depressa, de sorte que a ligação das palavras é facto muito commum; no Brazil pronuncia-se mais pausada e mais claramente. Em summa, a phonetica brazileira é em geral diversa da phonetica lusitana.

Ante esses factos forçosamente a nossa collocação de pronomes é diversa da de Portugal. Mas a nossa maneira fantasista (como alguns lhe chamam) de empregar o pronome não é por esse motivo grammaticalmente erronea, salvo si a grammatica deixa de ser uma sciencia que observa e registra os factos da linguagem, para tornar-se um codigo de dogmas arbitrarios.

Não se trata de um phenomeno que se observa apenas aqui e acolá: apparece na linguagem da população inteira desde os homens illetrados até os nossos primeiros escriptores. O proprio Gonçalves Dias, que estudou em Coimbra e conhecia a fundo o idioma portuguez, como o provou com as Sextilhas de Frei Antão, collocava os pronomes á brazileira.

Toda lingua altera-se fatalmente com a mudança de meio; é por conseguinte grande destempero taxar de erroneo o nosso modo de falar pelo facto de divergir em varios pontos da linguagem do Reino. Si assim não fosse, chegariamos forçosamente ao absurdo de considerar o analphabeto portuguez, que colloca por exemplo melhor os pronomes, mais profundo conhecedor da nossa lingua do que o mais culto Brazileiro.

A verdadeira conclusão scientifica não pode ser senão esta: em Portugal é certa a collocação peculiar dos pronomes por ser de uso geral; no Brazil tambem é certo o nosso modo de empregar os pronomes por ser igualmente de uso geral. Em que pese aos grammaticos, o unico criterio para julgar da correcção da linguagem é como muito bem diz o philologo Sayce: « Custom alone can determine what is right and wrong, not the dictum of grammarians, however eminent. »

Para terminar o presente estudo, podemos resumir em poucas palavras as conclusões a que nos levaram os factos observados:

Na linguagem corrente de Portugal os pronomes pessoaes complementos collocam-se normalmente depois do verbo; podem no emtanto deslocar-se. Essa deslocação effectua-se em virtude de uma lei, a saber: quando não ha pausa depois da palavra que precede o verbo, o pronome abandona o verbo e junta-se á palavra precedente. As apparentes excepções a essa lei são devidas á interferencia de outros factores, como a euphonia, a analogia, a tendencia erudita, etc.

A regularidade tanto na collocação normal como na deslocação, segundo se observa na linguagem corrente de Portugal, presuppõe pronuncia lusitana nos pronomes, nas demais palavras e na frase em geral. Logo, no Brazil, onde essas condições não se verificam, essa regularidade não póde existir. A regularidade lusitana é correcta em Portugal: a liberdade de collocação é correcta no Brazil, conforme já está sanccionada na linguagem literaria pelos escriptores brazileiros.

M. Said Ali

O ESTUDO

DA

LEGISLAÇÃO COMPARADA[1]

CLOVIS BEVILAQUA, *Resumo das lições de legislação comparada sobre o direito privado*, Recife, 1893.

III

Coube a cadeira de legislação comparada na Faculdade de Direito do Recife ao Dr. Clovis Bevilaqua, o qual pouco tempo depois de havel-a assumido deu a lume o resumo das lições professadas durante o anno lectivo.

Vencendo a minha natural suspeição quanto ao antigo companheiro de lutas e sonhos, a quem me ligam os laços da mais affectuosa amisade, e as melhores recordações da nossa cordeal convivencia nos bancos escolares, julgo prestar um real serviço aos que neste paiz se interessam pelos estudos juridicos apontando-lhes o excellente livro que tem passado quasi despercebido até agora embora publicado ha mais de dois annos

Não me podem vir a lembrança os saudosos tempos academicos sem que se me apresente ao espirito a figura sympathica de Clovis Bevilaqua, *o meigo Clovis* como lhe chamavamos, com a sua physionomia insinuante e calma, os seus gestos um tanto esquivos, sua

[1] Veja a *Revista* de 1 de Fevereiro.

disposição excepcional para o trabalho, graças a qual como um verdadeiro benedectino poude accumular lenta e pacientemente os materiaes de uma grande erudição. A firmeza de seu caracter, seu procedimento recto e honesto, faziam delle, no nosso meio, um como que irmão mais velho que acalmava os nossos impetos juvenis, robustecia nossa fé no futuro, fortalecia o nosso espirito nos desfallecimentos.

Tempo de lutas e de sonhos!

Epoca em que animados pelo enthusiasmo das fortes convicções que só se tem aos 20 annos e electrisados pela palavra illuminada de Tobias Barreto, o grande mestre, nós nos batiamos pela propaganda das idéas do seculo. Quão longe vão estes tempos e porque transformações tem passado de então para cá a sociedade brazileira! Que mudanças nos nossos antigos companheiros! Quantos desmentiram as promessas de um futuro brilhante e vegetam hoje obscuros e descrentes, a lutar contra as agruras da vida quotidiana. Quantos outros atravessaram incolumes a batalha da vida e de victoria em victoria conseguiram impor ao publico o prestigio do talento ou do caracter. Outros *indociles pauperiem pati* na frase horaciana esqueceram os ideaes de outr'ora e puzeram suas intelligencias ao serviço do mercantilismo que constitue a nota dominante do nosso triste fim de seculo. Outros finalmente, almas de eleição deslocadas neste meio, sentem o *pungir do acerbo espinho* a recalcar-lhes o coração, quando comparam os bellos sonhos da mocidade, com o lastimavel espectaculo que lhes apresenta a sociedade presente, e no qual cabe-lhes a força um papel ainda que de comparsas. A muito poucos porém acontece como a Clovis, terem sido na vida real o mesmo que eram nos tempos escolasticos. Talento solido e bem orientado, espirito reflectido e equilibrado, afastado de tudo o que directamente não se relacione com o estudo ali realizou na idade viril um plano traçado na mocidade, consagrando mais uma vez o proverbial conceito de uma grande vida.

Sua producção é constante e regular, e infatigavel para o trabalho, desde quinze annos que quasi annualmente lança ao prélo successivos volumes, todos aproveitaveis e pensados, sobre philosophia, literatura, critica, sociologia ou direito.

Diz Bourget que *la vie est un soupir à donner a ce qui fut et un sourire à ce qui sera*. Si é verdadeiro tal conceito nada consola mais o espirito amargurado pela perda das illusões juvenis, que ao

contacto com as miserias da vida evolarem-se saudosamente com um fremito de azas que se afastam, do que o aspecto deste trabalhador desinteressado e honesto conservando intacto o fogo sagrado dos ideaes de moço e transmittindo ás futuras gerações o verbo da sciencia, de envolta com o enthusiasmo pelas novas intuições que revolucionam o mundo e preparam o caminho para epocas mais felizes e mais calmas. Já que a nós, infimos élos da grande cadea humana, não será dado presenciar melhores epocas, consolemo-nos com a nossa geração por ter ella aberto a estrada aos nossos descendentes, tendo ao seu serviço apostolos da altura de Clovis Bevilaqua.

IV

O volume como o proprio autor nos adverte não passa de um resumo das lições que foram professadas na aula, naturalmente sujeitas a um programma previo, e presas á concepção acanhada que da cadeira de legislação comparada formam os estatutos das Faculdades. Isto explica muitos senões do livro, o qual todavia nada perde por isso do seu merecimento, e da sua originalidade, pois não tenho conhecimento de trabalho algum escripto em portuguez sobre o assumpto.

A exposição das materias é logica e bem deduzida e si não fosse alguma obscuridade na expressão, um ligeiro prurido de formar nomes novos, e mais do que tudo a deploravel falta de precisão das definições, as lições poderiam ser dadas como modelos de estylo didactico. Com effeito não lhes falta o bem encadeado e o vigor da argumentação, a solidez e uniformidade da doutrina, a probidosa e exacta referencia das fontes scientificas ou legislativas, finalmente a erudição do assumpto devidamente joeirada e sempre opportuna. E' obvio porém que provecto e infatigavel como é o autor aquelles pequenos senões serão corrigidos nas futuras edições que sem duvida alguma dará, principalmente si por bem do ensino, continuar a reger a cadeira de legislação comparada.

A leitura dos capitulos I a V do excellente livro deixa perfeitamente demonstrado o caracter evolutivo do direito e os differentes

momentos psychologicos e sociologicos de sua formação, postos em contribuição os dados da psychologia experimental e da anthropologia assim como a influencia das leis de imitação segundo o conceito de Tarde. Está inteiramente de accordo com a intuição evolucionista do direito e com os dados positivos das legislações em vigor a theoria sustentada pelo auctor de ser o direito — uma combinação terciaria de elementos nacionaes e estrangeiros, aos quaes dá elle os nomes barbaros de *idionomia* e *allotrionomia*. Esta lei é perfeitamente demonstrada por Clovis que nos mostra em jogo os dois elementos, um representado pela serie de tradicções patrias, robustecido pelo orgulho das glorias nacionaes, fortalecido pela rotina secular, preso pelos mil laços de todos os interesses pessoaes e exagerado pelo pseudo patriotismo de chauvinistas, e o outro tendo a seu favor a cultura das nações adiantadas e a prepotencia dos grandes estados, infiltrando-se quasi insensivelmente na vida nacional, graças aos interesses dos estrangeiros no paiz e dos nacionaes no estrangeiro, repercutindo entre os cultores do direito que procuram apurar-lhe o elemento scientifico.

E do embate de todos estas forças contrarias mostra-nos Clovis como se forma o direito, de accordo com a lei mecanica do parallelogramo das forças, realizando na vida social uma modalidade da eterna palingenesia do universo, em virtude da qual nada se destroe e tudo se transforma. Isto posto, é facil demonstrar, como demonstra o autor, a excellencia no estudo do direito do methodo comparativo, o qual reduz-se a um processo de analyse tendente a surprehender em cada manifestação do direito os elementos que o formaram.

Não me posso, porém, conformar com a definição de direito privado, a saber: « o conjuncto de preceitos assegurados pelo poder publico que tem por objecto regular as acções dos homens que não forem de caracter publico nem de esphera exclusiva da moral, nem das outras regulamentações não juridicas. » E' verdade que o autor se basea na autoridade de Bain para preconisar as definições negativas, mas o proprio trecho do logico inglez por elle citado exige como indispensavel condição para taes definições que se reuna todas as cousas particulares comprehendidas sob a noção opposta. Ora como fazer distinguir aos estudantes (sem uma nova serie de definições) o direito privado das acções humanas de caracter publico,

e das outras regulamentações não juridicas além da moral? Muito mais pratico seria conservar o conceito tradicional dos romanos embora em seguida se désse em explanação de conceito, uma idéa mais exacta do assumpto abrangido pelo direito privado.[1]

Depois de assentar os principios propedeuticos da sciencia, deduzidos da concepção geral do direito e da applicação dos methodos experimentaes, (Lições de I a IV) occupa-se o livro com o direito internacional privado, e suas consequencias quanto á lei pessoal e sua adaptação ás diversas espheras da actividade juridica (Lição V. e VI). Parecerá a alguns que o autor identifica de mais o estudo da legislação comparada com o direito internacional privado. Uma vez, porém, que elle deixou tão claramente definido o objecto daquella disciplina, esta confusão é apenas apparente e explica-se perfeitamente não só pela intima relação que têm entre si as duas disciplinas, mas tambem pela circumstancia de não haver nas faculdades de direito uma cadeira de direito internacional privado, de forma que, como demonstra o autor «em nenhuma outra cadeira, a não ser na de legislação comparada, esta disciplina póde ter uma entrada franca e completa, embora limitando-se a noções.»

E' digno de louvor o estudo sobre a applicação da lei estrangeira no territorio nacional, e a exposição do conceito moderno da lei pessoal que com tanta vantagem veio substituir a velha theoria dos estatutos.

Sob o titulo de filiação juridica mostra-nos o autor na Lição VII a evolução das diversas legislações positivas, das quaes nos dá um rapidissimo quadro, determinando a largos traços o encadeamento dos momentos juridicos e das instituições ao longo da historia. Segundo a

---

[1] Raoul de la Grasserie, na sua excellente obra *De la classification Scientifique du Droit*, divide o direito em *individual*, quando se refere ao direito de um individuo de uma nação para com outro individuo da mesma nação; *nacional* quando se applica a individuos de uma nação para com a mesma nação e *internacional*, quando comprehende as relações de uma nação para com outra nação, ou dos individuos de uma nação para com os de outra nação. E' certo que esta classificação muito se afasta da realidade dos factos, mormente no tocante ao direito internacional. Vem de molde, porém, cital-a para provar que o seu autor, espirito altamente innovador e ousado, propondo uma revisão total do conceito do direito, nem por isso se julgou obrigado a desprezar o conceito classico do *jus privatum*, embora apenas lhe mudasse o nome.

classificação de Ernesto Glasson divide elle as legislações civis em tres grandes grupos, a saber: — 1.º as que conservaram de um modo predominante o direito nacional, sem influencia dos direitos canonico e romano — 2.º aquellas em que a influencia destes direitos se fez sentir de modo decisivo — 3.º aquellas em que o elemento germanico e romano, influenciados pelo canonico, se conservaram distinctos, marchando lado a lado, para se fundirem mais tarde por quantidades quasi iguaes

A estes tres grupos, accrescenta o nosso autor, não sei com que fundamento, o das nações latino americanas, que provindo das fontes européas da peninsula iberica, modificaram esse elemento commum pela assimilação de elementos europeos de outra categoria, principalmente francezes.

E' de lastimar que no exame, embora perfunctorio, dos caracteristicos geraes das diversas legislações o autor não tenha forçado mais a nota, consagrando-lhes em vez de uma só lição, tres ou quatro como o exigia a importancia do assumpto (verdadeiro nó da legislação comparada) e o fazia esperar a brilhante erudição do autor. E' pena por exemplo que no exame da legislação ingleza o autor não tenha apontado a direcção moderna que nella se nota de substituir a *common law* por actos legislativos que tendem a tornar-se verdadeiros ensaios de consolidação, muito semelhantes as leis do continente, cristalisando por assim dizer a legislação privada em relação a varios pontos, como as sociedades anonymas, as fallencias, as firmas commerciaes, a incapacidade da mulher casada, regimen dos bens no casamento, direitos dos estrangeiros, etc. E' inexplicavel como não faça uma referencia á nova organisação judiciaria da Inglaterra, em virtude da qual a creação de uma Côrte Suprema tende a fazer desapparecer para o futuro a velha opposição entre a *equity* e a *common law*.[1]

Tratando dos Estados Unidos da America do Norte é quasi imperdoavel que o nosso autor lhe tenha dedicado apenas sete linhas, quando teria occasião de mostrar o modo porque naquella republica se fez a importação do direito britanico. Este estudo seria altamente necessario para os alumnos, pois o nosso Decr. n. 848 de 11 de Outubro de 1890, art. 387, mandou que os casos da *common law* e *equity*

---

[1] Vide E. Lehr. *Elements de droit civil anglais*, p. XXIII.

americanas fossem subsidiarios da jurisprudencia e processo federal. Era a occasião de demonstrar quão impraticavel se torna a disposição não só pela enorme differença que existe entre as duas legislações, como pela difficuldade que tem o estudo de taes casos entre os proprios americanos, que já contam a este respeito uma bibliographia de mais de 500 volumes, sem contar os 1000 do direito inglez.[1]

E' tambem deficiente a analyse do direito italiano que tem hoje tanta relação com o nosso, principalmente na parte commercial da qual varias disposições foram literalmente transportadas para muitas das nossas leis. O modo porque foi feita a unificação do direito privado italiano depois da formação do reino da Italia, daria por si só assumpto para uma bella lição de direito comparado.

No tocante ao Imperio allemão é igualmente sensivel que as *Lições de legislação comparada*, não tenham accentuado a luta entre as diversas legislações dos estados, na qual occupa ainda uma parte tão activa o Codigo Napoleão, e que terminará em breve pela adopção do recente projecto do Codigo Civil. Parece-me outrosim um pouco arriscado dizer que o direito romano forma o elemento fundamental do direito commum (*Gemeines Recht*), quando a opinião hoje dominante é que o direito romano fornece os principios geraes e abstractos do direito commum, movendo-se o direito germanico nas espheras praticas da vida civil e social, ás quaes só se applica o direito romano na falta absoluta de legislação local, quando de accordo com os costumes, e para supprir as lacunas desta, o que importa dizer que a funcção do direito romano no allemão é a mesma, sinão menor do que nas outras legislações.[2]

A lição VIII contem um ligeiro golpe de vista sobre o direito privado brazileiro, com apreciações judiciosas a respeito das suas fontes, uma justa censura ao legislador constituinte pela incongruencia de ter deixado as leis processuaes ao arbitrio dos estados quando reservou para a União o direito substantivo, e termina por uma ligeira comparação com as legislações similares sob o regimen federativo.

---

[1] T. Walker. *Introduction to american law*, p. 55.

[2] E. Lehr. *Traité elementaire de droit civil germanique*, Tome 1er. § 22 Braun, Hegener et Ver Hees *Traité pratique de droit civil allemand* p. XXX. E. Duthoit. *L'enseignement du droit et des sciences politiques dans les universités d'Allemagne*, p. 91.

Entrando na parte especial do curso passa o autor em revista a theoria das pessoas (lição IX), a capacidade civil dos estrangeiros (X) o direito autoral (XI) as pessoas juridicas (XII), os esponsaes (XIII) o casamento seus effeitos, regimens de bens e divorcio (lições de XIV a XIX) o patrio poder, (XX) a tutella e curatella (XXI). Pena é que a estreiteza do anno lectivo não tenha permittido ao autor levar por fim aos outros dominios do direito privado a sua tão brilhante excursão.

Si no desenvolvimento da parte geral encontra-se nas *Lições de legislação comparada* uma completa orientação do assumpto, unida a um perfeito espirito juridico, na parte especial percebe-se que o autor perfeitamente senhor da materia, procura acompanhar tanto quanto possivel as modificações da sciencia que professa, o que importa em estar ao corrente das alterações que quasi diariamente soffrem as legislações dos povos cultos. Tanto basta para comprehender se a difficuldade do assumpto, e para recommendar o livro como um guia indispensavel aos estudantes de tão ardua disciplina, bem assim como uma leitura interessantissima para os conhecedores do assumpto os quaes muita vez poderão consultal-o com vantagem.

Não caberia nos limites deste artigo acompanhar o livro *pari passu* no desenvolvimento das materias. Sobre ser enfadonho e despido de interesse semelhante trabalho, nada mais faria do que bordar pallidas glosas sobre o texto de um bom livro, que não precisa de outra recommendação alem da propria leitura.

Seja-me permittido porém, chamar a illustrada attenção do autor para alguns pontos que merecem nas proximas edições uma cuidadosa revisão afim de que não indusam os estudantes a ideias falsa ou incompletas. Si assim faço é porque penso com Littré que só merece ser criticado nos detalhes um livro cujo conjunto seja digno de louvores.

Assim é que seria muito para desejar uma analyse mais minuciosa do direito patrio no tocante ao regimen dos estrangeiros (lição XI), assumpto em que seria de toda a conveniencia a referencia exacta aos textos legislativos. A unica disposição citada como restrictiva da capacidade civil do estrangeiro é o art. 13 da Constituição Federal, que reserva a cabotagem para os navios nacionaes, não se referindo sequer o autor a lei n. 123 de 11 Novembro de 1892, que regulou o assumpto e já estava promulgada, quando foi

publicado o livro. Não parece porém, ter tanta importancia esta restricção, desde que a Italia, paiz que o autor considera como typo da igualdade entre nacionaes e estrangeiros tambem a consagra.[1]

Não pode deixar de soffrer justissimo reparo a ausencia da propriedade industrial e das marcas da fabrica, no capitulo aliás interessantissimo sobre o direito autoral, falta tanto mais sensivel quanto o proprio autor reconhece com a jurisprudencia allemã[2] que letras, artes, industrias, se incluem no conceito daquelle direito. Tenho á vista o programma da cadeira redigido pelo autor, e nem no capitulo do direito autoral, nem em qualquer outro ponto, elle se occupa com tão importante ramo de direito, sobre o qual temos entretanto legislação patria e convenções internacionaes em vigor.

Tratando do regimen das associações custa-se a perceber como o autor citou unicamente o Codigo Argentino entre os que exigem a intervenção do governo para que ellas existam como pessoas juridicas. O legislador argentino deve neste ponto ser relegado para o plano inferior dos imitadores pois limitou-se a reproduzir disposições de outros paizes, entre os quaes a França cuja complicada legislação tendente a limitar a liberdade de associação merecia ser tratada como especialidade em um compendio de legislação comparada.

Mal se comprehende porque o instituto decadente e já dysteleologico dos esponsaes merece as honras de um capitulo e não dos menores, e isto quando o nosso autor promette com toda a razão, sómente se deter «sobre os institutos fundamentaes, os mais grossos pilares sobre os quaes se arrima a construcção juridica.»

Nas paginas magistraes relativas ao casamento é este instituto considerado com a maior elevação de vistas, a sua evolução historica apreciada com uma profunda e discreta erudição, e a legislação patria perfeitamente encarada, salvo talvez alguma ligeireza em apreciar a nossa lei de 11 de Setembro de 1860, que dado o desconto da epoca foi um passo gigantesco para a liberdade espiritual. Escapou entretanto ao autor a affirmação menos exacta de que na Italia a precedencia do casamento civil sobre o religioso é obrigatoria. O projecto apresentado na camara italiana em 1879 a que parece

---

[1] Wautrain Cavagnari, *Elementi di scienza della Amministrazione*. p. 117.

[2] E. Lehr. *Droit Civil Germanique*. Tom. 1º, pag. 464 e seg.

referir-se o autor, passando nesta por uma fraca maioria, naufragou diante da opposição do senado, e depois disto não consta que tenha sido renovado.[1]

Fazendo minhas reservas sobre o modo porque o autor exalta o regimen da communhão de bens no casamento, e os elogios que tece ao legislador de 1890 por não ter inserido o divorcio entre as reformas introduzidas com o casamento civil, só tenho palavras de louvor para o modo porque encara o regimen matrimonial e a posição juridica dos conjuges, quer pelo nosso direito, quer pelo estrangeiro.

V

De quanto acima fica exposto conclue-se claramente que o Dr. Clovis Bevilaqua enriqueceu a nossa safára literatura juridica com um livro excellente, e si, como prometteu, continuar a explorar este precioso veio, é caso para que de antemão se regozijem os cultores do direito, pois são seductoras as promessas de riquezas, que os novos trabalhos do provecto professor hão de trazer á lume.

Attendendo as condições do nosso meio actual em que o estudo de legislação comparada uma necessidade palpitante, quasi uma medida de salvação publica, o autor de um livro como o quenos occupa é um verdadeiro benemerito da patria.

Não se pense que architecto um paradoxo facil quando assim considero importante o estudo da legislação comparada. Mas quem observar a nossa actividade juridica verá que os juristas e legisladores do nosso paiz estão divididos em dois campos bem descriminados, que correspondem aos dois elementos nacional e estrangeiro de que acima falei.

Vemos de um lado os que se curvam reverentes perante o glorioso passado do nosso direito, e querendo prender a nossa vida juridica nos moldes ferrenhos das Ordenações Phillipinas, não

---

[1] Gianturco. *Instituzioni di diritto civile italiano*, pag. 11.

consentem na minima adaptação de legislações estrangeiras sob o pretexto de que se perpetra o nefando crime de offensa ás tradições patrias. Esquecem-se estes *laudatores temporis acti* que o direito patrio de que elles tanto se vangloriam não é mais do que uma superposição de diversas camadas de legislações estrangeiras: que a maior parte das vezes em que o direito portuguez se destacou do direito romano foi para adoptar leis ou instituições arabes ou germanicas; que o proprio Portugal a quem mais de perto tocariam taes tradições, não pensou offendel-as, quando promulgou os seus novos codigos em que acompanhou grandemente a corrente moderna; que o Brazil é um paiz novo, contendo elementos em via de formação dos quaes forçosamente tem de se occupar o direito; finalmente que ao influxo poderoso da sciencia, as abafas apopleticas do chauvinismo vão sendo relegadas para o deposito dos espantalhos imprestaveis.

Outra corrente, porém, não menos perniciosa, é a dos servis imitadores do direito estrangeiro que sem estudo nem criterio, julgam fazer actos meritorios procurando introduzir no nosso direito instituições que não lhe são adaptaveis e que muita vez tem provado mal nos proprios paizes de onde são oriundas. Resente-se deste vicio, salvas as excepções de estylo, o amontoado de decretos com que o Governo Provisorio legislou sobre o nosso direito, no periodo de 1889 a 1891. Reformas precipitadas, muitas vezes reformadas mezes e até dias depois, succederam-se convulsivamente em um torvelinho vertiginoso; golpes profundos foram dados em instituições cuja conservação seria para nós preciosa: o direito civil, penal, commercial e processual, a organisação judiciaria, foram postas na forja e parece que mais se preoccupavam os legisladores de copiar leis estrangeiras que de attender aos interesses nacionaes. Não precisa ter muita intimidade com os assumptos juridicos para saber o estado cahotico em que tão perniciosa vesania lançou a nossa legislação.

Dois povos que não são de certo tão cultos como o Brazil e com os quaes uma comparação pode parecer-nos humilhante, o remoçado imperio do Japão e o minusculo principado do Montenegro, acabam de reformar sua legislação civil pondo-a á par dos principios correntes nas legislações do mundo culto, e fizeram mais, encarregando a dois juristas estrangeiros da codificação: o Sr. Boissonade,

professor da Faculdade de Direito de Paris, para o Japão, o Sr. Bogisic, da Universidade russa de Odessa para o Montenegro. Foi porém condição expressa em ambos os paizes que no tocante á constituição da familia, ao regimen das pessoas, a tudo emfim que intimamente se referisse á tradições e costumes nacionaes, ficaria intacto o direito anterior, tendo os codificadores a mais ampla liberdade na parte formal do direito, no direito das cousas, e em tudo aquillo que não ferisse de frente a propria indole nacional.

O exemplo que nos dão estes povos mais atrazados do que nós, prova claramente que entre a teimosia obscurantista dos adoradores do passado, e o prurido futil dos copiadores de codigos estrangeiros, existe um meio termo, no qual occupa seu lugar natural o estudo das leis estrangeiras e patrias, tendo-se em consideração sua filiação historica e sua reciproca influencia, observadas as circumstancias mesologicas e suas condições de adaptação.

Semelhante estudo scientifico e reflectido só pode servir de base a reformas calmas e prudentes, e nunca pode ferir o verdadeiro patriotismo, aquelle que não se envergonha das proprias tradições, nem receia confessar os defeitos patrios mas procura concorrer para fazer progredir a terra natal.

J. C. DE SOUZA BANDEIRA

BIBLIOGRAPHIA

10.—**Festas e tradições populares do Brazil** por Mello Moraes Filho com um prefacio de Sylvio Roméro, desenhos de Flumen Junius. Rio de Janeiro, Fauchon & C., livreiros-editores, 125 rua do Ouvidor, in-8.º, XV—480 pags.

Os que «não vivem só de pão», muitas vezes lastimam e lamentam o prosaismo bronco em que vai caindo a nossa vida nacional que já hoje, principalmente na orla maritima onde se concentra a nossa civilização, não tem nenhum dos ingenuos costumes com que aliás povos, muitissimo mais velhos que nós, ainda embellecem a vida e descançam em certos dias ou epocas do anno da aspera luta da vida. Os que têm mais de trinta annos, relembram ainda saudosos, festas e tradições hoje quasi apagadas, do Natal, dos Reis, do Anno Bom, de S. João, com os seus folguedos em que o nosso povo misturava num mesmo prazer as notas diversas dos varios elementos da sua mestiçagem, produzindo assim alguma coisa que, sem embargo das suas origens exoticas era nossa, bem nossa. Para esses o livro do Sr. M. M. F. será um livro precioso, que fará recordar aos velhos as coisas do seu tempo, embellesadas pela saudade, e dirá aos moços como a nossos pais, que no fim de contas trabalharam tambem e tambem lutaram, punham na sua vida alguns bons momentos de alegria, a san, a saudavel, a moralisadora alegria, que no mesmo lar congregava familias, na mesma aldeia irmanava concidadãos e na mesma terra, sem obstaculo das variantes locaes, estabelecia como que uma mesma corrente nacional de crenças, de prazeres, de tradições poeticas algumas, mais ou menos pitorescas todas que contribuiam tambem para a unidade moral da patria. —O grosso volume do Sr. M. M. F. é, independentemente desse merito que chamarei moral, uma preciosa contribuição para o *folk-lore* brazileiro, ainda tão mal estudado e agora tão descurado. Divide-se em *Festas populares*, *Festas religiosas*, *Tradições* e *Typos da rua*. Na primeira descreve-nos o A. costumes como o «casamento na roça» o «entrudo» o «Anno Bom», o «Natal», etc., alem do «2 de Julho na Bahia», o «7 de Setembro», e outras solemnidades e ceremonias, em que o povo imprimia o seu caracter e deixava a sua nota fortemente original. As festas religiosas, as «Santas missões» a da «Gloria» o «Dia de finados» e outras fazem objecto da segunda parte, na qual devemos notar a lastimavel omissão das duas festas religiosas talvez mais caracteristicas do Brazil, em que mais fortemente se sente a alma popular, as de Nazareth do Pará e do Bomfim da Bahia. Não creio mesmo que nenhuma supére áquella em piteresco, em novidade de enscenação e de ceremonias, em popularidade, fazendo

significar esta palavra tudo o que ella comporta.—Nos «Typos da rua» procura o A. fazer reviver esses individuos curiosos, que em todas as grandes cidades se encontram, naufragos da vida, perante os quaes o observador pára muitas vezes, a procurar lobrigar-lhes, através das vestimentas andrajosas ou fantasistas e da mascara grotesca que lhes pôz a miseria, o vicio ou a loucura, os segredos de uma alma O defeito do livro do Sr. M. M. F. é que não é nem uma obra de sciencia, si não é demasiado pretenciosa a expressão, nem perfeitamente uma obra d'arte. E procurando, talvez, aliar as duas, não as soube o A. completamente fundir. A filiação historica, a evolução, porque digamos assim, de certas festas e tradições que do occidente europeu passaram para nós, bem como as modificações que aqui soffreram sob a influencia do mestiçamento indio-luso-africano, não são indicadas, sinão perfunctoriamente, de passagem. Em mais de um ponto sente-se a informação mal segura e soluções de continuidade, que investigações mais acuradas poderiam acaso supprir. Abundam amplificações rhetoricas, que se repetem, tirando ao livro um pouco da sua unidade, e dando a impressão de que o A. teve mais de uma vez, a falta de dados positivos, necessidade de alongar por esse modo os seus capitulos.— Afóra estas, não farei a este livro, em todo o caso precioso, não duvido repetil-o, outras observações. Não quero apontar coisas que me parecem menos exactas, menos correctas, e exageradas. Esse exagero mesmo é natural em quem, como o A., se interessa demais pelo seu assumpto. Em mais de uma particularidade, de um detalhe, de uma impressão, pode haver e ha falsidade — e não dou a este termo sinão um sentido restricto — mas no seu conjunto, no seu total, este livro diz-nos bem o que foram as festas e tradições do nosso passado, hoje quasi mortas e apagadas, coisa curiosa, pela invasão do estrangeirismo — que aliás lá, nas terras donde vem, conserva piedosamente as suas. Isto põe o A. mais de uma vez em relevo e com justeza.— Prouvera que este livro concorresse para despertar em nós o sentimento adormecido dessas tradições e desses costumes, com que, com o A. repito, os outros povos, o inglez, o francez, o allemão, o americano, o portuguez, todos em summa, douram de uns tons menos praticos, menos prosaicos e menos tristes, as duras exigencias da vida moderna. O Sr. Sylvio Roméro põe ao livro das *Festas e tradições* um prefacio que de parte a sua costumada falta de proporção na apreciação critica de certos vultos, é uma das suas melhores paginas. Não direi o mesmo dos desenhos do Sr. Flumen Junius, que são pura e simplesmente detestaveis, a contrastar com a excellencia da impressão e a bondade do livro.— J. V.

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que, animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica*, para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos*, etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo*, indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos*.

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante*, therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *roquidão, inflammação da larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal**, como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação deste valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho*, importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado**, o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente*.

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

BANCO DA REPUBLICA DO BRAZIL

9, Rua da Alfandega, 9

ESQUINA DA DA CANDELARIA

TELEPHONE N.

CAPITAL.	**150.000:000$000**
FUNDO DE RESERVA, c[especial . . .	**67.537:350$325**
FUNDO DE RESERVA	**2.774:957$090**
LUCROS SUSPENSOS.	**3.882:700$894**
ULTIMO DIVIDENDO, distribuido por acção.	**6$000**

PRESIDENTE

Francisco Rangel Pestana, Dr., r. D. Marianna, 9.

VICE-PRESIDENTE

Fernando Lobo Leite Pereira, Dr., trav. Senador Vergueiro, 6.

DIRECTORES

Antonio José de Lima Castello Branco, Dr., trav. de S. Salvador, 32.
Luiz Alves da Silva Porto, Commendador, r. Marquez de Olinda, 14 V
Thomaz José Coelho de Almeida, Cons., r. Larangeiras, 21.
Frederico Duval, Commendador, praia de Botafogo, 136.
Camillo de Andrade, r. Riachuelo, 251.
José de Paiva Magalhães Calvet, Dr., r. Voluntarios da Patria, 84.
Ignacio Pimentel, praia de Botafogo, 238.

CONSELHO FISCAL

João Manoel Pereira da Silva, Cons., r. Conselheiro Bento Lisboa, 85.
João Capistrano Bandeira de Mello, Cons., r. Haddock Lobo, 181.
Barão de Quartin, r. Benedictinos, 16 e Rezende.
Francisco Ramos Paz, Commendador.
Visconde S. Luiz do Maranhão, Larangeiras.
José Marques de Carvalho, Cons., Cattete.

EDIFICIO PROPRIO

9, RUA DA ALFANDEGA, 9

Esquina da da Candelaria

ARMSTRONG, PAULINO & C.

TELEPHONE 355, Endereço telegraphico—ARAMPO-RIO

RUAS DE S. PEDRO, 84, THEOPHILO OTTONI, 73,
SAUDE, 107

DEPOSITO DE MACHINAS PARA A LAVOURA E INDUSTRIA

E

Fornecedores de estradas de ferro e artigos para mineração

Machinas de vapor e caldeiras, rodas d'agua, engenhos de moer canna, ditos de serrar madeira, bombas, pulsometros, moinhos de fubá, encanamentos para agua, gaz e vapor. Ferro galvanisado e fundido e fabricantes de canos de chumbo de agua e gaz, machinas para mandioca e fumo, transmissões, polias, mancaes, luvas e todas as miudezas que pertencem a este ramo de negocio.

ENGENHO CENTRAL

Para descascar e beneficiar café

Têm sempre grande sortimento de correias de couro, algodão e borracha.

ENCARREGAM-SE DA CONSTRUCÇÃO E MONTAGEM DE QUALQUER MACHINISMO

LAEMMERT & C.—Editores

LIVROS NOVOS

Estudos Brazileiros

2ª serie 1889-93, por José Verissimo, 1 vol. 8º gr..... .. .. **5$000**

Concepção monistica do universo

Introducção ao cosmos do direito e da moral por Fausto A. Cardoso, 1 vol. 8º gr. broch. **8$000** enc..... **10$000**

Lourdes

Por Emilio Zola. Versão portugueza do Dr. M. Menelio Pinto, 2. vols. 16º br. **6$000**

O Chromo

(Estudo de temperamentos) Notavel romance de Horacio de Carvalho, 1 grosso volume de 485 pags..... **4$000**

Botanica

De J. D. Hooker. Versão portugueza do professor Raul de Villa Lobos, 1 volume com muitas gravuras..... .. .. **2$000**

Nova grammatica allemã

Por Manoel Said Ali, professor do Gymnasio Nacional e Escola militar, 1 vol. enc.... . ..... **3$000**

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo. Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 2$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda, 1 vol. nitidamente impresso, enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado ..... 4$000

Multicôres por Heitor Guimarães, 1 volume ricamente impresso e brochado. ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol. ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1871, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição correcta, 1 vol. de 250 paginas, brochado 3$, enc. ..... 4$000

Regimento dos Inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esses funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos. Quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado, 1 vol. enc. com folhas em branco no fim... ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1284 de 11 de Fevereiro de 1893, annotado por um advogado. 1 volume brochado ..... 1$000

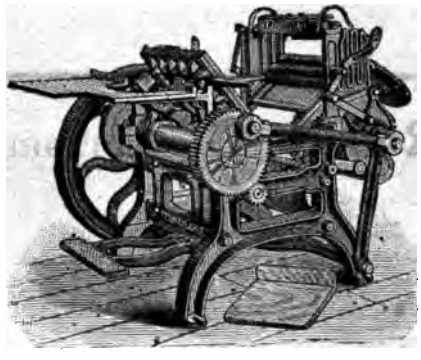
Roteiro dos officiaes de Justiça, ou manual das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os autos judiciaes, pelo Dr. Alencastro Autran 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas.—Repertorio completo, contendo o decreto n. 13 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. broch. 4$, enc. 5$000.

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companha Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição, duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral da nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

COLLABORADORES

Acauã Ribeiro — Affonso Arinos — Affonso Celso — Alberto de Oliveira — Alcindo Guanabara — Alfredo Alexander — Alonso Adjuto — Araripe Junior — Arthur Azevedo — Aureliano Portugal — Barão do Rio Branco — Barão de Alencar — Barão Homem de Mello — Barbosa Rodrigues — Borges Carneiro — Capistrano de Abreu — Carlos de Carvalho — Carlos França — Carlos de Laet — Carlos Parlagreco — Carlos Seidl — Castro Rebello Junior — Coelho Netto — Constancio Alves — Domicio da Gama — Delgado de Carvalho — Ed. Chapot Prevost — Emilio Goeldi — Erico Coelho — Eugenio Gabaglia — Fausto Barreto — Fausto Cardoso — Francisco de Castro — F. Fajardo — Fortunato Duarte — Getulio das Neves — Graça Aranha — Herculano de Freitas — Henrique de Sá — Hilario Peixoto — Joakim Catunda — Joaquim Caminhoá — Joaquim Nabuco — J. Caldas Vianna — José Hygino — Julio de Moura — Leonidas de Sá — Leopoldo Miguez — Lucio de Azevedo — Lucio de Mendonça — Luiz de Albuquerque — Luiz Detzi — Macedo Soares — Machado de Assis — Magalhães de Azeredo — Manoel Victorino — Marcio Nery — Medeiros e Albuquerque — Olavo Bilac — Orville Derby — Paula Lopes — Paulo de Frontin — Pedro Tavares — Ramiz Galvão — Raymundo Corrêa — Rodrigues Peixoto — Rodrigo Octavio — Rodrigues Barbosa — R. von Ihering — Said Ali-Ida — Sylvio Roméro — Souza Bandeira — Teixeira Brandão — Teixeira de Mello — Teixeira de Souza — Thomaz Delfino — Thomaz Cavalcanti — Torquato Tapajoz — Ubaldino do Amaral — Urbano Duarte — Vicente de Souza — Virgilio Damazio — Virgilio Varzea — Visconde de Taunay — Viveiros de Castro, etc., etc.

AVISO

Pedimos ás pessoas que nos fizeram a fineza de aceitar listas de assignantes o favor de as devolverem ao Sr. Paulo Tavares, gerente da *Revista Brazileira*, rua do Ouvidor 66, Rio de Janeiro.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

1.° ANNO—TOMO I 6.° FASCICULO 15 DE MARÇO DE 1895

REVISTA

BRAZILEIRA

SUMMARIO

PAG.

I. **A Tapera**, novella, (*Continuação*), por **COELHO NETTO**. . . . 329
II. **A Revolta de 1720 em Villa Rica**, por **J. P. XAVIER DA VEIGA**. 336
III. **Pontes de aço portateis**, por **PAULO FERRAND**, da Escola de Minas de Ouro Preto 348
IV. **A Esthetica de Poë**, por **ARARIPE JUNIOR** 355
V. **Ethnographia criminal**, por **JOÃO VIEIRA DE ARAUJO**, da Faculdade de Direito do Recife 362
VI. **A Sciencia psychica segundo Myers**, por **ALFREDO ALEXANDER** 378
VII. **Bibliographia**. 387
VIII. **Indice do Tomo I** 391

Laemmert & C. — Editores

RIO DE JANEIRO — S. PAULO

REVISTA BRAZILEIRA

Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sociologia, viagens, bibliographia, etc.

Sai por fasciculos de 64 pags. a 1 e 15 de cada mez.

Os artigos não publicados não serão restituidos.

A direcção não é solidaria com as opiniões emittidas nos artigos publicados.

ASSIGNATURA

CAPITAL E ESTADOS

Anno. . . . 24$000—Semestre. . . 14$000

NUMERO AVULSO 2$000

As assignaturas são pagas adiantadas e começam em janeiro e julho.

Recebem-se assignaturas na casa dos editores e dos agentes nos diversos estados.

Artigos e tudo que se referir á redacção com o Sr. José Verissimo, director da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

Para assignaturas, annuncios, remessa de valores, reclamações com o Sr. Paulo Tavares, gerente da **Revista Brazileira,** Ouvidor 66.

A gerencia encarrega-se de remetter pelo Correio os livros annunciados na Revista, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia, augmentada de 30 %, para as encommendas até 10$, de 20 % para as de 10 a 20$ e de 10 % para as de 20$ para cima.

Pedimos aos nossos collegas da imprensa jornalistica o obsequio de não transcreverem os nossos artigos.

A TAPERA[1]

II

Vinham caindo do ceu avelludado as primeiras nevoas do crepusculo quando avistei, humildemente sentado sobre a pedra negra que fôra d'antes o limiar da casa, a figura de um homem; mas, tão alvo era o seu corpo e a sua attitude penserosa tão tranquilla que, ao primeiro olhar, ninguem, por certo, lhe daria uma alma, percebendo a custo, pelo ondular moroso e fatigado do seu peito, que o ar ainda o penetrava, que ainda, sob as ruinas da carne encarquilhada, um coração batia. Quasi nú, tinha apenas sobre os hombros magros restos de pannos podres, as pernas esguias, como si a carne houvesse mirrado, resequida pelo sol, tremiam-lhe, tremiam-lhe os braços, encruzados: sobre o collo mal coberto rolavam-lhe os cabellos alvissimos e longos e a barba branca, intensa e farta.

Parecia sonhar, e sem que ouvisse os passos do meu cavallo, mergulhado no extase, a fronte sempre derreada, continuou meditativo, absorvido e mudo. Era o *velho*, o penitente taciturno da tapera, Honorio Silveira, o temido dos sertanejos que, si o viam, persignavam-se, invocando santos, beijando devotamente os breves.

De quando em quando, como si uma lufada gelida soprasse, tremia todo, tiritava, encolhendo-se, enterrando o queixo entre os joelhos de modo que os cabellos e a barba se lhe entornavam pelas pernas como uma fronde branca que lhe tivesse crescido durante

---

[1] Veja a *Revista* de 15 de Fevereiro.

uma pequena e triste realidade. Si os poetas sondassem profundamente as almas, a Poesia seria um threno doloroso. A dor humana é desconhecida e grande. Que se sabe da lagrima ? que é um liquido, nada mais: que é uma secreção, e só. D'onde vem ? porque nasce ? Que mysteriosa fonte instilla essa agua amarga ? Ah ! meu amigo... a Dor Humana! Os poetas param no perystillo do coração felizmente! mas que penetrem ! que sondem todos os meandros illuminados pelo espirito, que entrem pelos labyrinthos do pensamento, secretos como os das colmêas, que percorram o cemiterio da Saudade e hão de recuar como deante de horrores inconcebiveis ! A Dor Humana, meu amigo... o mesmo Christo chorou pensando nella... e da cruz o seu ultimo olhar foi de Piedade.

Assim falando, lentamente voltamos por entre os matos enredados, alcançando a pedra negra que fôra o limiar da antiga habitação.

De pé, a cabeça erguida, como um propheta selvagem abençoando, elle estendeu o braço e traçando no ar um meio circulo disse, com tristeza sombria :

— Tudo isto, até Leonissa, pertence-me. Eu vivo em terras minhas, ao menos ninguem dirá que ando a espalhar as minhas lagrimas, semeando agonia pelas propriedades alheias. Limito a minha perigrinação. Por maior que seja o meu desespero o meu andar não ultrapassa as cercas dos sitios visinhos nem a minha lamentação assusta as gentes dos terrenos proximos : neste meu paraiso ninguem penetra porque o guarda, sinistramente, um anjo negro — o Pavor. Mas, apezar de tudo, a minha selva exubera. Não existem, nessas paragens adjacentes, arvores como as que nos cercam — são as unicas assim frondosas... e nenhum lavrador trata-as. Poda-as o raio, regam-nas as lagrimas das chuvas, a primavera enfeita-as e o outono fecunda-as. Si eu tenho algum mal commigo ninguem delle partilha: soffro-o calado e solitariamente. Meu remorso não deixa o meu coração, encarcerado atormenta-me.

— Que remorso ? indaguei.

— Ouça... ouça. O senhor é moço, os moços podem supportar as lagrimas alheias porque uma das vantagens dos corações de poucos annos é a volubilidade. Triste do coração que se apega a outro coração: absorve uma vida ou deixa-se absorver. E si tão difficilmente andamos com a nossa alma pesada por este mundo imagine quanto custa transportar a alma de outrem dentro do pensamento.

Um moço pode ouvir-me sem que eu contribua para a sua desgraça — a mocidade é um rio que corre sempre, a velhice é um açude de aguas mortas. A um velho eu não falaria — o velho é um edificio em ruinas, qualquer vento o derruba, uma lagrima pode desmoronal-o.

Vá, feche o seu coração porque vai passar por elle a tempestade de uma alma. Não sorria nem chore — ouça como si lesse. A historia que lhe vou contar pode levar-me á ventura de um carcere, não ao supplicio, porque esse eu tenho aqui sempre commigo. Não ha prisão mais terrivel para os criminosos do que a terra com a sua abobada. O sol é um grande juiz, a noite um grande carrasco. Veja, cobre-me a geleira da velhice — eu sou o pólo da agonia.

Dentro em mim habitam todos os pezares, não ha dor que me não tenha visitado. Ando como vê porque vivo nesta innocencia — as arvores vestem-se de folhagem, as ruinas de ortigas, eu cubro-me com a hera dos meus cabellos brancos. Resta-me de humano a lagrima ; meus olhos, como dois penitentes nas suas furnas desfiam, dia e noite, o rosario do pranto.

Fui feliz ; gozei a felicidade como se goza um dia ; depressa a noite veiu.

Esta espessa mata intrincada, este campo inculto de espinhaes foram outr'ora terras de fertilidade.

Este sitio de Santa Luzia era o mais rico e prospero do sertão. Falava-se das minhas colheitas com espanto. Nas minhas terras trabalhavam mais de tresentos homens. Todas as manhans, ao nascer do sol, eu vinha debruçar-me á varanda para acompanhar o desfilar dos negros e a partida do gado. Berravam nos meus campos verdes centenas de touros selvagens, nunca recolhidos a curraes, nascidos e criados nas malhadas longinquas. A' tarde, ás vezes, eu era surprehendido pela chegada de um timido e assustadiço rebanho de ovelhas que os campeiros diziam ter achado campeiros ariscamente na aba da montanha.

Singravam o rio, abaixo e acima, as balsas que hoje apodrecem enterradas na areia e os fructos caidos das minhas arvores eram semeadores, porque muita larangeira cresceu sem que se podesse descobrir o nome do plantador. Invejavam todos a prodiga fertilidade das minhas terras e, como a capella sempre resplandecia accesa, attribuiam á santa padroeira a fortuna e a paz do meu sitio viçoso.

Mais tarde, com as primeiras machinas, o terror gerou lendas terriveis, mas que se dissiparam a pouco e pouco, mas quando a humidade começou a esverdear os muros abandonados, então as tropas abriram novos caminhos, através da floresta, evitando a passagem pelas estradas que o caapora, á noite, percorria silvando e bailando com almas penadas. O caapora! Mas, voltemos ao fio do meu tormento. Em torno de mim chalravam as mucamas virgens e, quando se servia a minha mesa muitos dos que nella se fartavam eram-me desconhecidos, mas a minha porta era franca aos que passavam como a porta de um templo. Um dia, o estafeta sertanejo trouxe-me uma carta annunciando a proxima chegada da familia de um amigo que já estava em viagem para o sitio.

Sobresaltado e contente puz em campo todos os meus escravos capinando as eiras, limpando os caminhos frescos do pomar; e a casa tomou um aspecto festivo. Caiadores, cantando, alvejavam as paredes, mucamas espanavam os tectos; o soalho, esfregado possantemente pelos negros, parecia renovado de taboas frescas. E da capella ao engenho tudo foi brunido e escovado.

No dia em que deviam chegar os hospedes, os caminhos foram esparzidos de folhas, ramos em arco fizeram uma abobada de verdura desde a beira do rio até os degraus de pedra da varanda e balouçando-se n'agua, uma canôa nova, feita de um grosso tronco de aroeira, desceu o rio remada por doze negros cantadores.

Quando aproou á margem, estrondaram bacamartes e roqueiras, e, até horas altas da noite houve danças na eira, ao som dos tambores d'Africa.

Vinha entre os pais, uma linda e graciosa moça loura e branca como as açucenas d'agua, alta, de um porte regio de princeza, e tão meiga que a sua voz lembrava o som de uma harpa brandamente ferida.

Desde que meus olhos fitaram, pela primeira vez, o seu rosto candido, a tranquillidade desertou minh'alma. Eu não vivia si a não ouvisse, si a não sentisse perto. A' noite o somno abandonava-me, ella sempre, sempre vinha povoar as minhas vigilias.

Quando nos encontravamos era uma suavissima agonia para o meu coração; si por accaso nos falavamos todo eu vibrava num estremecimento de amor e, assim vivemos, embevecidos até que, uma manhan, o pai annunciou a proxima partida.

Não sei como resisti ao sobresalto do meu coração; levantei os olhos, com ancia e... estavam os olhos della procurando-me: olhamo-nos e eu vi que se lhe molhavam as palpebras mimosas.

Para que alongar o meu martyrio com esta recapitulação? Na tarde desse mesmo dia, tarde azul de Maio, pedi-a em casamento. Ainda existem velhos nesses arredores que se lembram da minha festa nupcial. Hoje ainda, nos serões dos ranchos, os sertanejos cantam uma longa xacara que elles chamam: *O casamento do senhor do engenho*.

A vida começou sorrindo. O meu amor crescia progressivamente... Ainda vive esse amor... sacudam as cinzas tristes do passado que a chamma ardente ha de luzir.

O velho levantou-se e tremulo, cambaleando como um bebedo, poz-se a andar de um lado para outro, mergulhando os dedos curvos, crispados á semelhança de garras nos cabellos compridos. Amparei-o caridosamente:

— Venha, descance um instante...

— Sim... E' muito penosa esta viagem que faço ao passado. Atravessei corajosamente um oceano de lagrimas para ir buscar o começo desta historia na outra margem da minha vida. Mas espere, deixe-me... Os homens chamam-me o *caapora*... Que faço eu? Olhe os meus cabellos... cresceram como a floresta... é ella que me invade a cabeça... *Caapora! Caapora*! Fitou o ceu que o luar illuminava e mais calmo veiu de novo sentar-se a meu lado.

COELHO NETTO

(*Continúa*)

HISTORIA MINEIRA

A REVOLTA DE 1720 EM VILLA RICA

I

Entre onze horas e meia noite de 28 de Junho de 1720 rompe um grande motim em Villa-Rica, poucos annos antes installada pelo seu edificador, o capitão-general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e que — unica cidade do Brazil em honra similhante — teve um poema para memorar-lhe a fundação, como si á musa de Claudio Manoel da Costa, nessa singular homenagem, inspirasse a intuição prophetica de que havia de ser ali o glorioso scenario da inconfidencia, essa aurora sangrenta da liberdade nacional.

Explodiu de subito o motim, preludiando ruidosamente formidavel revolta popular. A parte da população que lhe era extranha despertou em sobresalto, correndo a reforçar os fechos de suas casas ou fugindo temerosa de qualquer ataque como tantos outros, de que ainda restavam vestigios dolorosos, nas recentes tremendas lutas entre Paulistas e Emboabas. Deram começo á acção alguns grupos de mascarados descidos do morro do Ouro-Pôdre (depois denominado da Queimada) com sequito numeroso de pretos armados e de populares que se lhes aggregavam. Caminhavam resolutos e ameaçadores na execução de um plano d'antemão concertado, comquanto o

maior numero apenas agisse inconscientemente, como elemento subalterno ao serviço dos «cabeças». Começaram os sublevados por atacar e arrombar a casa do Ouvidor geral da comarca, Martinho Vieira. Escapando-lhes este, destruiram quanto ahi acharam, inclusive papeis forenses, livros de assentamento da real fazenda, etc., protestando raivosos matar o Ouvidor, contra quem eram geraes os clamores, e bem fundados, pois elle aggravava com despachos e sentenças arbitrarias ou iniquas a situação já afflictiva dos contribuintes, e contribuintes eram todos os homens livres da capitania.

Não foi a aggressão tentada contra o Dr. Martinho Vieira sinão um meio escolhido pelos revoltosos para, castigando os abusos do juiz perseguidor, encaminharem com maior applauso o levantamento do povo em resistencia á recente ordem régia para o estabelecimento das casas de fundição. E quanto era prepotente, violento e malquisto o Ouvidor, dil-o o insuspeito capitão-general Conde de Assumar (D. Pedro de Almeida), em sua primeira carta a D. João V acerca do levante (3 de Julho de 1720), nella reconhecendo expressamente que a indignação popular tinha causa «nas facilidades e imprudencias de Martinho Vieira, porque se persuadiu que era despotico nesta comarca; e mandando-o repetidas vezes advertir das queixas que me faziam da violencia de seus despachos, respondia publicamente que me mettesse com armas que elle se metteria com a justiça, isto junto com o desprezo com que tratava a todos, sem distincção de pessoa, parecendo-lhe ser assim preciso para a administração da justiça, e repetir tão continuadamente com despachos aggravantes irritou por tal forma alguns dos principaes que lhe armaram este successo para o matar...»

Desenha este autorizado testemunho o caracter do juiz e tambem justifica assaz o natural rancor dos sublevados que desencadeou-se contra o odioso magistrado, no momento preciso em que os «cabeças» do levante mais e mais ousado commettimento planeavam. No emtanto, mostraram os factos subsequentes que não menos despota e violento, e sem duvida mais perverso ainda, era o famigerado governador Assumar, não recuando siquer ante a responsabilidade de um assassinato juridico, crudelissimamente consummado. A tentativa contra o Ouvidor Martinho Vieira foi sómente o episodio inicial da revolta: o fim principal, já o dissemos,

era impedir o funccionamento das ominosas casas de fundição novo processo fiscal que tendia a aggravar o já pezadissimo tributo de quinto do ouro uma das muitas e duras imposições com que o governo de Lisboa se locupletava á custa dos infelizes e opprimidos mineiros.

Reclama este ponto a recordação summaria de alguns antecedentes historicos.

Após as lutas armadas e sangrentas de Emboabas e Paulistas, que terminaram ou, pelo menos, modificaram-se muito, logo no começo do governo prudente de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1709), as desordens e sublevações da capitania mineira começaram a ter invariavelmente por causa a insaciavel ganancia da metropole: — dizimos, passagens de rios, direitos de entrada e particularmente o quinto do ouro eram, alem de outros, vexatorios impostos que sugavam o melhor dos rendimentos do povo laborioso, impostos aliás não legitimados num decimo ao menos por beneficio de qualquer especie, pois não havia em Minas-Geraes nem uma escola publica, nem policia, nem estradas, nem pontes, nem correio, absolutamente nada que interessasse ao povo contribuinte. O quinto incidia sobre o ouro em pó extrahido das lavras e que, na defficiencia de moeda, corria como tal pela capitania, servindo para toda a sorte de transacções, a preço taxado em lei e que foi a principio de 1$200 e depois de 1$500 a oitava.

Extrema era a vigilancia, temivel a fiscalisação dos agentes da real fazenda para a percepção severissima do tributo. Comtudo, parece que algum ouro escapava ao imposto, seja por impossibilidade de exercer-se em certas paragens fiscalisação absoluta, seja por connivencia venal de alguns empregados incumbidos de tal serviço, o de maior preoccupação para o governo. Emprehendeu o governador D. Braz Balthazar da Silveira, de ordem regia, mudar a forma da cobrança do imposto, no intuito de salvarem-se os interesses do fisco, isto é, do rei, unico objectivo da administração colonial. Foi então resolvido que os *mineiros* pagassem annualmente dez oitavas de ouro por cada batêa que trabalhasse nas minas. Era um tributo pesado, e alem de pesado, absurdo e desigual, porque ia recair—fixo—não sobre o rendimento das lavras, mas sobre o proprio trabalho exercitado em condições variaveis e mui diversas, conforme a pujança aurifera das minas e o exito das respectivas

explorações. Como era natural, foram unanimes as queixas e clamores na capitania, tomando a iniciativa da resistencia que de toda a parte se annunciava o povo do arraial do Morro-Vermelho (municipio do Caeté), que animosamente rebellou-se em 1715, echoando a revolta em Villa-Real (Sabará), e ainda com maior estrepito na Villa-Nova-da-Rainha (Caeté) cuja população acudiu pressurosa e armada ao brado energico do Morro-Vermelho. O governador D. Braz da Silveira, que ali se apresentou sem demora, intimidou-se observando a attitude resoluta do povo : amnistiou-o e capitulou, sendo suspensa a cobrança do imposto por « batêa. »

Recuara acovardado o despotismo, inolvidavel triumpho laureara a causa popular. Mas o governo da capitania passou desde logo a espreitar ensejo de desforra. Veio-lh'o proporcionar quatro annos depois a lei de 11 de Fevereiro de 1719 sobre casas de fundição publicada em Minas-Geraes pelo bando de 18 de Julho do mesmo anno e contra a qual (mezes antes da revolta de Villa-Rica de 28 de Junho de 1720 da qual nos occupámos) houve em Pitanguy notavel sublevação capitaneada pelo famoso Domingos Rodrigues do Prado, sublevação sangrenta cujo mallogro foi tristemente assinalado por supplicios. Devia a lei de 11 de Fevereiro de 1719 começar a vigorar a 23 de Julho de 1720, Impunha ella a prohibição absoluta, sob penas terriveis, de correr o ouro em pó na capitania, devendo ser todo fundido o *quintado* nas casas de fundição. Era uma prohibição tyrannica, mormente num paiz vastissimo, como Minas-Geraes, sem vias de communicação e desprovido de moeda reguladora das permutas e adaptavel ás multiplas e quotidianas relações mercantis. Alem de tyrannico no seu modo de applicação, o novo regimen fiscal aggravava mais e mais a situação dos infelizes contribuintes; porquanto, aos 20 % do imposto, contribuição em si mesmo vexatoria, addicionavam-se novas porcentagens, já pela fundição, a pretexto de « purificação do ouro », já sob o titulo suggestivo de *alfinetes para a rainha*. E não levamos aqui em conta as gratificações ou « gorgetas » costumeiras aos empregados das casas de fundição, para lhes estimular a boa vontade e assim abreviarem o preciso expediente, sem o que teriam os contribuintes, tão repetidamente tosqueados, de soffrer novo prejuizo, aguardando despacho por longo tempo, ausentes de suas familias, afastados de suas lavras, de seus trabalhos, de seus interesses.

Comprehendendo de prompto o que ia ser, e foi effectivamente, a execução da recente lei, os mineiros de todas as quatro comarcas a receberam descontentissimos e indignados. O proprio governador Assumar, em carta de 2 de Agosto de 1720 ao vice-rei (então na Bahia), reconhece que « todos os povos de Minas estavam de accordo na repulsa ás casas de fundição, formando nesse sentido *um partido universal na Capitania*.» E confessa em carta de 21 de Julho daquelle anno, dirigida a D. João V, « *o contentamento em que se achavam todos os povos das Minas, vendo que o Ouro-Preto descobria a cara a oppor-se ás casas de fundição.* »

Tal era o sentimento unanime, a opinião geral, a attitude conhecida e patente do povo da capitania quando—vinte e cinco dias antes do marcado para iniciar-se a execução da nova e já execrada lei — rompeu em Villa-Rica o motim de 28 de Junho de 1720, ruidoso começo da revolta popular, revolta natural, que era um « brado mineiro », genuino e vivaz, e não simplesmente uma trama de interesse ou reivindicação local.

Reatemos a resenha dos factos, interrompida para relembrarmos suas origens historicas.

II

Eram directores ou cabeças do movimento o mestre de campo Paschoal da Silva Guimarães, pessoa muito influente, então o mais opulento *mineiro* de Villa-Rica, para cuja fundação, a 8 de Julho de 1711, contribuira honrosamente e onde dispunha de grande clientela, contando numerosos parentes e relações nas outras comarcas ;— Sebastião da Veiga Cabral, homem activo, astuto e que, dizia o Conde-general, mal disfarçava ambições politicas atrevidas, visando altissimo posto no governo da terra ;—o Dr. Manoel Mosqueira Rosa, a quem os insurrectos acclamaram em seus ajuntamentos e até na praça publica para succeder na ouvidoria a Martinho Vieira ;— Frei Vicente Botelho, filho do Dr. Mosqueira ;—Frei Francisco de

Mont'Alverne ;—João Ferreira Diniz, — e Felippe dos Santos, tribuno e agitador popular, sem instrucção mas intelligente, infatigavel e ousado, que esposara sem nenhuma suspeita de ambição pessoal a causa do povo e da justiça, identificando-se com ella e assinalando-se, destimido, mais que todos, ao odio e á vingança, que não falhou, do sombrio e orgulhoso capitão-general.

Os conjurados, segundo a tradição, desde muitos dias antes reuniam-se em conciliabulos nocturnos no morro do Ouro-Pôdre, concertando planos e despachando emissarios para seus amigos das comarcas do Rio das Mortes e do Rio das Velhas, afim de disporem os animos e promoverem nellas iguaes pronunciamentos, pois que a todos eram communs os interesses e os clamores. Do motim da noite de 28 de Junho e de seu resultado, portanto esperavam anciosamente a noticia naquellas comarcas, sobretudo na do Rio das Velhas onde os felizes acontecimentos de 1715 ainda traziam os espiritos animados e resolutos.

Como não encontrassem o Ouvidor Martinho Vieira nem em sua casa nem em outras onde o procuraram, porque elle conseguira, protegido pela escuridão, escapar e fugir para a Villa do Carmo, abrigando-se ali no proprio palacio do governador—os revoltosos caminharam alem. Em bandos cada vez mais numerosos e aos brados — Viva o povo! viva o povo ! — reuniram-se e fortificaram-se na praça principal da Villa, em frente á casa da Camara e junto á igreja de Santa Quiteria, local em que hoje assenta o magnifico templo de Nossa Senhora do Carmo. Ahi passaram o resto da noite como num acampamento, em attitude ameaçadora e congregando adeptos e auxiliares de todas as classes e condições com os quaes chegaram a formar não menos de 2.000 homens armados. Excepto Felippe dos Santos, braço forte e guia inseparavel dos sublevados, não se achavam na Praça os «cabeças», provavelmente occupados em diligencias urgentes em outros pontos. Foi por isto que recorreram então a um letrado alheio ao movimento (as chronicas não referem-lhe o nome) para minutar ali uma especie de *ultimatum*, sendo legista o Dr. Mosqueira, um dos corypheus do levante.

Endereçaram logo a ousada intimação ao governador, residentena visinha Villa do Carmo, exigindo-lhe prompto assentimento aos « artigos » que lhe impunham em nome do povo indignado.

Constituia materia principal desses «artigos» a suspensão não só da lei sobre casas de fundição mas tambem a de outros processos e extorsões fiscaes que vexavam a população. Exigiam por ultimo, consoante ao estylo do tempo, outorga de pleno indulto ao povo pelos meios porque buscara justiça.

Não obtendo do Conde de Assumar sinão respostas verbaes e evasivas, segunda vez enviaram-lhe parlamentarios, ainda sem nenhum resultado decisivo. Crescia o exaltamento dos animos com semelhante protelação interpretrada como menospreço, quando inesperado um incidente veio accelerar a marcha dos acontecimentos. Reunira-se em sessão permanente a Camara de Villa-Rica, que manifestou-se contraria ao levante e favoravel ao Conde-governador, com applauso sómente de seus apaniguados.

Explicavel é a attitude divergente dessa corporação, sinão pelo temor das consequencias futuras que podiam flagellar aos revoltosos, certamente pela co-participação notoria da Camara nos abusos que irritavam o povo, colhendo ella e delapidando grossa renda em aferições e outros impostos. Não podia assim adherir a um movimento que estendia a ella suas reclamações e ataques. Apezar disso o procedimento da Camara irritou em extremo, o que era natural, aos revoltosos. Estes, sem perda de tempo e tendo á sua frente Felippe dos Santos, prenderam os camaristas e seus asseclas, protestando não soltal-os em quanto não fossem aceitos os artigos de accordo enviados ao capitão-general.

Persistia o Conde de Assumar em tergiversações, recorrendo á ultima hora a uma dilatoria, que era ainda um subterfugio para escapar ao perigo do momento: fazer publicar por *bando* que ficava adiado por um anno o estabelecimento das casas de fundição.

Comprehenderam facilmente os sublevados e mystificação que lhes armava o ardiloso governador e logo agitou-os um fremito de colera irrefreavel. Urgindo o tempo, partiram apressados para a Villa do Carmo, enthusiasticamente fraternizados e dispostos a tudo affrontarem na defeza dos direitos do povo, affirmando-os com altivez em face do proprio despota que os conculcava. O mais antigo chronista de quantos do assumpto se têm occupado, o padre jesuita Manoel da Fonseca, na *Vida do Padre Belchior de Pontes*, expondo os factos do modo o mais lisongeiro para o Conde

de Assumar e o menos favoravel relativamente aos revoltosos de Villa-Rica, narra assim a marcha destes e sua chegada ao Ribeirão do Carmo:

«No dia 2 deste mez (Julho) marcharam do Ouro-Preto formados ao Ribeirão, trazendo comsigo, e obrigando ao seu seguimento, os que encontravam, fazendo horrorosa a sua marcha com gritos, alaridos e vozes de—*viva o povo!* E mandando o Conde-general religiosos e sacerdotes que no alto do Rosario (ermida na entrada do Ribeirão) os detivessem com modo urbano e sem estrepito algum de ira, e menos de guerra, para o que mandou até o Senado da Camara desta villa com o seu pendão arvorado, e acompanhado dos homens bons da terra; não bastou esta brandura e comedimento do Conde-general para pôr em razão ao povo.

« Chegaram emfim ao palacio, e ahi expuzeram publicamente o seu intento, e ás claras manifestaram a razão do motim—que era não quererem aceitar casa de fundição de quintos, como havia um anno que Sua Magestade a mandara erigir por lei nova, e de que estavam os povos noticiados em todo esse tempo de esperar para consumo do ouro em pó, e como tinha sido aceitada por um termo, em que se assignaram todos os homens principaes das Minas; e tambem de não aceitarem casa de moeda, como para allivio do mesmo povo (*sic*) e por carta da Camara do Ribeirão, se havia pedido a Sua Magestade; e á volta destes pontos principaes sahiram com outras petições de tão pouco momento, que bem se via que só os dois, que encontravam as ordens de Sua Magestade, era o seu facto todo e o porque se levantavam. Concedeu-lhes o conde-general o que pediam, por não querer derramar sangue do povo que governava, e lhes mandou publicar perdão em nome de Sua Magestade pelo crime então commettido.»

Não derivavam as concessões do Conde de Assumar, como mostrou acreditar o padre jesuita Manoel da Fonseca, do sentimento humanitario de não querer derramar o sangue do povo que governava: resultavam, sim, da fraqueza de sua situação ante a revolta, acovardando-se e protestando mentalmente fugir aos compromissos apenas pudesse. Contem-se inteira a confissão desta aleivosia nas seguintes palavras delle, em sua carta de 2 de Agosto de 1720 ao vice-rei, na Bahia, relatando os acontecimentos: « . . . me obrigou o (povo rebellado) a conceder-lhe o que me pedia em sua proposta,

até que o tempo me descobrisse depois o caminho que devia seguir para restabelecer o que fica arruinado da parte de Sua Magestade.»

Chegando ao Ribeirão do Carmo e a despeito dos soldados da companhia de *dragões* que cercavam o governador, os revoltosos, em numero de quasi 2,000, o assediaram em seu proprio palacio e persistiram firmes em suas peremptorias exigencias, das quaes ali constituiram orgãos aos membros da Camara de Villa Rica, de quem se fizeram acompanhar. Coactos pelo medo, submetteram-se estes humildemente ao justo e singular castigo que lhes inflingia e povo: o de serem denunciantes de desmandos e prevaricações de que eram participes...

Espectaculo notabilissimo esse de um povo, ainda na infancia da civilização, tão esclarecidamente conscio de seu direito, tão resolutamente altivo na sua defeza! Comquanto fosse-lhe scenario uma simples Capitania ainda inculta, em reconditas montanhas da America, não recorda elle a attitude, quinhentos annos antes, da velha e altiva aristocracia britannica impondo ao rei João a *magna charta* das liberdades inglezas?...

« Era o primeiro acontecimento dessa ordem que apparecera no Brazil, escreveu o distincto mineiro Dr. Couto de Magalhães, na sua memoria *Um episodio da historia patria*. Até então ninguem supporia, já não digo o facto, mas a possibilidade delle. O mesmo general era na capitania uma especie de proconsul romano ou satrapa asiatico, e como tal, não só tinha poder immenso como era uma especie de divindade, a quem os mais ousados rendiam humilde culto.»

Lavrou-se de tudo um termo bem explicito, por mera formalidade ouvindo antes o governador aos *notaveis* ou auxiliares que o rodeavam e entre os quaes figurava como principal Eugenio Freire, vindo em commissão especial do governo de Lisboa a Minas-Geraes, exactamente para organisar o esclarecimento e dar regimen ás casas de fundição.

E' sem duvida aquelle documento pagina das mais extraordinarias e admiraveis, não só da historia mineira mas tambem dos factos coloniaes de todo o Brazil. Fulge como a consagração do civismo de um povo, que ergue-se soberano do proprio abatimento e vilipendio; vale como o padrão opprobrioso de um despotismo genuflexo e humilhado dentro mesmo do seu solar; symbolisa

simultaneamente as miserias e oppressões de uma epoca, e o lampejo vivificante da Liberdade e do Direito a orientar espiritos illuminando consciencias, em tempos rudes de submissão a todas as tyrannias. [1]

J. P. XAVIER DA VEIGA

(*Continúa*)

---

[1] Eis o importante documento, eloquente em sua tosca singeleza:

«Aos dois dias do mez de Julho de mil setecentos e vinte, nesta villa leal de Nossa Senhora do Carmo, e no palacio em que assiste o Exm. Sr. Conde de Assumar D. Pedro de Almeida, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo e Minas, depois de se ter buscado todos os meios que pareceram convenientes para socegar o tumulto do povo de Villa-Rica e seu termo, persistindo em o mesmo intento durante o tempo de cinco dias, e pelas mais consequencias que dahi se seguiam, e por vir todo o povo sobredito a esta villa do Carmo, com a Camara presa e as mais pessoas principaes da villa, apresentaram-me as condições seguintes, a saber:

1.° Que não consentem em casa de fundição, cunhos e moeda. Ao que responden-se-lhes: — Deferido como pedem.

2.° Que não consentem em contracto novo algum que não esteja em estylo até o presente. — Foram deferidos da mesma fórma.

3.° Que não consentem que se pague o registro do bordo do Campo pelo incommodo que dá, só sim tragam bilhete, cada qual das cargas que trouxer, para delles pagar meia oitava por sacco, e meia patacа por molhado, aonde cada qual fôr sua direita descarga, para o que se elegerão cobradores, e levarão recibos para se descarregarem no dito registro; e outrosim se pagará pelos negros novos, á oitava e meia por cada um. — Ao que se lhes deferio na mesma fórma que pediam.

4.° Querem assegurar a Sua Magestade, a quem Deus guarde, as trinta arrobas, lançando-se sómente a cada negro oitava e meia, e no caso que este não chegue, se obrigam a inteirar-lh'os, para o que contribuirão lojas e vendas conforme a folha que houver para a dita cousa, de sorte que passem cada uma de cinco oitavas, para cuja cobrança elegerão dois homens em cada arraial, ou os que forem necessarios, e querem que toda pessoa que occultar escravo fique confiscado para a fazenda real, o que tambem comprehende os quintos do presente anno, para o que se deve fazer novo lançamento, para nesta forma se cobrarem de quem não tiver pago, e repôr aos que já a pagaram o excesso da dita oitava e meia por cada negro. — E se lhes deferio como pediam.

5.° Querem para o serviço de Nosso Senhor, e de Sua Magestade, a quem Deus guarde, e conservação da Republica, que nem negro nem negra se arrematem na praça pelo preço tão diminuto como se tem experimentado, mas sim se avaliem por dois louvados de sã consciencia, e que os credores os tomem por sua avaliação, quando os não hajam arrematantes, o que tambem se observará, em propriedades ou casas.—Ao que se lhes deferio na fórma que pediam.

6.° Querem tambem que se dê regimento para os salarios dos escrivães, tabelliães, meirinhos e alcaides, e assignaturas de ministros e agentes maiores e menores, e este seja pelo da cidade do Rio de Janeiro, de sorte que, se lá fôr quatro vintens de prata, não duvidam que cá seja de ouro, e os mais a este respeito para nesta fórma se evitarem os excessos tão exorbitantes, como experimentam todos.—Ao que se lhes deferio na fórma que pediam.

7.° Não consentem que o aferidor leve peso de ouro por outro cunho de cobre, que como isto sejam condições do senado por ser isto contracto seu, em que o povo nunca experimentou conveniencia, que, só afim do contracto ser alto, fazem o regimento caro em prejuizo do povo, como é: de uma balança e marco, só de marcar, oitava e meia; de revista, uma oitava; de tirar o olho á balança, uma oitava, fazendo mais milagre do que Santa Luzia, dando olhos quando querem, fundados no interesse, e a este respeito as mais medidas, para o que se lhe dê regimento util para o povo. — O que se deferio como pediam.

8.° Não consentem que ao escrivão da camara se dê oitava e meia por licença, e meia oitava por regimento de aferição, podendo ficar pago com meia oitava, como tambem o escrivão da almotaceria.—Ao que se deferio como pediam.

9.° Não consentem levar mais de meia pataca por todos os generos que qualquer pessoa possa almotaçar, como se observa nesta villa do Carmo, por se evitarem as condemnações que se fazem aos povos.—Ao que se deferio como pediam.

10.° Querem que os senhores do senado moderem as condemnações tão exorbitantes ao povo, que estimam fazer sem regimento nem lei, e que as calçadas das ruas, onde forem necessarias, se façam á custa da camara e não do povo, pois lhe não come as rendas, e que outrosim os ditos senadores passem por anno as licenças assim dos contractantes dos gados, como dos mais negocios, por lhes ser muito prejuizo o tirarem todos os mezes.—O que se lhes deferio como pediam.

11.° Querem que as companhias de dragões comam á custa de seus soldos, e não a custa dos povos.—O que se lhes deferio como pediam.

12.° E por final conclusão de tudo querem que V. Ex. em nome de Sua Magestade, que Deus guarde, lhes conceda perdão geral, sellado com as armas reaes, registrado na secretaria deste governo, camara e mais partes necessarias, publicado ao som de caixa pelos lugares publicos, e esta proposta se registre na secretaria deste governo, livros da camara. — Ao que se lhes deferio como pediam.

13.° Tambem requerem que os contractadores dos dizimos não usem de seu privilegio para cobrarem suas dividas executivamente, senão durante o tempo do contracto, e quando seja necessario mais algum tempo V. Ex. lh'o concederá ao seu arbitrio.—Deferio-se-lhes como pediam.

14.° Requerem mais que nenhum ministro faça vexações ao povo com seus despachos violentos, precedendo á prisão e á fuga sem as circumstancias

do direito, e que em tudo se observe com elles a lei do reino.—Ao que se lhes deferio como pediam.

15.° Que os officiaes de justiça, quando forem fazer diligencias a varias pessoas, repartam as custas, conforme o regimento, por cada uma dellas, e sempre imploram o perdão. E convocadas as pessoas abaixo assignadas, votaram uniformemente se devia conceder ao dito povo tudo que pedia, nos artigos acima, assim e da mesma fórma que o pediam, do que o dito senhor me mandou fazer este termo. Domingos da Silva, secretario do governo o fez. — *Conde D. Pedro de Almeida* (conde de Assumar), governador e capitão-general das capitanias de S. Paulo e Minas.

Sebastião da Veiga Cabral.—Domingos Teixeira de Andrade.—Antonio Caetano Pinto Coelho.—Rafael da Silva Cruz.—Felix de Azevedo Carneiro e Cunha.—Luiz Tenorio de Molina.—Sebastião Joaquim de Varella.—Gabriel da Costa Pinna.—Tobias Barboza da Silva.—Fructuoso Teixeira de Carvalho.—O vigario da vara *Pedro de Moura Portugal.—Manoel da Costa de Araujo.*—Dr. *Francisco da Costa Ramos.*—Dr. *João Nunes Viseu.—Pedro Teixeira Serqueira.—Manoel Cardoso Cruz.—Pedro Gomes Esteves.—Frederico* (o resto do nome está inintelligivel).—*Manoel da Silva Ferreira.*—(Segue-se uma assignatura indecifravel).—*Manoel de Affonseca.—Manoel Loureiro* (o resto está inintelligivel).—*Manoel Mendes de Almeida.*—Segue-se outra assignatura indecifravel.—*Jacintho Barbosa Lopes.*»

PONTES DE AÇO PORTATEIS

Foi em 1856, numa sessão da Associação Britannica, em Cheltenham, que Sir Henry Bessemer fez a sua primeira communicação sobre a *Fabricação do ferro e do aço sem combustivel.* Esta invenção maravilhosa, que permitte transformar a fonte liquida em aço pela simples passagem do ar sob pressão, encontrou no principio muitos scepticos mesmo entre os patricios do inventor; foi sómente em 1862, graças á Exposição de Londres, que o novo processo chegou a ser conhecido dos sabios e dos engenheiros e pouco depois começou a entrar na pratica, produzindo uma revolução completa na industria siderurgica.

Com a possibilidade de fabricar o aço por um processo muito simples, permittindo obter um metal homogeneo em grande abundancia, a preço baixo, sem as difficuldades de trabalho da puddlagem e outros processos congeneres tão penosos para os operarios, este metal chegou pouco a pouco a substituir o ferro nos numerosos empregos, dos quaes tinha este o monopolio. E' ao aço Bessemer que a industria das estradas de ferro deve o seu rapido desenvolvimento, pela producção enorme das usinas que lançam cada dia nos mercados do mundo toneladas de trilhos de aço. Sómente mais tarde começou a apparecer nas grandes construcções metallicas: a primeira ponte de aço figurou em França na Exposição de Pariz de 1867: era uma ponte em arco de 25 metros de vão e 21 metros de largura, apresentada pelo Sr. Cheysson; a primeira ponte de vigas rectas, feita de aço, foi estabelecida em 1874 em Pesth (Hungria) segundo as plantas do engenheiro francez Aug. de Serres. Foi então depois destas primeiras experiencias que se empregou de um modo corrente o aço na construcção das pontes. Hoje não se conta mais o numero de pontes de aço usadas nas vias de ferro e de rodagem.

Pelo processo Bessemer e principalmente pelo processo Martin se pode obter de um modo seguro um metal fundido de teor determinado, que goza das qualidades do aço doce de ser mais elastico e mais resistente que o ferro; o uso de um semelhante metal na construcção das pontes devia permittir realizar obras mais leves com resistencia igual. Foi esta ideia que guiou o Sr. Eiffel na procura de uma ponte portatil, composta unicamente de elementos semelhantes para lances differentes, após uma conversação que teve em 1879 com o Sr. Le Myre de Vilers, então governador da Cochinchina, sobre os meios de facilitar o desenvolvimento das communicações nesta colonia. Foi assim induzido a crear um systema de ponte simples, leve e portatil, capaz de ser armada com as mesmas peças para qualquer vão, afim de poder atravessar facilmente os numerosos ribeirões desse paiz.

Uma ponte compõe-se de duas vigas servindo de parapeito, ligadas na parte inferior pelas peças de ponte ou travessas, entre as quaes correm as filas de longerões que sustentam o soalho. A particularidade do systema consiste na composição das vigas, feita cada uma de um numero qualquer de elementos triangulares, identicos uns aos outros, encostados e emendados entre si para formar um só corpo. Bastam tres sortes de peças para compôr uma viga: os elementos correntes, os elementos extremos ou semi elementos e os tirantes. Os elementos correntes são triangulos equiangulos, cuja base, os lados e o montante, que liga o vertice do angulo obtuso ao meio da base, são todos simples cantoneiras. Os elementos extremos consistem em um semi-elemento corrente cujo montante é reforçado com um patim de apoio sobre o pegão. Os tirantes, igualmente feitos de cantoneiras servem para constituir a parte inferior das vigas.

Para conceber a formação de uma viga com estas peças, basta considerar um certo numero de elementos correntes, dispostos em seguida uns dos outros, de modo que a juncção se faz pelos vertices dos angulos agudos e que as bases constituem no seu conjunto a parte superior da viga; os vertices inferiores são depois ligados dois a dois por tirantes, de comprimento igual á base de um elemento. As cantoneiras são todas dispostas de um mesmo lado, de sorte que offerecem assim no lado opposto uma superficie plana, sobre a qual vem se applicar uma segunda serie de elementos correntes, armados como os precedentes, mas com as cantoneiras viradas de lado, e collocados no

intervallo dos outros, de maneira que os montantes desta serie vêm cair no meio da distancia dos montantes de dois elementos consecutivos da primeira. Ligam-se igualmente os vertices inferiores por outra serie de tirantes e completa-se a viga pela adjunção de um semi-elemento em cada extremidade.

A viga, uma vez armada, apresenta a forma de uma peça composta de duas sapatas de cantoneiras, ligadas por barras de triliça em cruz, e com os mesmos elementos pode-se montar vigas de vãos differentes, cujo comprimento corresponde á um multiplo qualquer da metade de um elemento, até o limite superior fixado para o typo de ponte empregado. O estrado da ponte é constituido pela ligação das vigas na parte inferior dos montantes por meio de travessas e de longerões, que sustentam os pranchões transversaes compondo o soalho mais simples destas pontes. O contraventamento é realizado por meio de barras chatas, dispostas em cruz entre as travessas, para resistir aos esforços do vento no sentido transversal. Todas as peças são emendadas por meio de tarrachas. Apezar disso a rigidez é absolutamente comparavel á das pontes rebitadas, devido ao cruzamento das duas series de elementos de uma viga, que impede qualquer deformação das peças no sentido longitudinal.

Pelo que precede vê-se que o numero das especies de peças entrando na composição de uma ponte, se reduz a seis: elementos correntes, semi-elementos, tirantes, travessas, longerões e barras de contraventamento.

Como as peças de naturezas differentes apresentam formas muito diversas, não pode haver engano na escolha de uma para outra. Alem disso as peças da mesma natureza, sendo todas identicas, é indifferente tomar uma ou outra para a armação da ponte, que torna-se assim muito facil e rapida, tanto mais que as emendas, sendo feitas simplesmente por meio de tarrachas, não se precisam operarios especiaes para executar este trabalho.

Como, em razão do metal empregado, estas pontes são muito leves, os pegões, que devem supportal-as, podem ser feitos de pequenos massiços de alvenaria tosca, collocados um pouco atraz das margens, e os pilares, para as de mais de um lance, de esteios de madeira com travessão sobreposto. Para a collocação, raras vezes precisa de andaimes, basta empregar o processo do lançamento.

Do que acaba de ser exposto decorrem as vantagens seguintes:

O systema dispensa todo estudo especial e a confecção de um orçamento especial em cada caso. Não é preciso esperar o tempo geralmente necessario á construcção da obra nas officinas, todas as peças podendo ser fabricadas e armazenadas em proporção sufficiente para satisfazer a qualquer encommenda. Realiza-se uma economia de metal e uma reducção de despeza no transporte pela substituição do aço ao ferro, que torna estas pontes muito leves. O transporte de peças, todas de pequeno peso, exige apenas vehiculos ordinarios capazes de passar em quaesquer caminhos. A armação se faz facilmente pelos operarios do lugar, sem o auxilio de operarios especiaes, segundo o processo do lançamento ou com andaimes rudimentaes. No caso da necessidade de deslocar uma ponte, ella pode ser desarmada com a mesma facilidade com que foi armada, podendo assim ser utilizada num outro lugar.

Nos paizes como o Brazil, que precisam ser recortados em todas as direcções por vias de communicação, afim de abrir o accesso das regiões ferteis para entregal-as á industria agricola e permittir ao agricultor fazer o transporte de seus productos até o mercado, o emprego de semelhantes pontes acarreta comsigo outras vantagens.

Em vez de edificar nas estradas de rodagem pontes de madeira muito pesadas, feitas de peças provindo de regiões longiquas á muito custo e summa pena através de pessimos caminhos, e, uma vez chegadas estas peças, collocal-as em mãos de carpinteiros especiaes que ganham jornaes elevados e demoram para executar a montagem da ponte, o que se traduz, finalmente, por um gasto elevado de tempo e dinheiro, lucrar-se-ia muito substituindo estas pontes de madeira por pontes de aço portateis, cujos elementos poderiam ser transportados facilmente pelas estradas de ferro e depois em carro ou carroça.

Geralmente em cada estado as pontes são construidas por empreitada, sob a fiscalisação dos engenheiros do governo. Nada seria mais facil que nos estados a Secretaria das obras publicas se encarregasse de ter em deposito uma certa quantidade das peças que entram na composição de uma ponte, afim de pôr á disposição de seus engenheiros, quando precisassem, o numero de elementos necessarios á montagem da uma ponte num lugar determinado. Desta

maneira se evitariam as perdas de tempo que resultam da execução e approvação do orçamento em cada caso, da adjudicação, do transporte de madeira, da preparação das peças e sua collocação; bastaria fazer o transporte immediato das peças metallicas até o lugar e lá executar a armação por simples ferreiros.

Hoje este systema de pontes matallicas portateis entrou na pratica corrente de tal modo que, para corresponder aos varios casos que podem se apresentar, foram creados pelo Sr. Eiffel diversos typos servindo para pontes de estrada de rodagem, pontes militares, pontes de estrada de ferro e passadiços.

As pontes para as estradas de rodagem são da largura de 3 a 4 metros. O principal typo, com 3 metros de largura, é composto de elementos correntes de 6 metros de comprimento e de $1^m,60$ de altura, pesando 145 kilogrammas cada um: permitte elle edificar pontes de 6, 9, 12, 15, 18 e 21 metros de vão, capazes de resistir com a maior segurança á passagem de carros de 4 toneladas para os de um só eixo e de 6 toneladas para os de dois eixos. O typo com 4 metros de largura é composto de elementos correntes de $4^m,25$ de comprimento e de $2^m,10$ de altura, pesando 207 kilogrammas cada um: permitte edificar pontes cujo vão varia de 2 em 2 metros até o maximo de 24 metros, e a carga que sustenta é de 6 toneladas para carros de um eixo e 8 toneladas para os de dois eixos. Estes typos de pontes são bem leves, sendo em media o peso por metro corrente de 270 kilogrammas para o primeiro e de 550 kilogrammas para o segundo.

As pontes para as estradas de ferro têm a largura unica de 3 metros e são compostas dos mesmos elementos que as precedentes, com a simples modificação das travessas serem em numero maior para servir de dormentes. Os elementos do primeiro typo servem para as estradas de ferro vicinaes, de bitola de $0^m,60$ (via Decauville) e os do segundo typo para as estradas de ferro locaes de bitola de 1^m (via estreita).

Não cito os outros typos applicados aos varios casos particulares que podem se apresentar, porque os que acabo de enunciar são os mais correntes e com elles é geralmente possivel resolver os diversos casos da pratica. Em consequencia seria sufficiente ter á disposição um jogo de elementos de um e outro typo com as peças accessorias necessarias no caso de uma estrada de rodagem e de ferro.

O uso destas pontes portateis tem tomado um desenvolvimento tal que ficou bem patente pelo numero de suas applicações que ellas correspondiam a uma verdadeira necessidade. A consequencia foi que se procurou simplificar ainda o systema primitivo: foi assim que a Cia de Fives-Lille chegou a construir um systema que realiza a suppressão dos elementos triangulares de grande comprimento, relativamente pesados e embaraçosos. A solução deste novo systema é baseada sobre a separação das peças dos triangulos e sua substituição por elementos rectilineos combinados com emendas á articulação analogas ás usadas nas pontes americanas.

As pontes se compõem de duas vigas em treliça que uma vez armadas apresentem o mesmo aspecto que as do systema Eiffel. As vigas se compõem de tres qualidades de peças differentes: os tirantes ou elementos das sapatas das vigas, as barras de treliça e os montantes; os tirantes e montantes são feitos de cantoneiras, as treliças de barras em U. Como no systema precedente, as vigas são reunidas na sua parte inferior por travessas atarrachadas sobre os montantes verticaes; estas travessas sustentam duas filas de longerões que correm em todo o comprimento da ponte e recebem os pranchões, compondo o soalho propriamente dito. Um contraventamento feito de barras chatas collocadas em cruz nos rectangulos das travessas e dos longerões assegura a rigidez transversal da ponte. Assim o numero de peças differentes que compõem uma ponte fica o mesmo que no primeiro, sómente as peças são mais simples e mais curtas, pela razão que o elemento maior, o triangulo, é dividido em duas barras de treliça, um montante e dois tirantes.

São estabelecidos igualmente neste systema diversos typos, conforme o fim para o qual é destinada a ponte. Para as estradas de rodagem, usa-se de dois typos, de largura de 3^m e de $3^m,70$. O typo de largura de 3^m é composto de vigas de $1^m,70$ de altura com elementos de 3^m entre os montantes, permittindo a construcção de lances de 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, e 24 metros de comprimento. A peça de maior comprimento é a barra de treliça de $3^m,50$; a mais pesada a travessa de 85 kilogrammas. A carga é calculada á razão de 4 toneladas para carros de um só eixo e de 8 toneladas para os de dois eixos. O typo de largura de $3^m,70$ se compõe

de vigas de 2^m de altura com elementos de $2^m,75$ entre os montantes, permittindo a construcão de pontes cujo vão varia de multiplos de $2^m,75$ até o maximo de 30 metros. A peça de maior comprimento é a barra de contraventamento de $4^m,40$ e a mais pesada a travessa de 135 kilogrammos. A carga calculada é a mesma que para o typo precedente. Estes typos de pontes são mais leves que os do outro systema: para o primeiro typo, o peso por metro corrente é em media de 250 kilogrammas; para o segundo, de 375 kilogrammas.

Para as estradas de ferro, existem typos especiaes deste mesmo systema de pontes portateis. Entretanto o typo de largura de 3^m se presta muito bem para as estradas de ferro vicinaes, com a condição de accrescentar nelle uma fila central de longerões addicionaes.

A montagem das pontes deste systema se faz do mesmo modo que a do primeiro, com a differença que exige mais tempo por causa do maior numero de peças a armar. Uma vez armado, o lançamento é executado da mesma maneira com os meios simples facultados pelo pouco peso dessas pontes.

Pela descripção feita desses systemas de pontes de aço parece-me que o seu emprego no Brazil seria de real vantagem no ponto de vista da economia de tempo, facilidade de transporte e de estabelecimento, maior duração e segurança. Adoptada uma largura unica, bastaria ter um typo commum ás estradas de rodagem e ás estradas de ferro vicinaes e um especial para as estradas de ferro locaes, afim de compôr com elles em cada estado um deposito que satisfaça a todas as necessidades de um desenvolvimento rapido das vias de communicação.

PAULO FERRAND

ESTHETICA DE POË[1]

ESCHYLO.—A TRAGEDIA GREGA.—O MUNDO SHAKESPEARIANO.—O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX.—IBSEN.—BJORNSON.—MAETERLINCK.

III

Da simples leitura de Eschylo vê-se, como disse, que não se trata de um poeta apenas impressionado por *um canto da natureza* e revelando-o *através de um temperamento*, mas de um profundo philosopho inteiramente entregue á epoca que o produziu e o alimentou.

Dispondo de poderosissimas faculdades de generalização, o autor da *Orestiada* não fez obra de acanhado impressionismo. Os grandes tragicos, como os grandes pensadores, não se podem limitar a uma provincia literaria; o seu espirito abrange toda a natureza humana; e a composição, qualquer que ella seja, epopeia, tragedia, ode, dythirambo, elegia, romance, acaba reflectindo forçosamente todas as correlações da vida ambiente. E neste caso a obra de arte define-se a *natureza inteira vista através de um poema*.

E' assim que, quando lemos a *Orestiada*, sentimos toda a Grecia, todo o movimento da Hellade, tumultuar naquellas paginas extraornarias e suggestivas. Os mythos, que apparecem no decurso da trilogia, são cousa secundaria, como quem diria o vehiculo, a linguagem commum dirigida ao povo atheniense; logo, porém, que nos entranhamos nos aditos da obra genial de Eschylo, a verdade historica e humana se nos mostra acompanhada de um tal fulgor, que

[1] Veja a *Revista* de 15 de Fevereiro.

a nenhum de nós é licito deixar de conclamar pela superioridade do poeta sobre a de todos os do seu seculo.

O que ha de singular nos grandes poetas da tragedia humana é que nenhum delles deixou ainda de consubstanciar-se com os problemas universaes e com a historia da civilização de sua patria.

Eschylo, em noventa tragedias que compoz, deu a nebulosa de onde saiu a cultura grega, fez a apologia de Prometheu e dos Titans, passou depois a heroes como Œdipo e aos enigmas das origens da *cidade* grega: estudou as paixões dos partidos nos mythos das antigas familias, como nos Atrides: finalmente, occupando-se com as scenas politicas, em que elle mesmo tomara parte, exhibiu os *Persas*, tragedia, na qual não se sabe mais o que admirar, si a elevação de um espirito integrado pela contemplação da vida em todas as suas manifestações, sociologicas e psychologicas, si o exame *terre à terre* dos caracteres e o realismo dos personagens, que elle vira com os proprios olhos, Xerxes, sua mãe Atossa, o persa, em ultima analyse, que se batera corpo a corpo com o hoplita atheniense.

Si atravessamos os tempos e chegamos a Shakespeare, o mesmo phenomeno literario nos deslumbra. O bardo de Stratford realizou igual prodigio. Os seus dramas condensam a vida não só dos principaes caracteres da humanidade, como desse mundo extraordinario chamado a Inglaterra. Shakespeare não se contentou em pintar, com a fantasia de um poeta do norte, as lendas douradas da antiguidade grega e romana, a que elle se prendia pela cultura, nem os intermundios do sobrenatural demoniaco e sylphidico do medievalismo da antiga Britannia; alem de Caliban e Iriel, elle trouxe para a scena as truculentas prophecias e as endoenças profundas que se vêem em *Macbeth*; reconstruiu o passado turbido de sua patria nos dramas historicos, em que, entre outros, apparece esse Glocester ou Ricardo III, sem rival em nenhuma outra literatura: e completa a sua obra colossal de imaginativo e observador, offerecendo á contemplação do mundo Othelo, Falstaff, o rei Lear, Romeu e Julieta, e o nunca assaz estudado Hamlet da Jutlandia.

Decorrem tresentos annos e surge um rival de Eschylo e de Shakespeare. Era chegada a hora de falar a Scandinavia. No seculo XIX os golphos e os fiords da Noruega, preparam um magno poeta. E' Ibsen, a quem a natureza se encarrega de ensinar as mesmas veredas geniaes por onde passaram aquelles grandes

interpretes dos seus segredos. Ibsen, inspirado nos mesmos objectos, suggestionado pelos mesmos mysterios, utilisando a sciencia do seu seculo, emprehende a triologia da sua epoca. O bardo scandinavo divide a sua energia por todas as forças que compõem a vida humana; e é forçado a atravessar o periodo que a critica de seu paiz denomina o periodo do *Saga*; faz-se saga e escreve os *Guerreiros de Helgeland* e os *Vikings*, dramas em que os mythos da Scania, descendo ao palco, surgem tão vivos como si coexistissem com os actuaes habitantes dos fiords; dá-nos a historia dos *Pretendentes á corôa*, que é a mais commovente das epopeias e a mais profunda das desillusões de uma raça que se oppõe á constituição de um reino; e porque não lhe bastasse a exhibição dessa forma do seu espirito, eil-o abordando os problemas do seculo em *O Imperador e o Gallileu*, em *Romersholm* e nos *Sustentaculos da sociedade*, e mais adeante estudando os caracteres da sociedade real e actual em *Hedda Gabler*, nos *Espectros* e na *Casa de boneca*.

Voltando, porém, ao autor da *Orestiada*, ia eu dizer que o discurso de Minerva pronunciado no Areopago podia ser posto na bocca de Pythagoras. Coordenação dos factos anteriores, essa peça juridica mostra como a justiça poude apparecer em Athenas, e constitue o canto anacletico da intuição philosophica, que residia na cabeça do grande poeta.

Note-se o que ha de suggestivo nas seguintes palavras da deusa:

> «MINERVA. Consolai-vos (as Eumenides) que por isso não soffreis deshonra. Deusas, no excesso da vossa colera, não vades encher de desespero a morada dos homens. Será necessario dizer-vos que Minerva dispõe de algum valimento junto a Jupiter todo poderoso? Unica, entre os deuses, eu sei onde se esconde o raio vingador.[1] Creio, porém, que não serei forçada a recorrer a este extremo. Convem ceder ao meu conselho; não lanceis contra a terra imprecações inuteis, porque o effeito em nada vos aproveitaria. Buscai acalmar as tempestades negras em que vossas almas sobrenadam, e quando commigo partilhardes as honras e os templos deste paiz, quando repetidamente o povo vos offerecer as suas primicias com o fim de tornar-vos favoraveis ao hymeneu, bem como á proliferação, então louvareis estes conselhos que estou dando... Não semeeis a discordia nesta bella terra; nem concorrais para o tormento acerbo de almas ainda novas que não custam precipitar-se furiosas nos abysmos da vingança. E' preciso que d'ora em deante ninguem

[1] Um critico malicioso encontraria nestas palavras de Minerva a origem mythographica do estado de sitio dos tempos modernos.

promova o odio, nem accenda o facho das guerras civis. Querem brigar? briguem com o estrangeiro; a occasião está proxima. Lá encontrarão glorias: nunca em guerras intestinas. Acceitae a proposta que vos faço. Aqui estou eu, Minerva e a justiça! Bemfazejas sereis d'ora em deante, e bem tratadas; cobertas de honras, partilhareis commigo a deliciosa mansão dos Deuses.»

Quem não vê neste discurso da filha de Jupiter toda a evolução do conceito da justiça no periodo em que Athenas saia das lutas das familias e do caudilhismo resultante do esfacelamento da paz posterior á guerra de Troia e á volta tardia dos respectivos chefes?

Thucydides relataria esses factos com mais clareza technica, mas nunca o faria com tamanha elevação. Eschylo do alto dos cothurnos da tragedia deu a mais suggestiva das ideias relativamente ao esforço juridico que extinguiu na Grecia a lei do Talião, entregou os culpados aos tribunaes e organisou a justiça humana.

A *Orestiada* gera em todo o mundo esse sempiterno sentimento. Os odios dos cidadãos de Athenas se applacaram e os seus fautores puderam, apezar das paixões, conviver na mesma cidade com Pallas Athenea. Começou a brilhar o sol da civilisação hellenica, e com elle repontava o enthusiasmo, o amor de uma patria, que dias adeante deveria deitar por terra o poder de Dario e Xerxes, apezar de igual a Jupiter.

Para as paixões era assim que falava o espirito civilizador da Grecia; aos homens do povo, porém, Minerva aconselhava que não fossem vis, e que não excluissem de seus lares aquellas divindades poderosas e implacaveis, porque, si é máo utilizar-se o homem da paixão para guerrear os seus, peor seria humilhar-se, por falta de animo, e abandonar-se ao acaso e ao furor dos tyrannos injustos, por ausencia dos brios naturaes.

« Aquelle que segue servilmente a sua furia, não sabe de onde lhe virão os golpes inimigos. Muita vez é o crime dos antepassados que nos arrasta aos excessos da loucura: e a morte, ministro dessa colera, acaba por pulverisar o cidadão que se enche de soberba... As furias, porque eu quero, servirão agora de favores a esta terra. Premiarei áquelles que exercerem a persuasão. Vistes como esse talento agitava minha lingua e, seguro, pousava em meus labios, quando me propuz desarmar uma raiva que se dizia mais antiga do que Apollo. Jupiter venceu por orgão de Minerva, e esta victoria, em tal combate, vai produzir para todo sempre risos e felicidade.»

Eis de que modo, segundo a concepção eschyliana, se consolidou na Grecia o imperio da paz interna e a justiça entre as familias.

Contra a inflexibilidade das leis naturaes e dos oraculos e contra a brutalidade de Zeus, ella oppõe a sua castidade, a ordem e o amor.

Jupiter começara a civilizar a Grecia tyranisando o mal, assombrando os povos com o trovão, desde que havia quem resistisse a sua lei. Depois foi o grande Hercules encarregado de purgar a terra dos monstros, dos ladrões e dos piratas.

As proprias Furias estavam cançadas. Pallas assim veiu como o sol depois da tempestade. A claridade da justiça foi bastante para recolher os deuses obsoletos e os desacertos interiores.

IV

O jogo das ideias e dos sentimentos que formam o trama da tragedia eschyliana, como se acaba de ver, é immensamente complexo; no emtanto a simplicidade da obra como expressão é caracteristica e pasmosa. A perfeição do movimento artistico extraordinaria e o abalo do espirito contundente. Essa perfeição e esse abalo não têm outra origem sinão na potencia tragica do poeta, que nesse ponto é como a natureza, a qual, em geral, diffusa, apraz-se em apresentar aqui, ali, alem, productos de uma concentração sem nome — o diamante, a esmeralda, o rubim — que significam o trabalho de forjas seculares.

O cerebro do poeta, para produzir as gemmas da intelligencia, estratifica tambem. Ha palavras nos dramas de Shakespeare, collocadas de certo modo e em occasião tal na bocca de determinado personagem, que derruem uma alma e geram de subito um mundo no espirito do espectador. Estes e outros effeitos já difficilmente se encontram no theatro de Sophocles e Euripides, cujo processo não se baseava mais nessa simplicidade puramente genial.

Muita genialidade, depois de Eschylo, os Gregos desenvolveram e desperdiçaram nas sciencias e nas artes, na especulação e na analyse; nunca mais, porém, houve poeta que contundisse a alma humana com os raios do estylo e a grandeza do conceito como esse soldado que fôra ferido em Marathona. Aristophanes, implacavel no

seu espirito zombeteiro, o presentiu, e não poupou ataques aos tragicos posteriores, que não possuiam mais aquelle segredo acropolitano da *Orestiada* e do *Prometheu*. Era que o sentimento effectivo da tragedia passara para os politicos e historiadores da epoca que se lhes seguiu immediatamente.

Os verdadeiros successores de Eschylo foram Pericles, Thucydides e Demosthenes. Depois disto a Grecia decompoz-se, recompoz-se sobre a mão ferrea de Alexandre, que foi o unico tragico possivel de sua epoca. Ahi estão as suas façanhas, as suas corridas deslumbrantes até o rei Porus, junto ao Ganges, as scenas de Babilonia e Persepolis, as suas fantasias loucas, e, por fim, o seu desespero deante de Aristoteles, talvez em algum dia de ocios azues, enfastiado, deitado em cochins dourados e a repousar a cabeça na caixa em que mandara metter as obras de Homero, porque lhe era impossivel conquistar os astros.

Todo o mundo sabe o que foi o periodo alexandrino. Depois das devastações do Macedonio, o mundo civilizado do Mediterraneo, não podia ter alma para enthusiasmos. A prodigiosa tragedia de Alexandre cançara a sociedade, e produzira a necessidade de meditações nas grandes bibliothecas, que o filho de Felippe atulhara de livros e enchera de eruditos.

O sentimento da grandeza humana appellava para outras regiões.

Roma emergira do seio da Italia, e toda a electricidade do espirito social para ahi se dirigia. Mas Roma com espanto de todos não deu um só tragico no seu theatro. Porque? inquire a critica. Pela mesma razão pela qual Alexandre não tivera ao lado de si Eschylos. Quando os latinos chegaram a poder ter um theatro, toda a tragedia estava absorvida pelo Senado. Os maiores e os mais vibrantes espiritos da cidade eterna pertenciam á politica. Eram iguaes aos deuses esses homens de toga, que sentavam-se no Capitolio do mundo: e com razão puderam os Gaulezes assombrar-se delles quando os viram reunidos e dominando um povo com o gesto olympico. As migalhas e só as migalhas do genio se deixavam, pois, aos hystriões dos circos e dos theatros do Lacio. Era no Senado e pela bocca dos seus grandes oradores que se agitava a grande alma collectiva da nação. O sentimento do que é grave, na frase de Aristoteles, existia sómente na casa para onde convergiam os

verdadeiros talentos gerados pelo sentimento juridico do povo do arado e no instante em que esse arado se convertia na legião romana para a conquista do Universo.

Os tragicos então eram os Gracchos, Scipião, Cicero, Cesar. Os dramas estão na historia e nessas orações sublimes que levaram os Gracchos a morte, que, em Cicero contra Catilina, tiveram Roma por um fio, e que no triumpho de Cesar fizeram de Bruto um assassino.

E' verdade que esse mesmo espirito de grandeza e de solemnidade transformou-se nos sinistros dramas de Tiberio, de Caligula e de Nero; mas não é menos certo que a potencia tragica e a severidade romana ainda muito tempo depois conseguiu erguer-se á altura eschyliana, pelo influxo do exemplo, do estudo da historia e do sentimento da justiça, nos *Annaes* de Cornelio Tacito.

Os dramas de Seneca, como os de muitos outros, ficaram incontestavelmente fóra da tragedia.

ARARIPE JUNIOR

(*Continúa*)

ETHNOGRAPHIA CRIMINAL

Aquellas palavras não nos impõem agora esboçar um systema inteiro e completo como ellas podem significar, mas simplesmente uma vista, sinão unilateral, muito geral e mesmo superficial do assumpto. Elle tem sido explorado entre nós com particularidade no direito por Clovis Bevilaqua e Sylvio Roméro, já não falando de José Verissimo tratando dos problemas geraes com muita extensão. Nina Rodrigues em uma brochura recente enfrentou-o em um ponto especial sobre que versarão principalmente estas minhas notas soltas.

Ha um accumulo de questões latentes sob aquella simples epigraphe. Não se trata de especulação pura mas da resolução de difficuldades serias que deve substituir ou não os postulados actuaes da penologia theoretica e as injuncções positivas inscriptas nos respectivos codigos das nações cultas. Por mais paradoxal que pareça a sentença a certos espiritos, é fóra de duvida que o empirismo legislativo é preferivel ás experiencias que fazem do povo uma *anima vilis* em nome de quanto preconceito sectario se apregôa como rotulo de lei ou principio natural ou social. O que não quer dizer que a verdadeira sciencia não deva penetrar lenta e seguramente todas as instituições juridicas e os apparelhos adequados a dar-lhes vida real no ambiente humano. E' o caso que nos occupa. A ethnographia prestará utilidade á legislação para fazer della um elemento de aperfeiçoamento pela consideração do que fazem outros povos? Dentro de um mesmo paiz as variedades que o compõem serão para o caso um factor apreciavel? São problemas dignos de

estudo, cuja solução é mais difficil demonstrar do que affirmar, por simples intuição, ou com o auxilio de dados de empirismo á que alludimos.

A nossa modesta tarefa é muito mais simples. Estudamos um fragmento da materia destacada da ethnographia de que o facto social, o facto juridico-penal, em particular, pode exigir solução. E antes de tudo um problema geral de legislação se apresenta que os factores do mister legislativo talvez não presintam em toda sua extensão e intensidade. Dada a tendencia moderna considerada como para unificar os codigos ao menos dos povos chamados da civilisação occidental, a aceitar este juizo como perfeitamente exacto e fundado no facto natural da maior adaptabilidade do homem ás condições ethnicas que parecem mais diametralmente oppostas, que vantagens nos poderá dar a ethnographia? Parece-me que se exagera a semelhança e a unidade da mesma civilisação o occidental especialmente no direito e na legislação, que é a sua expressão pratica, porque é a forma externa e positiva em que elle se concretiza no ambiente social.

Clovis Bevilaqua tratando da applicação do methodo comparativo ao estudo do direito faz a proposito estas judiciosas observações que por sua novidade e cunho indigena não me furto a repetir uma pagina inteira: « O legislador, por seu turno, terá na legislação comparada um vasto laboratorio de experimentação indirecta, principalmente si não limitar-se a estudar as disposições legislativas dos povos em abstracto, e, antes, perguntar á estatistica e á historia quaes os resultados produzidos pela applicação das leis que comparar, que causas as determinaram, que estorvos embaraçaram seus effeitos beneficos, que auxiliares multiplicaram seu poder de acção. Pascal disse uma vez que o justo e o injusto mudavam de qualidade, mudando de clima, que tres gráos de elevação do polo punham por terra toda jurisprudencia e que um meridiano decidia da verdade. Ha neste pensamento a exageração de um principio verdadeiro que é a influencia do meio cosmico sobre a ideia do justo e do bem. Esta influencia foi reconhecida muito cedo. Um escriptor brazileiro quasi ignorado, o Dr. Ovidio Saraiva, em suas Considerações sobre a legislação civil e criminal do imperio do Brazil, a reconhecia em termos claros: « a influencia do clima tem tanto imperio na natureza physica, escreveu, como na jurisprudencia que se radica sempre

nos habitos e costumes do povo cujos actos regula. » Cito este escripto de 1837, para tornar evidente a divulgação do principio a que elle se refere no trecho transcripto. Não podem os legisladores actualmente se mostrar mais atrazados que o velho jurista citado. Devem reconhecer a acção do meio physico sobre o individuo e a sociedade e, consequentemente, sobre o direito que é a normalização da vida social. Devem, portanto, não se deixando arrastar pelo pendor das innovações e das imitações irreflectidas, só applicar depois de escrupuloso estudo, as instituições de um povo a outro. Chamo a attenção para este facto. O direito civil dos povos occidentaes é em grande parte, uma fecunda revivescencia do direito romano, que tornou-se por isso como que um direito universal; mas, apezar disso, quanta divergencia entre esses esgalhamentos do mesmo tronco! Sei que o direito germanico e canonico accentuaram, com suas innovações, o polymorphismo deste trecho de evolução juridica; sei tambem que muitas circumstancias occasionaes e as variedades ethnicas se combinaram, se fundiram para produzir esse resultado; mas é certo igualmente que o meio cosmico serve de base a esses modificadores apontados e a todos os mais, e que o reconhecimento das variedades ethnicas nos deve premunir contra o exagero das imitações.

E ao mesmo tempo e em outro estudo, mas inspirado em taes ideias observava o joven professor que, « todos que tem conhecimento da ethnographia dos povos primitivos e dos selvagens não ignoram que muitos factos insignificantes para a vida actual, eram regulados pela força do costume. » Mas ninguem acreditará que os reis do Egypto aceitassem essas ingenuas e impertinentes tyrannias do direito consuetudinario. Em mais de um ponto as traducções dos papyrus e das inscripções hierogliphicas contradictaram os quadros traçados por Deodoro e Herodoto » [1]

D'ahi vem que dentro dum mesmo paiz a diversidade de raças, á que a força ou outras condições naturaes ou artificiaes impoz uma só lei, se discute si isto é possivel racionalmente, ou antes si a efficacia da lei é mais apparente do que real.

---

[1] *Revista Academica* da Faculdade de Direito do Recife, 1891, pag. 91 *Revista do Norte*, Recife 1891, pag. 119.

Na Italia, dizia eu em 1889, a questão estudada sob luz inteiramente nova e sob um ponto de vista geral (no terreno da criminologia) tem dado conclusões diversas (das dos classicos que Tobias Barreto e outros aceitavam). Ali a escola positiva (sem ser comtista) sustenta o *regionarismo* e comquanto um de seus chefes, no parlamento, o deputado Enrico Ferri, se pronunciasse sob condições restrictas pela unificação das leis penaes italianas em 1888, elle reconheceu que outros pensavam que o momento actual da luta entre varias correntes scientificas era talvez o menos opportuno para crystalizar uma corrente dada em uma obra legislativa duradoura.[1]

Entretanto Lombroso na sua monographia *Troppopresto* e no *Archivio*, a sua celebre Revista, manifesta-se de modo diametralmente opposto, sustentando que a Italia está unida, mas não unificada, que a justiça penal ou a reacção contra um dado crime varia segundo os climas e a natureza dos diversos paizes, a poucos kilometros de distancia e a poucos centigrados de temperatura.

A Italia, diz elle, não está fundida nem mesmo no mal. Os dados estatisticos que fazem rir os metaphysicos tem importancia pratica, enorme tambem para os codigos. E' evidente de facto que dada a precocidade sexual de algumas regiões, não só não se deve condemnar igualmente quem estupra em uma região uma menor de 12 annos e aquelle que o faz em outra, como tambem o limite da idade, para a responsabilidade deve mudar-se nas zonas meridionaes e especialmente nas insulares; e de modo algum não se póde, nem se deve fixar de antemão aquelle limite, mas sim depois de um exame pratico que nos demonstre si a precocidade sexual não é seguida, como é quasi certo, da psychica e em que medida.[2]

Sob este ponto particular de vista, agora Nina Rodrigues na brochura interessante, a que alludimos, faz a critica parcial do que algures opinei contra Tobias Barreto e com certa generalidade do projecto de codigo penal no ponto pertinente á idade.

A' uma e outra respondo que se trata de uma questão aberta e que o projecto melhorou o codigo actual que havia a seu turno melhorado o anterior, peior orientado ahi que o proprio legislador

---

1 *Cod. Crim. Braz. Commentario. etc.* Recife, 1889, pag. 215.

2 Vid. *Archivio di psichiatria, scienze penali ed antropologia criminale*, Torino, 1888, vol. 9°, pgs. 141 e 148.

romano. A opinião esclarecida me ha de perdoar que obrigado a representar o papel de Jano bifronte não tivesse tido eu a velleidade de pretender impôr á commissão que tinha a honra de presidir e menos á camara, onde a minha opinião tinha apenas a cotação do meu voto, as minhas theorias de professor e quando surgia uma simples revisão do codigo vigente. E effectivamente é o que resultará do livro original de que, vou transcrever um tracto, mostrando que nós não andamos muito distanciados do objectivo commum na questão ethnographica; sentindo que os limites deste ligeiro estudo e o espaço precioso da *Revista* não me permittam a merecida rescensão do livro, que importaria tambem a minha melhor defesa.

« Com certeza os partidarios da dilação do praso da menoridade no Brazil, que são tambem os partidarios do livre arbitrio, não cogitaram na rapidez da maturidade organica nas raças inferiores e na absoluta impossibilidade consequente de modifical-as então. Não ha, por conseguinte, maior absurdo do que o nosso codigo considerar o desenvolvimento no norte do paiz, situado em zona torrida e onde predominam o indio, o negro e os seus mestiços, igual ao desenvolvimento mental no sul da republica, situado em zona temperada e onde dominam os descendentes dos colonos allemães e italianos. Neste particular, o projecto do novo codigo penal, que actualmente se discute no parlamento, nem andou mais avisado, nem se mostrou mais instruido das nossas condições ethnicas do que os codigos anteriores. O codigo de 1830, si havia elevado a menoridade a 14 annos, tinha em compensação limitado a maioridade criminal aos 17. O de 1890, copiando o codigo italiano, reduziu, é exacto, o limite inferior a 9 annos, mas elevou, a certos respeitos pelo menos, o limite maximo a 21. O projecto elaborado pelo Sr. Dr. João Vieira marca o limite minimo de 10 e o limite maximo de 21 annos. Porque? A não ser pelo desejo de tirar a média entre os dous codigos anteriores e escapar assim aos ataques dirigidos contra um e outro codigo, não sei que se possa invocar para isso razão scientifica e valiosa.

« Respondendo timidamente a Tobias Barreto, escreveu o Dr. João Vieira (Cod. Crim. Braz. Recife, 1889) que « si é possivel objectar terem a Italia e a Allemanha uma cultura propria da Europa, o que concorre para desenvolver mais depressa o espirito

do individuo, nós poderiamos responder que a raça e o clima do paiz concorrem grandemente para o desenvolvimento precoce physico e intellectual.» Não sei, porém, o que sejam a raça e o clima do Brazil. Qual seja o clima do Brazil, não nos poderia dizer nem mesmo o illustrado professor, pois repudiando muito justamente o expediente absurdo de Kitka, mencionado e aceito por Tobias Barreto, escreveu: «Seja como for, o estado a que chegou a sciencia actual não permitte aceitar neste ponto, como se tem pretendido que em estados vastos como o Brazil, que conta regiões as mais diversas, desde o clima ardente sob o sol do equador na Amazonia até o europeu nas provincias do sul, onde o thermometro desce abaixo de zero, desde as cidades cultas do littoral e das margens dos grandes rios navegaveis até os mais invios e inhospitos sertões—se deva fixar em uma lei penal epocas de imputabilidade as mais elevadas possiveis, de modo que, si não abrangerem ellas todos os criminosos, excluam sempre os innocentes.»

«Mas si se pode attender as differenças de clima com uma legislação penal regional, a diversidade de raças, tão intimamente misturadas, em rigor não devia consentir que se adoptasse para a menoridade limites fixos e invariaveis. Então o mais simples, logico e natural teria sido supprimir esses limites, substituindo-os pelo exame do discernimento. Nisto não haveria grande innovação, porquanto não era mais do que ampliar, estendendo a todos os casos, um exame psychologico, que em certas circumstancias e para effeitos determinados, já os codigos tornam obrigatorios. Mas o que dissemos do desenvolvimento mental pode-se repetir de cada grande funcção organica das funcções sexuaes, por exemplo, de que dependem numerosos actos civis e a que se pode referir toda uma serie de attentados e crimes.» [1]

Antes de tudo devo verificar os factos ou antes os documentos, base da principal observação. A menoridade que é o ponto saliente de que aqui se trata pode ser representada por um schema, abrangendo-a como caso de inteira exclusão, ou

---

[1] Nina Rodrigues. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*, Bahia, 1891, pag. 140.

modificador gradual da responsabilidade, em face das tres leis citadas, assim :

Responsabilidade

Leis :	EXCLUIDA	DIMINUIDA	
		Especialmente	*Geralmente*
CODIGO DE 1830	Art. 10 § 1.º : menores de 14 annos.	Art. 18 § 10. 2ª parte : menores de 17.	Art. 18 § 10. 1ª parte menores de 21.
CODIGO DE 1890	Art. 26 §§ 1º e 2º : menores de 9 e 14, estes sem discernimento.	Art. 65 : menores de 17.	Art. 42 § 11 : menores de 21.
PROJECTO DE 1893	Art. 25 ns. I e II, 1º *alinea* : menores de 10 e 14, estes sem discernimento.	Art. 25 n. II, 3º a 5º *alinea* : menores 21 e maiores 14 e 18.	Art. 31 § 4º : menores de 21.

Ligeiras observações são indispensaveis. O nosso primeiro codigo tinha o defeito de abranger em um periodo unico a infancia e a impuberdade até o limite desta com a puberdade, o que geralmente o direito, inclusive o musulmano, distingue.[1] O codigo vigente melhorou-o nessa parte, mas tirou ao juiz o arbitrio no grau de applicação da pena ao menor de 17 annos, que era preferivel á regra fixa que adoptou de impor-se-lhe sempre a pena da cumplicidade. O projecto de 1893 manteve aquella faculdade e quanto ao mais seguiu o novo codigo porque o systema prestou-se melhor á individualização da pena, determinada por essas condições psychologicas e ethnicas a que se allude. Em todas as tres leis, porem, a plena idade da responsabilidade é a de 21 annos ; nisto não tem havido alteração. Si é um peccado é original essa da responsabilidade penal, coincidindo com a civil e tão combatida por Krafft-Ebing.

O livro a que nos referimos não se occupa especialmente da idade, mas discute o problema geral da responsabilidade em face das

[1] Savvas Pacha, *Theorie du droit musulman*, Paris, 1892, II, pag. 70.

raças existentes entre nós. A menoridade foi discutida como um exemplo illustrativo. A these culminante do autor é que um codigo unico está para o nosso paiz em opposição com todas as suas condições naturaes. « Posso illudir-me (diz elle, pag. 128), mas estou profundamente convencido de que a adopção de um codigo unico para toda a republica foi um erro grave que attentou grandemente contra os principios mais elementares da physiologia humana. Pela differença accentuada de sua climatologia, pela conformação e aspecto physico do paiz, pela diversidade ethnica da sua população, já tão pronunciada e que ameaça mais accentuar-se ainda, o Brazil deve ser dividido para os effeitos da legislação penal pelo menos nas suas quatro grandes divisões regionaes, que como demonstrei no capitulo quarto, são tão natural e profundamente distinctas. »

Não desconheço o valor de observações semelhantes e as outras theses estão naturalmente subordinadas áquella. Em um livro interessante que appareceu quando se tratava de unificar a legislação penal italiana, e é uma collecção de monographias, figura a de Virgilio Rossi intitulada *Il regionalismo in Italia*. « Demonstrar que na Italia existe o regionalismo em qualquer manifestação da vida do seu povo e que não obstante a unificação politica, a regionariedade não tende a desapparecer, não é de certo tarefa ardua. As estatisticas officiaes e particulares nos offerecem tantos materiaes para esse fim que não nos deixam sinão o embaraço da escolha. » O illustre jurista procura demonstrar a sua these com os dados collecionados e grupados tambem por quatro regiões principaes, das Italias septentrional, central, meridional e insular, sob os differentes aspectos da estatura, dos nascimentos em relação ás estações, da precocidade nos matrimonios e na prostituição, da mortalidade e da idade senil, das taxas de consumo e producto das loterias e das absolvições em relação ás condemnações, juntando uma tabua graphica interessante pela sua connexão e nitidez. A este regionalismo emfim corresponde o da criminalidade, donde elle conclúe:

« A regionariedade existe sempre e por toda parte no povo italiano, nem dá mostras de desapparecer, não obstante a unificação do reino. Mas então seja-nos licito exclamar: a mania de unificar e a todo o custo as leis antes que se tenha unificado o povo na sua vida e nos seus costumes, não contribuirá para manter a disparidade

(dizunificazione), applicando um *summum jus*, que para uma parte dos habitantes se torna uma *summa injuria?* »[1]

Tambem Lombroso dizia que uma prova da nenhuma necessidade da unificação se podia colher nos mesmos codigos de Zurich e de Vaud que o projecto (italiano) cita como codigos classicos, não pensando que elles fossem uma variação do francez e por isso do romano. Ahi ha alguma cousa mais importante do que a impunidade dos reincidentes: é a existencia do codigo mesmo que prova como pode haver um bom codigo (tanto que serve de texto) sem que seja unificado, fundido nos outros do mesmo paiz. Todo cantão da Suissa, de facto, tem um codigo e nunca se sentiu por isso inconveniente algum. « Na Inglaterra ainda mais: não ha codigo, mas uma serie de leis especiaes que variam nos tres grandes reinos e assim na America nos Estados Unidos. E são os paizes mais livres, onde o crime vai em diminuição. Nem se nos objecte que outros paizes sem estarem unificados, têm leis uniformes. E' certissimo. Basta-nos citar a Corsega, com costumes e crimes tão differentes da França; mas exactamente nestes casos a lei unificada fica letra morta. »[2]

Tudo isso é verdade para nós, tem grande peso e o estudo de taes problemas trazem no bojo questões scientificas de alto valor que attingem a propria questão politica, de maior ou menor latitude da federação, isto é, da esphera mais ou menos lata de poder da União, ou dos estados no nosso paiz. Mas me parece ser o caso de evitar as generalizações que parecem mais justas ou faceis para não ir de encontro aos escolhos das soluções muito absolutas. Quando eu nem ao menos sonhava em ser deputado federal escrevia estas palavras ao Dr. Franz von Liszt: « La proclamation de la République a ajourné tout le travail legislatif ordinaire. D'ailleurs chez nous c'est encore un problème si *l'unité* du droit criminel sera plus convenable qu'un code pénal *en chacun* des États (anciennes provinces). *L'unité* de la législation civile et pénale est, je le crois, la condition *sine quâ non* du progrès et de la solidité de la culture du Droit dans le Brésil. »

---

[1] *Appunti al nuovo codice penale*, Torino, 1889, 2ª edicç., pag. 85

[2] Bournet, *Criminalité en Corse*, Paris, 1887.

Nesta questão continúo a pensar do mesmo modo, assim como penso que foi um erro o processo não ser federal, embora a magistratura fosse estadoal com todas as leis relativas á sua organização. O exemplo da Suissa vai desapparecer, porque ali o codigo penal, cujo projecto já foi redigido, vai ser unitario, isto é, federal tambem, como já serão muitas leis civis, commerciaes e mesmo criminaes, desapparecendo assim os codigos cantonaes. A Inglaterra ha annos que elabora um codigo penal. Na America do Norte a *common law* não unifica realmente os codigos, cuja disparidade é apenas apparente? Diz-se que na nossa sciencia não é sempre o que existe que é a verdade, mas o que deve ser ou existir. Mas não é tanto assim, como pode parecer; a sciencia social quasi sempre não faz mais do que constatar o que existe, porque é impossivel ou muito difficil superar os obstaculos que offerecem as reformas, descobrir o modo pratico de realisal-as, isto é, tornal-as exequiveis e correspondentes ás necessidades que ellas são destinadas a satisfazer. No nosso caso o x do problema ethnographico estará somente na disparidade da legislação?

Sob o nosso ponto restricto de vista, as condições ethnicas e outras naturaes semelhantes estão tão bem estudadas e reconhecidas que as generalizações scientificas possam fundamentar sufficientemente institutos, isto é, normas, leis ou principios capazes de serem reduzidos a disposições ou preceitos legislativos, reconheciveis como praticaveis?

E antes uma observação geral. A similitude de vida material, moral, esthetica, etc., dos povos da civilisação occidental explica porque até certo ponto o direito europeu tende a se unificar nas suas raizes e nas ramificações ethnicas na America. Depois não é para desprezar a consideração de que si um codigo não póde impunemente actuar-se contra as condições psychologicas e sociologicas do povo para que é feito, não é menos verdade que quaesquer que sejam as difficuldades da actuação em semelhante meio em taes circumstancias, a influencia delle como um apparelho de disciplina social se fará sentir a principio nos actos externos isolados, depois nos proprios habitos e costumes do mesmo povo.

E' o caso da influencia das leis sobre os costumes, tão certa como é a dos costumes sobre as leis, de que nos falam Montesquieu e Benthan, e do mesmo principio que serve de titulo á obra de

Matter.[1] Si não fosse assim a pedagogia social, que é uma condição *sine quâ non* do progresso, não passaria de uma chimera e a lei seria impotente para desarraigar prejuizos e preconceitos da massa geral, quando elles repugnam ao estado de espirito ou aos interesses bem ou mal entendidos das classes directoras.

Uma razão de ordem politica tem applicação entre nós.

Os laços federativos são muito frageis: a União necessita de multiplicar os meios de fortifical-os e nenhum de ordem sociologica é mais efficaz do que a unidade de legislação. Depois pode-se chegar a resultados desejaveis, quasi identicos, dando-se satisfação ao mesmo tempo ás condições individuaes e sociaes ou factores anthropologicos e sociologicos da criminalidade, por meios muito differentes da disparidade de legislações parcellarias. Para isso é mister que o legislador, inspirando-se nos dictames da sciencia, não se deixe illudir pela miragem de poder tudo prever e abandone a parte da tarefa que naturalmente deve pertencer a outros, isto é, aquelles que pesam e verificam, caso por caso, o valor psychologico e sociologico dos factos no ambiente humano, que constituem outro poder, normalizam outra funcção suprema, qual é a da justiça, com a jurisprudencia, que não é nem a rabulice dos leguleios, nem um passante pelo Esphinge da fabula que ha de ser devorado por não decifrar o enigma da lei ou novo Edipo fazer atirar-se o monstro ás ondas. Não se deve fazer a lei falar á força, quando ella quiz silenciar, porque não podia adivinhar todo futuro mediante o espirito bysantino de seus interpretes; mas ao contrario, a jurisprudencia é a mesma vida do direito com todo seu movimento na vida social. E isto não é uma tirada especulativa, mas a constatação de um phenomeno observado e registrado, porque é bem certo que ha leis mancas, defeituosas, ou antiquadas, excellentemente executadas tanto como si fossem completas, perfeitas e novas e ao contrario, ha codigos specimens, productos puramente genuinos dos postulados mais acreditados na sciencia da legislação e cuja pratica, ou por detestavel ou por inopportuna pode fazel-os comparar a bellas estatuas em que a esthetica é irreprehensivel, mas que como taes não tem vida.

---

[1] Matter, *De l'influence des mœurs sur les lois et de l'influence des lois sur les mœurs*, Paris, 1843.

Ha outros meios e se quizerem expedientes para evitar a diversidade de lei dentro de um mesmo povo que fala a mesma lingua, professa a mesma religião, cultiva as mesmas artes, tem a mesma concepção da liberdade pratica e em summa offerece os caracteres do homogeneo no conjunto heterogeneo de outras muitas condições politicas, economicas, sociaes, scientificas, literarias, etc.

Uma autoridade, notavel para nós no presente momento historico demonstra com os principios e com os factos como são condições do bom exito de uma federação uma mesma lingua, um direito commum (*common law*), até certo ponto a mesma religião e com grande força tambem um conceito identico da liberdade. Por brevidade omittimos a explicação do texto que citamos. [1]

Sendo assim, não é possivel sacrificar o todo pela parte e a perfeição e solidez do organismo politico exigem que se mantenha antes de tudo os principios cardeaes. Quero dizer que as condições basicas do regimen não devem nunca ser affectadas em sua origem, porque no seu desenvolvimento outras combinações podem dar satisfação a necessidades que consideramos de ordem secundaria.

O apparelho penal em suas relações com as condições ethnicas póde ser organisado sem inconveniente, respeitando-se a organização *mater* do Estado, para nós da União, afim de evitar equivocos. E até certo ponto se póde entrever isso na theoria do nosso autor, quando criticando em geral o systema dos nossos codigos sobre a condição da idade em suas variadas phases, em correlação com a responsabilidade graduada, conforme o estado somatico e psychico do individuo correspondente áquellas phases, elle appella para as pericias como meio de avaliar do discernimento, supprimindo-se os limites fixos e invariaveis impostos á menoridade pela lei, como vimos do trecho que deixámos transcripto.

Um outro expediente teria efficacia innegavel e o seu nucleo está nos nossos codigos. Habituados a julgar sempre mal do que é brazileiro, não vemos que o codigo de 1830, em materia de psychologia criminal, nada tem que invejar aos seus congeneres europeus ou americanos.

---

[1] Woolsey, *Political science or the state etc.* London, 1877, vol. 2.° pag. 173.

O systema geral de condições determinantes do estado psychologico do indiciado, conhecidas como causas aggravadoras ou attenuadoras da culpabilidade, póde enuclear uma reforma no sentido de mais perfeita individualização da punição por mais racional e exacta responsabilidade do culpado e actuar-se ainda melhor por outra face que é o complemento daquella mesma reforma, isto é, o systema das penas indeterminadas. Não ha negal-o. A fixidez das normas legislativas e a rigidez da penalidade não se accomodam com o polymorphismo da criminalidade, verdadeiro protheu assente no que ha de mais mobil e mysterioso, como é a alma humana e ainda o proprio envolucro que nol-a encobre; e suppôr o contrario é querer conhecer o incognoscivel.

A doutrina contraria, que aliás goza de tanto favor pelo medo que inspira o arbitrio do juiz togado, não se percebendo mesmo quanto é soberano o jurado, approxima o occidente do oriente, mais do que muita gente não presente.

« Mas as bases essenciaes ao direito criminal *chinez* são estes dous principios — que o juiz não deve nunca fazer outra cousa mais do que reconhecer a natureza da culpa commettida e applicar a pena tal qual a lei a pronuncía, sem nunca poder fazer variar essa pena em razão de circumstancias particulares do facto — e que a pena deve sempre ser exactamente proporcionada á culpa. »

E como se pode dizer desses principios que *ils hurlent de se trouver ensemble*, o casuismo, que é a fórma das legislações rigidas e atrazadas, parece ser o meio de obviar as difficuldades. Assim, diz Philastre, « para que a applicação rigorosa destes principios seja possivel, é, pois, indispensavel que o codigo preveja todos os casos que se possam apresentar. D'ahi o numero consideravel de disposições que nelle se contêm, a necessidade de augmentar continuamente o numero destas disposições por novos decretos cada vez que um caso novo, differente do facto, mesmo previsto pela lei fundamental, por uma circumstancia por mais ligeira que seja, vem apresentar-se e fazer objecto de uma nova decisão. O codigo é de alguma sorte uma collecção de arestos pronunciados ha cerca de 4000 annos a esta parte, mais ou menos bem classificados e ligeiramente condensados e corrigidos á cada mudança de dynastia. »[1]

---

[1] Philastre, *Le code annamite etc.* Paris, 1876, pag. 3.

Não posso ter como um bom modelo a seguir o direito chinez, quando combati de modo absoluto a immigração do chim e mesmo a dos europeus, sem a condição da selecção, que deviamos fazer lá contra elles e não como elles a fazem aqui contra nós.[1] Não é muito repetir a difficuldade para chegar á solução das questões ethnographicas.

O Dr. Corre, que se tem dedicado a trabalhos de tal ordem, em um livro recente accumula dados e observações referentes a colonias de origem européa, mas as conclusões não correspondem ao estudo fundado nas observações pessoaes do autor e nas estatisticas judiciarias officiaes e particulares. Quero crer que isto aqui mostra simplesmente a difficuldade do assumpto.

Entretanto essas conclusões merecem registradas como as theses que o livro demonstra e receiando alteral-as simplesmente as traduzo: « Todas as raças humanas têm um mesmo fundo de sentimentos egoistas e antialtruistas, susceptiveis de arrastal-as em uma mesma via de reacções intrinsecas e extrinsecas. Estas crescem com as necessidades, reaes ou facticias. E' pois natural e logico que ellas sejam mais limitadas entre os povos infantes. De um modo geral, ha menos crimes propriamente ditos nos meios incivilizados que nos meios civilizados. A civilização então vale menos que o estado selvagem? Eu não pretendo responder por uma affirmativa antes do que por uma negativa absoluta. A civilisação contribue para destruir certos habitos ancestraes, certamente muito detestaveis, mas ella os substitue por vicios muito degenerativos. Ella é o meio de usura para as raças chamadas a se succeder umas ás outras sobre a grande scena da historia. Ella precipita o desapparecimento das raças menos resistentes, desbrava o terreno das rivalidades de segunda ordem, concentra seus effeitos sobre as raças mais intelligentes que ella torna mais sceleradas.— Fica sendo sempre a mascara de uma selvageria sem duvida indelevel sob o verniz do bom ou mau quilate que ella espalha.— E' particularmente perigosa, quando se impõe a raças que conservando seus caracteres originaes, a aceitam ou a supportam sem transição opportuna ou a despeito de sua incapacidade cerebral e social para

---

[1] *A immigração*, na *Revista do Norte*, Recife, 1891, pag. 121.

assimilar seus modos de ser. A colonisação é um dos seus processos de adaptação hypocrita e enganadora. Colonizar e civilizar, isto quer dizer: usar e abusar da força para explorar os fracos e se substituir a elles, constranger povos, na posse de habitos de sua conveniencia e muita vez muito moraes, a trocar estes por novos, para elles muito incompativeis com suas tendencias e muito corruptores. Que se cesse de repetir ou de querer dar a entender que isso é o equivalente de um melhoramento moral ou social para as raças submettidas. » [1]

Desejaria encontrar solução mais pratica, que talvez excedesse o plano do livro, porque si as reformas criminaes não são exequiveis, taes estudos não têm valor real e nos interessarão menos do que uma obra d'arte cujos caracteres e fins são muito differentes dos daquelles. Entretanto, seja-nos licito ainda recorrer ao citado autor, cujas palavras nos servirão de fecho sómente para salientar melhor do que poderiamos por nós fazer a novidade e a importancia do problema especial e a sua posição no quadro geral da questão da criminalidade, mas sem subscrever a critica muito absoluta, sinão injusta, ás novas escolas e a desconfiança nos legistas. « A criminologia scientifica, aquella que se inspira não nas abstracções metaphysicas e nos systemas imponderados dos legistas, mas nas causas reaes do attentado nas collectividades humanas, tem até aqui mostrado duas tendencias muito exclusivas. Ou bem, com a escola de anthropologia, chamada *lombrosiana*, ella não tem querido considerar sinão o ser impulsivo, sem levar em conta acções do ambiente sobre a genese dos phenomenos anormaes; ou, desprezando as condições intrinsecas, individuaes, ella não tem considerado sinão os factores derivados do meio, com a escola *sociologica*. Importa estabelecer uma base mais synthetica e pôr mais em relevo as relações muito intimas que existem entre os modificadores mesologicos e os sujeitos modificaveis, na evolução do organismo physico e psychico do refractario, do insubmisso, do homem em estado de incapacidade social ou de heterogenia social, no seio da agglomeração. Para servir de laço de união entre os estudos até aqui sabidos de uma e outra escola me tem parecido interessante escrever um livro, em que a dupla

---

[1] Dr. A. Corre, *L'ethnographie criminelle*, Paris, 1894, pag. 506.

influencia dos meios e das individualidades especificas seria exposta sobre o terreno da ethnographia. Muito amplo é o objecto. Não tem até aqui dado lugar sinão a raras monographias, nas quaes, quasi sempre, as particularidades ethnologicas tem sido sacrificadas a desenvolvimentos da medicina judiciaria sem grande originalidade. (Reservo lugar excepcional á curiosa obra de Chevers sobre a India). Era mister alargar o quadro e entretanto limital-o. Escolhi, para compôr a materia do meu livro um grupo de raças muito diversificadas, faceis de observar e sobretudo de comparar com seu denominador commum, de origem européa, o de nossas populações coloniaes. » [1]

Em nosso paiz, na materia especial da criminalidade Nina Rodrigues condensou no seu livro, essencialmente brazileiro, interessantes idéas sobre o assumpto. A messe é abundante, os segadores aproveitem-n'a, porque quanto a mim sou o primeiro a reconhecer que não fiz mais do que apontal-a.

João Vieira

---

[1] *Obr. cit.* Préface, V.

A SCIENCIA PSYCHICA[1]

SEGUNDO A THEORIA DE MYERS

II

As personalidades submergidas do EGO.—Já indicámos que as investigações psychicas divulgam, alem da consciencia empirica com que nos identificamos, outras phases mais profundas de personalidade, cujas manifestações formam o principal objecto dos novos estudos. A corrente superficial é apenas uma parte —talvez uma parte pequena—deste mar ainda mal sondado. A consciencia que resulta da evolução terrestre será o simples supplemento de outras, geralmente submergidas, mas pertencentes á mesma individualidade total. Ora, o que constitue principalmente uma personalidade — o que faz com que ella se conceba como o mesmo ser pensante das suas experiencias anteriores—é a posse de uma memoria serial; o que separa as personalidades do mesmo *ego* é a falta de connexão entre as memorias. As camadas mais profundas de ideação contêm muitas vezes registros correspondentes a lacunas da memoria superficial e factos que passaram desapercebidos para a experiencia da vigilia podem reproduzir-se em sonho, ou recorrer automaticamente em visões ou audições internas.

Disto encontra-se um exemplo frisante numa relação de experimentações visuaes publicada no *Proceedings*. A senhora que experimentava viu uma vez na esphera de crystal, que lhe servia

[1] Veja a *Revista* de 15 de Fevereiro.

para a evocação de quadros subjectivos, uma trepadeira em flor numa parede e, por mais que désse tratos á memoria, não se recordava de ter avistado em parte alguma semelhante conjunto de objectos. Tinha feito pouco antes um passeio com uma companheira. Resolveu-se, pois, a retraçar os passos no passeio seguinte e, fazendo a mesma volta, chegou a descobrir na realidade a mesma parede com a trepadeira que tinha enxergado no crystal. Lembrou-se, porém, que ao passar por este lugar pela primeira vez estava muito entretida em conversa com a amiga e que não tinha prestado a minima attenção aos objectos que a cercavam.

Até as memorias apparentemente perdidas para sempre tornam ás vezes a encontrar-se nos *substrata* da consciencia; e assim é que aquelles doentes hystericos cujo horizonte consciente se tem restringido com a molestia recuperam depois de lançados no estado hypnotico as faculdades perdidas e identificam-se com uma memoria muito mais lata.

Os factos observados não revelam sómente outras series de reminiscencias, como tambem outros modos de sentir e querer, co-existentes na mesma pessoa com os sentimentos e volições da consciencia empirica. E não é a « vivisecção psychologica das pobres rãs humanas da Salpétrière », victimas da desintegração psychica, que serve de base unica para esta theoria. Pelo contrario, as melhores observações se fazem em pessoas cujas faculdades são intactas e cuja intelligencia é regular ou superior.

Das diversas phases de personalidade que constituem o *ego* manifesto, umas são restrictas, outras bem extensas; mas o simples facto da submersão de uma consciencia não indica necessariamente a sua inferioridade. Com effeito, a personalidade somnambulica, usualmente submergida e ignorada, mostra em alcance mnesico notavel superioridade, abrangendo, alem das recordações proprias, as da vigilia e por vezes as de outros estados intermediarios. Sendo assim, o termo « subconsciencia » para designar as phases mais profundas de personalidade não é de modo algum adequado. Uma subconsciencia seria alguma cousa menos do que consciencia — uma mera dependencia della; assim como um suburbio não é cidade, mas uma dependencia de cidade.

Attribuir neste terreno tambem tudo a elaborações cerebraes inconscientes seria empregar em absoluto o que, segundo a nossa

theoria, é apenas relativo á ignorancia em que está uma phase da personalidade para com outras. Dissemos ácima duas palavras sobre a supposta inconsciencia de certas operações da mentalidade usual, rejeitando a supposição como falsa ou pelo menos como inverosimil. Ora, na materia psychica os pronomes a elucidar apresentam feições semelhantes ás dos phenomenos reconhecidamente conscientes e, portanto, impõem ao theorico o emprego de uma terminologia que, evitando a influencia de hypotheses preconcebidas, esteja mais de accordo com os factos verificados. O Sr. Myers, provendo a este *desideratum*, dá o nome «supraliminal» á consciencia empirica da vigilia, producto evidente da adaptação do individuo ao meio em que vive — e chama «subliminal» a consciencia mais profunda e menos em evidencia, cujas modalidades, como vimos, formam a materia prima dos estudos psychicos.

Os phenomenos de motilidade, sensibilidade e intelligencia se dividem, pois, em supraliminaes e subliminaes e porque uma serie de intellecções desconheça as outras, não prova mais que essas outras sejam inconscientes do que a ignorancia de psychoses alheias prova a falta de uma consciencia propria em outros individuos.

Mas ha outras razões mais positivas que militam contra a celebre theoria de Hartmann. Quando uma personalidade normalmente submergida vem á superficie, tornando-se passageiramente supraliminal, assoma com todos os caracteristicos da consciencia, embora a sua memoria continue desligada da memoria empirica. Mais: com inteira inconsciencia do *ego* empirico pode-se durante a vigilia abrir communicação com um personagem somnambulico, obtendo delle, medeante a escripta automatica, a narração exacta do que acontece quando está de posse dos orgãos.

Assim fizemos no caso de um certo Aurelio, hespanhol noctambulo, que se achava hospedado numa casa da Tijuca. Calado e abatido no estado normal, mostrava-se no seu segundo estado verboso e emocinal, sujeitando-se de boa vontade ás experiencias; mas depois de despertado esquecia-se em acto continuo de todo o occorrido. Duas vezes o acordámos para fazel-o segurar logo depois no lapis e então, com mais sorpreza delle do que nossa, a mão escrevente respondeu fielmente a perguntas sobre os actos praticados durante o accesso.

Maravilhosas são as extensões das faculdades humanas reveladas pela exploração da região subliminal. Dum lado as experimentações hypnoticas demonstram a possibilidade de modificações organicas que excedem aos poderes da volição normal. Doutro lado os factos propriamente psychicos penetram bem avante nas paragens supersensitivas duma intelligencia transcendente. Prolongam-se indeterminadamente, numa direcção as actividades physiologicas, e em outra as actividades psychologicas, já recuperando funcções antigas e atrophiadas, já attingindo a um funccionamento ainda não alcançado pela personalidade supraliminal.

O verdadeiro *ego*, pois, é mais do que aquillo que actualmente suppomos ser. O *ego* delineado pelos estudos psychicos contem — alem das suas relações com o mundo objectivo pelos sentidos especializados — outros modos de ser, outras faculdades, adaptadas, não tanto ás lutas da vida terrena, como ás possiveis necessidades de uma existencia espiritual.

III

Os automatismos nunciativos. — As diversas phases da consciencia não são tão isoladas que não se communiquem frequentemente entre si, sendo reforçada a psychose supraliminal pelos impulsos motores, sensibilidades, ideias, raciocinios e volições das camadas subjacentes. Estes subsidios chegam á superficie já elaborados, effectuando-se a transmissão por varios processos ainda mal comprehendidos, mas que mui acertadamente se chamam automaticos.

Ora, por automatismo entende-se geralmente o resultado da educação das faculdades supraliminaes, segundo o qual as series ideaes ou motoras, uma vez estabelecidas, tendem a repetir-se com facilidade inversamente proporcional ao esforço consciente. Parece-nos que um só acto de volição preside a reacções cerebraes complexas, de que a consciencia, perdendo de vista os elementos componentes, toma conhecimento como dum todo.

Mas os automatismos chamados pelo Sr. Myers «nunciativos» — isto é os processos, que estabelecem communicação entre as camadas da consciencia — differem do automatismo reconhecido na physiologia

porque, segundo as apparencias, não resultam necessariamente de habitos formados e podem assomar a primeira vez tão perfeitos como nas repetições. No mais, merecem o nome que se lhes deu, porque representam series complexas, tanto motoras como sensoriaes, inconscientemente constituidas no que diz respeito á cognição supraliminal, que directamente não se pode scientificar da fonte da ideação ou do movel dos actos. Em visões subjectivas involuntarias podem vir retratadas scenas que não têm o precedente das associações usuaes; na escripta automatica os movimentos — involuntarios tambem, mas perfeitamante coordenados — da mão que escreve podem traçar pensamentos estranhos ao modo usual de pensar, ou referir factos que excedem os limites dos conhecimentos empiricos, sendo os dois casos exemplos de uma acção — consciente apenas nas camadas subliminaes.

Suppomos que a influencia exercida por uma phase de personalidade sobre outra seja na maioria dos casos tão subtil que passe desapercebida; mas ás vezes o automatismo nunciativo assume o caracter de um jacto que, vindo das profundezas, invade a região da superficie com impeto vulcanico. Em alguns exemplos disto a personalidade supraliminal se acha esbulhada inteiramente, como costuma succeder na hysteria e na insania, onde prevalecem personalidades morbidas; e em geral nota-se uma tendencia á dominação daquella phase de consciencia que dá origem ao influxo. Assim é que as allucinações visuaes são acompanhadas frequentemente dum estado que se avizinha ao do somnambulismo. A isto corresponde nos automatismos motores viva sensação de influencia alheia, de que temos exemplo na psychographia spirita, o medio submettendo-se, ao passo que escreve, á invasão, ás vezes completa, da personalidade que dita as palavras.

São varios os modos das communicações que passam de uma para outra camada da consciencia. Podem consistir meramente em varias emoções, como anciedade, tristeza, alegria — ou em intuições intellectuaes sem acompanhamento de imagens sensiveis e sem estimulos á actividade. Ou poderiam assumir a forma de automatismos sensoriaes ou motores, os primeiros (chamados tambem passivos) comprehendendo os casos de impressão allucinatoria dos sentidos, os segundos os impulsos á acção que são independentes da vontade supraliminal. Não precizamos dizer que esses elementos

emocionaes, intuitivos, sensoriaes e motores não se excluem necessariamente uns aos outros, mas, sim, existem não poucas vezes de combinação em semelhantes influxos subliminaes. Uma visão, por exemplo, pode formar o incentivo de um acto; um elemento emocional, mais ou menos pronunciado, acompanhan aturalmente certas allucinações e ás vezes chega a precedel-as, servindo-lhes como de prenuncio. Para resumir, pois, os automatismos que intelligenciam entre as camadas da consciencia se podem dividir em *a*) emoções simples e intuições intellectuaes; *b*) automatismos sensoriaes ou, por outra, passivos; *c*) automatismos motores ou, por outra, activos; *d*) automatismos mixtos.

Commum pela hypothese a todos os entes humanos, esta faculdade nunciativa é muito mais assinalada em alguns individuos do que em outros e em todos é caracterizada pela apparente espontaneidade. Das muitas pessoas sãs que uma ou outra vez durante a vida têm experimentado allucinações dos sentidos — essas formas mais salientes de jacto subliminal—raras são aquellas que as teriam induzido por praticas ou crenças anteriores. Mas no espiritismo e nas pesquizas psychicas, alem da investigação de casos espontaneos, procura-se estudar os phenomenos automaticos e o seu importe, provocando-os e empregando para este fim meios em parte artificiaes. Os investigadores se reunem em grupos pequenos commoda e socegadamente e tentam obter medeante o somnambulismo, o lapis, a plancheta ou a mesa oscillante — se são espiritistas—communicações d'alem tumulo —se são estudantes da psychica —transmissões do pensamento. A evocação de memorias e imaginações pictoriaes pela fixação da vista em objectos transparentes — geralmente uma esphera de crystal — a provocação de audições internas pela concha apertada contra o ouvido, são recursos de que ultimamente têm lançado mão com exito os pesquizadores mais scientificos.

Estes e outros meios são até certo ponto efficazes em sondar as profundezas do espirito humano. Mas até na experimentação as manifestações obtidas soem esquivar-se á direcção do experimentador, mostrando-se summamente caprichosas.

Está visto que semelhantes tentativas servem para muito mais do que mero passatempo ou satisfação da curiosidade. O pesquizador fica cada vez mais convencido da importancia directa de suas investigações para os problemas da ontologia e da importancia.

indirecta que terão no terreno da moral. Quem nunca désse attenção á nova sciencia do homem estudado pela psychica pouco desconfiaria de quanto se pode attribuir a essas fontes occultas de energia conceptual e activa e de quanto podem influir em nosso labutar diario. E' possivel que se formem resoluções até durante o somno que inconscientemente são postas em effeito durante as horas da vigilia. Nos actos usuaes da vida haverá muito suggestionado sem o conhecimento supraliminal pelas camadas subjacentes; muito pode formar parte dos nossos conceptos superficiaes que nunca fôra supraliminalmente percebido. Ha conclusões tiradas com ignorancia das premissas; ha convicções repentinas e sem causa apparente que, dando para o bem, podem melhorar o individuo permanentemente e, dando para o mal, podem atiral-o até para a ruina moral e intellectual.

Como typo fundamental desta inter-acção entre as camadas da consciencia, temos a suggestão intima, cuja operação deveriamos postular, se fosse sómente para comprehendermos a efficacia das suggestões provenientes de outras pessoas. Da parte dos que tratam de residuaes e insignificantes os factos que occupam a attenção dos nossos pesquizadores ha reluctancia em admittir illações tão latas. Mas assim como o estudo das reacções chimicas é o unico que nos pode levar ao conhecimento da sciencia que nellas se baseia, assim tambem o estudo dos phenomenos psychicos é o unico proprio a nos inteirar da natureza da psyche verdadeira e das capacidades do *ego* maior.

IV

O material das percepções e sua modificação pela intelligencia subliminal.—Debaixo do limiar da consciencia existem, na frase do Sr. Myers, « riquissimos thesouros pictoriaes ». A *mise en scène* dos sonhos, a procissão involuntaria das imagens hypnagogicas, que precedem o somno, assomando ás vezes com admiravel vivacidade, as proprias allucinações da molestia evidenciam a capacidade de visualização das camadas subliminaes. Mas, superior a essa simples materia prima do pensamento, divisa-se tambem uma intelligencia coordenativa, exercendo discrição na escolha dos materiaes e na applicação de suas faculdades mysteriosas.

Da acção destas não faltam exemplos. Ha individuos cujo pensar é facilitado por quadros subjectivos de ideação e que se recordam de datas ou effectuam operações numericas com o auxilio de quadros visuaes. Sir John Herschell fala de figuras geometricas que se apresentavam deante de sua vista interior. Uma pessoa mediocre teria julgado com grosseiro bom senso que semelhantes experiencias não merecessem attenção seria. Herschell, porém, se preoccupou com ellas e, precursor do Sr. Myers na sua theoria, deu-as como «indicio de um pensamento, de uma intelligencia activando-se no intimo do nosso organismo.» Como provas notaveis de selecção subliminal temos as analgesias produzidas pela suggestão nas quaes se observa uma escolha subjectiva de inhibições independentes do mero agrupamento dos nervos—e as anesthesias systematizadas das allucinações negativas, onde suppressões complexas, que não correspondem a verdadeiras areas de innervação, mostram uma adaptação intelligente de meios para um fim.

A intelligencia que assim armazena e utiliza os perceptos, tanto os mais profundos, como os fornecidos pelas faculdades supraliminaes, sujeita-os, como se vê, a processos modificativos.

Ora, é instructivo notar que um mesmo percepto pode occupar planos bem diversos da consciencia, já avançando para relações mais estreitas com o mundo objectivo, já recuando para a intimidade do mundo subjectivo. Na fronteira ou vertente entre essas duas tendencias o Sr. Myers colloca as synesthesias dos sentidos especializados. Quando, por exemplo, o som de uma pancada forte provoca no percipiente—alem da audição—a sensação de uma côr vermelha (*audition colorée*), temos um percepto, subjectivo quanto á visão, mas proveniente indirectamente de uma causa objectiva. Tomando este caso como ponto de partida, achamos que os phenomenos visuaes são capazes de uma externalização cada vez maior. Depois da côr provocada pela audição vem a luz produzida pelo electrisar do nervo optico, a phosphorescencia (phosphene) causada pela pressão no globo ocular, as figuras de Purkinje e as chamadas moscas volantes ou pontos pretos entopticos observados quando se olha para um ceu claro. Seguem-se na ordem da externalização as imagens posteriores—isto é, as que se reproduzem na retina quando se retiram os olhos de objectos bem allumiados—as percepções usuaes da

vista e a visão auxiliada pelos recursos artificiaes, como sejam os oculos, as lunetas, o microscopio, etc.

Partindo, agora, da mesma synesthesia para o interior, observamos semelhante gradação no internar dos nossos perceptos. Mais perto da superficie estão as imagens da memoria seguidas pelas da imaginação; depois vêm as imagens provocadas pela suggestão, as rehavidas pela hypermnesia e finalmente as que se podem attribuir á clarividencia. Ao passo que as visualizações desta serie chegam a prender a attenção, sente-se nellas um movimento para fora ou, em outras palavras, uma tendencia a assumir cada vez mais o caracter da percepção externa.

Como já levamos dito, falando de doentes hystericos, os factos hypermnesicos nos fazem suppor que muita memoria apparentemente dissolvida interna-se apenas e pode de repente adeantar-se do modo descripto com toda a clareza de uma imagem posterior. Mas commummente as impressões especiaes recebidas pelos sentidos são fundidas pela intelligencia subliminal em formas typicas e geraes. Os perceptos que se esquivam ás associações supraliminaes, filtrando atravéz das camadas da superficie, tendem a renascer como symbolos da imaginação e, no caso dos sonhos, se acham ás vezes dramatizados pela fusão com ideias emocinaes. Si na serie de imagens externadas se nota uma especialização gradativamente accentuada, na serie internada nota-se uma generalização, e este facto, bem analysado, parece indicar que os sentidos especiaes tenham connexão principalmente com a consciencia empirica e que a perceptividade subliminal não seja necessariamente dependente do mecanismo optico ou acustico. Com effeito, é provavel que a forma sensorial ou motora revestida por um automatismo nunciativo seja em si supraliminal, tendo lugar a transmissão do influxo pelos orgãos mais facilmente affectados pela intelligencia interior.

ALFREDO ALEXANDER

(*Continúa*)

BIBLIOGRAPHIA

11.—**Pernambuco, seu desenvolvimento historico**, por M. de Oliveira Lima com quatro retratos, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1895, in-8.º, 327 pags.

E' este o titulo de uma notavel monographia publicada recentemente em Leipzig pelo joven pernambucano, M. de Oliveira Lima, que se revela nesse primoroso trabalho um escriptor de raça pelos dotes do seu espirito e pelas brilhantes qualidades do seu estylo. O livro nos dá muito mais do que promette o seu titulo modesto. O A. não se propoz como elle nos adverte, a escrever uma historia esquadrinhada nos acontecimentos menos importantes e corrigida em datas e cifras mediante documentos desconhecidos: quiz dar-nos o quadro, desenhado a traços largos, da nossa evolução politica e social nos quatro seculos da historia que contamos, procurando relacionar os factos pernambucanos com a marcha da civilisação brazileira e prendel-os aos acontecimentos do velho mundo, de que elles foram effeito ou reflexo. Trata-se pois de um estudo historico-philosophico, tendo por base a historia da grande capitania de Pernambuco, donde irradiaram a colonisação e a civilisação para todo o resto do Brazil septentrional. O autor desempenhou esse programma com a superioridade de vistas de um espirito lucido e perfeitamente cultivado pelo estudo da historia e das sciencias sociaes, sempre cuidadoso de receber as suas impressões em primeira mão, investigando as fontes historicas, os documentos contemporaneos das epocas que descreve. O erro da realeza e da aristocracia portuguezas, que desprezaram o Brazil e não souberam tirar proveito do commercio e das Indias Orientaes, é severamente apreciado. «O portuguez pensou sempre mais em acommetter e roubar o hindú do que em convertel-o, e isto mesmo sem methodo, porque em materia de commercio nunca se chegou na peninsula á concepção de um systema vantajoso. Lisboa foi no seculo XVI, periodo de sua maior prosperidade, um mero entreposto por onde transitavam caminho de Flandres as cargas ultramarinas. O reino não soube crear relações mercantis com as outras nações da Europa e na India toda a politica colonial consistiu em uma ladroeira aventurosa, na qual fraternisavam o rei e o soldado.» A miseria da fazenda publica, porém obrigou D. João III ou antes o seu ministro conde da Castanheira a voltar as vistas para o Brazil; e como aqui não havia riquezas accumuladas a esbulhar, forçoso foi adoptar-se uma politica colonial. Della resultou o feudalismo brazileiro que, como todas as instituições humanas, durou emquanto aproveitou ao progresso, facilitando a povoação de toda a costa, garantindo a independencia dos donatarios e dando incremento ao espirito local. Desenvolvendo-se máu grado a centralização dos seculos seguintes, esse espirito

local veio a constituir um traço saliente da nossa historia. A hegemonia de Pernambuco no norte foi definitivamente assegurada pela administração sizuda de Duarte Coelho, espirito serio, reflectido e energico, comquanto as primeiras villas do seu feudo, Olinda e Iguarassú, separadas cinco leguas uma das outras, revelassem ainda nesta escolha a incapacidade commercial dos portuguezes. O apparecimento dos jesuitas no Brazil coincidiu com as primeiras tentativas (sempre por elles favorecidas) de centralização do poder e absorpção das capitanias pela corôa. Na metropole, os filhos de Loyola chegaram um momento a levar a cabo os seus propositos, manietando a educação e dominando a administração: na colonia brazileira porém, varrida de um ar mais sadio, o plano desfez-se de encontro ás resistencias dos moradores que por toda a parte lhes armaram conflictos. Certo é que nós lhes devemos um bem: o estar limpa a nossa historia da macula funebre da inquisição perfida e sanguinaria, e inimiga natural da ordem que antepunha a intolerancia á benignidade. Tambem lhes deve ser levado em conta o obstaculo opposto á escravização dos indios, empenho em que perduraram tenazmente até serem expulsos do Brazil. Entretanto o espiritualismo Christão invocado pelos jesuitas não serviu para embaraçar a importação dos africanos, rudes trabalhadores requeridos pelos colonos com pleno assentimento real. O trafico de negros com todos os seus horrores que ainda nossos pais presenciaram, augmentou na razão directa da protecção dispensada aos indios, e nunca provocou um protesto do missionario a favor do africano! Nos começos do seculo XVII Pernambuco e as colonias visinhas por elle fundadas, as quaes se extenderam até o Pará, medravam todas sem excepção: augmentou a producção e a riqueza, e com ella o luxo e a distensão da moralidade. Os francezes, terriveis inimigos dessas colonias nascentes, foram afinal vencidos. Mas justamente nesse momento appareceu um outro inimigo mais terrivel ainda.— Aqui não nos pudemos furtar ao prazer de trancrever litteralmente uma das mais bellas paginas do livro: «Crescia a fortuna hollandeza e simultaneamente a sua audacia. Vencedores, como foram durante oitenta annos, dos aguerridos terços catholicos de Flandres: navegando victoriosos no Oriente onde, expulsos os arabes e venezianos, mandavam exclusivamente os portuguezes: era natural que os filhos do Mar do Norte tambem procurassem extender á America o seu imperio maritimo, sobre que firmassem a preponderancia commercial, objectivo de toda a expansão neerlandeza. A transbordante fé religiosa que acompanhava os peninsulares nas expedições longiquas, na pessoa dos missionarios apaixonados, murchara com o sopro austero do livre exame enthusiasticamente abraçado pelas Provincias Unidas. Não se armavam no *frio* e *alagado inferno* do padre A. Vieira expedições em nome de Christo e para a propagação da sua doutrina de paz..... O que Amsterdam pretendia, era encher os seus armazens das pedras preciosas, dos assucares e outros generos coloniaes com que Portugal suppria as lojas de Bruges e de Gand, das sedas, brocados de ouro e chamalotes da Italia, das lans da Hespanha, dos pannos e estofos da Inglaterra... As duas companhias, das Indias Orientaes e Occidentaes, pondo em acção o admiravel espirito de associação que ainda hoje encontra-se na Hollanda, obedeceram exactamente á idéa *mercantil*, na formula exclusivista do momento historico. As colonias portuguezas, bruscamente arrancada a metropole á velha neutralidade, viram-se de subito duplamente expostas aos ataques dos novos navegadores, não menos ousados do que os cantados por Camões: já pelo seu valor e prosperidade, já por representarem as suas occupações, outros tantos golpes dados no orgulho dos Filippes e no poderio da Hespanha.»— O dominio hollandez no Brazil é estudado nas suas tres phases da conquista, organização e administração da colonia e revolta dos moradores com o mesmo conhecimento dos factos, o mesmo acerto nos conceitos e elegancia de fórma. Essa parte do livro é por si só uma monographia que deixa no segundo plano a de Varnhagen, como esta supplantara

a de Netscher. Que vestigios deixou entre o povo do Norte a variegada invasão hollandeza? Uma sêde ardente de liberdade, mais pronunciada do que em qualquer outra porção do Brazil, suscitando entre os dominados a noção de patria. Mas essa sêde de liberdade não impediu que com a expulsão dos hollandezes Pernambuco entrasse no regimen a que já andavam sujeitas todas as demais capitanias do Brazil, o da administração de caracter militar, geralmente tacanha, cupida e brutal que frequentemente se maculou de opprobrio e varias vezes se tingiu de sangue. A hostilidade latente dos moradores pernambucanos dados á agricultura contra o elemento portuguez dado ao commercio fez explosão em 1710 na celebre guerra dos *mascates*, em que surgiram as primeiras velleidades republicanas suffocadas com mão de ferro pela metropole. A decadencia de Pernambuco, principalmente determinada pela descoberta do ouro em Minas, que monopolisou todas as energias capazes de um arranco pela fortuna, continuou ininterruptamente durante todo o seculo XVIII. Só no começo deste seculo Pernambuco se tornou a levantar favorecido pelas guerras napoleonicas, aniquilamento da possessão de S. Domingos e desastres das colonias hespanholas e inglezas, e com o melhoramento da situação economica readquiriu a sua influencia na politica do paiz. Apezar dos esforços da metropole, infiltrou-se no Brazil o jacobinismo francez, concretisando-se especialmente em Pernambuco para manifestar-se por uma revolução armada em 1817.—A ultima terça parte do livro e de todas quiçá a mais interessante é dedicada a estudar em suas causas e effeitos as duas revoluções republicanas de 1817 e 1824, e em seguida as lutas dos partidos nos periodos da regencia e do 2º reinado até o ultimo lampejo do espirito revolucionario em 1848, apresentando-nos esse estudo um trabalho *d'ensemble* que não se encontra em nenhum outro livro com a mesma ligação e desenvolvimento. Depois destes eventos (conclue o autor) e mercê especialmente da acção nimiamente conservadora do imperio, a influencia pernambucana diluiu-se na marcha geral, quasi parallela, dos nucleos da civilisação brazileira, deixando de representar o papel saliente das passadas epocas, sem comtudo cair no aviltamento da mera vida reflexa. «Na nova phase da existencia brazileira esse historico Estado do Norte se acha destinado ao mais espançoso futuro. Ao contrario dos outros estados e apezar do seu ceu benigno e da fertilidade dos seus campos, elle se tem conservado ao abrigo das levas de immigrantes europeus, que parecem querer submergir o sul numa inundação de estrangeirismo. Ali subsistirá com effeito o Brazil, quando um dia, não se havendo opposto um dique á maré enchente dos asylados de outros continentes, a nossa nacionalidade se tiver afundado numa mestiçagem eteroclita de raças e numa divergencia esterilisadora de sentimentos!»—Nas ultimas paginas do livro, o autor enuncia o seu juizo sobre os desacertos, porventura faltas do segundo reinado e assinala as causas da queda da monarchia, rendendo ao mesmo tempo homenagem á memoria do finado monarcha que comparece serena perante o juizo da historia, escoimada de quaesquer manchas de sangue ou de quaesquer nodoas de vergonha. Certo é porém que o segundo imperador enganou-se, e não raro durante o seu longo reinado, e entre os seus erros o autor com razão aponta a «usurpação systematica, que patrocinou e exerceu, das inclinações unitaristas sobre a monarchia federativa, esboçada sinceramente, num largo respeito ás liberdades provinciaes, pelo Acto Adicional de 1834.» Lamenta que a Constituição de 24 de Fevereiro, inspirada por um mal dirigido americanismo, sanccionasse o estabelecimento do regimen presidencial, consagração legitima do poder pessoal (tão exprobrado a Pedro II), ás pressas aclimatada numa terra de tradições parlamentaristas, onde a educação politica, maxime a das classes inferiores, está por fazer. Preoccupa-o o militarismo, oriundo da «audaciosa sorpresa» a que é devida a proclamação da republica, e procura a solução desse temeroso problema da nossa politica interna na educação nacional, «em que principalmente

deve consistir o nosso objectivo hodierno, e as condições primordiaes de florescencia da educação civica elle as encontra «nos exemplos dignos das classes directivas, na moralidade inatacavel do governo, no desvendar pela propaganda de horisontes menos estreitos do que os indicados pela politica de interesses, no alargamento e disseminação da instrucção, base de qualquer evolução firme.» Tambem ao clero pertence um nobilissimo papel na instigação de semelhante evolução: «o de manter, especialmente entre as classes inferiores, mais accessiveis ao seu influxo, os sentimentos de fervor religioso, dignidade privada e calido patriotismo.» Pudesse a opinião esclarecida apoiar-se nas camadas mais densas da população, «o militarismo administrativo contaria curta e amarga vida», e o eixo do poder deslocar-se-ia com firmeza, «passando o principio da autoridade a andar consubstanciado unicamente no elemento civil».—Eis em imperfeita synthese os pontos capitaes do erudito e consciencioso trabalho do Dr. M. de Oliveira Lima.—José Hygino.

12.—**La Philosophie positive d'Auguste Comte** Condensée par Miss Harriet Martineau, traduite de l'anglais par Ch. Avezac Lavigne, deuxième édition ornée d'un portrait en heliogravure. Tome premier, Paris, Louis Bahl, libraire, 14, rue Chauveau Lagard, Rio de Janeiro F. Briguiet & Cie., Livraria Internacional, 16 e 18, rua Nova do Ouvidor, 1894, in-8º, 549 pgs.

Os mesmos editores que não ha muito nos deram em reimpressão facsimile uma nova edição da Geometria analytica de Augusto Comte, nos dão agora o 1º volume da maravilhosa condensação que da obra capital do celebre philosopho, o *Cours de Philosophie positive* fez Miss Martineau. Publicada ha mais de quarenta annos o trabalho da illustre pensadora ingleza achava-se, na edição franceza ao menos, completamente esgotado. Poucos são os que têm tempo, gosto ou competencia para se informarem da philosophia positiva, mediante os 6 grossos volumes da redacção pouco elegante, diffusa e difficil do seu fundador, e por outro lado nenhum homem que se prése de culto pode ignorar essa obra que, quaesquer que tenham de ser os seus destinos e sejam quaes forem as nossas opiniões, ficará na historia da evolução intellectual da humanidade, como uma das mais geniaes e fecundas tentativas de synthese dos conhecimentos humanos. No Brazil, principalmente, onde graças á rarissima dedicação de dous eminentes corypheus dessa philosophia, tem ella tido uma influencia, cujos meritos ou demeritos não vem de molde discutir, não nos é licito ignoral-a. Bom serviço, portanto, fizeram os editores F. Briguiet & C., dando a lume esta nova edição de um livro que dá em dous volumes de uma leitura relativamente facil a summa de toda uma vasta e complexa philosophia de maneira a merecer do seu fundador o elogio de ser «um trabalho sem exemplo, em que a consciencia e o talento estão sempre de harmonia» e no qual desde então deveria de preferencia ser estudada aquella sua obra fundamental.—J. V.

INDICE DO TOMO I

PAG.

A « REVISTA BRAZILEIRA » artigo da Direcção 1
PEDRO BARQUEIRO, conto, por Affonso Arinos 4
FEDERAÇÃO E REPUBLICA, por Medeiros e Albuquerque 13
MACHADO DE ASSIS, por T. A. Araripe Junior 22
HISTORIA DO DIREITO NACIONAL, por Sylvio Roméro . . . . 29, 169 e 212
ESTUDOS DE LINGUISTICA. I—VERBOS SEM SUJEITO . . . . . 39 e 108
II—A COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES . 301
A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES, por Carlos Parlagreco 47
SONHOS FUNESTOS, drama em verso, de Rodrigo Octavio . . 65, 145 e 257
A FABRICA DE FERRO DE S. JOÃO DE IPANEMA, por João Pandiá Calogeras . . . . . 83, 179 e 290
A DIVIDA, conto, por Arthur Azevedo 96
A OROGRAPHIA BRAZILEIRA, pelo Barão Homem de Mello 116
UMA ESCRAVA, conto, por Magalhães de Azeredo . . . . . 129 e 220
O ESTUDO DA LEGISLAÇÃO COMPARADA, por J. C. de Souza Bandeira . . . . . 137 e 315
A SIMULAÇÃO DA LOUCURA POR ALIENADOS, pelo Dr. Marcio Nery . . . 162
A TAPÉRA, novella, por Coelho Netto . . . . . 193 e 329
A SCIENCIA PSYCHICA SEGUNDO A THEORIA DE MYERS, por Alfredo Alexander . . . . . 200 e 378
A ESTHETICA DE POË, por T. A. Araripe Junior . . . . . 228 e 355
A SCIENCIA DA HISTORIA, por Fausto Cardoso 237
UM LITERATO ARGENTINO — D. MARTIN GARCIA MÉROU, pelo Visconde de Taunay 280
A REVOLTA DE 1720 EM VILLA-RICA, por J. P. Xavier da Veiga 336
PONTES PORTATEIS, por Paulo Ferrand 348

ETHNOGRAPHIA CRIMINAL, por João Vieira de Araujo. 362
BIBLIOGRAPHIA : Delgado de Carvalho Junior — *Nova Grammatica alleman*, por Said Ali, 56; José Verissimo—*A Nova Escola Penal*, por Viveiros de Castro, 57; *Gregorio de Mattos*, por Araripe Junior, 124: *Concurso Literario*, por Agenor de Roure, 252: *Chronicas e Novellas*, por Olavo Bilac, 254: *Guido*, por Maria do Carmo de Mello Rego. 255; *Archivo do Estado de S. Paulo*, 255; *Festas e tradições populares do Brazil*, por Mello Moraes Filho, 327; *Os livros de 1894*, 58; *La Philosophie positive d'Auguste Comte*, condensée par Miss H. Martineau, 390; Dr. Fortunato Duarte—*Historia dos tres grandes capitães da antiguidade*, pelo Dr. Cezar Zama, 187: Dr. Julio de Moura, *Nevrose Mystica*, por Americo Raposo, 253; José Hygino, *Pernambuco, Seu desenvolvimento historico*, por M. de Oliveira Lima, 387 :
NOTICIAS DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES. . . . . 62 e 191
NOTAS E OBSERVAÇÕES. . . . . 64 e 127

New-York Life Insurance Company

A NOVA-YORK

Companhia de Seguros de Vida Fundada em 1845

FUNDO DE GARANTIA MAIS DE 700 MIL CONTOS DE RÉIS

ESCRIPTORIO CENTRAL DO BRAZIL:

RIO DE JANEIRO - RUA DO HOSPICIO 31

PLANOS E TABELLAS

O plano da **APOLICE DE ACCUMULAÇÃO** offerece as maiores vantagens sem impôr restricções algumas com respeito a occupações, residencias, viagens ou causas de morte, se as condições do proponente estiverem satisfactorias na época em que se segurar.

No caso de fallecimento em **serviço militar** seja obrigatorio na Guarda Nacional, **seja como voluntario,** a Companhia pagará o seguro integralmente mesmo no **primeiro anno.**

A. Hasselmann

GERENTE

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Está plenamente justificada e reconhecida a evidente acção da MAGNESIA sobre as molestias gastro-intestinaes.

E' pois, baseado nos principios de tão salutar agente da materia medica, ha longo tempo introduzido com vantagem na medicina, que, animou o pharmaceutico Granado, preparar, submetter a analyse chimica e approvação das autoridades sanitarias a

MAGNESIA FLUIDA DE GRANADO

em seus effeitos e applicações, analogas a de "Murray", aconselhada pela sua therapeutica levemente *laxativa, aperitiva, e estomachica,* para dissipar a *acidez, eructação, nausea, vomitos, perturbação gastrica, cardialgia, dyspepsia, espasmo, nevrose estomacal, irritação dos intestinos,* etc., etc.

USO

Adultos.—Aos calices ou ás colheres, conforme a indicação dos Srs. clinicos.

Crianças.—A's colheres e como acima.

AGUA INGLEZA DE GRANADO

APPROVADA PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

E' um poderoso agente therapeutico, *tonico, anti-febril e aperitivo,* indicado com muito proveito no tratamento da *anemia, leucemia, chlorose; nas infecções malarica, typhica, puerperal, purulenta* e em todos os estados *morbidos, dyscrasicos e dystrophicos.*

Este importante producto pharmaceutico, tem merecido os mais honrosos certificados de respeitabilissimos Srs. Medicos clinicos, como se evidencia do prospecto que acompanha o frasco de **Agua Ingleza de Granado.**

Pharmacia e Drogaria GRANADO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12 — RIO DE JANEIRO

XAROPE ANTI-CATARRHAL

CARDUS BENEDICTUS

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Excellente medicação *tonica, diaphoretica e expectorante,* therapeutica indispensavel para o tratamento em todas as idades, da *bronchite* antiga ou recente, *rouquidão, inflammação do larynge, dôr e oppressão do peito, tosse, catarrho pulmonar* e outras affecções das vias respiratorias.

Estes incommodos geralmente são aggravados pelos resfriamentos, mudança brusca do tempo ou quando o enfermo, abusando das suas forças, commette excessos; n'estes casos é aconselhado o uso do **Xarope Anti-catarrhal,** como *poderosissimo calmante e expectorante* das mucosidades que se accumulam nos bronchios. Vide prospecto para seu uso.

Pharmacia e Drogaria GRANADO — Rua Primeiro de Março, 12 — Rio de Janeiro

VINHO

Reconstituinte

CARNE, LACTO-PHOSPHATO DE CAL E PEPSINA GLYCERINADA

DO

Pharmaceutico GRANADO

APPROVADO PELA INSPECTORIA DE HYGIENE

Na preparação d'este valioso tonico e reconstituinte, é empregado o *purissimo vinho* importado directamente de acreditados centros productores.

As conhecidas propriedades *medicamentosas das substancias* que entram na excellente formula do **Vinho Reconstituinte de Granado,** o tornam preferivel e indicado em todos os casos de *debilidade, anemia, chlorose, lymphatismo, escrophulas, rachitismo* e principalmente nas enfermidades do peito e na *tuberculose pulmonar incipiente.*

O frasco é seguido do directorio para seu uso.

BANCO DA REPUBLICA DO BRAZIL

9, Rua da Alfandega, 9

ESQUINA DA DA CANDELARIA

TELEPHONE N.

CAPITAL	**150.000:000$000**
FUNDO DE RESERVA, c[especial	**67.537:350$325**
FUNDO DE RESERVA	**2.774:957$090**
LUCROS SUSPENSOS	**3.882:700$894**
ULTIMO DIVIDENDO, distribuido por acção	**6$000**

PRESIDENTE

Francisco Rangel Pestana, Dr., r. D. Marianna, 9.

VICE-PRESIDENTE

Fernando Lobo Leite Pereira, Dr., trav. Senador Vergueiro, 6.

DIRECTORES

Antonio José de Lima Castello Branco, Dr., trav. de S. Salvador, 32.
Luiz Alves da Silva Porto, Commendador, r. Marquez de Olinda, 14 V
Thomaz José Coelho de Almeida, Cons., r. Larangeiras, 21.
Frederico Duval, Commendador, praia de Botafogo, 136.
Camillo de Andrade, r. Riachuelo, 254.
José de Paiva Magalhães Calvet, Dr., r. Voluntarios da Patria, 84.
Ignacio Pimentel, praia de Botafogo, 238.

CONSELHO FISCAL

João Manoel Pereira da Silva, Cons., r. Conselheiro Bento Lisboa, 85.
João Capistrano Bandeira de Mello, Cons., r. Haddock Lobo, 181.
Barão de Quartin, r. Benedictinos, 16 e Rezende.
Francisco Ramos Paz, Commendador.
Visconde S. Luiz do Maranhão, Larangeiras.
José Marques de Carvalho, Cons., Cattete.

EDIFICIO PROPRIO

9, RUA DA ALFANDEGA, 9

Esquina da da Candelaria

ARMSTRONG, PAULINO & C.

TELEPHONE 355, Endereço telegraphico—ARAMPO-RIO

RUAS DE S. PEDRO, 84, THEOPHILO OTTONI, 73,
SAUDE, 107

DEPOSITO DE MACHINAS PARA A LAVOURA E INDUSTRIA

E

Fornecedores de estradas de ferro e artigos para mineração

Machinas de vapor e caldeiras, rodas d'agua, engenhos de moer canna, ditos de serrar madeira, bombas, pulsometros, moinhos de fubá, encanamentos para agua, gaz e vapor. Ferro galvanisado e fundido e fabricantes de canos de chumbo de agua e gaz, machinas para mandioca e fumo, transmissões, polias, mancaes, luvas e todas as miudezas que pertencem a este ramo de negocio.

ENGENHO CENTRAL

Para descascar e beneficiar café

Têm sempre grande sortimento de correias de couro, algodão e borracha.

ENCARREGAM-SE DA CONSTRUCÇÃO E MONTAGEM DE QUALQUER MACHINISMO

LAEMMERT & C.—Editores

LIVROS NOVOS

Estudos Brazileiros

2ª serie 1889-93, por José Verissimo, 1 vol. 8º gr..... .. .. **5$000**

Concepção monistica do universo

Introducção ao cosmos do direito e da moral por Fausto A. Cardoso, 1 vol. 8º gr. broch. **8$000** enc..... **10$000**

Lourdes

Por Emilio Zola. Versão portugueza do Dr. M. Menelio Pinto, 2. vols. 16º br. **6$000**

O Chromo

(Estudo de temperamentos) Notavel romance de Horacio de Carvalho, 1 grosso volume de 485 pags..... **4$000**

Botanica

De J. D. Hooker. Versão portugueza do professor Raul de Villa Lobos, 1 volume com muitas gravuras..... **2$000**

Nova grammatica allemã

Por Manoel Said Ali, professor do Gymnasio Nacional e Escola militar, 1 vol. enc..... **3$000**

RIO DE JANEIRO—S. PAULO

DROGARIA QUIRINO

DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS, VAZILHAME PARA MONTAGEM DE PHARMACIA, ETC., ETC.

QUIRINO R. DIAS

99, Rua de S. Pedro, 99

RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C., EDITORES

Ultimas publicações:

O Microbio da Malaria, pelo Dr. Fajardo, Contém um estudo microscopico sobre o hematozoario do paludismo no Brazil e sobre a phagocytose ..... 2$000

Microbio Pathogenico da febre amarella, trabalho lido perante a Academia Nacional de Medicina e apresentado ao Congresso Medico Pan Americano de Washington, pelo Dr. João Baptista de Lacerda. 1 vol. nitidamente impresso, enriquecido de diversas gravuras coloridas, brochado ..... 4$000

Multicôres por Heitor Guimarães, 1 volume ricamente impresso e brochado ..... 3$000

Procurações de proprio punho. Notas e observações juridicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito 1 vol ..... 1$000

Regimentos de custas judiciaes, approvado por decreto de 2 de Setembro de 1871, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até ao presente. Nova edição correcta, 1 vol. de 250 paginas, brochado 3$, enc ..... 4$000

Regimento dos Inspectores de quarteirão, ou collecção dos actos e attribuições que competem a esses funccionarios, por J. M. P. de Vasconcellos. Quinta edição revista, melhorada e addicionada por um magistrado, 1 vol. enc. com folhas em branco no fim ..... 2$000

Regulamento para a cobrança do Imposto Sello, decreto n. 1261 de 11 de Fevereiro de 1893, annotado por um advogado, 1 volume brochado ..... 1$000

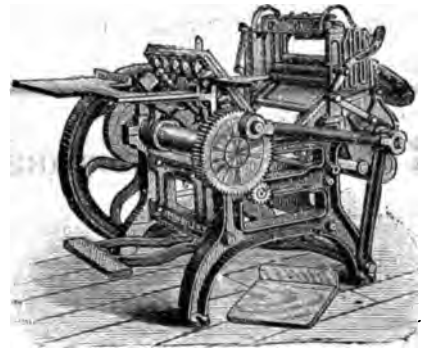
Roteiro dos officiaes de Justiça, ou manual das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os autos judiciaes, pelo Dr. Alencastro Autran 1 vol cartonado ..... 2$000

Sociedades anonymas.—Repertorio completo, contendo o decreto n. 13 de 4 de Julho de 1891, annotado e recapitulado em ordem alphabetica pelo advogado bacharel João de Sá Albuquerque, 1 vol. broch. 4$, enc. 5$000

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (Idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER — (Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companha Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição, duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral da nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

COLLABORADORES

Acaiuã Ribeiro — Affonso Arinos — Affonso Celso — Alberto de Oliveira — Alcindo Guanabara — Alfredo Alexander — Alonso Adjuto — Araripe Junior — Arthur Azevedo — Aureliano Portugal — Barão do Rio Branco — Barão de Alencar — Barão Homem de Mello — Barbosa Rodrigues — Borges Carneiro — Capistrano de Abreu — Carlos de Carvalho — Carlos França — Carlos de Laet — Carlos Parlagreco — Carlos Seidl — Castro Rebello Junior — Coelho Netto — Constancio Alves — Domicio da Gama — Delgado de Carvalho — Ed. Chapot Prevost — Emilio Goeldi — Erico Coelho — Eugenio Gabaglia — Fausto Barreto — Fausto Cardoso — Francisco de Castro — F. Fajardo — Fortunato Duarte — Getulio das Neves — Graça Aranha — Herculano de Freitas — Henrique de Sá — Hilario Peixoto — Joakim Catunda — Joaquim Caminhoá — Joaquim Nabuco — J. Caldas Vianna — José Hygino — Julio de Moura — Leonidas de Sá — Leopoldo Miguez — Lucio de Azevedo — Lucio de Mendonça — Luiz de Albuquerque — Luiz Detzi — Macedo Soares — Machado de Assis — Magalhães de Azeredo — Manoel Victorino — Marcio Nery — Medeiros e Albuquerque — Olavo Bilac — Orville Derby — Paula Lopes — Paulo de Frontin — Pedro Tavares — Ramiz Galvão — Raymundo Corrêa — Rodrigues Peixoto — Rodrigo Octavio — Rodrigues Barbosa — R. von Ihering — Said Ali-Ida — Sylvio Roméro — Souza Bandeira — Teixeira Brandão — Teixeira de Mello — Teixeira de Souza — Thomaz Delfino — Thomaz Cavalcanti — Torquato Tapajoz — Ubaldino do Amaral — Urbano Duarte — Vicente de Souza — Virgilio Damazio — Virgilio Varzea — Visconde de Taunay — Viveiros de Castro, etc., etc.

AVISO

Pedimos ás pessoas que nos fizeram a fineza de aceitar listas de assignantes o favor de as devolverem ao Sr. Paulo Tavares, gerente da *Revista Brazileira*, rua do Ouvidor 66, Rio de Janeiro.

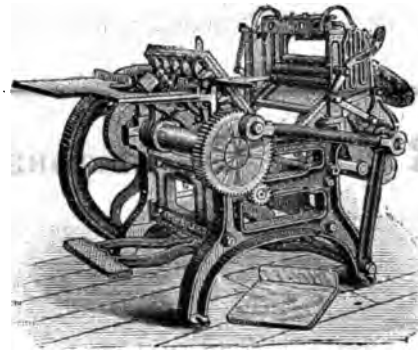
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

J. C.

COMP. TYPOGRAPHICA DO BRAZIL

93, RUA DOS INVALIDOS, 93

Grande Deposito de Machinas,



UTENSILIOS

E TODOS OS MATERIAES

PARA

Typographia,
Lithographia,
Encadernação
e Stereotypia

DAS MAIS AFAMADAS FABRICAS DA EUROPA E DOS ESTADOS-UNIDOS

Exposição Permanente

E

MUSEU TYPOGRAPHICO

FRANQUEADO AO PUBLICO

NA

RUA DOS INVALIDOS, 93

Unicos Agentes e Representantes das Casas de primeira ordem:

KARL KRAUSE—Leipzig (Machinas de encadernação).
CASA ALAUZET—Paris (Machinas de impressão).
THE LIBERTY MACHINE-WORKS—New-York (idem).
BERGER & WIRTH—Leipzig (Tintas typ. e lithographicas).
GEBRÜDER BREHMER—(Inventores das machinas de coser a arame).
CH. DOUBLET—Paris (Fundição de typos).
Etc., etc.

As assignaturas pagam-se na casa editora, ***rua do Ouvidor 66,*** *na* ***Companhia Typographica do Brazil, rua dos Invalidos 93,*** *e nas agencias indicadas abaixo. Do interior podem as importancias ser remettidas em vales postaes ao Sr. Paulo Tavares, gerente da* ***Revista Brazileira***

66 Rua do Ouvidor 66

RIO DE JANEIRO

AGENTES DA REVISTA

Manáos: (Amazonas), F. de Queiroz & C., Silva Gomes & C.—**Pará:** Tavares Cardoso & C., M. F. da Silva & C.—**Maranhão:** A. P. Ramos d'Almeida & C.—**Ceará:** Joaquim José de Oliveira & C.—**Pernambuco:** Hugo & C., Ramiro M. Costa & C. F. P. Boulitreau—**Maceió:** Adolpho Guimarães—**Bahia:** Catilina & C., Fernando C. Koch—**S. Paulo:** Laemmert & C.—**Sta. Catharina:** João Firmo, C. Pires da Cunha—**Curytiba:** (Paraná) Companha Impressora—**Rio Grande:** Carlos Pinto & C.—**Pelotas:** Carlos Pinto & C., Echenique Irmãos—**Porto Alegre:** Pinto & C., Gundlach & C.—**Cuyabá:** (Mato-Grosso) Avelino de Siqueira—**Ouro Preto:** Fabricio de Andrade.—**Juiz de Fóra:** Annibal & C., Sebastião José Duarte & C.

Revista Brazileira

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DEDICADA AOS INTERESSES DA CIVILISAÇÃO NACIONAL

Sairá por fasciculos de, no minimo, 64 pags. in-oitavo a 1 e 15 de cada mez

Procurando continuar uma gloriosa tradição, duas vezes infelizmente interrompida, a *Revista Brazileira* pretende servir, com dedicação e sinceridade, a causa da cultura nacional. Abre-se a todas as opiniões sinceras e honestas. Não exige de seus collaboradores sinão probidade literaria, que envolve a competencia, e respeito das alheias opiniões. Busca ser um laço de união e um estimulo de trabalho para todos os estudiosos brazileiros, não só desta Capital como dos Estados e a todos convida a collaborar com ella nesta boa tarefa de alto patriotismo.

Encyclopedica, a nova *Revista Brazileira*, se occupará, entretanto, de preferencia de quanto directa ou indirectamente ao Brazil e á sua cultura interessar: **Sciencias, letras, artes, historia, philosophia, economia politica, sciencias sociaes, viagens, etc.** A bibliographia nacional e tudo o que respeita ao nosso movimento espiritual, merecer-lhe-á toda a attenção e será objecto de secções especiaes, permanentes ou periodicas.

Os livros brazileiros, conforme a sua importancia e valor, serão sempre apreciados na *Revista* em artigos ou simples noticias criticas feitas por aquelles de seus collaboradores especialmente competentes. Além disso, uma bibliographia cuidadosamente organisada dará conta de todas as publicações brazileiras, livros ou revistas, que lhe fôrem enviados.

Chronicas scientificas, artisticas e industriaes procurarão pôr o nosso publico ao corrente do que entre nós se faz nesses diversos ramos de actividade social e uma resenha dos principaes artigos das revistas e jornaes nacionaes e estrangeiros, directamente interessantes para o Brazil, completará essa obra de informação geral da nossa patria.

Votada a uma causa tão alevantada e sympathica, como a da cultura nacional, e contando desde já com a **collaboração dos scientistas e homens de letras mais notaveis e conhecidos do paiz**, a *Revista Brazileira* solicita e espera o apoio de quantos por essa causa se interessam.

COLLABORADORES

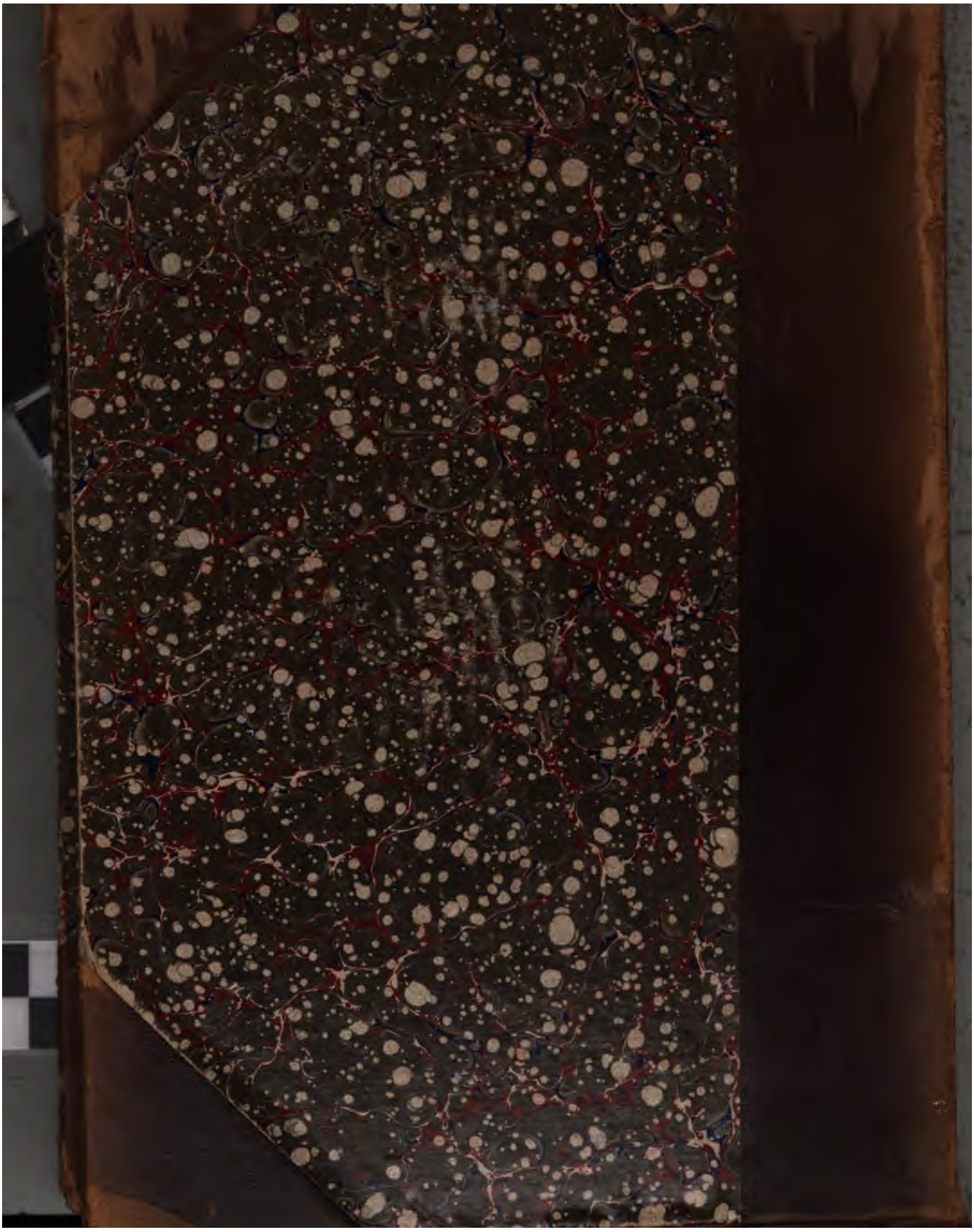
Acauã Ribeiro — **Affonso Arinos** — **Affonso Celso** — **Alberto de Oliveira** — Alcindo Guanabara — **Alfredo Alexander** — **Alonso Adjuto** — **Araripe Junior** — **Arthur Azevedo** — Aureliano Portugal — **Barão do Rio Branco** — **Barão de Alencar** — **Barão Homem de Mello** — Barbosa Rodrigues — Borges Carneiro — Capistrano de Abreu — Carlos de Carvalho — Carlos França — Carlos de Laet — Carlos Parlagreco — Carlos Seidl — Castro Rebello Junior — Coelho Netto — Constancio Alves — Domicio da Gama — Delgado de Carvalho — Ed. Chapot Prevost — Emilio Goeldi — Erico Coelho — Eugenio Gabaglia — Fausto Barreto — Fausto Cardoso — Francisco de Castro — F. Fajardo — Fortunato Duarte — Getulio das Neves — Graça Aranha — Herculano de Freitas — Henrique de Sá — Hilario Peixoto — Joakim Catunda — Joaquim Caminhoá — Joaquim Nabuco — J. Caldas Vianna — José Hygino — Julio de Moura — Leonidas de Sá — Leopoldo Miguez — Lucio de Azevedo — Lucio de Mendonça — Luiz de Albuquerque — Luiz Detzi — Macedo Soares — Machado de Assis — Magalhães de Azeredo — Manoel Victorino — Marcio Nery — Medeiros e Albuquerque — Olavo Bilac — Orville Derby — Paula Lopes — Paulo de Frontin — Pedro Tavares — Ramiz Galvão — Raymundo Corrêa — Rodrigues Peixoto — Rodrigo Octavio — Rodrigues Barbosa — R. von Ihering — Said Ali-Ida — Sylvio Roméro — Souza Bandeira — Teixeira Brandão — Teixeira de Mello — Teixeira de Souza — Thomaz Delfino — Thomaz Cavalcanti — Torquato Tapajoz — Ubaldino do Amaral — Urbano Duarte — Vicente de Souza — Virgilio Damazio — Virgilio Varzea — Visconde de Taunay — Viveiros de Castro, etc., etc.

AVISO

Pedimos ás pessoas que nos fizeram a fineza de aceitar listas de assignantes o favor de as devolverem ao Sr. Paulo Tavares, gerente da *Revista Brazileira*, rua do Ouvidor 66, Rio de Janeiro.

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL, RIO DE JANEIRO

26.

Stanford University Libraries
3 6105 124 439 600

325032